

SARAH J. MAAS

#1 do *New York Times*



CORTE DE CHAMAS PRATEADAS

VOL. 1

— Tudo o que lhe fora roubado,
ela tomara de volta. —





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



SARAH J. MAAS

#1 do *New York Times*



CORTE de CHAMAS PRATEADAS

VOL. 4

Tudo o que lhe fora roubado,
ela tomara de volta.



SARAH J. MAAS

#1 do *New York Times*



CORTE DE CHAMAS PRATEADAS

VOL. 1

Tudo o que lhe fora roubado,
ela tomara de volta.



A COURT
OF
SILVER
FLAMES

Para cada Nestha lá fora -

escalar a montanha

E para Josh, Taran e Annie,

quem é a razão de eu continuar escalando por conta própria



LIVROS DE SARAH J. MAAS

SÉRIE TRIBUNAL DE ESPINHOS E ROSAS

Corte de Espinhos e Rosas

Corte de Névoa e Fúria

Corte de Asas e Ruína

Uma corte de geada e luz das estrelas

Corte de Chamas Prateadas

Livro para colorir Corte de espinhos e rosas

A SÉRIE DA CIDADE CRESCENTE

Casa da Terra e do Sangue

O TRONO DA SÉRIE DE VIDRO

Lâmina do Assassino

Trono de vidro

Coroa da meia-noite

Herdeiro do fogo

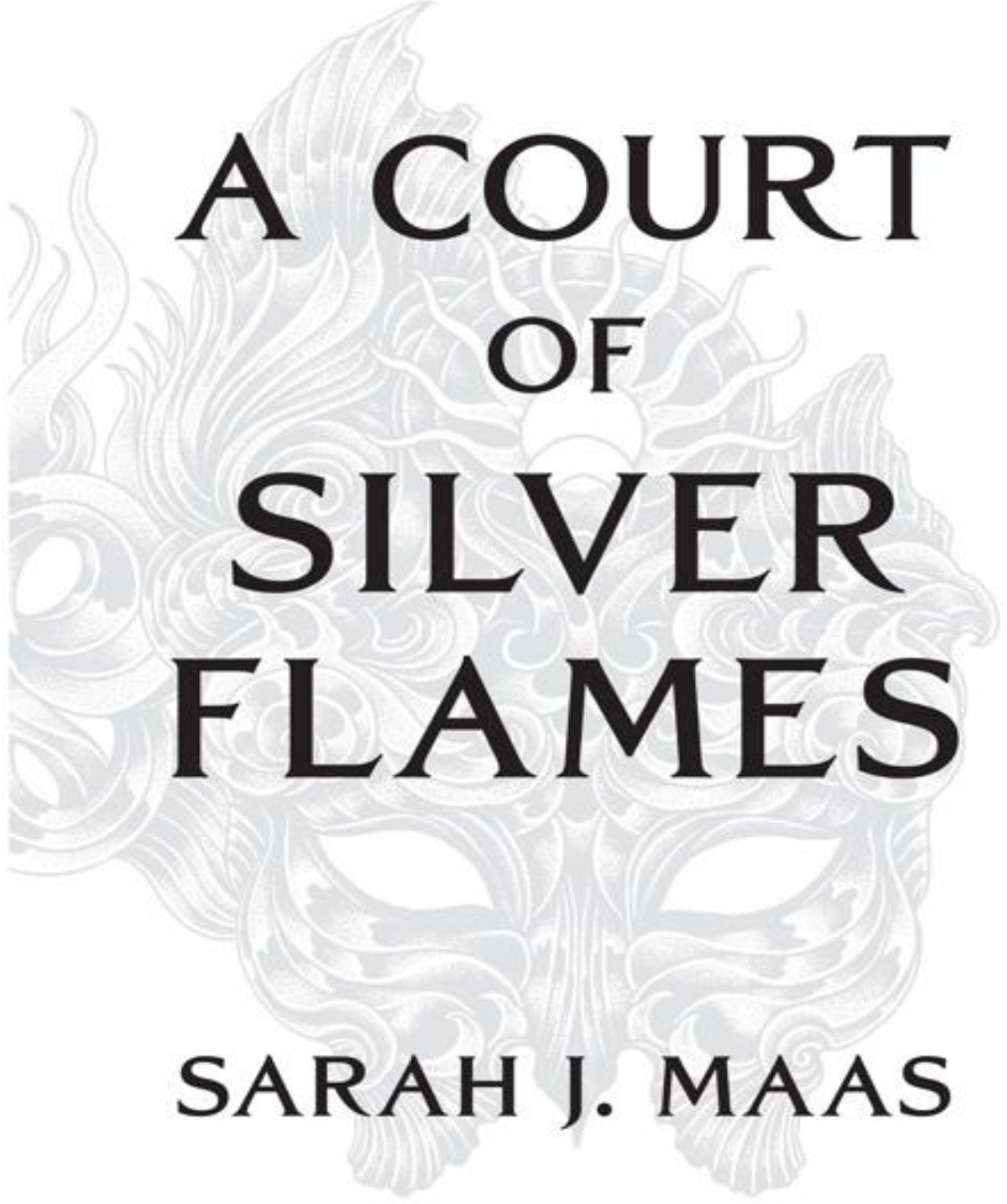
Rainha das Sombras

Império das Tempestades

Torre da Aurora

Reino das cinzas

Livro para colorir o trono de vidro



**A COURT
OF
SILVER
FLAMES**

SARAH J. MAAS

BLOOMSBURY PUBLISHING
LONDON • OXFORD • NEW YORK • NEW DELHI • SYDNEY

CONTEÚDO

[Parte Um: Novata](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Parte Dois: Blade](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Capítulo Quarenta e Oito](#)

[Capítulo Quarenta e Nove](#)

[Capítulo Cinquenta](#)

[Parte Três: Valquíria](#)

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Capítulo Cinquenta e Quatro](#)

[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)

[Capítulo Cinquenta e Seis](#)

[Capítulo Cinquenta e Sete](#)

[Capítulo Cinquenta e Oito](#)

[Capítulo Cinquenta e Nove](#)

[Capítulo Sessenta](#)

[Capítulo Sessenta e Um](#)

[Capítulo Sessenta e Dois](#)

[Capítulo Sessenta e Três](#)

[Parte Quatro: Ataraxia](#)

[Capítulo Sessenta e Quatro](#)

[Capítulo Sessenta e Cinco](#)

[Capítulo Sessenta e Seis](#)

[Capítulo Sessenta e Sete](#)

[Capítulo Sessenta e Oito](#)

[Capítulo Sessenta e Nove](#)

[Capítulo Setenta](#)

[Capítulo Setenta e Um](#)

[Capítulo Setenta e Dois](#)

[Capítulo Setenta e Três](#)

[Capítulo Setenta e Quatro](#)

[Capítulo Setenta e Cinco](#)

[Capítulo Setenta e Seis](#)

[Capítulo Setenta e Sete](#)

[Capítulo Setenta e Oito](#)

[Capítulo Setenta e Nove](#)

Capítulo Oitenta

Agradecimentos

SINÓPSE

Nestha Archeron não é o que se chamaria de uma pessoa fácil: orgulhosa de quem se tornou, tem um temperamento implacável, pouca paciência.

E desde que ela foi forçada a entrar no Caldeirão, tornando-se feérica contra sua vontade, tentou de tudo para se afastar de sua irmã e da Corte Noturna para encontrar um lugar para si em um mundo até então desconhecido, em que é obrigada a viver.

O pior é que ela não parece não ter superado o horror da guerra com Hybern, ela certamente não se esqueceu de tudo o que perdeu por sua causa. Para tornar sua situação ainda mais complicada, Cassian parece ter uma predisposição natural para fazê-la perder o controle.

Toda oportunidade é boa para provocá-la, ao mesmo tempo, deixando mais evidente a natureza do laço ardente entre os dois, que apesar de não ser bem-vinda, unindo-os. Enquanto isso, as quatro rainhas traiçoeiras, as quais durante a última guerra se refugiaram no continente, fizeram uma nova e perigosa aliança, que será uma grave ameaça à paz estabelecida entre os reinos.

E a chave para evitar essa ameaça pode estar na capacidade de Cassian e Nestha em confrontar seus passados de uma vez por todas. Em um mundo marcado pela guerra e atormentado pela incerteza, os dois feéricos tentaram se reconciliar com seu passado, tentando enfrentar os seus próprios monstros pessoais, e com a certeza de encontrar, um no outro, alguém que os aceite como são e que possa ajudá-los a aliviar seus sofrimentos e ajudá-los a curar todas as feridas.

PRÓLOGO

A água negra que batia em seus calcanhares era fria. Não foi o aperto do frio do inverno ou a ferroada causada pelo gelo sólido, porém, algo mais forte.

Mais profundo. Era o frio do vazio entre as estrelas, o frio de um mundo antes da luz. O frio do inferno, do verdadeiro inferno, ela entendeu enquanto tentava se opor às fortes mãos tentando empurrá-la para o Caldeirão. O verdadeiro inferno, porque foi Elain quem estava deitada no chão de pedra com um macho feérico ruivo e de um olho só, pairando sobre ela.

E porque eram orelhas pontudas aquelas que apareciam pela massa encharcada de cabelo castanho-dourado de sua irmã e um esplendor imortal irradiava pela pele clara de Elain. O verdadeiro inferno, pior do que a mais profunda escuridão, abria-se a alguns centímetros de seus pés. — Empurrem-na para baixo.

— Ordenou o Rei feérico de semblante gélido. E o som daquela voz, a voz do homem o qual tinha feito tudo isso à Elain... Ela sabia que entraria no Caldeirão.

Ela sabia que perderia aquela batalha. Ela sabia que ninguém viria para salvá-la: nem Feyre que estava em prantos, nem o seu ex-amante traumatizado, nem seu atual parceiro, completamente devastado.

Nem Cassian, quebrado e sangrando no chão.

O guerreiro ainda estava tentando se levantar com os braços trêmulos.

Para alcançá-la. Foi o rei de Hybern quem fez tudo isso.

Para Elain.

Para Cassian.

E para ela. A água congelada mordeu a sola de seus pés.

Foi um beijo envenenado, uma morte tão definitiva que fez seu corpo rugir em uma tentativa de resisti-la.

Ela entraria no Caldeirão, mas não sem lutar.

A água apertou seus tornozelos como mãos fantasmas, puxando-a para baixo.

Ela se desvencilhou, libertando-se do braço do guarda que a mantinha parada. E

Nestha Archeron apontou.

Um dedo...

para o rei de Hybern.

Uma promessa de morte.

Um alvo do qual não iria se esquecer. Mãos a empurraram entre as garras ansiosas daquele líquido.

Nestha riu do medo que cintilou nos olhos do rei pouco antes da água devorá-la inteiramente. No início e no final havia escuridão e nada mais. Ela não sentiu o frio enquanto afundava naquele mar de escuridão sem fundo, sem horizonte ou superfície.

Em vez disso, ela sentiu uma queimação. A imortalidade não era uma juventude serena. Era ouro puro em suas veias, o qual queimou seu sangue humano até que permaneceu apenas vapor e forjou seus ossos quebradiços até que se tornaram aço. E quando abriu a boca para gritar, quando a dor a partiu em dois, ela não estava lá, não havia som.

Não havia nada naquele lugar além de escuridão e agonia e poder... Eles pagariam por isso.

Todos.

Começando com aquele Caldeirão. Começando imediatamente. Ela se virou na escuridão com suas unhas e dentes.

E o rasgou.

Dividiu-o.

E o reduziu em pedaços.

E a escura eternidade que a rodeava estremeceu. Resistiu.

Debateu-se. Ela riu quando a viu se afastar.

Riu daquele pouco de poder que ela havia rasgado e engolido inteiramente; riu do punhado de eternidade que empurrou para o coração e para as veias. O

Caldeirão se mexeu como um pássaro sob as garras de um gato. Recusava-se a ceder.

Tudo que ele lhe roubou, e de Elain, ela iria recuperar. Envolvidos naquela eternidade negra, Nestha e o Caldeirão se entrelaçaram, brilhando na escuridão como uma estrela recém-nascida.

PARTE UM

NOVATA

CAPÍTULO

1

Cassian ergueu o punho em direção à porta verde na fraca luz do corredor, esperando.

Havia matado mais inimigos do que poderia se recordar, havia lutado em inúmeros campos de batalha com sangue até os joelhos sem nunca parar de avançar, havia feito escolhas que custaram a vida de muitos bons guerreiros, fora um general, um simples soldado, um assassino e, ainda assim... ali estava ele abaixando o punho.

Hesitando. O edifício ao lado direito do rio Sidra precisava ser repintado.

E de novos pisos, pelo tanto que estavam rangendo sob suas botas enquanto ele subia os dois lances de escadas.

Apesar de tudo, o lugar estava limpo.

Era repugnante para os padrões de Velaris, mas considerando que a cidade não tinha favelas, não significava muita coisa.

Tinha visto e morado em lugares piores. Nunca havia entendido por que Nestha insistia em morar ali.

Presumia o motivo pelo qual Nestha não queria morar na Casa de Vento, era muito longe, e ela não podia voar nem atravessar.

O que significava subir e descer todas as vezes dez mil degraus.

Mas por que viver naquele lugar decadente se a casa da cidade estava livre?

Desde a finalização da construção da grande mansão de Feyre e Rhys ao lado do rio, a casa da cidade estava liberada para qualquer amigo que quisesse ou precisasse.

E, de fato, ele sabia que Feyre tinha oferecido um quarto para Nestha e ela havia recusado. Ele franziu a testa para a pintura descascada na porta.

Nenhum som saía pela fenda claramente perceptível que separava a porta do piso e que era tão grande que até o mais gordo dos ratos poderia passar sem problemas; tampouco exalava qualquer perfume fresco pelo corredor estreito. Se tivesse sorte, talvez ela estivesse fora, talvez estivesse dormindo embaixo de algum balcão do bar da noite passada.

Mas se bem que neste caso seria pior, pois ele seria obrigado a ir até lá buscá-la.

Cassian ergueu novamente o punho, o carmim do seu sifão refletindo nas antigas luzes que estavam fixadas no teto. — Covarde.

Tenha bolas. Cassian bateu uma vez.

Duas. Silêncio. Cassian quase deu um suspiro de alívio.

Graças à Mãe. Passos rápidos e decididos soaram pela porta.

Um mais furioso que o anterior. Ele abaixou as asas, endireitou a coluna, e separou os pés.

A tradicional postura de batalha aperfeiçoada por séculos de treinamento, já memorizada pelos seus músculos.

Ele não queria pensar no motivo pelo qual o seu corpo o levava a se comportar assim. O modo seco em que ela destrancou as quatro fechaduras poderia muito bem ser um tambor de guerra. Cassian revisou a lista mental do que deveria dizer, e o modo em que Feyre havia sugerido dizê-la. A porta se abriu, a maçaneta girando com fúria extrema, como se fosse o seu pescoço estivesse nas mãos, pensou Cassian. Nestha Archeron estava visivelmente furiosa, mas pelo menos estava ali. Ela não parecia muito bem. — O que você quer? — Ela

perguntou, abrindo somente uma fresta da porta. Quando foi a última vez que ele a tinha visto? Fora no final da festa de verão, naquele barco em Sidra, no mês anterior? Ela não parecia tão mal. Contudo, certamente passar uma noite se afogando em vinho e em licor nunca deixou ninguém com boa aparência no dia seguinte.

Especialmente para... — São 7 horas da manhã.

— disse, examinando-o com aqueles olhos azuis acinzentados, que sempre o faziam amolecer. Estava usando uma camisa de um macho.

Pior, estava só com a camisa do macho. Cassian se apoiou contra o batente da porta e lhe lançou um sorriso que sabia que a enfureceria.

— Noite movimentada? Ano movimentado, para ser sincero.

O seu lindo rosto estava muito mais magro e pálido do que antes da guerra contra Hybern, lábios sem sangue e os olhos...

frios e penetrantes, como uma manhã no inverno nas montanhas. Sem alegria, sem riso nesse lugar.

E muito menos nela. A fêmea começou a fechar a porta com a mão. Cassian enfiou a bota na fenda antes que ela quebrasse seus dedos.

Uma onda de decepção surgiu nos olhos de Nestha. — Feyre quer você em casa.

— Em qual? — ela perguntou, olhando para o pé de Cassian entre a porta —

Eles têm cinco. Ele evitou responder a ela.

Aquilo não era um campo de batalha e eles não eram inimigos.

Seu trabalho era escoltá-la até o local designado.

E então torcer para que a graciosa casa para onde Feyre e Rhys acabaram de se mudar não fosse reduzida a escombros. — A nova. — E por que minha irmã não veio me buscar pessoalmente? — Cassian percebeu imediatamente o brilho de suspeita em seu olhar, o ligeiro endireitamento de suas costas.

O instinto lhe disse para aceitar o desafio, empurrar e ver para onde eles iriam.

Desde o solstício de inverno, eles trocaram apenas algumas palavras.

A maioria deles na festa no barco, um mês antes.

Que foram: — Saia. — Oi, Nes. — Saia. — Com prazer. Depois de meses, nos quais ele mal a tinha visto, eles não haviam dito mais nada.

Ele não conseguia nem descobrir por que ela tinha aparecido na festa do barco, sabendo que ela ficaria presa no meio da água com eles por horas.

Provavelmente sua rara aparição foi devido a Amren e o pouco de influência que a mulher ainda exercia sobre ela. No entanto, ao final da noite, Nestha estava na primeira fila para descer do veículo, seus braços apertados contra o peito, enquanto Amren, na outra extremidade da embarcação, refletia sobre o ocorrido em um evidente estado de raiva e nojo. Ninguém perguntou o que havia acontecido entre elas, nem mesmo Feyre. O barco atracou e Nestha se foi; desde então ninguém mais havia falado com ela.

Até aquele momento.

Até aquela conversa que deveria ser a mais longa desde os dias das batalhas contra Hybern. — Feyre é Grã-Senhora.

Ela está muito ocupada governando a Corte Noturna. Nestha inclinou a cabeça e seu cabelo castanho dourado caiu sobre seu ombro ossudo.

Se fosse outra pessoa, esse movimento teria uma aparência contemplativa.

Mas nela teve o efeito de aviso de um predador examinando sua presa. — E

minha irmã.

— acrescentou ela com aquela voz monótona da qual se recusava a demonstrar qualquer tipo de emoção.

— Julga necessária minha presença imediata? — Ela sabia que você precisaria se limpar e queria lhe dar um pouco de tempo para isso.

Você é esperada por volta das nove. Ele esperava que ela explodisse depois de fazer as contas.

Seus olhos ficaram em chamas. — Eu pareço alguém que precisa de duas horas para ficar apresentável? Cassian aceitou o convite para observá-la: longas pernas nuas, quadris curvos, a cintura delgada — realmente muito fina — os seios fartos e convidativos

que faziam um estranho contraste com o novo formato de seu corpo. Em qualquer outra mulher, aqueles seios magníficos o teriam impulsionado a cortejá-la instantaneamente.

Porém, desde que ele conheceu Nestha, o fogo gélido de seus olhos representava uma tentação de um tipo muito diferente. E agora que era uma Grã-Feérica, com toda a sua tendência inata para territorialidade e agressividade — e suas atitudes deploráveis — Cassian a evitou o máximo possível.

Principalmente com o que aconteceu durante e depois da guerra contra Hybern.

Ela tinha sido muito clara sobre seus sentimentos em relação a ele. — Parece-me que um pouco de comida, um bom banho e roupas de verdade poderiam te fazer bem.

— ele respondeu finalmente. Nestha revirou os olhos, mas seu dedo tocou a bainha de sua camisa. — Coloque esse babaca para fora e tome um banho, vou pegar um pouco de chá para você.

— acrescentou Cassian. Ela franziu as sobrancelhas imperceptivelmente.

Cassian lhe deu um sorriso irônico. — Você acha que não consigo ouvi-lo tentando se vestir silenciosamente e sair pela janela? Como se em resposta, um baque abafado veio da sala.

Nestha praguejou. — Estarei de volta em uma hora para ver como está.

— Cassian usou um tom em suas palavras que os soldados nunca ousariam responder... havia um motivo pelo qual eram necessários sete Sifões para manter sua magia sob controle.

Mas Nestha não voava em suas legiões, não lutou sob seu comando e, certamente, não parecia se lembrar de que ele era quinhentos anos mais velho que ela... — Não se preocupe.

Estarei lá na hora certa. Ele se afastou do batente e deu alguns passos para trás

no corredor, abrindo suas asas — Não foi isso que me pediram.

Eu tenho que te acompanhar de porta em porta. Nestha enrijeceu. — Vá se empoleirar em uma lareira. Cassian fez uma reverência sem tirar os olhos dela.

Ela tinha ressurgido do Caldeirão com... dons.

Dons consideráveis, dons sombrios.

Embora ele não os tivesse visto ou sentido desde a batalha com Hybern, quando Amren danificou o Caldeirão e Feyre e Rhys o tinham concertado.

Elain também não havia mais mostrado suas habilidades de vidência. Contudo, se o poder de Nestha ainda fosse forte o suficiente para arrasar campos de batalha inteiros até o chão...

Cassian foi inteligente o suficiente para não se mostrar vulnerável a outro predador.

— Você quer leite ou limão no seu chá? Ela bateu à porta na cara dele.

E fechou uma a uma das quatro travas de fechadura duplas. Assobiando e se perguntando se o coitado do apartamento estaria realmente fugindo pela janela

— principalmente para escapar dela — Cassian caminhou pelo corredor escuro para conseguir algo para comer. Ela precisaria de muito sustento naquele dia.

Ainda mais depois que Nestha descobrisse o porquê de Feyre o tinha enviado para buscá-la. Nestha Archeron não sabia o nome do macho em seu apartamento.

Ela tentou vasculhar em sua memória ainda embriagada pelo vinho, enquanto caminhava de volta para o quarto, evitando pilhas de livros e de roupas, e conseguiu lembrar de olhares inflamados na taverna, o encontro quente e úmido de suas bocas, suor escorrendo de sua pele enquanto ela o fodia até que o prazer e o álcool a fizeram se esquecer de tudo; e o nome não fora uma exceção.

Quando Nestha chegou ao quarto escuro e estreito, o homem já havia escalado a janela e Cassian certamente estava lá embaixo apreciando o espetáculo daquela saída patética.

A sua cama estava uma bagunça, os lençóis meio caídos no chão de madeira rangendo e descolando e a janela aberta batendo contra a parede com as

dobradiças soltas.

O macho se virou para ela. Ele era bonito, com a beleza típica da maioria dos machos feéricos.

Um pouco magro demais para o seu gosto, um menino comparado com a enorme massa de músculos que estava a sua porta um momento antes.

Ele estremeceu quando a viu entrar e sua expressão foi de medo a envergonhado quando percebeu o que ela estava vestindo.

— Eu...

Isso é... Nestha tirou a camisa e ficou completamente nua.

Os olhos do macho se arregalaram, mas o cheiro de seu medo ainda era muito forte...

não medo dela, mas do feérico que ouviu na porta da frente.

Medo, porque ele acabara de se lembrar quem era a irmã de Nestha.

E quem eram os amigos da sua irmã. Como se isso pudesse ter alguma importância. Qual seria o cheiro de seu medo se ele descobrisse que ela o tinha usado, que ela dormiu com ele para se salvar? Para se manter distante aquela escuridão que borbulhava desde que ela emergiu do Caldeirão? Sexo, música, álcool, ela descobriu que eles a ajudavam no último ano.

Não de tudo, mas eles impediam o poder de assumir o controle.

No entanto, ela ainda conseguia senti-lo, sufocando o seu sangue, rastejando e agarrando seus ossos com força. Ela jogou a camisa branca para ele.

— Agora você pode usar a porta da frente. O homem passou a camisa pela cabeça. — Ele...

ele ainda está... — seu olhar se fixou em seus seios, exposto ao frio da manhã; sua pele nua; a culminação de suas coxas. — Até logo.

— Nestha entrou no banheiro da sua suíte, enferrujada e cheia de rachaduras.

Todavia, pelo menos tinha água quente. Às vezes. Feyre e Elain tentaram fazê-la se mudar.

Mas ela não se importou com seus conselhos.

Assim como ela não ligaria para o que seria dito a ela naquele dia. Ela sabia muito bem que Feyre estava planejando dar a ela um bom sermão. Talvez fosse pelo fato de que, ontem à noite, ela havia assinado sua conta ultrajante na taverna com o nome da irmã. Nestha fez uma careta e abriu a torneira do chuveiro.

O metal era gélido ao toque, o tubo rangeu, a água espirrou e caiu na banheira manchada e cheia de rachaduras. Esta era sua casa.

Nenhum servo, ninguém para controlá-la ou lhe dar olhares de julgamento para cada ação, nenhuma companhia, a menos que ela o convidasse.

Ou a menos que algum guerreiro ousado e intrometido considerasse seu dever visitá-la. Demorou cinco minutos para a água esquentar o suficiente para pensar em encher a banheira.

Houve dias no ano passado em que nem mesmo se preocupou em esperar.

Dias em que ela ficou imersa na água congelada sem sentir o frio, mas sim as profundezas escuras do Caldeirão que a devorou. Rasgando dela sua humanidade, sua mortalidade e a transformando nisso. Levou meses para conter o pânico que tomava conta de seu corpo e fazia os seus ossos tremerem com a ideia de estar submersa.

Ela foi forçada a encará-lo.

Tinha aprendido a se sentar na água congelada, tremendo com o corpo tomado pela náusea, seus dentes cerrados; contudo, ela se recusou a se mover até que seu corpo soubesse que ela estava em uma banheira e não no Caldeirão, até que soubesse que estava em seu apartamento e não no castelo de pedra além do mar, estava viva e imortal.

Mesmo que seu pai não estivesse. Não, seu pai se tornou cinzas ao vento, sua existência nada mais do que uma lápide em uma colina fora da cidade.

Pelo menos foi o que lhe fora dito pelas suas irmãs. — Eu te amei desde o primeiro momento em que te segurei em meus braços. — Ele lhe disse em seus últimos momentos juntos.

— Não se atreva a colocar suas mãos imundas na minha filha.

— Essas tinham sido as suas últimas palavras, direcionadas ao rei de Hybern.

Contra aquele merda de rei. Seu pai.

O homem que nunca lutou por suas filhas, exceto no fim.

Quando chegou para salvá-las, para salvar os humanos e os feéricos, claro, mas especialmente suas filhas.

Ela. Uma perda enorme e sem sentido. Dentro dela fluía uma força obscura e tenebrosa, todavia, não fora o suficiente.

Não para evitar que o rei de Hybern quebrasse o seu pescoço. Ela havia odiado o pai, odiado profundamente, e, ainda assim, ele, por alguma razão inexplicável, havia a amado.

Não o suficiente para salvar as filhas da fome e da miséria.

Mas o suficiente para levantar um exército no continente. E partir para a batalha em um navio ao qual ele deu seu nome. Nestha ainda odiava seu pai nos seus últimos minutos.

E depois, quando o rei quebrou o seu pescoço - mas seus olhos ao morrer não estavam cheios de medo, mas sim daquele amor insano por ela. Isso que seu olhar disse.

E o ressentimento no coração de Nestha enquanto o pai morria por ela foi tão responsável por devorá-la como o poder que carregava dentro de si, tomando sua cabeça até que nenhum banho gelado teve mais sucesso em afastá-lo. Ela poderia tê-lo salvado. Foi culpa do rei de Hybern.

Ela sabia.

Mas também dela.

Assim como foi sua culpa Elain ter sido capturada pelo Caldeirão, depois que Nestha percebeu a sua arte de ler o futuro; culpa dela que o rei de Hybern tivesse feito coisas terríveis para caçá-la como um cervo. Houve dias em que puro medo e pânico paralisaram o corpo de Nestha, que ela não conseguia respirar.

Nada poderia impedir que aquele poder tremendo ficasse cada vez mais forte dentro dela.

Nada além da música naquelas tabernas, os jogos de cartas com aqueles estranhos, as inúmeras garrafas de vinho e sexo, que a fizeram sentir nada além de lhe oferecer um momento de paz daquele rugido incessante dentro de si.

Nestha terminou de lavar o suor e outras memórias da noite anterior.

O sexo não tinha sido ruim, já havia tido melhores, mas definitivamente piores.

Até a imortalidade não era suficiente para alguns homens dominarem totalmente a arte do quarto. Então ela aprendeu sozinha o que gostava.

E depois pediu o tônico anticoncepcional, a ser tomado uma vez por mês, para o dono da mercearia local e levou o primeiro macho para casa.

Ele não sabia que seu hímen estava intacto até ver os lençóis manchados.

Seu rosto se contraiu de nojo e depois com medo de que ela reclamasse com a irmã sobre uma primeira vez insatisfatória.

Ou relatasse isso a seu insuportável parceiro.

Nestha não se preocupou em dizer a ele que ela fazia tudo para evitar ambos.

E especialmente ele.

Naquela época, do outro lado, Rhysand parecia feliz em fazer o mesmo. Depois da guerra com Hybern, Rhysand lhe ofereceu vários empregos. Posições em sua corte.

As quais ela recusou.

Eram ofertas compassivas, tentativas modestas de envolvê-la na vida de Feyre, de lhe dar um compromisso gratificante.

Contudo, o Grão-Senhor nunca gostou dela.

Suas conversas eram educadas, mas, na melhor das hipóteses, frias. Nestha nunca disse a ele que as razões pelas quais ela o odiava eram as mesmas que a levavam a viver ali.

A tomar banhos frios em alguns dias.

A esquecer de comer nos outros.

Ela não aguentava os estalos e crepitações da lareira.

E se afogava em vinho, música e prazer todas as noites.

Cada maldita coisa que Rhysand pensava sobre ela era verdade.

E ela sabia disso muito antes de ele aparecer pela primeira vez na sua velha casa.

Qualquer oferta que Rhysand fez a ela foi feita apenas por Feyre.

Melhor passar o tempo como ela mais gostava.

Eles continuariam bancando-a de qualquer maneira. A batida na porta fez todo o apartamento tremer. Ela olhou para a antessala, considerando a possibilidade de fingir que já havia partido, mas Cassian sem dúvidas a sentia, podia sentir seu cheiro.

E se ele quebrasse a porta, o que provavelmente faria, Nestha não teria ganhado nada além da dor de cabeça de explicar o que aconteceu ao seu avarento senhorio. Então ela colocou o vestido que havia jogado no chão na noite anterior e abriu as quatro fechaduras novamente.

Ela as instalara no dia em que chegara. Fechá-las todas as noites era quase um ritual.

Mesmo enquanto o homem estava lá e sua mente estava nublada com vinho, Nestha sempre lembrava de fechá-las. Como se isso bastasse para manter os monstros do mundo à distância. Nestha

abriu a porta apenas o suficiente para ver o sorriso atrevido de Cassian e a deixou entreaberta enquanto se afastava para pegar os sapatos. Cassian foi atrás dela com uma xícara de chá na mão, provavelmente emprestada da loja da esquina.

Ou talvez recebido de presente, dada a tendência das pessoas de beijarem o chão por onde caminhava com suas botas enlameadas.

Ele sempre foi adorado naquela cidade, muito antes do conflito com Hybern.

Seu heroísmo e sacrifício — feitos e realizados no campo de batalha —

ganharam ainda mais respeito após o fim da guerra. Nestha não julgava seus admiradores.

Ela experimentou o puro prazer e terror de vê-lo lutar nos campos de batalha.

Ela ainda acordava envolta em suor por aquelas memórias: como ela ficou sem fôlego enquanto ele lutava cercado por inimigos; e a sensação de quando o poder do Caldeirão se dissipou e ela soube que cairia exatamente onde o exército deles era mais forte, sobre ele. Nestha não foi capaz de fazer nada para salvar os mil Illyrianos que caíram depois que ela salvou Cassian.

Ela estava tentando apagar aquela memória. Cassian deu uma olhada ao redor do apartamento e soltou um assobio. — Você contratou alguém para limpar...

não? Nestha examinou a pequena sala de estar, um sofá carmesim meio quebrado, uma lareira de tijolos manchada de fuligem, uma poltrona floral comida pelas traças, uma velha cozinha com colunas penduradas de pratos sujos.

Onde ela havia jogado os sapatos na noite anterior? Ela continuou a buscá-los no quarto. — Um pouco de ar puro seria bom, para começar.

— acrescentou Cassian na outra sala.

A janela rangeu quando ele a abriu.

Nestha encontrou os sapatos em dois cantos opostos da sala.

Um cheirava a vinho. Ela se sentou na beira do colchão para colocá-los e começou a puxar os cadarços.

Ela não prestou atenção aos passos de Cassian se aproximando, que então parou na soleira. Ele respirou.

Alto. — Eu esperava que você pelo menos trocasse os lençóis entre um amante e outro, mas obviamente isso não a incomoda. Nestha amarrou os cadarços do primeiro sapato.

— Certamente não é da sua conta. Ele encolheu os ombros, embora pela expressão tensa em seu rosto fosse claro que não era indiferente a isso de forma alguma. — Se eu senti o cheiro de homens diferentes aqui, certamente aqueles que você convidar também sentem. — Não acredito que isso os tenha impedido até agora.

— respondeu Nestha, terminando de amarrar o outro sapato enquanto os olhos castanhos de Cassian seguiam cada movimento seu. — O seu chá vai esfriar.

— disse ele mostrando os dentes por um momento. Nestha não deu atenção a ele e vasculhou a sala novamente com os olhos.

O casaco... — Seu casaco está no chão do lado de fora da porta da frente.

— disse Cassian — Hoje está frio, então traga um xale. Nestha o ignorou novamente, no entanto, passou por ele tomando cuidado para não o tocar e recuperou seu casaco azul escuro exatamente onde ele havia dito a ela.

Ela abriu a porta e gesticulou para que ele saísse primeiro. Cassian sustentou seu olhar quando ela se aproximou, então estendeu a

mão... E agarrou do gancho na parede o xale azul celeste e creme que Elain lhe dera de aniversário naquela primavera.

Ele o apertou em seu punho, balançando-a como uma cobra estrangulada e passou por ela. Algo o estava devorando por dentro.

Ele geralmente era melhor em manter o controle.

Todavia, talvez tivesse algo a ver com o que Feyre queria falar na casa. O

estômago de Nestha se contraiu a cada fechadura que fechava. Ela não era estúpida.

Sabia que havia conflitos desde que a guerra acabou, tanto em suas terras quanto no continente.

Sabia que sem a barreira da Muralha, alguns territórios feéricos estavam pressionando para expandir suas fronteiras o máximo possível e sabia como eles tratavam os humanos. E que aquelas quatro rainhas ainda estavam escondidas em seu palácio compartilhado, seus exércitos intactos e sem terem entrado em batalha. Eram monstros, todas elas.

Mataram a rainha de cabelos dourados que as traiu e venderam outra, Vassa, para o Lorde Bruxo.

Não lhe admirava que a mais jovem das rainhas restantes tivesse sido transformada pelo Caldeirão em uma velha.

Transformado em uma feérica de vida longa, sim, mas envelhecido em uma casca enrugada como punição pelo poder que Nestha roubou do Caldeirão.

E pelo jeito que ela o quebrou quando ele transformou seu corpo mortal em algo novo. Aquela rainha enrugada a culpou.

Queria eliminá-la, teria se os capangas de Hybern tivessem dito a verdade antes de Bryaxis e Rhysand tivessem os matado por se

infiltrarem na biblioteca da Casa do Vento. Nos quatorze meses após o fim da guerra, eles não tiveram novas notícias da rainha.

Mas se surgissem novas ameaças... Nestha teve a impressão de que as quatro fechaduras riam dela enquanto ela caminhava atrás de Cassian para fora do jardim e para a cidade fervilhante na frente deles. A "casa" em frente ao rio era um verdadeiro palácio, aliás tão nova, bonita e limpa que Nestha se lembrou dos sapatos cobertos de vinho rançoso assim que passou pelo arco de mármore e entrou no átrio luminoso, decorado com bom gosto em tons de marfim e areia.

Uma escadaria imponente dividia aquele imenso espaço em dois, enquanto um lustre de vidro feito à mão — feito pelos artesãos de Velaris — pendia do teto esculpido.

As luzes de fada em cada globo em forma de ninho lançavam reflexos cintilantes nos pisos de madeira clara, interrompidos apenas por samambaias em vasos, móveis de madeira também feitos de Velaris e uma gama quase ultrajante de obras-primas.

No entanto, Nestha não prestou atenção.

Tapetes azuis macios cobriam o chão imaculado aqui e ali, um corredor comprido corria para o enorme átrio de cada lado e outro sob o arco da escada, direto para uma parede com janelas que dava para uma encosta gramada e o rio cintilante a seus pés. Cassian seguiu para a esquerda, em direção às salas de reunião formais, como Feyre explicara a Nestha em sua primeira e única visita, dois meses antes. Naquele dia ela estava meio bêbada e sentia ódio por cada segundo que passava naquela mansão, por cada cômodo perfeito. Muitos machos presenteavam suas esposas ou parceiras com joias preciosas no Solstício de Inverno. Rhys dera um palácio a Feyre. Ou melhor, ele comprou o terreno dizimado pela guerra e deu carta branca à parceira para construir a residência dos seus sonhos. E de alguma forma, Nestha se pegou pensando, enquanto seguia um Cassian incomumente calmo pelo corredor em direção a um escritório com a porta aberta, que Feyre e Rhys conseguiram tornar este lugar confortável e acolhedor.

Um edifício enorme, mas mesmo assim uma casa.

Até a mobília mais formal parecia desenhada para ser agradável e recepcionar uma refeição farta em boa companhia.

Cada peça foi escolhida pela própria Feyre, com muitas pinturas suas, retratos de todos ali, de seus amigos...

a nova família. Nenhum de Nestha, é claro. Até o maldito pai delas tinha um retrato pendurado na parede da grande escadaria: ele foi retratado com Elain, ao mesmo tempo feliz e sorridente, como antes de tudo ir pelo ralo.

Eles se sentavam em um banco de pedra entre arbustos de hortênsias rosas e azuis.

O jardim bem cuidado da primeira casa, a bela mansão à beira-mar.

Não havia nenhum vestígio de Nestha e sua mãe. E basicamente tinha sido assim: seu pai adorava Feyre e Elain; a mãe educou e valorizou Nestha. Já durante a primeira visita, Nestha notou imediatamente que ela não estava presente em nenhum retrato.

Nem a mãe.

Obviamente ela não disse nada, contudo, aquilo a machucou. E agora foi o suficiente para fazê-la cerrar os dentes, agarrar e puxar com força a correia invisível interna que mantinha o poder horrível dentro de si sob controle, quando Cassian entrou no escritório e se dirigiu a quem os esperava.

— Ela chegou. Nestha se preparou, mas Feyre apenas riu. — Você chegou cinco minutos mais cedo.

Estou muito impressionada. — Talvez seja um sinal de que devemos apostar.

Vamos para o Ritas — Cassian murmurou assim que Nestha entrou na sala forrada de madeira. O escritório dava para um jardim exuberante.

O espaço era aconchegante e ricamente decorado.

Ela poderia ter admitido que achou lindas as estantes de livros que iam até o teto e o sofá de veludo safira em frente à lareira de mármore preto, se não fosse pela pessoa que os ocupava. Feyre estava sentada no apoio de braço arredondado e usava um suéter branco pesado e calças justas.

Rhys, como sempre de preto, estava encostado na lareira, os braços cruzados.

Sem asas naquele dia. E Amren, no costumeiro cinza que ela tanto amava, sentava-se de pernas cruzadas na cadeira de couro perto da lareira crepitante.

Seus olhos prateados pousaram em Nestha com nojo. Como as coisas mudaram entre elas. Nestha viu a destruição chegando.

Ela não queria pensar na briga que elas tiveram na festa de fim de verão na embarcação.

Ou o silêncio que reinou entre elas desde então. Sem mais visitas ao apartamento

de Amren.

Não havia mais conversa sobre quebra-cabeças.

E sem dúvidas não havia mais lições de magia.

Ela também se certificou disso. Feyre finalmente sorriu para ela. — Eu ouvi que você teve uma noite e tanto. Nestha olhou para Cassian, que havia escolhido a poltrona na frente de Amren, depois para a cadeira vazia no sofá ao lado de Feyre e, finalmente, para Rhys, de pé junto à lareira. Ela manteve as costas retas, o queixo erguido, furiosa por ter todos os olhos sobre ela enquanto se sentava no sofá ao lado de sua irmã.

Furiosa, porque Rhys e Amren notaram seus sapatos sujos e provavelmente ainda percebiam o cheiro do macho em seu corpo,

apesar de ter tomado banho.

— Você está horrível.

— disse Amren. Nestha não era estúpida o suficiente para não perceber... o que Amren havia se tornado.

Agora era uma Grã-Feérica, sim, contudo, uma vez tinha sido algo diferente.

Não era deste mundo.

Sua língua, entretanto, ainda era afiada o suficiente para doer. Como Nestha, Amren também não possuía magia de Grã-Feérica específica para aquela corte.

Mas isso em nada diminuía sua influência sobre ela.

Os poderes de Grã-Feérica de Nestha nunca se materializaram, ela só tinha o que tomou por conta própria, em vez de permitir que o Caldeirão o desse para ela, como havia feito com Elain.

Ela não tinha ideia do que havia roubado do Caldeirão enquanto ele lhe roubava a humanidade, mas sabia que era algo que nunca entenderia ou governaria.

O próprio pensamento fez seu estômago revirar. — Mas aposto que é inevitável

— Amren continuou — se alguém se embriagar até tarde da noite e transar com o primeiro que vier. Feyre virou a cabeça para a imediata do Grão-Senhor.

Rhys parecia inclinado a pensar como Amren.

Cassian manteve a boca fechada. — Eu não sabia que o que faço da minha vida estava sob sua jurisdição.

— Nestha respondeu suavemente. Cassian deixou escapar um murmúrio que soou como um aviso.

Não estava claro para quem, mas Nestha não se importou. Os olhos de Amren brilharam, um lembrete do poder que uma vez queimou dentro dela.

Tudo o que restou dele.

Nestha sabia que seu poder também podia brilhar assim, mas enquanto o de Amren havia se revelado leve e quente, o dela veio de um lugar muito mais frio e escuro.

Um lugar antigo, mas completamente novo. — Passa a estar sob nossa jurisdição a partir do momento que você gasta nosso ouro, e não pouco, em vinho.

— Amren a desafiou. Aliás, talvez Nestha tenha exagerado um pouco com a conta da noite anterior.

Nestha se virou para olhar para Feyre, que assentiu. — Então você me fez vir aqui para um sermão? Os olhos de Feyre, uma cópia dos dela, suavizaram um pouco. — Não, não se trata de um sermão.

— Ela lançou um olhar penetrante para Rhys, ainda preso em um silêncio gelado perto da lareira, e depois para Amren, que estava lutando para conter a raiva na cadeira.

— Veja mais como uma discussão. Nestha ficou de pé.

— Minha vida não é da conta de nenhum de vocês e não será o assunto de qualquer discussão. — Sente-se.

— Rhys rosou. O tom imperioso da voz, a força e superioridade absoluta...

Nestha congelou, tentando conter aquela odiosa parte feérica dentro de si que se curvava a tais coisas.

Cassian se inclinou para frente na cadeira, pronto para pular entre eles.

Algo parecido com dor passou por seu rosto. Nestha sustentou o olhar de Rhys.

E inseriu todo o desafio que podia, mesmo que seus joelhos quisessem se dobrar com a ordem. — Você vai sentar.

E você vai ouvir.

— disse Rhys. Nestha soltou uma risada baixa. — Você não é meu Grão-Senhor.

Não me dá ordens.

— mas ela sabia o quão poderoso ele era.

Havia visto e sentido.

Ainda tremia por estar perto dele. Rhys sentiu o cheiro de seu medo.

Sua boca se curvou para o lado em um sorriso cruel. — Você está procurando por briga, Nestha Archeron? — O Grão-Senhor da Corte Noturna fez um gesto para a encosta gramada fora das janelas.

— Temos muito espaço lá fora para uma luta. Nestha cerrou os dentes, gritando silenciosamente com seu corpo para não obedecer às ordens que ele estava dando.

Ela morreria apenas para não se curvar a ele.

Nenhum deles.

Rhys estava ciente disso e seu sorriso se alargou. — Já chega! — exclamou Feyre para Rhys.

— Eu disse para você ficar fora disso. Seu marido voltou os olhos brilhantes para ela e Nestha não pôde fazer nada além de desabar no sofá, seus joelhos agora incapazes de sustentá-la.

Feyre inclinou a cabeça para o lado, as narinas dilatadas de raiva.
— Vá ou fique, mas de boca fechada.

— disse a Rhysand. Rhys cruzou os braços novamente, mas ficou em silêncio.

— Isso se aplica a você também.

— disse Feyre para Amren.

A fêmea limpou a garganta em protesto, mas depois se enrolou na cadeira.

Nestha não fez nada para esconder sua complacência quando sua irmã se virou para ela e se ajeitou no sofá, apertando os travesseiros de veludo.

Feyre engoliu em seco. — Temos que fazer algumas mudanças, Nestha.

— disse a ela — Você... Nós. Onde diabos estava Elain? — Eu assumo a culpa por chegar tão longe, por ter deixado as coisas ficarem tão ruins.

Depois da guerra com Hybern, com tudo o que estava acontecendo...

Você...

eu deveria estar ao seu lado, ajudá-la e, em vez disso, eu não estava lá, mas agora estou pronta para admitir que em parte é minha culpa. — Culpa pelo quê?

— Nestha sibilou. — Por você e pelas merdas que você faz.

— disse Cassian. Ele havia dito a mesma coisa no Solstício de Verão.

E agora, como antes, Nestha endureceu com aquele insulto, aquela arrogância...

— Olha — continuou Cassian — não se trata de falhas morais, mas... — Eu sei como você se sente, Nestha — Feyre interrompeu.
— Você não sabe de nada.

Feyre não se permitiu parar. — É hora de fazer algumas mudanças.

Começando agora. — Mantenha o seu espírito de salvadora fora da minha vida.

— Você não tem uma vida.

— disse Feyre.

— E eu não vou sentar aqui e ver como você se destrói, sem fazer nada.

— ela colocou a mão tatuada no coração, como se aquele gesto significasse algo.

— Depois da guerra, decidi lhe dar tempo, porém foi a escolha errada.

Eu estava errada. — Ah é? — Essas palavras foram como uma adaga atirada entre eles. Rhys ficou imediatamente alerta, mas não disse nada. — É hora de parar.

— Feyre murmurou com a voz trêmula.

— A maneira como você se comporta, o apartamento e tudo mais, é hora de sair daqui Nestha. — E para onde você acha que eu devo ir? — Nestha respondeu em um tom gelado. Feyre olhou para Cassian.

Que, pela primeira vez, não estava sorrindo. — Você virá comigo.

— disse o feérico.

— Para treinar.

CAPÍTULO

2

Cassian sentiu como se tivesse disparado uma flecha em um dragão adormecido que respirava fogo.

Nestha, embrulhada em seu casaco azul, com seus sapatos manchados e seu vestido cinzento enrugado, olhou fixamente para ele e exigiu: — O quê? — No final deste encontro — esclareceu Feyre — Você irá se mudar para a Casa do Vento.

— E apontou com a cabeça em direção ao palácio esculpido nas montanhas, no extremo leste da cidade.

— Rhys e eu decidimos que todas as manhãs você treinará com Cassian no Acampamento Illyriano Refúgio do Vento.

E depois do almoço, durante toda a tarde, trabalhará na biblioteca embaixo da Casa do Vento.

O apartamento, as tavernas sujas... Acabou, Nestha. Nestha apertou os dedos num punho no seu colo, mas permaneceu em silêncio. Cassian deveria ter se posicionado ao seu lado, ao invés de permitir que a Grã-senhora se sentasse no sofá ao alcance de sua irmã.

Mesmo que Feyre já tivesse um escudo ao redor dela, graças a Rhys - desde o café da manhã. Parte do meu treinamento, Feyre havia murmurado quando lhe perguntou sobre essas defesas tão espessas e sólidas que até mascaravam seu

cheiro. Rhys fez Helion o ensinar como criar escudos verdadeiramente impenetráveis.

E eu tenho o prazer de ser a cobaia.

Devo tentar quebrá-lo para ver se Rhys está seguindo as instruções de Helion corretamente.

É um novo tipo de loucura. Mas uma que tinha se provado útil.

Mesmo que não soubessem o que o poder de Nestha poderia fazer contra magia comum. Rhys parecia pensar o mesmo, e Cassian se preparou para pular entre as duas irmãs.

Seus Sifões brilhavam em aviso e o poder de Rhys trovejou. Cassian tinha a certeza de que Feyre podia defender-se bem contra qualquer adversário, mas Nestha... Ele não tinha certeza absoluta de que ela revidaria se a sua irmã lançasse aquele poder horrível contra ela.

E infelizmente, ele não sabia dizer se Nestha iria tão longe.

Mas as coisas tinham ficado tão ruins que ele não podia descartar essa hipótese.

— Não vou me mudar para a Casa do Vento.

— disse Nestha.

— E eu não vou treinar naquele vilarejo miserável.

Muito menos com ele.

— Ela lhe deu um olhar venenoso. — Você não tem escolha.

— disse Amren, quebrando o juramento que tinha feito de ficar fora da discussão pela segunda vez em minutos.

A mais velha das irmãs Archeron tinha o talento de irritar a todos.

No entanto Nestha e Amren sempre tinham compartilhado um laço especial —

um entendimento. Até terem discutido na embarcação... — Você quem pensa —

Nestha a desafiou, mas ela nem sequer tentou levantar-se quando os olhos de Rhys brilharam em um aviso gélido. — Seu apartamento está sendo esvaziado enquanto conversamos.

— continuou Amren, retirando um fio de cabelo da sua blusa de seda.

— Quando você voltar, já estará vazio.

Suas roupas já foram enviadas para a Casa do Vento, embora duvide que serão úteis em seu treino no Refúgio do Vento.

— e ela lançou um olhar severo ao vestido cinzento, que lhe caia muito mais solto do que antes.

Nestha notou a sombra de preocupação nos olhos esfumaçados de Amren?

Entendeu como era algo raro? E acima de tudo, ela entendia que essa reunião não era para condená-la, mas que havia surgido por preocupação? Seu olhar furioso disse que ela simplesmente a considerava um ataque. — Vocês não podem fazer isso comigo.

Eu não sou um membro dessa corte. — Mas não tem qualquer problema em gastar o dinheiro dessa corte.

— refutou Amren.

— Durante a guerra você aceitou a posição de Emissária. Você nunca se demitiu, portanto, a lei ainda a considera um membro da corte.

— Um movimento quase imperceptível dos dedos de Amren e um livro voou em direção a Nestha antes de cair sobre as almofadas ao seu lado.

Essa era a extensão de magia que Amren agora possuía magia comum e normal para um Grão-Feérico.

— Página duzentos e trinta e seis, se quiser verificar. Teria Amren olhado todas as leis da corte? Cassian nem sequer sabia que tal regra existia.

Tinha aceitado a posição que Rhys lhe tinha oferecido sem questionar, sem se importar com o que estava aceitando, somente que ele e Rhys e Azriel estariam

juntos.

Que eles agora teriam uma casa que ninguém lhes podia tirar.

Pelo menos até Amarantha. Ele nunca deixaria de ser grato: pela Grã-Senhora a sua frente, que salvou todos de Amarantha, que devolveu seu irmão a ele e ajudou Rhys a sair da escuridão que o envolvia. — Aqui estão suas opções, garota.

— disse Amren, levantando o seu queixo delicado.

Cassian notou o olhar entre Rhys e Feyre: a agonia aos olhos da Grã-senhora por aquele ultimato imposto a Nestha, a raiva mal contida de Rhys pela dor que sua parceria sentia devido a isso.

Ele tinha visto a mesma troca de olhares uma vez antes daquele dia, e esperava nunca mais vê-la de novo. Cassian estava tomando café com eles essa manhã quando Rhys tinha recebido a conta da noite anterior de Nestha.

Ele tinha lido em voz alta todas as despesas.

Garrafas de vinho fino, comidas exóticas, dívidas de jogo... Feyre tinha olhado fixamente para o prato até que lágrimas silenciosas caíram em cima de ovos mexidos. Cassian sabia que haviam tido conversas anteriores, até mesmo brigas, sobre Nestha.

Se eles a dariam tempo para se recuperar, o que todos esperavam que acontecesse a princípio, ou se eles se intrometeriam.

Mas quando Feyre se levantou da mesa, Cassian tinha percebido que era um tipo de derrota.

Uma aceitação que toda a esperança havia falhado. Cassian usou de todo o treino, toda a experiência acumulada ao longo de anos de horrores dentro e fora dos campos de batalha, para mascarar a

própria tristeza em seu rosto. Rhys tinha colocado uma mão na de Feyre para confortá-la, apertando-a suavemente antes de olhar para Azriel, depois para Cassian e expor o seu plano.

Como se ele tivesse planejado isso há muito tempo. Elain entrou na sala durante

a explicação.

Ela tinha trabalhado nos jardins da propriedade desde o amanhecer, e tinha mantido um comportamento solene quando Rhys a atualizou.

Feyre não tinha sido capaz de dizer uma palavra. Mas o olhar de Elain manteve-se firme enquanto escutava Rhys. E depois ele convocou Amren do seu apartamento do outro lado do rio. Feyre tinha insistido que Amren, e não Rhys, comunicasse essa decisão a Nestha, para preservar um mínimo de relação entre eles. Cassian não pensava que houvesse uma a ser preservada, mas Rhys tinha concordado, se ajoelhando ao lado de Feyre, enxugando suas últimas lágrimas, e a beijando na têmpora.

Nessa altura, os outros já tinham partido para dar ao Grão-senhor e à Grã-senhora privacidade. Cassian tinha ido aos ares pouco depois, deixando o rugido do vento apagar todos os pensamentos da sua cabeça e o ar fresco revigorar o seu coração.

O encontro, e tudo o que estaria por vir — nada daquilo seria fácil. Amren, todos eles tinham concordado, era uma das poucas pessoas que poderia entrar na cabeça de Nestha.

Uma das poucas pessoas que Nestha parecia temer, pelo menos um pouco.

Que de alguma forma conseguia compreender o que ela era, no fundo. Ela era a única com quem Nestha tinha realmente falado desde a guerra. Não parecia coincidência que o comportamento de Nestha tenha se deteriorado tão acentuadamente desde a luta na embarcação.

E que as coisas tinham chegado a esse ponto. — Opção um.

— disse Amren, levantando um dedo.

— Você se muda para a Casa do Vento, treina com Cassian de manhã e trabalha na biblioteca à tarde. Você não será uma prisioneira.

Mas não terá ninguém para voar ou atravessar você para a cidade.

Se quiser ir, vá em frente.

Se tiver coragem de enfrentar os dez mil degraus da casa.

— Os olhos de Amren brilhavam em desafio.

— E se conseguir juntar dois tostões para comprar algo para beber.

Mas se seguir esse plano, após alguns meses reavaliaremos onde e como você vai viver. — E a outra opção? — Cuspiu Nestha. Santa Mãe, aquela mulher-fêmea.

Ela não era mais humana.

Cassian poderia pensar em muitas poucas pessoas que desafiariam Rhys e Amren dessa forma. E certamente não juntos na mesma sala.

Certamente que não com todo aquele veneno. — Você volta para as terras humanas. Amren tinha sugerido um par de dias nas masmorras da Cidade Escavada, mas Feyre tinha apenas dito que o mundo humano seria uma prisão por si só para alguém como Nestha.

E para alguém como a própria Feyre.

E Elain. Todas as três irmãs eram agora grã-feéricas com poderes consideráveis, embora apenas os de Feyre fossem colocados em uso.

Até Amren não fazia ideia se o poder das outras havia permanecido.

O Caldeirão tinha dado a Elain e Nestha poderes únicos que eram diferentes dos outros grão-feéricos: o dom da visão para a primeira, e o dom da... Cassian não sabia como definir o dom de Nestha.

Nem sequer sabia se podia ser chamado de dom — ou algo que ela havia roubado.

O fogo prateado, a sensação de morte iminente, o poder puro que Cassian presenciara enquanto atingia o rei de Hybern.

O que quer que fosse, estava muito além dos poderes normalmente à disposição dos Grão-feéricos. O mundo humano havia ficado para trás.

As três nunca poderiam voltar. Mesmo que todos ali fossem heróis de guerra, cada um à sua maneira, os humanos não se importariam.

Ficariam longe, muito longe, desde que não fossem provocados à violência.

Portanto, sim: Nestha poderia ter sido tecnicamente capaz de voltar para terras humanas, mas não encontraria companhia, nem acolhimento caloroso ou uma cidade que a aceitasse.

E mesmo que fosse capaz de encontrar um lugar para viver, estaria de fato sob prisão domiciliar, confinada à sua própria casa por medo do preconceito vindo dos humanos. Nesta voltou-se para Feyre, mostrando os dentes.

— E essas seriam as minhas únicas opções? — Eu... — Feyre se recuperou antes de falar o resto – lamento – e endireitou as suas costas.

Ela transformou-se na Grã-senhora da Corte Noturna mesmo sem a coroa, usando apenas o casaco velho de Rhys.

— Sim. — Você não tem esse direito. — Eu... Nestha explodiu.

— Foi você quem me arrastou para esta confusão, para este lugar horrível.

É por sua causa que eu sou como sou, que estou presa aqui-Feyre encolheu.

A raiva de Rhys era palpável, uma pulsação do poder beijado pela noite que arrepiava a coluna de Cassian e alertava seus instintos guerreiros. — Já chega.

— Feyre arfou. Nestha piscou. Feyre engoliu, mas não recuou.

— Já chega.

Você se mudará para a Casa do Vento, treinará e trabalhará, e eu não me interessa o veneno que cuspir. Você vai fazer isso. — Elain precisa ser capaz de me ver... — Elain concordou conosco horas atrás.

Ela está ocupada arrumando as suas coisas.

Vai encontrá-la quando chegar. Nestha recuou. Feyre, no entanto, não cedeu.

— Elain sabe como falar com você.

E se quiser visitá-la na Casa do Vento, é livre para fazer isso.

Um de nós a levará lá em cima sem problemas. Aquelas palavras ficaram penduradas entre elas, tão pesadas e estranhas que Cassian se sentiu obrigado a intervir.

— Prometo não morder. Nestha curvou os lábios quando se virou para encará-lo.

— Presumo que tudo isso seja tudo ideia sua... — É sim.

— mentiu ele com um sorriso.

— Vamos nos divertir muito juntos. Eles provavelmente se matariam. — Quero falar com a minha irmã.

A sós.

— disse Nestha. Cassian olhou para Rhys, que estava avaliando Nestha.

Cassian tinha recebido esse olhar algumas vezes nos últimos séculos, e ele não a invejava nem um pouco.

Mas o Grão-senhor da Corte Noturna assentiu — Estaremos no corredor. Cassian cerrou os punhos ao insulto implícito que eles não confiavam nela o suficiente para ir mais longe que o corredor.

Mesmo que o seu lado guerreiro mais racional não pudesse deixar de concordar.

Os olhos de Nestha flamejaram, e ele sabia que ela também havia entendido. E

pela forma que Feyre apertou o maxilar, Cassian suspeitou que ela não estava nada contente com a provocação — não a ajudaria a convencer Nestha de que eles estavam fazendo tudo isso por ela.

Mais tarde ela daria a Rhys o sermão que ele merecia. Cassian esperou que Rhys e Amren se levantassem antes de os seguir para fora.

Fiel à sua palavra, Rhys entrou no átrio, longe das portas de madeira que vários

feitiços protegiam dos ouvidos dos curiosos, e encostou-se a uma parede.

Fazendo o mesmo, Cassian disse para Amren.

— Eu não sabia que tínhamos leis como esta na nossa corte. — Não temos.

— respondeu ela, mexendo com as suas unhas pintadas de vermelho. Ele xingou baixinho. Rhys deu um pequeno sorriso.

Cassian, porém, franziu as sobrancelhas às portas fechadas da sala e rezou para que Nestha não fizesse nada estúpido. Nestha manteve a sua coluna reta como uma vareta, as costas doendo com o esforço...

Ela nunca tinha odiado ninguém tanto como todos eles naquele momento.

Exceto, provavelmente, o rei de Hybern. Eles haviam falado sobre ela, julgando-a incapaz, fora de controle, e... — Você nunca se importou antes.

— disse Nestha.

— Por quê agora? Feyre mexeu com a aliança de casamento prata e safira.

— Eu te disse: não era que não me importasse.

Nós-todos, quero dizer, tivemos várias conversas sobre isso...

Sobre você.

Nós...

Eu tinha decidido que te dar um tempo e espaço era a melhor coisa. — E o que Elain pensa sobre isso? — perguntou Nestha.

Parte dela não queria saber. Os lábios de Feyre ficaram tensos.

— Não é sobre Elain que estamos falando.

E pelo o que me lembro, você mal a via, também. Nestha não tinha percebido que eles estavam prestando tanta atenção.

Ela nunca tinha explicado a Feyre — nunca tinha encontrado as palavras para

explicar — porquê ela colocava tanta distância entre ela e todos os outros. Elain tinha sido raptada pelo Caldeirão e resgatada por Azriel e Feyre.

No entanto ela ainda era dominada pelo terror, tanto acordada como dormindo: a memória de como tinha se sentido naqueles momentos depois de ouvir o apelo sedutor do Caldeirão e de perceber que era por Elain, não por ela ou por Feyre.

Como ela se tinha sentido quando encontrou a tenda vazia de Elain, e tinha visto o manto azul abandonado no canto. As coisas tinham piorado cada vez mais desde então. Vocês têm suas vidas, e eu tenho a minha, ela havia dito a Elain durante o último solstício de Inverno.

Ela sabia o quão profundamente aquilo ia magoar sua irmã.

Mas ela não podia evitar - o terror esmagador que permanecia.

As imagens daquele manto ou da água gelada do Caldeirão ou Cassian se rastejando em direção a ela ou ao pescoço do seu pai se partindo. Feyre disse cuidadosamente.

— A propósito, eu esperava que você melhorasse sozinha.

Queria te dar espaço para fazer isso, já que você ataca qualquer um que se aproxima demais, mas você nunca nem tentou. Talvez deveria tentar um pouco mais esse ano.

As palavras de Cassian, pronunciadas numa rua gelada a alguns quarteirões de distância, ainda ressoaram na mente de Nestha após nove meses. Tentar? Era a única coisa que ela podia pensar em dizer. Sei que é uma palavra desconhecida para você. E então sua raiva tinha rompido dela.

Porque deveria tentar fazer qualquer coisa? Fui arrastada para esse seu mundo, para essa corte. Então vá para outro lugar. Ela tinha engolido a sua resposta: Não tenho para onde ir. Era a verdade.

Ela não tinha qualquer desejo de voltar ao reino humano.

Ela nunca tinha se sentido em casa lá, não realmente.

E aquele novo e estranho mundo feérico...

Ela podia ter aceitado seu corpo diferente, alterado, aceitado que agora estaria diferente para sempre e que perdeu a sua humanidade, mas também não sabia onde pertencia naquele mundo.

Era um pensamento que ela tentava afogar em bebidas, música e jogos de cartas, com a mesma frequência que usava essas coisas para aquietar aquele poder que se contorcia dentro dela. — Tudo que você fez foi usar o nosso dinheiro.

— continuou Feyre. — O dinheiro do seu parceiro.

— Outro lampejo de mágoa.

O sangue de Nestha cantou com o golpe.

— Agradeço muito por você ter tirado um tempo das suas tarefas domésticas e viagens de compras para se lembrar de mim. — Eu preparei um quarto para você nesta casa.

Pedi para você me ajudar a mobília-lo.

Você me mandou pastar. — Porque eu gostaria de ficar aqui? — Onde conseguia ver exatamente como estavam felizes, onde ninguém parecia ter as marcas da guerra como ela.

Ela tinha chegado tão perto de fazer parte daquele mundo — daquele círculo.

Tinha dado as mãos a eles em pé, na manhã da batalha final e tinha acreditado que daria tudo certo. E então ela aprendeu como tudo podia ser destruído sem misericórdia.

Qual era o custo da esperança, da alegria e do amor.

Ela nunca mais queria aquilo de novo.

Nunca mais queria sentir o que tinha sentido naquela clareira, com o riso abafado do rei de Hybern, o sangue derramado por todo o lado.

O seu poder não tinha sido suficiente para salvá-los naquele dia.

E desde então ela o castigava por ter falhado, mantendo-o trancado dentro de si.

Feyre disse — Porque você é minha irmã. — Sim, e você está sempre se sacrificando por nós, a sua pobre família humana... — Você gastou quinhentas marcas de ouro ontem à noite! — explodiu Feyre, se levantando rapidamente e andando de um lado para o outro em frente à lareira.

— Você tem alguma ideia de quanto dinheiro é isso? Tem alguma ideia de como fiquei envergonhada quando a conta chegou esta manhã, quando os meus amigos

- a minha família - ouviram sobre ela? Nesta odiava essa palavra.

O termo que Feyre usava para descrever a sua corte. Como se as coisas tivessem sido tão terríveis com a família Archeron que Feyre tinha sido levada a procurar uma nova.

A escolher uma nova.

Nestha cravou as unhas nas palmas das mãos, a dor mais intensa do que o aperto no peito. Feyre continuou — E não se trata apenas do tamanho do gasto, trata-se também das coisas em que você gastou... — Ah, então é sobre salvar a sua reputação. — É sobre o impacto que pode ter em mim, no Rhys e na minha corte se a porra da minha irmã gasta todo o nosso dinheiro em vinho e jogos e não faz nada para contribuir para o bem-estar desta cidade! Se não podemos controlar você, então que direito temos de governar qualquer outra pessoa? — Eu não sou algo que vocês precisam controlar.

— disse Nestha.

Tudo na sua vida, desde o momento em que nasceu, tinha sido controlado por outras pessoas.

Coisas aconteceram a ela; sempre que tentava assumir o controle, era frustrada

— e ela odiava isso ainda mais do que o rei de Hybern. — É por isso que você vai treinar no Acampamento Refúgio do Vento.

Vai aprender a se controlar — Eu não vou. — Vai sim, mesmo que tenhamos de te amarrar e arrastar para lá.

Seguirá as lições de Cassian e fará o trabalho que a Clotho te pedir na biblioteca.

— Nestha bloqueou a memória — das profundezas escuras daquela biblioteca, do antigo monstro que as habitava.

Elas tinham se salvado dos capangas de Hybern, sim, mas...

Ela se recusava a pensar nisso.

— Mostrará respeito por ela, e pelas outras sacerdotisas, — disse Feyre.

— E nunca dará qualquer problema.

Pode passar qualquer tempo livre que tiver como achar melhor. Dentro da Casa.

Uma fúria fervente fluiu por suas veias, tão forte que Nestha mal conseguia ouvir o fogo verdadeiro da lareira perto de onde a irmã andava.

Ficou grata pelo rugido na sua cabeça quando o som da lenha crepitando era tão semelhante ao do pescoço partido do seu pai que ela nunca acendeu a lareira em sua casa. — Você não tinha o

direito de fechar o meu apartamento, de levar as minhas coisas...
— Que coisas? Algumas roupas e um pouco de comida podre.

— Nestha não teve tempo para perguntar como Feyre sabia disto, quando sua irmã adicionou.

— Vou declarar o prédio todo inabitável. — Não pode fazer isso. — Já fiz.

Rhys já visitou o senhorio.

Vai ser demolido e reconstruído como um abrigo para as famílias ainda desabrigadas após a guerra. Nestha tentou controlar a sua respiração ofegante.

Uma das poucas escolhas que havia feito por si mesma, arrancada.

Mas Feyre parecia não se importar. Feyre sempre tinha sido seu próprio mestre.

Tinha sempre conseguido o que queria.

E agora, pelo que parece, ela também teria esse desejo realizado.

— Nunca mais quero falar com você.

— Nestha assobiou. — Como quiser.

Pode sempre falar com Cassian e as sacerdotisas. Não havia maneira de a fazer desistir por meio de insultos.

— Não serei sua prisioneira. — Não.

Você pode ir onde quiser.

Como disse Amren, pode sair da Casa.

Se conseguir descer os dez mil degraus.

— Os olhos de Feyre brilharam.

— Mas estou cansada de pagar para que você se destrua. Para que você se destrua.

O silêncio começou a zumbir nos ouvidos de Nestha, a trabalhar através das suas chamas, apagando aquela raiva insuportável.

Um silêncio absoluto, glacial. Ela tinha aprendido a viver com o silêncio que tinha começado no momento que seu pai morreu, o silêncio havia começado a esmagá-la no momento que entrou em seu escritório na sua mansão meio-arruinada dias depois e encontrou uma das suas patéticas esculturas em madeira.

Ela queria gritar e gritar, mas havia tanta gente à sua volta.

Ela tinha se segurado até ao fim da reunião com todos aqueles heróis de guerra.

E então ela deixou-se cair. Diretamente para aquele abismo de silêncio. — Os outros estão à sua espera.

— disse Feyre.

— Elain já deve ter terminado. — Quero falar com ela. — Ela virá vê-la quando estiver pronta. Nesta segurou o olhar da sua irmã. Os olhos de Feyre cintilaram.

— Acha que não sei porque você afastou até Elain? Nestha não queria falar sobre isso.

Sobre fato de que tinha sido sempre ela e Elain.

E que agora, de algum jeito, tinha se tornado Elain e Feyre.

Elain tinha escolhido Feyre e estas pessoas, e a deixou para trás.

Amren tinha feito o mesmo.

Ela tinha sido muito clara sobre isso na embarcação. Nestha não se importava que durante a guerra com Hybern, seu próprio laço frágil

tinha se formado com Feyre, forjado por conta de objetivos em comum: proteger Elain, salvar as terras humanas.

Eram desculpas, Nestha havia percebido, para encobrir o que agora fervia e se enraivecia no seu coração. Nestha não se deu ao trabalho de responder, e Feyre não disse mais nada enquanto saía. Não havia mais nada que as unia, agora.

CAPÍTULO

3

Cassian assistiu Rhys mexer seu chá cuidadosamente. Ele havia visto Rhys despedaçar inimigos com a mesma precisão fria que agora empregava à colher.

Eles sentaram no escritório do Grão-Senhor, iluminado por lâmpadas de vidro verde e um lustre de ferro pesado.

O átrio de dois andares ocupava a extremidade norte da ala de negócios, como Feyre a chamava. Havia o nível inferior, ocupado pelo escritório, adornado com tapetes azuis feitos à mão que Feyre fora comprar diretamente dos artesãos de Cesere, com as duas áreas de estar, a mesa de Rhys e duas longas mesas iguais ao lado das estantes.

Na outra extremidade da sala, uma pequena elevação conduzia a uma grande alcova elevada flanqueada por mais livros e, no centro, um modelo mecânico maciço do mundo, rodeado por estrelas e planetas, e alguns objetos estranhos cuja uma vez lhe fora explicado a função; mas, Cassian começou a achar chato e não se interessou mais pelo assunto. Azriel, é claro, estava fascinado.

O próprio Rhys havia feito o modelo vários séculos antes.

Seguia o movimento do sol, mas também mostrava a hora e o ajudava a refletir sobre a existência da vida além do mundo deles e outras coisas que Cassian havia esquecido imediatamente. No mezanino, acessível por uma escada em espiral de ferro forjado,

havia muito mais livros, milhares apenas naquele espaço, alguns pequenos armários cheios de objetos delicados dos quais Cassian

mantinha distância — por medo de quebrar alguns deles com sua graciosidade de elefante, como Mor sempre dizia — e várias pinturas de Feyre. Havia muitas pinturas no nível inferior também, algumas nas sombras e deliberadamente deixadas lá, outras expostas à luz refletida do rio que corria ao pé da encosta.

A Grã-Senhora de Cassian tinha um modo de capturar o mundo que o fazia parar para pensar.

Aquelas pinturas de certo modo o perturbavam.

As verdades que elas representavam não eram sempre agradáveis. Em algumas ocasiões ele foi vê-la pintar em seu estúdio e para sua surpresa, ela permitiu que ele ficasse.

A primeira vez que ele foi visitá-la, ele a encontrou completamente focada em seu cavalete.

Ela estava pintando uma caixa torácica cadavérica, tão magra que ele podia contar seus ossos. Até que ele percebeu uma marca de nascença familiar em seu braço esquerdo igualmente fino, ele olhou para a mesma marca no meio da tatuagem no braço estendido de Feyre, com o pincel na mão.

Ele acenou para ela, como se quisesse dizer que compreendia.

Ele nunca tinha sido tão magro quanto Feyre, mesmo quando era pobre, mas reconhecia a fome em cada pincelada.

O desespero.

Aquela sensação de vazio penetrante similar àqueles tons de cinza, azul e branco pálido doentio.

O desespero do abismo mais escuro atrás daquelas costas e daquele braço.

A morte aproximando-se como um corvo à espera de uma carniça podre. Ele ficou pensando bastante sobre aquela pintura pelos próximos dias, como o fazia se sentir — o quão perto eles chegaram de perder a sua Grã-Senhora antes mesmo de conhecê-la. Rhys terminou de mexer seu chá e pousou a colher com

uma gentileza assustadora. Cassian olhou para o retrato pendurado atrás da enorme mesa de seu Grão-Senhor.

As esferas de luzes feéricas na sala foram posicionadas de forma a parecerem vivas e brilhantes. O rosto de Feyre, um autorretrato, parecia estar rindo atrás de suas costas. As costas do marido estavam voltadas para ela.

Para que ela pudesse cuidar dele, dizia Rhys. Cassian esperava que os deuses fizessem o mesmo.

Rhys, depois de tomar um gole de chá, disse a ele.

— Você está pronto? Ele se acomodou melhor em sua cadeira.

— Já endireitei muitos jovens guerreiros. Os olhos violetas de Rhys brilharam.

— Mas Nestha não é um jovem ligeiramente indisciplinado. — Eu posso lidar com ela. Rhys ficou olhando para o chá. Cassian reconhecia aquela expressão.

Aquela expressão séria e irritantemente calma. — Você fez um ótimo trabalho derrubando os motins entre os illyrianos nesta primavera. Cassian estava preparado.

Ele estava esperando essa conversa desde que passou quatro meses resolvendo conflitos entre guerrilheiros, certificando-se que as famílias deixadas sem pais, filhos e maridos recebessem a assistência correta, que soubessem que ele estava lá para ajudar e ouvir, e entendessem que, se eles se rebelassem contra Rhys, o custo seria alto. O Rito de Sangue havia resolvido a maioria deles, inclusive o problemático Kallon, cuja arrogância não havia sido o

suficiente para compensar seu péssimo treinamento quando ele foi morto alguns quilômetros abaixo nas encostas de Ramiel.

O fato de ele ter deixado escapar um suspiro de alívio com a notícia da morte do jovem fez Cassian se sentir culpado por um tempo, mas os illyrianos pararam de reclamar rapidamente.

Desde então, Cassian começou a reconstruir suas fileiras, supervisionando o treinamento de jovens guerreiros promissores e certificando-se que os mais

velhos ainda estivessem em boa forma para lutar.

O aumento do número de membros deu a eles algo em que se concentrar, e Cassian sabia que não havia muito mais que ele pudesse fazer além da inspeção ocasional e comparecer ao conselho. Então os illyrianos estavam em paz, ou pelo menos tão pacíficos quanto uma sociedade de guerreiros poderia estar.

Era o que Rhys estava planejando.

Não apenas porque uma rebelião teria sido um desastre, mas por conta do que ele sabia que o amigo estava prestes a dizer. — Acho que é hora de você assumir responsabilidades maiores.

— Cassian fez uma careta.

Agora eles chegaram até ao ponto.

Rhys pigarreou.

— Você não vai me dizer que não percebeu que isso com os Illyrianos foi um teste? — Eu esperava que não fosse.

— Cassian murmurou, apertando suas asas. Rhys esboçou um sorriso, mas rapidamente voltou a ficar sério.

— Nestha, por outro lado, não é um teste.

Ela é...

diferente. — Eu sei — Ele tinha entendido isso antes mesmo dela ressuscitar.

E depois daquele dia terrível em Hybern...

Ele jamais esqueceria as palavras que o entalhador de ossos sussurrou para ele na masmorra.

— E se eu lhe contar o que a rocha e a escuridão e o mar além sussurraram para mim, Senhor do Derramamento de Sangue? Como estremeceram de medo,

naquela ilha do outro lado do mar.

Como tremeram quando ela emergiu. Ela levou algo...

algo precioso.

Arrancou com os dentes.

O que você despertou naquele dia em Hybern, Príncipe dos Bastardos? Essa última pergunta havia assombrado seus sonhos em mais noites do que ele estava pronto para admitir. — Não tivemos nenhum indício de seu poder desde o fim da guerra.

— Cassian se forçou a dizer.

— Pelo o que sabemos, pode ter se dissolvido com o rompimento do Caldeirão.

— Ou talvez esteja dormente, assim como o Caldeirão, que está agora adormecido e armazenado em segurança em Cretéia com Drakon e Miryam. Seu poder pode emergir a qualquer momento. Um arrepio percorreu a espinha de Cassian.

Ele confiava no príncipe Serafim e na mulher meia-humana para guardar o Caldeirão, mas não havia nada que eles ou qualquer outra pessoa pudesse fazer se seu poder fosse despertado. — Mantenha-se alerta.

— Rhys disse. — Está quase parecendo que você tem medo dela.
— E eu tenho.

Cassian ficou surpreso. Rhys levantou uma sobrancelha — Por que você acha que eu mandei você buscá-la essa manhã? Cassian balançou a cabeça e não conseguiu conter a risada.

Rhys sorriu, cruzando as mãos atrás da cabeça e recostando-se na cadeira. —

Você deveria exercitar-se mais.

— Disse Cassian, olhando para o corpo poderoso de seu amigo.

— Você não quer que sua parceira encontre nenhum ponto fraco, não é? — Ela nunca faz isso, não se preocupe.

— Replicou Rhys e Cassian começou a rir novamente. — Você acha que Feyre vai fazer você pagar pelo o que disse agora? — Eu já disse aos funcionários para tirar o resto do dia de folga assim que você levar Nestha para a Casa. — Não seria a primeira vez que os funcionários ouviriam vocês brigando, eu presumo.

— De fato, Feyre não hesitou em contar a Rhys diretamente quando ele estava exagerando. Rhys deu a seu amigo um sorriso de canto.

— Não é a briga que não quero que eles ouçam. Cassian retribuiu o sorriso, embora uma pontada de ciúme apertasse o seu estômago.

Ele não os invejava por suas relações físicas, de forma alguma. Em muitas ocasiões, ao ver a alegria pintada no rosto de Rhys, ele teve que virar-se para esconder sua emoção, porque seu irmão esperou tanto por aquele amor e ele o mereceu.

Rhys lutou muito para defender seu futuro com Feyre. Por tudo isso. Às vezes, porém, Cassian via a aliança de casamento, o retrato atrás da mesa e aquela casa, e apenas...

Ele desejava isso também. O relógio bateu às dez e meia, e Cassian se levantou.

— Aproveite a sua não-briga. — Cassian. Esse tom o congelou. O rosto de Rhys estava, deliberadamente, calmo.

— Você não me perguntou quais responsabilidades maiores eu tenho em mente para você. — Eu pensei que Nestha já era uma responsabilidade grande o suficiente. — Brincou Cassian. Rhys lançou-lhe um olhar astuto.

— Você poderia ser muito mais. — Eu sou o seu general, isso não é o suficiente?

— É o suficiente para você? Sim, ele estava prestes a dizer.

Mas ele hesitou. — Oh, vejo que você hesita.

— Disse Rhys.

Cassian tentou reerguer seus escudos mentais, mas descobriu que eles estavam intactos.

Rhys sorriu maliciosamente para ele.

— Seu rosto ainda te trai.

— Ele o provocou.

Mas a diversão desapareceu rapidamente.

— Az e eu temos boas razões para acreditar que as rainhas humanas estão tramando algo de novo.

Eu preciso que você verifique.

Preciso que você cuide disso. — O que é isso? Uma troca de papéis? Agora é a vez de Az liderar os Illyrianos? — Não seja estúpido.

— Rhys disse friamente.

Cassian olhou para o teto. Os dois sabiam que Azriel dispersaria as tropas e destruiria Illyria ao invés de ajudá-la.

Convencê-lo de que os illyrianos mereciam ser salvos era uma batalha que os três ainda enfrentavam. — Azriel já faz mais do que gostaria de admitir.

Não vou sobrecarregá-lo com outra responsabilidade.

Sua missão o ajudará.

— Continuou Rhys com um sorriso desafiador.

— Mostre-nos o que você é capaz de fazer. — Você quer que eu seja um espião?

— Existem outras maneiras de obter informações além de espionar através do buraco da fechadura, Cass.

Az não é um espião.

Ele trabalha nas sombras.

Mas eu preciso de alguém...

Preciso que você...

jogue limpo.

Mor pode dar a você todos os detalhes.

Ela estará de volta de Vallahan hoje, mais tarde. — Eu também não sou um espião, você sabe.

— O pensamento fez seu estômago torcer. — Assustado? Cassian deixou o Sifão nas costas das mãos reacender com fogo interno.

— Então, terei que cuidar dessas rainhas enquanto treino Nestha? Rhys se recostou na cadeira, seu silêncio como confirmação. Cassian se dirigiu para as portas duplas fechadas, contendo uma série de palavras impróprias.

— Então estaremos ocupados por vários meses. Ele estava quase na porta quando Rhys disse baixinho.

— Você certamente estará. — Você ainda tem o seu uniforme de combate da guerra? — Cassian perguntou à Nestha como forma de saudação ao entrar no saguão.

— Você vai precisar amanhã. — Vou me certificar que Elain coloque nas malas dela.

— Feyre respondeu do topo da escada, sem olhar para a irmã ainda rígida aos seus pés.

Cassian se perguntou se a Grã-Senhora havia notado a falta dos funcionários. O

sorriso malicioso nos olhos de Feyre disse a ele que sim.

E que ela sabia exatamente o que estava reservado para ela em alguns minutos.

Felizmente, ele já teria partido até então.

Ele teria que voar até o mar para não ouvir os gritos de Rhys.

Ou não sentir o seu poder quando ele...

Cassian fez uma pausa antes de terminar esse pensamento.

Ele e seus irmãos haviam colocado uma grande distância entre os jovens tolos que um dia foram — quando transavam com qualquer mulher que mostrasse o mínimo interesse, muitas vezes todos no mesmo cômodo — e os homens que eles se tornaram agora.

E eles queriam manter dessa forma. Nestha apenas cruzou os braços. — Você vai nos atravessar? — Ela perguntou à Feyre. — Eu vou.

— Mor disse em resposta.

E ela piscou para Feyre.

— Ela tem uma reunião especial com Rhysie. Cassian sorriu ao ver Mor vindo da ala residencial.

— Achei que você só voltaria muito mais tarde.

— Ele abriu os braços, puxou-a contra seu peito e a abraçou fortemente.

Seu cabelo dourado na altura da cintura cheirava a mar frio. Ela devolveu o aperto.

— Não estava com vontade de esperar até a tarde. Vallahan já está coberta de neve até os joelhos.

Eu precisava de um pouco de sol. Cassian a empurrou para longe, a fim de olhar seu lindo rosto, que era tão familiar para ele como o seu próprio.

Apesar dessas palavras alegres, ele percebeu uma sombra em seus olhos.

— O que está errado? Feyre levantou-se percebendo que algo estava errado também.

— Nada.

— Disse Mor jogando o cabelo sobre o ombro. — Mentirosa. — Eu conto mais

tarde.

— Mor concordou mudando o olhar para Nestha. — Amanhã você terá que vestir o uniforme.

Enquanto estiver treinando no acampamento Illyriano Refúgio do Vento, você precisará dele para se proteger do frio. Nestha fitou Mor com um olhar frio e entediado. Mor sorriu como resposta. Feyre aproveitou aquele momento para se colocar entre elas, o escudo de Rhys ainda forte como aço.

Não importava se eles estariam juntos em pouco tempo.

— Vou te dar tempo para se instalar na casa hoje, para que você possa desfazer as malas.

E descansar, se quiser. Nestha continuou em silêncio. Cassian passou a mão pelo cabelo.

Que o Caldeirão os poupasse.

Rhys, realmente, esperava que ele lidasse com política quando nem mesmo conseguia lidar com aquela situação? Mor deu-lhe um sorriso malicioso, como se tivesse lido sua mente.

— Parabéns pela sua promoção.

— Ela balançou a cabeça.

— Cassian, o espião. Nunca pensei que veria este dia. Feyre riu baixinho.

Nestha, por outro lado, pousou seu olhar em Cassian, surpresa e cautelosa.

— Eu ainda sou um bastardo e um filho de ninguém, não se preocupe.

— Ele disse apenas para atingi-la. Os lábios de Nestha se apertaram em uma das linhas mais finas. — Conversaremos em breve.

— Feyre disse à ela. Nestha, novamente, não respondeu. Ela parecia ter parado

de falar com a irmã.

Mas, pelo menos, ela iria partir por conta própria.

Ou quase. — Devemos ir? — Disse Mor, oferecendo seu braço. Nestha olhou para o chão, seu rosto pálido e magro, seus olhos em chamas. Feyre encontrou o olhar de Cassian.

Os seus olhos diziam tudo o que ele estava questionando. Nestha passou por ele, agarrou o antebraço de Mor e fixou a vista em um ponto na parede.

Mor olhou para Cassian, mas ele não teve a coragem de olhar de volta.

Mesmo que Nestha não tivesse os observando, ele tinha certeza que ela via, ouvia e notava tudo. Então, ele, simplesmente, segurou no outro braço de Mor e piscou para Feyre antes deles desaparecerem no vento e na escuridão. Mor os atravessou para o céu logo acima da Casa do Vento. Antes que ela pudesse absorver o salto que fez seu estômago embrulhar, Nestha se viu nos braços de Cassian, voando com as asas estendidas para a varanda de pedra.

Fazia muito tempo que ela não era abraçada por ele daquele jeito.

Muito tempo desde que ela vira a cidade tão pequena abaixo dela. Cassian poderia levar os dois lá para cima, Nestha percebeu quando ele começou a descer e Morrigan desapareceu em uma queda mortal com um aceno.

As regras da casa eram simples: ninguém poderia atravessar diretamente para dentro graças às suas maciças fortificações de defesa, então tudo que restava era subir todos os dez mil degraus ou transportar-se próximo à casa e se deixar cair na varanda, o que significava quebrar ossos do corpo, ou então atravessar até os

limites das fortificações com alguém que possui asas e que poderia carregar a pessoa para dentro.

Entretanto, estar nos braços de Cassian...

Ela teria preferido arriscar quebrar todos os ossos de seu corpo ao pular na varanda.

Felizmente, o voo terminou em alguns segundos. Nestha saiu dos braços de Cassian no momento em que seus pés tocaram aquelas pedras gastas pelo tempo.

O guerreiro a soltou, dobrou suas asas e parou próximo ao guarda-corpo. Nestha havia ficado naquela casa por várias semanas no ano anterior, durante um terrível período, logo depois de ter sido transformada em Grã- Feérica e implorado à Elain para mostrar algum sinal de que queria viver. Ela mal dormia com medo de que sua irmã caísse da varanda ou se inclinasse demais para fora de uma das janelas, ou simplesmente se jogasse escada abaixo por dez mil degraus. Sua garganta se apertou com essas memórias e a visão que se espalhou diante dela — o Sidra serpenteando seu caminho lá embaixo, o palácio de pedra vermelha construído na encosta daquela montanha de topo plano. Nestha enfiou suas mãos nos bolsos, lamentando não ter aceitado as luvas quentes que Feyre tinha feito um grande esforço para persuadi-la a usar.

Ela havia recusado.

Ou melhor, ela recusou silenciosamente, já que não havia dito uma palavra à irmã desde que saíram do cômodo. Em parte, porque ela estava com medo do que poderia acontecer se tivesse falado alguma coisa. Por um longo momento, Nestha e Cassian se observaram.

O vento soprava em seu cabelo escuro na altura dos ombros, mas ele poderia estar parado em um campo de verão pela reação que teve ao frio, que era bem mais nítido ali em cima, bem acima da cidade. Era tudo que ela poderia fazer para impedir que seus

dentes tremessem e saíssem pelo seu crânio. Cassian finalmente disse — Você ficará em seu antigo quarto.

— Como se ela tivesse algum tipo de reivindicação sobre este lugar.

Ou sobre qualquer outro. Ele continuou — Meu quarto está no andar de cima. —

Por que eu precisaria saber disso? — As palavras saíram antes que ela pudesse pensar. Ele começou a caminhar em direção às portas de vidro que levam ao interior da montanha.

— Caso você tenha algum pesadelo e precise de alguém para ler uma história.

— Ele falou lentamente, com um meio sorriso dançando em seu rosto.

— Talvez, um daqueles livros obscenos que você tanto gosta. Nestha ficou furiosa.

Mas ela passou pela porta que ele estava segurando aberta e um suspiro escapou dela ao sentir o calor acolhedor que enchia os corredores de pedra vermelha.

Sua nova residência.

A parte em que ela dormiria. Aquele local não era sua casa.

Nem seu apartamento.

Nem mesmo a bela casa nova de seu pai, antes de Hybern destruí-la.

Nem a cabana ou a mansão gloriosa antes dela.

Lar era uma palavra que ela não conhecia. Mas ela conhecia bem aquele andar da Casa do Vento: a sala de jantar à esquerda e as

escadas à direita que a levariam até seu quarto dois andares abaixo, e a cozinha que ficava sob seu quarto.

E a biblioteca que ficava muito, muito mais embaixo. Não teria feito diferença alguma se ela ficasse lá ou em qualquer outro lugar, se não fosse pela pequena biblioteca particular no andar em que ela também residia.

Foi onde ela encontrou aqueles livros obscenos, como Cassian os chamou.

Ela devorou dúzias deles durante as semanas que passou ali, procurando desesperadamente por qualquer salvação que a impedisse de desmoronar, de gritar pelo que havia sido feito com seu corpo, com sua vida...

com Elain.

Elain que não comia, não falava, não fazia nada. Elain, que em um momento, no entanto, se tornou aquela curada entre as duas. Nos meses de guerra, e aqueles que imediatamente o precederam, Nestha teve sucesso.

Ela conseguiu entrar naquele mundo, com aquelas pessoas, e começou a vê-lo...

Um futuro. Até que o Rei de Hybern e o Caldeirão a começaram a caçá-la.

Até que ela percebeu que qualquer pessoa que ela amasse seria usada para machucá-la, quebrá-la, ou até mesmo, prendê-la.

Até a última batalha, quando ela falhou em impedir que milhares de Illyrianos morressem e, ao invés disso, conseguiu salvar apenas um. Ele.

Ela faria de novo, se precisasse.

E esse conhecimento...

Ela não podia suportar aquela verdade. Cassian se dirigiu para a escada indo para baixo, cada movimento dele preenchido com uma arrogância resoluta. — Não preciso que você me conduza ao meu quarto.

— Embora o quarto dele também fosse na mesma direção.

— Eu sei o caminho. Ele virou a cabeça e fez uma careta por cima do ombro musculoso, então tomou as escadas mesmo assim.

— Eu só queria me certificar de que você chegaria lá inteira antes de ir para o meu quarto.

— E com a cabeça, ele apontou para o patamar que eles haviam acabado de passar, o arco que levava ao corredor com seu quarto.

Nestha já sabia disso, porque naquelas primeiras semanas como Grã-Feérica ela não tinha muito o que fazer além de vagar pelo lugar como um fantasma. — O

quarto do Az fica a duas portas do meu.

— Acrescentou Cassian.

Eles chegaram no andar onde ficava o quarto de Nestha e ele começou a descer o corredor.

— De qualquer maneira, é improvável que você o encontre. — Ele está aqui para me espionar? — Suas palavras ricochetearam na pedra vermelha. — Ele disse que preferia estar aqui em cima do que na casa perto do rio.

— Ele respondeu secamente. Ele não era o único.

— E por que isso? — Não faço ideia.

Você sabe como Az é, ele gosta de ter seu próprio espaço.

— Ele deu de ombros, a luz feérica infiltrando-se através dos castiçais de ouro contornando a borda áspera de suas asas.

— Ele é reservado, então na maioria das vezes seremos apenas você e eu. Nestha não se atreveu a responder.

Considerando a implicação daquelas palavras...

sozinha.

Com Cassian.

Naquele lugar. Cassian parou em frente a uma porta de madeira muito familiar.

Ele se encostou no batente, seus olhos castanhos observando-a a cada passo do caminho. Ela sabia muito bem que essa casa pertencia a Rhys.

Sabia que toda a existência de Cassian era financiada por Rhys, e que o Grão-Senhor sustentava todo seu Círculo Íntimo.

Sabia que a maneira mais rápida de irritar Cassian e o machucar instantaneamente seria usar esse ponto como vantagem, fazê-lo duvidar do trabalho que estava fazendo e perguntar a si mesmo se realmente merecia estar ali.

A raiva começou a se formar, uma onda crescendo mais e mais, cada palavra selecionada para golpear e ferir. Ela sempre teve um dom para aquilo, se é que poderia se chamar assim.

Em qualquer caso, certamente não era uma maldição.

Na verdade, isso a serviu muito bem. Cassian parado na frente da porta do quarto examinou seu rosto. — Vamos, Nes.

Vamos ouvir o que você tem a dizer. — Não me chame de Nes.

— Ela pronunciou essas palavras como uma isca. O deixou pensar que estava vulnerável. Mas ele abriu a porta, recuando suas asas para trás.

— Você precisa de uma refeição quente. — Não preciso. — Por que? — Porque não estou com fome. Era verdade.

O apetite foi a primeira coisa que a abandonou depois da batalha. Apenas o instinto de sobrevivência e as obrigações sociais, a forçaram a mostrar interesse em algo, de vez em quando, a obrigavam a comer. — Você não vai durar uma hora de treinamento amanhã sem comida no estômago. — Eu não vou fazer nada naquele lugar horrível de qualquer maneira.

— Ela odiou o acampamento Refúgio do Vento, desde a primeira vez que pôs os pés ali, com um frio congelante e cheio de pessoas estúpidas e com cara fechada.

O Sifão amarrado à mão de Cassian acendeu, um raio de luz vermelha se ramificando de sua mão ao redor da maçaneta.

O metal abaixou e a porta se abriu no momento em que a luz se dissolveu como fumaça.

— Você recebeu uma ordem, e também uma alternativa.

Se deseja retornar às terras humanas fique à vontade. Então vá em frente e parta.

Ele teria ordenado que aquela presunçosa Morrigan a despejasse do outro lado da fronteira como uma bagagem qualquer. Nestha deveria expô-los, apenas...

apenas ela sabia o que a aguardava no Sul. A guerra havia feito pouco para suavizar a opinião dos homens sobre os Feéricos. Ela não tinha para onde ir.

Elain, por mais que lamentasse a vida que poderia ter tido com Graysen, descobriu seu lugar na corte, seu papel. Cuidando do jardim da bela casa

ribeirinha de Feyre, ajudando outros residentes de Velaris com seus jardins destruídos; Elain havia encontrado seu propósito na vida e,

consequentemente, felicidade e amigos: aquelas duas meio-espíritos que trabalhavam na mansão de Rhysand.

Mas essas coisas sempre foram fáceis para sua irmã.

E isso a tornava uma pessoa especial. Nestha lutou o máximo que pôde para mantê-la segura a qualquer custo. O Caldeirão entendeu isso.

E o Rei de Hybern também. Um fardo familiar antigo voltou, e ela desejou que pudesse esquecê-lo. — Estou cansada.

— Disse ela em um tom sem emoção. — Tire o resto do dia de folga.

— Cassian pediu a ela em voz baixa.

— Mor ou Rhys nos atravessarão para o acampamento Refúgio do Vento amanhã depois do café. Nestha não disse nada e Cassian prosseguiu — Vamos pegar leve no começo: duas horas de treino, depois almoço, após isso você será trazida de volta aqui para encontrar Clotho. Nestha não teve forças para perguntar no que consistiria o treinamento ou o trabalho na biblioteca com a Sacerdotisa.

Ela não se importou.

Que Rhys, Feyre, Cassian e Amren fizessem o que quisessem com ela.

Não mudaria nada. Então, ela não se incomodou em responder antes de entrar pela porta de arco de seu quarto.

Mas ela podia sentir o olhar de Cassian sobre ela, observando cada passo dela desde a soleira, a maneira que ela agarrou a borda da porta e cerrou os dedos antes de batê-la na cara dele. Ela parou na frente do cômodo, um pouco cegada pela luz que entrava pela parede de janelas do lado oposto.

O bater de botas na pedra disse a ela que ele havia se afastado. Mas foi apenas quando os passos desapareceram que Nestha adentrou o quarto, idêntico a como

ela o havia deixado, mas com a porta que conduzia ao aposento antigo de Elain agora trancada. O espaço era grande o suficiente para acomodar confortavelmente uma enorme cama de dossel contra a parede à esquerda e uma pequena área de estar à direita, completa com um sofá e duas cadeiras.

Uma lareira de mármore ocupava a parede diretamente oposta, felizmente apagada, e tapetes espalhados por toda a parte ofereciam abrigo contra o chão de pedra. Mas ela gostou de outra coisa no quarto desde o início.

O que estava diante dela naquele exato momento: a parede de janelas com vista para a cidade, o rio, as áreas planas e o mar brilhando no fundo.

Toda aquela terra, todas aquelas pessoas, à distância.

Como se o lugar estivesse pairando nas nuvens. Em alguns dias a névoa era tão densa que bloqueava a visão e tocava as janelas, tanto que Nestha podia mergulhar os dedos nela. Naquele momento, porém, não havia vestígio de neblina.

As janelas não mostravam nada além de um dia claro de início de outono, o sol quase ofuscante. Alguns segundos se passaram.

Minutos. Um rugido familiar cresceu em seus ouvidos.

Um enorme vazio a arrastou para baixo, como se alguma criatura feérica colocasse seus dedos ossudos em volta de seu tornozelo e a puxasse abaixo de uma superfície escura. Assim como ela foi puxada sob a eterna água gelada do Caldeirão. O corpo se tornou distante, estranho.

Nestha fechou as pesadas cortinas de veludo cinza para bloquear a luz, envolvendo a sala na escuridão centímetro por centímetro.

Ela ignorou as três malas e dois baús colocados ao lado da cômoda e se aproximou da cama. Ela mal conseguiu tirar os sapatos antes de se enfiar sob as camadas de lençóis e cobertores de penas brancas.

Feito isso, fechou seus olhos e respirou. E respirou. E respirou.

CAPÍTULO

4

Mor havia conseguido uma mesa no café à beira do rio e agora sentava com um braço repousado na parte de trás de uma cadeira de ferro, a outra pousada graciosamente nos joelhos cruzados.

Cassian parou a alguns passos do labirinto de mesas ao lado da calçada e sorriu quando a viu: seu rosto virado em direção ao sol, o cabelo solto brilhante e rodopiando ao seu redor como fogo derretido, seus lábios cheios curvados para aproveitar a luz. Mor nunca parava de elogiar o sol.

Mesmo quinhentos anos depois de deixar a prisão que ela uma vez chamou de lar e dos monstros que afirmavam ser seus parentes, seus amigos, irmãos praticamente, ela continuava a saborear cada momento que passava ao sol.

Cassian pigarreou enquanto caminhava até a mesa e sorriu cortesmente para os demais fregueses e para as pessoas que andavam na calçada, que o olharam perplexas ou retribuíram a saudação; quando ele se sentou, Mor estava rindo, seus olhos castanhos brilhando de diversão. — Não comece.

— ele avisou, dobrando suas asas em torno das costas da cadeira e acenando para o proprietário do café, que o conhecia bem o suficiente para saber que precisava levar água para ele, não o chá e os doces que Mor tinha na sua frente.

Mor sorriu, e seu sorriso era tão lindo que ele perdeu o fôlego.

— Não posso aproveitar a visão do meu amigo sendo lisonjeado em público?

Cassian revirou os olhos e agradeceu ao proprietário quando uma jarra de água e

um copo se materializaram na sua frente. — Pareço me lembrar de uma época em que você gostava de coisas semelhantes também.

— Mor disse quando o homem saiu para servir outras mesas. — Eu era um jovem idiota arrogante.

— Ele franziu a testa ao se lembrar de como ele andou por aí após batalhas e missões vitoriosas, pensando que merecia o elogio de estranhos.

Ele havia se deleitado com aquele comportamento estúpido por muito tempo.

Foi preciso andar pelas mesmas ruas depois que Rhys foi preso por Amarantha

— depois que Rhys se sacrificou tanto para proteger a cidade, e em face da decepção e do medo de tantas pessoas — para perceber que ele havia sido estúpido. Mor pigarreou como se entendesse a direção que seus pensamentos estavam tomando.

Ela não possuía toda a gama de talentos de Rhys, mas sobreviver à Corte dos Pesadelos a ensinou a decifrar até as expressões mais sutis.

Um simples piscar de olhos, ela explicou a ele uma vez, poderia significar a diferença entre a vida e a morte naquela corte horrível.

— Então, ela se acalmou? Cassian sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Está tirando uma soneca. Mor bufou. — Não diga nada.

— Os olhos de Cassian se voltaram para o brilhante Sidra a poucos metros de distância.

— Por favor, deixe como está. Mor tomou um gole de chá, o retrato de uma elegante inocência.

— Devíamos ter enviado Nestha para a Corte dos Pesadelos.

Lá ela teria prosperado. Cassian apertou a mandíbula, porque aquelas palavras eram um insulto, mas também eram a verdade.

— É exatamente o tipo de ambiente do qual estamos tentando mantê-la afastada.

Mor o estudou com um piscar de seus cílios grossos.

— Claro que você se sente mal por vê-la assim. — Essa coisa toda me deixa enjoado.

— Ele e Mor sempre tiveram esse tipo de relacionamento: sinceridade a qualquer custo, por mais difícil que fosse. Pelo menos desde a primeira e última vez que dormiram juntos, quando ele descobriu tarde demais que ela escondera dele as terríveis repercussões daquele ato.

Quando ele viu seu corpo quebrado e percebeu que mesmo que ela tivesse mentido para ele, ele ainda tinha um papel a desempenhar. Cassian suspirou, descartando aquelas memórias encharcadas de sangue que ainda assombravam sua memória depois de cinco séculos.

— Fico enjoado ao ver que Nestha se tornou...

algo assim.

Fico enjoado ao ver que ela e Feyre estão sempre prontas para pular na garganta uma da outra.

Fico enjoado ao ver Feyre sofrendo, e sei que é o mesmo para Nestha também.

Fico enojado.... — Eu entendi.

— A brisa enrugou o tecido quase transparente do vestido azul como o pôr do sol de Mor. Cassian recuou para olhar seu belo rosto.

Depois das consequências desastrosas para Mor após aquela noite, a briga com Rhys foi horrível e Azriel também ficou furioso, embora com seu jeito calmo de sempre, apagando qualquer desejo que Cassian ainda pudesse sentir por Mor.

Assim, a paixão se transformou em afeto e todos os sentimentos românticos deram lugar a laços fraternos.

Mas isso não o impediu de admirar sua beleza pura, assim como admiraria uma obra de arte.

Mesmo sabendo que o que vivia dentro de Mor era ainda mais precioso e perfeito do que se via por fora. E ele não podia deixar de se perguntar se ela também sabia disso. — Conte-me o que aconteceu em Vallahan.

— ele perguntou, retomando a bebida. O antigo território montanhoso que pertencia aos feéricos além do mar do norte estava em conflito muito antes de a guerra com Hybern estourar, e havia sido tanto um aliado quanto inimigo de Prythian ao longo das eras.

A pergunta agora era qual papel o impulsivo rei de Vallahan e seu povo desempenhariam na nova ordem mundial, embora muito parecesse depender da presença agora frequente de Mor na corte, como emissária de Rhys. Mor fechou os olhos.

— Eles não querem assinar o novo tratado. — Merda.

— Rhys, Feyre e Amren passaram meses trabalhando naquele tratado, também seguindo conselhos de aliados em outras cortes e outros territórios, e especialmente de Helion, Grão-Senhor da Corte do Diurna e melhor amigo de Rhys, que foi quem mais se envolveu.

Helion, O Quebrador de Feitiços, era incomparável em sua arrogância presunçosa, tanto que provavelmente foi ele que se deu esse apelido.

Mas ele tinha milhares de bibliotecas e as disponibilizou para redigir o tratado.

— Passei semanas naquela maldita corte — disse Mor, dando um tapinha na massa folhada ao lado de sua xícara de chá.

— congelando minha bunda e tentando beijar a deles.

E agora o rei e a rainha recusam o tratado.

Voltei hoje cedo porque sabia que quaisquer outras tentativas de pressão não seriam bem recebidas.

Afinal, a minha era para ser uma visita amigável. — Mas por que eles não querem assinar? — Porque aquelas estúpidas rainhas humanas estão em crise e seu exército ainda não foi dissolvido.

A Rainha de Vallahan perguntou-me qual seria a utilidade de um tratado de paz se outra guerra, desta vez contra os humanos, redesenharia as fronteiras muito a frente da Muralha.

Não acho que Vallahan esteja interessado na paz.

Nem em se aliar a nós. — Então Vallahan quer outra guerra para expandir seu território? — Eles já haviam tomado muito mais do que deveriam após a guerra de cinco séculos atrás. — Eles estão entediados — disse Mor com uma expressão de desgosto.

— E humanos, apesar dessas rainhas, são muito mais fracos do que nós.

Entrar em seus territórios é como colher frutos baixos.

Montesere e Rask provavelmente vêm da mesma maneira. Cassian revirou os olhos.

Esse tinha sido o medo durante a última guerra: que aqueles três territórios do outro lado do mar pudessem se aliar a Hybern.

Se o fizessem, não haveria esperança de salvação.

E mesmo agora, não importa o quão morto o rei de Hybern estivesse, seu povo continuava com raiva.

Teria sido fácil reunir novamente um exército em Hybern.

E se eles se aliassem a Vallahan, se Montesere e Rask se juntassem para expandir os territórios dos humanos... — Você já disse a Rhys. Não era uma pergunta, mas Mor assentiu.

— É por isso que ele pediu para você ficar de olho no que acontece entre as rainhas humanas.

Vou tirar alguns dias de folga antes de voltar para Vallahan, mas Rhys precisa saber onde estão as rainhas nessa coisa toda. — Então você deve convencer

Vallahan a não travar uma nova guerra e eu devo fazer o mesmo com as rainhas humanas, certo? — Mas você não chegará tão perto das rainhas.

— disse Mor francamente. — Pelo que pude ver em Vallahan, acho que elas estão planejando algo. Mas não conseguimos descobrir o quê, ou porque os humanos são tão estúpidos a ponto de iniciar uma guerra que não têm chance de vencer. — Eles podem ter algo em seu arsenal que lhes dê uma certa vantagem.

— Isso é o que você precisa descobrir. Cassian bateu nas pedras da garagem com a bota.

— Não me pressione. Mor tomou um gole de chá.

— Ser um cortesão não significa apenas roupas bonitas e festas chiques. Cassian franziu a testa.

Vários minutos se passaram em um silêncio amigável, embora ele pudesse ouvir o vento soprando sobre o Sidra, a conversa das pessoas ao redor deles, o tilintar de talheres contra os pratos. Feliz em deixá-lo imerso em pensamentos, Mor voltou-se para o sol. Cassian ficou tenso.

— Há uma pessoa que conhece essas rainhas de dentro para fora.

E quem poderia nos dar alguns conselhos. Mor abriu um olho e, em seguida, inclinou-se lentamente para a frente, o cabelo caindo em volta dela como um rio de ouro cheio de ondulações.

— O que você quer dizer? — Vassa.

— Cassian não havia tido muito contato com a rainha humana expulsa, a única boa sobrevivente, traída pelas outras rainhas quando a venderam para o Lorde Bruxo que lançou um feitiço contra ela: forçada a se transformar em um pássaro de fogo de dia, e somente à noite voltando a ser mulher. Ela teve sorte: eles entregaram a outra rainha rebelde ao Ator.

Que então a empalou em um poste de luz a algumas pontes de onde Cassian e Mor estavam naquele momento. Mor assentiu.

— Você está certo.

Isso pode nos ajudar. Cassian apoiou os braços na mesa.

— Lucien mora com Vassa.

E Jurian também.

Ele deveria ser nosso emissário para as terras dos humanos.

Deixe que ele lide com isso. Mor mordeu a massa folheada.

— Não podemos confiar mais em Lucien cegamente. Cassian ficou pasmo.

— Por quê? — Embora Elain esteja aqui, ele está muito próximo de Jurian e Vassa.

Ele decidiu se mudar para viver com eles, e não apenas como nosso emissário, mas como um amigo. Cassian pensou em tudo o que tinha visto e ouvido durante seus encontros com Lucien desde a guerra, tentando vê-lo como Rhys e Mor o viam — Ele passou meses ajudando-os a reorganizar as idéias sobre quem governa os territórios de Prythian nas terras humanas.

— murmurou Cassian — Portanto, Lucien não pode ser imparcial ao nos dar informações sobre Vassa. Mor confirmou.

— Lucien pode estar de boa-fé, mas todo relatório que nos dá, quer saiba disso ou não, pode inclinar-se a favor de Vassa.

Precisamos de alguém fora de seu pequeno círculo que possa obter novas informações e enviá-las para nós.

— Ela comeu o último pedaço da massa folhada.

— E esse alguém seria você. Bem.

Fazia sentido.

— Por que ainda não contatamos Vassa para contar a ela sobre isso? Mor dispensou a pergunta com um gesto, embora seus olhos sombreados

desmentissem aquele movimento descuidado.

— Porque estamos apenas juntando as peças agora.

Mas você definitivamente deve falar com ela assim que tiver a chance.

O mais rápido possível, para falar a verdade. Cassian acenou com a cabeça.

Ele não tinha nada contra Vassa, embora conversar com ela significasse se encontrar com Lucien e Jurian também. Com o primeiro ele aprendeu a conviver, mas com o segundo...

Nem mesmo o fato de ter descoberto que Jurian lutou do mesmo lado deles mudou as coisas.

Aquele general humano, torturado por Amarantha por cinco séculos, traíra Hybern depois de ser ressuscitado pelo Caldeirão e ajudou Cassian e sua família a vencer a guerra.

Mas, ainda não gostava dele. Ele se levantou e estendeu a mão para bagunçar o cabelo brilhante de Mor. — Senti sua falta esses dias.

— Ela esteve muito ausente ultimamente, e cada vez que voltava, havia uma sombra em seu olhar, uma sombra que ele não conseguia mitigar.

— Você sabe que a teríamos avisado se Keir tivesse vindo aqui.

— Seu pai idiota não tinha feito Rhys retribuir o favor: uma visita a Velaris. —

Eris me deu tempo.

— As palavras de Mor foram afiadas. Cassian tentou não acreditar, mas sabia que Eris o fizera de boa-fé.

Ele havia convidado Rhysand a entrar em sua mente para ver exatamente por que convencera Keir a adiar indefinidamente sua visita a Velaris.

Só Eris conseguia exercer esse tipo de influência no ambicioso Keir, e o que quer que seja que ele tivesse oferecido para persuadi-lo a não vir ainda era um

mistério.

Pelo menos para Cassian.

Rhys provavelmente sabia.

E pelo rosto pálido de Mor, ela se perguntou se também não sabia.

Eris deve ter sacrificado algo importante para salvar Mor da visita de seu pai, que com certeza seria planejada de uma forma que maximizasse seu tormento.

— Isso não importa para mim.

— Mor encerrou a conversa com um aceno de mão.

Cassian poderia ter jurado que havia algo mais a atormentando naquele momento.

Mas ele esperaria que ela lhe contasse quando estivesse pronta.

— Vá e descanse.

— E ele saiu antes que ela pudesse responder. Nestha acordou em completa escuridão. Uma escuridão que ela não via há anos.

Daquela cabana em ruínas que se tornou uma prisão e um verdadeiro inferno.

Sentando, ela abraçou o peito, ofegante.

Foi tudo um sonho causado por uma febre em uma noite de inverno? Ela ainda estava naquela cabana, com fome, pobre e desesperada? Não.

O ar estava quente, e ela era a única pessoa na cama, ela não estava colada nas irmãs em busca de calor, não tentava se esquivar daquela que conquistara o lugar do meio, mais aconchegante, nas noites frias, ou as bordas nas noites mais quentes de verão. E embora naqueles longos invernos ela tivesse se tornado toda pele e ossos... Até esse corpo era novo para ela.

Feérico.

Poderoso.

Ou pelo menos tinha sido. Limpando o rosto, Nestha deslizou para fora da cama.

Os pisos também eram aquecidos.

Nada comparável às frias tábuas de madeira da cabana. Ela caminhou até a janela, puxou as cortinas e se inclinou para olhar a cidade escura abaixo.

As luzes estavam acesas nas ruas, dançando ao longo da faixa do rio Sidra.

Além disso, apenas as estrelas iluminavam as terras planas com prata em frente ao mar frio e vazio. Olhando para o céu, ainda não estava claro se estava perto do amanhecer e o silêncio na casa revelava que todos ainda dormiam.

Os três que o ocuparam.

Quanto tempo ela havia dormido? Eles chegaram às onze da manhã e ela adormeceu logo depois.

Não tinha comido o dia todo e seu estômago estava protestando. Mas ela não se importou e apoiou a testa contra o vidro frio da janela.

Ela deixou a luz das estrelas acariciar sua cabeça, rosto e pescoço.

Ela imaginou seus dedos luminosos descendo por sua bochecha como sua mãe havia feito com ela e somente com ela. — Minha querida Nestha.

Elain vai se casar por amor e beleza, mas você, minha pequena rainha astuta...

Você por grandes feitos. Sua mãe teria revirado no túmulo ao descobrir que Nestha, anos depois, estivera ali para se casar com o filho fraco de um lenhador que vira seu pai bater em sua mãe.

Que ele levantou a mão para ela quando ela disse que queria terminar com ele.

E que ele havia tentado tomar à força o que ela não queria mais lhe oferecer.

Nestha tentou esquecer Tomas.

Houve momentos em que desejou que o Caldeirão tivesse deletado aquelas memórias dela, como fez com sua humanidade, mas o rosto do homem continuava a assombrar seus sonhos e até pensamentos quando ela estava acordada.

Às vezes, ela ainda sentia suas mãos ásperas apertando-a, deixando hematomas.

Às vezes, ela sentia o gosto amargo do sangue dele ainda envolvendo sua língua.

Nestha se afastou da janela e começou a estudar as estrelas distantes.

Ela se perguntou se sabiam falar. — Minha Nestha — sua mãe sempre a chamava, mesmo no leito de morte, pálida e devastada pelo tifo.

— Minha pequena rainha. Antes, Nestha ficaria satisfeita com aquele título.

Ela fizera o possível para levar uma vida que fizesse juz a ele, uma vida feroz, mas que se dissolveu quando os devedores chegaram e seus supostos amigos se mostraram nada mais do que covardes invejosos usando máscaras.

Nenhum deles se ofereceu para salvar a família Archeron da pobreza.

Todos os deram de alimento para os lobos, as meninas e um homem que mal conseguia ficar de pé. E então Nestha também se tornou um lobo.

Ela havia se armado com dentes e garras invisíveis e aprendido a golpear mais rápido, mais profundo e mais mortal.

Ela havia gostado.

Mas quando chegou a hora de colocar o lobo de lado, ela descobriu que ele também a havia devorado. As estrelas brilharam acima da cidade, como se estivessem de acordo. Nestha cerrou os punhos e voltou para a cama. Que o Caldeirão o amaldiçoe! Talvez ele não devesse ter concordado em levá-la ali.

Cassian ficou acordado em sua cama enorme, grande o suficiente para acomodar três guerreiros Illyrianos deitados lado a lado, com suas asas e tudo.

Poucas coisas haviam mudado naquele cômodo nos últimos quinhentos anos.

Mor ocasionalmente sugeria redecorar a Casa do Vento, mas Cassian gostava exatamente do jeito que estava. Ele acordou com o som de uma porta sendo fechada e imediatamente colocou-se em alerta, seu coração disparando enquanto pegava a faca que continuava apoiada na mesinha de cabeceira.

Duas outras estavam escondidas sob o colchão, outras ainda ao lado da porta, enquanto duas espadas foram colocadas respectivamente sob a cama e no guarda-roupa. Esta era sua coleção.

Apenas a Mãe sabia quantas armas Az mantinham em seu quarto. Entre ele, Az, Mor e Rhys, era de se supor que eles haviam montado um arsenal tão rico nos cinco séculos em que usaram a Casa do Vento que poderiam equipar uma legião inteira.

Eles haviam escondido, estocado e esquecido tantas armas que sempre havia a chance de se sentar em um sofá e ser picado por alguma coisa.

Também era provável que muitas das armas agora eram nada mais do que pedaços de ferro enferrujados em suas respectivas bainhas. Mas Cassian manteve as que estavam em seu quarto bem oleadas e limpas. Prontas para usar.

A faca brilhava na luz das estrelas, o Sifão pulsando vermelho enquanto ele examinava o corredor atrás da porta com seu poder. Mas nenhum perigo veio, nenhum inimigo que cruzou as fortificações.

Os soldados de Hybern haviam feito isso há mais de um ano e quase conseguiram colocar as mãos em Feyre e Nestha na biblioteca.

Ele nunca tinha esquecido o terror no rosto de Nestha enquanto ela corria em sua direção com os braços estendidos. Mas o som no corredor... Azriel, ele percebeu um momento depois. E a julgar pelo barulho com que ele fechou a porta, era evidente que Az queria informá-lo de sua volta.

Ele não queria falar, mas queria que soubesse que estava em casa. E então Cassian ficou ali olhando para o teto, os Sifões pararam de brilhar e a faca foi embainhada e colocada na mesa de cabeceira.

Pela posição das estrelas, ele sabia que já passava das três e que o amanhecer

estava distante. Ele deveria ter dormido pelo menos um pouco.

Um dia difícil o esperava. Como se seu apelo silencioso tivesse se espalhado pelo mundo, a doce voz masculina sussurrou em sua alma.

O que você está fazendo acordado a essa hora? Cassian esquadrinhou o céu além das janelas como se tivesse visto Rhys voar ali.

Eu poderia te perguntar a mesma coisa. Rhys riu com diversão.

Eu te disse: devo desculpas à minha esposa.

Um longo silêncio malicioso.

Estamos fazendo uma pausa. Cassian riu com vontade.

Dê um pouco de descanso à coitada. Foi ela quem começou.

Satisfação masculina pura fluiu em cada palavra. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta. Mas por que você está aqui me espionando a esta hora? Eu queria ter certeza de que tudo estava bem.

Não é minha culpa que você já esteja acordado. Cassian bufou .

Está tudo bem.

Nestha foi para a cama logo após nossa chegada e não se levantou depois disso.

Acho que está dormindo. Você deve estar lá antes das onze. Eu sei. São três e quinze da manhã. Eu sei. O silêncio continuou e Cassian em um ponto se sentiu compelido a quebrá-lo. Não interfira. Eu não ousaria. Cassian não desejava ter tal conversa, muito menos às três da manhã e menos ainda duas vezes no mesmo dia.

Vamos conversar amanhã à noite, após a primeira sessão. A pausa de Rhys foi novamente muito longa para ser ignorada.

Mas o irmão disse: Mor irá levá-los até o Acampamento Refúgio do Vento.

Boa noite, Cass. A presença sombria em sua mente se dissolveu, deixando-o frio e vazio. Amanhã ele teria que enfrentar um campo de batalha completamente novo. E Cassian não pôde deixar de se perguntar quanto dele permaneceria intacto no final do dia.

CAPÍTULO

“Se você não comer alguma coisa, irá se arrepender em trinta minutos. Eles se sentaram à mesa longa na sala de jantar da Casa do Vento.

Nestha levantou seus olhos do prato de ovos e batatas e da tigela com mingau fumegante.

O sono ainda pesava sobre seus ossos e intensificava seu mau humor.

— Eu não vou comer nada disso. Cassian pegou sua porção.

O dobro do tamanho da de Nestha.

— Não há mais nada. Nestha permaneceu perfeitamente imóvel em sua cadeira, dolorosamente ciente de cada movimento do uniforme de batalha que ela vestia.

Ela não se lembrava mais como era vestir calças, a sensação de nudez em ter as coxas e sua bunda à vista. Por sorte, Cassian estava muito ocupado lendo algum relatório para vê-la entrar e se acomodar em sua cadeira.

Nestha olhou para a porta como se esperasse a chegada de um servo.

— Vou comer alguma torrada. — Você terá consumido tudo em dez minutos e então estará exausta.

— Cassian apontou para o mingau.

— Coloque um pouco de leite para torná-lo mais comestível.

E não, não tem açúcar.

— ele acrescentou antes que ela pudesse perguntar. Nestha intensificou o aperto em sua mão.

— Isso é uma punição? — Mais uma vez, isso lhe dará energia por um curto tempo e então você vai entrar em colapso.

— ele colocou os ovos na boca.

— Você precisa manter seu nível de energia constante durante todo o dia, mas alimentos cheios de açúcar e uma fatia de pão só lhe dará um impulso temporário de força. Carnes magras, grãos integrais, frutas e legumes, por outro lado, vai mantê-la cheia e seu nível de força bastante estável. Ela bateu as unhas repetidamente na mesa polida.

Ela havia se sentado lá inúmeras vezes antes com os membros da corte de Rhysand.

Mas naquele dia, com apenas os dois presentes, parecia excessivamente grande.

— Há outras áreas da minha vida diária que o senhor pretende presidir? Cassian deu de ombros enquanto continuava a comer.

— Tente não me dar razões para adicionar mais à lista. Desgraçado arrogante.

Cassian apontou para a comida novamente com um aceno.

— Coma. Nestha mergulhou sua colher na tigela, mas não a levantou. — Faça o que quiser, então.

— ele terminou o mingau e voltou para os ovos. — Quanto tempo durará a sessão de hoje? O amanhecer tinha revelado céus claros, mas ela sabia bem que as montanhas Ilyrianas tinham um clima próprio.

Ela poderia apostar que estariam cobertos pela primeira queda de neve. — Como te disse ontem, as sessões duram duas horas.

Só até a hora do almoço.

— ele colocou o prato embaixo da tigela e empilhou os talheres dentro.

Eles desapareceram em um instante, levados pela magia da casa.

— Que será a próxima vez que comeremos.

— disse ele, olhando para a comida no prato de Nestha. Ela se inclinou para trás contra as costas da cadeira.

— Primeiro, eu não vou participar dessa sessão de treinamento.

Segundo, eu não estou com fome. Os olhos avelãs de Cassian se iluminaram.

— Parar de comer não vai trazer seu pai de volta à vida. — Não tem nada a ver com isso.

— ela sibilou.

— Nada. Cassian cruzou os braços sobre a mesa.

— Vamos enfrentar essa merda de uma vez por todas.

Você acha que eu nunca passei por isso também? Você acha que nunca vi, fiz e ouvi algo assim antes? E que eu não vi aqueles que amo passando por tudo isso?

Você não é a primeira e também não será a última.

O que aconteceu com seu pai foi terrível, Nestha, mas... Ela se levantou rapidamente.

— Você não sabe absolutamente nada.

— ela não pôde deixar de tremer.

De raiva, ou outra coisa, ela não sabia exatamente.

Ela cerrou os dedos em seus punhos.

— Guarde a porra da sua opinião para você. Cassian ficou surpreso com aquela grosseria, com a raiva que fez seu rosto brilhar.

— Quem te ensinou a falar assim? Nestha cerrou os punhos ainda mais forte.

— Foi você.

Você tem uma das bocas mais sujas que eu já vi. Cassian estreitou os olhos evidentemente em divertimento, mas sua boca permaneceu uma linha fina. —

Vou manter a porra das minhas opiniões para mim mesmo se você decidir comer.

Nestha o encarou e tentou canalizar todo o veneno de seu corpo para seu olhar.

Cassian esperou.

Tão imóvel quanto a montanha onde a casa foi construída. Nestha sentou-se novamente, pegou a tigela de mingau e colocou uma colher cheia na boca.

Ela quase vomitou com o gosto.

Mas ela se forçou a engolir.

Uma colher cheia.

E mais outra.

Até que a tigela estivesse completamente vazia.

Então ela olhou para os ovos. Cassian observou cada mordida com cuidado.

Quando não havia mais nada, Nestha pegou os talheres e a tigela e os empilhou sob o prato, o barulho dos talheres enchendo a sala. Então ela se levantou novamente e foi até ele.

Em direção à porta atrás dele. E então Cassian se levantou também. Ao passar por ele, Nestha teve a impressão de que

Cassian estava prendendo a respiração.

Ela estava tão perto dele que um movimento do cotovelo dela teria atingido o estômago dele. — Eu não posso esperar para desfrutar do seu silêncio.

— disse ela em um sussurro. Incapaz de esconder o sorriso, ela se dirigiu para a

porta.

Mas um aperto no seu braço a deteve. Os olhos de Cassian brilharam, o Sifão vermelho brilhando nas costas da mão com que ele a segurava.

Um sorriso sarcástico e malicioso curvou seus lábios. — Fico feliz em ver que você acordou pronta para brincar, Nestha.

— sua voz era pouco mais que um estrondo baixo. O coração de Nestha começou a bater descontroladamente com aquela voz, com o olhar desafiador em seus olhos, com sua proximidade e grandeza. Ela nunca foi capaz de evitá-lo.

Uma vez, ela até permitiu que ele se esfregasse contra ela e lambesse seu pescoço. Ela permitiu que ele a beijasse durante a batalha final.

Foi apenas um beijo, tudo o que ele pôde fazer devido aos seus ferimentos, e ainda assim a abalou profundamente. — Não tenho arrependimentos na vida, exceto este.

Que não tivemos tempo. Que eu não tive tempo com você, Nestha.

Eu a encontrarei de novo, no próximo mundo, na próxima vida.

E teremos esse tempo.

Prometo. Nestha se lembrava desses momentos com mais frequência do que gostaria de admitir.

A pressão de seus dedos quando ele apertou seu rosto, a maneira como sua boca a tocou e a provou, encharcada de sangue, mas ainda doce. Ela não podia tolerar isso. Cassian parecia impassível, embora afrouxasse o aperto em seu braço. Ela se forçou a se controlar.

Ela forçou seu sangue aquecido a virar gelo. Ele estreitou os olhos novamente em diversão, mas a deixou ir.

— Você tem cinco minutos antes de partirmos. Nestha conseguiu se afastar.

— Você é um bastardo. Cassian acenou com a cabeça.

— Nascido e criado. Ela deu mais um passo.

Se ela se recusasse a deixar a Casa, Morrigan, Cassian ou Rhys simplesmente a atravessariam para o Refúgio de Vento à força.

E se ela se recusasse a fazer o que eles queriam, eles a jogariam nas terras dos humanos sem pensar duas vezes.

O pensamento a fez enrijecer. — Nunca mais coloque suas mãos em mim de novo. — Anotado.

— os olhos de Cassian brilharam de novo. Nestha cerrou os punhos novamente.

E ela escolheu palavras para dizer que fossem tão afiadas quanto lâminas. — Se você acha que essa tolice de treinamento é uma maneira de vir para a minha cama, você está muito enganado.

Prefiro levar um cachorro de rua para a cama.

— ela acrescentou com um meio sorriso. — Oh, não serei eu a rastejar para a sua cama. Nestha deu uma risadinha satisfeita com aquela pequena vitória, e já estava quase alcançando as escadas quando ele gritou atrás dela — Você que vai vir para a minha. Nestha girou rapidamente, com um pé suspenso no ar.

— Eu prefiro apodrecer no inferno. Cassian deu a ela um sorriso debochado.

— Veremos. Enquanto ela ainda procurava novas palavras ásperas, ofensivas ou debochadas, o sorriso de Cassian continuou a crescer.

— Você só tem três minutos para se arrumar. Nestha pensou em jogar a coisa mais próxima nele, um vaso apoiado em um pequeno pedestal ao lado da porta.

Mas ela não queria dar-lhe a satisfação de admitir que estava magoada com o que ele disse.

Então ela apenas deu de ombros e saiu pela porta.

Muito devagar.

Fingindo não se incomodar com seu andar pomposo atrás dela. Até parece que a Nestha iria para a cama dele. Essas calças iriam matá-lo. Completamente e brutalmente. Cassian não tinha esquecido o espetáculo que era Nestha usando o uniforme de guerra Illyriano, nem um pouco.

Mas comparado com meras memórias... Pela Mãe. Ele tinha perdido todo o seu discurso, esquecido todas as línguas que conhecia ao ver Nestha andar à sua frente, de costas eretas e sem pressa como qualquer mulher nobre que preside à sua casa. Ele estava bem consciente de que a tinha deixado ganhar aquele confronto; tinha perdido a consciência no momento em que ela tinha lhe dado aquele pequeno encolher de ombros e tinha entrado no corredor, sem se importar com a visão que ela lhe tinha oferecido.

E isso tinha apagado qualquer pensamento que não fosse mero instinto primordial. Levou-lhe todos os três minutos que ela passou lá embaixo para se preparar a fim de recuperar a sua compostura.

A Mãe sabia que ele tinha muito que fazer naquele dia, tanto com a sessão de Nestha como com todo o resto, e não podia se entregar à ideia de tirar as calças dela e conquistar cada centímetro daquela bunda espetacular. Ele não podia permitir-se tais distrações.

Por pelo menos um milhão de razões. Porém, porra quando foi a última vez que ele se divertiu na cama? Certamente nenhuma desde o fim da guerra.

Talvez nenhuma desde antes de Feyre ter libertado a todos da tirania de Amarantha.

Que o Caldeirão o fervesse, deve ter sido antes de Amarantha cair.

Com aquela mulher que tinha conhecido no Ritas.

Num beco fora da casa de prazer.

Contra uma parede de tijolo.

Tinha sido rápido e bagunçado, tudo tinha acabado em poucos minutos, nem ele nem a mulher tinham querido mais do que uma aventura de uma noite. Tinham se passado dois anos.

Desde então, ele teve de se contentar com a sua própria mão. Ele deveria ter encontrado uma maneira de superar o desejo antes de concordar em morar na Casa do Vento com Nestha.

Ela estava ferida, fora de controle, e a última coisa que ela precisava era que ele babasse sobre ela. E agarrasse ela pelo braço como um animal incapaz de impedir a si mesmo de puxar-lá até ele. Ela não queria ter nada com ele.

Ela tinha deixado isso claro no solstício de Inverno. — Eu sei o que quero de você.

Nada, nem uma maldita coisa. Ela tinha quebrado algo dentro dele, alguma resistência final e o último vislumbre de esperança de que tudo aquilo que tinham passado durante a guerra poderia resultar em algo de bom. A esperança de que quando ele, deitado e

morrendo no chão, tivesse aberto o seu coração a ela e que quando Nestha tivesse coberto o seu corpo com o dela, escolhendo morrer ao seu lado, ela de alguma forma também o tivesse escolhido. Uma esperança tola, que ele deveria ter sido suficientemente esperto para conter.

Assim, naquela noite no Solstício de Inverno, nas ruas cobertas de gelo, quando ele sabia muito bem que ela só tinha vindo à Casa da Cidade para obter o dinheiro que Feyre lhe tinha prometido em troca da sua aparição, quando ela tinha declarado que não queria ter nada a ver com ele... Cassian tinha lançado o presente dela que ele tinha passado meses à procura, no Sidra congelado e tinha-se dedicado a acabar com o crescente conflito entre os Illyrianos. Ele havia se mantido afastado de Nestha durante os nove meses seguintes. Muito muito longe.

Tinha chegado ao ponto de cometer um erro estúpido, de mostrar o seu próprio coração e deixá-lo ser arrancado de seu peito.

Mal tinha conseguido afastar-se com alguma dignidade.

Sobre o seu cadáver, ela iria fazer isso novamente. Nesta regressou, o seu cabelo preso para trás numa trança e puxado envolta da sua cabeça como uma coroa.

Cassian tentou arduamente não olhar para ela do pescoço para baixo.

Não olhar para o seu corpo à vista de todos.

Ela precisava de recuperar o peso que tinha perdido e ganhar alguns músculos, mas...

aquele maldito uniforme. — Vamos.

— disse ele com voz fria e rouca.

Ele teve de agradecer ao Caldeirão por isso. Na varanda atrás da porta da sala de jantar Mor aterrissou, completamente calma como

se cair os cerca de dez metros desde as defesas até a Casa não fosse grande coisa.

E provavelmente não fora para ela. Mor saltou de um lado para o outro, esfregando os seus braços e tremendo os dentes pelo frio.

Ela deu-lhe um olhar rude.

“Vai pagar por isto.” Nestha franziu a sobrancelha, mas vestiu a capa, cada movimento lento e gracioso, e depois caminhou até onde Mor estava à espera deles.

Cassian voaria com elas para além do alcance das defesas, depois Mor os atravessaria para o Acampamento Refúgio do Vento. Onde ele encontraria uma forma de convencer Nestha a treinar. Mas ele sabia que o mínimo que lhe seria exigido para o dia era concordar em ser conduzida até lá.

Ela tinha sido sempre muito boa a lidar com esse tipo de batalhas mentais e emocionais.

Ela teria sido uma boa general. Talvez ela ainda pudesse ser. Mas Cassian não tinha certeza se isso seria uma coisa boa.

Transformá-la nesse tipo de arma. Ela tinha apontado um dedo como uma ameaça de morte ao rei de Hybern antes de ser transformada numa Grã-feérica contra a sua vontade.

Meses mais tarde, ela tinha carregado a cabeça dele na mão como um troféu e encarado seus olhos mortos. E se o Entalhador de Ossos tivesse dito a verdade sobre a sua saída do Caldeirão ser algo a temer...

Foda-se. Ele nem sequer pegou a sua capa, foi logo abrir a janela, inalando o ar fresco de Outono em seus pulmões antes de se aproximar de Mor, que o esperava de braços abertos. Ainda não havia gelo nem neve no abrigo do Acampamento Illyriano Refúgio do Vento, mas o frio extremo atingiu Nestha no rosto assim que chegaram. Morrigan desapareceu com um aceno de cabeça para

Cassian e um olhar de aviso para Nestha, deixando-os a observar o espaço diante deles.

Um punhado de pequenas casas de pedra ergueu-se à direita, e atrás delas algumas novas habitações de madeira.

Uma aldeia, foi nisso que o lugar tinha se tornado no último período.

Mas mesmo à sua frente, mesmo à beira daquele pico completamente plano, estavam as arenas de treinamento, cheias de armas, pesos e outro equipamento de treino.

Havia uma variedade espantosa deles, Nestha não sabia o que eram além de alguns nomes: espada, punhal, flecha, escudo, lança, arco, uma bola afiada presa a uma corrente e com um aspecto muito ameaçador e assim por diante... Do outro lado, havia pequenas fogueiras e as nuvens de fumaça chegavam aos animais num curral, ovelhas, porcos e cabras, todos um pouco desgrehados, mas bem alimentados.

E, claro, os próprios Illyrianos.

As mulheres estavam concentradas em panelas e frigideiras fumegantes à volta das fogueiras, mas todas elas pararam à vista de Cassian e Nestha.

Assim como as dezenas de machos em formação.

Ninguém sorriu. Um macho de ombros largos de que Nestha se lembrou vagamente veio na sua direção, ladeado por duas filas de machos mais jovens.

Todos eles mantiveram as asas fechadas, talvez para andar como uma unidade, mas quando pararam em frente ao Cassian abriram-nas lentamente. Cassian manteve a sua posição aparentemente casual, como Nestha disse, ou seja, não abriu totalmente suas asas, mas também não as deixou tão próximo do corpo.

Uma posição que transmitia a quantidade perfeita de facilidade e arrogância, prontidão e força. O olhar familiar do macho parou em Nestha.

— O que ela está fazendo aqui? Nestha deu-lhe um pequeno sorriso de compreensão.

— Feitiçaria. Ele poderia ter jurado que Cassian dirigiu uma oração à Mãe antes de intervir. — Quero lembrar-te, Devlon, que Nestha é a irmã da nossa Grã-Senhora e que terá de ser tratada com respeito.

— foram palavras tão duras que até Nestha se virou para olhar para a cara fria de Cassian.

Ele não ouvia esse tom rigoroso desde a guerra.

— Ela veio aqui para treinar. Nestha queria atirá-lo do penhasco. A expressão no rosto de Devlon congelou.

— Qualquer arma em que ela toque deve ser enterrada.

Deixe-as de lado numa pilha. Nestha estava confusa. — Não vamos fazer tal coisa.

— disse Cassian furiosamente. Devlon farejou o ar, os seus amigos riram sob a respiração.

— Você está sangrando, bruxa? Se assim for, não será permitida tocar em nenhuma arma. Nestha fez uma pausa para pensar.

Considerando qual foi a melhor resposta para fazer aquele homem convencido

descer um ou dois degraus. — Essas não são mais do que superstições ultrapassadas.

Ela pode tocar nas armas estando menstruada ou não.

— respondeu Cassian com considerável firmeza. — Concordo — admitiu Devlon — mas as armas continuarão a ser enterradas. O silêncio recaiu.

Nestha reparou que o rosto de Cassian tinha escurecido enquanto observava Devlon. — E como estão os novos recrutas? — perguntou ele, de repente.

Devlon abriu a boca para responder, depois fechou-a novamente, aborrecido com a falta de confronto. — Bem.

— assobiou ele, afastando-se com os soldados atrás dele. A expressão de Cassian cresceu mais tensa a cada respiração e Nestha preparou-se, uma emoção que se acumulou no seu sangue ao pensar nele atacando Devlon. — Vamos.

— disse Cassian simplesmente, em vez disso, dirigindo-se para uma arena de treinamento vazia.

O olhar dos Illyrianos perdurou nas costas de Nestha como uma marca ardente.

Cassian, contudo, não se dirigiu a uma das prateleiras de armas espalhadas por toda a área.

Ele parou na arena de treinamento mais longe e ficou ali, com as mãos nos quadris, à espera de Nestha. Mas ela não tinha qualquer intenção de se juntar a ele.

Ela estudou uma pedra desgastada ao lado de uma das estantes, que se tinha tornado muito suave, quer pelo tempo extremo, quer pelo incontável número de guerreiros que tinham se sentado em cima dela, tal como ela estava a fazer neste momento.

A superfície gelada estava irritando a sua pele, apesar do seu uniforme muito espesso. — O que estás fazendo? — a expressão no belo rosto de Cassian fazia lembrar o de um predador. Nestha cruzou as suas pernas ao nível do tornozelo e ajustou a borda da sua capa como a cauda de um vestido.

— Já lhe disse: Não irei fazer nenhum treino. — Levante-se.

— ele nunca lhe tinha dado ordens assim. “Levante-se”, tinha dito ela entre grunhidos naquele dia diante do Rei de Hybern.

“Levante-se”. Nestha encontrou o olhar de Cassian.

Ele queria parecer distante, calmo. — Tecnicamente, estou participando do treino, mas você não me pode obrigar a fazer nada.

— e com a mão apontou para a lama por todo o lado. — Arraste-me por ali, se quiser, mas eu não levantarei um dedo. Os olhares dos Illyrianos atingiam-os como pedras.

Cassian ficou furioso. Muito bem.

Ela ia mostrar-lhe a pessoa destruída na qual tinha se tornado, que desgraça. —

Porra, levante-se.

— A sua voz era pouco mais do que um rosnado baixo. Devlon e o seu grupo tinham retornado, atraídos por aquela luta, e reuniram-se no perímetro da pista de treino.

No entanto, os olhos de avelã de Cassian permaneceram fixos nela. E havia neles uma ligeira nota de súplica. “Levante-se”, sussurrou uma pequena voz na sua cabeça, nos seus ossos. “Não o humilhe desta maneira.

Não dê a estes bastardos a satisfação de o ver assim.” Mas o seu corpo se recusou a mexer.

Ela tinha dado a si própria um limite para não ser atravessado, e ceder...

a ele...

a qualquer outra pessoa, seria... Algo semelhante a repúdio pintou-se no rosto de Cassian.

Desapontamento. Raiva. Bom.

Apesar de algo dentro de Nestha lhe ter dito que estava tudo errado, ela não conseguia esconder o seu alívio. Cassian desviou o olhar dela, desembainhou a espada que tinha nas costas, e sem uma palavra, sem sequer olhar para ela, começou os seus exercícios matinais. Que ele a odiasse.

Era melhor assim.

CAPÍTULO

6

Cada um dos passos e movimentos realizados por Cassian era belo, preciso e mortal, e Nestha fazia de tudo para não ficar observando-o de boca aberta. Ela nunca tinha sido capaz de tirar os olhos dele.

Desde o momento em que se conheceram, ela desenvolveu uma consciência especial de sua presença em qualquer espaço, em qualquer lugar.

Ela nunca tinha sido capaz de parar a si mesma, para bloquear esse sentimento, mesmo que ela sempre tivesse tentado fazer com que parecesse que ela tinha bloqueado esse sentimento. — Vá! — ele tinha implorado com ela no chão e à beira da morte. — Não posso.

— ela chorou.

— Não posso. Ela não tinha ideia do que tinha acontecido com a pessoa que ela era antes. Ela não conseguia mais encontrar seu caminho de volta a ser aquela pessoa. Mas mesmo sentada naquela rocha, com o olhar fixo nos pinheiros que cobriam as montanhas, ela observava Cassian pelo canto do olho, consciente de cada um de seus movimentos graciosos, sua respiração constante, seus cabelos escuros flutuando no vento. — Vejo que

está trabalhando duro. A voz de Morrigan afastou o olhar de Nestha das montanhas e do guerreiro que parecia fazer parte delas.

A linda fêmea sentou-se ao seu lado, seus olhos castanhos fixos em Cassian em

uma admiração óbvia. Não havia nenhum sinal de Devlon ou seus seguidores, como se eles estivessem longe.

Teria realmente se passado duas horas? — Ele é muito bonito, não é? — disse Mor suavemente. Nesta enrijeceu com a suavidade de seu tom.

— Pergunte a ele. O olhar de Morrigan, enquanto ela fitava Nestha, não era um olhar de divertimento.

— Por que você não está treinando também? — Estou fazendo uma pausa. Mor observou seu rosto, observando a falta de suor em sua pele lisa, seu cabelo ainda com o penteado perfeitamente no lugar.

— Meu voto teria sido para jogá-la diretamente nas terras humanas, você sabe.

— ela lhe disse em uma voz calma. — Ah, eu sei.

— Nesta se recusou a aceitar esse desafio.

— Digamos que ser irmã da Feyre tem suas vantagens. Os lábios de Morrigan se curvam.

Cassian, entretanto, tinha parado com seus movimentos suaves.

Um fogo negro brilhou nos olhos de Mor.

— Já conheci muitas pessoas como você.

— Ela levou a mão ao abdômen.

— Você não merece o benefício da dúvida que pessoas boas como ele lhe dão.

Nestha sabia muito bem disso, também.

E ela também conhecia o tipo de pessoas a que Morrigan se referia, indivíduos que moravam na Corte de Pesadelos e na Cidade de Hewn.

Feyre nunca tinha contado toda a história, Nestha só sabia alguns detalhes: os monstros que tinham torturado e brutalizado Morrigan antes de jogá-la para os

lobos. Nestha apoiou-se em suas mãos, com a pedra fria mordendo sua pele através das luvas.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas então Cassian chegou onde elas estavam, sem ar e com a pele brilhante de suor. — Você chegou cedo. — Eu queria ver como as coisas estavam indo.

— E Morrigan olhou para longe de Nestha.

— Acho que vocês tiveram um começo bem devagar. Cassian passou as mãos pelo cabelo.

— É verdade. Nesta apertou a mandíbula tão forte que doeu. Morrigan estendeu a mão em direção a Nestha.

— Vamos? Morrigan era uma intrometida. Esse pensamento cruzou a mente de Nestha enquanto ela estava no porão da biblioteca abaixo da Casa do Vento.

Uma inútil, manipuladora e hipócrita. Cassian não tinha falado com ela desde que eles tinham retornado.

E ela não esperou que lhe oferecessem o almoço antes de ir para seu quarto e tomar um banho quente para se aquecer. Quando ela saiu do banho, descobriu que um bilhete tinha sido colocado embaixo da sua porta.

Com uma letra grossa e ousada, ela foi ordenada a se apresentar à biblioteca há uma hora em ponto.

Sem promessas, sem ameaças de enviá-la para as terras humanas.

Como se ele não se importasse se ela obedeceria ou não. Ótimo, ao menos lidar com ele estava sendo mais fácil do que ela esperava. Então, ela foi à biblioteca, não por um desejo de obedecer a suas ordens ou as de Rhysand, mas porque a outra alternativa era simplesmente insuportável: ficar sentada em seu quarto silencioso com nada além dos rugidos em sua cabeça para preencher o silêncio.

Fazia mais de um ano desde a última vez que ela havia ido lá.

Desde aqueles momentos terríveis em que os assassinos de Hybern haviam se

infiltrado e perseguido ela e Feyre no coração escuro da biblioteca.

Ela se inclinou sobre a grade de pedra, olhando para a escuridão.

Não havia mais nenhuma criatura antiga dormindo lá, porém a escuridão permanecia.

E no fundo estava o chão sobre o qual Cassian tinha aterrissado, procurando por ela.

Havia tanta raiva no seu rosto quando ele viu o terror de Nestha. Ela tentou esquecer desse pensamento.

Ela afastou o tremor que permeava seu corpo e se concentrou na fêmea sentada numa escrivaninha, quase escondida por colunas de livros empilhados ali.

As mãos da mulher foram destruídas.

Não havia uma forma educada de descrevê-las além disso. Ossos dobrados, dedos nos ângulos errados...

Feyre havia mencionado uma vez que as sacerdotisas desta biblioteca tinham passados difíceis.

Para dizer o mínimo. Nestha não queria saber o que tinha sido feito a Clotho, a Alta Sacerdotisa da biblioteca, para torná-la assim.

Para que sua língua fosse cortada e depois deliberadamente curada dessa maneira, para que o dano nunca fosse desfeito.

Os machos a haviam machucado e... Mãos empurrando-a para baixo, para baixo, para baixo da água gelada, vozes rindo e escarnecendo.

Um rosto masculino brutal sorrindo enquanto antecipava o troféu que ela seria ao ser puxada para fora — Ela não conseguia parar.

Não conseguiu salvar Elain, soluçando no chão.

Não conseguia se salvar.

Ninguém estava vindo para resgatá-la, e esses machos faziam o que quisessem, e seu corpo não era seu, não era humano — não por muito tempo.

— Nestha arrancou estes pensamentos de sua mente e forçou-se a voltar ao presente, fazendo reavivar a memória. Seu rosto velado nas sombras sob seu pálido capuz, Clotho estava sentada em silêncio, como se ela tivesse visto os pensamentos através de Nestha, como se ela soubesse quantas vezes a memória daquele dia em Hybern havia a despertado.

A pedra azul límpida que coroava o capuz do manto de Clotho cintilava como um sifão na luz fraca enquanto ela deslizava um pedaço de pergaminho sobre a mesa. — Você pode começar hoje colocando os livros nas prateleiras do Nível três.

Pegue a rampa atrás de mim para alcançá-la.

Haverá um carrinho com os livros, que estão organizados alfabeticamente por autor.

Se não houver autor, coloque-os de lado e peça ajuda no final do seu turno.

Nestha acenou com a cabeça.

— Quando é o fim do meu turno? Usando seus pulsos e as costas das mãos, Clotho puxou um pequeno relógio para si mesma.

Apontando com um nó saliente de suas mãos para o marcador das seis horas.

Cinco horas de trabalho.

Nestha podia fazer isso.

— Certo. Clotho a observou novamente.

Como se ela pudesse ver o mar agitado e rugindo dentro dela, que se recusou a deixá-la sozinha por um momento, que se recusou a lhe conceder um segundo de paz. Nestha baixou seus olhos para a mesa.

Forçou-se a soltar a respiração que prendia.

Mas com sua respiração saindo por seus lábios, aquele peso familiar a adentrou.

Eu não valho nada e não sou nada.

Nesta quase disse.

Ela não sabia por que as palavras borbulhavam, pressionando seus lábios para dar voz a elas. Eu odeio tudo o que eu sou.

E eu estou tão, tão cansada.

Estou cansada de querer estar em qualquer lugar, menos em minha própria cabeça. Ela esperou Clotho gesticular, para fazer qualquer coisa para dizer que tinha ouvido os seus pensamentos.

A sacerdotisa se dirigiu para a biblioteca acima e abaixo.

Uma despedida silenciosa.

Caminhando com passos pesados, Nestha fez seu caminho até a rampa. A tarefa era simples, mas exigia concentração suficiente para que o tempo se passasse e sua mente se acalmasse até um nada abençoado. Ninguém se aproximou de Nestha enquanto ela procurava por seções e prateleiras, passando os dedos sobre as espinhas dos livros enquanto ela procurava o lugar certo.

Havia pelo menos três dúzias de sacerdotisas que trabalhavam, pesquisavam e se curavam aqui, embora fosse quase impossível contá-las quando todas usavam as mesmas vestes pálidas e tantas mantinham o capuz sobre seus rostos.

Aquelas que deixavam os capuzes para baixo haviam oferecido a ela alguns sorrisos. Este era o santuário delas, presenteado a elas por Rhysand.

Ninguém podia entrar sem a permissão delas. O que significava que elas tinham aprovado sua presença, por qualquer razão. As mãos de Nestha estavam quase secas com a poeira quando um sino tocou seis pérolas prateadas por toda a biblioteca cavernosa, tocando desde seus níveis superiores até o poço escuro.

Algumas sacerdotisas se levantaram de onde trabalhavam nas mesas e cadeiras de cada nível; algumas permaneceram. Ela encontrou Clotho na mesma escrivaninha.

Alguma vez ela levantava seu capuz? Ela precisava, para tomar banho, mas será que alguma vez havia mostrado o rosto a alguém? — Já terminei por hoje.

— anunciou Nestha. Clotho deslizou outra nota pela escrivaninha. Obrigado por sua ajuda.

Nos vemos amanhã. — Tudo bem.

— Nestha guardou a nota em seu bolso. Mas Clotho ergueu uma mão quebrada.

Nestha assistiu, observando como uma caneta tinteiro, levantada no ar sobre um pedaço de papel, começou a escrever. Use roupas que você não se importe de ficarem empoeiradas.

Você vai estragar esse lindo vestido aqui embaixo.

Nestha olhou de relance para o vestido cinza que ela havia vestido.
— Tudo bem.

— repetiu ela.

A caneta começou a se mover novamente, de alguma forma enfeitiçada para se conectar com os pensamentos de Clotho. Foi um prazer conhecê-la, Nestha.

Feyre fala muito bem de você. Nestha virou as costas.

— Ninguém gosta de uma mentirosa, Sacerdotisa. Ela poderia ter jurado que um sopro de diversão tremulava por baixo do capuz da fêmea. Cassian não veio para o jantar. Nestha havia passado em seu quarto, apenas o tempo suficiente para lavar o pó das mãos e do rosto, e depois quase correu ao subir as escadas, sentindo o seu estômago roncar. A sala de jantar estava vazia.

O lugar na mesa preparado para uma pessoa confirmou que ela teria uma refeição solitária. Ela olhava fixamente pela janela, para a cidade banhada pelo

pôr-do-sol bem abaixo, os barulhos que ecoavam eram o do farfalhar de seu vestido e da sua cadeira rangendo. Por que ela estava surpresa? Ela o tinha humilhado no Acampamento Refúgio do Vento.

Provavelmente ele estava com seus amigos na Casa do Rio, gritando com eles para encontrar alguma outra maneira de lidar com ela. Um prato de comida apareceu, jogado sem cerimônias no

descanso de mesa. Até mesmo a Casa a odiava. Nestha, encarou com a cara feia a sala avermelhada.

— Vinho. Não apareceu nenhum.

Ela levantou o copo diante dela.

— Vinho. Nada.

Ela bateu com as unhas na superfície lisa da mesa.

— Te disseram para não me dar vinho? Conversando com uma casa: um novo ponto baixo em sua vida. Mas, como se em resposta, o copo se encheu de água.

Nestha rosou encostando suas costas na cadeira com força.

— Engraçado. Ela observou a comida: meio frango assado temperado com o que cheirava a alecrim e tomilho; purê de batata nadando em manteiga; e feijão verde salteado com alho. Silêncio rugiu em sua cabeça, na sala. Ela bateu com os dedos novamente. Ridículo.

Tudo aquilo, toda aquela interferência era ridícula.

Nestha ficou de pé e foi em direção a porta.

— Guarde seu vinho.

Eu vou buscar o meu.

CAPÍTULO

7

Sem a magia da muralha bloqueando o acesso às terras humanas, Mor atravessou com Cassian logo após o pôr-do-sol, diretamente para a antiga mansão que tinha se tornado casa e sede para Jurian, Vassa e, aparentemente, Lucien.

Ainda mais do que um ano antes, a devastação deixada pela guerra ficou evidente em torno da propriedade: árvores caídas, manchas arenosas na terra onde a vegetação verde ainda não tinha retornado e um grande vazio sombrio que fazia a casa cinzenta parecer uma sobrevivente acidental.

Sob a luz da lua, essa escuridão era ainda mais vazia, os restos de árvores pareciam oscilar, as sombras marcando a terra de forma mais profunda. Cassian não sabia a quem a casa outrora pertencera e, aparentemente, nem os seus novos ocupantes sabiam.

Feyre havia lhe dito apenas que eles chamavam a si próprios de o “Bando dos Exilados”.

Cassian bufou em indignação com o pensamento.

Mor não demorou a deixá-lo diante da porta de madeira arqueada da casa, sorrindo de forma a lhe dizer que mesmo que ele lhe implorasse por ajuda, ela não o ajudaria.

Não, ela queria vê-lo brincar de cortesão, precisamente como Rhys havia pedido.

Ele não havia planejado iniciar esta missão hoje, mas depois da desastrosa tentativa de uma lição com Nestha, ele precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Nestha sabia exatamente o que estava fazendo ao se recusar a levantar daquela rocha.

Como iria parecer ao Devlon e aos outros idiotas.

Ela sabia, e fez de qualquer maneira. Assim, logo que largou Nestha na Casa, ele se dirigiu a um penhasco no deserto, junto ao mar, onde o rugido das ondas afogou a raiva quente que permeava seus ossos. Ele havia passado pela casa do rio para admitir o seu fracasso, mas Feyre havia se limitado a ferver com aborrecimento pelo comportamento de Nestha, e Rhys apenas lhe deu um olhar cauteloso e divertido. Foi Amren que disse: Deixe ela cavar a própria cova, rapaz.

Então ofereça sua mão. Pensei que o ano passado tinha sido para isso, ele tinha argumentado. Continue a estender a mão, tinha sido a única resposta de Amren.

Ele encontrou Mor pouco depois disso, explicou que precisava ser transportado, e aqui estava ele.

Levantou o punho para a porta, mas a mesma foi puxada antes de que ele pudesse sequer tocá-la. O rosto bonito de Lucien, marcado por cicatrizes, apareceu, seus olhos dourados pareciam zunir. — Eu pensei ter sentido outra pessoa chegar. Cassian entrou na casa, com as tábuas do chão rangendo debaixo das suas botas.

— Acabou de chegar? — Não.

— Disse Lucien, e Cassian notou o aperto dos seus ombros sob o casaco cinzento escuro que usava, o silêncio esticado que emanava de cada pedra da casa.

Analizou cada canto da casa, para o caso de precisar lutar para encontrar uma saída.

O que, dado o desprazer que Lucien irradiava ao caminhar sob um arco à sua esquerda, parecia uma possibilidade distinta. Sem se virar, Lucien disse.

— Eris está aqui. Cassian não vacilou.

Não buscou a faca amarrada à sua coxa, embora tenha sido um esforço bloquear a memória do rosto espancado de Mor em sua mente.

A nota pregada em seu abdômen, o seu corpo nu despejado como lixo nas fronteiras da Corte Outonal.

Aquele bastardo a tinha encontrado e a deixado lá.

Ela estava à beira da morte e... Os planos de Cassian para o que ele um dia lhe faria iam muito além da dor infligida por uma faca.

O sofrimento de Eris duraria semanas.

Meses.

Anos. Cassian não se importou que Eris tivesse convencido Keir a adiar a sua visita a Velaris, aparentemente por qualquer resquício de bondade ainda nele.

Não se importou que Rhys tivesse notado algo em Eris que tivesse ganho a sua confiança.

Nada disso interessava ao Cassian, nem um pouco. A sua atenção centrou-se no macho ruivo sentado perto do fogo crepitante na surpreendentemente extravagante sala de estar.

Sabia o suficiente para se manter a par da atual situação de um inimigo. Eris estava espreguiçando sobre uma cadeira dourada, pernas cruzadas, o seu rosto pálido era o retrato de uma arrogância cortês. Os dedos de Cassian se fecharam.

Cada vez que ele havia visto o imbecil nos últimos cinco séculos, havia sido um esforço lutar contra isso.

Essa raiva que o cegava à mera vista dele. Eris sorriu, bem consciente disso.

— Cassian. O olho dourado de Lucien clicou, lendo a fúria de Cassian enquanto o aviso brilhava no seu olho restante.

O macho tinha crescido ao lado de Eris.

Tinha lidado com a crueldade de Eris e Beron.

Tinha visto a fêmea que amara ser massacrada por seu próprio pai.

Mas Lucien tinha aprendido a manter a calma. Certo.

Rhys tinha pedido a Cassian que fizesse isso.

Ele devia pensar como Rhys, como Mor.

Pôr de lado a fúria. Cassian deu-se um segundo para conseguir pôr de lado a raiva, vagamente consciente de Vassa dizendo alguma coisa.

Tinha notado e meio que desconsiderado os dois humanos na sala: o guerreiro de cabelo castanho — Jurian — e a jovem rainha de cabelos vermelhos. Se Rhys e Mor estivessem aqui...

Eles não diriam uma palavra sobre nada em frente a Eris.

Iriam fingir que esta era uma visita amigável, para verificar como as terras humanas estavam indo.

Mesmo que Eris fosse, muito provavelmente, seu aliado. Não, Eris era seu aliado.

Rhys tinha negociado com ele, trabalhado com ele. Eris tinha cumprido seu papel em cada parte.

Rhys confiava nele.

Mor, apesar de tudo que havia acontecido, confiou nele.

Mais ou menos.

Então, Cassian supunha que devia fazer o mesmo. Sua cabeça doía.

Tantas coisas para calcular.

Ele fazia isso em campos de batalha, mas esses jogos mentais e teias de mentiras...

Por que que Rhys tinha lhe pedido para fazer isso? Ele tinha sido direto ao lidar com os Illyrianos: ele expôs o inferno que aconteceria a eles caso se rebelassem, e ofereceu ajuda com qualquer coisa que precisassem.

Aquilo não era de modo algum comparável a isto. Cassian piscou, e registrou o que Vassa tinha dito: General Cassian.

É um prazer. Ele curvou a cabeça em um movimento rápido.

— Vossa Majestade. Jurian tossiu, e Cassian olhou de relance para o guerreiro humano.

Uma vez humano? Parcialmente humano? Ele não sabia.

Jurian tinha sido cortado em pedaços por Amarantha, sua consciência, de alguma forma, presa dentro do seu olho, que ela havia colocado em um anel que foi usado durante quinhentos anos.

Até que os seus ossos foram usados por Hybern para ressuscitar seu corpo e retornar aquela essência para essa forma, a mesma que havia liderado o exército nos antigos campos de batalha durante a Guerra. Quem era Jurian agora? O que era ele agora? De seu lugar no ridículo sofá rosa na parede mais distante, Jurian disse.

— Só sobe à cabeça dela, quando você a chama assim. Vassa se endireitou, seu casaco cobalto em contraste com o vermelho dourado de seu cabelo.

Das três pessoas ruivas na sala, Cassian gostava mais dessa cor: o tom dourado da pele dela, os olhos grandes e azuis rodeados por cílios e sobrancelha escuros, e o sedoso cabelo vermelho, que ela tinha cortado na altura dos ombros desde a última vez que ele a havia visto. Vassa respondeu à Jurian — Eu sou uma rainha, sabe. Uma rainha à noite, e um pássaro de fogo durante o dia, vendida por suas companheiras rainhas humanas para um feiticeiro que a tinha enfeitado.

Amaldiçoado-a em se transformar em um pássaro de fogo e cinzas a cada

alvorecer.

Cassian esperou até o pôr do sol para visitá-los, para poder encontrá-la em sua forma humana.

Ele precisava que ela fosse capaz de falar. Jurian cruzou o calcanhar sobre o joelho, as botas enlameadas sujas sob a luz da lareira. — Da última vez que ouvi, seu reino não era mais seu.

Você ainda é uma rainha? Vassa revirou os olhos, e então olhou para Lucien, que afundou no sofá ao lado de Jurian.

Como se os machos feéricos houvessem tido discussões similares antes.

Mas a atenção de Lucien estava sobre Cassian. — Você veio com novidades ou ordens? Intensamente consciente da presença de Eris perto da lareira, Cassian manteve seu olhar sobre Lucien. — Nós lhe damos ordens como nosso emissário.

— Ele apontou para Jurian e Vassa.

— Mas quando você está com amigos, nós apenas damos sugestões. Eris bufou.

Cassian o ignorou, e perguntou a Lucien.

— Como está a Corte Primavera? Ele tinha que dar crédito a Lucien: o macho conseguia, de alguma forma, alterar entre seus três papéis — emissário para a Corte Noturna, aliado para Jurian e Vassa, e conexão para Tamlin — e ainda se vestir de forma imaculada. O rosto de Lucien não revelava nada sobre como Tamlin e sua corte estavam.

— Está bem. Cassian não sabia por quê esperava uma atualização sobre o Grão-Senhor da Corte Primavera.

Lucien apenas trazia essas informações à Rhys, de forma privada. Eris bufou novamente pela forma que Cassian se atrapalhou e, não conseguindo se segurar, Cassian finalmente virou para ele. — O que você está fazendo aqui? Eris sequer se moveu em seu lugar. — Dezenas dos meus soldados estavam em patrulha nas

minhas terras vários dias atrás e ainda não retornaram.

Não encontramos sinal de batalha. Até meus cães não conseguiram farejá-los depois de sua última localização conhecida. As sobrancelhas de Cassian se juntaram.

Ele sabia que não podia demonstrar nada, mas... aqueles cães eram os melhores em toda Prythian. Abençoados com magia própria.

Cinzas e suaves como fumaça, eles podiam correr tão rápido quanto o vento, farejar qualquer presa.

Eles eram tão importantes que a Corte Outonal proibiu eles de serem dados ou vendidos fora de suas fronteiras, e eram tão caros que apenas os nobres conseguiam tê-los.

E eram tão raros que era extremamente difícil encontrar um.

Eris, Cassian sabia, tinha doze. — Nenhum deles sabia atravessar? — Cassian perguntou. — Não.

Apesar da unidade ser uma das minhas mais experientes em combate, nenhum dos soldados tinha muito conhecimento de magia, eram bastardos. Ele disse Bastardos olhando Cassian com um sorriso sarcástico.

Idiota. Vassa disse — Eris veio para saber se eu conseguia pensar em qualquer motivo pelo qual seus soldados poderiam ter entrado em desavença com os humanos.

Seus cães detectaram cheiros anormais no local do sumiço. Alguns pareciam humanos, mas eram... estranhos, de algum modo. Cassian levantou as sobrancelhas e olhou para Eris. — Você acredita que um grupo de humanos poderia matar seus soldados? Eles não podem ser tão experientes, então. —

Depende do humano — Jurian falou, o rosto do macho escurecido.

O rosto de Vassa era um espelho. Cassian torceu o rosto. — Desculpe.

Eu... Desculpe. Grande espião, ele.

Mas Eris deu de ombros. — Eu acho que vários grupos estão interessados em começar outra guerra, e esse poderia ser o começo.

Apesar de, talvez, sua Corte ter feito isso.

Não me admiraria Rhysand atravessar meus soldados e plantar alguns cheiros estranhos para nos tirar da trilha. Cassian deu um sorriso selvagem.

— Somos aliados, lembra? Eris deu um sorriso idêntico.

— Sempre. Cassian não conseguiu se controlar. — Talvez você fez seus próprios soldados desaparecerem, se é que desapareceram, e só está inventando isso pelo mesmo motivo que acabou de falar. Eris riu, mas Jurian se intrometeu. — Tem havido tensões entre os humanos no que se refere a sua raça.

Mas, até onde sabemos, até onde ouvimos das forças de Graysen, os humanos aqui mantêm as antigas marcas de delimitação, e não tem interesse em começar a criar problemas. Ainda, ficou por ser dito. Perguntar sobre as rainhas humanas no continente revelaria os planos de Rhys? A conversa tinha ido para esse lado, então ele podia trazer o tópico à tona de forma casual, e não como o real motivo de ter vindo aqui... Merda, sua cabeça doía. — E quanto a suas... suas irmãs?

— Ele assinalou para Vassa.

— Elas não poderiam ter algo a ver com isso? O olhar de Eris disparou para ele, e Cassian suprimiu um xingamento. Talvez tivesse falado demais.

Ele desejou que Mor estivesse ali.

Mesmo que tivesse que colocá-la no mesmo lugar que Eris... Não, ele a pouparia dessa miséria. Os olhos de Vassa escureceram. — Estávamos chegando nisso, na verdade.

— Ela gesticulou para Cassian. — Você ouviu os mesmos rumores que nós: elas estão se movendo novamente além do oceano, e estão prestes a buscar problemas. — Se são estúpidas o suficiente para de fato fazerem isso é a pergunta.

— Jurian disse. — Elas são tudo, menos estúpidas.

— Lucien disse, chacoalhando a cabeça. — Mas deixar um cheiro humano no local é uma pista tão óbvia que não parece improvável que tenha sido alguma delas. — Qualquer movimentação delas é profundamente observada — Vassa disse, olhando para a parede de janelas mostrando as terras destruídas.

— Apesar de que não consigo pensar no motivo pelo qual qualquer uma delas capturaria seus soldados.

— ela disse para Eris, que parecia estar monitorando cada palavra que saía de suas bocas.

— Há outros Feéricos no próprio continente, então por que se incomodar em atravessar o oceano para pegá-los? E por que não os soldados da Corte Primavera? Tamlin sequer notaria alguém desaparecido agora. Lucien se encolheu, e Cassian, apesar de inclinado a sorrir ao pensamento daquele idiota sofrendo, se encontrou franzindo as sobrancelhas.

Se a guerra estivesse chegando, eles precisavam de Tamlin e suas forças lutando em plena forma.

Precisavam de Tamlin preparado.

Rhys estava visitando-o regularmente, garantindo que ele estaria ao lado deles e capaz de liderar. Como Rhys conseguira não matar o Grão-Senhor da Corte Primavera era algo que Cassian ainda não conseguia entender. Mas era por isso que Rhys era o Grão-Senhor, e Cassian sua lâmina. Ele sabia que se alguma vez conseguisse o nome do bastardo que havia colocado suas mãos em Nestha, nada iria impedi-lo de encontrar o homem. Uma conversa que teve com Nestha, anos atrás, quando ela ainda era humana, estava constantemente no fundo de sua mente.

A forma como ela travou ao seu toque, e ele sabia — sentiu e viu o medo nos olhos dela e soube — que um homem a havia machucado.

Ou tentado.

Ela nunca contou os detalhes, mas confirmou o suficiente ao se recusar a dizer o

nome do homem. Ele constantemente contemplava como iria matar o homem, se Nestha assim permitisse.

Arrancar a pele de seus ossos seria um bom começo. Os amigos dele iriam entender a ferida que pressionava.

Quão longe a dor daquela ferida antiga o levaria.

Um acampamento Illyriano destruído era tudo que restava da primeira e última vez que ele se deixou ser levado por aquele nível de raiva. E Rhys havia pedido que ele fosse um cortesão.

Que colocasse de lado a lâmina e usasse as palavras.

Era uma piada. Eris descruzou as pernas. — Suponho que isso poderia ser para semear tensão entre nós.

Fazer cada um olhar o outro com suspeita.

Enfraquecer nossos laços. — Hybern teria feito isso.

— Jurian concordou.

— Ele poderia ter ensinado alguma coisa ou duas. Antes de ter sido decepado por Nestha. Mas Vassa disse — As rainhas não necessitam de ensinamentos.

Elas foram bem versadas em traição antes de sequer terem contatado Hybern.

E lidaram com monstros muito piores que ele. Cassian podia jurar que chamas atravessaram seus olhos azuis. Ambos Jurian e Lucien encararam a rainha, o último com o rosto totalmente ilegível, e Jurian com uma expressão de dor.

Cassian suprimiu seu choque. Ele devia ter perguntado a alguém, antes de vir, quando tempo Vassa ainda tinha antes de ser forçada a voltar para o continente

— para a terra do feiticeiro que segurava sua coleira, e que tinha autorizado que ela o deixasse temporariamente, como parte de uma barganha que o pai de Feyre havia feito. O pai de Feyre... e o pai de Nestha.

Cassian bloqueou a lembrança do pescoço do homem sendo quebrado.

Do rosto de Nestha no momento que isso ocorreu. E, decidindo mandar a maldita cautela para o inferno, ele perguntou.

— Qual das rainhas faria algo tão ousado assim? O rosto dourado de Vassa se apertou.

— Bryallyn. A outrora jovem e humana rainha que tinha sido transformada em Feérica pelo Caldeirão.

Mas tomado de raiva por qualquer que tenha sido o que Nestha roubou dele, o Caldeirão punira Briallyn.

Ela foi feita Feérica imortal, sim, mas fora transformada em anciã.

Condenada a ser velha por milênios. E ela não fez de seu ódio por Nestha um segredo.

Seu desejo por vingança. Se Briallyn fizesse qualquer movimento contra Nestha, ele próprio mataria a rainha. Cassian tentou pensar além da besta gritando em sua cabeça que espremia todos os músculos em seu corpo, que apenas violência sangrenta poderia apaziguar. — Calma.

— Lucien disse. Cassian rosou. — Calma.

— Lucien repetiu, e suas chamadas chiaram em seu olho castanho avermelhado. A chama, a dominância surpreendente nela, atingiu Cassian como uma pedra na cabeça, atirando-o fora da necessidade de matar e matar e matar qualquer coisa que pudesse ameaçar... Eles estavam todos encarando.

Cassian rolou seus ombros tensionados, alongando suas asas.

Ele havia revelado muito.

Como um bruto estúpido, ele havia deixado todos verem demais, saberem demais. — Envie aquele seu encantador de sombras para rastrear Briallyn —

Jurian ordenou, seu rosto grave.

— Se ela for, de alguma forma, capaz de capturar uma unidade de soldados Feéricos, precisamos saber como.

Rapidamente. Falas de um general que Jurian outrora fora. Cassian disse a Vassa

— Você realmente acredita que Brillyan faria algo assim? Seria tão descuidada?

Alguém deve estar nos enganando para ir atrás dela. Lucien perguntou — Como ela conseguiria chegar aqui e desaparecer tão rápido? Cruzar o mar leva semanas.

Ela precisaria atravessar para conseguir. — As rainhas conseguem atravessar.

— Jurian corrigiu — Elas atravessaram durante a guerra, lembra? Mas Vassa respondeu — Apenas quando várias de nós estamos juntas.

E não é atravessar como os Feéricos, mas sim um poder diferente.

Semelhante ao modo como todos os sete Grão-Senhores podem combinar seus poderes para fazer milagres. Bom, merda. Eris disse — Tenho certeza que as outras três rainhas se espalharam pelos ventos.

— Cassian guardou a informação e as questões que ela levantou. Como Eris sabia disso? — Brillyan está residindo sozinha no palácio por semanas, agora.

Muito antes dos meus soldados desaparecerem. — Então ela não pode atravessar, afinal.

— Cassian concluiu.

— E, novamente, ela realmente seria tola o suficiente para fazer algo assim se as outras rainhas partiram? Os olhos de Vassa escureceram. — Sim.

A partida das outras serviria para remover os obstáculos levantados às suas ambições.

Mas ela apenas faria isso se tivesse alguém com imenso poder com ela.

Talvez, puxando as cordas. Até mesmo o fogo pareceu se aquietar. O olho de Lucien clicou.

— Quem? — Você pergunta quem seria capaz de fazer uma unidade de soldados Feéricos desaparecer através do mar?

Quem poderia dar a Brillyan poder para atravessar, ou atravessar por ela? Quem poderia auxiliá-la para que ela pudesse ser ousada o suficiente para fazer tal coisa? Olhe para Koschei. Cassian congelou enquanto as lembranças voltavam a sua mente, tão certas quanto um dos quebra-cabeças de Amren. — O feiticeiro que aprisionou você se chama Koschei? Ele é... ele é o irmão do Entalhador de Ossos? Todos o encararam.

Cassian esclareceu.

— O Entalhador de Ossos mencionou um irmão para mim outrora, um imortal verdadeiro e um senhor da morte.

Esse era o nome dele. — Sim.

— Vassa sussurrou.

— Koschei é, era, o irmão mais velho do Entalhador de Ossos. Lucien e Jurian a encararam com surpresa.

Mas o olhar de Vassa estava fixo nele, mostrando medo e ódio, como se apenas a menção do nome do macho fosse abominável. A voz dela estava rouca.

— Koschei não é um mero feiticeiro.

Ele está confinado ao lago devido a um feitiço antigo.

Porque ele foi enganado. Tudo que faz é com a intenção de se libertar. — Por que ele foi aprisionado? — Cassian questionou. — A história é muito longa para ser contada.

— Ela alertou.

— Mas basta saber que Briallyn e as outras me venderam a ele não por seus termos, mas os dele.

Pelas suas palavras, que ele plantou em suas Cortes, sussurradas nos ventos. —

Ele ainda está no lago — Lucien apontou cuidadosamente.

Lucien esteve lá, Cassian lembrou.

Tinha ido com o pai de Nestha até o lago onde Vassa estava em cativeiro. — Sim

— Vassa disse, com alívio em seus olhos.

— Mas Koschei é tão velho quanto o mar.

Mais velho, ainda. — Há quem diga que ele é a própria Morte.

— Eris murmurou. — Eu não sei se isso é verdade.

— Vassa disse — mas eles o chamam de Koschei, o Imortal, pois não há morte aguardando por ele.

Ele é, de fato, imortal.

E saberia de qualquer coisa que pudesse dar a Briallyn uma vantagem sobre nós.

— E você acredita que Koschei faria tudo isso — Cassian pressionou — não por simpatia pelas rainhas humanas, mas com o objetivo de se libertar? —

Certamente.

— Vasse olhou as próprias mãos, os dedos flexionando.

— Eu temo o que pode vir a acontecer se ele fosse capaz de se libertar do lago.

Se ele vê esse mundo à beira do desastre e sabe que poderia atacar, e atacar de forma forte, e fazer de si mesmo o mestre.

Como ele tentou outrora, muito tempo atrás. — Essas são lendas que antecedem nossas Cortes.

— Eris disse. Vassa concordou.

— É tudo que consegui recolher do meu tempo escravizada a ele. Lucien olhou pela janela, como se pudesse enxergar o lago através do mar e do continente.

Como se estivesse vendo seu alvo. Mas Cassian ouvira o suficiente.

Ele não esperou por suas despedidas antes de se dirigir ao arco de madeira, e o

hall de entrada atrás dele. Ele deu dois passos através da porta de entrada, inspirando o ar fresco da noite, quando Eris disse atrás dele.

— Você é um péssimo espião. Cassian se virou para encontrar Eris fechando a porta da frente e se inclinando sobre ela.

Seu rosto estava pálido sob a luz da lua. — O que você sabe? — Tão pouco quanto você.

— Cassian disse, oferecendo uma verdade que ele esperava ser considerada um engano aos olhos de Eris. Eris inalou a brisa noturna.

Então sorriu. — Ela não podia se incomodar em entrar e dizer Olá? Como ele havia detectado o cheiro remanescente de Mor, Cassian não sabia. Talvez Eris e seus cães de fumaça tivessem mais em comum do que ele pensava. — Ela não sabia que você estava aqui. Uma mentira.

Mor provavelmente havia sentido.

Ele iria poupá-la de voltar aqui, e faria Rhys buscá-lo.

Ele voaria em direção ao norte por algumas horas, até que estivesse sob o alcance do poder de Rhys, e então mandaria um pensamento em direção a ele. O

cabelo vermelho e longo de Eris se moveu ao vento. — O que quer que seja que você esteja fazendo, o que quer que seja que está investigando, eu quero participar. — Por que? E não. — Porque eu preciso da vantagem que Briallyn tem, o que Koschei disse a ela ou mostrou. — Para derrubar seu pai. — Porque meu pai já prometeu suas forças a Briallyn e a guerra que ela deseja incitar.

Cassian parou.

— O que? O rosto de Eris se encheu de divertimento frio. — Eu queria sentir Vassa e Jurian.

— ele não mencionou o irmão, estranhamente.

— Mas eles claramente não sabem muito sobre o que está acontecendo. —

Explique o que quer dizer com Beron prometendo suas forças a Briallyn. —

Exatamente o que parece.

Ele descobriu sobre as ambições dela, e foi até seu palácio um mês atrás para encontrá-la.

Eu fiquei aqui, mas enviei meus melhores soldados com ele. Cassian se absteve de falar sobre a opção de Eris de se manter fora, especialmente depois das suas últimas palavras se assentarem. — Esses não seriam os mesmos soldados que desapareceram, seriam? Eris concordou, gravemente. — Eles retornaram com meu pai, mas estavam... distantes.

Indiferentes e estranhos.

Eles desapareceram logo em seguida, e meus cães confirmaram que os cheiros na cena são os mesmos que estão nos presente que Briallyn enviou para ganhar o favor de meu pai. — Você

sabia que era ela todo esse tempo? — Cassian acenou para a casa e as três pessoas lá dentro. — Você não achou que eu iria apenas espalhar essa informação, achou? Eu precisava que Vassa confirmasse que Brillyan poderia fazer algo desse tipo. — Por que Brillyan iria se aliar com seu pai apenas para sequestrar seus soldados? — É o que eu gostaria de descobrir. —

O que Beron disse? — Ele não tem conhecimento disso.

Você sabe da minha relação com meu pai. E essa aliança profana que ele fez com Briallyn vai apenas prejudicar a nós. Todos nós.

Vai se tornar uma guerra feérica por controle.

Então quero encontrar respostas sozinho, ao invés de aceitar o que meu pai tenta me entregar como verdade. Cassian analisou o macho, seu rosto sério. — Então tiramos o seu pai. Eris bufou, e Cassian sentiu um arrepio. — Eu sou o único para quem meu pai expôs sua nova aliança.

Se a Corte Noturna se mover, vai me expor. — Então sua preocupação com a aliança de Brillyan com Beron é sobre o que significa para você, e não para o resto de nós. — Eu apenas desejo defender a Corte Outonal de seus piores inimigos. — Por que eu iria trabalhar com você nisso? — Porque somos, de fato, aliados.

— O sorriso de Eris se tornou feroz.

— E porque eu não acredito que seu Grão-Senhor desejaria que eu fosse a outros territórios para pedir a eles ajuda contra Briallyn e Koschei.

Para lembrá-los que, para garantir a aliança de Briallyn, o necessário seria apenas entregar uma certa irmã Archeron.

Não seja estúpido o suficiente para acreditar que meu pai já não tenha pensado nisso, também. A raiva de Cassian o fez ver vermelho.

Ele já havia revelado essa fraqueza mais cedo.

Deixou Eris ver o quanto Nestha significava, e o que ele faria para defendê-la.

Idiota, ele se xingou.

Estúpido, inútil idiota. — Eu poderia matá-lo agora mesmo e não precisar me preocupar com isso. — Cassian refletiu. Ele tinha gostado de bater no macho naquela noite no gelo com Feyre e Lucien.

E ele havia esperado séculos para matá-lo, de qualquer forma. — Então você certamente teria uma guerra em suas mãos.

Meu pai iria direto a Briallyn, e Koschei, suponho, e então iria aos outros territórios descontentes, e você seria apagado no mapa.

Talvez literalmente, considerando que a Corte Noturna seria dividida entre os outros territórios se Rhysand e Feyre morressem sem um herdeiro. Cassian cerrou a mandíbula. — Então você será meu aliado quer eu queira ou não? — O

bruto compreende, finalmente.

— Cassian ignorou a farpa.

— Sim.

O que você sabe, eu quero saber.

Eu irei notificá-lo de qualquer movimento da parte de meu pai no que se refere a

Briallyn.

Então envie seu encantador de sombras.

E quando ele retornar, me encontre. Cassian o encarou debaixo de suas sobrancelhas franzidas.

A boca de Eris se virou para cima, e antes que ele atravessasse pela noite como um fantasma, ele disse: — Fique lutando nas batalhas, General.

Deixe a estratégia para aqueles capazes de jogar o jogo.

CAPÍTULO

8

Nestha não se deu ao trabalho de ir para a adega.

Ou para a cozinha. Estariam trancados. Mas ela sabia onde estavam as escadas.

Sabia que aquela porta em particular, pelo menos, não estaria trancada. Ainda rosnando, Nestha escancarou a pesada porta de carvalho e espreitou pela escadaria íngreme e estreita.

Uma escadaria em espiral.

Cada um com um pé de altura. Dez mil degraus, girando e girando e girando.

Apenas a ocasional janela cortada para oferecer uma lufada de ar e um vislumbre de progresso. Dez mil degraus entre ela e a cidade - e no mínimo uma caminhada de quase um quilômetro desde o topo da montanha até a taberna mais próxima. E

lá esperando, o abençoado esquecimento. Dez mil degraus. Ela não era mais humana.

Este corpo de Grã-feérica conseguiria fazer isso. Ela conseguiria fazer isso. Ela não conseguiria fazer isso. A tontura a atingiu

primeiro.

Girando continuamente, olhos pontados para baixo para evitar um deslize que a mataria, fazendo sua cabeça girar. Seu estômago vazio se agitou. Mas ela se concentrou, contando cada passo. Setenta.

Setenta e um.

Setenta e dois. A cidade abaixo mal se aproximava pelas ocasionais janelas com fendas pelas quais ela passava. Suas pernas começaram a tremer; seus joelhos gemeram com o esforço de mantê-la em pé, equilibrando-se na queda íngreme de cada passo. Nada além de sua própria respiração e o som de seus passos arrastados enchiam o espaço estreito.

Tudo o que ela podia ver era o arco perfeito e infinitamente curvado da parede à frente.

Nunca se alterando, exceto por aquelas janelas raras e minúsculas. Girando e girando e girando e girando. Oitenta e seis, oitenta e sete. Para baixo e para baixo e para baixo e para baixo. Cem. Ela parou, sem janela à vista, e as paredes empurraram, o chão continuou se movendo. Nestha encostou-se na parede de pedra vermelha, deixando sua testa absorver a frieza da pedra.

Respirou. Faltavam nove mil e novecentos passos. Apoiando a mão na parede, ela retomou a sua descida. Sua cabeça girou novamente.

Suas pernas tremeram. Ela deu mais onze passos antes de seus joelhos dobrarem tão repentinamente que ela quase escorregou.

Apenas sua mão apoiada contra a parede irregular a impediu de apagar. A escada girou e girou e girou, e ela fechou os olhos contra a sensação. Sua respiração irregular ricocheteou nas pedras.

E no silêncio, ela não tinha defesas contra o que sua mente sussurrava.

Ela não conseguia calar as palavras finais do pai para ela. Amei você desde o primeiro momento que a segurei nos braços... Por favor, ela havia implorado ao Rei de Hybern.

Por favor. Ele quebrou o pescoço de seu pai de qualquer maneira. Nestha cerrou os dentes, soprando respiração após respiração.

Ela abriu os olhos e esticou a perna para dar mais um passo. Tremia tanto que ela não ousou fazê-lo. Ela não se permitiu pensar nisso, enfurecer-se por isso,

enquanto se virava. Nem mesmo se permitiu sentir a derrota.

Suas pernas protestaram, mas ela as forçou a subir.

Para longe. Girando e girando novamente. Subindo e subindo, cento e onze degraus. Ela estava quase engatinhando nos últimos trinta, incapaz de respirar, o suor acumulando-se no corpete do vestido, o cabelo grudado no pescoço úmido.

Quais eram as porras dos benefícios de se tornar Grã-Feérica se ela não aguentava isso? As orelhas pontudas, ela aprendeu a gostar.

O ciclo menstrual infrequente, que Feyre avisou que seria doloroso, na verdade tinha sido uma bênção, algo com que Nestha ficava feliz em se preocupar apenas duas vezes por ano.

Mas de que adiantava isso - tudo isso- se ela não conseguia conquistar essas escadas? Ela manteve os olhos fixados em cada passo, ao invés da parede torcida e a sensação vertiginosa que isso trazia. Essa Casa odiosa.

Esse lugar horrível. Ela grunhiu quando a porta de carvalho no topo da escada ficou finalmente visível. Com os dedos cravando nos degraus com força o suficiente para que as pontas latissem de dor, ela se arrastou pelos últimos, deslizando de barriga para o chão do corredor. Dando de cara com Cassian, sorrindo maliciosamente enquanto se encostava na parede adjacente. Cassian havia precisado de um tempo para si mesmo antes de vê-la novamente. Ele atualizou Rhys e os outros imediatamente ao retornar; eles tinham recebido a notícia com rostos severos e sombrios.

No final, Azriel estava se preparando para alguma verificação sobre Briallyn enquanto Amren ponderava quais poderes ou recursos a rainha e Koschei poderiam possuir, se eles realmente tivessem capturado os soldados de Eris tão facilmente. E então Cassian recebeu uma nova ordem: fique de olho em Eris.

Além do fato de que ele se aproximou de você.

Rhys havia dito.

Você é meu general. Eris comanda as forças de Beron.

Esteja em comunicação com ele.

Cassin começou a protestar, mas Rhys direcionou um olhar a Azriel, e Cassian desistiu.

Az já tinha muito para se preocupar.

Cassian conseguiria lidar com aquele pedaço de merda do Eris sozinho. Eris quer evitar uma guerra que o exponha.

Feyre ponderou.

Se Beron ficar do lado de Briallyn, Eris seria forçado a escolher entre seu pai e Prythian. O cuidadoso equilíbrio que ele atingiu ao jogar dos dois lados iria desmoronar.

Ele quer agir quando for conveniente para seus planos.

E esse conflito está ameaçando isto. Mas ninguém foi capaz de decidir qual era a maior ameaça para eles: Briallyn e Koschei, ou a vontade de Beron de se aliar a eles.

Enquanto a Corte Noturna estava tentando tornar a paz permanente, o bastardo estava fazendo o seu melhor para começar outra guerra. Depois de um jantar excepcionalmente quieto, Cassian voou de volta para a Casa.

E encontrou a porta de carvalho para as escadas aberta, com o cheiro de Nestha no local. Então ele esperou.

Contou os minutos. Tinha valido a pena. Vendo-a se arrastar até a entrada, ofegante, os cabelos ondulando com o suor escorrendo pelo seu rosto - valeu completamente o seu dia de merda. Nestha ainda estava esparramada no chão do corredor quando ela sibilou: — Quem projetou aquelas escadas era um monstro.

— Você acreditaria que Rhys, Az e eu tínhamos que subir e descer elas como punição quando éramos meninos? Seus olhos brilharam com irritação.

Melhor do que o gelo vazio.

— Por que? — Porque éramos jovens e estúpidos, e testávamos os limites com um Lorde Supremo que não entendia piadas sobre nudez pública.— Ele acenou com a cabeça em direção às escadas.

— Fiquei tão tonto na descida que vomitei em Az.

Ele então vomitou em Rhys, e Rhys vomitou em si mesmo. Era o auge do verão e, na hora em que subimos de volta, o calor estava insuportável, todos cheirávamos mal, e o cheiro do vômito nas escadas havia se tornado horrível.

Todos nós vomitamos novamente enquanto caminhávamos pela escadaria. Ele poderia jurar que os cantos da boca dela estavam tentando se contrair para cima.

Ele não conteve o sorriso com a memória.

Mesmo que eles ainda tivessem que subir e descer tudo de novo para limpar.

Cassian perguntou: — Em que degrau você chegou? — Cento e onze.

— Nestha não se levantou. — Patético. Seus dedos empurraram no chão, mas seu corpo não se moveu.

— Esta casa estúpida não quis me dar vinho. — Imaginei que essa seria a sua única motivação para fazer você arriscar dez mil degraus. Seus dedos cravaram no chão de pedra mais uma vez. Ele deu a ela um sorriso torto, feliz pela distração.

— Você não consegue se levantar, não é? Seus braços se esticaram, os cotovelos se dobraram.

— Voe para algum monte. Cassian empurrou a parede e a alcançou em três passos.

Ele colocou as mãos sob seus braços e puxou-a para cima. Ela fez uma careta para ele o tempo todo.

Encarou-o mais ainda quando ela cambaleou e ele a agarrou com mais força, mantendo-a de pé. — Eu sabia que você estava fora de forma — observou ele, afastando-se quando ela provou que não estava prestes a desmaiar — Mas cem degraus? Sério? — Duzentos, contando a volta.

— ela resmungou. — Ainda patético. Ela endireitou a coluna e ergueu o queixo.

Continue estendendo a mão. Cassian deu de ombros, virando-se para o corredor e para a escada que o levaria até seus aposentos.

— Se você se cansar de ser fraca como um gatinho chorão, venha treinar.

— Ele olhou por cima do ombro.

Nestha ainda ofegava, seu rosto estava vermelho e furioso.

— E participe. Nestha se sentou na mesa do café da manhã, grata por ter deixado seu quarto logo após o nascer do sol para fazer a caminhada até a sala de jantar.

Levou o dobro do tempo que normalmente levaria, graças às pernas rígidas e latejantes. Sair da cama exigiu dentes cerrados e uma ladainha de xingamentos.

Tudo só piorou depois disso.

Dobrar as pernas para colocá-las nas calças, ir ao banheiro, até mesmo abrir a porta.

Não havia uma única parte das suas pernas que não doíam. Então, ela saiu do quarto cedo, não querendo dar a Cassian a satisfação de vê-la mancar e fazer careta até a sala de jantar. O problema, claro, era que agora ela não tinha certeza se conseguiria ficar de pé. Então ela demorou muito enquanto comia sua refeição.

Estava engolindo o mingau quando Cassian entrou pelas portas da sala de jantar, deu uma olhada para ela e sorriu. Ele sabia.

De alguma forma, o idiota arrogante sabia. Ela teria quebrado alguma coisa, talvez, mas Azriel entrou na sala atrás dele.

Nestha se endireitou com a aparição do encantador de sombras, a escuridão agarrada ao seu ombro quando ele a ofereceu um

pequeno sorriso. Azriel era simplesmente lindo.

Mesmo com aquelas mãos com cicatrizes e as sombras que fluíam como fumaça,

ela sempre o achou o mais bonito dos três homens que se diziam irmãos. Cassian deslizou para a cadeira em frente à dela, com sua comida aparecendo instantaneamente depois, e disse com alegria áspera: — Bom dia, Nestha. Ela lançou-lhe um sorriso igualmente meloso.

— Bom dia, Cassian. Os olhos castanhos de Azriel dançaram, mas ele não disse nada enquanto tomava graciosamente seu lugar ao lado de Cassian, um prato com sua própria comida aparecendo. — Faz um tempo que não te vejo.

— Nestha disse a ele.

Ela não conseguia se lembrar da última vez, na verdade. Azriel deu uma mordida nos ovos antes de responder— Digo o mesmo — O encantador de sombras acenou com a cabeça em direção às suas roupas. — Como está o treinamento?

— Cassian lançou-lhe um olhar penetrante. Nestha olhou entre eles.

De jeito nenhum Azriel não sabia sobre ontem. Cassian provavelmente também havia se regozijado com o incidente com as escadas. Ela tomou um gole de chá.

— O treinamento está fantástico.

Absolutamente fascinante. A boca de Azriel se curvou no canto — Espero que você não esteja dando muito trabalho para o meu irmão. Ela abaixou a xícara de chá.

— Isso é uma ameaça, Encantador de Sombras? Cassian deu um longo gole em seu próprio chá.

Drenando até a última gota. Azriel disse friamente: — Não preciso recorrer a ameaças.

— As sombras dançaram em torno dele, como cobras prontas para atacar. Nestha deu-lhe um sorriso, mantendo seu olhar.

— Nem eu. Ela se recostou na cadeira e disse a Cassian, que estava franzindo para ambos: — Eu quero treinar com ele em vez de você. Ela poderia jurar que Cassian ficou imóvel.

Interessante. Azriel tossiu no seu chá. Cassian tamborilou os dedos na mesa —

Acho que você vai descobrir que Az é ainda menos indulgente do que eu. —

Com esse rosto bonito? — ela murmurou — Acho difícil acreditar. Azriel abaixou a cabeça, concentrando-se na sua comida. — Você quer treinar com Az

— disse Cassian com firmeza — então vá em frente — Ele pareceu pensativo por um momento, seus olhos brilhando antes de acrescentar: — Embora eu duvide que você sobreviva a uma aula com ele, não quando você não consegue descer cem degraus sem estar tão dolorida na manhã seguinte ao ponto de não ser capaz de levantar da cadeira. Ela apoiou os pés no chão.

Ele lia cada tom de dor em seu rosto se ela se levantasse, mas deixá-lo ver que estava certo... Azriel estudou os dois quando ela plantou as mãos na mesa, segurou um ganido de dor e se levantou apressadamente. Cassian enfiou mais ovos na boca e disse em volta deles: — Não conta quando você usa as mãos para fazer a maior parte do trabalho. Nesta instruiu seu rosto para um total desdém, mesmo enquanto um silvo crescia dentro dela — Aposto que não é o que você tem dito a si mesmo à noite. Os ombros de Azriel tremeram em risada silenciosa quando Cassian largou o garfo, seus olhos brilhando com desafio. A voz de Cassian caiu uma oitava — É isso que aqueles

livros obscenos te ensinam? Que é só à noite? Demorou um segundo para as palavras fazerem sentido.

E ela não conseguiu impedir a reação, o calor que subiu ao seu rosto, o seu olhar para as mãos poderosas dele.

Mesmo com Azriel agora mordendo o lábio para não rir, ela não conseguia se conter. Cassian disse com um sorriso malicioso: — Pode ser a qualquer hora - à primeira luz do amanhecer, ou quando estou tomando banho, ou mesmo depois de um longo e duro dia de prática. Ela não perdeu a ligeira ênfase que ele colocou em longo e duro. Nestha não conseguiu impedir os dedos dos pés de se enrolarem em suas botas.

Mas ela disse com um leve sorriso, caminhando para a porta, recusando-se a deixar qualquer desconforto em suas pernas doloridas à mostra: — Parece que você tem muito tempo livre, Cassian. — Você está fodido, — disse Azriel suavemente para ele na varanda fria, enquanto Nestha colocava sua capa dentro da casa. — Eu sei — murmurou Cassian.

Ele não tinha ideia de como isso tinha acontecido: como ele passou de zombar de Nestha para zombar dela com seus próprios hábitos no quarto.

Em seguida, imaginar a mão dela em volta dele, bombeando-o, até que ele estivesse a um segundo de explodir da cadeira e pular para o céu. Ele sabia que Az estava bem ciente da mudança em seu cheiro.

Como sua pele tinha ficado muito tensa com o jeito que ela disse seu nome, seu pau uma dor insistente esfregando contra os botões de sua calça. Ele poderia contar em uma mão o número de vezes que ela se dirigiu a ele pelo nome. O

pensamento daquela mão o levou de volta para a mão dela, apertando-o com força e sem gentileza, do jeito que ele gostava. Cassian cerrou os dentes e respirou o ar fresco da manhã.

Desejou que o acalmasse.

Focou-se na doce canção do vento matinal.

O vento ao redor de Velaris sempre foi adorável, gentil.

Não como a rajada cruel e implacável que governava os picos da Ilíria. Azriel riu, o vento movendo as mechas de seu cabelo escuro.

— Vocês dois precisam de uma dama de companhia aqui? Sim.

Não.

Sim.

— Eu pensei que você fosse a dama de companhia. Az deu a ele um sorriso malicioso.

— Não tenho certeza se sou o suficiente. Cassian mostrou-lhe o dedo do meio —

Boa sorte hoje. Azriel partiria em breve para começar a espionar Briallyn —

Feyre tinha decidido ontem à noite — embora Rhys tivesse pedido a Cassian para olhar para as rainhas humanas, o subterfúgio cairia para Az. Os olhos castanhos de Azriel brilharam.

Ele apertou o ombro de Cassian, sua mão um peso quente contra o frio — Boa sorte para você também. Cassian não sabia porque pensou que Nestha entraria no ringue com ele hoje.

Ela sentou sua bunda exatamente na mesma pedra do dia anterior e não se moveu. Quando Mor apareceu para atravessá-los para o acampamento, ele já havia conseguido obter controle suficiente sobre si mesmo para parar de pensar sobre como

seriam as mãos de Nestha e começou a considerar o que cobririam hoje.

Ele havia pensado em manter a lição por uma hora, então deixá-la na antiga casa da mãe de Rhys enquanto ele fazia uma verificação padrão de como estava a reconstrução de fileiras dos bandos de guerra Illyrianos. Ele não mencionaria que eles poderiam estar voando para a batalha em breve, dependendo do que Az descobrisse. Ele também não disse a Nestha nenhuma dessas informações.

Especialmente sobre Eris.

Ela havia deixado seu desprezo pelos reinos feéricos perfeitamente claro.

E ele não daria a ela mais uma arma verbal para empunhar contra ele, já que ela provavelmente veria a verdade, e perceberia que ele sabia que todos esses esquemas e planos políticos estavam muito além de suas habilidades. Ele também não se permitiu considerar se era sensato deixá-la sozinha aqui, mesmo por uma hora. — Então, voltamos a isso? — Cassian perguntou, ignorando como cada idiota no acampamento o observava.

Observava a eles.

A ela. Nestha cutucou as unhas, mechas de seu cabelo trançado flutuando livremente com o vento.

Ela havia se curvado sobre os joelhos, mantendo o corpo o mais compacto possível. Ele disse — Você pararia de sentir tanto frio se se levantasse e se mexesse. Ela apenas dobrou um tornozelo sobre o outro. — Se você quiser se sentar nessa pedra e congelar pelas próximas duas horas, vá em frente. — Tudo bem. — Tudo bem. — Tudo bem. — Boa, Nes.

— Ele deu a ela um sorriso zombeteiro que ele sabia que a fazia ver vermelho, e caminhou até o centro da área de prática.

Ele parou em seu centro, permitindo que sua respiração assumisse o controle.

Quando ela não respondeu, ele se deixou cair naquele lugar calmo e estável em sua mente, deixou seu corpo começar a série de movimentos que ele executou por cinco séculos direto. Os passos iniciais eram para lembrar seu corpo de que estava prestes a começar a funcionar.

Se alongando e respirando, concentrando-se em tudo, desde os dedos dos pés até a ponta das asas.

Acordando tudo. Ficava mais difícil a partir daí. Cassian cedeu ao instinto, ao movimento e à respiração, apenas vagamente consciente da fêmea observando daquela rocha. Continue estendendo a mão. Cassian estava sem fôlego quando terminou, uma hora depois.

Nestha, para sua satisfação, estava imóvel com frio. Mas ela não havia ido para outro lugar.

Não havia sequer se mexido durante seus exercícios. Enxugando o suor da testa, ele notou que os lábios dela tinham adquirido um tom azulado.

Inaceitável. Ele indicou a casa da mãe de Rhys — Vá esperar lá.

Tenho negócios a tratar. Ela não se mexeu. Cassian revirou os olhos — Ou você fica sentada aqui pela próxima hora ou pode entrar e se aquecer. Ela não era teimosa a esse ponto — ou era? Felizmente, uma rajada de vento gelado atingiu o acampamento naquele exato momento, e Nestha começou a se mover em direção à casa. Seu interior era realmente quente, com um fogo crepitante na lareira fuliginosa que ocupava grande parte da sala principal.

Feyre ou Rhys devem ter acordado a casa para eles.

Ele segurou a porta para Nestha enquanto ela entrava, já esfregando as mãos.

Lentamente, Nestha examinou o espaço: a mesa da cozinha diante das janelas, a pequena saleta que ocupava a outra metade da sala, a escada estreita que levava

ao corredor exposto do andar de cima e aos dois quartos além.

Um desses quartos era seu desde a infância - o primeiro quarto, a primeira noite dentro de uma casa, que havia tido na vida. Esta casa foi o primeiro lar verdadeiro que ele teve.

Ele conhecia cada arranhão e lasca, cada dente e marca de queimadura, tudo preservado com magia.

Ali, o buraco na base da grade - foi onde ele quebrou a cabeça quando Rhys o derrubou durante uma de suas incontáveis brigas.

Ali, aquela mancha no velho sofá vermelho: foi quando ele derramou sua cerveja enquanto os três estavam completamente bêbados em sua primeira noite sozinhos nessa casa aos dezesseis anos - a mãe de Rhys tinha partido para Velaris por uma rara visita a seu parceiro - e Cassian estava muito bêbado para saber como limpá-lo.

Até mesmo Rhys, oscilando com a combinação de cerveja e licor, não conseguiu remover a mancha, sua magia acidentalmente eternizando-a em vez de tirá-la.

Eles reorganizaram as almofadas para escondê-las de sua mãe quando ela voltou na manhã seguinte, mas ela viu imediatamente. Talvez tivesse algo a ver com o fato de que eles ainda estavam bêbados, dedurados pelos soluços implacáveis de Az. Cassian acenou com a cabeça para a mesa da cozinha — Já

que você é tão boa em sentar, por que não se acomoda? Quando ela não respondeu, ele se virou para encontrar Nestha em pé na frente da lareira, os braços firmemente cruzados, a luz bruxuleante dançando em seu lindo cabelo.

Ela não olhou para ele. Ela sempre ficava de pé com aquela imobilidade.

Mesmo como humana. Isso só foi amplificado quando se tornou Grã-Feérica.

Nestha olhou para o fogo como se murmurasse para aquela alma ardente dela. —

O que você está olhando? — ele perguntou. Ela piscou, parecendo perceber que ele ainda estava lá. Uma tora no fogo crepitou, e ela se encolheu. Não com surpresa, ele notou, mas com pavor.

Medo. Ele olhou para ela e para o fogo.

Para onde ela havia ido, por aqueles poucos momentos? Que horror ela estava revivendo? Seu rosto havia empalidecido.

E as sombras escureciam seus olhos cinza-azulados. Ele conhecia aquela expressão.

Tinha visto e sentido tantas vezes que havia perdido a conta. — Há algumas lojas na aldeia — ele ofereceu, de repente desesperado por qualquer coisa para remover aquele vazio dela.

— Se você não quiser se sentar aqui, pode visitá-las. Nestha não disse nada.

Então ele deixou quieto, e saiu da casa em silêncio.

CAPÍTULO

Nestha entrou na pequena loja e o calor a atingiu.

O sino acima da porta tocou enquanto ela entrava. O chão era de pinho fresco, todo polido e brilhante, um balcão combinando ocupava o fundo, uma porta aberta atrás dele revelando uma sala posterior. Roupas tanto para machos como para fêmeas ocupavam o espaço, algumas expostas em manequins, outras dobradas ordenadamente ao longo de mesas de exposição. Uma fêmea de cabelo escuro apareceu do outro lado do balcão, o seu cabelo trançado para trás brilhando nas luzes.

O seu rosto era impressionante — elegante e afiado, contrastando com a sua boca carnuda.

Os seus olhos oblíquos e a sua pele castanha clara sugeriam uma herança de outra região, talvez um antepassado recente da Corte Crepuscular.

A luz naqueles olhos era direta.

Clara. — Bom dia — disse a fêmea, a sua voz sólida e franca.

— Posso ajudá-la? Se ela reconheceu Nestha, não deixou transparecer.

Nestha gesticulou para ela com o seu couro de combate. — Estava à procura de algo mais quente que isto.

O frio passa por ele. — Ah — disse a fêmea, olhando de relance para a porta e para a rua vazia além.

Preocupada que alguém a pudesse ver aqui dentro? Ou à espera de outro cliente?

— Os guerreiros são todos tão tolos orgulhosos, que nunca reclamam que os couros são frios.

Alegam que os mantêm perfeitamente quentes. — São decentemente quentes —

confessou Nestha, uma parte sua sorrindo à maneira como a fêmea tinha dito tolos orgulhosos.

Como se ela partilhasse o instinto de Nestha de não se impressionar com os machos no acampamento.

— Mas o frio ainda me atinge. — Hmmm — a fêmea contornou a divisória do balcão, entrando na sala de exposições propriamente.

Ela examinou Nestha da cabeça aos pés.

— Eu não vendo material de combate, mas pergunto-me se conseguiríamos couros revestidos de lã — ela acenou com a cabeça para a rua.

— Com que frequência treina? — Eu não estou treinando.

Eu estou...

— Nestha lutou pelas palavras certas. Honestamente, o que ela estava fazendo era ser uma miserável idiota.

— Estou assistindo — disse ela com uma tonalidade patética. — Ah — os olhos da fêmea brilharam.

— Trazida aqui contra a sua vontade? Não era da conta dela.

Mas Nestha disse — Parte dos meus deveres para a Corte Noturna. Ela queria ver se a fêmea se intrometeria, para ver se ela realmente não a conhecia.

Se ela a julgaria por ser um miserável desperdício de vida. A fêmea inclinou a

sua cabeça, a trança escorregando sobre o ombro do seu simples vestido feito em casa.

Suas asas se contorceram, o movimento atraindo o olhar de Nestha.

Cicatrizes desciam por elas - o que não era habitual para os feéricos.

Azriel e Lucien eram dois dos poucos que tinham cicatrizes, ambos de traumas tão terríveis que Nestha nunca se atreveu a pedir detalhes.

Para que esta fêmea as tivesse também... — As minhas asas foram cortadas —

disse a fêmea.

— O meu pai era um... macho tradicional.

Ele acreditava que as mulheres deviam servir às suas famílias e ficar confinadas às suas casas.

Eu discordava.

Ele ganhou, no final. Palavras curtas e afiadas.

A mãe de Rhys, Feyre tinha dito-lhe uma vez, quase tinha sido condenada a tal destino.

Apenas a chegada do pai dele tinha impedido que o corte tivesse ocorrido.

Ela tinha sido revelada como sua parceira, e suportou a união miserável principalmente por gratidão pelas suas asas ilesas. Ninguém, ao que parecia, tinha estado lá para salvar esta fêmea. — Sinto muito — Nestha mudou seu peso de um pé para o outro.

A fêmea gesticulou com uma mão magra. — Agora não tem consequências.

Esta loja mantém-me tão ocupada que tem dias que esqueço que alguma vez poderia voar, em primeiro lugar. — Nenhum curandeiro pode repará-las? — seu rosto se contraiu, e Nestha lamentou a pergunta. — É extremamente complexo; todos os músculos, nervos e sentidos de ligação.

Com a exceção do Grão-Senhor da Crepuscular, não tenho certeza se alguém conseguiria lidar com isso. Thesan, Nestha recordou, era um mestre da cura —

Feyre carregava seu poder nas veias.

Tinha oferecido o usar para curar Elain do seu estupor depois de ter sido transformada em Grã-Feérica. Nestha bloqueou a memória daquele rosto pálido, dos olhos castanhos vazios. — De qualquer forma, — disse a fêmea rapidamente

— posso fazer perguntas aos meus fornecedores sobre se os couros poderiam ser mais quentes.

Pode demorar algumas semanas, possivelmente um mês, mas enviarei notícias assim que souber. — Está bem.

Obrigada — Um pensamento ressoou em Nestha.

— Eu... Quanto vai custar? — ela não tinha dinheiro. — Trabalha para o Grão-Senhor, não trabalha? — a fêmea voltou a inclinar a cabeça.

— Posso enviar a conta para Velaris. — Eles...

— Nestha não queria admitir quão baixo tinha caído, não para esta desconhecida.

— Na verdade, não preciso das roupas mais quentes. — Pensei que Rhysand pagava bem a todos. — Ele paga, mas eu estou...

— muito bem.

Se a fêmea podia ser rude, ela também podia.

— Fui cortada. A curiosidade inundou os olhos da fêmea. — Por quê? — Nestha enrijeceu. — Não te conheço o bastante para te dizer isso.

— a fêmea encolheu os ombros. — Certo.

Ainda posso fazer as perguntas.

Faça um preço para si.

Se está com frio lá fora, não deveria sofrer.

— ela acrescentou pontualmente: — Não importa o que o Grão-Senhor possa pensar. — Eu acho que ele preferiria que Cassian me jogasse daquele penhasco.

A fêmea bufou.

Mas ela estendeu uma mão em direção a Nestha. — Eu sou Emerie.

— Nestha pegou sua mão, surpreendida ao encontrar seu aperto como ferro. —

Nestha Archeron. — Eu sei — disse Emerie, soltando a mão de Nestha.

— Você matou o Rei de Hybern. — Sim.

— não havia como negar esse fato.

E ela não podia mentir que não era nem um pouco presunçosa sobre isso. —

Bom — o sorriso de Emerie era uma coisa de beleza perigosa.

Ela disse novamente — Bom. Havia aço nesta fêmea.

Não apenas em sua coluna e queixo retos, mas em seus olhos. Nestha se virou para a porta e esperou com frio, sem saber o que fazer com a aprovação nua do que tantos outros haviam considerado com admiração, medo ou dúvida. —

Obrigada por sua ajuda. Tão estranho, falar palavras educadas e normais.

Estranho querer oferecê-las, e a ninguém menos que uma estranha. Machos e fêmeas, crianças correndo entre eles, olharam para Nestha quando ela saiu para a rua.

Alguns apressaram seus filhos.

Ela encontrou seus olhares com uma fria indiferença. Tem razão em esconder seus filhos de mim, ela queria dizer.

Eu sou o monstro que vocês temem. — A mesma tarefa de ontem? — Nestha perguntou à Clotho como forma de saudação, ainda meio arrepiada do acampamento do qual ela havia partido apenas dez minutos antes. Cassian mal tinha falado ao voltar para a casa da mãe de Rhysand, seu rosto esticado com o

que quer que tivesse lidado nas outras aldeias illyrianas, e Morigan tinha ficado com a mesma cara de azedo quando ela apareceu para atravessá-los de volta à Casa do Vento.

Cassian havia largado Nestha na varanda de pouso sem sequer um adeus antes de se deslocar para onde Mor se transportou.

Em segundos, ele estava carregando a bela loira pelo vento forte. Não deveria tê-la incomodado — vê-lo voando com outra fêmea em seus braços.

Uma pequena parte dela sabia que não era remotamente justo sentir aquela irritação pela proximidade à vista.

Ela o havia afastado repetidamente, e ele não tinha motivos para acreditar que ela o desejaria de outra forma.

E ela sabia que ele tinha uma história com Morrigan, que eles tinham sido amantes há muito tempo. Ela havia se virado daquela visão, entrando na Casa e passando pela sala de jantar, onde encontrou uma tigela de algum tipo de sopa de porco e feijão esperando.

Uma oferta silenciosa e atenciosa. — Não estou com fome.

— ela havia dito à casa antes de descer para a biblioteca. Agora ela esperava enquanto Clotho escrevia uma resposta e entregava um pedaço de papel. Nestha leu, Há livros para serem colocados na prateleira do Nível Cinco. Nestha espreitou por cima do corrimão ao lado da mesa de Clotho, contando silenciosamente.

Cinco estava...

muito abaixo.

Não dentro do primeiro anel da verdadeira escuridão, mas pairando na escuridão acima deste. — Nada mais vive lá embaixo, certo? Bryaxis não voltou? A caneta encantada de Clotho se moveu.

A segunda nota dizia, Bryaxis nunca fez mal a nenhum de nós. — Por quê? A

caneta riscou ao longo do papel.

Eu acho que Bryaxis teve pena de nós. Vimos nossos pesadelos se tornarem realidade antes de virmos para cá. Foi um esforço não olhar para as mãos deformadas de Clotho ou tentar perfurar as sombras sob seu capuz. A sacerdotisa acrescentou à nota, Posso atribuí-la a um nível superior. — Não — disse Nestha roucamente.

— Eu vou me virar. E assim foi.

Uma hora depois, seus couros cobertos de poeira, Nestha caiu em uma mesa de madeira vazia, precisando de uma pausa. A mesma tigela de sopa de porco e feijão apareceu sobre a mesa.

Ela espreitou para o teto distante. — Eu disse que não estou com fome. Uma colher apareceu ao lado da tigela.

E um guardanapo. — Isto definitivamente não é da sua conta. Um copo de água bateu ao lado da sopa. Nestha cruzou seus braços, encostando-se para trás na cadeira. — Com quem você está falando? A voz feminina leve fez Nestha se contorcer, enrijecendo ao encontrar uma sacerdotisa nas vestes de acólito, de pé entre as duas prateleiras mais próximas.

Seu capuz foi puxado para trás, e o brilho imortal dançou no castanho acobreado rico de seus cabelos lisos.

Seus grandes olhos azuis esverdeados eram tão claros e profundos quanto a pedra geralmente em cima do capuz de uma sacerdotisa, e sardas se espalhavam sobre seu nariz e bochechas, como se alguém as tivesse jogado com uma mão descuidada. Ela era uma jovem quase alegre, com seus membros esbeltos e elegantes. Grã-feérica, e ainda assim...

Nestha não conseguia explicar a maneira como sentia que havia algo mais misturado nela.

Algun segredo sob o rosto bonito. Nestha fez um gesto para a sopa e a água, mas elas tinham desaparecido. Ela fez uma careta para o teto, para a casa que

tinha coragem de incomodá-la e depois a fazer parecer uma lunática.

Mas ela disse para a sacerdotisa: — Eu não estava falando com ninguém.

— a sacerdotisa ergueu os cinco tomos em seus braços. — Você terminou por hoje? — Nestha olhou para o carrinho de livros que ela havia deixado sem classificação. — Não.

Eu estava fazendo uma pausa. — Você está trabalhando há apenas uma hora. —

Eu não percebi que alguém estava cronometrando — Nestha permitiu que cada pedacinho de desagrado aparecesse em seu rosto.

Ela já havia conversado com um estranho hoje, cumprindo sua cota de decência básica. Ser gentil com uma segunda pessoa estava além dela. A acólita permaneceu não intimidada. — Não é todos os dias que temos alguém novo em nossa biblioteca — ela jogou os livros no carrinho de Nestha.

— Estes podem ser arquivados. — Eu não atendo acólitos. A sacerdotisa se elevou até sua altura máxima, que era ligeiramente mais alta que a média para as fêmeas feéricas.

Um tipo de energia crepitante zumbia ao redor dela e o poder de Nestha resmungou em resposta. — Você está aqui para trabalhar — disse a acólita, a voz dela calma.

— E não apenas para Clotho. — Você fala de forma bastante informal de sua suma Sacerdotisa. — Clotho não reforça a hierarquia.

Ela nos encoraja a usar seu nome. — E qual é o seu nome? — ela certamente reclamaria com Clotho sobre a atitude desta acólita impertinente.

Os olhos da sacerdotisa brilhavam de diversão, como se estivesse ciente do plano de Nestha. — Gwyneth Berdara — inusitado, para estas feéricas usarem nomes de família.

Mesmo Rhys não usava um, até onde Nestha sabia.

— Mas a maioria me chama de Gwyn. No nível acima, duas sacerdotisas

caminharam pela grade em silêncio, cabeças encapuzadas e curvadas, e livros em seus braços.

No entanto, Nestha poderia ter jurado que uma delas vigiava.

Gwyn rastreou o foco de sua atenção. — Estas são Roslin e Deirdre. — Como você pode dizer? — com os capuzes colocados, elas pareciam quase idênticas, exceto por suas mãos. — Seus cheiros — disse Gwyn de forma simples, e se voltou para os livros que ela havia deixado no carrinho.

— Você planeja arquivá-los ou eu preciso levá-los para outro lugar? Nestha nivelou um olhar indiferente para ela.

Vivendo aqui embaixo, havia uma boa chance de que as sacerdotisas não soubessem quem ela era.

O que ela tinha feito.

Que poder ela carregava. — Eu vou fazer isso — disse Nestha através de dentes cerrados. Gwyn prendeu seu cabelo atrás de suas orelhas pontudas.

Sardas pontilhavam as mãos dela também, como pedaços de ferrugem salpicados. Se marcas de trauma permanecessem, qualquer evidência era escondida por seu manto. Mas Nestha sabia bem o quão invisíveis as feridas poderiam ser.

Como elas podiam cicatrizar tão profunda e gravemente quanto qualquer ferida física. E foi somente por esse lembrete que Nestha disse mais gentilmente: —

Vou fazer isso agora mesmo — talvez ela ainda tivesse um pouco de sua cota de decência.

Gwyn notou a mudança. — Eu não preciso de sua piedade. As palavras foram afiadas, tão claras quanto seus olhos azuis esverdeados. — Não foi piedade. —

Estou aqui há quase dois anos, mas não fiquei tão desconectada dos outros que não posso dizer quando alguém se lembra por que estou aqui e altera seu comportamento — a boca de Gwyn se comprimiu em uma linha. — Eu não preciso ser mimada.

Apenas tratada como uma pessoa. — Duvido que você vá gostar da maneira como falo com a maioria das pessoas — disse Nestha.

Gwyn bufou. — Tente. Nestha olhou para ela por baixo das sobancelhas novamente. — Sai da minha frente. Gwyn sorriu, um sorriso amplo e brilhante que mostrou a maioria de seus dentes e fez seus olhos brilharem de uma forma que Nestha sabia que seus próprios nunca haviam brilhado. — Oh, você é boa —

Gwyn se voltou para as pilhas.

— Realmente boa — ela desapareceu nas sombras. Nestha olhou além dela por um longo momento, se perguntando se ela teria imaginado tudo isso.

Duas conversas amigáveis em um dia.

Ela não tinha idéia de quando tal coisa havia ocorrido pela última vez. Outra sacerdotisa encapuzada passou por ela, e ofereceu a Nestha um aceno com o queixo em saudação. Silêncio se instalou ao redor dela, como se Gwyn tivesse sido uma tempestade de verão que explodiu e se evaporou em um momento.

Suspirando, Nestha reuniu os livros que Gwyn havia deixado no carrinho. Horas depois, empoeirada e exausta e finalmente faminta, Nestha ficou diante da mesa de Clotho e disse: — A

mesma história amanhã? Clotho escreveu, Você não está satisfeita com seu trabalho? — Eu ficaria se seus acólitos não mandassem em mim como um criada. Gwyneth mencionou que tinha cruzado com você antes.

Ela trabalha para Merrill, minha braço direito, que é uma erudita ferozmente exigente.

Se os pedidos de Gwyneth foram abruptos, foi devido à natureza urgente do trabalho que ela faz. — Ela queria que eu arquivasse seus livros, não que encontrasse mais. Outros estudiosos precisam deles.

Mas eu não estou no cargo de explicar o comportamento de meus acólitos.

Se você não gostou do pedido de Gwyneth, deveria ter dito.

Para ela. Nestha enrijeceu. — Eu disse.

Ela dá trabalho. Alguns poderiam dizer o mesmo de você. Nestha cruzou os

braços. — Alguns podem. Ela teria apostado que Clotho estava sorrindo debaixo de seu capuz, mas a sacerdotisa escreveu: Gwyneth, como você, tem sua própria história de bravura e sobrevivência.

Eu pediria que você lhe desse o benefício da dúvida. Um ácido que se assemelhou muito ao arrependimento queimou nas veias de Nestha.

Ela deixou isso de lado. — Anotado.

E o trabalho é bom. Clotho só escreveu: Boa noite, Nestha. Nestha se arrastou pelos degraus e entrou na Casa propriamente dita.

O vento parecia gemer pelos corredores, respondido apenas pelo estômago resmungão dela. A biblioteca privada estava misericordiosamente vazia quando ela passou pelas portas duplas, relaxando instantaneamente à vista de todos aqueles livros amontoados perto, o pôr-do-sol na cidade abaixo, o Sidra uma faixa viva de ouro.

Sentada na escrivaninha diante da parede de janelas, ela disse para a Casa: —

Tenho certeza de que você não vai fazer isso agora, mas eu gostaria daquela sopa. Nada.

Ela suspirou para o teto.

Fantástico. Seu estômago se torceu, como se fosse devorar seus órgãos se ela não comesse logo.

Ela acrescentou forçadamente: — Por favor. A sopa apareceu, um copo de água ao seu lado.

Seguiu-se um guardanapo e talheres de prata.

Um fogo rugia para crescer na lareira, mas ela disse rapidamente: — Nenhum fogo.

Não há necessidade. O fogo se transformou em nada, mas as luzes da sala brilharam mais forte. Nestha estava alcançando sua colher quando um prato de pão fresco e crocante apareceu.

Como se a Casa fosse uma mãe galinha agitada. — Obrigada — disse ela ao silêncio e começou a comer. As luzes tremeluziram uma vez, como se quisessem dizer: de nada.

CAPÍTULO

Nestha comeu até não conseguir enfiar mais nenhum pedacinho em seu corpo, servindo-se três vezes da sopa.

A Casa parecia mais do que feliz por fazê-la comer, e até tinha lhe oferecido uma fatia de bolo de chocolate duplo para terminar.
— Isso é aprovado por Cassian?

— Ela pegou o garfo e sorriu para o bolo suculento e cintilante.
— Certamente não é — disse ele da entrada, e Nestha se virou, fazendo careta.

Ele acenou em direção ao bolo.

— Mas vá em frente. Ela abaixou o garfo. — O que você quer? Cassian inspecionou a biblioteca da família. — Por que está comendo aqui? — Não é óbvio? Seu sorriso era um corte de branco. — A única coisa óbvia é que você está falando sozinha.
— Estou falando com a Casa.

Que é consideravelmente melhor do que falar com você. — Ela não fala de volta. — Exatamente. Ele bufou. — Eu mereci essa — Ele caminhou pela sala, olhando o bolo que ela ainda não havia tocado.

— Está mesmo...

falando com a Casa? — Você não fala com ela? — Não. — Ela me escuta —

Nestha insistiu. — Claro que escuta.

É encantada. — Até trouxe comida na biblioteca sem que eu pedisse. Suas sobrancelhas se levantaram. — Por quê? — Eu não sei como sua magia feérica funciona. — Você...

fez alguma coisa para fazê-la agir dessa maneira? — Se você está tirando uma página do livro de Devlon e perguntando se eu

fiz alguma bruxaria, a resposta é não. Cassian riu. — Não foi o que eu quis dizer, mas tudo bem.

A Casa gosta de você. Parabéns — Ela rosnou, e ele se inclinou sobre ela para pegar o garfo.

Ela ficou rígida com sua proximidade, mas ele nada disse ao dar uma mordida no bolo.

Ele soltou um gemido de prazer que viajou pelos ossos dela.

E depois deu outra garfada. — Isso era pra ser meu — ela resmungou, observando-o enquanto ele continuava a comer. — Então o tire de mim — disse ele.

— Uma simples manobra de desarmamento resolveria, considerando que meu centro de gravidade está desequilibrado e estou distraído com este bolo delicioso. Ela o olhou ameaçadoramente. Ele deu uma terceira mordida. — Estas são as coisas, Nes, que você aprenderia nas lições comigo.

Suas ameaças seriam muito mais impressionantes se você pudesse sustentá-las.

Ela tamborilou os dedos na mesa.

Olhou para o garfo em sua mão e se imaginou o apunhalando na coxa com ele.

— Você poderia fazer isso também — ele disse, lendo a direção de seu olhar.

— Eu poderia te ensinar a transformar qualquer coisa em uma arma. Até mesmo um garfo. Ela mostrou os dentes, mas Cassian apenas abaixou o garfo com precisão irritante e saiu, deixando o bolo comido pela metade para ela. Nestha leu o romance deliciosamente erótico que havia encontrado numa estante na

biblioteca privada até suas pálpebras ficarem tão pesadas que apenas sua vontade de ferro as mantinha abertas.

Então ela se arrastou até o corredor de seu quarto e desmoronou na cama, sem se incomodar em trocar as roupas antes de se esparramar no colchão. Ela acordou congelando na escuridão noturna, despertando-se o suficiente para despir os couros, e rastejou para debaixo dos lençóis, os dentes rangendo. Um momento depois, fogo acendeu-se na lareira. — Sem fogo.

— ela ordenou, e ele desapareceu de novo. Ela poderia ter jurado que uma curiosidade hesitante se enrolou à sua volta. Tremendo, ela esperou que os lençóis aquecessem a temperatura do seu corpo. Longos minutos se passaram, e então a cama aqueceu.

Não por seu próprio corpo nu, mas algum tipo de feitiço.

O próprio ar aqueceu também, como se alguém tivesse soprado um grande fôlego para o espaço. Seu tremor parou e ela aninhou-se no calor. — Obrigada.

— murmurou. A única resposta da Casa foi fechar as cortinas ainda abertas.

Quando pararam de balançar, ela já estava dormindo de novo. Elain havia sido roubada.

Por Hybern.

Pelo Caldeirão, que tinha visto Nestha observá-lo e a observara de volta.

Tinha notado sua perscrutação com ossos e pedras e feito-a se arrepender. Ela tinha feito isto.

Trouxe isto a eles.

Tocando seu poder, empunhando-o, tinha feito isto.

E ela nunca se perdoaria.

Nunca. Elain seria certamente atormentada.

Corpo e alma destruídos. Uma rachadura partiu o mundo. Seu pai estava diante dela, o pescoço torcido.

Seu pai, com os seus suaves olhos castanhos, o amor por ela ainda brilhando neles à medida em que a sua luz se desvanecia. Nestha acordou violentamente, náuseas a atravessando enquanto ela agarrava os lençóis. No fundo de seu instinto, em sua alma, algo se torcia e se enrolava em volta de si mesmo, procurando uma saída, procurando um caminho para o mundo... Nestha empurrou-o para baixo.

Pisou em seu poder.

Bateu nele todas as portas mentais que podia. Sonho, ela o disse.

Sonho e memória.

Vá embora. Seu poder retumbou em suas veias, mas obedeceu. A cama havia ficado tão quente que Nestha chutou os lençóis para longe antes de esfregar as mãos sobre seu rosto encharcado de suor. Ela precisava de uma bebida.

Precisava de qualquer coisa que lavasse isso. Ela se vestiu rapidamente, Sem realmente sentir o seu corpo.

Não se importando realmente com que horas eram ou onde estava.

Pensando apenas no obstáculo entre ela e aquele salão dos prazeres. A porta para os dez mil degraus já estava aberta, as luzes feéricas no salão diminuídas até quase escuridão.

Suas botas raspavam nas pedras à medida que se aproximava, olhando para trás para garantir que ninguém a seguia. Com as

mãos tremendo, ela começou a descida. Girando e girando e girando. Amei você desde o primeiro momento em que a segurei em meus braços. Para baixo e para baixo e para baixo. Aquele Caldeirão antigo abriu um olho para olhar fixamente para ela.

Para prendê-la no lugar. O Caldeirão arrastando-a para si, para o poço da Criação, tomando e tomando dela, impiedoso apesar dos seus gritos. Girando e para baixo, exatamente como tinha sido puxada pelo Caldeirão, esmagada sob o seu terrível poder... A náusea aumentou, o poder junto, e seu pé escorregou. Ela teve apenas o tempo de um batimento cardíaco para se agarrar à parede, mas era

tarde demais.

Seus joelhos tropeçaram nos degraus, seu rosto batendo um segundo mais tarde, e então ela estava se contorcendo e derrapando, arrebatando-se contra a parede, ricocheteando e caindo degrau por degrau por degrau. Ela atirou a mão cegamente, unhas se cravando na pedra.

Faíscas explodiram enquanto ela gritava e se segurava. O mundo parou de se mover.

Seu corpo freou à queda. Esparramada nos degraus, a mão agarrando-se à pedra, ela ofegou, grandes resfolegadas de ar que cortavam cada inalação.

Ela fechou os olhos, saboreando a quietude, a total falta de movimento. E, no silêncio, a dor se assentou.

Dor latente por todas as partes do seu corpo. O gosto acobreado do sangue encheu-lhe a boca.

Algo molhado e quente deslizava pelo seu pescoço.

Uma farejada lhe disse que era sangue também. E suas unhas, as que agarravam os degraus de pedra... Nestha piscou para sua

mão.

Ela tinha visto faíscas. Os seus dedos estavam incrustados na pedra, a rocha brilhando como se estivesse acesa com uma chama interior. Arfando, ela retirou a mão, e a pedra ficou escura. Mas as impressões digitais permaneceram —

quatro sulcos enterrados na parte superior do degrau, um único buraco ao lado onde seu polegar havia pressionado. Pavor gelado atravessou-a e a fez levantar em suas pernas machucadas, os joelhos gemendo enquanto ela corria para cima.

Para longe daquela marca de mão.

Para sempre gravada na pedra. — Então, quem ganhou a luta? — Cassian perguntou na manhã seguinte, enquanto ela se sentava em sua pedra e o observava fazer os exercícios. Ele não tinha perguntado no café da manhã sobre o olho roxo e o queixo cortado ou sobre a rigidez com que se movia.

Nem Mor havia perguntado quando chegou.

A permanência dos cortes e dos hematomas diziam a Nestha o quão ruim tinha sido a queda, mas como Grã-feérica, com a cura acelerada, eles já estavam sarando. Como humana, ela achava, a queda poderia tê-la matado.

Talvez este corpo de Feérico tivesse suas vantagens.

Ser humana, ser fraca neste mundo de monstros, era uma sentença de morte.

O seu corpo de Grã-Feérica era sua melhor chance de sobrevivência. A reticência de Cassian tinha durado apenas uma hora em sua rotina.

Estava no centro do ringue de luta, ofegante, suor correndo o rosto e pescoço. —

Que luta? — Ela examinou as unhas estragadas.

Mesmo com...

o que quer que ela tivesse lançado para se segurar, suas unhas haviam rachado.

Ela não se deixou nomear o que tinha vindo de dentro dela, não se deixou reconhecer.

Ao amanhecer, tinha sido estrangulado à submissão. — Aquela entre você e as escadas. Nestha o cortou com um olhar penetrante. — Não sei do que você está falando. Cassian começou a se mover novamente, desembainhando a espada e correndo em uma série de movimentos que pareciam todos projetados para cortar uma pessoa em duas. — Você sabe: às três da manhã, você sai do seu quarto para se embebedar na cidade, e tem tanta pressa em descer os degraus que cai de uns bons trinta deles antes de conseguir parar. Ele tinha visto o degrau? A marca da mão? — Como você sabe disso? — ela exigiu. Ele encolheu os ombros. — Você está me vigiando? — Antes que ele pudesse responder, ela cuspiu — Você estava observando e não veio ajudar? Cassian encolheu os ombros novamente. — Você parou de cair.

Se tivesse continuado, alguém provavelmente a pegaria antes que você chegasse ao fundo. Ela sibilou para ele. Ele apenas sorriu e chamou com uma mão. —

Quer se juntar a mim? — Eu deveria lhe empurrar daquelas escadas. Cassian

embainhou sua espada às costas em um movimento elegante. Quinhentos anos de treinamento — ele deveria ter desembainhado e embainhado aquela espada tantas vezes que agora era memória muscular. — Então? — ele exigiu, algo afiado crescendo em sua voz.

— Já que você tem esses gloriosos hematomas, pode muito bem dizer que vieram do treino e não de um tombo patético.

— Ele acrescentou — Quantas escadas conseguiu desta vez? Sessenta e seis.

Mas Nestha disse: — Eu não vou treinar. À beira do ringue, machos os observavam novamente.

Tinham observado Cassian primeiro, parcialmente com espanto e parcialmente com o que ela só podia assumir ser inveja.

Ninguém se movia como ele.

Ninguém sequer chegava perto.

Mas agora os seus olhares se tornavam divertidos — zombando dele. Ano passado, ela poderia ter ido até aqueles homens e tê-los despedaçado. Poderia ter deixado um pouco daquele terrível poder dentro dela aparecer para que acreditassem verdadeiramente que ela era uma bruxa que os amaldiçoaria e a mil gerações de seus descendentes caso eles insultassem Cassian novamente. Nestha esticou as pernas, apoiando as palmas machucadas na pedra. — Aproveite seus exercícios. Cassian se eriçou, mas estendeu a mão de novo. — Por favor. Ela nunca o tinha ouvido dizer aquela palavra.

Era uma corda atirada entre eles.

Ele a encontraria no meio do caminho — deixaria-a vencer a batalha pelo poder, admitir derrota, se ela simplesmente saísse da pedra. Ela disse a si mesma para se levantar, para pegar a mão estendida. Mas ela não conseguia.

Não conseguia fazer seu corpo se levantar. Seus olhos avelã brilhavam com súplica sob o sol da manhã, o vento dançando em seu cabelo escuro.

Como se ele fosse feito destas montanhas, trabalhado a partir do vento e da pedra.

Ele era tão lindo.

Não da forma como Azriel e Rhys eram bonitos, mas de uma forma bruta.

Selvagem e implacável. Na primeira vez que havia visto Cassian, não conseguia tirar os olhos dele. Ela se sentiu como se tivesse passado a vida rodeada de garotos, e então um homem — um macho, ela supôs — havia aparecido de repente.

Tudo nele irradiava aquela masculinidade confiante e arrogante.

Tinha sido inebriante e esmagador, e tudo o que ela queria, tudo o que ela queria durante tantos meses, era tocá-lo, cheirá-lo, prová-lo.

Se aproximar daquela força e atirar tudo o que era contra ela, porque sabia que ele nunca se partiria, nunca enfraqueceria, nunca hesitaria. Mas a luz em seus olhos diminuiu ao baixar a mão. Ela merecia seu desapontamento.

Merecia o seu ressentimento e nojo. Mesmo que arrancasse algo vital dela. —

Amanhã, então.

— Cassian disse.

Ele não falou com ela pelo resto do dia.

CAPÍTULO

11

As portas da biblioteca privada estavam trancadas.

Nestha mexeu na maçaneta, mas se recusou a abrir. Ela disse calmamente: —

Abra a porta. A Casa a ignorou. Ela girou novamente a maçaneta, empurrando um ombro contra a porta.

— Abra a porta. Nada. Ela continuou a bater com o ombro.

— Abra esta porta agora mesmo! A Casa continuou a não obedecer. Ela rangeu os dentes, ofegante.

Ela teve mais livros do que ontem para organizar, pois as sacerdotisas tinham aparentemente ouvido de Gwyn que Nestha iria ser a sua moça de recados. Então começaram a despejar os seus tomos no seu carrinho - e algumas também pediram que ela recuperasse livros.

Nestha tinha feito, apenas porque procurar os livros que elas pediam a levava a novos lugares da biblioteca, ocupando sua mente.

Mas quando o relógio marcou seis horas, ela já estava exausta, cheia de poeira e com fome.

Tinha ignorado o sanduíche que a Casa tinha preparado para ela à tarde, e isto tinha aparentemente irritado a Casa o suficiente para que agora recusasse a sua

entrada na biblioteca privada. — Tudo que eu quero — Nesta grunhiu alto — é uma refeição agradável e quente e um bom livro.

— Ela tentou novamente abrir a porta.

— Por favor. Nada.

Absolutamente nada. — Tá bom.

- Ela entrou para o corredor. Somente a fome a levou até a sala de jantar, onde encontrou Cassian comendo e Azriel em frente a ele. O rosto do Encantador de sombras era solene, e seus olhos desconfiados. Cassian, de costas para ela, com a coluna rígida, sem dúvida por sentir o cheiro de Nestha ou pelo barulho de seus passos. Ela não falava enquanto ia em direção a uma cadeira posicionada no meio da mesa.

Um prato de comida apareceu assim que ela chegou em seu lugar . A feérica teve a sensação de que se pegasse o prato e saísse, ele desapareceria de suas mãos antes de chegar à porta. Nestha manteve silêncio enquanto sentava em sua cadeira, pegava o garfo enquanto comia sua carne e espargos assados. Cassian limpou a garganta e disse a Azriel: — Por quanto tempo você vai ficar ausente?

— Não tenho certeza — Os olhos do encantador de sombras escureceram antes de acrescentar — Vassa tinha razão em suspeitar de algo mortal.

As coisas estão perigosas o suficiente por lá, seria mais sábio pra mim manter minha base aqui na Casa e atravessar indo e voltando. A curiosidade bateu, mas Nestha não disse nada.

Vassa — ela não tinha visto a rainha humana encantada desde que a guerra tinha terminado.

Desde que a jovem rainha tinha tentado falar com ela sobre como o pai de Nestha tinha sido maravilhoso, como ele tinha sido um verdadeiro pai para ela, ajudando-a e conquistou-lhe esta liberdade temporária até os ossos de Nestha gritarem para ela fugir, o seu sangue começou a ferver em pensar que o seu pai tinha encontrado a sua coragem para alguém que não era ela e suas irmãs.

Que ele tinha sido o pai que ela precisava — mas para outra pessoa.

Tinha deixado a mãe delas morrer na sua recusa de enviar a sua frota mercante à procura de uma cura para ela, tinha caído na pobreza e as tinha deixado quase morrer de fome, mas tinha decidido lutar por esta desconhecida? Esta rainha estranha a ele vendendo uma história triste de traição e perda? Aquela coisa no fundo Nestha se mexeu, mas ela a ignorou, empurrou-a para baixo o melhor que pôde sem a distração da música, do sexo, ou do vinho.

Ela tomou um gole de sua água, a deixando esfriar a garganta, a barriga, se fazendo acreditar que isso teria de ser suficiente. — O que o Rhys disse sobre isso? — perguntou Cassian com sua boca cheia de comida. — Quem você acha que sugeriu eu ir e voltar assim? — Bastardo protetor — mas uma nota de afeto ressoou nas palavras do general. O silêncio voltou a cair.

Azriel acenou com a cabeça para Nestha.

— O que aconteceu? Ela sabia o que ele queria dizer: o olho roxo que finalmente se desvanecia. As suas mãos e queixo tinham sarado, juntamente com os hematomas no seu corpo, mas o olho ainda estava esverdeado.

Amanhã de manhã, já teria desaparecido por completo.

— Nada — disse ela sem olhar para Cassian. — Ela caiu das escadas — disse Cassian, sem olhar para ela também. O silêncio de Azriel foi longo antes de ele perguntar: — Alguém a... empurrou? — Idiota.

— rosnou Cassian. Nestha levantou os olhos do seu prato o suficiente para notar o divertimento no olhar de Azriel, apesar de nenhum sorriso ter agraciado a sua boca sensual. Cassian prosseguiu — Eu disse a ela hoje cedo: se ela se preocupasse em treinar, teria pelo menos direito de se gabar sobre os roxos.

Azriel tomou um gole calmo de sua água.

— Por que você não está treinando, Nestha? — Eu não quero. — Por que não?

Cassian murmurou — Não desperdice o seu tempo, Az. Ela o olhou de relance.

— Eu não quero treinar naquela aldeia miserável. Cassian voltou a olhar

fixamente.

— Você recebeu uma ordem.

Você sabe que terá consequências.

Se não sair de cima da porra daquela pedra até ao final desta semana, o que acontece a seguir está fora do meu alcance. — Então, você vai me dedurar pro seu precioso Grão-Senhor? — ela cochichou.

— O grande e forte guerreiro precisa do todo-poderoso Rhysand para travar as suas batalhas? — Não fale do Rhys com esse tom — rosnou Cassian. — O Rhys é um idiota — Nestha estourou.

— Ele é um idiota arrogante e prepotente. Azriel se recostou em seu assento, com os olhos fervilhando de raiva, mas não disse nada. — Isso é mentira —

cuspiu Cassian, os Sifões nas costas das suas mãos queimando como chamas de rubi.

— Você sabe que é, Nestha. — Eu odeio ele — disse ela. — Bom, ele também te odeia — respondeu Cassian.

— Todos aqui te odeiam.

É isso que você queria ouvir? Pois parabéns, conseguiu. Azriel soltou um longo, longo suspiro. As palavras de Cassian vieram como balas, uma após a outra.

Bateram em algum lugar baixo e macio, com força.

Os seus dedos se enrolaram em garras, raspando embaixo da mesa enquanto ela lhe atirava de volta: — E suponho que agora você vai me dizer que você é a única pessoa aqui que não me odeia, e eu devo sentir algo como gratidão, e concordar com o treinamento. — Eu vou te dizer que eu cansei. As palavras ressoaram entre eles.

Nestha piscou, o único sinal de surpresa que ela se permitiria mostrar. Azriel ficou tenso, como se também estivesse surpreendido. Mas ela cortou Cassian antes que ele pudesse continuar.

— Será que isso significa que também já acabou de correr atrás de mim? Porque que alívio seria, saber que você finalmente entendeu. O peito musculoso de Cassian se afundou quando sua garganta voltou a funcionar.

— Você quer se afundar? Vá em frente! Se foda o quanto quiser!
— Ele ficou de pé, sua refeição semi-acabada.

— O treino era para te ajudar.

Não te castigar.

Não sei como é que você não percebeu isso. — Eu te disse: Eu não vou treinar naquela aldeia miserável. — Tudo bem.— Cassian saiu, o som de seus pés batendo no chão. Sozinha com Azriel, Nestha mostrou-lhe os dentes. Azriel a observou com aquele silêncio frio, mantendo-se totalmente imóvel. Como se ele tivesse visto tudo na cabeça dela.

O seu coração machucado. Ela não conseguia suportar.

Então ficou de pé, tendo dado apenas duas garfadas da sua comida, e também deixou a sala. Ela voltou para a biblioteca.

As luzes brilhando tão intensamente como durante o dia, e algumas sacerdotisas andavam pelos níveis.

Ela encontrou o seu carrinho, novamente cheio de livros que precisavam de ser arquivados. Ninguém falou com ela, e ela não falou com ninguém quando começou a trabalhar, apenas com o silêncio estrondoso na sua cabeça para lhe fazer companhia. Amren tinha se enganado.

Continuar estendendo a mão foi uma grande merda quando a pessoa a quem sua mão foi estendida podia morder com força suficiente para arrancar os seus dedos. Cassian sentou-se no topo plano da montanha na qual a Casa do Vento havia sido construída, espreitando para dentro do ringue de treinamento ao ar livre abaixo dele.

As estrelas brilhavam por cima, e uma brisa brutal de outono que sussurrava com a mudança das folhas e noites crepitantes passavam por ele.

Abaixo, Velaris era um brilho dourado, acentuado ao longo do Rio Sidra como um arco-íris colorido. Ele nunca havia falhado em nada.

Não desta maneira. E ele tinha estado tão estupidamente desesperado, tão estupidamente esperançoso, que não tinha acreditado que ela realmente recusaria.

Até hoje, quando ele a viu naquela rocha e soube que ela queria se levantar, mas a viu conter o instinto.

Viu-a resistir a si mesma como aço. — Você não é do tipo chato. Cassian virou, movimentando sua cabeça para encontrar Feyre sentada ao seu lado.

Ela balançou seus pés no vazio, seus cabelos castanhos dourados desgrenhados pelo vento enquanto olhava para o ringue de treinamento.

— Você voou para cá? — Atravessei.

Rhys disse que você estava "pensando alto".

— A boca de Feyre se abriu em um sorriso de lado.

— Achei que deveria ver o que estava acontecendo. Uma fina pele de poder permanecia envolta em torno de sua Grã-Senhora, invisível a olho nu, mas resplandecente de força.

Cassian acenou em direção a ela.

— Por que Rhysie deixou esse escudo de magia em você? — Era poderoso o suficiente para guardar toda Velaris. — Porque ele é um chato.

— disse Feyre, mas sorriu suavemente.

— Ele ainda está aprendendo como funciona, e eu ainda não descobri como me livrar dele.

Mas com as rainhas como uma ameaça renovada e Beron na mistura,

especialmente se Koschei é o mestre fantoche deles, Rhys está perfeitamente feliz em deixá-lo. — Tudo com essas rainhas é uma maldita dor de cabeça.

— resmungou Cassian.

— Esperemos que Az descubra o que elas realmente estão tramando.

Ou pelo menos o que Briallyn e Koschei estão tramando. Rhys ainda estava contemplando o que fazer com as exigências de Eris. Cassian supunha que ele receberia suas ordens nessa frente em breve.

E então teria que lidar com o imbecil.

De general para general. — Parte de mim teme o que Azriel vai encontrar.

— disse Feyre, encostada de costas em suas mãos.

— Mor está indo para Vallahan novamente amanhã.

Eu também me preocupo com isso.

Que ela voltará com notícias piores sobre suas intenções. — Nós vamos lidar com isso. — Falou como um verdadeiro general. Cassian bateu levemente no ombro de Feyre com sua asa, um gesto casual e afetuosos.

Um gesto que ele nunca ousou fazer com as fêmeas de qualquer comunidade Illyriana.

Os Illyrianos eram psicóticos num dia bom sobre quem tocava suas asas e como.

E tocar nas asas fora do quarto, treinamento ou combate mortal era um enorme tabu.

Mas Rhys nunca se importou, e Cassian precisava do contato.

Sempre precisou do contato físico, ele tinha aprendido.

Provavelmente, graças a uma infância passada com muito pouco contato físico.

Feyre parecia entender sua necessidade de um toque reconfortante, porque ela

disse.

— Quão ruim está isso? — Ruim.

— Era tudo o que ele conseguia admitir. — Mas ela vai para a biblioteca? — Ela voltou para a biblioteca hoje à noite.

Ela ainda está lá embaixo, pelo que eu sei. Feyre deu um hmm de contemplação, contemplando a cidade.

Sua Grã- Senhora parecia tão jovem — ele sempre esqueceu como ela era realmente jovem, considerando o que ela já havia enfrentado e alcançado em sua vida. Aos vinte e um anos, ele ainda bebia e brigava e fodia, sem se preocupar com nada e com ninguém, exceto com sua ambição de ser o mais hábil dos guerreiros Illyrianos desde o próprio Enalius.

Aos vinte e um anos, Feyre havia salvo seu mundo, encontrado seu parceiro, se casado e encontrado a verdadeira felicidade. Feyre perguntou.

— Nestha disse por que não quer treinar? — Porque ela me odeia Feyre bufou

— Cassian, Nestha não te odeia.

Acredite em mim. — Ela age como se me odiasse. Feyre balançou a cabeça.

— Não, ela não odeia.

— Suas palavras foram dolorosas o suficiente para que ele franzisse a sobrancelha. — Ela também não te odeia.

— disse ele calmamente. Feyre encolheu os ombros.

O gesto fez seu peito doer.

— Por um tempo, eu pensei que ela não me odiasse.

Mas agora eu não sei. — Eu não entendo porque vocês duas não podem simplesmente...

— Ele lutou pela palavra certa. — Se dar bem? Serem civilizadas? Sorrir uma para a outra? — O riso de Feyre foi oco.

— Sempre foi assim. — Por quê? — Não tenho ideia.

Sempre foi assim conosco, e com nossa mãe.

Ela só tinha interesse em Nestha.

Ela me ignorava, e via Elain como pouco mais que uma boneca para se vestir, mas Nestha era dela.

Nossa mãe se certificou de que nós soubéssemos disso.

Ou ela se importava tão pouco com o que pensávamos ou fazíamos que não se preocupava em esconder isso de nós.

— O ressentimento e a dor de longa data uniam cada palavra. Que mãe faria tal coisa com seus filhos...

— Mas quando caímos na pobreza, quando eu comecei a caçar, a situação piorou.

Nossa mãe tinha falecido e nosso pai não estava exatamente presente.

Ele não estava completamente ali.

Então éramos eu e Nestha, sempre na garganta uma da outra.

— Feyre esfregou seu rosto — Estou muito cansada para explicar cada detalhe.

É tudo apenas uma confusão. Cassian se absteve de observar que ambas as irmãs pareciam precisar uma da outra — que Nestha talvez precisasse mais da Feyre do que ela imaginava.

E de mencionar que esta confusão entre as duas fêmeas o machucou mais do que ele poderia expressar. Feyre suspirou.

— Essa é a minha maneira de dizer que se a Nestha te odeia...

Eu sei como é o ódio dela, e ela não te odeia. — Ela provavelmente me odeia depois do que eu disse a ela hoje a noite. — Azriel me contou.

— Feyre esfregou o rosto novamente.

— Eu não sei o que fazer.

Como ajudá-la. — Três dias depois e eu já estou no meu limite.

— disse ele. Ambos ficaram em silêncio, o vento passando por eles.

A névoa se reuniu no Sidra, bem abaixo, e plumas brancas de fumaça de inúmeras chaminés se levantaram para encontrá-la. Feyre perguntou — Então o que fazemos? Ele não sabia.

— Talvez o trabalho da biblioteca seja suficiente para tirá-la dessa.

— Mas mesmo quando ele falou as palavras, elas soaram falsas. Feyre aparentemente concordou.

— Não.

Na biblioteca ela pode se esconder no silêncio e entre as prateleiras.

A biblioteca foi feita para equilibrar o que o treinamento faria. Ele balançou seus ombros.

— Bem, ela disse que não vai treinar naquela aldeia miserável, então estamos em um impasse. Feyre suspirou novamente.

— Parece que sim. Mas Cassian fez uma pausa.

Pestanejou uma vez, e olhou para o ringue de treinamento diante deles. — O

quê? Ele bufou, balançando a cabeça.

— Eu deveria ter notado. Uma tentativa de sorriso floresceu na boca de Feyre, e Cassian se inclinou para beijar sua bochecha.

Ele só chegou a um centímetro do rosto dela antes de seus lábios se encontrarem com o escudo. — Esse nível de proteção é loucura. Ela alisou sua blusa creme espessa.

— Rhys. Cassian farejou, tentando e falhando em detectar o cheiro dela.

— Ele também protegeu seu cheiro? Feyre sorriu.

— É tudo parte do mesmo escudo.

Helion não estava brincando sobre ser impenetrável. E apesar de tudo, Cassian sorriu de volta.

A memória voltou a ele de quando ele a conheceu na sala de jantar vários níveis abaixo, a garota que se tornaria sua Grã-senhora.

Ela estava tão terrivelmente magra naquela época, com olhos mortos e retraída que foi preciso todo o seu autocontrole para não voar até a Corte da Primavera e arrancar cada membro de Tamlin. Cassian afastou o pensamento, concentrando-se na revelação que tinha diante de si. Uma última vez.

Ele tentaria uma última vez.

CAPÍTULO

12

Nestha parou no ringue de treinamento no topo da Casa do Vento e fez uma careta.

— Pensei que iríamos para o acampamento Illyriano. Cassian caminhou até a escada de corda estendida no chão e endireitou um degrau — Mudança de planos.

— Nenhum traço daquela raiva incandescente restava em seu rosto esta manhã quando ela entrou na sala de café da manhã.

Azriel já havia partido e Cassian não havia dito uma palavra sobre o motivo de sua partida.

Algo sobre as rainhas, provavelmente, a julgar pelo que ela ouviu na noite anterior. Quando terminou seu mingau, ela procurou por qualquer sinal de Morrigan, mas a fêmea nunca apareceu.

E Cassian a conduziu até ali, sem falar nada durante a subida. Todo mundo te odeia.

As palavras permaneceram, como um sino que não parava de tocar. Ele finalmente esclareceu — Mor voltou para Vallahan e Rhys e Feyre estão ocupados.

Portanto, não há ninguém para nos atravessar para o Acampamento Refúgio do Vento.

Estaremos treinando aqui hoje.

— Ele gesticulou para o ringue vazio.

Livre de quaisquer olhos vigilantes.

Ele acrescentou com um sorriso afiado que a fez engolir em seco.

— Só você e eu, Nes. Nestha havia dito na noite passada que não iria treinar no vilarejo.

Ela disse isso várias vezes, Cassian percebeu.

Ela não iria treinar naquele vilarejo miserável. Ele deveria ter percebido dias atrás.

Afinal, ele a conhecia melhor do que isso. Nestha podia estar disposta a enfrentar o próprio Rei de Hybern, mas ela era terrivelmente orgulhosa.

Parecer uma tola, mostrar-se vulnerável.

— ela preferia morrer.

Preferia se sentar em uma rocha congelante ao vento gelado por horas do que parecer uma idiota na frente de qualquer um, especialmente guerreiros convencidos predispostos a zombar de qualquer mulher que tentasse lutar como eles. Para ele não importava onde ela iria treinar.

Contanto que ela começasse o treinamento. Se ela recusasse treinar hoje, ele não sabia o que iria fazer. O sol da manhã batia forte, prometendo um dia quente, e Cassian tirou a jaqueta de couro antes de enrolar a manga da sua camisa.

— Vamos? — ele perguntou, erguendo os olhos para o rosto dela. — Eu... A hesitação fez seu peito apertar de forma insuportável.

Mas ele pisou fundo nessa esperança, dobrando lentamente a outra manga.

Ele se perguntou se ela havia notado seus dedos tremendo ligeiramente. Finja que tudo está normal.

Não a assuste. Não havia nenhum lugar para ela plantar aquela bunda linda aqui.

Ele já havia movido as espreguiçadeiras que Amren — e às vezes Mor —

gostava de usar para se bronzear enquanto os outros e ele treinavam. Quando Nestha permaneceu na porta, Cassian se viu dizendo — Vou fazer um acordo com você. Os olhos dela brilharam.

Os acordos de Grão-Feéricos não eram uma coisa fútil.

Ele sabia que Feyre já havia falado com Nestha sobre eles, quando sua irmã havia vindo pela primeira vez ali.

Como precaução.

Pelo olhar cauteloso de Nestha, ele sabia que ela se lembrava bem dos avisos de Feyre: os acordos Grão-Feéricos eram vinculados por magia e marcados com tinta no corpo.

A tinta não sairia até que o acordo fosse cumprido.

E se o acordo fosse quebrado...

a magia poderia exigir um preço terrível. Cassian manteve uma postura casual.

— Se você fizer uma hora de exercícios agora, eu vou ficar lhe devendo um favor. — Eu não preciso de nenhum favor seu. — Então me diga o que você quer.

— Ele lutou para acalmar o coração acelerado.

— Uma hora de treinamento para qualquer coisa que você queira. — Isso é um péssimo negócio para você.

— Seus olhos se estreitaram.

— Eu pensei que você fosse um general.

Você não deveria ser bom em negociações? Sua boca se curvou para cima.

Ela não estava lutando contra ele.

— Para você, não tenho estratégias. Ela o estudou com foco inabalável. —

Qualquer coisa que eu queira? — Qualquer coisa.

— Ele acrescentou ironicamente: — Qualquer coisa, menos que você me mande cair do céu e quebrar minha cabeça no chão. Ela não sorriu da maneira que ele esperava.

Seus olhos se voltaram como lascas de gelo.

— Vocês realmente acreditam que seja capaz de tal coisa? — Não.

— ele disse sem hesitação. A boca dela se apertou.

Como se ela não acreditasse nele.

E — aquelas eram manchas roxas sob seus olhos.

Até que horas ela havia trabalhado na biblioteca na noite anterior? Exigir saber por que ela ficou acordada até tão tarde não era uma boa ideia.

Ele deixaria esta batalha para outra hora. Talvez para a próxima hora. Ela o examinou novamente, e Cassian se obrigou a ficar parado, a parecer tranquilo e não como se seu próprio coração estivesse em suas mãos estendidas e ensanguentadas. Ela disse finalmente: — Tudo bem.

Digamos que será um favor.

De qualquer tamanho que eu desejar. Era perigoso permitir isso.

Mortal.

Estúpido.

Mas ele disse: — Sim. Ele estendeu a mão.

Uma última vez. Continue estendendo a mão. — Um acordo.

— Ele encontrou a expressão dela de aço com a sua.

— Você treina comigo por uma hora, e eu devo a você um favor do tamanho que você desejar. — Combinado.

— Ela deslizou a mão na dele e apertou com firmeza. A magia se espalhou entre eles e ela engasgou, recuando. Cassian deixou que a sensação percorresse o seu interior, como uma debandada de cavalos a galope.

Ele aguentou.

Qualquer que fosse o poder dela, havia tornado o acordo mais intenso.

Exigente. Ele examinou suas mãos, seus antebraços nus, procurando qualquer indício de uma tatuagem além das Illyrianas que ele carregava para ter sorte e glória.

Nada. Tinha que estar em algum lugar. Ele tirou a camisa e examinou os planos musculosos de seu torso.

Ainda nada. Ele se aproximou do espelho estreito encostado em uma das pontas do ringue, deixado ali para que estudassem sua técnica enquanto se exercitavam sozinhos.

Parando diante dele, Cassian se virou, olhando por cima do ombro para suas costas tatuadas. Lá, bem no centro da tatuagem Illyriana serpenteando por sua espinha, uma nova tatuagem apareceu.

Uma estrela de oito pontas, cujas pontas do compasso irradiavam em linhas nítidas descendo e subindo pela ranhura de suas costas, entrelaçando-se com as marcas Illyrianas há muito

pintadas ali. As pontas leste e oeste da estrela chegavam até as suas asas, o preto se misturando ao preto.

Uma semelhante, ele sabia, estaria na coluna de Nestha.

Ele tentou não pensar em sua extensão de pele nua, agora marcada com tinta preta, enquanto a encarava. Os olhos de Nestha não estavam no espelho, no entanto. Não, eles se fixaram em seu torso.

No peito, nos músculos abdominais, nos braços nus.

O pulso dela vibrava em sua garganta. Ele não se atreveu a se mover, não enquanto o olhar dela se fixava no V de músculos que desciam sob a cintura de suas calças.

Não quando seus olhos escureceram, seus cílios balançando enquanto a cor rastejava sobre sua pele pálida. Seu sangue esquentou, a pele se apertando sobre os ossos e músculos, como se pudesse sentir o toque dos olhos azul-acinzentados dela, como se fossem seus dedos correndo sobre seu estômago.

Mais baixo. Ele sabia que não devia fazer um comentário provocador.

Irrite-a e ela não apenas se recusaria a treinar, com acordo ou não, mas também pararia de olhar para ele assim. Lentamente, os olhos dela percorreram seu corpo, demorando-se em seus peitorais esculpidos e na tatuagem Illyriana que girava sobre um deles antes de descer pelo braço esquerdo.

Talvez ele tenha flexionado.

Um pouco. Com a voz grossa, ele conseguiu dizer: — Pronta? Que o Caldeirão lhe fervesse, ele sabia que a pergunta tinha mais significados do que ele gostaria de desvendar. Pelo brilho em seus olhos, ele sabia que ela tinha entendido.

Mas ela endireitou os ombros.

— Tudo bem.

Eu devo a você uma hora de treinamento. — Você com certeza deve.

— Cassian controlou sua respiração, afastando aquele desejo estrondoso.

Ele caminhou até o centro do ringue, no entanto, optou por ficar sem camisa.

Por causa do dia quente.

E porque sua pele agora estava em chamas. Ele gesticulou para o espaço ao lado dele e deu a ela seu sorriso mais largo. — Vamos ver o que você sabe, Archeron.

Um acordo — com Cassian.

Nestha não sabia como ela se permitiu concordar com aquilo, deixar aquela magia passar entre eles e marcá-la, porém... Todo mundo te odeia. Talvez fosse esse fato sozinho que havia feito ela concordar com essa insanidade.

Ela não tinha ideia de que favor iria pedir dele, mas...

Tudo bem.

Aqui, neste ringue de treinamento, com seus muros altos, o céu como única testemunha — aqui, ela supôs, poderia deixá-lo fazer o pior que conseguia. Não importava que Cassian estivesse sem camisa que beirava ao obsceno, mesmo com a coleção de cicatrizes salpicando sua pele marrom-dourada.

A que estava em seu peitoral esquerdo era especialmente horrível — e uma que ela sabia que ele não tinha recebido durante a guerra com Hybern.

Ela não queria saber o que tinha sido ruim o suficiente para deixar uma cicatriz no corpo dele que se cura com rapidez.

Especialmente quando todas as evidências do ferimento devastador que ele recebeu durante a guerra desapareceram.

Apenas músculos ondulantes e pele permaneceram. Honestamente, havia tantos músculos que ela não conseguia contar todos. Músculos em suas malditas costelas.

Ela nem sabia que as pessoas poderiam ter músculos lá.

E aqueles que fluíram para suas calças, como uma flecha dourada, apontando exatamente para o que ela queria... Nestha afastou o pensamento de sua cabeça

enquanto se aproximava de Cassian no centro do ringue.

Ele sorria como um demônio. Ela parou a cerca de um metro de distância, o sol da manhã quente em seus cabelos e bochechas.

Era o mais próximo que ela esteve dele sem discutir ou brigar em...

muito tempo. Cassian rolou seus ombros poderosos, sua tatuagem extensa mudando com o movimento.

— Tudo bem.

Vamos começar com o básico. — Espadas? — Ela indicou o suporte de armas contra a parede à esquerda da arcada para a escada. A boca dele formou um sorriso.

— Você não vai pegar nas espadas por enquanto.

Você precisa aprender a controlar seus movimentos, seu equilíbrio.

Você desenvolverá a força básica e a consciência do seu corpo antes de pegar, até mesmo, em uma espada de madeira para praticar.

— Ele olhou para suas botas amarradas.

— Pés e respiração. Ela piscou.

— Pés? — Especialmente os dedos dos pés. Ele estava falando sério. — O que tem os meus dedos dos pés? — Aprender como agarrar o solo, equilibrar seu peso, construir uma base para tudo mais. — Eu vou exercitar os dedos dos pés.

Ele deu uma risadinha. — Você pensou que seriam espadas e flechas no primeiro dia? Burro arrogante. — Você jogou minha irmã naquele ringue de treinamento e fez exatamente isso. — Sua irmã já possuía um conjunto de habilidades que você não tem, e também não tínhamos tempo para se dar ao luxo. Caçar para mantê-los alimentados havia ensinado Feyre esse conjunto de habilidades.

Caçando, enquanto Nestha ficava em casa, segura e aquecida, e deixava Feyre se aventurar naquela floresta sozinha.

Essas habilidades que Feyre aperfeiçoou permitiram que ela sobrevivesse contra os Grão-Feéricos e todos os seus terrores, no entanto...

Feyre só as tinha por causa do que foi forçada a fazer.

Porque não foi Nestha quem fez.

Tomar a iniciativa. Ela encontrou Cassian olhando com atenção.

Como se ele ouvisse esses pensamentos, sentisse seu peso sobre ela. — Feyre me ensinou como usar um arco.

— Apenas algumas aulas, e há muito tempo, mas Nestha se lembrava.

Foi uma das poucas vezes em que ela e Feyre estavam unidas.
— Não um arco Illyriano.

— Cassian gesticulou para uma prateleira de arcos enormes e aljavas ao lado do espelho.

Os arcos eram quase tão altos quanto uma mulher adulta.

— Demorou até a idade adulta para que eu tivesse força para até mesmo amarrar um desses. Nestha cruzou os braços, tamborilando os dedos no bíceps.

— Então, vou passar uma hora aqui, mexendo os dedos dos pés? O sorriso de Cassian floresceu novamente.

— Sim. Em algum momento, Nestha começou a suar.

Seus pés doíam, suas pernas viraram geleia. Ela havia tirado as botas e feito algumas posições com Cassian, focando em cerrar os dedos dos pés, encontrar o equilíbrio e, em geral, parecer uma idiota.

Pelo menos ninguém estava por perto para vê-la de pé numa perna só enquanto se equilibrava sobre o quadril, a outra perna subindo atrás dela. Ou usando dois postes de madeira para se firmar enquanto balançava o pé de um poste a outro, subindo em cada um deles.

Ou fazer um agachamento básico — que acabou sendo todo errado, seu peso fora do lugar e as costas muito arqueadas. Todas coisas básicas e estúpidas.

E todas as coisas nas quais ela falhou de modo completo. Cassian não parecia nem remotamente impressionado quando ela se levantou do agachamento que ele a fez segurar, enquanto apoiava um pedaço de madeira acima de sua cabeça.

— Fique em pé, levante a cabeça primeiro. Nestha obedeceu. — Não.

— Ele acenou para que ela abaixasse de volta.

— A cabeça primeiro.

Não curve as costas nem se incline para a frente.

Vá reto para cima. — Estou fazendo isso. — Você está se curvando.

Empurre seus pés no chão.

Segure com os dedos dos pés enquanto traz a cabeça para cima — Sim.

— Ela olhou ferozmente enquanto se levantava.

Cassian apenas disse — Faça outro desses, então nossa hora acabará. Ela o fez, ofegante, os joelhos tremendo e coxas ardendo em dor.

Quando ela terminou, apoiou-se com a vara que ela havia erguido sobre a cabeça.

— É só isso? — A menos que você queira negociar comigo por uma segunda hora. — Você realmente quer me dever dois favores? — Se isso vai mantê-la aqui para terminar a lição, com certeza. — Não tenho certeza se consigo aguentar mais um desses alongamentos. — Então vamos fazer um trabalho de respiração e, em seguida, um relaxamento. — O que é um relaxamento? — Mais alongamento.

— Ele sorriu.

Quando ela abriu a boca, ele explicou — É projetado para ajudar a trazer seu corpo de volta a um ritmo normal e limitar qualquer

dor que você vá ter mais tarde. Seu tom não tinha nenhuma condescendência.

Então ela perguntou: — E o que é trabalho de respiração? — Exatamente o que parece.

— Ele colocou a mão na barriga, bem sobre os músculos ondulantes, e respirou fundo, inspirando profundamente antes de soltá-lo lentamente.

— Seu poder quando você luta vem de muitos lugares, sendo a respiração um dos maiores.

— Ele acenou com a cabeça em direção ao graveto em suas mãos.

— Empurre para frente como se estivesse espetando alguém com uma lança.

Com as sobrancelhas se erguendo, ela o fez, o movimento estranho e deselegante. Ele apenas acenou com a cabeça.

— Agora faça de novo, e enquanto você faz, inale. Ela o fez, o movimento nitidamente mais fraco. — E agora faça de novo, mas expire com o impulso.

Levou um ou dois segundos para orientar sua respiração, mas ela obedeceu, empurrando a vara para frente enquanto soltava um suspiro.

O poder percorreu seus braços e seu corpo. Nestha piscou para a vara.

— Eu posso sentir a diferença. — Está tudo conectado.

Respiração, equilíbrio e movimento.

Músculos volumosos como este — ele bateu na barriga absurdamente contornada — não significam nada quando você

não sabe como utilizá-los. —

Então, como você aprende a controlar sua respiração? Ele sorriu de novo, os olhos castanhos brilhando ao sol.

— Desse jeito. Então começou outra série de movimentos, todos tão simples quando ele demonstrava, mas quase impossíveis de coordenar em seu próprio corpo quando ela tentava replicá-los.

Mas ela se concentrou em sua respiração, no poder dela, como se seus pulmões fossem os folios de alguma grande forja. O sol arqueou mais alto, cruzando o espaço de treinamento, arrastando as sombras com ele. Inspire.

Expire.

Respirações acentuadas por uma estocada profunda, agachamento ou equilíbrio em uma perna.

Todos os exercícios que ela fez na primeira hora, mas agora revelados novamente com a camada adicional de respiração. Inspirando e expirando, corpo e mente fluindo, sua concentração inabalável. Os comandos de Cassian eram firmes, mas gentis, encorajadores sem serem enfadonhos.

Segure, segure, segure — e solte.

Bom.

De novo.

De novo.

De novo. Não havia uma parte de seu corpo que não estava escorregando de suor, não havia uma parte que não estava tremendo quando ele a mandou deitar em um tapete preto na extremidade do ringue.

— Relaxamento — disse ele se ajoelhando e dando tapinhas no tapete. Ela estava cansada demais para protestar, praticamente se jogando sobre o tapete e olhando para o céu. O azul se estendia até o infinito, o sol ardendo contra o suor em seu rosto. Filetes de nuvens flutuavam pelo azul deslumbrante, completamente sem se preocupar com ela. Sua mente havia se tornado tão clara quanto o céu, a névoa e as sombras pressionantes haviam desaparecido.

— Você gosta de voar? — Ela não sabia de onde havia surgido a pergunta. Ele olhou para ela.

— Eu amo voar.

— A verdade ressoou nessas palavras. — É liberdade, alegria e desafio. — Eu conheci uma dona de loja em Refúgio do Vento que teve suas asas cortadas.

— Ela virou a cabeça do céu para olhar para ele.

Seu rosto estava tenso.

— Por que os Illyrianos fazem isso? — Para controlar suas mulheres — disse Cassian com uma raiva silenciosa. — É uma tradição antiga.

Rhys e eu tentamos acabar com isso tornando-a ilegal, mas a mudança demora um pouco entre os Grão-Feéricos.

Para burros teimosos como os Illyrianos, leva ainda mais tempo.

Emerie — suponho que foi ela quem você conheceu, já que ela é a única dona de loja — foi aquela que escapou pelas fendas.

Foi durante o reinado de Amarantha, e...

um monte de merda escapou pelas rachaduras. Seus olhos ficaram assombrados, não apenas pelo que o pai de Emerie fez,

Nestha poderia dizer, mas pelas memórias daqueles cinquenta anos.

A culpa. E talvez fosse para salvá-lo de reviver aquelas memórias, para banir aquela culpa injustificada em seus olhos, que ela se aninhou contra o tapete e disse: — Relaxamento. — Você parece ansiosa. Ela encontrou seu olhar.

—Eu ... — Ela engoliu em seco.

Odiava-se por hesitar e se forçou a dizer: — A respiração faz minha cabeça parar de ser tão... — Horrível.

Medonha.

Miserável.

— Barulhenta. — Ah.

— A compreensão tomou conta de seu rosto.

— A minha também. Por um momento, ela sustentou seu olhar, observando o vento puxar as mechas de seu cabelo na altura dos ombros.

O instinto de tocar as mechas negras a fez pressionar as palmas das mãos no tapete, como se pudesse lhe restringir fisicamente. — Certo.

— Cassian pigarreou.

— Relaxamento. Ela se saiu bem.

Muito bem. Nestha terminou o relaxamento e se esparramou na esteira preta, como se precisasse se recompor.

Reunir sua força. Cassian a deixou, levantando-se e caminhando até a estação de água à direita do ringue.

— Você precisa beber o máximo de água que puder — disse ele, pegando dois copos e os enchendo com o jarro da mesinha.

Ele voltou para o lado dela, tomando um gole. Nestha permaneceu deitada, membros soltos, olhos fechados, a luz do sol fazendo os seus cabelos e sua pele suada brilharem.

Ele não pode evitar a imagem de surgir: dela deitada em sua cama assim, saciada, seu corpo mole de prazer. Ele engoliu em seco.

Ela abriu um olho, sentou-se lentamente e pegou a água que ele estendeu.

Ela bebeu, percebeu como estava com sede e ficou de pé.

Ele observou enquanto ela foi até o jarro, enchendo o copo e esvaziando-o mais duas vezes antes de finalmente pousá-lo. — Você não me disse o que queria para a segunda hora de treinamento.

— ele disse finalmente. Ela olhou por cima do ombro.

Sua pele estava rosada de uma maneira que ele não via há muito, muito tempo, seus olhos brilhantes.

A respiração, ela disse, ajudou-lhe.

Acalmou-lhe.

Julgando pela ligeira mudança em seu rosto, ele acreditava. O que aconteceria quando o efeito passasse ainda estava para ser visto. Pequenos passos, ele se assegurou.

Pequenos passos. Nestha disse — A segunda hora foi por conta da casa. Ela não sorriu, nem mesmo piscou, porém Cassian sorriu.

— Generoso de sua parte. Ela revirou os olhos, mas sem seu veneno usual.

— Eu tenho que me trocar antes de ir para a biblioteca. Quando Nestha entrou na arcada, a escuridão da escada além dela, Cassian deixou escapar: — Eu não quis dizer o que disse ontem à noite - sobre todos a odiarem. Ela parou, seus olhos azul-acinzentados congelando.

— É verdade. — Não é.

— Ele se atreveu a dar um passo mais perto.

—Você está aqui porque nós não te odiamos.

— Ele limpou a garganta, passando a mão pelo cabelo.

— Eu queria que você soubesse disso.

Que nós não...

que eu não te odeio. Ela pesou o que diabos que estivesse em seu olhar.

Provavelmente mais do que era sensato deixá-la ver.

Todavia, ela disse baixinho — E eu nunca odiei você, Cassian. Com isso, ela entrou pela porta da Casa, como se não o tivesse acertado bem no estômago,

primeiro com as palavras, depois usando seu nome. Foi só quando ela desapareceu escada abaixo que ele soltou a respiração que estava prendendo.

CAPÍTULO

13

Ela estava morrendo de fome.

Era o único pensamento que ocupava Nestha enquanto ela arquivava livro após livro.

Isso, e quão dolorido o seu corpo estava.

As suas coxas queimavam a cada passo que ela andava para cima e para baixo da rampa da biblioteca.

Os seus braços insuportavelmente rígidos com cada livro que ela carregava para o seu lugar de descanso. Toda essa dor, apenas dos alongamentos e exercícios de equilíbrio.

Ela não queria imaginar o que um treino como os que ela tinha visto Cassian fazer poderia afetar a ela. Ela era patética por ser tão fraca.

Patética por agora ser incapaz de dar um passo sem fazer careta. — Tranquilo, uma ova — ela resmungou, levantando um volume nas mãos. Ela deu uma olhada no título e gemeu.

Pertencia ao nível do outro lado deste — uma boa caminhada de cinco minutos através do átrio central e descendo pelo corredor interminável.

As suas pernas latejantes poderiam muito bem ceder no meio caminho. O seu estômago rugiu alto.

— Lido com você mais tarde — disse ela ao livro, e analisou os outros títulos que permaneciam no seu carrinho. Nenhum, felizmente ou infelizmente, precisavam ser guardados na secção em que o livro pertencia.

Levar o carrinho até lá seria cansativo — melhor levar apenas o volume, mesmo que fosse uma viagem sem sentido para guardar um livro. Não que ela tivesse algo melhor para fazer com o seu tempo.

Com seu dia. Com a sua vida. Qualquer clareza que ela tivesse sentido na arena de treino estava a níveis de distância novamente.

Qualquer calma e sossego que ela tivesse conseguido armazenar na sua cabeça tinha-se dissipado como fumaça. Apenas se movimentar a manteria afastada.

Nestha encontrou a prateleira seguinte — bem acima da sua cabeça, sem nenhuma banquetta à vista.

Ela ficou nas pontas dos pés, as pernas gritando em protesto, mas era muito alto.

Nestha era bem mais alta do que a maioria das fêmeas, era uns bons seis centímetros mais alta que Feyre, mas esta prateleira estava fora de alcance.

Grunhindo, ela tentou encaixar o livro com a ponta dos dedos, com os braços esticados. — Ah, que bom.

É você — disse uma voz feminina familiar, no final do corredor.

Nestha girou para encontrar Gwyn caminhando rapidamente na sua direção, braços carregados de livros e cabelos de cobre brilhando na penumbra da luz.

Nestha não se preocupou em parecer arrumada ao parar de se esticar para tentar pôr o livro na prateleira e retornar com os pés no chão. Gwyn inclinou a cabeça, como se finalmente percebesse o que ela estava fazendo.

— Não consegue usar magia para colocá-lo na prateleira? — Não — A palavra soou fria e taciturna. As sobranceiras de Gwyn contraiu uma contra a outra.

— Você quer dizer que estive guardando tudo à mão? — De que outra forma faria? Gwyn estreitou os olhos azuis esverdeados.

— Mas você tem poder, não tem? — Não é da sua conta.

— Não era da conta de ninguém.

Ela não tinha nenhum dos poderes habituais dos Grão-Feéricos.

O seu poder — essa coisa — era completamente estranha.

Grotesco. Mas Gwyn encolheu os ombros.

— Muito bem.

— Ela atirou os seus livros diretamente para os braços de Nestha.

— Estes podem já podem ser guardados. Nestha cambaleou com peso dos livros e a encarou. Gwyn ignorou o olhar, em vez disso, olhou em volta antes de baixar a sua voz.

— Você viu o sétimo volume de Lavínia de A Grande Guerra? Nestha buscou na sua memória.

— Não.

Ainda não me deparei com este. Gwyn franziu a sobrancelha.

— Não está na prateleira. — Então alguém está com ele. — Era disso que eu tinha medo — Ela soltou um suspiro dramático. — Porquê? A voz de Gwyn abaixou para um sussurro conspiratório.

— Eu trabalho para alguém que é muito...

exigente. Nestha buscou na memória.

Alguém chamado Merrill, Clotho disse outro dia.

Sua mão direita.

— Presumo que você não seja muito afeiçoada a pessoa? Gwyn encostou-se em uma das prateleiras, cruzando os braços com uma casualidade que desmentia os anos de mantos de sacerdotisa.

Embora, ela não usasse nenhum capuz e nenhuma pedra azul no topo de sua cabeça.

— Honestamente, enquanto eu considero muitas das mulheres aqui como minhas irmãs, há algumas que não são o que eu consideraria gentil. Nestha bufou. Gwyn novamente olhou para o final do corredor.

— Você sabe por que estamos todas aqui.

— Sombras cercaram seus olhos — a primeira que Nestha viu ali.

— Nós todas enfrentamos...

— Ela esfregou a têmpora.

— Então eu odeio, odeio falar mal de qualquer uma das minhas irmãs aqui. Mas Merrill é desagradável.

Para todo o mundo.

Até Clotho. — Por causa das experiências dela? — Eu não sei — disse Gwyn.

— Tudo que sei é que fui designada para trabalhar com Merrill e ajudar em sua pesquisa, e eu posso ter cometido um pequeno erro.

— Ela fez uma careta. — Que tipo de erro? Gwyn soltou um suspiro em direção ao teto escuro.

— Era para eu entregar o volume sete de A Grande Guerra para Merrill ontem, junto com uma pilha de outros livros, e eu poderia

jurar que tinha entregue, mas esta manhã, enquanto estava em seu escritório, olhei para a pilha e vi que tinha entregue o volume oito em vez disso. Nestha evitou revirar os olhos.

— E isso é uma coisa ruim? — Ela vai me matar quando ver que não está lá para

ela ler hoje.

— Gwyn pulou de um pé para o outro.

— Que pode ser a qualquer momento.

Eu corri no instante que pude para procurar, mas o livro não está na estante.

— Ela parou de se mexer.

— Mesmo se eu encontrasse o livro, ela me veria trocando-o da pilha. — E você não pode contar a ela? — Gwyn não podia estar falando sério sobre ela lhe matar.

Embora com os feéricos, Nestha supôs que poderia ser uma possibilidade.

Apesar deste lugar ser um lugar de paz. — Deuses, não.

Merrill não aceita erros.

O livro deveria estar lá, eu disse a ela que estava lá, e...

eu errei.

— O rosto da sacerdotisa empalideceu.

Ela parecia quase doente. — Por que isso importa? A emoção se agitou naqueles belos olhos.

— Porque eu não gosto de falhar. Eu não posso...

— Gwyn balançou a cabeça.

— Eu não quero cometer mais erros. Nestha não sabia como agir com tal afirmação.

Então ela apenas disse — Ah. Gwyn continuou: — Essas mulheres me acolheram.

Me deram abrigo, cura e família.

— De novo, seus grandes olhos escureceram.

— Não suporto falhar em nada.

Especialmente com alguém tão exigente como Merrill.

Mesmo que pareça algo trivial. Admirável, embora Nestha relutasse em admitir.

— Você já saiu desta montanha desde que você chegou? — Não.

Uma vez que entramos, não partimos, a menos que seja hora de partir - de volta ao mundo em geral.

Embora algumas de nós permaneçam aqui para sempre. — E nunca mais ver a luz do dia? Nunca mais sentir o ar fresco? — Temos janelas em nossos dormitórios.

— Com a expressão confusa de Nestha, ela esclareceu, — Elas estão encantadas da vista na encosta da montanha.

Somente o Grão-Senhor sabe sobre elas, uma vez que são seus feitiços.

E agora você, eu suponho. — Mas vocês não saem? — Não — disse Gwyn.

— Nós não saímos. Nestha sabia que ela poderia deixar a conversa terminar aí, mas ela perguntou — E o que você faz quando não está na biblioteca? Pratica suas... coisas religiosas? Gwyn soltou uma risada suave.

— Em parte.

Nós honramos a Mãe, o Caldeirão e as Forças que Há.

Temos um culto ao amanhecer e ao anoitecer, e em todos os dias sagrados.

Nestha deve ter feito uma cara de desgosto porque Gwyn bufou.

— Não é tão chato assim.

Os cultos são lindos, as músicas tão bonitas quanto qualquer uma que você ouviria em um concerto musical. Isso sim parecia bastante interessante. — Eu gosto dos serviços noturnos — Gwyn continuou.

— A música sempre foi minha parte favorita, sabe.

Quer dizer, não aqui.

Eu era uma sacerdotisa — uma acólita ainda — antes de vir para cá.

— Ela adicionou um tom baixinho — Em Sangravah. O nome parecia familiar para Nestha, mas ela não conseguia identificá-lo. Gwyn balançou a cabeça, seu rosto pálido o suficiente para que suas sardas se destacassem totalmente.

— Eu preciso voltar para Merrill antes que ela comece a se perguntar onde estou.

E inventar alguma história para salvar minha pele quando ela não conseguir encontrar aquele livro na pilha.

— Ela apontou o queixo para os livros nas mãos de Nestha.

— Obrigada por isso. Nestha apenas acenou com a cabeça, e a sacerdotisa se foi, o cabelo castanho acobreado desaparecendo de vista. Ela voltou para o carrinho com poucos estremecimentos e grunhidos, embora ter ficado imóvel por tanto tempo com Gwyn tornasse quase impossível para ela começar a andar novamente. Algumas sacerdotisas passavam diretamente por ela ou em um dos níveis acima ou abaixo, completamente em silêncio.

Todo este lugar era totalmente silencioso.

O único pedaço de cor e som vinha de Gwyn. Será que ela permaneceria aqui, trancada sob a terra, pelo resto de sua vida imortal? Seria uma pena.

Compreensível pelo que Gwyn deve ter suportado, sim — pelo o que todas essas mulheres suportaram e sobreviveram.

Mas também uma pena. Nestha não sabia por que ela fez isso.

Por que ela esperou até que ninguém estivesse por perto antes de dizer no ar silencioso da biblioteca — Você pode me fazer um favor? Ela poderia jurar que sentiu uma pausa na poeira e escuridão, um interesse aguçado.

Então ela perguntou — Você pode pegar o volume sete de A Grande Guerra? De alguém chamado Lavínia.

— A Casa não teve problemas para enviar comida para ela - talvez pudesse encontrar o livro. Mais uma vez, Nestha poderia jurar que sentiu aquela pausa de interesse e, em seguida, um súbito vazio. E então um baque soou em seu carrinho quando um livro encadernado em couro cinza com letras prateadas pousou no topo da pilha.

Os lábios de Nestha se curvaram para cima.

— Obrigada.

— Uma brisa suave e quente soprou passando por suas pernas, como um gato passando entre elas em uma calorosa saudação e despedida. Quando a próxima sacerdotisa passou, Nestha se aproximou dela.

— Com licença. A fêmea parou tão rapidamente que suas vestes claras balançaram com ela, a pedra azul em seu capuz brilhando na luz suave da luz feérica.

— Sim? — Sua voz era suave, ofegante.

O cabelo preto cacheado espiando do seu manto, e a rica pele castanha brilhava em suas lindas e delicadas mãos. Como Clotho, ela usava seu capuz sobre o rosto. — O Escritório de Merrill — onde fica? — Nesta gesticulou para o carrinho atrás dela.

— Eu tenho alguns livros para ela, mas não sei onde ela trabalha. A sacerdotisa apontou.

— Três níveis acima — no Nível Dois — no final do corredor à sua direita. —

Obrigada. A sacerdotisa se apressou, como se até mesmo aquele momento de interação social tivesse sido demais. Mas Nestha olhou para o nível três andares

acima. Seu corpo dolorido não facilitou o trabalho furtivo, mas Nestha misericordiosamente não encontrou ninguém subindo.

Ela bateu na porta de madeira fechada. — Entre. Nesta abriu a porta para um cubículo retangular que servia de sala, ocupada por uma mesa do outro lado e duas estantes de livros revestindo ambas as paredes compridas.

Um pequeno estrado estava à esquerda da mesa, um cobertor e travesseiro perfeitamente alinhados.

Como se a sacerdotisa encapuzada de costas para Nestha às vezes não pudesse perder tempo para ir ao dormitório para dormir. Nenhum sinal de Gwyn.

Nestha se perguntou se ela já tinha sido dispensada por seu suposto fracasso.

Mas Nestha deu alguns passos para dentro da sala, examinando a prateleira à sua direita antes de dizer — Eu trouxe os livros que você pediu. A mulher curvada sobre seu trabalho, o arranhar de sua caneta enchendo a sala.

— Ótimo.

— Ela nem mesmo se virou.

Nestha examinou a outra prateleira. Ali — volume oito de A Grande Guerra.

Nestha deu um passo silencioso em direção a ele quando a cabeça da sacerdotisa se ergueu.

— Não pedi mais livros.

E onde está Gwyneth? Ela deveria ter voltado meia hora atrás. Nestha perguntou da maneira mais branda e estúpida que pôde — Quem é Gwyneth? Merrill se virou para isso, e Nestha foi saudada com um rosto surpreendentemente jovem e incrivelmente linda.

Todos os Grã-Feéricas eram bonitas, mas Merrill fazia até Mor parecer monótona. Cabelo branco como neve fresca contrastava com o castanho claro de sua pele, e olhos da cor de um céu crepuscular piscou uma, duas vezes.

Como se fosse difícil focar no aqui e agora e não no trabalho que ela estava fazendo.

Ela notou os couros de Nestha, a falta de qualquer manto ou pedra sobre seu cabelo trançado e perguntou — Quem é você?
— Nestha.

— Ela ergueu os livros em seus braços.

— Disseram-me para trazer isso para você. O volume oito de A Grande Guerra estava a poucos centímetros de distância.

Se ela apenas estendesse a mão para a esquerda, ela poderia arrancá-lo da prateleira.

Trocá-lo pelo volume sete da pilha em seus braços. Os olhos notáveis de Merrill se estreitaram.

Ela parecia tão jovem quanto Nestha, mas uma espécie de energia zumbia ao seu redor.

— Quem lhe deu essas ordens? Nesta piscou, o retrato da estupidez.

— Uma sacerdotisa. A boca cheia de Merrill se apertou.

— Qual sacerdotisa? Gwyn estava certa em sua avaliação desta mulher.

Ser designado para trabalhar com ela parecia mais como uma punição do que uma honra.

— Não sei.

Todas vocês usam esses capuzes. — Estas são as roupas sagradas de nossa ordem, menina.

Não esses capuzes.

— Merrill voltou a atenção para os papéis. Nestha perguntou, porque sabia que isso irritaria a mulher — Então você não pediu esses livros, Roslin? Merrill

jogou sua caneta e mostrou os dentes.

— Você acha que eu sou Roslin? — Disseram-me para trazer estes livros para Roslin, e alguém disse que o seu escritório — o dela era aqui. — Roslin está no Nível Quatro.

Eu estou no Nível Dois.

— Ela disse isso como se isso implicasse algum tipo de hierarquia. Nestha encolheu os ombros novamente.

Ela talvez tenha gostado bastante disso. Merrill ferveu, mas voltou ao trabalho.

— Roslin — ela murmurou.

— Insuportável, fútil Roslin.

Tagarela absurda. Nestha estendeu a mão furtivamente em direção à prateleira à sua esquerda. Merrill girou a cabeça e Nestha puxou o braço para o lado.

— Nunca me perturbe de novo.

— Merrill apontou para a porta.

— Saia e feche a porta atrás de você.

Se você ver aquela idiota da Gwyneth, diga a ela que ela é esperada aqui imediatamente. — Desculpe — disse Nestha, incapaz de manter o brilho de irritação longe de seus olhos, mas Merrill já estava voltando para sua mesa.

Tinha que ser agora. De olho na sacerdotisa, Nestha se moveu. Ela tossiu para encobrir o sussurro de livros em movimento.

E quando Merrill girou a cabeça ao redor novamente, Nestha se certificou de que ela não estava olhando para a prateleira.

Onde o volume sete de A Grande Guerra substituiu o volume oito, que agora estava sobre os outros livros nos braços de Nestha. O coração de Nestha batia forte em todo o seu corpo. Merrill sibilou.

— Por que você está demorando? Saia. — Desculpa — Nestha repetiu, curvando-se na cintura, e saiu.

Fechando a porta atrás dela. E só quando ela estava no corredor silencioso ela se permitiu sorrir. Ela encontrou Gwyn da mesma forma que encontrou Merrill: perguntando a uma sacerdotisa, esta era mais quieta e retraída do que a outra.

Tão trêmula e nervosa que Nestha havia usado sua voz mais gentil.

E foi incapaz de sacudir o peso em seu coração enquanto caminhava para a primeira área de leitura do nível.

Do outro lado do espaço cavernoso e silencioso, era fácil ouvir o canto suave de Gwyn enquanto ela corria de mesa em mesa, olhando para as pilhas de livros descartados.

Tentando desesperadamente encontrar o livro que faltava. As palavras da alegre canção de Gwyn estavam em um idioma que Nestha não conhecia, mas por um segundo, Nestha se permitiu ouvir — saboreando a voz pura e doce que subia e descia com sinuosa facilidade. O cabelo de Gwyn parecia brilhar mais forte com sua música, a pele irradiando uma luz radiante.

Atraindo qualquer ouvinte. Mas o aviso de Merrill ecoou pela beleza da voz de Gwyn, e Nestha limpou-a garganta.

Gwyn girou em direção a ela, o brilho se apagando mesmo enquanto seu rosto sardento iluminava-se de surpresa.

— Olá de novo — disse ela. Nestha estendeu apenas o volume oito de A Grande Guerra.

Gwyn engasgou. Nestha lançou-lhe um sorriso malicioso.

— Isso foi arquivado indevidamente.

Eu troquei pelo livro certo. Gwyn não parecia precisar de mais do que isso, felizmente, e apertou o livro contra o peito como um tesouro.

— Obrigada.

Você acabou de me salvar de uma terrível bronca. Nestha arqueou uma sobrancelha para o livro.

— O que Merrill está pesquisando, afinal? Gwyn franziu a testa.

— Muitas coisas.

Merrill é brilhante.

Horrível, mas brilhante.

Quando ela chegou aqui, ela estava obcecada com teorias sobre a existência de diferentes reinos — mundos diferentes.

Vivendo um em cima do outro sem nem mesmo saber.

Se há apenas uma existência, a nossa existência, ou se é possível que os mundos se sobreponham, ocupando o mesmo espaço, mas separados pelo tempo e um monte de outras coisas que eu nem consigo explicar para você porque eu mesma mal os entendo. As sobrancelhas de Nestha se ergueram.

— Sério? — Alguns filósofos acreditam que existem onze mundos assim.

E alguns acreditam que existem vinte e seis, o último sendo o próprio Tempo, o que... — A voz de Gwyn caiu para um sussurrar.

— Honestamente, eu olhei para algumas de suas pesquisas iniciais e meus olhos sangraram só de ler as teorizações e fórmulas. Nesta riu.

— Eu posso imaginar.

Mas ela está pesquisando alguma outra coisa agora? — Sim, graças ao Caldeirão.

Ela está escrevendo uma história abrangente das Valquírias. — As o que? — Um clã de mulheres guerreiras de outro território.

Elas eram melhores lutadoras do que os Illyrianos, até.

O nome Valquíria era apenas um título, embora - elas não fossem uma raça como os Illyrianos.

Elas eram todos os tipos de Féerico, geralmente recrutados desde o nascimento ou na primeira infância.

Elas tinham três estágios de treinamento: Noviça, Guerreira e finalmente Valquíria.

Se tornar uma era a maior honra em sua terra.

Seus territórios não existem mais agora, dominados por outros. — E as valquírias também se foram? — Sim.

— Gwyn suspirou.

— As valquírias existem há milênios.

Mas a guerra — a de quinhentos anos atrás — eliminou a maioria delas, e as poucas que sobreviveram eram idosas o suficiente para desaparecer rapidamente na velhice e morrer depois.

De vergonha, afirma a lenda.

Elas se deixaram morrer ao invés de enfrentar a vergonha de sua batalha perdida e sobreviver quando suas irmãs não o fizeram.
— Nunca ouvi falar delas.

— Ela sabia pouco sobre qualquer história Feérica, tanto por escolha quanto por causa da total falta de educação no mundo humano sobre o assunto. — A história e o treinamento das Valquírias foram em sua maioria orais, então todos os relatos que temos são tudo o que os historiadores, filósofos ou comerciantes que passavam anotaram.

São apenas pedaços e peças, espalhadas em vários livros.

Nenhuma fonte primária além de alguns pergaminhos preciosos.

Merrill enfiou na cabeça alguns anos atrás que queria colocar tudo em um volume.

Sua história, suas técnicas de treinamento. Nesta abriu a boca para perguntar mais, mas um relógio soou em algum lugar atrás delas.

Gwyn se enrijeceu.

— Eu estive fora por muito tempo.

Ela ficará furiosa.

— Merrill ficaria muito furiosa.

Gwyn torceu em direção à rampa além da área de leitura.

Mas ela fez uma pausa, olhando por cima do ombro.

— Mas não tão furiosa como ela teria ficado com o livro errado.

— Ela deu um sorriso para Nestha.

— Obrigada.

Eu estou em dívida com você. Nestha mudou de pé.

— Não foi nada. Os olhos de Gwyn brilharam, e antes que Nestha pudesse evitar a emoção que brilhava lá, a sacerdotisa correu em direção aos aposentos de Merrill, as vestes voando atrás dela. Nestha chegou ao seu quarto sem desmaiar de pura exaustão ou Merrill perceber que ela tinha sido enganada e vindo matá-la, considerou ambos grandes feitos. Ela encontrou uma refeição quente esperando na mesa de seu quarto, e ela mal se sentou antes de cortar a carne, o pão e a mistura de vegetais assados. Ficar em pé novamente foi um esforço, mas ela conseguiu chegar ao banheiro, onde um banho quente já estava lhe esperando. Entrar na banheira exigiu toda a sua concentração, levantando uma perna de cada vez, e ela gemeu de alívio quando o delicioso calor a inundou.

Ela ficou lá até que seu corpo tivesse afrouxado o suficiente para se mover e caiu

nos lençóis aquecidos sem se preocupar em colocar uma camisola. Não haveria tentativa de enfrentar as escadas esta noite.

Nenhum sonho a perseguiu acordada, também. Nesta dormiu, dormiu e dormiu, embora pudesse jurar que sua porta se abriu em algum ponto.

Poderia ter jurado que um cheiro familiar e atraente encheu seu quarto.

Ela estendeu a mão para ele com uma mão pesada pelo sono, mas já havia sumido.

CAPÍTULO

Cassian estava parado no ringue de treino, tentando não olhar fixamente para a porta vazia. Nestha não tinha aparecido para o café da manhã.

Ele deixou passar porque ela também não tinha aparecido para o jantar, mas isso se deu pelo fato dela estar apagada em sua cama.

Nua.

Ou quase. Ele não tinha visto nada quando tinha enfiado a cabeça pela porta do quarto dela—ao menos, nada que pudesse ter mexido com sua mente ao ponto da inutilidade — mas o seu ombro nu já tinha sugerido o suficiente.

Ele tinha debatido acordá-la para insistir que ela comesse, mas a Casa havia intervido. Uma bandeja havia aparecido ao lado da porta dela, cheia de pratos vazios. Como se a Casa lhe mostrasse precisamente o quanto ela tinha comido.

Como se a Casa estivesse orgulhosa do que lhe tinha dado para comer. — Bom trabalho — murmurou para o ar, e a bandeja desapareceu.

Ele fez uma nota mental para lembrar-se de perguntar a Rhys mais tarde — se a Casa tinha consciência.

Ele nunca tinha ouvido seu Grão-Senhor mencionar aquilo em cinco séculos.

Considerando as coisas imundas que ele tinha feito no seu quarto, no seu banheiro — porra, em tantos quartos dali — a ideia da Casa estar observando...

Que o Caldeirão o fervesse. Então Cassian tinha deixado Nestha dormir durante o café da manhã, esperando que a Casa tivesse pelo menos levado a refeição para o seu quarto.

Mas isso significava que ele não fazia ideia se ela iria aparecer.

Ela tinha feito um acordo com ele ontem, e ele tinha vindo hoje para ver se ela iria pelo menos o encontrar.

Provar que ontem não tinha sido um acaso. Os minutos se arrastaram. Talvez ele fosse um tolo por ter esperança.

Por pensar que uma lição poderia ser suficiente — Xingamentos abafados encheram a escada, além do arco de entrada.

Cada arrastar de botas pareciam se mover lentamente. Ele não se atreveu a respirar, não enquanto os xingamentos dela se aproximavam mais.

Centímetro por centímetro.

Como se ela estivesse demorando muito, muito tempo para subir as escadas. E

então ela estava lá, a mão apoiando-se na parede, o rosto como uma máscara de tanta miséria que Cassian riu. Nestha fez uma carranca, mas ele apenas disse, com o alívio oscilando seus joelhos — Eu deveria ter percebido. — Percebido o quê? — Ela parou a um metro dele. — Que você chegaria atrasada porque está tão dolorida que não consegue subir as escadas. Ela apontou para a escadaria.

— Cheguei aqui em cima, não foi? — Verdade.

— Ele piscou o olho.

— Vou deixar que isso conte como parte do seu aquecimento.

Para aliviar os músculos das suas pernas. — Preciso me sentar.
— E arriscar não conseguir mais levantar? — Ele sorriu, irônico.

— Nem pensar.

— Ele gesticulou para o espaço ao seu lado — Alongamentos. Ela resmungou.

Mas se colocou em posição E quando Cassian começou a instruí-la através dos movimentos, ela escutou. Duas horas mais tarde, o suor derramava do corpo de Nesta, mas a dor, pelo menos, havia cessado.

Você precisa tirar o ácido láctico dos músculos — é isso que está causando dor, Cassian tinha dito depois dela se queixar sem parar durante os primeiros trinta minutos.

Seja lá o que for que isso significasse. Ela se deitou no tapete preto, ofegante novamente, analisando o céu nublado.

Estava muito mais frio do que ontem, com gavinhas de névoa vagueando para além do ringue de treino. — Quando eu paro de ficar dolorida? — perguntou ela a Cassian, sem fôlego. — Nunca. Ela virou a cabeça para ele, praticamente o máximo de movimento que ela conseguia completar. — Nunca? — Bem, melhora com o tempo — acrescentou, e se abaixou aos pés de Nesta.

— Posso? Ela não fazia ideia do que ele estava pedindo, mas acenou com a cabeça, concordando. Cassian enrolou suas mãos levemente em torno do tornozelo dela, a pele dele em volta do tornozelo dela, a pele dele quente contra o seu pé, e levantou a perna.

Ela sibilou enquanto um músculo na parte de trás de sua coxa gritava em protesto, ficando tão espremido que ela rangeu os dentes. — Inspire quando eu empurrar a perna para cima.

— ordenou ele. Ele esperou ela exalar antes de levantar a perna ainda mais alto.

O aperto na coxa era considerável o suficiente para que ela parasse de pensar nas mãos calejadas e quentes de Cassian

contra o seu tornozelo nu, na forma como ele se ajoelhou entre as pernas dela, tão perto que ela virou a cabeça para longe e fixou o olhar na pedra vermelha da parede. — De novo.

— disse ele, e ela exalou, ganhando mais um centímetro de alongamento.

— De novo.

Caldeirão, os seus músculos estão tensos a ponto de se partir. Nestha obedeceu, e ele continuou a esticar a perna para cima, ganhando centímetro após centímetro.

—A dor fica mais fácil — disse Cassian após um momento, como se ele não estivesse segurando a perna dela quase em frente a seu peito.

— Embora tenha muitos dias que eu mal consigo andar no fim.

E depois de uma batalha? Preciso de uma semana para me recuperar só disso. —

Eu sei.

— Os olhos dele encontraram os dela, e ela esclareceu — Quer dizer, eu vi.

Durante a guerra. Ela viu Cassian ser arrastado ao ponto da inconsciência, com as tripas para fora do corpo.

Viu ele no céu, a morte correndo para encontrá-lo até que ela gritou por ele, salvou-o.

Viu ele no chão, quebrado e sangrando, o Rei de Hybern prestes a matar ambos

— O rosto de Cassian assumiu um tom gentil.

Como se ele soubesse quais memórias estavam invadindo sua mente.

— Eu sou um soldado, Nestha. Faz parte dos meus deveres.

Parte de quem eu sou. Ela olhou para trás em direção a parede, e ele abaixou a perna dela antes de recomeçar os movimentos na outra.

A tensão naquele músculo era insuportável. — Quanto mais alongamentos fizer

— explicou ele quando ela cerrou os olhos pela dor — mais mobilidade vai ganhar.

— Ele acenou em direção à escada de corda estendida no chão do ringue de treino, onde ele havia feito ela correr para cima e para baixo, joelhos no peito, se mantendo dentro de cada quadrado, durante cinco minutos seguidos.

— Seus pés são ágeis. — Eu fiz aulas de dança quando era criança. — Sério? —

Nem sempre fomos pobres.

Até aos meus quatorze anos, o meu pai era tão rico quanto um rei.

Chamavam ele de Príncipe dos Mercantes. Ele abriu um sorriso hesitante.

— E você era a princesa dele? O gelo penetrou através dela.

— Não.

Elain era a sua princesa.

Até Feyre era mais sua princesa do que eu jamais fui. — E o que você era? —

Eu era a criatura da minha mãe.

— Ela disse, com tanto gelo na voz que quase congelou a própria língua. Cassian disse cuidadosamente — Como ela era? — Uma versão ainda pior de mim. As sobrancelhas dele franziram.

— Eu... Ela não queria ter esta conversa.

Até mesmo a luz do sol falhou em aquecê-la.

Ela arrancou a perna das mãos dele e sentou, precisando colocar uma distância entre eles. E porque parecia que ele voltaria a falar, Nestha disse a única coisa em que conseguiu pensar. — O que aconteceu com as sacerdotisas em Sangravah dois anos atrás? Ele ficou totalmente imóvel. Era aterrador.

A quietude de um homem pronto para matar, para defender, para se sujar de sangue.

Mas a sua voz estava terrivelmente calma ao perguntar — Por que? — O que aconteceu? Ele pressionou os lábios, e engoliu uma vez antes de dizer — Hybern estava à procura do Caldeirão na época, à procura dos pedaços dos seus pés.

Um deles estava escondido no templo de Sangravah, o seu poder utilizado para alimentar os dons das suas sacerdotisas durante milênios.

Hybern descobriu, e enviou uma unidade dos seus mais mortíferos e cruéis guerreiros para recuperar a peça.

— Fúria fria encheu o rosto dele.

— Eles massacraram a maior parte das sacerdotisas por esporte.

E violaram as que achavam ser do gosto deles. Horror, gélido e profundo, atravessou o corpo dela.

Gwyn tinha... — Conheceu uma delas — perguntou ele — na biblioteca? Ela concordou com um aceno de cabeça, incapaz de encontrar as palavras. Ele fechou os olhos, como se estivesse forçando a raiva de volta para dentro de si.

— Ouvi dizer que Mor tinha trazido uma delas.

Azriel foi o primeiro a chegar no local, e matou todos os soldados de Hybern que ainda restavam, mas a essa altura... — Ele estremeceu.

— Não sei o que aconteceu com as outras sobreviventes.

Mas estou feliz que uma delas acabou aqui.

Segura, quero dizer.

Com pessoas que entendem, e desejam ajudá-la. — Eu também estou.

— disse Nestha calmamente. Ela levantou, as pernas surpreendentemente leves, o que a fez piscar os olhos encarando-as.

— Não estão doendo tanto. — Alongamento.

— Cassian disse, como se fosse reposta o suficiente.

— Nunca esqueça do alongamento. A Corte Primavera faz a pele de Cassian coçar.

Tinha pouco a ver com o bastardo que governava ali, ele percebeu, mas sim com o fato de as terras estarem em um estado perpétuo de primavera.

O que significava plumas de pólen derivando no ar, fazendo seu nariz escorrer e sua pele comichar, até ele ter certeza de que pelo menos uma dúzia de insetos estava deslizando sobre todo seu corpo. — Pare de se coçar.

— Rhys disse sem olhar para ele, enquanto eles faziam seu caminho através de um pomar de maçãs florescendo.

Não havia asas à vista, hoje. Cassian abaixou a mão que estava em seu peito.

— Não consigo evitar, esse lugar faz minha pele comichar. Rhys bufou, gesticulando para uma das árvores florescendo acima deles, as pétalas caindo espessas como a neve.

— O temido General, abatido por alergias sazonais. Cassian fungou de maneira desnecessariamente alta, ganhando uma risada alta de Rhys.

Bom.

Quando ele encontrou seu irmão uma hora atrás, seus olhos estavam distantes, o rosto solene. Rhys parou no meio do pomar, localizado no norte da outrora encantadora propriedade de Tamlin. O sol da tarde aquecia a cabeça de Cassian, e se o seu corpo inteiro não estivesse com tanta coceira, ele talvez tivesse deitado sobre a relva aveludada, deixando suas asas ao sol.

— Arrancaria a minha pele agora mesmo, se isso parasse a coceira. — Essa é uma visão que eu gostaria de ver — disse uma voz atrás deles. Cassian não se preocupou em parecer agradável ao encontrar Eris na base de uma árvore a um metro e meio de distância.

No meio das flores rosas e brancas, o herdeiro frio da Corte Outonal parecia verdadeiramente feérico, como se ele tivesse saído da árvore, e o seu único e verdadeiro mestre fosse a própria terra. — Eris — Rhys disse, deslizando as suas mãos para os bolsos.

— É um prazer. Eris acenou para Rhys, o cabelo ruivo manchado da luz solar escapando por entre os ramos floridos e pesados.

— Só tenho alguns minutos. — Você pediu essa reunião.

— Cassian disse, cruzando os braços.

— Então desembucha. Eris encarou ele com um olhar permeado de desgosto.

— Tenho certeza que relatou minha oferta para Rhysand. — Ele relatou.

— disse Rhys, cabelo escuro despenteado por uma brisa suave e suspirante.

Como se até mesmo o próprio vento gostasse de lhe tocar.

— Não apreciei as ameaças. Eris encolheu os ombros.

— Só queria deixar tudo claro. — Desembuche, Eris — Cassian disse.

Mais um minuto naquele lugar e a coceira iria levá-lo à loucura. Ele desejava que qualquer outra pessoa pudesse ter vindo em seu lugar.

Mas ele tinha sido nomeado por Rhys para lidar com o bastardo.

General a General.

Eris pediu a reunião durante a manhã, nomeando este local como terreno neutro.

Felizmente, o senhor da propriedade não tinha qualquer interesse em patrulhar quem entrava nestas terras. Eris manteve os olhos fixos em Rhys.

— Presumo que seu Encantador de Sombras está fazendo o que ele faz de melhor. Rhys não disse nada, não revelou nada.

Cassian seguiu o seu exemplo. Eris prosseguiu com um encolher de ombros —

Estamos desperdiçando nosso tempo, reunindo informações em vez de agir.

— Os seus olhos âmbar brilhavam à sombra da macieira.

— Independentemente do senhor da morte puxando suas cordas, se as rainhas humanas pretendem ser um espinho ao nosso lado, podemos simplesmente lidar com elas agora.

Com todos eles.

O meu pai seria forçado a abandonar os seus planos.

E estou certo que você poderia inventar alguma razão que não tem nada a ver comigo ou com o que revelei para explicar a sua...

remoção. Cassian balbuciou — Quer que derrubemos as rainhas? Foi a vez de Eris não dizer nada. Rhys também permaneceu em silêncio. Cassian encarou ambos com um olhar incrédulo.

— Matamos aquelas rainhas e estaremos numa confusão maior do que nunca.

Guerras já foram iniciadas por menos.

Matar até mesmo apenas uma rainha, quanto mais quatro, seria uma catástrofe.

Todos saberiam quem teria feito, independentemente das razões que inventaríamos para justificar. Rhys inclinou a sua cabeça.

— Só se formos descuidados. — Você está brincando — disse Cassian ao seu irmão. — Meio brincando — disse Rhys, dando-lhe um sorriso seco.

Não chegou aos seus olhos, no entanto.

Uma grande distância espreitava neles.

Mas Rhys virou-se para Eris.

— Por mais tentador que seja tomar a saída mais fácil, concordo com o meu irmão.

É uma solução simples para os nossos problemas atuais, e para frustrar o seu pai, mas isso criaria um conflito muito maior do que qualquer outro que estamos antecipando.

— Rhys avaliou Eris.

— Você já sabe disso. Eris ainda não disse nada. Cassian olhou de relance entre

eles, vendo Rhys a juntar as peças em sua mente. Rhys perguntou solenemente

— Por que seu pai quer tanto começar uma guerra? — Por que qualquer pessoa vai a guerra? — Eris estendeu uma mão longa e esguia, deixando as pétalas que caíam se reunirem ali.

— Por que Vallahan não assina o tratado? As fronteiras deste novo mundo ainda não foram estabelecidas. — Beron não tem a força militar necessária para controlar a Corte Outonal e um território no continente, — argumentou Cassian.

Os dedos de Eris se fecharam em torno das pétalas.

— Quem disse que ele quer terras no continente? — Ele inspecionou o pomar, como se quisesse fazer valer um ponto de vista. O silêncio caiu sobre eles. Rhys murmurou — Beron sabe que outra guerra que coloque Feéricos contra Feéricos seria catastrófico.

Muitos de nós seríamos completamente dizimados.

Especialmente... — Rhys inclinou a cabeça para trás para analisar as flores das macieiras.

— Especialmente aqueles de nós que estão enfraquecidos.

E quando a poeira assentasse, haveria pelo menos uma Corte vaga, as suas terras vazias para serem tomadas. Eris olhou para as colinas além do pomar, verdes e douradas e brilhando à luz do sol.

— Dizem que uma besta ronda estas terras agora.

Uma besta com olhos verdes aguçados e pele dourada.

Algumas pessoas acreditam que a besta esqueceu a sua outra forma, de tanto tempo que passou na sua forma monstruosa.

E embora percorra estas terras, ele não vê nem se preocupa com a negligência que ele repassa, a falta de leis, a vulnerabilidade.

Até a sua mansão caiu em ruínas, meio destruída por espinhos, embora circulem rumores de que ele próprio a destruiu. — Chega de conversa fiada — Cassian

disse.

— Tamlin permanecendo em sua forma de besta significa finalmente receber a punição que ele merece.

E daí? Eris e Rhys se encararam.

Eris disse — Você tem tentado trazer Tamlin de volta há algum tempo.

Mas ele não está melhorando, está? Rhys cerrou o maxilar, o seu único sinal de descontentamento. Eris acenou com a cabeça, com um ar de quem entendia.

— Eu posso atrasar a aliança de meu pai com Briallyn e o início desta guerra durante algum tempo.

Mas não para sempre.

Alguns meses, talvez.

Por isso, sugiro que seu Encantador de Sombras se apresse.

Encontre uma maneira de lidar com Briallyn, descubra o que ela quer e porquê.

Descobrir se Koschei está, de fato, envolvido.

Na melhor das hipóteses, vamos deter todos.

Na pior das hipóteses, teremos provas que justifiquem qualquer conflito e, espero, ganhar aliados para o nosso lado, a fim de evitar o derramamento de sangue que iria marcar estas terras mais uma vez.

O meu pai pensaria duas vezes antes de se colocar contra um exército de força e tamanho superiores ao dele. — Você se tornou um pequeno traidor — disse Rhys, estrelas dançando em seus olhos. — Eu lhe disse o que queria anos atrás, Grão-Senhor — disse Eris. Tomar o trono de seu pai.

— Por que? — Cassian perguntou. Eris compreendeu o que ele queria dizer, aparentemente, porque uma chama se acendeu em seus olhos.

— Pelo mesmo motivo pelo qual deixei Morrigan intocada na fronteira. — Você a deixou lá para sofrer e morrer.

— cuspiu Cassian.

Os seus Sifões cintilaram, e tudo o que podia ver era a cara bonita do macho, tudo o que podia sentir era o seu próprio punho, desejando fazer contato. Eris zombou.

— Deixei? Talvez devesse perguntar a Morrigan se isso é verdade.

Acredito que ela finalmente saiba a resposta.

— A cabeça de Cassian girou, e a coceira incessante recomeçou, como dedos que se arrastavam ao longo de sua coluna, de suas pernas, de seu couro cabeludo. Eris acrescentou, antes de atravessar: — Me avise quando o Encantador de Sombras retornar. Pétalas vagaram por perto, tão espessas quanto as nevascas nas montanhas, e Cassian se virou para Rhys. Mas o olhar de Rhys estava distante novamente, distraído.

Ele olhou fixamente em direção às colinas longínquas, como se pudesse ver a besta que ali vagueava. Cassian tinha testemunhado com frequência suficiente Rhys entrando profundamente dentro de sua própria mente.

Sabia que o seu irmão era propenso a se retirar enquanto parecia perfeitamente bem.

Mas este nível de distração... — O que está acontecendo com você? — Cassian arranhou seu couro cabeludo.

Esse maldito lugar. Rhys piscou, como se tivesse esquecido que Cassian estava ao seu lado.

— Nada.

— Ele tirou uma pétala caída em suas roupas de couro.

— Nada. — Mentiroso.

— Cassian guardou suas asas. Mas Rhys já não estava mais ouvindo, de novo.

Ele não disse uma palavra antes de atravessar ambos para casa. Nestha encarou a escuridão avermelhada da escadaria. Ela

estava tão dolorida quanto ontem enquanto trabalhava na biblioteca, mas felizmente Merrill não apareceu para falar sobre o livro trocado.

Ela não falou com ninguém além de Clotho, que tinha apenas lhe cumprimentado de forma superficial.

Então Nestha tinha guardado os livros na penumbra, rodeada por sussurros de papel farfalhante, parando apenas para limpar o pó das suas mãos.

As sacerdotisas passavam por ela como fantasmas, mas Nestha não teve nenhum vislumbre de cabelo castanho acobreado e grandes olhos verdes. Honestamente, ela não sabia porque desejava ver Gwyn.

As coisas que Cassian havia contado sobre o ataque ao templo não era o tipo de assunto que ela tinha o direito de trazer à tona. Mas Gwyn não a procurou, e Nestha não se atreveu a subir até ao segundo nível para bater à porta de Merrill e ver se Gwyn estava lá. Portanto, havia silêncio, dor, e o rugido na sua cabeça.

Talvez tenha sido o rugido que a levou para a escadaria, em vez de para o seu quarto para se lavar.

O abatimento acenou, desafiando-a como a boca aberta de alguma grande besta.

Um verme, disposta a devorá-la inteira. As suas pernas se moveram por vontade própria, e o seu pé aterrissou no primeiro degrau. Para baixo e para baixo, de curva em curva.

Nestha ignorou o degrau com os cinco buracos nele incorporados.

Fez questão de não olhar para baixo ao pisar cuidadosamente sobre ele. Silêncio e rugido, e nada, nada, nada. Nestha

conseguiu chegar ao degrau cento e cinquenta antes de suas pernas quase desistirem novamente.

Poupando-se de outro tombo, ela ofegou nos degraus, encostando a cabeça

contra a parede. Naquele silêncio crepitante, ela esperou que a escadaria parasse de girar em torno dela.

E quando o mundo estava de novo parado, ela fez a longa e horrível escalada de volta para cima. A Casa tinha um jantar à sua espera em sua mesa, juntamente com um livro. Aparentemente, tinha notado seu pedido por um livro no outro dia, e considerado A Grande Guerra muito monótono.

O título deste era adequadamente sujo.

— Eu não sabia que você tinha um gosto tão sujo.

— disse Nestha, ironicamente. A Casa respondeu apenas com a banheira se enchendo de água. — Jantar, banho, e um livro.

— disse Nestha em voz alta, balançando a cabeça com algo próximo a admiração.

— É perfeito.

Obrigado. A Casa não disse nada, mas quando ela entrou no banheiro, ela descobriu que não se tratava de um banho normal.

A Casa tinha acrescentado um sortido de óleos que cheiravam a alecrim e lavanda.

Ela inalou o inebriante, belo cheiro, e suspirou. — Acho que você talvez seja minha única amiga.

— disse Nestha, e então gemeu enquanto entrava no calor convidativo da banheira. A Casa, aparentemente, ficou tão

satisfeita com suas palavras que, assim que ela deitou na banheira, uma bandeja apareceu ao seu lado.

Carregando um pedaço enorme de bolo de chocolate.

CAPÍTULO

15

O sétimo nível da biblioteca era inquietante. De pé em frente as grades de pedra do nível seis, segurando um livro para ser devolvido às estantes, Nestha olhou para a escuridão a poucos passos dela, tão densa que pairava como uma camada de nevoeiro, velando os níveis abaixo. Os livros habitavam lá embaixo.

Ela sabia disso, mas nunca tinha sido enviada até àqueles níveis escuros.

Nunca tinha visto uma das sacerdotisas se aventurar depois do local onde ela agora se encontrava, espiando por cima do corrimão.

À sua frente, a escuridão acenava por baixo da rampa. Como se fosse uma entrada para um poço escuro do inferno. Os corvos gêmeos de Hybern estavam mortos.

O seu sangue ainda manchava o chão muito abaixo? Ou será que Rhysand e Bryaxis limpavam até mesmo esse vestígio deles? A escuridão parecia subir e descer.

Como se estivesse inspirando e expirando. Os cabelos dos seus braços se arrepiaram. Bryaxis tinha desaparecido.

Libertado para o mundo.

Nem mesmo a caçada de Feyre e Rhysand havia conseguido recuperar a coisa

que era o próprio Medo. E, no entanto, a escuridão permaneceu.

Pulsava, garras de sombra à deriva, para cima. Ela estava encarando a profundidade há muito tempo.

Ela podia encará-la de volta. Mas ela não se moveu da grade.

Não conseguia lembrar de como tinha vindo até aqui, ou que livro ela ainda tinha em mãos. Havia noite, e havia a escuridão após a extinção da luz de uma vela, e depois havia isto.

Não só a verdadeira ausência de luz, mas...

um ventre.

O ventre de qual toda a vida havia surgido e retornaria, nem o bem nem o mal, apenas escuro, escuro, escuro. Nestha. O seu nome flutuou para ela como se surgisse das profundezas de algum oceano negro. Nestha. Deslizou ao longo dos seus ossos, do seu sangue.

Ela tinha que recuar.

Se afastar. A escuridão pulsou, acenando. — Nestha. Ela rodopiou, quase deixando o livro cair sobre a borda. Gwyn estava ali de pé, de olhos postos nela.

— O que está fazendo? Com o coração trovejando em seu peito, Nestha se virou em direção à escuridão, mas — era apenas isso.

Escuridão turva, através da qual ela mal conseguia agora distinguir o subnível abaixo.

Como se o preto espesso e impenetrável tivesse desaparecido. — Isso... eu...

Gwyn, com os braços carregados de livros, esgueirou-se para o seu lado e observou a escuridão.

Nestha esperou pela repreensão, pelo ridicularização e pela incredulidade, mas Gwyn apenas perguntou gravemente: — O que é que você viu? — Por que? —

Perguntou Nestha.

— Você vê coisas nessa escuridão? — A sua voz era fraca. — Não, mas alguns dos outros sim.

Dizem que a escuridão os seguiu.

Até as suas portas.

— Gwyn estremeceu. — Eu vi escuridão — Nestha conseguiu dizer.

O seu coração não conseguia se acalmar.

— Pura escuridão. O tipo de escuridão que ela não tinha visto desde que tinha estado dentro do Caldeirão. Gwyn olhou entre Nestha e o abismo abaixo. —

Devemos ir mais alto. Nestha levantou o livro ainda em seus braços trêmulos. —

Preciso colocar isso na estante. — Deixa isso — disse Gwyn, com autoridade suficiente para que Nestha deixasse cair o livro sobre uma mesa de madeira escura.

A sacerdotisa pôs a mão nas costas de Nestha, acompanhando-a até à rampa inclinada. — Não olhe para trás — Gwyn murmurou do canto da sua boca.

— Em que nível está o seu carrinho? — Quatro. Ela começou a torcer a cabeça para olhar por cima do ombro, mas Gwyn a beliscou. — Não olhe para trás —

Gwyn murmurou de novo. — Está nos seguindo? — Não, mas... — Gwyn engoliu de forma audível.

— Consigo sentir alguma coisa.

Como um gato.

Pequeno, inteligente e curioso.

Está observando. — Se você estiver brincando... Gwyn alcançou o bolso de seu manto pálido e puxou a pedra azul das sacerdotisas.

Ela flutuava com luz, como o sol sobre um mar raso. — Se apresse — sussurrou ela, e elas aumentaram o seu ritmo, atingindo o quinto nível.

Nenhuma outra sacerdotisa se aproximou, e não havia ninguém para testemunhar Gwyn persistindo. — Continue. A pedra na sua mão brilhava. Fizeram outra curva para cima, e assim que chegaram ao quarto nível essa presença — essa sensação de alguma coisa nas suas costas — diminuiu. Esperaram até terem chegado ao carrinho de Nestha antes de Gwyn largar os livros que ainda carregava no chão e atirar-se para a poltrona estofada mais próxima.

As suas mãos tremiam, mas a pedra azul tinha voltado a adormecer. Nesta teve de engolir duas vezes antes de conseguir dizer — O que é isso? — É uma Pedra Invocadora.

— Gwyn relaxou seus dedos, revelando a pedra dentro da sua mão.

— Semelhante aos Sifões dos Ilyrianos, exceto que o o poder da Mãe flui através dela.

Não podemos usá-la para o mal, apenas para a cura e proteção.

Estava nos protegendo como um escudo. — Não, quero dizer, aquela escuridão.

Os olhos de Gwyn combinavam quase perfeitamente com a sua pedra azul, até as sombras que agora encobriram a sua expressão. — Dizem que o ser que habitava lá embaixo desapareceu.

Mas creio que algum pedaço pode ter ficado para trás.

Ou no mínimo alterou a própria escuridão. — Não foi assim que pareceu.

Parecia...

mais velho. As sobrancelhas de Gwyn subiram. — Você conhece essas coisas?

Não havia indulgência nas palavras, apenas curiosidade. — Eu... — Nestha piscou os olhos.

— Não sabe quem eu sou? — Sei que você é irmã da Grã-Senhora.

Que você matou o Rei de Hybern. — O rosto de Gwyn se tornou solene, assombrado.

— Que você, como a Senhora Feyre, já foi mortal.

Humana. — Eu fui feita pelo Caldeirão.

Sob as ordens do Rei de Hybern. Gwyn traçou os seus dedos sobre a cúpula lisa da Pedra Invocadora.

A luz ondulou sob seu toque. — Eu não sabia que tal coisa era possível. — A minha outra irmã, Elain... nós fomos forçadas a entrar no Caldeirão e transformadas em Feéricas.

— Nestha engoliu de novo.

— Ele... transmitiu algo de si mesmo para mim. Gwyn analisou o corrimão, a queda aberta na escuridão para além dele. —

Semelhantes atraem semelhantes.

— Sim. Gwyn sacudiu a cabeça, o cabelo balançando com o movimento. —

Bem, talvez não desça até o Nível Seis novamente. — O meu trabalho é devolver os livros às estantes. — Conte para Clotho e ela vai se assegurar de que os livros sejam guardados por outros. — Parece covarde. — Não desejo descobrir o que pode se arrastar daquela escuridão se você, feita pelo Caldeirão, está assustada.

Especialmente se for... atraída por você. Nestha se afundou na cadeira ao lado de onde Gwyn sentava. — Eu não sou uma guerreira. — Você matou o Rei de Hybern.

— repetiu Gwyn.

— Com a faca do encantador de sombras. — Sorte e fúria.

— admitiu Nestha.

— E eu tinha feito uma promessa de matá-lo pelo que ele fez a mim e à minha irmã. Uma sacerdotisa passou por ali, as viu sentadas ali, e se apressou em sair.

Seu medo deixou um sabor no ar, como comida queimada.

Gwyn suspirou por ela. — Essa é Riven.

Ela ainda fica desconfortável com qualquer tipo de contato com estranhos. —

Quando ela chegou? — Há oitenta anos. Nestha começou a falar.

Mas a tristeza encheu os olhos de Gwyn, enquanto ela explicava. — Nós não fofocamos uns sobre os outros aqui.

As nossas histórias continuam a ser nossas para contar ou para guardar.

Apenas Riven, Clotho, e o Alto Senhor sabem o que aconteceu a ela.

Ela não fala sobre isso. — E não existe ajuda para ela? — Eu não tenho conhecimento dessa informação.

Conheço os recursos disponíveis para nós, mas não é da minha conta se Riven os utilizou. Pela preocupação que agora marcava o rosto de Gwyn, Nestha sabia que ela tinha utilizado esses serviços.

Ou pelo menos tinha tentado. Gwyn colocou o seu cabelo atrás das suas orelhas arqueadas. — Eu queria te encontrar ontem para agradecer mais uma vez por ter trocado aquele livro, mas fiquei presa com o trabalho de Merrill.

— Ela inclinou a cabeça.

— Estou em dívida com você. Nestha esfregou a cãibra persistente na coxa. —

Não foi nada. Gwyn notou o movimento.

— O que houve com a sua perna? Nesta cerrou os dentes.

— Nada.

Estou treinando todas as manhãs com Cassian. Ela não fazia ideia se Gwyn o conhecia, por isso esclareceu — O General do Grão-Senhor... — Eu sei quem ele é.

Todos sabem quem ele é.

— Era impossível decifrar o rosto de Gwyn.

— Por que treina com ele? Nestha limpou a camada de pó do joelho. —

Digamos apenas que me foram apresentadas várias opções para...

refrear o meu comportamento.

Treinar com Cassian de manhã e trabalhar aqui à tarde foi o mais aceitável. —

Por que é que precisa refrear o seu comportamento? Gwyn realmente não sabia, sobre o desperdício horrível e miserável que ela havia se tornado. — É uma longa história. Gwyn parecia ler a sua relutância. — Que tipo de treino é esse?

Combate? — Neste momento, é um monte de exercícios de equilíbrio e alongamento. Ela acenou em direção à perna de Nestha. — Essas coisas são dolorosas? — São quando se está tão fora de forma como eu. Uma fraqueza patética. Mais duas sacerdotisas passaram por elas, e aparentemente a presença de uma delas foi suficiente para Gwyn pular da cadeira. — Bem, eu devia voltar para o Merrill.

— declarou ela, qualquer vestígio de solenidade desaparecido.

Ela acenou com a cabeça para a escuridão do poço.

— Não vá à procura de problemas. Gwyn virou-se em seus calcanhares, o azul piscando na sua mão. A visão desse azul fez Nesta balbuciar: — Por que não usa pedra na cabeça, como os outros? Gwyn guardou a pedra no bolso. — Porque eu não mereço. — É só isso que vamos ficar fazendo? — Nestha questionou no treinamento da manhã seguinte, enquanto se levantava do exercício que Cassian chamava de agachamentos.

— Equilíbrio e alongamento? Cassian cruzou os braços. — Enquanto você tiver esse equilíbrio de merda, sim. — Eu não caio tantas vezes.

— Apenas a cada poucos minutos. Ele acenou para que ela fizesse outro agachamento. — Você ainda coloca todo o peso na sua perna direita quando levanta.

Isso abre seu quadril, e seu pé direito gira levemente para o lado.

Todo o seu centro está desconectado.

Até corrigirmos isso, você não fará nada mais intenso, por mais ágeis que sejam os seus pés.

Você só se machucaria. Nestha bufou enquanto fazia outro agachamento, a sua perna direita indo ligeiramente para trás da sua esquerda enquanto se abaixava.

O fogo queimou ao longo da sua coxa esquerda e joelho.

Quantas reverências ela havia praticado sob o olhar aguçado de sua mãe? Ela tinha esquecido que era tão difícil. — Como se você levantasse tão perfeitamente. — Eu levanto.

— A arrogância inabalável permeava cada palavra.

— Tenho treinado desde que eu era criança.

Nunca tive a chance de aprender a levantar incorretamente.

Você tem vinte e cinco anos de maus hábitos para quebrar. Ela se levantou do agachamento, com as pernas tremendo.

Ela quase pediu pela barganha deles, ordená-lo para nunca mais pedir que fizesse outro agachamento novamente. — E você realmente gosta desses exercícios e treinos sem fim? — Mais dois, e depois eu respondo. Resmungando, Nestha obedeceu.

Só porque ela estava cansada de ser tão fraca como um gatinho, como ele a tinha chamado há várias noites atrás. Quando ela terminou, Cassian disse.

— Tome um pouco de água.

— O sol da manhã batia implacavelmente neles. — Não preciso que me diga quando devo beber.

— estalou ela. — Então vá em frente e desmaie. Nestha encontrou o seu olhar avelã, o rosto sério, e bebeu a água.

Para que sua cabeça pudesse parar de girar, ela disse a si mesma.

Quando ela tinha terminado um copo, Cassian disse.

— Nasci de uma mulher não casada num povoado que faz o Acampamento Refúgio do Vento parecer um paraíso tolerante e acolhedor.

Ela foi excluída por ter um filho fora do casamento, e forçada a dar à luz sozinha numa tenda no auge do inverno. O horror a invadiu.

Ela sabia que Cassian era de baixo nascimento, mas esse nível de crueldade por causa disso... — E o seu pai? — Se refere ao pedaço de merda que se forçou nela e depois voltou para sua esposa e família? — Cassian deu uma risada fria que ela

raramente ouvia. — Não houve consequências para ele. — Nunca há.

— disse Nestha friamente.

Ela bloqueou a imagem do rosto de Tomas. — Há aqui.

— rosnou Cassian, como se sentisse a direção tomada por seus pensamentos.

Cassian gesticulou para a cidade abaixo deles, escondida pela montanha e pela Casa bloqueando a vista.

— Rhys mudou as leis.

Aqui na Corte Noturna, e em Illyria.

— O seu rosto endureceu ainda mais.

- Mas ainda é preciso que a sobrevivente se apresente.

E em lugares como Illyria, eles fazem um inferno da vida de qualquer femêa que se apresente.

Eles consideram traição. — Isso é um insulto. — Somos todos Feéricos.

Esqueça a merda de nascimento alto ou baixo. Somos todos imortais ou quase isso.

A mudança vem lentamente para nós. O que os humanos conseguem realizar em

décadas, demora séculos para nós.

Ainda mais tempo, quando se mora em Illyria. — Então por que se preocupar com os Illyrianos? — Porque lutei como o inferno para provar o meu valor a eles.

— Os seus olhos brilharam.

— Para provar que a minha mãe trouxe algum bem a este mundo. — Onde está ela agora? — Ele nunca tinha falado dela. Os seus olhos se fecharam de uma forma que ela nunca havia testemunhado antes. — Fui tirado dela quando eu tinha três anos.

Atirado na neve.

E no seu estado de desgraça, como chamam, ela tornou-se presa de outros monstros. — O estômago de Nestha torcia com cada palavra.

— Ela fez seus trabalhos de partos até morrer, sozinha, e... — A sua garganta se moveu.

— Nessa altura eu já estava no acampamento Refúgio do Vento.

Eu ainda não estava forte o bastante para voltar e ajudá-la.

Levá-la a algum lugar seguro.

Rhys ainda não era Grão-Senhor, e nenhum de nós pôde fazer nada. Nestha não tinha a certeza absoluta de como acabaram por falar desse assunto.

Aparentemente, Cassian também percebeu isso. — É uma história para outro momento.

Mas o que eu queria tentar explicar é que durante tudo aquilo, através de cada coisa horrível, o treinamento me centrou.

Me guiou.

Quando tinha um dia de merda, quando fui cuspidado ou esmurrado ou evitado,

quando liderei exércitos e perdi bons guerreiros, quando Rhys foi tomado por Amarantha, através de tudo, o treinamento permaneceu.

Você disse no outro dia que a respiração ajuda.

Me ajuda, também.

Ajudou Feyre.

- Ela viu um muro se erguer nos seus olhos, palavra após palavra.

Como se ele esperasse que ela rasgasse o que tinha ouvido. Rasgasse ele.

- Entenda como quiser, mas é verdade. A vergonha deslizou por ela.

Ela havia feito isso.

Trouxe esse nível de defensividade nele. Algo pesou sobre ela.

Começou a corroer as entranhas. Então, Nestha disse.

— Me mostre outro conjunto de movimento. Cassian analisou seu rosto durante um momento, seu olhar ainda resguardado, e começou a próxima demonstração.

A Casa tinha um gosto por livros de romance.

Nestha ficou acordada mais tarde do que ela deveria para conseguir terminar o que tinha sido deixado no dia anterior, e quando voltou ao seu quarto naquela noite, outro estava à sua espera. — Não me diga que você de alguma forma leu esses.

— Ela folheou pelo volume na sua mesa de cabeceira. Em resposta, mais dois livros caíram sobre a superfície.

Cada um deles totalmente imundo. Nestha soltou um pequeno risinho. — Deve ser terrivelmente monótono aqui em cima. Um terceiro livro caiu sobre os outros. Nestha riu novamente, um som enferrujado e rouco.

Ela não conseguia lembrar da última vez que ela tinha rido.

Uma gargalhada verdadeira, de barriga cheia. Talvez antes da sua mãe ter morrido.

Ela certamente não tinha encontrado motivos para rir depois que eles caíram na pobreza. Nestha acenou com a cabeça para a mesa. — Sem jantar essa noite? A porta do seu quarto se abriu para revelar o corredor pouco iluminado. — Já tive o suficiente dele por um dia. Mal tinha sido capaz de falar com Cassian pelo resto da sua lição, incapaz de deixar de pensar em como ele havia colocado um muro em seus olhos antes mesmo que ela falasse uma palavra sequer, antecipando que ela iria o perseguir, assumindo que ela era tão horrível que não seria capaz de ter uma conversa normal.

Que ela faria piadas com ele sobre sua mãe e sua dor. — Eu prefiro ficar por aqui. A porta se abriu mais. Nesta suspirou.

O seu estômago doía de fome. — Você é tão intrometida quanto o resto deles.

— ela murmurou, e se dirigiu para a sala de jantar. Cassian estava sentado sozinho à mesa, o pôr-do-sol dourando o seu cabelo preto em tons dourados e vermelhos, brilhando através das suas belas asas. Durante uma batida de coração, ela compreendeu o impulso de Feyre para pintar coisas, para captar imagens como esta, preservar para sempre. — Como estava a biblioteca? —

perguntou ele enquanto ela sentava no lugar em frente a ele. — Nada tentou me devorar hoje, então estava bem. Um prato de

porco assado e feijão verde apareceu com um copo de água à sua frente. No entanto, ele ficou quieto. —

Alguma coisa tentou te devorar em outro dia? — Bem, não conseguiu se aproximar o suficiente para conseguir, mas essa foi a impressão geral que eu recebi. Ele piscou, seus Sifões brilhando. — Me conta. Nestha se perguntou se tinha dito algo de errado, mas relatou o incidente, a começar com a escuridão e terminar com a assistência de Gwyn.

Ela não viu a sacerdotisa depois disso mas, no final do dia, havia uma nota em seu carrinho que dizia: Apenas um lembrete amigável para se manter longe dos níveis mais baixos! Nestha tinha bufado, amassando a nota, mas tinha guardado dentro de seu bolso. Em frente dela, o rosto de Cassian estava pálido. — Você viu Bryaxis uma vez.

— disse Nestha no silêncio. — Algumas vezes.

— ele respirou.

A sua pele tinha ficado em um tom esverdeado.

— Eu sei que nós devemos continuar caçando Bryaxis.

Não é uma coisa boa que esteja lá fora, no mundo.

Mas acho que não conseguiria suportar encontrá-lo novamente. — Como foi? Os olhos dele encontraram os dela. — Os meus piores pesadelos.

E não estou falando de fobias mesquinhas. Me refiro aos meus medos mais profundos e mais primordiais.

Coloquei alguns dos piores monstros, os mais vis na Prisão, mas estes eram monstros em todos os sentidos da palavra.

É...

acho que ninguém pode compreender, a menos que tenha visto. Ele olhou para ela novamente, e ela percebeu que ele estava se preparando para seu veneno.

Monstro.

Ela era um monstro.

A realização feriu e cortou profundamente. Mas ela disse, na esperança de que ele visse que ela não iria se meter em seus assuntos apenas para machucá-lo: —

Que tipo de criaturas colocou na Prisão? Cassian provou um pouco da comida.

Um bom sinal de que isto, pelo menos, era território aceitável. — Quando vivia no mundo humano, existiam lendas de bestas e fadas temíveis que a massacrariam se alguma vez atravessassem o muro, não existiam? Coisas que deslizam através de janelas abertas para beber o sangue de crianças? Coisas que eram tão perversas, tão cruéis que não havia esperança contra o seu mal? O

cabelo do seu pescoço arrepiou. — Sim.

— Essas histórias sempre haviam assustado-a e petrificado-a. — Eles se baseavam na verdade.

Histórias baseadas em seres antigos, quase primitivos que existiam aqui antes da divisão das Cortes, antes dos Grão-Senhores.

Alguns os chamam de Primeiros Deuses.

Eram seres com quase nenhuma forma física, mas uma inteligência perspicaz e viciosa.

Tanto os humanos como os Feéricos eram suas presas.

A maioria foi caçada e levada a se esconder ou a ser aprisionada há séculos.

Mas alguns ficaram, espreitando a partir dos cantos esquecidos da terra.

— Ele engoliu outra boca cheia. — Quando eu estava perto dos trezentos anos, um deles apareceu novamente, rastejando para fora das raízes de uma montanha.

Antes de ir para a Prisão ser enfraquecido pelo aprisionamento, Lanthys podia transformar-se em vento e arrancar o ar dos seus pulmões, ou transformar-se em chuva e afogá-lo em terra seca; ele poderia descascar a sua pele do seu corpo com alguns movimentos.

Ele nunca revelou a sua verdadeira forma, mas quando o enfrentei, ele optou por aparecer como uma névoa rodopiante.

Ele foi pai de uma raça de feéricos que ainda nos atormentam, que prosperou sob o reinado de Amarantha.

Mas os Bogge são menores, meras sombras em comparação com Lanthys.

Se existe algo como o mal encarnado, é ele.

Ele não tem misericórdia, não tem sentido de certo ou errado.

Existe ele, e existem todos os outros, e todos nós somos suas presas.

Os seus métodos de matança são criativos e lentos.

Ele se banquetearia com medo e dor tanto quanto com a própria pele. O sangue dela arrefeceu. — Como aprisionou algo assim? Cassian tocou um ponto em seu pescoço onde uma cicatriz marcava a parte de trás de sua orelha. — Aprendi rapidamente que nunca poderia vencê-lo em combate ou por magia.

Ainda tenho a cicatriz aqui para o provar.

— Cassian sorriu fracamente.

— Por isso usei a sua arrogância contra ele.

Lisonjei e provoquei até ele se encurralar num espelho com madeira de freixo.

Apostei que o espelho o conteria, e Lanthys apostou errado.

Ele saiu do espelho, claro, mas nessa altura, eu já tinha prendido o miserável dentro da Prisão. Nestha levantou uma sobrancelha.

Ele deu um sorriso afiado que não alcançou seus olhos, e disse.

— Não apenas um bruto, afinal. Não, ele não era, apesar dela ter dito tantas vezes isso a ele, mas ela nunca havia acreditado... Cassian prosseguiu — De todos os ocupantes da Prisão, Lanthys é o único que temo que encontre uma saída. — Será que isso aconteceria? — Acredito que não, graças ao Caldeirão.

Aquela Prisão é inescapável.

A menos que seja Amren. Nestha não queria falar sobre Amren.

Ou pensar nela. — Você disse que aprisionou outros.

— Metade dela nem queria saber. Ele encolheu os ombros, como se não fosse nada de mais que ele tivesse feito coisas tão marcantes. — Lubia de sete cabeças, que cometeu o erro de vir à tona das cavernas das profundezas do oceano para caçar garotas ao longo da costa ocidental.

Blue Annis, que era um terror para contemplar, pele de cobalto e garras de ferro e, como Lubia, um gosto pela carne feminina.

Lubia, pelo menos, engoliu as suas presas rapidamente.

Annis...

ela demorava mais tempo.

Annis era como Lanthys a esse respeito.

— Sua garganta se moveu, e ele puxou para trás a gola de sua camisa para revelar outra cicatriz: a horrível, espessa cicatriz acima do seu peitoral esquerdo.

Ela tinha espiado outro dia durante o treinamento.

— Isso é tudo o que resta dela agora, mas Annis tinha triturado meu peito com aquelas garras de ferro e estava quase no meu coração quando Azriel interview.

Portanto, suponho que a sua captura é partilhada entre nós dois.

— Ele bateu com os dedos em cima da mesa.

-E depois houve... — Já ouvi o suficiente.

— As suas palavras eram sem fôlego.

- Não vou conseguir dormir hoje à noite.

— Ela sacudiu a cabeça, dando outra mordida na comida.

— Não sei como você consegue, tendo enfrentado tudo isso. Ele se inclinou para trás no seu lugar. — Você aprende a viver com isso.

A bloquear os horrores dos seus pensamentos atuais.

— Ele acrescentou em um toque silencioso.

— Mas eles ainda espreitam ali.

No fundo da sua mente. Ela desejava saber como fazer isso: empurrar todos os pensamentos que a devoravam atrás de alguma parede, ou num buraco dentro dela, para que ela pudesse enterrar eles profundamente. Cassian perguntou, a voz ainda quieta: — A escuridão na biblioteca... você acha que reagiu a você especificamente? Quando ela não disse nada, ele pressionou: — Por causa dos seus poderes? — Eu não tenho nenhum poder.

— Ela mentiu.

Treinar com Amren não tinha feito nada para ajudá-la a entender seus poderes, de qualquer forma. — Então quem deixou aquela marca de mão nas escadas? Ela não se deu ao trabalho de parecer agradável. — Talvez Lucien.

Ele tem fogo em suas veias. — Ele disse que o seu fogo era diferente do dele.

Que queimou frio, de alguma forma. — Talvez você devesse me prender naquela Prisão, então. Ele pousou o seu garfo.— Estou apenas fazendo uma pergunta. —

E importa, se eu tenho poderes? Cassian balançou a cabeça no que parecia ser uma mistura de admiração e repugnância. — Você pode ter nascido humana, mas é pura Feérica.

Respondendo perguntas com perguntas, desviando de uma resposta honesta. —

Não sei dizer se isso é um elogio ou não. — Não é.

— Os seus dentes faíscaram.

— O tipo de poderes que tem não são do tipo que devem ficar parados.

Eles precisam de uma saída, e de treinamento. — Equilíbrio e alongamento? A mandíbula dele cerrou. — O que aconteceu entre você e Amren? — Por que tantas perguntas essa noite? — Porque estamos conversando como pessoas normais, e eu quero saber. Sobre tudo. Nestha se levantou, se dirigindo até a porta. — Por que você se importa? — Não vamos recuar para o território antigo, Nes. Ela atirou por cima do ombro.

— Não tinha percebido que já estávamos além dele. — Besteira. — Agora é a hora onde você me lembra que todos me odeiam, e eu saio. Cassian levantou de

seu lugar, bloqueando o seu caminho para a porta em três passos.

Ela tinha se esquecido de como ele era rápido, de como era ágil apesar do seu tamanho.

Ele encarava. — Nunca me importou se você tomou metade do poder do Caldeirão ou apenas uma gota.

Ainda não me importa. — Por que? — Nesta não conseguiu se impedir de perguntar.

— Por que você se incomoda? As suas feições se tornaram graves. — Por que você ficou do meu lado quando nos levantamos contra o Rei de Hybern durante aquela última batalha? Como se isso fosse uma resposta.

Ela não podia suportar, esta conversa, a expressão no seu rosto. — Porque eu era uma idiota estúpida.

— Ela empurrou para passar. — Do que você tem medo? — perguntou ele, seguindo-a para o corredor. Ela parou. — Eu não tenho medo de nada. —

Mentirosa. Nestha se virou, lentamente.

Deixou que ele visse cada partícula de raiva ondulando através dela. Os olhos de Cassian brilhavam de satisfação selvagem. Os seus Sifões queimaram, lançando luz vermelha sobre as pedras, como se sangue aguçado tivesse sido derramado.

A sua boca se torceu para o lado em um sorriso torto e zombeteiro. — Sabia que os seus olhos brilham quando o seu poder sobe à superfície? Como aço derretido.

Como fogo de prata. Ele tinha feito de propósito.

Irritá-la, desse jeito.

Para que ela mostrasse suas cartas. Os dedos de Nestha se fecharam ao seus lados.

Ela deu um passo em direção a ele.

Cassian manteve a sua posição.

Então ela deu mais um passo. Outro. Até estarem suficientemente perto que uma respiração profunda faria seu peito esfregar contra o dele.

Até que ela estivesse mostrando seus dentes em frente a seu rosto, ainda com um sorriso zombeteiro. Cassian a analisou.

Encarou seus olhos e sussurrou.

— Linda. Ele não parou a mão que ela apoiou em seu peito musculoso.

Ou quando ela empurrou seu peito, encostando ele na parede, as suas asas se espalhando pelo impacto.

Ele apenas olhava e olhava fixamente para ela, maravilhando, com fome. Nestha não se moveu, não conseguiu se mover enquanto Cassian se inclinou para sussurrar ao seu ouvido — A

primeira vez que vi esse olhar no seu rosto, você ainda era humana.

Ainda humana, e eu quase me ajoelhei aos seus pés.

— O seu hálito acariciou sua orelha e ela não conseguiu impedir que os seus olhos se fechassem.

O sorriso dele encostou em sua têmpora.

— O seu poder é uma canção, e uma canção que eu esperei muito, muito tempo para ouvir, Nestha. As suas costas arquearam ligeiramente com a forma como ele disse o seu nome, a forma como arrancou a segunda sílaba.

Como se ele estivesse imaginando fechar sua boca em outras partes dela.

Mas apenas a mão dela ligava seus corpos.

Apenas a sua mão, agora se agarrando a sua camisa, o estrondoso batimento cardíaco dele pulsando por baixo dela. Até que Cassian baixou o rosto um centímetro, e raspou a ponta do seu nariz ao longo do seu pescoço.

Sob a sua mão, o peito dele subia enquanto ele inalava um grande, ganancioso sopro de seu cheiro. Muito longe.

Ela não devia ter se permitido ir tão longe com ele, deixá-lo se aproximar tanto.

No entanto, ela não conseguia retroceder.

Não podia fazer nada a não ser deixá-lo passar seu nariz sobre o pescoço dela novamente.

O desejo de pressionar o seu corpo no dele, de sentir o seu calor e sua ereção nela, quase apagaram qualquer pensamento

racional de sua mente. No entanto, as mãos de Cassian permaneceram ao seus lados.

Como se estivesse à espera de sua permissão. Nestha puxou a sua cabeça para trás, afastando o suficiente para ver o rosto dele, seus olhos. Os seus joelhos quase cederam perante o desejo que neles ardia.

Líquido, desejo inflexível, fixado nela. Ela não conseguia respirar enquanto se afogava naquele olhar.

Enquanto partes baixas e sensíveis dela apertaram e começaram a palpitar, os seus seios tornando-se pesados e doloridos.

As narinas dele dilataram, sentindo isso também. Ela não podia.

Ela não podia fazer isso com ele.

Com ela mesma. Não podia, não podia, não podia... Nestha começou a retirar a mão dela do seu peito, mas ele deslizou a sua sobre a dela.

Esfregou o polegar nas costas da mão dela, e apenas aquele contato da pele calegada fez ela rangir os dentes, incapaz de pensar, de respirar... Cassian sussurrou ao seu ouvido — Sabe no que estarei pensando essa noite? Um pequeno som deve ter saído dela, porque ele sorriu enquanto se afastava, soltando sua mão. A ausência do seu calor, do seu cheiro, era como um balde de água gelada. Ele sorriu, nada mais que malícia e desafio. — Vou pensar nesse olhar em seu rosto.

— Deu mais um passo em direção ao fundo do corredor.

— Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto. Ela não conseguia dormir.

Os lençóis a sufocavam, estrangulavam, sufocavam com o seu calor até que o suor escorresse pelo seu corpo. Eu estou sempre

pensando nesse olhar em seu rosto. Nestha estava deitada na escuridão, a sua respiração irregular, o seu corpo corado e dolorido. Mal tinha sido capaz de se concentrar na leitura quando regressou ao seu quarto.

E ela estava se virando e contorcendo na cama pelo que pareciam horas, agora.

Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto. Ela conseguia imaginar: Cassian na sua própria cama, esparramado como um rei, agarrando seu pau, se masturbando intensamente... Ela conseguiu sussurrar para a sala.

— Volte ao amanhecer. Ela não sabia se a Casa obedeceria.

Não descobriu se ela compreendia porquê Nestha queria privacidade enquanto ela deslizava a mão pelo seu corpo, a sensação da seda de sua camisola contra sua pele quase insuportável. Ela gemeu contra a almofada enquanto os seus dedos deslizavam entre suas pernas, instantaneamente escorregadios com a umidade que ali encontrou, que não tinha desaparecido desde que ela fora deixada de pé, naquele corredor.

Seus quadris arquearam ao toque, e ela rangeu os dentes, deixando sair um longo assobio enquanto arrastava seus dedos até seu dolorido, palpitante centro. Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto. Ela deslizou seus dedos até a sua boceta, contorcendo-se com a intrusão, incapaz de parar de ver o rosto de Cassian, aquele meio sorriso, aquela luz nos seus olhos.

O poderoso corpo e as belas asas.

Ela retirou os dedos quase até a entrada, e enquanto os mergulhava de volta, era a mão de Cassian que ela imaginava lá, sentia lá.

A outra mão de Cassian que se levantou para lhe apertar seu seio, apertando com

força, da forma como ela gostava, uma ponta afiada e ligeira de dor para aumentar o prazer. Era a mão de Cassian que ela cavalgava, mordendo o lábio para conter seus gemidos.

Foi a mão de Cassian que a trouxe para além do limite e para um orgasmo tão intenso que ela quase gritou.

Foi a mão de Cassian que deslizou para dentro dela, de novo e de novo, orgasmo após orgasmo, até que Nestha estivesse deitada e ofegante na cama, com nada além da escuridão para segurá-la.

CAPÍTULO

16

Cassian não havia dormido bem. Era difícil dormir bem quando ele estava tão excitado que precisou se dar prazer não uma, mas três vezes até se sentir calmo o suficiente para fechar os olhos.

Mas ele acordou antes do amanhecer ardendo por ela, o seu cheiro ainda no nariz dele, e ter gozado outra vez não aliviou quase nada. Ele a contou exatamente o que planejava fazer na noite passada, mas encarar Nestha por cima da mesa do café na manhã seguinte foi ainda mais desconfortável do que ele antecipava. Ela o encontrou na mesa, e ficou lendo um livro enquanto comia.

Estava fechado agora, mas pela lombada, ele percebeu que era um dos romances que ela tanto gostava. Para quebrar o silêncio, Cassian perguntou — O que você está lendo? Cor manchou as bochechas pálidas de Nestha.

E ele podia jurar que ela precisou de um esforço para encontrar seus olhos, também.

— Um romance. — Eu percebi isso.

Sobre o que é esse? Ela abaixou o olhar rapidamente.

Mas o corado permaneceu. Ele sabia que não tinha nada a ver com o livro. Mas ela o encarou novamente, com a coluna reta.

Como se ela estivesse fazendo seu máximo para encontrar seu olhar.

Seus dedos apertaram o garfo.

E quando ela os olhou, puxou as mãos para debaixo da mesa. Como se fossem uma prova. O coração dele aqueceu quando ele percebeu que a bochecha corada, o embaraçamento... Ele se fez dar profundas, fortes respirações.

Eles precisavam treinar juntos pelas próximas duas horas.

Estar atento a isso não era apenas inútil, mas inapropriado para o ringue de treinamento. Isso não fez ele parar de imaginar: as mãos dela entre as pernas, o corpo dela ardendo por alívio como o dele estava.

O jeito que ela teria provavelmente mordido o próprio lábio, assim como ele fez, para se impedir de gemer alto.

Seu pau endureceu, empurrando sua calça a ponto de doer. Cassian se mexeu no assento, tentando conseguir mais espaço para si mesmo.

Ele apenas conseguiu fazer a costura dura esfregar contra o seu pau, a atrito suficiente para fazê-los ranger os dentes. Treinamento.

Eles tinham treinamento. — O livro — Nestha disse, um pouco ofegante — é sobre... — Suas narinas se alargaram e seus olhos ficaram um pouco desfocados.

— Um livro. — Interessante — Cassian murmurou.

— Parece ótimo. Ele precisava sair da sala.

Tinha que resolver a merda dele antes de subir.

O calor entre eles não pertencia ao ringue de treinamento.

Em que porra de lugar estava Az quando ele precisava dele? Cassian serviu de barreira para Mor por anos-em que porra de lugar estava ela quando ele precisava? Mas ele não podia se levantar da sua cadeira.

Se ele fizesse isso, Nestha veria precisamente o quanto ela afeta ele.

Isto é, se ela já não tivesse cheirado, e entendido a mudança em seu cheiro.

E se ela olhasse para a protuberância em sua calça com o calor que ela tinha em seus olhos na noite passada, o calor que ele sentia apenas em imaginar ela, ele poderia muito bem fazer papel de bobo. Era um risco que ele estava disposto a arriscar.

Precisava arriscar, antes que ele a deitasse na mesa e tirasse suas peças de roupa uma por uma. Cassian pulou da sua cadeira, murmurando — Te vejo lá.

— e saiu. — O livro — Nestha repetiu para si mesma, encarando seu mingau —

É sobre um livro.

— Ela colocou sua testa entre as mãos.

— Idiota. Pelo menos Cassian parecia não estar ouvindo.

Mas qualquer vontade que estava em seus olhos ontem a noite, parecia relutante hoje, como se ele não pudesse - não quisesse

aquele calor entre eles, a tensão.

Ele praticamente fugiu da sala pra evitar ela. O treinamento seria horrível. Ele estava esperando no ringue, o retrato de um guerreiro arrogante.

Nestha não ousou olhar para suas calças.

Para o que ela poderia jurar que estava esticando o tecido e os botões conforme ele fugia da sala. Mas se ele iria parecer sereno, tudo bem.

Ela iria o acompanhar nisso. Nesta rolou os ombros, aproximando-se dele. —

Mais alongamento e equilíbrio? — Não. Seus olhos se encontraram, e havia apenas uma limpa e determinada calma — e um desafio.

— Nós vamos fazer o aquecimento, e então vamos partir para um trabalho no seu meio. Ela ficou boquiaberta.

O seu... meio? — Abdominais — ele explicou, e rosa apareceu em suas

bochechas.

Ele limpou a garganta.

— Mente poluída.

— Ele sacudiu a bochecha dela.

— Muito poluída. Ela empurrou ele e apontou para seus músculos escondidos pela camiseta. — Você vai me fazer ficar parecendo assim? Sua risada baixa ondulou por todo o corpo dela.

— Ninguém consegue parecer assim além de mim, Nes. Arrogante. — O

Rhysand e Azriel conseguem, — ela disse docemente. — Eu tenho um ou dois músculos a mais do que eles. — Eu não vejo. Ele piscou.

— Talvez eles estejam em outros lugares. Ela não pode evitar.

Não pode parar.

Não o olhar de desejo, mas o sorriso que cobriu seu rosto.

Ela escondeu uma risada. Cassian a encarou como se ele nunca tivesse a visto antes. Seu choque foi o suficiente para Nestha parar de sorrir.

— Ok — ela disse. — Aquecimento, e então abdominais. Ela odiava exercícios abdominais. Principalmente porque ela não conseguia fazer eles. — Eu sabia que você não tinha muito músculo — Cassian observou enquanto Nestha deitava com a barriga para baixo no chão, tendo caído em sua frente depois de tentar segurar uma prancha de corpo inteiro.

— Mas isso é absolutamente patético. — Você não deveria ser meu treinador inspirador? — Você não consegue fazer mais de cinco segundos. Ela cuspiu — E

quanto você consegue fazer? — Cinco minutos. Nestha se empurrou sobre os cotovelos.

— Desculpa se eu não tive quinhentos anos de trabalho no meio. — Eu te pedi para segurar aquela prancha por 30 segundos. Ela se empurrou sobre seus

joelhos, seu estômago doendo.

Ele a tinha feito fazer curvas para cima, depois extensões de pernas enquanto estava deitada de costas, e então levantar uma

pedra suave de 2 quilos sobre sua cabeça enquanto ela tentava levantar-se de deitada para uma posição sentada usando apenas seus músculos do estômago.

Ela não conseguiu fazer mais do que uma ou duas delas antes do seu corpo desistir.

Nenhuma quantidade de vontade poderia fazer ele se mexer. — Isso é tortura.

— Apoiando as mãos no joelho, Nestha apontou para o ringue.

— Se você é tão perfeito, faça tudo que acabou de me pedir para fazer. Cassian bufou.

— Um illyriano de dez anos poderia fazer em poucos minutos. — Então faça sua grande, dura e masculina rotina. Ele sorriu.

— Beleza.

Você fica falando, eu vou te mostrar minha grande, forte e masculina rotina. Ele arrancou sua camisa.

Prendeu seu cabelo para trás. E isso foi um tipo diferente de tortura.

Assistir ele fazendo os mesmos exercícios, porém mais pesados, difíceis e rápidos.

Assistir os músculos do seu estômago esticarem, os músculos de todos os lugares esticarem.

Assistir o suor bilhar e correr no seu corpo dourado, por suas tatuagens, pela estrela de oito pontas da sua barganha na coluna dele antes de deslizar para a cintura de sua calça. Mas ele foi profissional durante a lição.

Totalmente profissional e distante, como se o seu treino fosse sagrado para ele.

Nestha não conseguia tirar seus olhos para longe enquanto ele completava seus exercícios, ofegando suavemente.

Ela tentou não pensar se esse som ofegante foi como ele soou na noite passada quando se masturbou. Mas os olhos castanhos de Cassian estavam claros.

Triunfantes. Em outra época, em outro mundo, ele poderia ter sido considerado um deus-guerreiro pelos mortais.

Depois do que ele contou sobre os monstros que colocou na prisão, ele poderia muito bem ser considerado um herói nessa época.

O tipo que um dia seria sussurrado sobre ao redor do fogo. Pessoas dariam seu nome aos seus filhos.

Guerreiros iriam querer ser ele. Um bom guerreiro seria conhecido como Cassian renascido. E ela havia o chamado de bruto. — O que? — Cassian limpou o suor do seu rosto. Ela perguntou, para se distrair dos seus pensamentos.

— Realmente não há nenhuma fêmea lutando nas unidades entre os Illyrianos?

— Ela não viu nenhuma na guerra. O sorriso dele desapareceu.

— Nós tentamos uma vez e falhou espetacularmente.

Então, não.

Não há. — Porque Illyrianos são atrasados e horríveis. Ele estremeceu.

— Você tem falado com Az? — Apenas minhas observações. Ele desamarrou o cabelo, as mechas finas e lisas caindo ao redor de seu rosto.

— Os Illyrianos... Eu te disse.

Progresso é lento.

É um objetivo nosso — meu e do Rhys, quero dizer. — É mais difícil para as fêmeas se tornarem guerreiras? — Não é apenas o treinamento.

É ir contra os costumes da sociedade, também.

E depois há o Rito de Sangue, que elas também teriam que completar. — O que é o Rito de Sangue? — É exatamente como soa.

— Ele esfregou o pescoço.

— Quando um guerreiro illyriano chega em pleno poder, geralmente na casa dos vinte anos, tem que passar pelo Rito de Sangue antes de poder ser considerado como guerreiro adulto em pleno poder.

Os quase guerreiros de cada clã e aldeia são enviados - geralmente três ou quatro de cada um deles- espalhados por uma área nas montanhas illyrianas.

Ficamos lá durante uma semana com dois objetivos: sobreviver, e chegar a Ramiel. — O que é Ramiel? — Ela sentiu-se como uma criança com estas perguntas, mas a sua curiosidade levou a melhor. — A nossa montanha sagrada.

— Ele desenhou um símbolo familiar na terra: um triângulo com três pontos acima dela.

Uma montanha, ela percebeu.

E três estrelas.

— É o símbolo da Corte Noturna.

O Rito de Sangue é sempre quando Arktos, Carynth, e Oristes, as nossas três estrelas sagradas, brilham acima dele durante

uma semana por ano.

No último dia do Ritual, elas estão diretamente acima do seu pico. — Então você sobe a montanha? — Nós destruimos o nosso caminho para a montanha.

— Os seus olhos tinham ficado rígidos.

— Somos drogados e atirados para a selva, sem nada mais do que as nossas roupas. — E você precisa participar? — Uma vez dentro, não pode sair.

Pelo menos até ao fim do Rito, ou até chegar ao pico de Ramiel.

Se alguém invadir o Rito para o extrair ou salvar você, a lei declara que ambos serão caçados e mortos pela transgressão. Mesmo Rhys não está isento dessas leis. Nestha estremeceu.

— Parece bárbaro. — Isso não é a metade.

Há um feitiço no lugar para que as nossas asas se tornem inúteis e nenhuma magia pode ser usada.

— Ele levantou uma mão, mostrando o Sifão vermelho nas suas costas.

— A magia é rara entre os illyrianos, mas quando se manifesta, exige os Sifões para ser controlada, filtrada em algo utilizável.

Mas nos dá uma vantagem sobre os outros Illyrianos sem ele - por isso o feitiço nivela o campo de jogo.

No entanto, os illyrianos possuem magia numa noite por ano: a noite anterior ao Rito de Sangue, quando os líderes da banda de guerra podem atravessar os novatos drogados para a selva.

Nem sequer me pergunte porquê.

Ninguém sabe. — Mas o Azriel pode atravessar o tempo todo. — Az é diferente.

De muitas maneiras.

— O seu tom não convidava mais questionamentos. — Então, sem o uso de magia no Rito, vocês matam uns aos outros da maneira normal? Espadas e punhais? — As armas também são proibidas.

Pelo menos as que são trazidas do exterior.

Mas é possível construir a sua própria.

Você precisa construir a sua própria arma.

Ou então será massacrado. — Pelos outros guerreiros? — Sim.

Clãs rivais, inimigos, imbecis à procura de notoriedade - tudo isso. Em algumas aldeias, quanto maior for o número de mortes, mais glória se traz.

Os clãs mais atrasados afirmam que a matança é para aniquilar os guerreiros mais fracos, mas eu sempre pensei que era um grande desperdício de qualquer talento em potencial.

— Cassian arrastou uma mão através do seu cabelo.

— E depois há as criaturas que vagueiam pelas montanhas — alguns que podem facilmente derrubar um guerreiro Illyriano com garras e presas. Uma memória sombria surgiu, de Feyre lhe contando sobre os animais horríveis que ela uma vez encontrados na região.

Cassian prosseguiu: — Então você enfrenta tudo isso enquanto tenta fazer o seu caminho para as encostas de Ramiel.

A maioria dos machos esquece de poupar força suficiente para o final da semana para fazer a escalada.

É um dia e uma noite de escalada brutal, onde uma queda pode matá-lo.

A maioria nem sequer consegue chegar à base da montanha.

Mas se o fizerem, o oponente muda.

Não se está enfrentando outros guerreiros - está colocando você mesmo, a tua própria alma, contra a montanha.

É normalmente esse fato que quebra qualquer pessoa que tenta escalá-la. — E o que... você chega ao topo e ganha um troféu? Cassian bufou, mas as suas palavras foram sérias.

— Há uma pedra sagrada sobre ele.

O primeiro a tocar nela ganha.

Ela te transportará imediatamente para fora. — E todos os outros, quando a semana termina? — Quem ficar de pé é considerado um guerreiro.

Onde você está quando termina, o classifica em um dos três escalões de guerreiros, com o nome das nossas estrelas sagradas: Arktosian, são os que não chegaram à montanha mas sobreviveram; Oristian, os que chegam à montanha mas não alcançar o topo; e Carynthian, são os que escalam o cume e são considerados a elite guerreira.

Tocar na pedra no topo do Ramiel é ganhar o Rito.

Apenas uma dúzia de guerreiros nos últimos cinco séculos alcançaram a montanha. — Você tocou a pedra, eu pressumo. — Rhys, Az, e eu a tocamos juntos, apesar de termos sido deliberadamente separados um do outro no início.

— Por que? — Os líderes tinham medo de nós e daquilo em que poderíamos nos tornar. Pensavam que os guerreiros ou bestas

iam dar conta de nós, se não nos tivéssemos uns aos outros para nos encostar.

Eles estavam errados.

— Os seus olhos brilhavam ferozmente.

— O que eles aprenderam foi que nós amamos uns aos outros como verdadeiros irmãos.

E não havia nada que não fizéssemos, ninguém que não matássemos, para nos alcançar.

Para salvarmos uns aos outros.

Nós destruímos o nosso caminho através das montanhas, e conseguimos atravessar a Fratura — a pior das três rotas do Ramiel para o topo — e nós ganhamos a porcaria da coisa.

Tocamos na pedra no mesmo momento, o mesmo fôlego, e nos tornamos Carynthian. Nestha não conseguiu manter o choque fora do seu rosto.

—E você disse que apenas doze se tornaram Carynthian...

em quinhentos anos? — Não.

Doze conseguiram chegar à montanha e tornaram-se Oristian. Apenas outros três, além de nós, ganharam o Rito de Sangue e tornaram-se Carynthian.

A sua garganta balançou.

— Eram belos guerreiros, e lideravam unidades exemplares.

Perdemos dois deles contra Hybern. Provavelmente naquela explosão que tinha dizimado milhares deles.

A explosão de que ela o tinha protegido.

A ele, e apenas a ele. O estômago de Nestha se apertou, com náuseas deslizando através dela.

Ela forçou-se a respirar fundo.

— Então você acha que as fêmeas não podem participar do Rito? — Mor provavelmente ganharia a maldita coisa em tempo recorde, mas não.

Eu não iria querer nem mesmo ela participando no Ritual.

— A parte não dita do seu raciocínio estava fria nos seus olhos.

Haveria um tipo de violência diferente para se defender, mesmo que as fêmeas fossem tão bem treinadas como os machos. Nestha estremeceu.

— Você poderia ter uma unidade feminina sem que elas passassem pelo Rito de Sangue? — Elas nunca seriam honradas como verdadeiras guerreiras sem isso

— sem um desses três títulos.

Bem, eu iria considerá-las guerreiras, mas não o resto dos Illyrianos.

Nenhuma outra unidade voaria com elas.

Eles considerariam uma vergonha e um insulto.

— Ela franziu a sobrancelha e ele ergueu as mãos.

— Como eu disse: a mudança vem lentamente.

Ouviu a merda que o Devlon falou do seu ciclo.

Isso é considerado um progresso. No passado, matavam uma mulher por pegar numa arma.

Agora eles "descontaminam" a lâmina e chamam a si próprios de pensadores modernos.

— O desgosto contorceu a sua feição. Nestha relaxou até aos pés e olhou para o céu.

A sua cabeça clareou ligeiramente.

Ela não gostava da perspectiva de guardar livros nas estantes quando o seu corpo já estava doendo...

Mas talvez ela visse Gwyn. — Treinar as fêmeas Illyrianas — prosseguiu Cassian — não seria sobre lutar nas nossas guerras.

Trata-se de provar que elas são tão capazes e fortes como os machos.

Trata-se de dominar o seu medo, de aperfeiçoar a força que já têm. — Do que elas tem medo? — De se tornarem como a minha mãe.

— disse ele suavemente.

— Passar pelo que ela suportou. O que as sacerdotisas debaixo da montanha tinham suportado. Nestha pensava nas sacerdotisas silenciosas que não saíam da montanha, que habitavam na penumbra.

Um rasgo passou através da sua memória, passando apressadamente, incapaz de suportar a presença de um estranho. Gwyn, com os seus olhos brilhantes que por vezes escureciam com sombras. Cassian inclinou a sua cabeça para o lado do silêncio dela.

— O que foi? — Você treinaria fêmeas não Illyrianas? — Eu estou treinando você, não estou? — Quer dizer, consideraria... — Ela não sabia como dizer com elegância, não como o Rhysand e sua língua de prata.

— As sacerdotisas na biblioteca. Se eu as convidasse para treinar conosco aqui, onde é privado e seguro. Você as treinaria? Cassian piscou lentamente.

— Sim.

Quero dizer, claro, mas...

— Ele encolheu.

— Nestha, muitas das fêmeas da biblioteca não querem - não conseguem- ficar perto de machos de novo. — Então pediremos a uma das suas amigas fêmeas para se juntar.

Mor ou qualquer outra pessoa que você possa pensar. — As sacerdotisas podem nem sequer conseguir ter estômago para me terem presente. — Você nunca machucaria ninguém dessa maneira. Os seus olhos amoleceram ligeiramente.

— Não se trata disso para elas.

É sobre o medo — o trauma que elas suportam.

Mesmo que elas saibam que eu nunca lhes faria isso, posso trazer de volta memórias que são incrivelmente difíceis de enfrentar. — Disse que este treino me ajudaria com os meus...

problemas.

Talvez pudesse ajudá-las.

No mínimo, lhes daria uma razão para saírem um pouco. Cassian a observou durante um longo momento.

Depois disse — Quem quer que consiga subir aqui conosco, eu treinarei de bom grado.

Mor está fora, mas posso pedir à Feyre. — A Feyre não.

— Nestha detestava essas palavras.

A forma como as suas costas se endureceram.

Ela não conseguia olhar para ele quando disse — Eu só...

— Como ela poderia explicar o emaranhado entre ela e a sua irmã? A auto-aversão que ameaçava consumi-la sempre que ela olhava para o rosto da irmã?

— Tudo bem — repetiu Cassian.

— A Feyre não.

Mas preciso avisar a ela e ao Rhys.

Você provavelmente também deveria pedir permissão a Clotho.

— Uma mão quente apertou-lhe o ombro e o balançou.

— Gosto desta ideia, Nes.

— Os seus olhos de avelã brilhavam.

— Gosto muito. E, por alguma razão, as palavras significavam tudo.

CAPÍTULO

17

"Tenho uma proposta para você. Com os músculos do abdômen latejando, as pernas doendo, Nestha ficou de pé diante da mesa de Clotho enquanto a sacerdotisa terminava de escrever em um manuscrito qualquer em que fazia anotações, sua caneta encantada se arrastando junto. Clotho levantou a sua cabeça enquanto a caneta escrevia a sua última marca e escreveu sobre um pedaço de papel.

Sim? — Você permitiria que suas sacerdotisas treinassem comigo todas as manhãs no ringue de treino no topo da Casa? Não todas, apenas as que estiverem interessadas. Clotho ficou perfeitamente imóvel.

Então, sua caneta se moveu. Treinar para que? — Para fortalecer os seus corpos, para se defenderem, para atacarem, se assim o desejarem.

Mas também para clarear as suas mentes.

Ajudar a equilibrá-las. Quem irá supervisionar esse treinamento? Você? — Não.

Não sou qualificada para tanto.

Estarei treinando com elas.

— Seu coração batia acelerado.

Ela não tinha certeza do motivo.

- Cassian irá supervisionar.

Ele não é desrespeitoso com as mãos...

quer dizer, ele tem muito respeito e... — Nestha sacudiu a cabeça.

Ela soava como uma verdadeira idiota. Sob as sombras do seu capuz, Nestha podia sentir o olhar de Clotho se arrastar sobre ela.

A caneta se moveu novamente. Muitas não irão aparecer, eu receio. — Eu sei.

Mas mesmo uma ou duas...

eu gostaria de pelo menos oferecer. — Nestha fez um gesto em direção a um pilar atrás de Clotho.

— Colocarei uma folha de inscrição ali.

Quem quiser se juntar a nós, será bem-vindo. Mais uma vez, aquele olhar longo debaixo do capuz da sacerdotisa, o seu peso como um toque fantasmagórico.

Então, Clotho escreveu: Quem quiser se juntar, tem a minha bênção. Naquele dia, Nestha pendurou a folha de inscrição no pilar. Quando ela partiu, ninguém havia escrito seu nome na folha. Ela acordou cedo, caminhou até à biblioteca para verificar a lista, e a encontrou ainda vazia. — Vai levar tempo — Cassian a consolou quando leu o que quer que estivesse gravado no rosto dela enquanto entrava no ringue de treino. Acrescentou, suavemente — Continue a estender a mão. Então, foi o que Nestha fez. Todas as tardes, quando chegava à biblioteca, ela verificava a lista.

Todas as noites, quando saia, ela verificava novamente.

Estava sempre vazia. Nos treinamentos, Cassian começou a instruí-la sobre o básico das posições dos pés e do posicionamento do corpo em combate corpo a corpo.

Sem socos ou pontapés, ainda não.

Nestha conseguiu segurar aquela prancha infernal durante dez segundos.

Depois quinze.

Depois vinte.

Trinta. Cassian adicionou pesos aos seus exercícios, a fim de fortalecer seus braços frágeis.

Pedras pesadas com pegadores esculpidos para ela segurar enquanto fazia os seus agachamentos. Durante tudo isso, ela respirava, respirava e respirava. Ela tentou descer as escadas novamente.

Chegou aos quinhentos degraus antes de seus músculos exigirem que ela retornasse.

Na noite seguinte, ela chegou aos seiscentos e dez degraus.

Depois, setecentos e cinquenta. Ela não sabia o que faria quando chegasse no final da escadaria: encontraria uma taverna ou alguma casa de prazer e beberia até ficar em estado de estupidez, ela supôs.

Se ela conseguisse, ela mereceria, ela dizia a si mesma a cada passo. À noite, a exaustão era tanta que ela mal conseguia comer e se banhar antes de cair na cama.

Mal conseguia ler um capítulo de um livro antes de suas pálpebras se fecharem.

Ela havia encontrado um romance sujo que ela já havia lido e amado em um dos baús que Elain havia arrumado para ela, e o colocou sobre sua mesa. Ela havia dito para o ar — Encontrei isso para você.

É um presente.

— O livro, então, havia sumido.

Mas pela manhã, ela tinha encontrado um buquê de flores outonais em cima de sua mesa, o vaso de vidro cheio de ásteres e crisântemos de todas as cores. Uma

semana se passou, durante a qual ela mal viu Gwyn, embora tenha descoberto através de Clotho que Merrill estava exigindo muito dela no que se referia a investigação sobre as Valquírias.

Mas Nestha tinha tantos livros para devolver às estantes que as horas passavam rapidamente. Especialmente depois de ter começado a utilizar os livros para treinar. Enquanto subia a rampa, ela segurava uma pilha pesada e executava uma série de agachamentos.

Em várias ocasiões, ela flagrou sacerdotisas passando no nível acima, analisando-a enquanto ela realizava os exercícios. Todos os dias, ela verificava a folha de inscrição no pilar atrás da mesa de Clotho.

Vazia. Dia após dia, dia após dia. Continue a estender a mão, Cassian havia dito.

Mas do que isso valeria, ela começou a se perguntar, se ninguém se importava em retribuir o contato? — Se segurar seu punho desse jeito quanto der um soco em alguém, vai estilhaçar seu polegar. Ofegante, com o suor a escorrer por suas costas como um rio, Nestha olhou carrancuda para Cassian.

Ela ergueu o punho que ele havia instruído a fechar, o seu polegar dentro dos seus dedos dobrados.

- O que está errado com meu punho? — Mantenha o seu polegar sobre seu dedo indicador e seu dedo do meio.

— Ele ergueu o punho, para demonstrar, e moveu seu polegar encostado contra seus dedos.

— Se socar com o seu polegar, vai doer como o inferno. Estudando o punho erguido de Cassian, Nestha imitou o posicionamento em sua própria mão.

— E depois? Ele tocou o queixo.

— Se coloque na posição que treinamos ontem.

Pés paralelos, cravando sua força no chão... — Eu sei, eu sei.

— Nestha murmurou, e se colocou na posição que ele havia feito ela praticar

durante três dias.

Ela analisou seus pés enquanto eles se colocavam em posição, depois dobrou ligeiramente os joelhos, balançando duas vezes para ter a certeza que estava centralizada. Cassian circulou ao redor dela.

— Bom.

Qualquer soco que dê deve ser rápido e preciso, não um balanço selvagem que cause desequilíbrio e a prive da força do seu braço.

O seu corpo e a sua respiração darão mais força ao soco do que seu braço.

— Ele se posicionou de forma semelhante, e atingiu o ar. Ele se moveu tão suavemente, tão brutalmente, que o golpe aconteceu antes que ela conseguisse piscar os olhos. Ele estendeu o braço quando terminou, os músculos contraindo.

Ele havia enrolado suas mangas por causa do dia quente de outono, mas não tinha tirado a camisa.

À luz forte do sol, a tatuagem ao longo do seu braço esquerdo parecia engolir a claridade.

- Alinhe os nós dos seus dois primeiros dedos com o seu antebraço.

É com isso que quer bater, e a força no seu braço vai passar diretamente por eles.

Se bater com o seu dedo anelar e o mindinho, vai quebrar a sua mão. — Não fazia ideia que dar um soco era tão carregado de perigos. — Aparentemente, é preciso inteligência para ser um

bruto. Nestha franziu suas sobranceiras, mas se concentrou em alinhar o seu antebraço e o nós dos dedos que ele tinha indicado.

— Assim? — Para bater com os nós dos dedos adequados, é preciso inclinar o pulso para baixo, apenas um pouco. — Por que? — Para que seu pulso não se parta. Ela baixou o braço.

— Considerando quantas formas existem de partir a minha própria mão quando esmurro alguém, não me parece que valha a pena. — É por isso que um bom

guerreiro sabe escolher suas batalhas.

- Ele baixou o seu punho.

— Tem de se perguntar se o risco vale a pena cada vez que escolhe. — E você sempre consegue dar um soco com perfeição? — Sim — disse Cassian, sem uma pitada de dúvida.

Ele sacudiu os cabelos para longe dos olhos.

— Bem, na maioria das vezes.

Houveram algumas brigas em que eu não tinha o ângulo certo, mas um soco, mesmo um que poderia quebrar minha mão, era a melhor maneira de sair da situação. Quebrei a minha mão... — Ele apertou os olhos em direção ao céu, como se estivesse fazendo uma contagem mental.

— Ah, provavelmente dez vezes. — Em quinhentos anos. — Não posso ser perfeito a cada momento, todos os dias, Nes.

— Os olhos dele cintilaram. Eles não haviam repetido a loucura ocorrida no corredor na semana passada.

E ela estava sempre demasiadamente cansada à noite para sequer chegar até a sala de jantar, quanto mais para dar prazer a si mesma na cama. — Certo —

disse ele.

— Agora mova seus quadris enquanto dá o soco.

— Ele bateu no ar novamente.

Desta vez, se moveu mais lentamente, permitindo que ela analisasse como seu corpo fluía através do movimento. — Vai envolver seu abdômen e seus ombros no movimento, dando mais força.

— Outro soco no ar. — Então, esses exercícios abdominais são úteis para mais do que apenas exhibir seus músculos? Ele lhe lançou um sorriso irônico.

— Acha mesmo que isso é só para exibição? — Acho que flagrei você se olhando naquele espelho pelo menos uma dúzia de vezes a cada lição.

— Nestha acenou com a cabeça para o espelho ao redor do ringue. Ele riu.

— Mentirosa.

Você usa esse espelho para me observar quando acha que não estou prestando atenção Ela se recusou a deixá-lo ver a verdade no rosto dela.

Recusou tanto que abaixou a cabeça.

Se concentrou novamente em seu posicionamento. — Está toda concentrada hoje, hein? — Você quer que eu treine — Nestha disse, friamente — então me treine. Mesmo que nenhuma sacerdotisa aparecesse, mesmo que ela fosse uma tola por ainda manter a esperança de que elas viriam, ela não se importou em seguir treinando.

Clareava a sua mente, requeria tanta concentração e respiração que os pensamentos que rugiam em sua cabeça tinham poucas

oportunidades de devorá-la inteira.

Só nos momentos de silêncio é que esses pensamentos apareciam novamente, geralmente quando ela perdia o foco enquanto trabalhava na biblioteca ou se banhava.

E quando isso acontecia, a escadaria sempre a puxava.

Os dez mil degraus infernais. Mas isso faria qualquer coisa — o treino, o trabalho, as escadas — além de mantê-la ocupada? Os pensamentos ainda esperavam como lobos para se enrolarem ao redor dela.

Para rasgar ela ao meio. Eu te amei desde o primeiro momento em que te segurei nos meus braços. Os lobos se aproximaram, as garras estalando. — Para onde você foi? — Cassian perguntou, os olhos escurecidos de preocupação. Nestha se posicionou novamente.

Isso fez os lobos recuarem um passo.

— A lugar nenhum. Elain estava na biblioteca privada. Nestha sabia antes mesmo de subir as escadas, coberta de poeira vinda da biblioteca. O aroma delicado de sua irmã, de jasmim e mel, enchia o corredor de paredes vermelhas como uma promessa de primavera, um rio cintilante que ela seguiu através das portas abertas da biblioteca. Elain estava em frente a parede cheia de janelas, vestida com um vestido lilás, cujo corpete mostrava como a sua irmã tinha recuperado seu peso desde aqueles primeiros dias na Corte Noturna.

Desapareceram os ossos que marcavam sua pele, substituídos por suavidade e curvas elegantes. Nestha sabia que ela própria tinha tido aquela aparência outrora, mesmo que os peitos de Elain sempre tivessem sido mais pequenos.

Nestha olhou para si mesma, ossuda e desengonçada.

Sua irmã voltou-se para ela, resplandecendo de saúde. O sorriso de Elain era tão brilhante como o sol se pondo atrás das janelas. — Pensei em passar por aqui para ver como você está. Alguém havia trazido Elain até a Casa, uma vez que não havia como ela ter subido aqueles dez mil degraus. Nestha não devolveu o sorriso da irmã, mas gesticulou para seu próprio corpo, a roupa de couro, a poeira.

— Estive ocupada. — Você parece um pouco melhor do que há algumas semanas. A última vez que tinha visto Elain havia sido uma semana antes de vir para a Casa.

Tinha passado pela irmã na movimentada praça do mercado, a que chamavam de Palácio de Ossos e Sal, e apesar de Elain ter parado, sem dúvida com a intenção de falar com ela, Nestha tinha seguido sua caminhada.

Não olhou para trás antes de desaparecer na multidão.

Nestha não quis nem pensar em quão ruim sua aparência estava naquele dia, se a imagem que apresentava agora era melhor. — Você está com uma cor boa, quero dizer — esclareceu Elain, se afastando das janelas com passos largos para atravessar a sala.

Ela parou a alguns metros de distância de Nestha.

Como se estivesse segurando a si mesma do abraço que poderia ter dado. Como se Nestha tivesse algum tipo de doença leprosa. Quantas vezes tinham estado nesta mesma sala durante aqueles primeiros meses? Quantas vezes essa cena tinha acontecido, mas com suas posições trocadas? Elain havia sido o fantasma, até então, demasiado magra, com os seus pensamentos trancados em sua mente.

De alguma forma, Nestha havia se tornado o fantasma agora. Pior do que um fantasma.

Um espectro, cuja fúria e fome não tinham fim, eram eternas. Elain havia precisado apenas de tempo para se ajustar.

Mas Nestha sabia que ela precisava de mais do que isso. — Está gostando do seu tempo aqui em cima? Nestha encontrou os olhos castanhos quentes da sua irmã.

Quando humana, Elain era facilmente a mais bonita entre as três irmãs, e quando ela foi transformada em Feérica sua beleza havia se amplificado.

Nestha não sabia explicar que mudanças haviam ocorrido além das orelhas pontiagudas, mas Elain tinha passado de adorável a devastadoramente linda.

Elain, aparentemente, não percebia isso. Sempre foi assim entre elas: Elain, doce e alheia, e Nestha, o lobo rosnando ao seu lado, pronto a triturar qualquer um que ameaçasse sua irmã. Elain é agradável aos olhos, a sua mãe havia dito uma vez enquanto Nestha estava ao lado de sua penteadeira, uma criada escovando silenciosamente os cabelos castanhos dourados da mãe, mas ela não tem qualquer ambição. Ela não tem sonhos além do seu jardim e roupas bonitas.

Ela será mais valiosa para nós no mercado casamenteiro um dia, se essa beleza permanecer, mas serão as nossas próprias manobras, Nestha, não as dela, que vão nos trazer uma parceria vantajosa. Nestha tinha doze anos na época.

Elain mal tinha completado onze anos. Ela tinha absorvido cada palavra do esquema criado por sua mãe, planos para um futuro que nunca tinha acontecido.

Teremos de pedir que seu pai vá ao continente quando o tempo certo chegar, sua mãe havia dito inúmeras vezes.

Aqui não há homens dignos de nenhuma de vocês duas.

Feyre nem sequer tinha sido considerada até então, uma criança taciturna e estranha a quem a mãe ignorou. A realeza humana ainda governa lá... senhores, duques e príncipes.

Mas a riqueza deles está esgotada, muitas de suas propriedades em ruínas.

Duas belas damas com uma fortuna digna de um rei poderiam ir longe. Posso casar com um príncipe? Nestha havia pedido.

A mãe dela apenas sorriu. Nestha sacudiu a cabeça e finalmente disse.

— Eu não tenho outra escolha senão estar aqui, então não vejo como poderia estar gostando do meu tempo aqui. Elain torceu os seus dedos finos, suas unhas sempre curtas para trabalhar no jardim.

— Sei que as circunstâncias que ensejaram sua vinda aqui foram horríveis, Nestha, mas você não precisa ficar tão miserável por isso. — Eu me sentei ao seu lado durante semanas.

— Nestha disse, categoricamente.

— Semanas, enquanto você desaparecia, recusando comida e bebida.

Enquanto você parecia esperar apenas murchar e morrer. Elain vacilou.

Mas Nestha não conseguiu impedir que as palavras se derramassem.

— Ninguém sugeriu que você entrasse em forma, ou seria enviada de volta às terras humanas. Elain, surpreendentemente, permaneceu firme.

— Eu não estava bebendo até perder a consciência e....

e fazendo aquelas outras coisas. — Fodendo estranhos? Elain vacilou novamente, seu rosto corando. Nestha bufou.

— Você está vivendo no meio de seres que não possuem nenhuma das nossas pretensões humanas, sabe.

— Elain voltou a endireitar os ombros, enquanto Nestha adicionava — Não é como se você e Graysen não tivessem agido por causa dos seus sentimentos. Foi um golpe baixo, mas Nestha não se importou.

Ela sabia que Elain tinha perdido sua virgindade para Graysen um mês antes de terem sido transformadas em Feéricas.

Elain havia brilhado na manhã seguinte. Elain inclinou a cabeça.

Não se dissolveu em uma confusão chorosa, o que normalmente acontecia quando Graysen era mencionado.

Em vez disso, ela disse — Você está com raiva de mim. Muito bem, então.

Ela também podia ser direta.

Nestha retrucou.

— Por empacotar minhas coisas enquanto Rhys e Feyre me diziam que eu sou uma pilha de merda sem valor? Sim. Elain cruzou os braços e disse calmamente, com tristeza.

— Feyre me avisou que isso poderia acontecer. As palavras atingiram Nestha como uma bofetada.

Tinham falado sobre ela, sobre seu comportamento, suas atitudes.

Elain e Feyre.

Era assim que as coisas estavam agora.

A conexão que Elain havia escolhido. Era inevitável, Nestha supôs, o estômago se agitando.

Ela era o monstro. Por que as duas não deveriam se juntar e empurrá-la para fora? Mesmo que ela tivesse acreditado, de forma tola, que Elain sempre havia visto todas as partes horríveis dela e decidido ficar ao seu lado, de qualquer maneira. — Eu quis vir, mesmo assim — Elain prosseguiu com aquela calma

concentrada, a quietude de aço crescendo em sua voz.

— Eu queria te ver, para explicar. Elain escolheu Feyre, escolheu o seu pequeno mundo perfeito.

Amren não havia sido diferente.

Nestha se empertigou.

— Não há nada para explicar. Elain ergueu as mãos.

— Nós fizemos isso porque amamos você. — Me poupe dessa merda, por favor.

Elain se aproximou, com seus grandes olhos castanhos.

Sem dúvida, totalmente convencida da sua própria inocência, da sua bondade inata.

— É a verdade.

Nós fizemos isto porque amamos você, e nos preocupamos com você, e se nosso pai estivesse aqui... — Nunca mencione ele.

— Nestha mostrou os dentes, mas manteve sua voz baixa.

— Nunca mas mencions ele de novo, porra. Ela proibiu sua coleira de se soltar completamente.

Mas ela sentiu.

A agitação daquela besta terrível dentro dela.

Sentiu seu poder surgindo, ardendo, ainda que frio.

Ela tentou alcançá-lo, empurrá-lo para baixo, para baixo, para baixo, mas já era tarde.

O suspiro de Elain confirmou que os olhos de Nestha tinham se tornado chamas prateadas, como Cassian havia descrito. Mas Nestha sufocou o fogo na sua escuridão, até que ela estivesse fria e vazia novamente. A dor invadiu lentamente

o rosto de Elain.

E compreensão.

— É tudo sobre isso? Nosso pai? Nestha apontou para a porta, o dedo tremendo com o esforço para manter aquele poder que se contorcia sob controle.

Cada palavra proferida pela boca de Elain ameaçava desfazer seu controle.

— Saia. Lágrimas revestiram os olhos de Elain, mas a sua voz se manteve firme, clara.

— Não havia nada que pudesse ser feito para salvá-lo, Nestha. As palavras a inflamaram.

Elain havia aceitado a morte dele como inevitável.

Ela não tinha se dado ao trabalho de lutar por ele, como se ele não valesse o esforço, precisamente como Nestha sabia que ela mesma não valia o esforço.

Desta vez, Nestha não impediu o poder de brilhar nos seus olhos; ela tremeu tão violentamente que teve que apertar suas mãos em punho ao lado do corpo.

— Você diz a si mesma que não havia nada que pudesse ter sido feito porque é insuportável pensar que você poderia ter salvado ele, se apenas tivesse se prestado a aparecer alguns minutos mais cedo.

— A mentira teve um gosto amargo na sua boca. Não era culpa da Elain que o seu pai tivesse morrido.

Não, essa culpa era inteiramente de Nestha.

Mas se Elain estava tão determinada em arrancar o que houvesse de bom nela, então ela mostraria à irmã o quão feia ela poderia ser.

Deixaria uma fração dessa agonia rasgar através dela. Foi por essa razão que Elain havia escolhido Feyre. Por isso. Feyre tinha resgatado Elain inúmeras vezes.

Mas Nestha havia permanecido sentada, armada apenas com sua língua de víbora.

Permaneceu sentada enquanto elas passavam fome.

Permaneceu sentada quando Hybern as raptou e empurrou para dentro do Caldeirão.

Permaneceu sentada quando Elain foi sequestrada.

E quando o pai delas havia estado nas garras de Hybern, ela não tinha feito nada, nada para salvá-lo, também.

O medo tinha congelado Nestha, cobrindo sua mente, e ela havia deixado, deixado dominá-la.

Então, quando o pescoço do seu pai havia quebrado, já era tarde demais.

E a culpa era inteiramente dela. Por que Elain não escolheria Feyre? Elain enrijeceu, mas se recusou a se afastar do que quer

que seja que agora brilhava no olhar de Nestha.

— Acha que eu sou a culpada pela morte dele? — O desafio permeou cada palavra.

Desafio, de Elain, entre todas as pessoas.

— Ninguém, a não ser o Rei de Hybern, é culpado por isso.

— O tremor na sua voz desmentiu suas palavras firmes. Nestha sabia que tinha atingido seu objetivo.

Ela abriu a boca, mas não conseguiu continuar.

O suficiente.

Ela já havia dito o suficiente. E rápido assim, o poder nela recuou, desaparecendo como fumaça ao vento. Deixando apenas a exaustão pesando

seus olhos, sua respiração.

— Não importa o que eu penso.

Volte para Feyre e para o seu pequeno jardim. Mesmo durante as suas brigas na cabana, quando lutavam para decidir quem ganharia roupas ou botas ou fitas, nunca tinha sido assim.

Aquelas lutas eram mesquinhas, nascidas da miséria e do desconforto.

Esta era uma besta completamente diferente, nascida de um lugar tão obscuro quanto a escuridão na base da biblioteca. Elain se dirigiu para as portas, o vestido roxo varrendo o chão atrás dela.

— Cassian disse acreditar que o treinamento estava ajudando — murmurou ela, mais para si própria do que para Nestha. — Lamento decepcionar.

— Nestha fechou as portas com tanta força que elas sacudiram. O silêncio encheu a sala. Ela não se virou em direção às janelas para ver quem iria passar com Elain, quem seria testemunha das lágrimas que Elain provavelmente derramaria. Nestha escorregou para uma das poltronas em frente a lareira sem fogo e olhou fixamente para nada. Ela não parou os lobos quando eles se juntaram à sua volta, odiosos, com verdades afiadas em suas línguas vermelhas.

Ela não os deteve quando eles começaram a despedaçá-la. Quando Elain explodiu para dentro da sala de jantar da Casa, Cassian e Rhys estavam sacudindo o ar frígido que uivava no Acampamento Illyriano Refúgio do Vento.

Os seus olhos castanhos estavam brilhando com lágrimas, mas ela manteve o queixo erguido. — Eu quero ir para casa.

— disse ela, com a voz oscilando ligeiramente. Cassian olhou para Rhys, que tinha deixado a irmã Archeron na Casa antes de trazer Cassian do acampamento Refúgio do Vento.

Ele queria ver com os seus próprios olhos quão prontos estavam os Illyrianos para lutar.

Que Rhys não tivesse encontrado nenhuma falha deixou Cassian tão eufórico

quanto o encheu de pavor.

Se a guerra começasse novamente, quantos iriam morrer? Era o destino da vida de um soldado lutar, marchar com a Morte ao seu lado, e ele tinha liderado os machos à batalha inúmeras vezes.

No entanto, quantas promessas insensatas ele havia feito às famílias daqueles que tinham perecido na última guerra, de que a paz duraria algum tempo?

Quantas famílias mais ele teria que confortar? Ele não sabia porque era diferente desta vez, porque pesava tanto.

Mas enquanto Rhys e Devlon conversavam, Cassian encarava as crianças no Acampamento, se perguntando quantas iriam perder seus pais. Cassian pôs de lado a lembrança enquanto Rhys examinava Elain, seus olhos azuis violeta sem perder nenhum movimento.

- O que aconteceu. Quando Rhys falava assim, era mais um comando do que uma pergunta. Elain acenou com a mão, como se pedisse para ele deixar aquilo de lado, antes de abrir as portas da varanda e caminhar para o ar livre. — Elain

— disse Rhys enquanto ele e Cassian a seguiram até à luz do dia que se desvanecia. Elain parou em frente a grade, a brisa acariciando seus cabelos.

— Ela não está melhorando.

Não está nem sequer tentando.

— Ela enrolou os próprios braços à sua volta e olhou para o mar distante. Rhys virou para ele, seu rosto grave. Feyre a avisou. Cassian xingou suavemente.

Nestha está progredindo, eu sei que está.

Alguma coisa a fez explodir. Ele acrescentou, porque Rhys ainda parecia a personificação de uma morte fria.

Vai levar tempo.

Talvez não traga mais as irmãs para visitá-la, pelo menos por enquanto.

Pelo menos não sem a sua permissão.

Ele não queria isolar Nestha.

De modo algum. Se Elain quiser vê-la novamente, me deixe perguntar a Nestha antes. A voz do Rhys se arrastou como uma noite líquida.

E quanto a Feyre? Ela não quer a Feyre aqui. Poder retumbou através da Rhys, rasgando as estrelas nos seus olhos. Se acalme, porra.

Cassian estalou. Elas têm suas próprias merdas para resolver.

Ameaçar obliterar Nestha cada vez que elas surgem não ajuda em nada. Rhys manteve o seu olhar fixo nele, o domínio inerente no olhar tão forte quanto um maremoto.

Mas Cassian resistiu.

Deixou se arrastar através dele. Então Rhys sacudiu a sua cabeça e disse a Elain

- Eu levo você para casa. Elain não se opôs quando Rhys pegou-a em seus braços e se lançou para o céu manchado de vermelho e cor-de-rosa. Quando eles pareciam um grão preto e roxo sobre os telhados, Rhys planando ao longo do rio dourado como se estivesse dando a Elain um passeio cênico, então, e só então, Cassian entrou na Casa. Atravessou a sala de jantar e entrou no corredor, desceu as escadas, os seus pés engolindo cada centímetro de distância até ele abrir as portas da biblioteca familiar. — Que porra aconteceu? Nestha estava sentada numa poltrona em frente a lareira escura, os dedos afundando nos braços da cadeira.

Uma rainha sobre um trono acolchado. — Não quero falar com você.

— foi tudo o que ela disse. O seu coração trovejou, o seu peito arfante como se tivesse corrido mil quilômetros.

— O que você disse a Elain? Ela se inclinou para a frente, para olhar para ele.

Então se ergueu, um pilar de aço e chamas, mostrando seus dentes em ameaça.

— É claro que você presumiu que eu fui a culpada.

— Ela se aproximou, os seus olhos ardendo com fogo frio.

— Sempre defendendo a doce e inocente Elain. Ele cruzou os braços, deixou ela se aproximar dele, tanto quanto ela queria. Ele não iria, de jeito nenhum, ceder um passo para ela.

— Vou lembrar que você tem sido a chefe defensora da doce e inocente Elain até recentemente.

— Ele tinha testemunhado ela ir de cara a cara contra Feéricos capazes de a massacrar sem nem pensar, tudo pela irmã. Nestha fervia, quase tremendo de raiva.

Ou frio.

Caldeirão, estava frio aqui dentro.

Apenas o piso aquecido oferecia algum alívio. — Fogo — disse ele, e a Casa obedeceu.

Uma grande chama começou a arder na lareira atrás dele. — Sem fogo — disse ela, focada em Cassian, embora as suas palavras não fossem para ele. A Casa pareceu ignorá-la. — Sem fogo — ordenou ela.

Ele podia jurar que ela tinha ficado ligeiramente pálida. Por um instante, ele estava novamente na casa da mãe de Rhys no acampamento Refúgio do Vento.

Ela havia olhado e olhado para o fogo, como se falasse com as chamas, como se estivesse inconsciente de que até mesmo ele

estava lá. O fogo crepitou e estalou.

Nestha falou para o ar — Eu disse... Um tronco rachou, como se a Casa a ignorasse alegremente, adicionando calor à chama. Mas Nestha vacilou.

Apenas um piscar de olhos e um tremor, mas todo o seu corpo enrijeceu.

O medo e o pavor invadiram seus traços por um instante, e então desapareceram.

Estranho. Qualquer que fosse a curiosidade que Nestha notou no rosto dele já fez ela se arrepiar novamente antes de se lançar às portas abertas da biblioteca. —

Aonde você vai? — exigiu ele, incapaz de manter sua voz calma. — Sair.

— Ela entrou no corredor e se dirigiu à escadaria. Cassian a seguiu, um rosnado escapando de sua garganta.

Ele rapidamente fechou a distância entre eles. — Me deixe em paz! — ela bufou.

— Qual é o plano, Nes? — Ele a seguiu até ao nível mais baixo da Casa e até a escadaria no meio do corredor.

— Você ataca as pessoas que te amam até que elas eventualmente desistam e te deixem em paz? É isso que você quer? Ela puxou a maçaneta da porta antiga e atirou um olhar fulminante sobre o ombro para ele.

Ela abriu a boca, depois fechou antes de dizer o que quer que fosse que quase havia escapado. Como se ela estivesse se segurando por ele.

Por pena dela.

Para poupá-lo. Como se ele precisasse de proteção contra ela.
— Fale — ele sibilou.

— Fale, porra.

— O olhar de Nestha se acendeu com aquele fogo prateado.

O seu nariz se enrugou com uma fúria animalesca. Os Sifões em suas mãos aqueceram, se preparando para um inimigo que ele se recusava a reconhecer. Os olhos dela deslizaram para as pedras vermelhas.

E quando voltaram a se erguer para encará-lo, o fogo profano no seu olhar havia desaparecido. Substituído por algo tão morto e vazio que era como olhar para os olhos invisíveis de um soldado caído sobre um campo de batalha.

Ela tinha visto os corvos bicando olhos tão mortos quanto aqueles. Nestha não disse nada enquanto se virava para a escadaria e iniciava sua descida.

CAPÍTULO

18

Havia apenas a pedra vermelha da escada, sua respiração irregular, e as facas que viraram para dentro, fatiadas e cortadas, as paredes empurrando para dentro, suas pernas queimando a cada passo para baixo. Ela não queria estar em sua cabeça, não queria estar em seu corpo.

Queria a batida da bateria e a música de um violino para enchê-la de som, para silenciar qualquer pensamento.

Queria encontrar uma garrafa de vinho e beber fundo, deixar o vinho tirá-la de si mesma, colocar sua mente à deriva e dormente. Para baixo e para baixo e para baixo. Girando, girando

e girando. Nestha passou o degrau com sua impressão digital queimada.

Passou o degrau duzentos e cinquenta, trezentos, quinhentos, oitocentos. Foi no passo oitocentos e três que suas pernas começaram a oscilar. Sua cabeça rugiu e ela se concentrou em manter-se em pé. No milésimo degrau, ela parou completamente. Havia apenas o silêncio em volta. Nestha fechou os olhos e inclinou a testa para a pedra fria à sua direita, trazendo um braço para descansar contra ela, como se estivesse agarrada a um amante.

Ela poderia ter jurado que um batimento cardíaco bateu na pedra, como se batesse dentro de um peito sob sua orelha. Foi o próprio sangue borbulhando, ela disse a si mesma.

Mesmo quando ela se agarrou à parede, àquele batimento cardíaco. Ela deixou sua respiração entrar e sair.

Deixou o tremor de seu corpo diminuir. O batimento cardíaco na pedra desapareceu.

A parede ficou gelada sob sua bochecha corada.

Áspera contra as pontas dos dedos. Ela começou a caminhada para cima.

Um passo atrás do outro. Coxas esticando, joelhos gemendo, peito em chamas.

Sua cabeça tinha se esvaziado no momento em que ela rastejou até os últimos vinte passos.

Ela teve que parar cinco vezes para descansar.

Cinco vezes, apenas pelo tempo que demorou para recuperar o fôlego e se estabilizar — apenas até que o rugido ameaçou pressionar novamente. Ela estava acabada, totalmente vazia,

quando ela voltou a ficar de pé. Cassian encostou-se na parede oposta, com a cara séria. — Eu não sinto vontade de lutar com você —

disse ela sem rodeios, muito drenada para ficar com raiva.

Ela sabia que poderia usar o acordo deles para ordená-lo a levá-la até a cidade, mas ela não possuía energia para se incomodar.

— Boa noite. Ele caminhou até ela, as asas a bloqueando — Até que degrau você chegou desta vez? — Como se importasse. — Mil — suas pernas pulsavam e latejavam. — Impressionante. Nestha levantou o olhar para seu rosto, e o encontrou sério.

Ela não se preocupou em esconder o cansaço pesando em cada parte dela. Ela tentou passar por ele, mas ele não abaixou as asas.

Além de socar o caminho, ela não estava conseguindo passar. — O que? — O

que te incomodou hoje? — Tudo.

— Ela não queria dizer mais nada. — O que Elain disse a você? Ela não podia se lembrar dessa conversa, não podia falar sobre seu pai ou sua morte ou nada

disso.

Então ela fechou os olhos pesados. — Por que elas não se inscrevem para o treinamento? Ele sabia de quem ela estava falando. — Talvez elas não estejam prontas. — Eu pensei que elas se inscreveriam. — É por isso que você está chateada? — Sua pergunta era tão gentil, tão triste. Nestha abriu os olhos. —

Algumas delas estão aqui há centenas de anos e ainda não foram capazes de voltar do que sofreram.

Então, que esperança eu tenho? Ele esfregou em seu ombro, como se estivesse dolorido. — Estamos trabalhando há apenas duas semanas, Nestha.

Fisicamente, você pode estar vendo mudanças, mas o que está acontecendo em sua mente, seu coração, vai demorar muito mais do que isso.

Cacete, feyre levou meses... — Eu não quero ouvir sobre Feyre e sua jornada especial.

Eu não quero ouvir sobre a jornada de Rhys.

Ou a de Morrigan, ou de ninguém. — Por que? As palavras, a raiva, voltaram novamente.

Ela se recusou a falar, em vez disso se concentrou em abafar aquele poder dentro dela até que não fosse mais que um murmúrio. — Por que? — ele insistiu. —

Porque eu não quero — ela retrucou — Coloque essas asas de morcego longe de mim. Cassian obedeceu, mas aproximou-se cobrindo o corpo dela. — Então eu vou lhe contar sobre a minha jornada especial, Nes — O tom dele era gelado de uma forma que ela nunca tinha ouvido. — Não. — Eu massacrei todas as pessoas que machucaram minha mãe. Ela piscou para ele, o peso desaparecendo com as palavras cruéis. O rosto de Cassian tinha apenas raiva antiga. — Quando eu era velho e forte o suficiente, voltei para a aldeia onde nasci, onde eu fui arrancado de seus braços, e descobri que ela estava morta.

E não havia ninguém com quem eu pudesse lutar para mudar isso.

Se recusaram a me dizer onde a enterraram.

Uma das fêmeas insinuou que eles a jogaram do penhasco. Horror e algo como dor passou por ela. Seus olhos brilhavam

com luz fria. — Então eu os destruí.

Qualquer um que não fosse responsável — crianças, algumas mulheres e idosos

— eu os deixei ir partir, mas qualquer um que tivesse desempenhado um papel em seu sofrimento... eu os fiz sofrer em troca.

Rhys e Azriel me ajudaram.

Encontrei o pedaço de merda que me gerou.

Deixei que meus irmãos o destruíssem e depois eu acabei com ele. As palavras pairavam sobre eles. Ele disse com fúria suave: — Levei dez anos até poder enfrentar isso.

O que eu fiz com aquelas pessoas, e o que eu perdi.

Dez anos.

— Ele estava tremendo, mas não com medo.

— Então, se você quer levar dez anos para enfrentar o que está comendo você viva de dentro para fora, vá em frente.

Se você quer levar vinte anos, vá em frente. O silêncio caiu, interrompido apenas por suas respirações ofegantes e irregulares. Nestha suspirou — Você se arrepende do que fez? — Não — Uma honestidade inabalável.

A mesma honestidade que agora a avaliava, marcando cada pedaço rugindo e afiado dela. Nestha baixou a cabeça, como se isso o impedisse de ver tudo.

Dedos quentes e fortes apalparam-lhe o queixo, calos raspando contra a sua pele.

Ela deixou-o levantar sua cabeça.

Não percebera que ele se aproximava. Apenas alguns centímetros os separavam.

A menos que ela tenha sido a única a se aproximar em direção a ele, desenhada por cada palavra brutal. Cassian manteve o aperto leve em seu queixo. — O que você precisar jogar em mim, eu posso aguentar.

Eu não vou quebrar — Nenhum desafio em suas palavras.

Só um apelo. — Você não entende — disse ela, com a voz rouca — Eu não sou como você e os outros. — Isso nunca me incomodou nem um pouco.

— Ele baixou a mão do queixo dela. Ela se endireitou.

— Pois deveria. — Você diz isso como se quisesse que isso me incomodasse. —

Incomoda todo mundo.

Mesmo o tão especial Rhysand. Seus dentes brilharam, qualquer semelhança com bondade se fora. — Eu lhe disse uma vez, e vou dizer de novo: não fale com esse tom de merda quando você falar sobre ele. — Ele não é meu Grão Senhor, posso falar dele como eu quiser — Ela fez menção de se afastar, mas ele agarrou seu pulso, segurando-a no lugar.

— Me solte. — Me obrigue, use esse treinamento e me obrigue. Temperamento quente se derramou — Você é um bastardo arrogante. — E você é uma bruxa arrogante. Estamos quites. Ela rosnou — Solte. Cassian bufou, mas obedeceu, virando o rosto enquanto recuava um passo de distância.

E foi a luz da vitória em seus olhos, a clara sensação de que ele acreditava que de alguma forma a tinha irritado e que tinha ganhado esta luta que a fez agarrar a frente de sua jaqueta de couro. Nestha disse a si mesma que foi para tirar aquele sorriso

de seu rosto que ela enrolou os dedos no couro e levou sua boca para a dele.

CAPÍTULO

19

Por um instante, havia apenas calor da boca de Cassian, seu corpo pressionado contra o dela, a rigidez em cada músculo trêmulo enquanto Nestha inclinava os lábios sobre os dele, subindo na ponta dos pés. Ela o beijou com os olhos abertos, para que pudesse ver exatamente como os dele se arregalaram.

Nestha se afastou um momento depois, e encontrou seus olhos ainda arregalados, a respiração pesada. Ela riu baixinho, fazendo menção de tirar os dedos da jaqueta dele e descer o corredor.

Ela só chegou a baixar a mão direita antes que ele se adiantasse para beijá-la de volta.

A força desse beijo os derrubou em direção à parede, a pedra batendo em seus ombros enquanto todo o corpo dele se aconchegava ao dela, uma mão deslizando em seu cabelo enquanto a outra segurava seu quadril. No momento em que Nestha bateu naquela parede, no momento em que Cassian a envolveu, qualquer ilusão de controle se destruiu.

Ela abriu a boca, e sua língua varreu, o beijo punitivo e selvagem. E o gosto dele, como o vento beijado pela neve e brasas crepitantes... Ela gemeu, incapaz de se conter. O som pareceu ser a ruína dele, pois os dedos em seu cabelo se cravaram em seu couro cabeludo, inclinando sua cabeça para que ele pudesse prová-la melhor, reivindicá-la.

Suas mãos percorreram o peito musculoso dele, desesperada por qualquer pele, por qualquer coisa para tocar enquanto suas línguas se encontravam e se separavam, enquanto ele lambia o céu de sua boca, enquanto ele deslizava sua língua sobre seus

dentes. Ela devolveu cada um dos toques, e todo o senso de si mesma foi voando para fora dela.

Ela mergulhou os dedos no cabelo dele, e era tão macio quanto ela tinha imaginado, os fios como seda contra sua pele. Cada pensamento odioso dissipou-se de sua mente.

Ela se entregou à distração, acolheu-a de braços abertos, deixou o beijo queimar tudo.

Havia apenas sua boca e sua língua e seus dentes, lambendo e degustando e mordendo.

Havia apenas a força de seu corpo, pressionando contra o dela, mas não perto o suficiente... Ele deslizou as mãos ao seu redor, segurando sua bunda, e levantou-a para o ar.

Ela enrolou as pernas em torno de sua cintura, e gemeu novamente quando ele se pressionou entre suas coxas. Ela precisava daquele alívio temporário de sua mente, daquela coisa queimando no fundo dela, as memórias que a perseguiram.

Ela precisava disso.

Precisava dele. Cassian se esfregou contra ela, e gemeu em sua boca no primeiro empurrão de seus quadris.

Ela arqueou as costas para ele ao ouvir esse som profundo de sua garganta, expondo o pescoço para ele.

Ele agarrou a oportunidade, arrastando a boca para longe da boca dela. A língua traçou uma linha até o arco de seu pescoço, deixando calor em seu rastro, e chegou àquele ponto logo abaixo de sua orelha que fez ela se apertar e gemer.

Ele soltou uma risada contra a pele dela. — Assim? — ele murmurou, e lambeu-o novamente. Seus seios estavam rígidos, e ela se movia contra ele, buscando

qualquer contato com seu peito, qualquer atrito.

Mas Cassian enterrou o rosto contra o pescoço dela, os dentes apertando levemente em cima do pulso.

A leve dor a deixou ofegante; o arranhão da língua fez com que seus olhos rolassem para trás em sua cabeça. Ele tirou a cabeça do pescoço dela, no entanto.

E Nestha nunca tinha se sentido tão nua como naquele momento enquanto ele esfregava seus quadris nela novamente e a viu se contorcer. Um sorriso obscuro agraciou sua boca. — Tão sensível...

— ele ronronou com uma voz que ela nunca tinha ouvido, mas sabia que rastejaria para ouvir outra vez.

Ele posicionou seus quadris entre os dela, um empurrão preguiçoso e minucioso da rigidez dele contra a dor latejante dela.

Ela se esforçou para recuperar qualquer senso de controle, de sanidade; encontrou-se desejando se entregar a ele, deixá-lo tocar e tocar e tocá-la, lambê-la e chupá-la e enchê-la... Cassian rosnou, como se lesse isso em seu olhar, e a beijou mais uma vez. Suas línguas se entrelaçavam, os corpos pressionados tão fortemente que ela podia sentir os batimentos cardíacos dele contra peito dela.

Ele a provou completamente, afastou-se, e provou-a de novo.

Como se estivesse conhecendo e aprendendo todos os lugares de sua boca. Ela tinha que sentir a pele dele.

Precisava sentir sua firmeza entrando nela com as mãos.

Sua boca, seu corpo.

Ela ficaria louca se não fizesse isso. Ficaria louca se não tirasse as roupas, se parasse de beijá-lo. Nestha colocou uma mão entre seus corpos, sentindo-o.

Cassian gemeu outra vez, um gemido longo e baixo, quando a mão dela o segurou pelo couro da calça.

Ela perdeu o fôlego.

O tamanho dele... Ela ficou com água na boca.

Estava dolorida, tão molhada que cada ponto da costura no meio de suas calças era uma tortura. O beijo dele se tornou mais profundo, mais selvagem, e ela lutou com os cadarços e botões de suas calças.

Havia tantos que ela não sabia onde encontrar aqueles para desfazê-los, com as pontas dos dedos puxando cada volta, quase arranhando para libertá-lo. A respiração ofegante de Cassian acariciava sua pele enquanto ele mordiscava seu lábio inferior, sua orelha, sua mandíbula.

Sua própria respiração ecoou, fogo rugindo em seu sangue, e ele capturou sua boca novamente, gemendo dentro dela, quando Nestha desistiu dos cadarços e botões, colocando a mão contra ele por cima da roupa.

Ele se inclinou para frente quando ela esfregou a parte de baixo de sua palma pelo seu comprimento, maravilhando-se com cada centímetro. Ele arrancou a boca da dela. — Se você continuar fazendo isso, eu vou... Nestha fez de novo, percorrendo o calcanhar da palma da mão para cima, em direção à ponta que ela sabia estar pressionada contra seu abdômen inferior.

Seus quadris se arquearam em direção a ela, e ele inclinou a cabeça para trás, expondo a curva forte de sua garganta.

Ela aprendeu a forma dele através de suas calças, e pressionou a mão com mais força, trabalhando-o. Ele cerrou os dentes, o peito se movendo como se estivesse em uma maratona, e a visão dele se desfazendo a fez se inclinar para frente.

A fez apertar os dentes no pescoço dele.

Exatamente no mesmo momento que ela esfregou-o novamente, mais forte e agressiva. Ele assobiou.

Com o nome dela em seus lábios, seus quadris se impulsionaram contra a mão dela com uma força que fez seu núcleo pulsar ao ponto de doer, imaginando aquela intensidade, aquele tamanho e calor, enterrados profundamente nela.

Outro roçar pungente da sua palma, um arranhão de dentes em seu pescoço, e Cassian entrou em erupção. Suas asas se fecharam firmemente quando ele gozou, e cada jorro de seu pênis estremeceu em suas calças, ecoando ao longo da mão dela enquanto ela o acariciava e acariciava. Quando Cassian tinha parado, quando ele estava tremendo — só então Nestha tirou o rosto de seu pescoço.

Os olhos castanhos estavam arregalados o suficiente para que o branco brilhasse ao redor.

Um corar manchava as bochechas douradas dele, tão sedutor que ela quase se inclinou para a frente para lambe-lo também. Mas ele continuou a encará-la, como se tivesse percebido o que havia feito e se arrependido. Cada pedaço de desejo, de distração abençoada dentro dela, se apagou. Nestha empurrou seu peito, e ele imediatamente soltou, quase a deixando cair no chão enquanto seus corpos se afastavam. Ela não esperou para ouvir suas palavras de arrependimento, que aquilo fora um erro.

Ela não o deixaria ter esse poder sobre ela.

Então Nestha enrolou os lábios em um sorriso frio e cruel e disse — Alguém entende rápido. Cassian não conseguia olhar no rosto de Azriel no café da manhã seguinte. Seu irmão havia voltado tarde na noite anterior, e se recusou a dizer qualquer coisa sobre o que ele encontrara sobre Briallyn, e só insistiu que hoje todos eles se encontrassem na casa do rio e aprendessem sobre isso juntos.

Cassian não se importava.

Ele mal tinha ouvido Azriel perguntando sobre o treinamento. Ele gozou em suas calças depois de uns pequenos toques de Nestha, encharcando-se como se ainda estivesse na juventude. Mas no momento em que ela o beijou no corredor, ele perdeu qualquer vestígio de sanidade.

Ele praticamente se transformara em um animal, lambendo e mordendo o pescoço dela, incapaz de pensar claramente além do instinto básico. O gosto dela tinha sido como fogo e aço e um pôr do sol no inverno.

Aquela tinha sido apenas sua boca, seu pescoço.

Se ele tivesse sua língua entre suas pernas... Ele se mexeu em seu assento. —

Aconteceu algo que eu, como sua dama de companhia, deveria saber? — A pergunta seca de Azriel arrancou Cassian de sua crescente excitação.

Pelo divertimento na cara do seu irmão, ele sabia que Az não somente podia sentir o seu cheiro, mas também ver em seu rosto. — Não.

— Cassian resmungou.

Ele nunca pararia de ser zombado se admitisse o que tinha feito. Ele tinha encontrado seu prazer, e Nestha não.

Ele jamais permitira que algo assim acontecesse. Mas ele havia gozado com intensidade o suficiente para ver estrelas, e só então percebera que ela não.

Que ele tinha se envergonhado, que ele a deixou insatisfeita, e se fosse o único gosto dela que ele teria, ele havia fodido tudo monumentalmente. E então houve o tiro de despedida dela, explodindo o que restou de seu orgulho em pedaços.

Alguém entende rápido ela havia ronronado, como se o que eles tinham feito não significasse nada. Ele sabia que era mentira.

Sentiu sua necessidade frenética, ouviu seus gemidos e quis devorá-los inteiros.

Mas aquela faísca de dúvida se enraizou. Ele tinha que deixá-la quieta, de alguma forma.

Tinha que tomar a liderança de novo. Azriel limpou a garganta, e Cassian piscou.

— O que foi? — Eu disse, vocês dois estão prontos para ir até a Casa do Rio? —

Vocês? — Ele piscou através da nuvem de excitação. Azriel riu, as sombras saltando. — Você sequer ouviu alguma coisa ontem a noite? — Não. — Pelo menos você é honesto.

— Azriel sorriu.

— Você e Nestha estão sendo requisitados lá embaixo. — Por causa da merda que houve com Elain? Azriel ficou imóvel. — O que aconteceu com Elain?

Cassian gesticulou com a mão. — Uma briga com Nestha.

Não fale sobre isso.

— avisou quando os olhos de Azriel escureceram.

Cassian soltou um suspiro.

— Eu tomo isso como um não sobre o tema da reunião, então. —
É sobre o que eu descobri.

Rhys disse que ele precisa de vocês dois lá. — É ruim, então.

— Cassian observou as sombras reunidas ao redor de Az. —
Você está bem? Seu irmão acenou com a cabeça. — Estou.

— Mas as sombras ainda o abraçavam. Cassian sabia que era
mentira, mas não o pressionou.

Az falaria quando estivesse pronto, e Cassian teria mais sucesso
convencendo uma montanha a se mover do que fazer Az se
abrir. Então ele disse — Tudo bem, nos encontramos lá.

CAPÍTULO

20

Nestha mal conseguia ficar perto de Cassian enquanto eles
voavam sobre Velaris.

Cada olhar, cada cheiro dele, cada toque enquanto ele a
carregava para a Casa do Rio raspava ao longo de sua pele,
ameaçando trazê-la de volta à noite anterior, quando ela estava
faminta por qualquer gosto dele. Por sorte, Cassian não falou
com ela.

Mal a olhou.

E, no momento em que a extensa mansão ao longo do rio
apareceu, ela havia se esquecido de ficar irritada com o silêncio
dele.

Duas semanas na Casa e a cidade, de repente, parecia grande,
barulhenta demais, cheia de gente. — Esta reunião será rápida.

— Cassian prometeu quando pousaram no gramado da frente, como se ele tivesse lido a tensão em seu corpo. Nestha não disse nada, incapaz de falar com a agitação no estômago.

Quem estaria aqui? Qual deles ela teria que enfrentar, para suportá-los julgando seu suposto progresso? Eles provavelmente tinham ouvido falar de sua briga com Elain — Deuses, Elain estaria presente? Ela seguiu Cassian para dentro da bela casa, mal notando a mesa redonda no centro da entrada, coroada com um

enorme vaso cheio de flores recém- colhidas.

Quase sem notar o silêncio da casa, sem nenhum criado à vista. No entanto, Cassian parou diante de uma pintura de paisagem, uma montanha estéril gigantesca, sem vida, mas, de alguma forma, vibrando com a sua presença.

Neve e pinheiros cobriam os picos menores ao redor, mas esta montanha estranha e desnuda...

Apenas uma pedra negra se projetava de seu topo.

Um monólito, Nestha percebeu, aproximando-se. Cassian murmurou: — Eu não sabia que Feyre havia pintado Ramiel. A montanha sagrada do Rito de Sangue.

Na verdade, três estrelas brilhavam vagamente no céu crepuscular acima do pico.

Foi uma representação quase perfeita da insígnia da Corte Noturna. — Eu me pergunto quando ela a viu.

— Cassian refletiu, sorrindo vagamente. Nestha não se preocupou em sugerir que Feyre poderia ter simplesmente espiado pela mente de Rhysand.

Cassian continuou em frente, levando-lhe para o fim do corredor sem dizer mais nenhuma palavra. Nestha se preparou quando ele parou diante das portas do escritório — a mesma sala onde ela se sentou e recebeu uma censura pública —

e então abriu uma. Rhys e Feyre estavam sentados no sofá de safira à frente da janela.

Azriel se inclinou contra a guarnição da lareira.

Amren se encontrava enrolada em uma poltrona, empacotada em um casaco de pele cinza, como se o frio no ar de hoje fosse uma explosão de inverno.

Sem Elain, sem Morrigan. O olhar de Feyre era cauteloso.

Frio.

Porém se aqueceu quando ela sorriu para Cassian, que caminhou até ela e beijou sua bochecha — ou tentou.

Ele disse a Rhys — Sério? Ela está com o escudo até mesmo aqui? — Rhys esticou as longas pernas, cruzando um tornozelo sobre o outro. — Até mesmo aqui. Cassian revirou os olhos e se jogou na poltrona ao lado de Amren, examinando seu casaco de pele e dizendo: — Não está tão frio hoje.

— Os dentes de Amren brilharam. — Continue falando assim e será sua pele a que vestirei amanhã. Nestha poderia ter sorrido se Amren não tivesse se virado para ela. A tensão, densa e dolorosa, estendeu-se entre elas.

Nestha se recusou a desviar o olhar. Os lábios vermelhos de Amren se curvaram, seu cabelo preto brilhando. Feyre pigarreou. — Tudo bem Az, vamos ouvir.

Azriel dobrou as asas, sombras se contorcendo ao redor de seus tornozelos e pescoço. — A Rainha Briallyn tem estado mais

ocupada do que pensávamos, mas não da maneira que esperávamos. O sangue de Nestha gelou.

A rainha que saltou para o Caldeirão por sua própria vontade, desesperada para se tornar jovem e imortal.

Ela emergiu como uma velha enrugada — e imortal.

Condenada a ser velha e torta para sempre. Azriel continuou — Na semana em que a estive observando, eu...

Aprendi quais serão seus próximos passos.

— A maneira como ele hesitou antes de falar aprendeu disse o suficiente: ele torturou alguém.

Muitas pessoas. Nestha olhou para as mãos com cicatrizes e Azriel as colocou atrás das costas, como se notasse a atenção dela. — Vá em frente.

— Disparou Amren, farfalhando em sua cadeira. — As outras rainhas realmente fugiram de Briallyn semanas atrás, como Eris disse.

Ela governa sozinha na sala do trono do palácio compartilhado delas.

E o que Eris revelou sobre Beron também era verdade: o Grão-Senhor visitou Briallyn no continente, prometendo suas forças à causa dela. — Um músculo pulsou na mandíbula de Azriel.

— Mas a reunião de exércitos de Briallyn, a aliança com Beron são apenas a força auxiliar para o que ela planejou.

— Ele balançou a cabeça, sombras deslizando sobre suas asas.

— Briallyn deseja encontrar o Caldeirão novamente.

A fim de recuperar sua juventude. — Ela nunca alcançará o Caldeirão.

— Disse Amren, acenando uma mão brilhando com anéis.

— Ninguém além de nós, Miryam e Drakon sabem onde está escondido.

Mesmo se Briallyn descobrisse sua localização, há proteções e feitiços suficientes sobre ele que ninguém jamais conseguiria romper. — Briallyn sabe disso.

— Disse Azriel gravemente.

O estômago de Nestha se revirou.

Azriel acenou com a cabeça para Cassian. — O que Vassa suspeitou é verdade.

O Senhor da Morte Koschei tem sussurrado no ouvido de Briallyn.

Ele permanece preso em seu lago, mas suas palavras são levadas pelo vento até ela.

Ele é antigo, sua profundidade de conhecimento é insondável.

Ele apontou Briallyn para os Tesouros da Morte — não por ela, mas para seus próprios fins.

Ele deseja usá-lo para se libertar de seu lago.

E Briallyn não é a marionete que acreditamos que ela seja — ela e Koschei são aliados.

— Ele acrescentou para Cassian.

— Você precisa perguntar a Eris se Beron sabe sobre isso.

E os Tesouros da Morte. Cassian acenou com a cabeça no silêncio que se seguiu.

Nestha se pegou perguntando — O que são os Tesouros da Morte? Os olhos de Amren brilharam com um resquício de seu poder.

— O Caldeirão fez muitos objetos de poder, há muito tempo, forjando armas de força incomparável.

A maioria se perdeu para a história e a guerra, e quando entrei na Prisão, apenas três sobraram.

Na época, alguns alegaram que havia quatro, ou que o quarto havia sido desfeito, mas as lendas de hoje contam apenas sobre três. — A Máscara — murmurou Rhys — a Harpa e a Coroa. Nestha teve a sensação de que nenhum deles era bom. Feyre franziu a testa para seu parceiro.

— Eles são diferentes dos objetos de poder na Cidade Escavada? O que eles podem fazer? Nestha havia tentado ao máximo se esquecer daquela noite em que ela e Amren foram testar seu suposto dom contra o tesouro dentro daquelas catacumbas profanas.

Os objetos estavam meio aprisionados na própria pedra: facas, colares, orbes e livros, todos cintilando com o poder.

Nada agradável.

Para os Tesouros do Horror serem piores do que o que ela testemunhou... — A Máscara pode ressuscitar os mortos.

— Amren respondeu por Rhys — É uma máscara da morte, moldada a partir do rosto de um rei há muito esquecido.

Use-a e você pode convocar os mortos até você, comandá-los para marchar à sua vontade.

A Harpa pode abrir qualquer porta, física ou não.

Alguns dizem entre mundos.

E a Coroa...

— Amren balançou a cabeça — A Coroa pode influenciar qualquer um, até mesmo perfurar o mais poderoso dos escudos mentais.

Sua única falha é que requer proximidade física para afundar inicialmente suas garras na mente da vítima.

Porém use a coroa e você poderá fazer seus inimigos cumprirem suas ordens.

Pode fazer um pai matar seu filho, ciente do horror, mas incapaz de parar. — E

essas coisas foram perdidas? — Nestha perguntou.

Rhys a olhou carrancudo. — Aqueles que os possuíam se tornaram descuidados.

Eles foram perdidos em guerras antigas, ou por traição, ou, simplesmente, porque foram extraviados e esquecidos. — O que isso tem a ver com o Caldeirão? — Nestha pressionou. — Semelhante atrai semelhante — murmurou Feyre, olhando para Amren, que assentiu — Porque o tesouro foi feito pelo Caldeirão, o tesouro pode encontrar o seu criador.

— Ela inclinou a cabeça.

— Briallyn foi Feita, no entanto.

Ela não consegue rastrear o Caldeirão sozinha? Amren tamborilou com os dedos no braço da cadeira. — O Caldeirão envelheceu Briallyn para puní-la.

— Um olhar para Nestha. — Ou punir você, eu suponho.

— Nestha manteve o rosto cuidadosamente em branco.

Amren continuou — Todavia, eu acho que você tirou algo dele quando tomou seu poder, menina. Feyre olhou para Nestha, sua voz saiu suave ao perguntar —

O que exatamente aconteceu no Caldeirão? Cada imagem, pensamento, sentimento atingiu Nestha.

Sufocou-na, exatamente como ela teve que sufocar o poder crescente nela na pergunta de sua irmã.

Ninguém falou.

Todos eles apenas olharam.

Cassian pigarreou. — Isso importa? — Todos o encararam, e Nestha quase cedeu de alívio com a mudança de atenção.

Mesmo quando algo acendeu em seu peito com suas palavras.

Sua defesa a ela. — Isso nos ajudaria a ter uma visão.

— Disse Feyre. — Podemos discutir isso mais tarde.. — Começou Cassian, mas Nestha se endireitou. —Eu.. — Todos pararam.

Virando em direção a ela.

Sua boca ficou seca. Nestha engoliu em seco, rezando para que não vissem as mãos trêmulas que ela colocou sob as coxas.

Seus pensamentos a invadiram, cada memória gritando, e ela não sabia por onde começar, como explicar isso Respirar.

Acalmava sua mente sempre que Cassian a conduzia através de seus exercícios.

Então ela se permitiu inspirar — então expirar lentamente. De novo.

Uma terceira vez.

E no silêncio, Nestha disse — Eu não estava ciente do que levei.

Só que estava pegando coisas que o Caldeirão não queria que eu tivesse.

Parecia adequado, dado o que estava fazendo comigo. Aquilo.

Aquilo foi tudo que ela poderia dizer, o que diria. Mas Feyre assentiu, os olhos brilhando com algo que Nestha não conseguiu identificar.

Feyre disse a Amren — Então é altamente possível que o Caldeirão não pudesse conceder a Briallyn capacidade de rastreá-lo.

Tudo o que poderia fazer era dar-lhe a capacidade de rastrear qualquer coisa que fizesse, uma sombra lamentável do presente original. Os outros assentiram e Nestha se atreveu a olhar para Cassian, que lhe deu um sorriso suave. Como dizer as poucas palavras que ela conseguiu fazer sair, ela de alguma forma fez algo...

digno.

O peito dela apertou.

Ela fez tantas coisas indignas que sua escassa contribuição ganhou tanto elogio?

Nestha se forçou a ignorar o pensamento nauseante enquanto Amren continuava

— Se você fosse reunir todos os três objetos, poderia usar a potência de sua essência Feita, combinada para rastrear o

Caldeirão, não importa onde ele esteja.

— Sem mencionar o ganho de três objetos de poder terrível.

— Acrescentou Azriel sombriamente — Capaz de conceder até mesmo a um exército humano uma vantagem contra os feéricos.

— Levantando os mortos.

— Cassian meditou, seu rosto se contraiu, qualquer traço daquele sorriso de aprovação havia desaparecido.

— E você teria uma força imparável, capaz de marchar sem descanso ou comida.

Abra qualquer porta e você poderá mover aquele exército de mortos para onde quiser.

E com influência desenfreada, você poderia fazer qualquer território inimigo e seu povo se curvar a você. O silêncio novamente encheu a sala.

O coração de Nestha trovejou. — E tudo o que Koschei quer é se livrar de seu lago? — Rhys perguntou a Azriel.

Mas Amren respondeu — Ninguém realmente conhece todo o alcance dos poderes dos Tesouros do Horror.

Além de libertá-lo de seu lago, Koschei pode muito bem saber algo sobre o tesouro que nós não sabemos — algum poder maior que se manifesta quando todos os três estão unidos. Rhys olhou para Azriel, que assentiu severamente. —

O que é um senhor da morte? — Nestha perguntou em silêncio. Seus olhares a atingiram como pedras.

Cassian respondeu, batendo na cicatriz na lateral do pescoço: — Eu te falei sobre Lanthys — a ferida que ele me deu.

Ele é literalmente imortal.

Nada pode matá-lo.

Koschei também não pode ser morto.

Ele é o mestre de sua própria morte.

— Ele abaixou a mão da cicatriz horrível.

O brilho em seus olhos sugeriu que seus pensamentos se voltaram para seus próprios poderes.

Ela ignorou a coisa que se contorceu dentro dela em resposta e confirmação, o fogo frio lambendo sua espinha.

Felizmente, Cassian continuou: — Eles são senhores da morte. As palavras pairaram no ar.

Rhys praguejou — Eu tinha me esquecido de Lanthys. Cassian lhe lançou um olhar seco, novamente batendo na cicatriz. — Eu não. Para o horror de Nestha, Amren estremeceu. Amren.

Feyre pigarreou. — Então, eles estão tentando encontrar esses Tesouros do Horror para rastrear o Caldeirão para Briallyn, e provavelmente libertar Koschei no processo.

E lançar uma guerra, com Beron como seu aliado, que lhes concederia todos os territórios que desejassem.

Ou dar um pouco para Koschei, dependendo do acordo que ele fizer com Briallyn — provavelmente um a seu favor. — Novamente, Briallyn está bem ciente da influência traiçoeira de Koschei. — Disse Azriel.

— Se seus fios estão sendo puxados, é apenas porque ela está permitindo atingir seus próprios fins. Cassian disse — Então, nós os temos em uma frente, e Beron aqui, pronto e ansioso para entrar em guerra com Briallyn para que ele possa expandir seu próprio território após o fim da carnificina. A cabeça de Nestha girou.

Ela não tinha ideia de que nada disso estava acontecendo.

Ela pegou dicas, mas nada que a confrontasse com o conhecimento do perigo que os enfrentava.

Estar à beira de tal desastre novamente...

Ela se mexeu na cadeira. Feyre perguntou a Azriel — Briallyn ainda não encontrou os Tesouros da Morte? — Azriel balançou a cabeça. — Não tanto quanto eu poderia dizer.

O último boato era de que os Tesouros do Horror estavam aqui em Prythian.

Isso é tudo que Koschei sabe, aparentemente.

Temos isso do nosso lado, pelo menos.

Briallyn não vai arriscar vir aqui — ainda não.

Mesmo com Beron como aliado.

E Koschei está vinculado ao seu lago.

Contudo, eles estão preparando Briallyn para vir, reunindo os maiores espiões e guerreiros de seu reino. Havia um anfitrião deles no palácio das rainhas.

Porque Briallyn e Koschei pegaram os soldados de Eris é algo que ainda não descobri.

— Ele gesticulou para Cassian.

— Você precisa se encontrar com Eris.

— Cassian acenou com a cabeça. — Eu irei.

Mas temos que fortalecer as fronteiras.

Avise as Cortes.

Conte a eles sobre o plano de Beron.

Para o inferno com o segredo. — Nós exporíamos Eris ao fazer isso.

— Rebateu Rhys.

— E perderíamos um aliado valioso.

— Acrescentou ele quando Cassian revirou os olhos.

— Eris é uma cobra, porém é útil.

Seus motivos podem ser egoístas e sedentos de poder, mas ele pode nos oferecer muito.

- Ele franziu a testa e disse cuidadosamente: - Eu concordo com Az.

Quero que você atualize Eris sobre isso, como você prometeu. — Tudo bem.

— Concordou Cassian.

— Mas e quanto a alertar as cortes sobre os Tesouros da Morte?

— Não.

— Disse Rhys.

— Só correríamos o risco de um deles ir atrás disso.

Beron enviaria cada guerreiro e espião seu para encontrá-lo primeiro. O fato de ele não ter feito isso sugere que ele não sabe sobre o tesouro, mas precisamos que Eris confirme. Feyre perguntou — Por que não procuramos o tesouro quando estávamos caçando o Caldeirão nós mesmos? — O Livro foi mais fácil de encontrar.

— Disse Amren.

— E já se passaram dez mil anos desde que alguém usou o tesouro.

Presumi que tudo estava no fundo do oceano. — Então, nós o encontraremos.

— Declarou Cassian.

— Alguma ideia? — Objetos Feitos tendem a não querer ser encontrados por qualquer pessoa. — Advertiu Amren.

— O fato de eles terem desaparecido da memória, de que nem mesmo eu pensei neles imediatamente na luta contra Hybern, sugere que talvez eles quisessem assim.

Queriam ficar escondidos.

As verdadeiras coisas de poder têm tais dons. — Você diz isso como se os objetos tivessem consciência.

— Disse Cassian — Eles têm — Amren disse, tempestades à deriva em seus olhos — foram Feitos em uma época em que a magia selvagem ainda vagava pela terra, e os feéricos não eram os mestres de tudo.

Objetos Feitos naquela época tendiam a ganhar sua própria autoconsciência e desejos.

Não foi uma coisa boa.

— O rosto de Amren ficou nublado com a memória e um calafrio sussurrou na coluna de Nestha. Rhys refletiu — Assim como sou capaz de alterar uma mente para esquecer, talvez eles tenham um dom semelhante. — Mas Briallyn é Feita.

— Disse Amren.

A boca de Nestha ficou seca novamente — Quando Briallyn foi feita, provavelmente foi removido dela o encantamento dos Tesouros do Horror, por falta de um termo melhor. Reconheceu-lhe como parente.

É difícil saber onde ela poderia ter visto uma menção aos itens antes e nunca ter pensado duas vezes.

Ou talvez chamado por ela, apresentado-se em um sonho. Todos eles, ao mesmo tempo, olharam para Nestha. — Você — Amren disse baixinho.

— é o mesmo.

Elain também. Nestha enrijeceu. — Se estão encantando vocês para esquecer, como é que Azriel foi capaz de se lembrar e suportar a informação até aqui? —

Talvez, uma vez que você descubra, reconheça, o feitiço seja quebrado — disse Amren.

— Ou talvez o tesouro perdido queira que saibamos disso agora, por alguma razão sombria própria. Os pelos dos braços de Nestha se arrepiaram.

Cassian se mexeu em seu assento. — Então nós rastreamos o tesouro perdido.

Como? Elain falou da porta, tendo aparecido tão silenciosamente que todos se torceram em direção a ela — Me usando.

CAPÍTULO

21

A cabeça de Nestha ficou em silêncio enquanto as palavras de Elain acabavam de soar na sala.

Feyre tinha se remexido em seu assento, seu rosto branco em choque. Nestha disparou, de cabeça baixa, olhando para os pés.

— Não. Elain permaneceu à entrada da porta, seu rosto estava pálido, no entanto, a sua expressão era mais dura do que Nestha alguma vez tivera visto.

— Você não decide o que eu posso e não posso fazer, Nestha.
— A última vez em que nos envolvemos com o Caldeirão, ele te sequestrou.— Nestha contra-argumentou, lutando adversa ao seu tremor. Ela encontrou as palavras, as armas as quais buscava.

— Pensei que você não tinha mais poderes. Elain franziu seus lábios.

— Eu pensei que você não os tivesse também. Nestha endireitou a coluna.

Ninguém falou, porém, a atenção permaneceu em si como um filme sobre a sua pele.

— Você não vai rastreá-lo. Amren disse de modo frio — Então você vai procurar por ele, menina. Nestha se virou para a pequena fêmea.

— Eu não sei como encontrar qualquer coisa. — Semelhante atrai semelhante.

— Amren rebateu.

— Você foi Feita pelo Caldeirão, também pode rastrear outros objetos Feitos por ele, assim como Briallyn pode.

E porque você foi Feita por ele, você é imune à influência e ao poder do Tesouro.

Você pode manuseá-los, sim, mas eles não podem ser usados contra você.

— Ela olhou para Elain.

— Contra nenhuma de vocês. Nestha engoliu em seco.

— Eu não posso.

— Ainda, permitir com que Elain se envolvesse, colocar em risco a sua segurança... Amren disse — Você rastreou o Caldeirão. — Que quase me matou.

Me encurralou como um pássaro em uma gaiola. Elain disse — Então eu vou encontrá-lo.

Talvez precise de algum tempo para... me familiarizar com os meus poderes, mas eu poderia começar hoje. — Absolutamente não.

— Nestha cuspiu, torcendo seus dedos.

— Absolutamente não. — Por quê? — Elain exigiu.

— Eu devo cuidar do meu jardimzinho para sempre? — Quando Nestha vacilou, Elain disse — Você não pode ter as duas coisas.

Não pode se ressentir da minha decisão de ter uma vida tranquila e se recusar, ao mesmo tempo, a me deixar fazer algo maior. — Então, vá atrás de aventuras.

— disse Nestha.

— Vá beber e foder com estranhos.

Mas fique longe do Caldeirão. Feyre disse — A escolha é da Elain, Nestha.

Nestha se virou para ela, ignorando o lampejo de advertência contendo fúria primitiva no olhar de Rhys.

— Fique fora disso.

— ela sibilou para a sua irmã mais nova.

— Não tenho dúvidas de que você colocou essas ideias na cabeça dela, provavelmente a encorajando a se atirar para o perigo — Elain cortou bruscamente — Não sou uma criança que precisa ser protegida. Nestha sentiu o seu pulsar por todo o seu corpo.

— Não se lembra da guerra? O que nós encontramos? Não se lembra de que o Caldeirão a raptou e te levou para o coração do acampamento de Hybern? —

Sim — disse Elain friamente.

— E me lembro de Feyre ter me resgatado. O rugido irrompeu na cabeça de Nestha. Durante uma batida do coração, parecia que Elain poderia dizer algo para suavizar suas palavras.

Mas Nestha se adiantou, vendo a piedade em seu olhar.

— Vejam quem decidiu criar garras afinal de contas — ela cantarolou.

— Talvez você se torne interessante, Elain, finalmente. Nestha viu o golpe como um impacto físico no rosto de Elain, em sua postura.

Ninguém falou, embora as sombras se reunissem nos cantos da sala, como cobras que se preparam para atacar. Os olhos de Elain brilharam de dor.

Algo implodiu no peito de Nestha quando viu a expressão no rosto da irmã. Ela abriu a boca como se, de alguma forma, pudesse retirar o que disse. Contudo, Elain disse: — Eu também entrei no Caldeirão, sabe.

E ele me capturou.

E, mesmo assim, de alguma forma, tudo o que te ocorre é o que o meu trauma fez com você. Nestha piscou, tudo dentro dela se esvaziando. Mas Elain se virou em direção à saída.

— Encontrem-me quando quiserem começar.

— As portas se fecharam atrás de si. Cada palavra horrível que Nestha tinha falado estava pendurada no ar, ecoando. Feyre lhe disse de modo extremamente gentil — Não foi uma escolha fácil para mim pedir a Elain que se colocasse em perigo dessa maneira. Nestha se virou para Feyre.

— Você não consegue encontrar o Tesouro? — Ela odiava como soava covarde, odiava o medo no seu coração, odiou que, apenas pedindo, tivesse exposto a sua preferência por Elain.

— Você tem toda essa magia e também foi Feita, mesmo que não tenha sido pelo Caldeirão.

Você é treinada.

— você é uma guerreira.

Não pode encontrá-lo? Mais uma vez, aquele silêncio Contudo, de um tipo diferente.

Como um trovão prestes a explodir. — Não — disse Feyre silenciosamente.

— Não posso.

— Ela olhou para Rhys, que acenou com a cabeça, seus olhos brilhando. Todos observavam Feyre agora.

No entanto, a atenção de Feyre permaneceu fixa em Nestha.

— Não posso arriscar. — Por quê? — Nestha estalou. — Porque eu estou grávida. O silêncio caiu.

Silêncio e, em seguida, Cassian deixou escapar um grito que estilhaçou o

silêncio em pedaços, saltando da sua cadeira para enfrentar Rhys. Desceram num emaranhado de asas e cabelos escuros, e depois Amren dizia a Feyre com uma leveza nos seus olhos.

— Parabéns, menina. Azriel se abaixou para pressionar um beijo na cabeça de Feyre — ou a um centímetro dela. — Eu sabia que aquele estúpido escudo não era apenas para praticar algo que Helion te ensinou — Cassian disse, dando um beijo na bochecha de Rhys antes de se virar para Feyre e abraçá-la.

Rhysand cedeu o escudo o suficiente para que Cassian a pudesse envolver nos seus braços, ainda rindo. E quando Rhys deixou cair o escudo, o cheiro de Feyre encheu a sala. Era o cheiro habitual de Feyre, só que — só que com algo novo.

Um cheiro menor, mais suave, como uma rosa, deitado dentro dela. Cassian riu.

— Não me admira que tenha sido um bastardo mal-humorado, Rhys.

Suponho que estamos prestes a aprender um nível totalmente novo de superproteção. Feyre sorriu para ele e depois para seu parceiro.

— Já tivemos discussões a este respeito.

O escudo é um meio-termo. Amren deu um sorriso enorme.

— Qual foi a oferta inicial? Feyre fez uma carranca.

— Que ele não sairia do meu lado pelos próximos dez meses.

— Uma criança Feérica demora mais tempo para crescer, Nestha tinha aprendido sobre isso em um dos livros da biblioteca da Casa de Vento durante suas primeiras semanas aqui.

Um mês a mais do que uma gravidez humana. — Você está com quantos meses?

— perguntou Azriel, olhando para a barriga ainda plana da Feyre. Ela deslizou os dedos por cima dela, como se a atenção de alguém ali fizesse com que ela desejasse proteger a criança dentro dela.

— Dois meses. Cassian se virou em direção a Rhys.

— Você está escondendo isso há dois meses? Rhys atirou-lhe um sorriso arrogante.

— Nós achávamos que todos vocês já tivessem adivinhado, para ser honesto.

Cassian riu novamente.

— Como é que poderíamos adivinhar quando você a envolveu naquele escudo?

— Bastardo mal-humorado, lembra? Cassian sorriu e disse a Azriel — Vamos ser tios. Feyre gemeu.

— Que a Mãe ajude esta criança. O próprio sorriso de Azriel cresceu por causa disso, mas o olhar de Feyre deslizou para Nestha. Nestha disse calmamente à sua irmã.

— Parabéns. Pois ela não tinha dito nada, só tinha sido capaz de ficar de pé observando todos, a sua alegria e proximidade, como se ela estivesse assistindo através de uma janela. Mas Feyre lhe ofereceu uma tentativa de sorriso.

— Obrigada.

Você vai ser tia, sabe. — Que os Deuses ajudem esta criança, de fato.

— Cassian murmurou, e Nestha olhou para ele. Ela se voltou para Rhys e Feyre e encontrou o primeiro lhe observando cuidadosamente, o braço sobre os ombros da sua parceira com naturalidade — o brilho no seu olho era de pura ameaça.

Nestha deixou ele ver.

Que ela não tinha nenhum sentimento ruim sobre Feyre ou a criança.

Alguma parte dela compreendeu que Rhys não era apenas um homem, mas um macho Feérico, e que ele eliminaria quaisquer ameaças à sua parceira e ao seu filho.

Que ele o faria lenta e dolorosamente e depois se afastaria de seu cadáver triturado sem um pingão de arrependimento. Foi a autopreservação, talvez algum novo instinto Feérico, que levou Nestha a abaixar o seu queixo levemente, como em uma reverência, deixando-o ver que ela não queria fazer mal a eles, nunca lhes faria mal algum. O próprio queixo de Rhysand assentiu e foi isso. Nestha

disse a Feyre — Contou a Elain? Antes de Feyre poder responder, Azriel disse

— E a Mor? Feyre sorriu.

— Elain foi a única que adivinhou.

Ela me pegou vomitando duas manhãs seguidas.

— Ela acenou em direção a Azriel.

— Acho que ela venceu você no quesito de guardar segredos. — Vou dizer a Mor quando ela voltar de Vallahan — disse Rhys.

— Depois da sua reação, Cass, eu não confio que ela possa manter a sua animação para si se eu lhe disser enquanto estiver lá, mesmo que ela não lhes diga nada.

E eu não quero que um inimigo em potencial saiba.

Ainda não. — Varian? — perguntou Amren.

Nestha nunca soube como a história sobre como a fêmea e o príncipe da Corte Estival tinha se envolvido.

Ela supunha agora que nunca descobriria. — Ainda não — repetiu Rhys, balançando a cabeça.

— Só depois de Feyre completar mais alguns meses. Nestha inclinou a cabeça para a sua irmã.

— Então não se pode fazer magia enquanto se está grávida? Feyre estremeceu.

— Posso, porém, como meus poderes não são comuns, não tenho certeza de como isso pode afetar o bebê.

Atravessar é ótimo, mas alguns outros poderes, quando ainda estamos tão cedo na gravidez, poderiam esticar perigosamente o meu corpo.

— A mão de Rhys apertou o seu ombro.

— É um pé no saco.

— Feyre agarrou a mão em seu ombro.

— Tão pé no saco quanto ele se tornou. Rhys piscou para ela.

Feyre revirou os olhos.

Todavia, então, ela disse a Nestha — Elain vai precisar de tempo para conseguir usar seus poderes para tentar ver os Tesouros da Morte.

Mas você, Nestha...

pode tentar rastreá-los. Rhys acrescentou — O mais depressa possível.

O tempo não é nosso aliado. Nestha perguntou a Amren — Você não foi Feita?

— Não como você foi — disse Amren.

Ela deu a Nestha um sorriso malicioso.

— Com medo? Nestha ignorou a provocação.

Até a felicidade brilhante de Cassian tinha desaparecido. — Que escolha eu tenho? — perguntou Nestha.

Se era entre ela e Elain, não havia escolha nenhuma.

Ela iria sempre em primeiro lugar se fosse significar evitar que Elain fosse prejudicada.

Mesmo que ela tivesse acabado de magoar a irmã mais do que poderia lidar. —

Você tem uma escolha — disse Rhys com firmeza.

— Você sempre terá uma escolha aqui. Nestha lhe lançou um olhar frio.

— Eu vou procurá-los.

— Ela olhou para a barriga da sua irmã, a mão descansando em cima dela.

— Claro que vou procurar por eles. Cassian queria ter uma palavra com Rhys sobre as legiões Illyrianas, por isso, Nestha se encontrou andando em direção à entrada da Casa do Rio sozinha. Ela tinha chegado ao meio do corredor quando Feyre chamou o seu nome e Nestha parou, em frente à pintura de Ramiel. O

sorriso de Feyre foi hesitante...

— Vou esperar com você até que ele termine. Não se incomode, Nestha quase disse, porém se deteve.

Elas caminharam em silêncio até a entrada principal, todos aqueles quadros e retratos de todos, menos dela e sua mãe, observavam-nas. O silêncio apertou, tornando-se quase insuportável à medida que elas paravam no espaçoso lobby.

Nestha não conseguia pensar em nada para dizer, nada a ver com ela própria. Até Feyre dizer — É um menino. Nestha virou a sua cabeça em direção à irmã.

— O bebê? Feyre sorriu.

— Queria que você soubesse primeiro.

Eu disse a Rhys para esperar até que eu tivesse lhe contado, mas... — Feyre riu enquanto novos gritos de alegria ecoaram ao fundo do corredor.

— Suponho que ele está contando a Az e Cassian agora. No entanto, Nestha precisava tomar um fôlego para se recompor: a oferta de gentileza que Feyre tinha estendido, o que ela tinha revelado.

— Como vocês sabem o sexo? O sorriso sumiu do rosto de Feyre.

— Durante o conflito com Hybern, o Entalhador de Ossos me mostrou uma visão da criança que eu teria com Rhys. — Como é que ele soube? — Eu não sei

— admitiu Feyre, a mão dela mais uma vez se dirigindo sobre a sua barriga.

— Mas eu não percebi o quanto eu queria um menino até que soubesse que teria um. — Provavelmente, porque ter irmãs era

horrível para você. Feyre suspirou.

— Não era isso que eu queria dizer. Nestha deu de ombros.

Feyre poderia dizer isso, no entanto, o sentimento estava lá, sem dúvidas.

Tudo o que tinha acabado de acontecer com Elain... Feyre parecia sentir a direção dos seus pensamentos.

— Elain estava certa. Focamos tanto em como o seu trauma nos impactou que nos esquecemos de que foi ela que passou por tudo aquilo. — Aquilo foi dirigido a mim, não a você. — Eu me sinto culpada pelas mesmas coisas, Nestha.

— O pesar ofuscou os olhos de Feyre.

— Foi injusto a Elain deixar tudo isso recair sobre você. Nestha não tinha uma resposta para isso, não sabia por onde começar.

— Por que não contar a Elain sobre o sexo do bebê primeiro? — Ela descobriu a gravidez.

Queria que você soubesse essa parte antes de qualquer um. — Não sabia que você mantinha uma planilha. Feyre lhe deu um olhar exasperado.

— Eu não tenho, Nestha.

Eu só... Preciso de uma desculpa para querer compartilhar coisas com você?

Você é a minha irmã.

Queria te contar antes de qualquer outra pessoa.

E só. Nestha também não tinha uma resposta para isso.

Felizmente, a voz de Cassian encheu o corredor, enquanto se despedia de Rhys.

— Boa sorte — disse Feyre suavemente antes de se apressar para encontrar um Cassian jubiloso e Nestha sabia que sua irmã não quis dizer apenas com a procura dos Tesouros da Morte.

CAPÍTULO

22

"Você acha que Nestha pode encontrar o tesouro?" Azriel perguntou a Cassian enquanto eles relaxavam na sala de estar que separava seus quartos, as chamas crepitando na lareira diante deles.

A noite tinha ficado fria o suficiente para que eles precisassem do fogo, e Cassian, que sempre amou o outono, apesar das picadas na Corte do Outonal, saboreou o calor. "Espero que sim", Cassian se esquivou.

Ele não conseguia suportar a ideia de Nestha se colocar em perigo, mas entendia totalmente as motivações dela.

Se ele tivesse que escolher entre enviar um de seus irmãos para o perigo ou fazer isso sozinho, ele sempre - sempre - escolheria a si mesmo.

Embora ele estremecesse a cada palavra dura que saía da boca de Nestha para Elain, ele não podia culpar o medo e o amor por trás de sua decisão.

Só podia admirar o fato de ela ter avançado - se não pelo bem do mundo, então para manter sua irmã segura. Azriel disse: "Nestha realmente deveria fazer uma vidência". Cassian olhou através do espaço entre suas duas poltronas.

Eles se sentaram neles, diante do fogo, tantas vezes que era uma regra tácita que Azriel era o que estava à esquerda, mais perto da janela, e Cassian era o que estava à direita, mais perto da porta.

Um terceiro estava sentado à esquerda de Azriel, geralmente para Rhys, e um quarto à direita de Cassian, sempre para Mor.

Uma almofada dourada forrada de renda adornava a quarta cadeira, uma marca permanente de sua propriedade.

Amren, por alguma razão, raramente ficava aqui tempo suficiente para ver este quarto, então nenhuma cadeira foi segurada para ela. "Nestha não está pronta para uma vidência", disse Cassian. "Nós nem sabemos que poder ela ainda tem."

Mas Elain o tinha confirmado para todos: ambas as irmãs ainda possuíam os seus poderes do Caldeirão.

Se eles eram tão poderosos quanto antes, ele não tinha ideia. "Você sabe, no entanto," Azriel rebateu. "Você já viu, mesmo além, quando brilha em seus olhos." Cassian não contou a ninguém sobre o degrau que encontrou com os buracos transparentes para os dedos queimados.

Ele se perguntou se Azriel havia de alguma forma ficado sabendo deles, as notícias trazidas a ele nos sussurros de suas sombras.

"Ela é volátil agora.

A última vez que ela fez uma vidência, acabou mal.

O Caldeirão olhou para ela.

E então levou Elain.

" Ele tinha visto cada flash de memória horrível diante dos olhos de Nestha hoje.

E embora entendesse que Elain havia falado a verdade, alegando o trauma daquela memória, Cassian conheceu em primeira mão o horror e a dor persistentes de um ente querido roubado e ferido. Azriel enrijeceu."Eu sei.

Afinal, ajudei a resgatar Elain.

"Az não hesitou antes de ir para o coração do campo de guerra de Hybern.

Cassian encostou a cabeça no encosto da cadeira, farfalhando as asas nas

aberturas feitas para acomodá-los."Nestha irá adivinhar sozinha, eventualmente, se ela for capaz." "Se Briallyn e Koschei encontrarem apenas um dos itens Dread Trove—" "Deixe Nestha tentar do jeito dela primeiro." Cassian sustentou o olhar de Az.

"Se entrarmos e ordenarmos que ela faça isso, o tiro sairá pela culatra.

Deixe-a exaurir suas outras opções antes que ela perceba que apenas uma é viável.

"Azriel estudou seu rosto e assentiu solenemente. Cassian soltou um suspiro, observando as chamas saltarem e vibrarem."Vamos ser tios", disse ele depois de um momento, incapaz de esconder a admiração de sua voz. O rosto de Azriel se encheu de orgulho e alegria."Um menino." Não era uma garantia de que o primogênito do Grão Senhor seria seu herdeiro.

A magia às vezes demorava um pouco para decidir e muitas vezes alterava completamente a ordem de nascimento.

Às vezes, em vez disso, encontrava um primo.

Às vezes, abandonava inteiramente a linha de sangue.

Ou escolheu o herdeiro naquele momento do nascimento, nos ecos dos primeiros gritos de um recém-nascido.

Não importaria para Cassian, no entanto, se o filho de Rhys herdasse seu poder de abalar o mundo, ou apenas uma gota. Também não importaria para Rhys.

Para qualquer um deles.

Esse menino já era amado. "Estou feliz por Rhys", disse Cassian calmamente.

"Eu também sou." Cassian olhou para Az. "Você acha que algum dia estará pronto para um?" Já esteve pronto para confessar a Mor o que está em seu coração? "Não sei", disse Azriel. "Você quer um filho?" "Não importa o que eu quero." Palavras distantes - aquelas que impediam Cassian de bisbilhotar mais.

Ele ainda estava feliz por ser o protetor de Mor com Azriel, mas havia uma

mudança ultimamente.

Em ambos.

Mor não se sentou mais ao lado de Cassian, envolveu-se sobre ele e Azriel...

aqueles olhares de desejo em sua direção haviam se tornado poucos e distantes entre si.

Como se ele tivesse desistido.

Depois de quinhentos anos, ele de alguma forma desistiu.

Cassian não conseguia imaginar por quê. Az perguntou: "Você quer um filho?"

Cassian não pôde evitar o pensamento que passou: dele e Nestha contra a parede um nível abaixo, a mão dela o esfregando exatamente do jeito que ele gostava, seus gemidos como uma doce música. Ele a deixou insatisfeita - ela fugiu antes que ele conseguisse ficar entre os dois.

Ele tinha ido a Windhaven após a reunião anterior e não a tinha visto no jantar.

Não tinha certeza do que diabos ele diria a ela, como eles teriam uma conversa. Era como a barganha inacabada estampada em suas costas, aquele desequilíbrio de prazer.

E uma questão do que ele descaradamente poderia chamar de orgulho masculino.

Ela tinha a vantagem agora.

Parecia tão presunçoso quando ela o cortou: rápido fora do alvo. Seu joelho saltou e ele olhou carrancudo para a chama. "Cassian?" Ele percebeu que Azriel havia lhe feito uma pergunta.

Certo - sobre crianças. "Claro que quero filhos." Ele havia pensado nisso com frequência, que tipo de família ele construiria para si mesmo, como ele faria com que seus filhos nunca passassem um momento pensando que não eram amados e indesejados; nunca, jamais passei um momento com fome, medo, frio ou dor.

Mas nunca apareceu nenhuma mulher que o tivesse tentado o suficiente para lutar por esse futuro. Ele supôs, no fundo, que era isso que ele estava esperando:

o vínculo de acasalamento.

O que ele viu entre Feyre e Rhys. Cassian soltou outro suspiro e se levantou.

Azriel ergueu uma sobrancelha silenciosa. Cassian apontou para a porta.

Ele não seria capaz de descansar, se concentrar, até que nivelasse o campo de jogo.

Ao entrar no corredor, ele murmurou sem olhar para trás: "Feche os olhos, acompanhante." Enrolada na cama, um livro apoiado em um edredom grosso, Nestha estava começando o primeiro beijo escaldante em seu último romance quando uma batida bateu em sua porta. Ela fechou o livro com força e sentou-se contra os travesseiros. "Sim?" A maçaneta girou e lá estava ele. Cassian ainda usava suas roupas de couro, as escamas sobrepostas cheias de sombras que o faziam parecer uma grande besta se contorcendo quando ele fechava a porta. Ele se encostou no carvalho esculpido, suas asas subindo bem acima de sua cabeça como picos de duas montanhas. "O que?" Ela deslizou o livro na mesa de cabeceira, sentando-se ainda mais.

Seus olhos mergulharam em sua camisola de seda sem mangas, então rapidamente voltaram para seu rosto. "O que?" ela exigiu novamente, inclinando a cabeça.

Seu cabelo solto caiu sobre um ombro, e ela o viu marcar isso também. Sua voz era áspera quando ele disse: "Eu nunca vi você de cabelo solto." Ela sempre o usava trançado na cabeça ou preso.

Ela franziu a testa para os cachos que fluíam para sua cintura, o ouro entre o marrom brilhando na luz fraca.

"É um incômodo quando está baixo." "É lindo." Nestha não conseguiu impedir que ela engolisse enquanto erguia o olhar.

Seus olhos brilhavam, mas ele permaneceu encostado na porta, as mãos presas atrás do corpo.

Como se estivesse se contendo fisicamente. Seu perfume vagou para ela, mais

escuro, mais almiscarado do que o normal.

Ela apostava todo o dinheiro que não tinha que era o cheiro de sua excitação.

Isso fez sua pulsação disparar, afastando-se tanto do caminho da sanidade que ela correu atrás da coleira que desaparecia.

Para deixá-lo afetá-la tão facilmente, tão fortemente - inaceitável. Ela não se atreveu a olhar abaixo de sua cintura, não enquanto moldava seus lábios em um sorriso frio.

“Quer saber mais?” “Estou aqui para saldar a dívida entre nós.” Suas palavras eram guturais.

Os dedos dos pés dela enrolaram sob o cobertor. Mas sua voz permaneceu surpreendentemente calma.

“Que dívida?” “Aquele que te devo ontem à noite.” Ele falava como se não houvesse espaço nele para provocações, para humor.

Seus olhos vagaram abaixo de seu rosto, notando o martelar de seu pulso.

“Temos negócios inacabados.” Ela lutou por qualquer coisa para se proteger contra ele.

“O orgulho masculino é uma maravilha.” Quando ele não respondeu, ela jogou outra parede em sua direção: “Por que você está aqui? Você deixou bem claro que a noite passada foi um erro.” Ele não estava aceitando nada disso. “Eu nunca disse isso.” Sua atenção permaneceu fixa em sua pulsação martelada. “Você não precisava.

Eu vi nos seus olhos.

” Seu olhar estalou para o dela."O único erro foi que eu gozei antes de poder provar você." Nestha sabia que ele não queria dizer sua boca.

Ou sua pele. Cassian continuou: "O único erro foi você fugir antes que eu pudesse ficar de joelhos." Respirar tornou-se difícil."Seus amigos não vão dizer que isso é um erro?" Ela gesticulou para o ar entre eles. "Meus amigos não têm

nada a ver com isso.

Com o que eu quero de você.

” Ele disse isso com tal intenção que seus seios endureceram.

Seus olhos baixaram novamente, e quando ele viu seus mamilos duros contra a seda de sua camisola ... Todo o seu ser parecia se concentrar nisso.

Nela.

Todos os quinhentos anos sendo um guerreiro treinado, um predador de ponta.

Tudo isso, estreitando-se sobre ela. Sua avaliação a envolveu como uma rajada de vento, de fogo.

“E quanto ao treinamento?” ela respirou. “Isso fica fora do treinamento.” Seus olhos estavam totalmente escuros. Sua pele apertou, tornando-se quase dolorosa enquanto ela derretia e latejava entre as pernas. "Nestha." Uma nota de súplica havia entrado em sua voz.

Ele estava tremendo - a porta atrás dele sacudindo com a força de seu autocontrole deteriorado. Ela olhou então.

Abaixo de sua cintura.

Pelo que pressionou contra suas calças. A cabeça dela esvaziou, e havia apenas ele e ela e o espaço entre eles. Cassian soltou um grunhido, o som também um apelo. Ela se obrigou a dizer: "Isso fica fora do treinamento - e tudo mais.

Isso é apenas sexo.

" Algo mudou em sua expressão, mas ele disse: "Apenas sexo". Isso com certeza foi um erro, algo pelo qual ela pagou, sofreu.

Mas ela não teve coragem de negá-lo.

Negue a si mesma.

Só por esta noite, ela permitiria. Assim, Nestha encontrou seus olhos novamente, observou cada centímetro contido e trêmulo e disse: "Sim". Cassian se lançou para ela, uma besta libertada de sua gaiola, e ela mal teve tempo de se virar para a beira da cama antes que seus lábios estivessem nos dela, devorando e reclamando. Sons profundos de ronronar vibraram de seu peito através de seus dedos enquanto ela arrancava sua jaqueta, sua camisa, rasgando o tecido.

Ele afastou os lábios dos dela apenas o tempo suficiente para puxar sua camisa, o tecido agarrando suas asas antes de cair no chão.

Então ele estava nela novamente, subindo na cama, e ela abriu as pernas para ele, deixando seu corpo cair no berço entre suas coxas. Ela não conseguiu parar de gemer quando ele empurrou seus quadris contra os dela, o couro de suas calças deslizando contra ela.

Ele mergulhou a língua em sua boca, o beijo como uma marca, uma mão deslizando por sua coxa nua, puxando sua camisola com ela.

Quando ele alcançou seu quadril e ainda não tinha encontrado nenhuma calcinha, ele assobiou.

Olhou para onde pressionava sua dureza contra ela e percebeu que apenas o couro de sua calça o separava de sua umidade. Ela estava tremendo, e não de medo, quando ele pegou uma mão trêmula e puxou sua camisola para cima.

Puxou-o até o umbigo e depois olhou para ela, nua e brilhante, pressionada contra a protuberância em suas calças.

Seu peito arfava, e ela esperou por aquele toque brutal e exigente, mas ele apenas se inclinou e deu um beijo em sua garganta. Terno, persuasivo.

Cassian pressionou outro em seu ombro e ela estremeceu.

Estremeceu mais enquanto arrastava a língua sobre o local.

Ele beijou o oco de sua garganta.

Lambeu. Ele deslizou as alças de sua camisola por seus braços.

Beijou suas clavículas.

A cada beijo, ele puxava mais para baixo a gola de sua camisola.

Até que sua respiração aquecesse seus seios nus. Cassian soltou um som do fundo da garganta, de seu intestino.

Como uma espécie de criatura faminta e atormentada.

Ele olhou para os seios dela, e ela não conseguia respirar sob aquele olhar ardente.

Não conseguia respirar quando sua cabeça afundou e ele colocou os lábios em torno de seu mamilo. Nestha arqueou para fora da cama, um som ofegante saindo dela. Cassian apenas repetiu o movimento em seu outro seio. E então cravou os dentes

no pico sensível antes de segurá-lo levemente. Ela gemeu então, inclinando a cabeça para trás, empurrando o peito em direção a ele em um apelo silencioso. Cassian soltou aquela risada sombria e voltou para o outro seio, os dentes arranhando, provocando, mordendo. Ela esticou as mãos na direção dele, na direção de onde ele ainda estava entre suas pernas.

Ela precisava dele - agora.

Em sua mão ou em seu corpo, ela não se importou. Mas Cassian apenas se afastou.

Puxado para cima e ajoelhado diante dela.

Examinou-a espalhada sob ele, a camisola um monte de seda ao redor da cintura, todo o resto descoberto para ele.

Seu próprio banquete para devorar. "Tenho uma dívida com você", disse ele com aquela voz gutural que a fez se contorcer.

Ele observou os quadris dela ondularem e apoiou as mãos grandes e poderosas em cada coxa.

Ele esperou que ela sinalizasse que entendia o que ele pretendia.

O que ela sonhou por tanto tempo, nas horas mais escuras da noite. Em um sussurro sufocado, ela disse: "Sim". Cassian deu a ela um sorriso selvagem e puramente masculino.

E então as mãos dele apertaram suas coxas nuas, espalhando-as ainda mais.

Sua cabeça abaixada, e tudo o que ela podia ver era seu cabelo escuro, dourado pelas lâmpadas, e suas asas primorosas, elevando-se acima de ambos. Ele não perdeu tempo com toques e sabores suaves. Separando-a com uma mão, ele arrastou sua

língua para limpar seu centro. O mundo se fragmentou, se reformulou e se fragmentou novamente.

Ele praguejou contra a umidade dela e estendeu a outra mão para ajustar as calças. Ele a lambeu novamente, demorando-se no ponto no topo de suas pernas.

Chupando em sua boca, mordendo os dentes, antes que ele se retirasse. Ela se arqueou, incapaz de impedir o gemido de sua garganta. A língua de Cassian desceu em uma varredura sem pressa, e ele pressionou a mão em seu abdômen, acalmando-a, enquanto deslizava a língua direto em seu núcleo.

Ele se enrolou nela, dirigindo mais fundo do que ela esperava, e ela não conseguia pensar, não podia fazer nada além de deleitar-se nele, "Seu gosto", ele rosnou contra ela, fazendo seu caminho novamente em direção ao feixe de nervos em suma lambidas provocantes, "ainda mais delicioso do que eu sonhei."

Nestha choramingou, e ele estalou a língua lá.

Seu gemido se transformou em um grito, e ele riu contra ela e estalou a língua novamente. A liberação se tornou um véu cintilante, um pouco além de seu alcance, mas se aproximando. "Tão molhada," ele respirou, e lambeu em sua entrada, como se estivesse determinado a consumir cada gota dela. "Você está sempre molhada para mim, Nestha?" Ela não permitiria a ele a satisfação da verdade.

Mas ela não conseguia pensar em uma mentira, não com a língua dele bombeando dentro e fora dela, persuadindo-a, mas ainda negando-lhe a pressão e as batidas implacáveis de que ela tanto precisava. Cassian riu, como se soubesse a resposta de qualquer maneira.

Ele a lambeu, seu cabelo sedoso roçando sua barriga, e olhou para cima para encontrar seu olhar. Quando seus olhos se encontraram, ele deslizou um dedo dentro dela. Ela gritou, e ele

arrastou uma mão de sua coxa para mantê-la aberta novamente enquanto lambia aquele local enquanto seu dedo bombeava para dentro e para fora dela em um ritmo lento e provocador. Mais - ela queria mais.

Ela ondulou seus quadris contra ele, forte o suficiente para enfiar seu dedo mais fundo. "Ganancioso", ele murmurou para ela, e retirou o dedo quase até a ponta.

Apenas para adicionar um segundo dedo enquanto mergulhava de volta. Nestha se soltou inteiramente então.

Deixe de lado a sanidade e qualquer orgulho enquanto ele a encheu com aqueles dois dedos.

Ele chupou e mordiscou, e a liberação se juntou ao redor dela como uma névoa iridescente. Cassian rosnou novamente, entregue a qualquer necessidade que o impulsionasse, e as reverberações do som ecoaram em lugares dela que nunca haviam sido tocados.

Seus dedos deslizaram para dentro e para fora, esticando-se e enchendo-se, enquanto ele provava e saboreava. Nestha montou sua mão, seu rosto, esmagando-o com abandono. "Santos deuses." Os dentes de Cassian roçaram contra ela. "Nestha." O som de seu nome em seus lábios contra seu lugar mais sensível enviou sua mente para a eternidade. Ela se curvou para fora da cama com a força de seu clímax, e ele ficou faminto, os dedos bombeando e bombeando, a língua e os lábios se movendo contra ela, como se ele devorasse todo o seu prazer.

Ele não parou até que ela desabou contra o colchão, até que ela estava mole e cambaleando e tentando recompor sua mente. O deslizar de seus dedos para fora dela a deixou vazia e dolorida, a remoção de sua língua e boca de entre suas pernas como um beijo frio. Cassian estava ofegante, ainda com dificuldade quando se levantou e olhou para ela. Ela não conseguia se mover - não conseguia lembrar como se mover.

Ninguém nunca tinha feito isso com ela.

A fazia se sentir assim. Isso a deixou sem fôlego, a profundidade de seu prazer.

Como se o mundo pudesse ser refeito com a força do que irrompeu dela. Ela apenas observou o músculo esculpido e agitado de seu peito, suas asas, seu rosto bonito. Nestha estendeu a mão para o pênis que ela estava morrendo de vontade de sentir, provar, mas ele recuou da cama. Cassian agarrou sua camisa e apontou para a porta.

“Estamos quites agora.”

CAPÍTULO

23

Assistir ao clímax de Nestha foi o mais próximo de uma experiência religiosa que Cassian jamais tivera.

Aquilo o abalou profundamente, e apenas pura vontade e orgulho o impediram de derramar nas calças novamente.

Apenas pura vontade e orgulho o fizeram recuar da cama quando ela o alcançou.

Apenas pura vontade e orgulho o fizeram sair da sala, quando tudo o que ele queria era mergulhar seu pau naquele calor doce e apertado e montá-la até que os dois estivessem gritando. Ele não conseguia tirar o gosto perfeito da boca.

Não enquanto se lavava para dormir.

Não enquanto ele se secava, ensopando os lençóis.

Não enquanto tomava o café da manhã.

Não conseguia parar de sentir o aperto dela em torno de seus dedos, como um punho ardente e sedoso.

Ele havia lavado as mãos uma dúzia de vezes quando enfrentou Nestha no ringue de treinamento e ainda podia sentir o cheiro dela ali, ainda podia senti-la, prová-la. Cassian banuiu o pensamento de sua mente.

Junto com o conhecimento de que Nestha pode ter se sentido bem em seus dedos, em sua língua, mas não seria nada comparado a como ela se sentiria em seu pênis.

Ela tinha sido apertada o suficiente para que ele soubesse que seria o paraíso e a loucura - sua ruína.

E ela estava tão encharcada por ele que ele sabia que faria coisas deploráveis para poder sentir o gosto daquela umidade novamente. A Nestha que emergiu no fosso de treinamento era aquela que ele via todas as manhãs, no entanto.

Nenhum sinal de rubor ou brilho nos olhos para dizer a ele que ela se divertiu.

Mas talvez seja porque Azriel entrou atrás dela. Seu irmão deu uma olhada para ele e sorriu.

Az sabia.

Poderia sentir o cheiro de Cassian em Nestha ou já poderia sentir o cheiro de Nestha em Cassian, mesmo do outro lado do ringue. Cassian não se arrependeu do que fez com ela.

De jeito nenhum.

E talvez fosse o fato de que já havia se passado dois anos desde que ele teve qualquer tipo de sexo, mas ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha sido tão dominado por sua

própria necessidade básica. Alguma parte pequena e tranquila de seu cérebro sussurrou o contrário.

Ele o ignorou.

Já fazia muito tempo que o ignorava. "Bom dia, Az", disse Cassian alegremente.

Ele acenou com a cabeça para Nestha.

"Nes.

Como você dorme?" Seus olhos brilharam com a raiva que era como acender os dele, mas então ela sorriu friamente. "Como um bebê." Era para ser um jogo, então.

Qual deles poderia fingir que nada havia acontecido por mais tempo.

Qual deles pode parecer o menos afetado. Cassian sorriu para ela, declarando que estava dentro.

E ele a faria rastejar antes do fim. Nestha apenas começou a desamarrar as botas.

Ele apontou com o queixo para Azriel. "Por que você está aqui?" "Pensei em fazer um pouco de treinamento antes de sair para o dia", disse Az, suas sombras persistentes na arcada, como se temessem a luz do sol forte no ringue. "Não estou interrompendo nada, estou?" Cassian poderia ter jurado que os dedos de Nestha pararam nos cadarços de suas botas.

Ele falou lentamente: "Absolutamente nada.

Estamos começando no combate corpo a corpo.

" "Meu menos favorito", disse Azriel. Tirando as botas, Nestha perguntou: "Por quê?" Az a observou, entrando descalço no ringue.

“Eu gosto mais de esgrima.

Mano a mano é muito próximo para o meu gosto.

” “Ele não gosta de ficar com o rosto cheio de suor nas axilas de alguém”, disse Cassian, rindo. Azriel revirou os olhos, mas não negou. Nestha observou o encantador de sombras com uma franqueza que a maioria das pessoas evitava.

Azriel devolveu o olhar com uma quietude da qual a maioria das pessoas fugia.

Até Feyre tinha hesitado em torno de Az inicialmente, mas Nestha o considerou com a mesma avaliação inabalável que fazia com todos. Talvez tenha sido por isso que Azriel nunca disse uma palavra ruim sobre Nestha.

Nunca pareceu inclinado a começar uma briga com ela.

Ela o viu e não teve medo dele.

Não havia muitas pessoas que se encaixassem nessa categoria. Nestha disse:

“Mostre-me como vocês dois lutam.” Azriel piscou, mas acrescentou: “Quero

saber contra o que estou lutando.” Quando nenhum deles disse nada, ela perguntou: “O que eu vi na batalha foi diferente, não foi?” “Sim”, disse Cassian.

“Uma variação do que fazemos aqui, mas requer um tipo diferente de luta.” As sombras nublaram seus olhos, como se a memória daqueles campos de batalha a assombrasse.

Ele disse: “Não vamos começar o treinamento de batalha por um tempo ainda.”

Anos, provavelmente.

Az estava olhando para ela como se ele também tivesse marcado as sombras em seus olhos.

Cassian perguntou a ele: "Você quer treinar um pouco? Já faz um tempo desde que limpei o chão com você." Ele precisava tirar a energia - o desejo persistente e confuso da noite anterior.

Precisava queimá-lo de seu corpo por meio do movimento e da respiração. Az rolou um ombro, sereno e calmo, os olhos brilhando como se ele marcasse a necessidade de Cassian de expelir aquela energia enrolada.

Mas Az tirou o paletó e a camisa, deixando os Sifões nas costas das mãos, presos no lugar ao redor do pulso e através de uma alça em seu dedo médio.

Cassian fez o mesmo enquanto tirava a própria camisa. O olhar de Nestha o queimou do outro lado do ringue.

Cassian pode ter flexionado os músculos do estômago ao se aproximar do círculo revestido de giz.

Az balançou a cabeça e murmurou: "Patético, Cass." Cassian piscou, acenando com a cabeça para o estômago igualmente musculoso de seu irmão.

"Onde você tem se exercitado atualmente?" "Aqui", disse Azriel. "À noite."

Depois que ele voltou da espionagem de seus inimigos. "Não consegue dormir?"

Cassian assumiu uma postura de combate. Uma sombra enrolou-se no pescoço de Azriel, o único corajoso o suficiente para enfrentar a luz do sol. "Algo assim", disse ele, e assumiu sua própria postura diante de Cassian. Cassian deixou para

lá, sabendo que Az já teria lhe contado se ele quisesse compartilhar o que o estava perseguindo o suficiente para se exercitar à noite, em vez de pela manhã com eles.

Cassian explicou a Nestha, que estava a poucos metros do anel de giz: "Vamos a toda velocidade, depois paramos e vou decompô-lo para você.

Tudo bem?" Ele precisava eliminar essa energia antes que ousasse se deixar ficar tão perto dela. Nestha cruzou os braços, o rosto tão neutro que ele se perguntou por um momento se havia sonhado alguma fantasia selvagem na noite passada com sua cabeça entre as pernas dela. Afastando o pensamento, ele novamente olhou para Az.

Seus olhos se encontraram, o rosto de Az tão ilegível quanto o de Nestha, e Cassian deu um aceno de cabeça.

Começar. Tudo começou com os pés: um giro lento, uma avaliação, esperando que o outro revelasse seu primeiro movimento. Cassian conhecia os truques de Az.

Sabia de que lado Az era o favorito e como gostava de golpear. O problema era que Az conhecia todas as suas técnicas e deficiências também. Eles circularam um ao outro novamente, os pés de Cassian batendo forte no chão seco. "Nós vamos?" ele perguntou a Az. "Por que você não me mostra em que resultou toda aquela preocupação noturna?" A boca de Az se curvou.

Ele se recusou a morder a isca. O sol batia neles, aquecendo a pele nua e o cabelo de Cassian. "Isso é realmente tudo o que é?" Nestha perguntou. "Circulando e provocando?" Cassian não ousou olhar para ela.

Nem por um instante.

Assim que ele piscasse para ela, Azriel atacaria, e atacaria com força.

Mas-Cassian sorriu.

E olhou para Nestha. Az caiu em seu engano, lançando-se em direção a ele finalmente. Cassian, esperando por isso, encontrou o punho que Az mandou

voando em direção ao seu rosto, bloqueando e desviando e contra-atacando.

Az pegou o golpe, esquivou-se do segundo que Cassian esperava e mirou nas costelas expostas de Cassian. Cassian bloqueou, contra-atacou e então a luta se desenrolou. Punhos e pés e asas, soco e bloqueio, chute e pise, a respiração saindo deles enquanto ele e Az tentavam quebrar as defesas um do outro.

Nenhum deles colocou toda a força de seus corpos nos golpes - não da maneira que fariam em uma briga real, quando um soco poderia quebrar uma mandíbula.

Mas eles usaram energia suficiente para fazer as costelas de Cassian balançarem com o impacto, para fazer Az soltar um suspiro quando Cassian acertou um golpe de sorte em seu estômago.

Az foi poupado de ter o ar arrancado dele ao se torcer, caso contrário, a luta teria terminado ali mesmo. Ao redor do ringue, punhos voando, dentes à mostra em sorrisos ferozes, eles se perdiam no suor, no sol e na respiração.

Eles nasceram para essas coisas, suportaram séculos de treinamento que transformaram seus corpos em instrumentos de violência.

Permitir que seus corpos fizessem exatamente o que desejavam era seu próprio tipo de liberdade. Cada vez mais rápido eles lutaram, e até mesmo a respiração de Cassian tornou-se difícil.

Embora Cassian tivesse mais peso, Azriel era rápido como o inferno - eles eram iguais.

Eles poderiam ficar assim por horas, se estivessem realmente se encarando como inimigos.

Poderia ter estado nisso por dias, se eles tivessem sido oponentes em uma das guerras antigas, onde batalhas inteiras foram paralisadas para assistir grandes heróis se enfrentarem. Mas o tempo não era ilimitado e ele tinha uma lição para passar com Nestha. "Certo," Cassian ofegou por entre os dentes cerrados enquanto bloqueava o chute de Az e deu um passo para trás, circulando novamente.

"Quem acertar o próximo golpe vence." "Isso é ridículo", Az ofegou de volta.

"Vamos até que um de nós coma terra." Az tinha uma veia competitiva violenta.

Não era prepotente e arrogante, do jeito que Cassian sabia que ele próprio tinha tendência para ser, ou possessivo e aterrorizante como o de Amren.

Não, foi silencioso, cruel e totalmente letal.

Cassian tinha perdido a conta de quantos jogos eles jogaram ao longo dos séculos, com um deles certo da vitória, apenas para Az revelar alguma estratégia mestre.

Ou quantos jogos foram reduzidos a apenas Rhys e Az restantes, lutando por cartas ou xadrez até o meio da noite, quando Cassian e Mor desistiram e começaram a beber. Eles circularam novamente, mas Az virou a cabeça em direção a Nestha, os olhos arregalados. Cassian olhou, o coração pulando na garganta - Azriel deu um soco no queixo com força suficiente para que Cassian cambaleasse. Cambaleando, firmando-se, ele praguejou. Az soltou uma risada suave, os olhos piscando.

Ele usou o mesmo engano que Cassian usou no início disso, jogou a única carta que faria Cassian tirar o foco de um oponente. Já acontecera antes - contra Hybern.

Nestha gritou seu nome, e mesmo no meio do campo de batalha, ele abandonou seus soldados e correu para ela, não se importando com nada além de alcançá-la, salvá-la. Apenas, Nestha o salvou.

E ela gritou seu nome para tirá-lo do alcance do Caldeirão. Seus soldados foram destruídos um momento depois.

E quando ele olhou para o rosto dela, ele entendeu algo - algo que o último ano e meio tinha se despedaçado e esfriado. Cassian revirou o ombro, a mão na mandíbula enquanto dizia a Az: "Bastardo". Az riu de novo e eles se viraram para Nestha. Ela permaneceu um pilar de calma fria, mas uma linha de cor manchava suas bochechas. Não havia vento para soprar o cheiro dela para ele,

mas pelo jeito que sua garganta balançava enquanto ela olhava entre eles ...

Azriel tossiu e caminhou em direção à estação de água. "Você está babando", disse Cassian a ela, e Nestha ficou rígida. "Se havia algo atraente", ela sibilou, entrando no ringue, "foi ver Azriel socar sua cara." Cassian fez um gesto para que ela assumisse sua posição de combate. "Continue dizendo isso a si mesmo, Nes." "O que você sabe sobre o Dread Trove?" "O quê?" Gwyn se afastou da mesa onde Nestha encontrou a sacerdotisa cantando baixinho para si mesma, situada do lado de fora da porta fechada do escritório de Merrill. "The Dread Trove", disse Nestha, estremeando com os protestos de seu corpo dolorido enquanto se sentava na beira da mesa de Gwyn.

"Três artefatos antigos ..." Gwyn balançou a cabeça.

“Nunca ouvi falar disso.” Nestha ainda estava suada da aula com Cassian e Azriel.

Eles a guiaram através dos socos, chutes e passos que davam com facilidade, embora nenhum dos dois risse quando ela era desajeitada ou desajeitada. Vê-los treinando foi opressor.

Suas belas formas, tatuadas, marcadas e esculpidas por músculos, brilhando de suor enquanto lutavam com uma violência e inteligência que ela nunca tinha visto... Ela estava suando quando terminaram, se perguntando como seria ser entre aqueles dois corpos masculinos, permitindo que eles voltassem toda aquela atenção letal para adorá-la. Elain desmaiaria ao ouvir tais pensamentos.

E ouvir que Nestha já tinha dois homens em sua cama, não uma, mas duas vezes, e tinha aproveitado cada segundo disso.

Mas os homens com quem Nestha se compartilhou não se pareciam com Cassian e Azriel.

Não tinha sido Cassian e Azriel. Nestha se concentrou durante a aula, mas assim que ela os deixou no ringue de treinamento, pensamentos imundos surgiram, deixando-a meio distraída enquanto ela descia para a biblioteca.

O pensamento de Cassian bombeando em sua boca enquanto Azriel batia nela

por trás, os dois trabalhando em conjunto ... Falar com Gwyn sobre o Dread Trove a deixou sóbria rápido o suficiente. “Parece que o Trove tem um glamour que faz as pessoas esquecerem que ele existe”, disse Nestha a Gwyn, e explicou sucintamente o que era, junto com vagos detalhes sobre por que era desejado.

Ela não mencionou a Rainha Briallyn, ou Koschei, ou o Caldeirão.

Só que o tesouro deve ser encontrado rapidamente.

E que Gwyn não deveria mencionar isso a ninguém. Nestha supôs que, ao fazer isso, ela desobedeceu diretamente à ordem de Rhys de silêncio, mas... para o inferno com ele. Quando ela terminou, Gwyn estava com os olhos arregalados, o rosto tão pálido que suas sardas se destacavam em total alívio. "E você deve encontrá-lo?" "Não tenho a menor ideia de por onde começar a procurar.

Qual encontrar primeiro.

" Gwyn mordeu o lábio inferior.

"Nós temos um extenso sistema de catalogação de fichas," ela meditou preguiçosamente, mas olhou em direção às pilhas além delas, para o fosso aberto no fundo da biblioteca.

"Mas eles não listam o que está abaixo do Nível Sete." "Eu sei." Gwyn inclinou a cabeça. "Então, por que veio até mim?" "Você é claramente bom no que faz, se está trabalhando com alguém tão exigente como Merrill.

Se você tiver um momento livre, qualquer ajuda será apreciada.

Ou apenas me indique uma direção.

"Deixe-me terminar de revisar este capítulo e então verei o que posso descobrir." Nestha ofereceu um sorriso tenso. "Obrigado." Gwyn acenou com a mão.

"Encontrar objetos para ajudar nossa corte a proteger o mundo é bastante emocionante.

Tão emocionante quanto estou disposto a ser hoje em dia, mas será uma aventura.

"Você pode vir treinar se quiser outro tipo de aventura", disse Nestha com cuidado. Gwyn ofereceu a ela um sorriso tenso. "Isso

não é para mim, infelizmente." "Por que não?" Gwyn gesticulou para as roupas de couro de Nestha, as escamas sobrepostas."Eu não sou um guerreiro." "Nem eu.

Mas você poderia ser." Gwyn balançou a cabeça."Acho que não.

Se eu quisesse ser um guerreiro, teria seguido esse caminho quando criança.

Em vez disso, me ofereci como acólito - e isso é o que sou.

"Você não precisa abrir mão de uma coisa para ser a outra.

O treinamento é exercício.

Aprendendo a respirar, se alongar e lutar.

Você não está pesquisando Valquírias para Merrill? Isso pode até lhe dar mais informações.

" Nestha deu um tapinha em uma coxa.

"E eu já tenho músculos construindo.

Duas semanas e posso dizer a diferença.

" "Por que uma sacerdotisa precisaria de coxas musculosas?" Nestha estreitou os olhos enquanto Gwyn voltava ao trabalho."É Cassian?" "Cassian é um homem bom e honrado." "Eu sei que ele é." Ela sempre soube disso.

Ela pressionou: "Mas é a presença de Cassian que o faz hesitar?" Não houve nenhuma pista esta manhã sobre o que tinha acontecido entre eles na noite anterior.

Como se a dívida entre eles tivesse sido paga e ele não tivesse mais interesse em

tocá-la.

Como se ela estivesse com uma coceira arranhada, e foi isso.

Ou talvez ele não tivesse gostado como ela. Isso a perturbava, ela passava tanto tempo pensando sobre isso. Gwyn não respondeu, e Nestha sabia que não tinha o direito de empurrar, não quando a cor tomou conta das bochechas de Gwyn e sua cabeça se curvou ligeiramente.

Vergonha - era vergonha e medo. Algo no peito de Nestha apertou quando ela começou a se afastar."Tudo bem.

Deixe-me saber se você souber de alguma coisa sobre o tesouro.

" Nestha refletiu sobre a conversa durante as horas em que trabalhou.

Quando ela verificou a folha de inscrição ao deixar a biblioteca ao pôr do sol, nenhum nome foi adicionado. Ela sentiu os olhos de Clotho sobre ela enquanto examinava a página em branco.

Nestha finalmente se virou para a sacerdotisa, sentada em sua mesa com as mãos cruzadas diante dela.

O silêncio se estendeu entre eles, mas Nestha não disse nada ao sair. Ela foi para a escada em vez de para o quarto ou a sala de jantar, e olhou para a vermelhidão curva dos degraus. Nestha começou a descida, mais lenta desta vez, contemplando cada colocação de seu pé.

Que cada descida seja um pensamento, uma peça de um dos quebra-cabeças de Amren, que ela transportou. Ela desceu cada vez mais, revirando cada palavra e olhar de Gwyn durante o tempo que Nestha havia trabalhado na biblioteca.

Passo a passo, ela disse a si mesma com cada movimento ardente e trêmulo de suas pernas.

Passo a passo. Mais uma vez, ela repetiu a conversa.

Cada passo era uma palavra diferente, ou movimento ou cheiro.
Nestha estava

no degrau dois mil quando ela parou. Ela sabia o que tinha que fazer.

CAPÍTULO

24

Cinco dias depois, Cassian sentou-se diante da mesa da alta sacerdotisa da biblioteca e observou o movimento de sua caneta encantada.

Ele conheceu Clotho algumas vezes ao longo dos séculos - descobriu que ela tinha um senso de humor seco e perverso e uma presença reconfortante.

Ele fez questão de não olhar para as mãos dela ou para o rosto que só vira uma vez, quando Mor a trouxera há muito tempo.

Estava tão surrado e ensanguentado que nem parecia um rosto. Ele não tinha ideia de como isso tinha cicatrizado sob o capô.

Se Madja foi capaz de salvá-lo de uma forma, ela não foi capaz de salvar as mãos de Clotho.

Ele supôs que não importava a aparência dela, não quando ela tinha realizado e construído tanto com Rhys e Mor dentro desta biblioteca.

Um santuário para mulheres que suportaram tais horrores indescritíveis que ele sempre ficava feliz em fazer justiça em seu nome. Sua mãe precisava de um lugar como este.

Mas Rhys havia estabelecido isso muito depois que ela deixou este mundo.

Ele se perguntou se a mãe de Azriel já havia considerado vir aqui, ou se ele a pressionou. "Bem, Clotho", disse ele, recostando-se na cadeira, rodeado pelos sons de pergaminhos

farfalhando e os mantos das sacerdotisas como asas batendo, "você pediu uma audiência?" A caneta dela fez um floreio ao terminar o que ela estava escrevendo. Já pedi a Nestha duas vezes para não praticar na biblioteca, e ela ignorou meu pedido.

Por cinco dias, ela ignorou descaradamente minhas ordens para parar. As sobancelhas de Cassian se ergueram. "Ela está praticando aqui?" Novamente, a caneta raspou no papel.

Ele olhou para a cova aberta à sua esquerda, como se tivesse visto Nestha lá embaixo.

Uma semana havia se passado desde aquela loucura em seu quarto, e eles não falaram disso, não fizeram mais nada.

Ele não tinha certeza se seria sábio continuar. Além do extenuante conjunto de exercícios para aprimorar seu corpo, Cassian a conduziu através das minúcias do combate corpo a corpo, passos individuais e movimentos que podiam ser montados em combinações infinitas.

Aprender cada um desses passos exigia não apenas força, mas foco - para lembrar qual movimento se correlacionava com o passo numerado, para deixar seu corpo começar a se lembrar por conta própria: um soco, um gancho, um chute alto... Ele perdeu a conta de quantas vezes ele a pegou resmungando em seu corpo para se lembrar, então ela não precisava pensar tanto. Mas ele sabia que ela gostava dos socos.

Os chutes.

Uma luz brilhou em seu rosto enquanto seu corpo fluía através dos movimentos, um estilingue de força estreitando-se até o ponto de impacto.

Ele sempre se sentiu assim quando fazia os movimentos corretamente, como se seu corpo, mente e alma tivessem se

alinhado e começou a cantar. Clotho escreveu, Nestha tem praticado constantemente ultimamente. "Ela fez algum dano?" Não.

Mas eu pedi para ela parar, e ela não parou. Ele reprimiu o sorriso.

Talvez as aulas da manhã não fossem exigentes o suficiente."O trabalho dela está sofrendo por isso?" Não.

Isso não vem ao caso. Sua boca torceu para o lado. Clotho escreveu, preciso que você dê um basta nisso. "Isso incomoda os outros?" Distraí-os ver alguém chutando e socando as sombras. Cassian teve que abaixar a cabeça para que ela não pudesse ler a diversão em seus olhos."Eu vou conversar com ela.

Ela está lá agora? " Ele acenou com a cabeça para a rampa inclinada."Com sua permissão, é claro." Este era seu porto seguro.

Não importava se ele era um membro da corte de Rhys, ou se ele tinha vindo aqui antes.

Todas as vezes, ele pedia permissão.

Ele só falhou uma vez: quando os Ravens de Hybern atacaram. sim.

Eu te dou permissão para entrar.

Nestha está no Nível Cinco.

Talvez você consiga falar com ela. Tomando isso como sua deixa, Cassian se levantou.

"Você sabe que é Nestha Archeron que estamos falando? Ela não faz nada a menos que deseje.

E ela é a menos provável de me ouvir." Clotho soltou uma risada.

Ela tem uma vontade de ferro. "De aço." Ele sorriu."Bom ver você, Clotho."

Você também, Lord Cassian. "Apenas Cassian", disse ele, como já havia dito tantas vezes. Você é um senhor de boas ações.

Não é um título nascido, mas conquistado. Ele abaixou a cabeça e disse com voz rouca: "Obrigado." Demorou até chegar à seção onde Clotho havia dito que Nestha seria para se livrar das palavras da alta sacerdotisa.

O que eles significaram para ele. Os passos pesados o saudaram primeiro, depois a respiração constante e rítmica que ele conhecia tão intimamente.

Cassian fez sua respiração corresponder à dela, silenciou seus próprios passos e olhou para a próxima fileira de pilhas. Quem andasse pela rampa bastaria olhar para a direita para ver Nestha ali, em uma postura de combate quase perfeita, dando socos na prateleira.

Ela escolheu cinco livros como alvos e trabalhou em cada golpe em direção a eles como se fossem as partes de um corpo que ele havia mostrado a ela onde atacar. Então ela parou, soltou um suspiro e jogou para trás uma mecha de cabelo errante e endireitou os livros antes de retornar para o carrinho de metal atrás dela."Você ainda está deixando cair o cotovelo", disse ele, e ela girou, caindo para trás contra o carrinho com surpresa suficiente para que ele engolisse a risada.

Ele nunca tinha visto Nestha Archeron tão... irritada. Ela ergueu o queixo enquanto caminhava em direção a ele.

Ele observou cada movimento de suas pernas.

Ela parou de jogar tanto peso sobre a perna direita, e os músculos das coxas mudaram, elegantes e fortes.

Três semanas podem não ser muito tempo para um corpo humano ganhar músculos, mas ela era Grã-Feérica agora. "Não vou deixar cair o cotovelo", ela desafiou, emergindo da fileira de pilhas e na área plana antes do declive da rampa. "Acabei de ver você fazer isso duas vezes com aquele gancho de direita."

Ela se encostou no final de uma longa prateleira. "Presumo que Clotho tenha enviado você para me repreender." Ele encolheu os ombros.

"Eu não sabia que você investia tanto no treinamento que o mantinha aqui." Seus olhos praticamente brilharam na escuridão.

"Estou cansado de ser fraco.

De depender de outros para me defender.

"É justo.

"Antes de dispensar a palestra sobre ignorar os pedidos de Clotho, deixe-me apenas dizer que—" "Mostre-me." Nestha se afastou da prateleira e se posicionou contra ele.

"Mostre-me onde estou deixando meu cotovelo cair." Ele piscou com a intensidade ondulante em seu rosto.

Então ele engoliu. Engolido, porque lá estava ela: um vislumbre daquela pessoa que ele conhecera antes do fim da guerra com Hybern.

Um lampejo dela, como uma miragem - como se ele olhasse por muito tempo, ela escaparia e desapareceria. Então Cassian disse: "Fique na sua posição".

Nestha obedeceu. Esperando que Clotho não viesse empurrá-lo sobre a grade por desobedecer às ordens dela, ele disse: "Tudo

bem.

Jogue o gancho de direita.

” Nestha o fez.

E largou o maldito cotovelo. “Volte para a posição.” Ela o fez, e ele perguntou:

"Posso?" Nestha assentiu e se manteve perfeitamente imóvel enquanto ele fazia ajustes minuciosos no ângulo de seu braço.

“Punch novamente.

Devagar.” Ela o atendeu e a mão dele envolveu seu cotovelo quando começou a afundar.”Ver? Continue assim.

” Ele manobrou o braço dela de volta à posição inicial.

“Não se esqueça de fazer o peso fluir pelos quadris.” Ele pegou o braço dela, mantendo uma boa distância entre seus corpos, e moveu-o através do

soco.”Como isso.” ”Tudo bem.” Nestha se recompôs e ele deu um passo para trás.

Sem sua ordem, ela deu o soco novamente.

Perfeitamente. Cassian assobiou. ”Faça isso com mais força e você vai quebrar a mandíbula de um homem”, disse ele com um sorriso torto.

“Dê-me uma combinação um-dois, depois quatro-cinco-três e um-um-dois.” As sobrancelhas de Nestha franziram enquanto ela se recompunha.

Seus pés mudaram de posição, aterrando seu peso no chão de pedra. E então ela se moveu, e foi como observar um rio, como observar o vento cortando uma montanha.

Não é perfeito, mas perto. "Se você fizesse isso contra um oponente", disse Cassian, "eles estariam no chão, com falta de ar." "E então eu mataria." "Sim, uma espada no coração terminaria o trabalho.

Mas se você acertar seu peito com força suficiente com o golpe final, você pode fazer um de seus pulmões entrar em colapso.

Em um campo de batalha, você pode optar pelo golpe mortal com uma espada ou simplesmente deixá-los lá, incapazes de se mover, para que outra pessoa termine enquanto você enfrenta o próximo oponente." Ela assentiu, como se tudo isso parecesse uma conversa perfeitamente normal.

Como se ele estivesse dando dicas de jardinagem. "Tudo bem." Cassian pigarreou e puxou as asas para trás, "então, chega de praticar na biblioteca.

A próxima pessoa que Clotho pede para te repreender provavelmente não será alguém com quem você tenha vontade de falar." Os olhos de Nestha escureceram enquanto ela considerava qual de suas pessoas menos favoritas seria, e ela acenou com a cabeça novamente. Sua tarefa cumprida, ele disse: "Dê-me mais uma combinação." Ele recitou o pedido. Seu sorriso era nada menos que felino quando ela fez exatamente isso.

E seu gancho de direita não balançou para baixo. "Bom", disse ele, e virou-se em

direção à rampa que o levaria para fora. Ele se assustou com o que viu: as sacerdotisas paravam ao longo das grades em vários níveis diferentes, olhando na direção delas.

Em direção a Nestha. Com sua atenção, eles imediatamente começaram a andar, trabalhar ou guardar livros.

Mas uma jovem sacerdotisa com cabelo castanho acobreado - a única delas sem capuz ou pedra - demorou mais tempo na grade.

Mesmo de um nível abaixo e do outro lado do poço, ele podia ver que seus olhos grandes eram da cor de água rasa e quente.

Eles ficaram largos por um momento antes que ela também desaparecesse rapidamente. Cassian olhou de volta para Nestha, que encontrou seu olhar com olhos quase fervendo. "Seu gancho de direita estava perfeito esta manhã," ele murmurou. "Sim." "Mas não quando eu vi você nas estantes." "Achei que você iria me corrigir." O choque e a alegria o atingiram.

Ela havia saído das pilhas antes de deixá-lo fazer isso.

À vista de todos.

Para que todos o vissem ensinando. Ele ficou boquiaberto. "Você pode dizer a Clotho que não precisarei mais praticar na biblioteca", disse Nestha suavemente, e voltou a descer a fileira. Ela sabia que Clotho e os outros nunca o convidariam, e nunca subiriam ao ringue para ver o que ele poderia fazer.

Como ele os ensinaria.

Então ela mostrou às sacerdotisas o que estava aprendendo, dia após dia.

Mais do que isso, ela irritou Clotho o suficiente para que a sacerdotisa o mandasse vir aqui. Onde Nestha o havia usado em uma demonstração.

Não por ela mesma, mas pelas sacerdotisas que vieram assistir. Cassian soltou uma risada suave. "Astuto, Archeron." Nestha ergueu a mão sobre o ombro em despedida ao chegar ao carrinho. Eles precisavam ver, Nestha percebeu.

Como Cassian era quando a ensinou.

Que ali era comovente, mas sempre com a permissão dela, e sempre profissional.

Precisava ver como ele nunca zombava dela, apenas corrigia suavemente.

E precisava ver o que ele ensinou a ela.

Ouçá-o dizer exatamente o que ela poderia fazer com todas aquelas combinações de socos e chutes. O que as sacerdotisas podem aprender a fazer. Mas naquela noite, quando Nestha saiu, a folha de inscrição permaneceu em branco. Ela olhou de volta para Clotho, que se sentou à sua mesa, como sempre fazia, do amanhecer ao anoitecer. Se a sacerdotisa percebeu que ela havia sido enganada, ela não deixou transparecer.

Mas havia algo parecido com tristeza escapando de Clotho, como se ela também quisesse ver aquele lençol preenchido hoje. Nestha não sabia por que isso importava.

Por que a tristeza de Clotho a deixou sem fôlego, mas então Nestha estava se movendo, subindo pela Casa até os dez mil degraus. Talvez ela não servisse para nada, afinal.

Talvez ela tenha sido uma tola ao pensar que esse truque poderia convencê-los.

Talvez o treinamento físico não fosse o que eles precisavam para superar seus demônios, e ela tinha sido arrogante o suficiente para assumir que sabia do que eles precisavam. Descendo e descendo as escadas, Nestha desceu, as paredes pressionando. Ela só conseguiu subir os degraus novecentos antes de se virar, seus passos tão pesados como se tivessem sido pesados com blocos de chumbo.

Nestha ainda estava suando e respirando com dificuldade quando entrou tropeçando em seu quarto e encontrou um livro na mesa de cabeceira.

Ela levantou uma sobrancelha com o título. "Este não é o seu tipo usual de romance", disse ela para a sala. Não foi um romance de forma alguma.

Era um antigo manuscrito encadernado chamado The Dance of Battle. Nestha disse: "Você pode pegar este de volta, obrigado." A última coisa que ela queria

ler à noite era algum texto antigo e enfadonho sobre estratégia de guerra.

A Casa não fez isso, e Nestha suspirou e pegou o manuscrito, a capa de couro preto tão velha que era macia como manteiga. Um cheiro familiar chegou até ela das páginas. "Você não deixou isso para mim, deixou?" A Casa respondeu jogando uma pilha de romances, como se dissesse: Isto é o que eu teria escolhido. Nestha olhou para o manuscrito, cheio do perfume de Cassian, como se ele o tivesse lido mil vezes. Ele tinha deixado para ela.

Considerada digna de tudo o que havia dentro. Nestha empoleirou-se na beira da cama e abriu o texto com o polegar. Era meia-noite quando ela fez uma pausa na leitura da dança da batalha e esfregou as têmporas.

Ela não o largou, nem mesmo para jantar em sua mesa, segurando-o com uma das mãos enquanto devorava o ensopado com a outra. Era impressionante como a arte da guerra era parecida com a manipulação social que sua mãe insistira que ela aprendesse: escolher campos de batalha, encontrar aliados entre os inimigos dos inimigos... Algumas delas eram totalmente novas, é claro, e uma maneira muito precisa de pensando que ela sabia que teria que ler o manuscrito muitas vezes para compreender totalmente suas lições. Ela sabia que Cassian sabia como liderar exércitos.

Tinha visto ele fazer isso com precisão e inteligência inabaláveis.

Mas lendo o manuscrito, ela percebeu que nunca havia entendido o quanto o pensamento avançado era necessário para planejar batalhas e guerras. Nestha colocou o manuscrito em sua mesa de cabeceira e recostou-se nos travesseiros.

Ela imaginou Cassian em um campo de batalha, como ele estava naquele dia em que enfrentou um comandante Hybern e jogou uma lança com tanta força que o macho foi arremessado de seu cavalo com o impacto. Ele se afastou do conselho do manuscrito apenas de uma maneira: ele lutou na linha de frente com seus soldados, ao invés de comandar pela retaguarda. Ela deixou seus pensamentos vagarem por um tempo, até que se enredaram em outro emaranhado de espinhos.

Importava se as sacerdotisas não aparecessem para o treinamento? Além de sua própria relutância em admitir o fracasso, isso importava? Sim.

De alguma forma, aconteceu. Ela falhou em todos os aspectos de sua vida.

Fracassou completa e espetacularmente, e impediu os outros de perceberem que esse era seu objetivo principal.

Ela os havia excluído, havia se excluído, porque o peso de todos aqueles fracassos ameaçava despedaçá-la em mil pedaços. Nestha esfregou o rosto com as mãos. O sono demorou muito a chegar. O suor ainda escorria por seu corpo quando Nestha entrou na biblioteca na tarde seguinte, visando a rampa para levá-la até onde ela havia deixado o carrinho. Ela não teve coragem de olhar para a folha de inscrição vazia.

Para destruí-lo. Ela não teve coragem de olhar para Clotho e admitir sua derrota.

Ela continuou andando. Mas Clotho a deteve com a mão erguida.

Nestha engoliu."O que?" Clotho apontou para trás de Nestha, seu dedo nodoso indicando a porta.

Não, o pilar. E não era tristeza escapando da sacerdotisa, mas algo como uma excitação zumbidora.

Algo que fez Nestha girar nos calcanhares e caminhar em direção ao pilar. Um nome havia sido rabiscado na folha. Um nome, em negrito.

Um nome, pronto para a lição de amanhã. GWYN

PARTE DOIS

LÂMINA

CAPÍTULO

25

"Pare de parecer tão nervoso", Cassian murmurou com o canto da boca. "Eu não estou nervosa", Nestha murmurou de volta, mesmo enquanto saltava sobre seus pés, tentando não olhar para o arco aberto enquanto o relógio marcava para as nove. "Apenas relaxe." Ele ajustou a jaqueta. "É você que está inquieto", ela sibilou. "Porque você está me deixando inquieta." Degraus arranharam a pedra além do arco, e a respiração de Nestha saiu dela em uma onda que ela não percebeu que estava segurando quando o cabelo castanho acobreado de Gwyn apareceu.

À luz do sol, a cor de seu cabelo era extraordinária, fios de ouro brilhando e seus olhos azul-petróleo eram uma combinação quase perfeita com as pedras que as outras sacerdotisas usavam. Gwyn os viu parados no centro do ringue e parou de repente. O cheiro forte de seu medo fez Nestha se aproximar."Olá." As mãos de Gwyn tremiam quando ela deu mais um passo para dentro do ringue e olhou para o céu aberto. A

primeira vez que ela saiu - realmente fora - em anos. Cassian, para seu crédito, mudou-se para a prateleira de armas de madeira que ele alegou que não as usaria por meses, e fingiu ajustá-las. Gwyn engoliu em seco."Eu, um

- percebi no caminho para cá que não tenho roupas adequadas." Ela gesticulou para suas vestes claras.

"Suspeito que não sejam ideais." Cassian disse sem olhar para trás: "Posso ensiná-lo com as vestes, se desejar.

O que for mais confortável.

" Gwyn ofereceu-lhe um sorriso tenso.

"Vou ver como vai a lição de hoje e depois decidir.

Usamos as vestes principalmente da tradição, não de regras estritas.

" Ela encontrou o olhar de Nestha novamente enquanto sorria.

"Esqueci como é ter o sol forte sobre minha cabeça." Ela olhou para cima novamente.

"Perdoe-me se eu ficar algum tempo olhando para o céu." "Claro", disse Nestha.

Ela não encontrou Gwyn ontem depois de ver que ela se inscreveu para a aula desta manhã, mas ela estava quase com medo - preocupada que um comentário azedo acidentalmente proferido fizesse Gwyn reconsiderar. As palavras pararam na garganta de Nestha, mas Cassian parecia antecipar isso."Tudo bem.

Sem mais conversa fiada.

Nes, mostre nosso novo amigo - Gwyn, não é? Eu sou Cassian.

Nes, mostre seus pés a ela.

"Pés?" As sobrancelhas cor de cobre de Gwyn se ergueram. Nestha revirou os olhos. "Você vai ver." Gwyn entendeu o conceito de aterramento por meio de seus pés melhor do que Nestha, e certamente não teve problemas em deixar cair o peso em seu quadril direito e outras coisas que Nestha trabalhou para corrigir por três semanas.

Mesmo com as vestes, estava claro que Gwyn era ágil e esguio, acostumado à graça casual do Feérico que Nestha estava apenas aprendendo. Ela esperava ter que persuadir sua amiga, mas uma vez que Gwyn superou sua apreensão inicial, ela se tornou uma participante disposta e uma companheira alegre.

A sacerdotisa riu de seus próprios erros e não se irritou com as correções de

Cassian. No final da aula, porém, o manto de Gwyn estava úmido de suor, mechas de cabelo enrolando em torno de seu rosto corado.

Cassian ordenou que bebessem um pouco de água antes do resfriamento.

Enquanto Gwyn se servia de um copo, ela disse: "No templo em Sangravah, tínhamos um conjunto de movimentos antigos que fazíamos a cada nascer do sol.

Não para treinamento de batalha, mas para acalmar a mente.

Fizemos cooldowns depois desses também, embora os chamemos de aterramentos.

Os movimentos nos tiraram de nossos corpos, de certa forma.

Vamos comungar com a mãe.

As bases nos colocaram de volta ao mundo presente.

” "Por que você se inscreveu para isso, então?" Nestha bebeu o copo que Gwyn estendeu.

“Se você já tem exercícios relaxantes a que está acostumado?”
"Porque eu nunca mais quero me sentir impotente de novo",
Gwyn disse suavemente, e todos aqueles sorrisos fáceis e risadas alegres se foram.

Apenas a honestidade absoluta e dolorida brilhava em seus olhos notáveis.

Nestha engoliu em seco e, embora o instinto lhe dissesse para se afastar, ela disse baixinho: "Eu também." A campainha acima da porta da loja tocou quando Nestha entrou, limpando os flocos de neve que tinham grudado nos ombros de sua capa.

Cassian precisou subir para as montanhas da Ilíria depois da segunda lição com Gwyn e, para sua surpresa, ele pediu a Nestha para se juntar a ele.

Ele já havia esclarecido com Clotho que ela se atrasaria algumas horas para o trabalho na biblioteca.

Ele não tinha explicado por que, além de um comentário casual sobre tirá-la de casa e levá-la para o ar fresco. Mas ela aceitou, e também não disse a ele o porquê.

Cassian nem pareceu curioso quando ela pediu que ele a deixasse em Windhaven para que ela pudesse fazer compras.

Talvez uma faísca tivesse brilhado em seus olhos, como se ele tivesse adivinhado, mas ele estava distante, quieto. Dado que Cassian estava aqui para se encontrar com Eris, ela não o culpou.

Ele deixou Nestha perto da fonte no centro da vila gelada, certificando-se de que ela soubesse que, se ela precisasse se aquecer, a casa da mãe de Rhys estava destrancada. Velaris

ainda estava agarrado na mão do verão, o outono mal puxando-o para longe, mas Windhaven já havia se rendido completamente ao abraço do inverno.

Nestha não perdeu tempo entrando na loja. "Nestha", disse Emerie como forma de saudação, olhando por cima do ombro largo e das asas de um homem de aparência jovem, de onde ela estava ajudando-o no balcão. "É bom te ver." Isso era alívio em sua voz? Nestha certificou-se de que a porta atrás dela estava firmemente fechada antes de entrar, a neve em suas botas deixando rastros de lama ao lado daqueles deixados pelo cliente de Emerie. O homem meio que se virou para Nestha, revelando um rosto suavemente bonito, cabelo escuro preso na nuca e olhos castanhos vidrados.

O idiota estava bêbado.

Idiota parecia ser o termo correto, já que a postura rígida de Emerie revelava aversão e cautela. Nestha caminhou até o balcão, dando ao macho uma olhada que ela sabia que normalmente fazia as pessoas quererem estrangulá-la.

Pela maneira como ele enrijeceu, balançando ligeiramente em seus pés calçados com botas, ela sabia que tinha funcionado. "Bom dia", disse ela alegremente para Emerie.

Outra coisa que os homens pareciam detestar: ser ignorado por uma mulher.

"Espere sua vez, bruxa," o homem resmungou, voltando-se para o balcão e Emerie. Emerie cruzou os braços. "Acho que acabamos aqui, Bellius."

"Terminamos quando eu disser que terminamos." As palavras estavam meio arrastadas. "Eu tenho um compromisso", disse Nestha, lançando um olhar frio para ele.

Ela cheirou o macho.

Seu nariz enrugou. "E você parece precisar de uma consulta com um banho." Ele se virou totalmente para ela, os ombros musculosos empurrando para trás.

Mesmo com a expressão vidrada, a ira ferveu em seu olhar. "Você sabe quem eu sou?" "Um idiota bêbado perdendo meu tempo", disse Nestha.

Dois Sifões - um azul mais escuro que o de Azriel - estavam nas costas de suas mãos grandes. "Saia." Emerie se acalmou, como se se preparando para a retaliação.

Mas ela disse antes que o homem pudesse responder: "Discutiremos isso mais tarde, Bellius." "Meu pai me enviou para transmitir uma mensagem."

"Mensagem recebida", disse Emerie, levantando o queixo.

"E a minha resposta é a mesma: esta loja é minha.

Se ele quiser tanto, pode abrir o seu próprio.

" - Cadela odiosa - Bellius falou, dando um passo para trás. Nestha riu, fria e vazia.

Feérico e humanos tinham mais em comum do que ela imaginava.

Quantas vezes ela testemunhou os devedores de seu pai escurecendo a soleira da porta para sacudi-lo por dinheiro que ele não tinha? E então houve um tempo em que eles foram além das ameaças.

Quando eles deixaram a perna do pai dela quebrada.

Qualquer sensação de segurança foi destruída com isso. - Saia - disse Nestha

novamente, apontando para a porta enquanto Bellius se irritava com a risada dela. "Faça um favor a si mesmo e saia." Bellius se ergueu em toda a sua altura, as asas se abrindo. "Ou o que?" Nestha cutucou suas unhas.

"Não acho que você queira descobrir a parte ou qual parte." Bellius abriu a boca, mas Emerie disse: - Seu pai agora tem minha resposta, Bellius.

Eu sugiro que você pegue um pouco de água na fonte antes de voar para casa.

" Bellius apenas cuspiu nas tábuas do assoalho e se dirigiu para a saída, lançando um olhar vago a Nestha ao bater a porta atrás de si. Em silêncio, Nestha e Emerie o viram cambaleiar pela rua coberta de neve e abrir as asas.

Nestha franziu a testa enquanto disparava para o céu. "Seus amigos?" Nestha perguntou, enfrentando Emerie no balcão novamente. "Minha prima." Emerie se encolheu.

"O pai dele é meu tio.

Do lado do meu pai.

" Ela acrescentou antes que Nestha pudesse perguntar: "Bellius é um idiota jovem e arrogante.

Ele deve participar do Rito de Sangue nesta primavera, e sua arrogância só cresceu nos últimos meses, pois ele antecipa se tornar um verdadeiro guerreiro.

Ele é habilidoso o suficiente para ser colocado em uma unidade de reconhecimento no continente - e apenas voltou para comemorar sua conquista, aparentemente." Emerie limpou uma partícula invisível de sujeira no balcão. "Eu não esperava que ele estivesse bêbado ao meio-dia, no entanto.

Isso é um novo ponto baixo para ele." A cor manchou suas bochechas."Lamento que você tenha testemunhado isso." Nestha encolheu os ombros.

"Lidar com idiotas bêbados é minha especialidade." Emerie não parava de mexer no ponto imaginário do balcão.

"Nossos pais eram iguais.

Eles acreditavam que as crianças deveriam ser severamente disciplinadas por qualquer infração.

Havia pouco espaço para misericórdia ou compreensão.

" Nestha franziu os lábios.

"Eu conheço o tipo." A mãe de sua mãe era assim antes de ela morrer de uma tosse profunda que se transformou em uma infecção mortal.

Nestha tinha sete anos quando a dama de rosto severo que insistira em ser chamada de vovó bateu em suas mãos com uma régua por erros em suas aulas de dança.

Garota inútil e desajeitada.

Você é uma perda de tempo.

Talvez isso ajude você a se lembrar de prestar atenção aos meus pedidos.Nestha só sentiu alívio quando o velho animal morreu.

Elain, que foi poupada das crueldades da tutela da vovó, chorou e, obedientemente, colocou flores em seu túmulo - uma logo acompanhada pela lápide de sua mãe.

Feyre era muito jovem para entender, mas Nestha nunca se preocupou em colocar flores para sua avó.

Não quando Nestha tinha uma cicatriz perto do polegar esquerdo de uma das punições mais desagradáveis da mulher.

Nestha só havia deixado flores para sua mãe, cujo túmulo ela havia visitado com mais frequência do que gostaria de admitir. Ela nunca havia visitado o túmulo de seu pai fora de Velaris. "Você está bem?" Nestha perguntou a Emerie finalmente.

"Bellius vai voltar?" "Não", disse Emerie, balançando a cabeça. "Quer dizer,

estou bem.

Mas não - ele é um membro do grupo de guerra Ironcrest.

Suas terras estão a algumas horas de vôo daqui.

Ele não vai voltar tão cedo.

" Ela encolheu os ombros.

"Eu recebo essas pequenas visitas da família do meu tio de vez em quando.

Nada que eu não possa controlar.

Embora Bellius fosse novo.

Eu acho que eles acham que ele é adulto o suficiente agora para me intimidar."

Nestha abriu a boca, mas Emerie ofereceu-lhe outro meio sorriso e mudou de assunto. "Você parece bem.

Muito mais saudável do que quando te vi... O que foi agora? Quase três semanas atrás.

" Ela deu a Nestha um olhar avaliador. "Você nunca mais voltou." "Mudamos nosso treinamento para Velaris", explicou Nestha. "Eu

estava prestes a escrever para você antes de Bellius me interromper.

Eu perguntei sobre fazer couros com lã dentro.

” Emerie apoiou os antebraços no balcão imaculado.

“Isso pode ser feito, mas não é barato.” “Então está além de minhas possibilidades, mas obrigado por descobrir de qualquer maneira.” “Eu poderia encomendá-lo e deixá-lo pagar o quanto você puder.” Foi uma oferta generosa.

Muito além da bondade que alguém já havia mostrado Nestha no reino humano, quando seu pai estava tentando vender suas esculturas em madeira por alguns cobses lamentáveis. Apenas Feyre os mantinha alimentados e vestidos, ganhando

quantias escassas pelas peles e carne que ela caçava.

Ela os manteve vivos.

A última vez que ela os procurou, a comida havia acabado no dia anterior.

Se Feyre não tivesse voltado para casa com carne naquela noite, eles teriam que morrer de fome ou mendigar na aldeia. Nestha disse a si mesma naquele dia que Tomas a acolheria, se necessário.

Talvez até Elain também.

Mas sua família era odiosa, com muitas bocas para alimentar.

Seu pai teria se recusado a alimentá-la, sem questionar.

Ela estava preparada para oferecer a única coisa que tinha para negociar com Tomas, se isso impedisse Elain de morrer de fome.

Teria vendido seu corpo na rua para qualquer um que pagasse o suficiente para alimentar sua irmã.

Seu corpo não significava nada para ela - nada, ela disse a si mesma enquanto sentia suas opções se aproximando.

Elain significava tudo. Mas Feyre voltou com aquela comida.

E então desapareceu pela parede. Três dias depois, Nestha rompeu com Tomas.

Enfurecido, ele se lançou contra ela, prendendo-a contra a enorme pilha de lenha empilhada ao longo da parede do celeiro.

Prostituta malcriada, ele rosnou.

Você acha que é melhor do que eu? Agindo como uma rainha quando você não tem merda nenhuma.

Ela nunca esqueceria o som de seu vestido rasgando, a ganância em seus olhos enquanto suas mãos apalpavam suas saias, tentando levantá-las enquanto ele se

atrapalhava com a fivela de seu cinto . Somente o terror puro e não diluído e o instinto de sobrevivência a salvaram.

Ela o deixou chegar perto, o deixou pensar que sua força havia falhado, e então prendeu os dentes em sua orelha.

E rasgado. Ele gritou, mas afrouxou o aperto sobre ela - apenas o suficiente para que ela se libertasse e se arrastasse pela neve, cuspidando o sangue de sua boca, e não parou de correr até chegar à cabana. E então chegou a notícia dos navios de seu pai: encontrados, com toda a riqueza intacta. Nestha sabia que era mentira.

Os baús de joias e ouro não tinham vindo daquela remessa condenada, mas de Tamlin, o pagamento pela mulher humana que ele roubou.

Para ajudar a família que ele estava condenado a morrer sem a caça de Feyre.

Nestha sacudiu a memória."Está tudo bem.

Mas obrigado.

" Emerie esfregou as mãos longas e finas.

"Está congelando e estou prestes a fazer minha pausa para o almoço.

Você gostaria de se juntar a mim?" Além de Cassian, ninguém a convidava para jantar há muito tempo.

Ela não deu a eles razão para isso.

Mas lá estava: uma oferta simples e honesta.

De alguém que não tinha ideia de como ela era terrível. Almoçar com Emerie foi uma indulgência; era apenas uma questão de tempo até que a fêmea aprendesse mais sobre Nestha.

Até que ela ouvisse todas as coisas horríveis, e então os convites parariam.

Ela tinha sido melhor do que Bellius, bêbada e fervendo de ódio durante meses?

Se Emerie soubesse, ela também a expulsaria desta loja. Mas, por enquanto, nem

rumor nem verdade chegaram a Emerie. "Eu gostaria disso", disse Nestha, e foi sincero. A sala dos fundos da loja de Emerie era tão imaculada quanto a da frente, embora caixotes de estoque extra estivessem empilhados contra uma parede.

Duas janelas davam para um jardim coberto de neve e, além disso, o pico da montanha mais próxima se agachava,

bloqueando o céu cinza com sua massa rochosa. Uma pequena cozinha ficava à direita, pouco mais que uma lareira, um balcão e uma pequena mesa de trabalho.

Algumas cadeiras de madeira estavam ao redor dela, e Nestha percebeu que a mesa também era a área de jantar.

Um local definido foi colocado lá para uma pessoa. "Só você?" Nestha perguntou enquanto Emerie se dirigia ao balcão de lenha e pegava um prato de rosbife e um prato de cenouras assadas.

Ela os colocou na mesa diante de Nestha e pegou um pão, junto com uma tigela de manteiga. "Apenas eu." Emerie abriu um armário para recuperar uma configuração de segundo lugar. "Nenhum companheiro ou marido para me incomodar." Ela falou um pouco tensa, como se houvesse mais do que isso, mas Nestha disse: "Eu também não". Emerie lançou-lhe um olhar irônico. "E aquele belo General Cassian?" Nestha bloqueou a memória de sua cabeça entre suas coxas, sua língua em sua entrada, deslizando para dentro dela. "Sem chance", disse Nestha, mas os olhos de Emerie brilharam com conhecimento. "Bem, é bom conhecer outra mulher que não é obcecada por casamento e fazer bebês", disse Emerie, sentando-se à mesa e gesticulando para que Nestha faça o mesmo.

Ela colocou um pouco de rosbife, cenoura e pão no prato de Nestha e deslizou a tigela de manteiga para ela. "Está frio, mas deve ser comido assim.

Normalmente paro para almoçar apenas o tempo suficiente para me alimentar.

"Nestha cavou e grunhiu. "É delicioso." Ela deu outra mordida. "Você fez isso?"

"Quem mais iria? Não temos qualquer tipo de loja de alimentos aqui, exceto o açougueiro.

” Emerie apontou com o garfo para o jardim além do prédio.

“Eu cultivo meus próprios vegetais.

Essas cenouras vieram daquele jardim.

” Nestha deu uma mordida.

“Eles têm um sabor adorável.” Manteiga e tomilho e algo brilhante ... “Está tudo nas especiarias.

Que estão em falta por aqui, infelizmente.

Os ilírios particularmente não os conhecem ou se preocupam com eles.” “Meu pai costumava ser um comerciante”, disse Nestha, um abismo se abriu nela com as palavras.

Ela pigarreou.

“Ele comercializava especiarias de todo o mundo.

Ainda me lembro do cheiro em seus escritórios - era como se milhares de personalidades diferentes estivessem amontoadas em um único espaço.

” Feyre adorava ficar no escritório do pai, mais fascinado pelo comércio do que aquilo que Nestha havia aprendido era aceitável para uma garota rica.

Feyre sempre foi assim: completamente desinteressada nas regras que governavam suas vidas, desinteressada em se tornar uma verdadeira dama que ajudaria a melhorar a fortuna de sua família por meio de um casamento vantajoso. Eles raramente concordavam em alguma coisa.

E essas visitas aos escritórios de seus pais resultaram em um ressentimento fervente entre eles.

Feyre tentou fazê-la se interessar, mostrou a ela tantas raridades para tentá-la.

Mas Nestha mal tinha ouvido as explicações de sua irmã, principalmente olhando os parceiros de negócios de seu pai para saber se seus filhos poderiam ser um bom partido.

Feyre ficou enojado.

Isso deixou Nestha ainda mais determinada. "Você viajou com ele?" "Não, minhas duas irmãs e eu permanecemos em casa.

Não era apropriado para nós viajar pelo mundo.

"Sempre me esqueço de como as ideias humanas de decoro são semelhantes às dos illyrianos." Emerie deu outra mordida. "Você gostaria de ver o mundo, se pudesse?" "Era meio mundo, não era? Com a parede no lugar.

"Ainda melhor do que nada." Nestha riu. "Você está certo." Ela considerou a pergunta de Emerie.

Se seu pai tivesse se oferecido para levá-los em um de seus navios, para deixá-los ver praias estranhas e distantes, eles teriam ido? Elain sempre quis visitar o continente para estudar as tulipas e outras flores famosas, mas sua imaginação não foi mais longe.

Feyre havia falado uma vez sobre a gloriosa arte nos museus e propriedades privadas do continente.

Mas isso era todo o lado oeste.

Além disso, o continente era vasto.

E ao sul, outro continente se espalhou.

Ela teria ido? "Eu teria lutado", disse Nestha por fim, "mas no final, eu teria cedido à curiosidade." "Você ainda tem família nas

terras humanas?" "Minha mãe morreu quando eu tinha 12 anos, e meu pai... Ele não sobreviveu à guerra mais recente.

Seus pais morreram durante minha infância.

Não tenho parentes do lado de meu pai, e minha mãe tinha um primo, que mora no continente e convenientemente se esqueceu de nós quando passamos por tempos difíceis.

" Nestha havia escrito carta após carta quando caíram na pobreza, implorando a seu primo Urstin para recebê-los.

Eles ficaram sem resposta, e então o dinheiro para a postagem acabou.

Nestha ainda se perguntava se sua prima alguma vez soube o que havia acontecido com os parentes que ela ignorou e deixou para morrer. Nestha perguntou cuidadosamente: "E a sua família?" Ela tinha visto e ouvido o suficiente de Bellius para ter uma ideia geral, mas não pôde deixar de perguntar.

"Minha mãe morreu ao dar à luz a mim, e meu irmão mais velho morreu em uma escaramuça entre bandos de guerra dez anos antes de eu nascer.

Meu pai morreu durante a guerra com Hybern.

" As palavras eram duras, frias.

"Eu não me preocupo com o resto da minha família, embora a família de meu pai faça questão de tentar reivindicar esta loja e sua riqueza como deles." "Eles não têm direito a isso, têm?" "Não.

Rhysand mudou as leis de herança séculos atrás para incluir as mulheres, mas meus tios não parecem se importar.

Eles ainda aparecem de vez em quando para me incomodar como Bellius fazia.

Eles acreditam que uma mulher não deve ter seu próprio negócio, que eu deveria me casar com um homem nesta aldeia e deixar a loja para eles.

” Ela fez uma careta."Eles são abutres." Emerie terminou seu almoço e serviu um pouco de chá para cada um deles.

“É uma pena que você não venha aqui com muita frequência.

Eu poderia usar outra pessoa sensata para conversar.

” Nestha piscou com o elogio, a parte da verdade que isso revelava sobre Emerie: ela era infeliz neste lugar.

Todas aquelas perguntas sobre viagens... "Você se mudaria um dia?" Emerie engasgou com uma risada.

“E ir para onde? Pelo menos aqui eu conheço pessoas.

Eu nunca deixei esta vila.

Nunca estive no topo daquela montanha ali.

” Ela gesticulou para a janela, e Nestha fez questão de não olhar para suas asas.

Nestha tomou um gole de seu chá.

Era uma bebida forte, com um pouco de mordida.

Ela deve ter feito uma careta porque Emerie explicou baixinho: “O chá está em falta aqui - um luxo ao qual me entrego.

Mas, para espalhar, acrescento um pouco de casca de salgueiro.

Também ajuda com algumas das minhas... dores.

” "Que dores?" “Minhas asas às vezes doem.

As cicatrizes, quero dizer.

Como uma velha ferida." Nestha manteve sua pena reprimida.

Ela terminou o chá da mesma forma que Emerie e disse: "Obrigada pela comida".

Levantando-se, ela pegou seu prato. "Eu vou atender." Emerie deu a volta na mesa."Não se incomode." Ela se movia com uma graça fácil, como alguém confiante em seu corpo. Nestha foi para a frente da loja, mas então disse, finalmente expressando seu motivo para a visita: "O treinamento que estou fazendo com Cassian na Casa do Vento está aberto a qualquer pessoa - qualquer mulher, quero dizer.

Mulheres que passaram por... dificuldades.

" As asas de Emerie, sua família horrível, não eram as mesmas que Gwyn suportou, mas os traumas de todos usavam máscaras diferentes.

"Treinamos todas as manhãs, das nove às onze, embora às vezes corramos até o meio-dia.

Você é bem-vindo." Emerie enrijeceu.

"Não tenho como chegar lá, mas agradeço a oferta." "Alguém pode vir resgatá-lo e trazê-lo de volta." Nestha não sabia quem, mas se ela tivesse que perguntar ao próprio Rhys, ela o faria. "É uma oferta generosa, mas tenho minha loja para administrar." O rosto de Emerie não rendeu nada, tão endurecido pela batalha quanto o de Azriel.

"Não estou interessado no treinamento de um guerreiro.

Duvido que ganharia para mim patronos nesta cidade se eles soubessem que estou fazendo uma coisa dessas." "Você não

parece um covarde." As palavras soaram entre eles. Emerie mordeu o lábio.

Mas Nestha encolheu os ombros.

"Avise se quiser se juntar a nós.

A oferta permanece.

" Cassian odiava admitir, mas para um idiota mimado e sem alma, Eris tinha sua utilidade.

Principalmente um: a bolha de calor que os aquecia contra os ventos frios que sopravam pelos pinheiros das estepes da Ilíria.

Alguma magia de fogo para aquecer seus ossos. "The Dread Trove," Eris meditou, examinando o pesado céu cinza que ameaçava neve.

"Nunca ouvi falar desses itens.

Embora isso não me surpreenda.

" "Seu pai sabe sobre eles?" As estepes não eram terreno neutro, mas estavam vazias o suficiente para que Eris finalmente se dignou a aceitar o pedido de Cassian para se encontrar aqui.

Depois de demorar dias para responder sua mensagem. "Não, obrigado a Mãe", disse Eris, cruzando os braços.

"Ele teria me contado se tivesse.

Mas se o Tesouro tiver uma consciência como você sugeriu, se quiser ser encontrado... Temo que também possa estar chegando a outras pessoas.

Não apenas Briallyn e Koschei.

" Beron de posse do tesouro seria um desastre.

Ele se juntou às fileiras do Rei de Hybern.

Pode se tornar algo terrível e imortal como Lanthys."Então Briallyn falhou em informar Beron sobre sua busca pelo tesouro quando ele a visitou?"

"Aparentemente, ela também não confia nele", disse Eris, o rosto cheio de contemplação.

"Preciso pensar sobre isso." "Não conte a ele sobre isso", alertou Cassian. Eris balançou a cabeça."Você me entende mal.

Eu não vou dizer nada a ele.

Mas o fato de que Briallyn está ativamente escondendo seus planos maiores dele... "Ele assentiu, mais para si mesmo.

"É por isso que Morrigan está de volta a Vallahan? Para saber se eles sabem sobre o tesouro? " "Talvez", Cassian mentiu.

Ela ainda estava tentando convencê-los a assinar o novo tratado.

Mas Eris não precisava saber disso. "Aqui estava eu", disse Eris, "pensando que Morrigan ia lá tantas vezes para se esconder de mim." "Não se iluda.

É apenas uma coincidência.

" Ele não tinha certeza se a mentira era válida. "Por que não deveria me gabar com tais pensamentos? Você se elogia, pensando que é mais do que um bastardo vira-lata." Os Sifões de Cassian brilharam em cima de suas mãos e Eris sorriu com a evidência de que ele havia acertado o golpe.

Mas Cassian se forçou a dizer calmamente: "Essa é toda a informação que tenho." "Você me deu muito o que considerar." "Certifique-se de manter isso quieto", Cassian avisou novamente. Eris piscou antes de afastar. Sozinho na selva uivante, Cassian soltou um suspiro.

Abraçou os ventos frios, o aroma fresco do pinheiro e desejou que isso levasse sua irritação e desconforto. Mas demorou.

Por alguma razão, demorou.

CAPÍTULO

26

Sem fazer um treinamento extra entre as pilhas, Nestha se sentiu menos exausta ao sair da biblioteca.

Cassian a resgatou de Windhaven depois de duas horas e meia, e ela já estava tão entediada sentada na casa da mãe de Rhys que quase sorriu ao vê-lo.

Mas o rosto de Cassian estava tenso, seus olhos frios e distantes, e ele mal tinha falado com ela quando Rhys apareceu.

Rhys mal havia falado com ela, mas isso era de se esperar.

Era melhor se eles não falassem nada. No entanto, Cassian não disse mais do que

"Te vejo mais tarde" antes de partir novamente com Rhys depois que o Grão Senhor os trouxe de volta para a Casa do Vento, seu rosto ainda tenso e zangado.

Com a energia extra zumbindo por ela naquela noite, perguntando-se incessantemente por que Cassian tinha ficado tão chateado, Nestha não teve vontade de comer em seu quarto e adormecer.

Então ela se viu na porta da sala de jantar. Cassian estava recostado em sua cadeira, uma taça de vinho na mão, olhando para o nada.

Um príncipe guerreiro taciturno, contemplando a morte de seus inimigos.

Ela deu um passo para dentro da sala e a taça de vinho desapareceu. Ela

bufou. "Não estou tão confuso a ponto de roubar de sua mão." "A casa está sob ordens específicas - nada de vinho quando você estiver na sala." Ele flexionou os dedos enquanto se sentava. "Ele tirou de mim." "Ah." Ela se sentou em frente a ele como talheres e um prato de comida apareceu, junto com água para os dois.

Cassian voltou a olhar para sua comida meio comida.

Ela não tinha visto seu rosto neste túmulo desde a guerra. "Aconteceu alguma coisa com as rainhas ou o tesouro?" Ele piscou. "O que?" Em seguida, encolheu os ombros com um ombro. "Não, apenas... Eris estava com seu jeito encantador de sempre hoje." Ele empurrou o frango assado com o garfo. Nestha pegou seu próprio garfo, com fome o suficiente para deixar o assunto morrer enquanto devorava sua comida.

Quando ela acalmou sua fome, ela disse: "Eu convidei Emerie para participar do treinamento." "Presumo que ela disse não." Suas palavras eram monótonas, seu rosto distante. "De fato.

Mas se ela mudar de ideia, pensei que talvez alguém pudesse peneirá-la aqui.

"Certo." Ela poderia dizer que ele não estava apenas sendo rude com ela - ele estava tão preocupado com o que quer que o estivesse comendo que mal conseguia falar. Isso a incomodou mais do que deveria.

Aborreceu-a o suficiente para ela perguntar: "O que aconteceu?" Ela se obrigou a comer mais, agindo o mais casual possível, tentando persuadi-lo a se abrir.

Para falar sobre o que trouxe aquele olhar machucado. Seu olhar baixando para o prato, Cassian contou a ela sobre o encontro com Eris. "Então Eris está decidida a nos ajudar a encontrar o

tesouro - e a garantir que seu pai não coloque as mãos nele, ou ouça sobre ele", disse Nestha quando ele terminou.

"Isso não é uma coisa boa? Por que você está irritado? "Por que você parece tão abatido? "É a maldade de sua alma que me irrita.

Eu não me importo se ele me chamar de bastardo vira-lata." Eris o tinha chamado assim hoje, ela percebeu.

A raiva ondulou por ela.

"É que, aliado ou não, eu o odeio.

Ele é tão liso e sereno e... eu não suporto ele." Ele largou o garfo e olhou para a janela atrás dela.

"Eris e seus jogos de palavras distorcidos e política são um inimigo que eu não sei como lidar.

Cada vez que me encontro com ele, sinto que ele tem a vantagem.

Como se eu só pudesse alcançá-lo, e ele vê através de todas as minhas tentativas desastradas de ser inteligente.

Talvez isso me torne um bruto estúpido, afinal." A verdadeira tristeza encheu seu rosto - e autodepreciação suficiente para que Nestha se levantasse de sua cadeira.

Ele ficou imóvel quando ela contornou a mesa, apenas levantando a cabeça quando ela se encostou na borda da mesa ao lado de seu prato."Rhys deveria matá-lo e acabar com isso." - Se alguém vai matar Eris, será Mor ou eu.

Seus olhos castanhos estavam quase implorando.

Não com ela, ela sabia, mas com o destino.

“Mas matá-lo provaria que ele e sua laia estavam certos sobre mim.

E independentemente de como eu me sinta sobre Eris, ele seria um Grão-Senhor melhor do que Beron.

Não importa o que eu queira, ainda há o bem-estar da Corte Outonal a considerar.

” Cassian era bom.

Em sua alma, em seu coração de guerreiro, Cassian era bom de uma forma que Nestha sabia que a maioria das pessoas não era.

De certa forma, ela sabia que não era e nunca seria. Ele não era um guerreiro que matava por capricho, mas um homem que considerava cuidadosamente cada vida que tinha que tirar.

Quem defenderia o que amava até a morte. E Eris... Ele machucou Cassian.

Com o que ele fez com Morrigan, sim, mas também com as palavras tão semelhantes às que a própria Nestha havia pronunciado.

A ferida estava nos olhos de Cassian, tão crua quanto qualquer ferimento. A vergonha a invadiu.

Vergonha, raiva e uma espécie de desespero selvagem.

Ela não conseguia suportar a dor em seus olhos, oscilando à beira do desespero.

Não podia suportar a ausência do sorriso, piscadela e arrogância que ela conhecia tão bem. Ela faria qualquer coisa para se livrar daquele olhar em seus olhos.

Mesmo por alguns momentos. Então Nestha apoiou as mãos nos braços da cadeira dele enquanto dava um beijo em seu pescoço.

A respiração de Cassian ficou presa.

Mas ela deu outro beijo na pele macia e quente de seu pescoço, logo abaixo da orelha.

Outro, mais baixo agora, mais perto da gola de sua camisa escura. Ele tremeu, e ela beijou o nó duro no centro de sua garganta.

Lambeu. Cassian se mexeu na cadeira, gemendo baixinho.

A mão dele subiu para agarrar seu quadril, como se ele fosse empurrá-la, mas ela o removeu.

“Deixe-me,” ela disse contra seu pescoço. “Por favor.” Ele engoliu em seco, e aquele nó duro se moveu contra sua boca.

Mas ele não a impediu, então Nestha o beijou novamente, movendo-se para o outro lado de seu pescoço.

Alcançando aquele ponto logo abaixo de sua orelha enquanto ela colocava a mão em seu peito e sentia seu batimento cardíaco martelando em sua palma. Ela não beijou sua boca.

Ela não queria aquela distração.

Não quando ela deslizou entre ele e a mesa e caiu de joelhos. Seus olhos se arregalaram. “Nestha.” Ela alcançou a parte de cima da calça dele, a protuberância já pressionando.

“Por favor,” ela disse novamente, e encontrou seu olhar.

De onde ela se ajoelhou entre as pernas de Cassian, ele se elevou sobre ela, mas o canto de seus olhos suavizou quase imperceptivelmente antes que ele assentisse.

Ele estendeu a mão para ajudá-la com os botões e o espartilho, mas ela pousou levemente a mão sobre a dele. Seus dedos

estavam firmes, com certeza, enquanto ela desabotoava suas calças.

Sua cabeça totalmente clara. Os músculos de suas coxas se moveram contra ela quando ela o puxou e quase engasgou. Seu pau estava enorme.

Linda, dura e absolutamente enorme.

Sua boca secou, cada plano que ela tinha exigindo uma reavaliação repentina.

Não havia como ele caber inteiramente em sua boca.

Talvez de jeito nenhum ele caberia em seu corpo. Mas ela com certeza queria tentar. Seus dedos tremeram um pouco enquanto ela os acariciava pela haste longa e grossa.

A pele era tão macia - mais macia do que seda ou veludo.

E ele estava duro como aço por baixo.

Ele estremeceu, e ela ergueu os olhos para encontrar o olhar fixo em sua mão.

"Como é que você gosta?" ela perguntou, sua voz ofegante quando a necessidade quente a percorreu.

Ela envolveu sua mão em torno de seu pênis - seus dedos mal conseguindo alcançá-lo completamente."Gentil?" Ela fez um passe suave como uma pena sobre ele, apertando levemente. Cassian balançou a cabeça, como se não tivesse palavras. Ela o acariciou novamente, um pouco mais forte."Como isso?" Seu peito arfou, seus dentes brilharam quando ele os rangeu.

Mas ele balançou a cabeça. Nestha sorriu, e quando ela o bombeou pela terceira vez, ela apertou com força, deixando suas unhas roçarem a parte inferior sensível de seu eixo. Seus quadris

arquearam para fora da cadeira, e ela prendeu a mão neles."Entendo", ela murmurou, e fez isso de novo.

Com mais força ainda, girando o punho ao alcançar a cabeça redonda. Ele tentou se arquear na mão dela, mas ela o prendeu novamente com a outra mão. "E

isto?" ela ronronou, abaixando a cabeça."Você gosta disso?" Nestha lambeu sua ampla cabeça, a língua deslizando na pequena fenda em sua ponta.

Ela lambeu a pequena gota de umidade já reunida lá. Tudo em seu corpo derreteu; uma onda de umidade alisou entre suas coxas enquanto o gosto dele enchia sua boca, sal e algo mais, algo vital. "Oh, deuses," Cassian ofegou.

E as palavras, o gemido em que foram carregadas, foram tão deliciosas que Nestha chupou a ponta em sua boca e roçou a língua ao longo de sua parte inferior. Ele encostou a cabeça na cadeira, sibilando. Ela lambeu seu eixo em um longo movimento.

Esfregou as coxas enquanto o saboreava, sentindo todo aquele aço quente e orgulhoso contra sua boca.

Ela lambeu o outro lado, cobrindo-o, tornando mais fácil para si mesma enquanto colocava a boca em volta dele novamente e o deslizava entre os lábios.

Ele a encheu quase imediatamente, e ela olhou para baixo para descobrir que

havia o suficiente dele ainda exposto para que ela precisasse adicionar sua mão.

"Nestha," ele implorou, e ela fez outra passagem para ele, puxando-o quase todo o caminho antes de engoli-lo novamente, deixando sua garganta relaxar, desesperada por tanto dele em sua boca quanto pudesse caber. A mão de Cassian cravou em

seu cabelo, agarrando, e ela percebeu que ele estava se contendo.

Não queria se chocar contra ela, machucá-la, desagradá-la. E isso não funcionaria.

De jeito nenhum. Ela o queria desfeito, queria que ele agarrasse sua cabeça e fodesse sua boca tão forte quanto ele desejasse. Então, quando Nestha o levou em sua boca novamente, a mão trabalhando em unísono, ela arrastou os dentes.

Levemente o suficiente para doer - só um pouco. Cassian resistiu e ela o deixou, engolindo-o avidamente, apertando-o com a mão o suficiente para dizer que ela queria isso, queria que ele se soltasse.

Ela retirou seus lábios para a ponta dele, rolando sua língua ao redor dele, e olhou para ele por debaixo de seus cílios. Seus olhos estavam sobre ela, grandes e vidrados com luxúria. E quando Cassian encontrou seu olhar, a viu olhando para ele - Ele se libertou. Ele não aguentou.

Era uma tortura, um tipo especial de tortura, ter Nestha ajoelhada diante dele com seu pênis em sua boca e mão e não ser capaz de rugir de prazer.

Mas então ela olhou para ele através de seus cílios, e a visão dela com seu pênis entre os lábios estalou algo. Ele não se importou que eles estivessem na sala de jantar, que uma parede de janelas e portas revestisse metade do espaço e que qualquer um que passasse pudesse ver. Cassian deslizou a outra mão em seu cabelo, os dedos entrelaçados em sua tiara trançada, e ele empurrou em sua boca.

Ela o tomou profundamente e gemeu tão alto que reverberou ao longo de seu pênis e direto em suas bolas.

Eles se apertaram ainda mais, e a liberação se juntou em sua coluna, um nó abrasador que o fez se arquear em sua boca novamente.

Ele estava totalmente à mercê dela. Nestha gemeu mais uma vez, um incentivo suave, e Cassian não precisava de mais nada.

Agarrando seu cabelo, seu couro cabeludo, segurando-a no lugar, ele empurrou seus quadris.

Ela o encontrou com cada golpe, boca e mão trabalhando em uníssono, até que o calor escorregadio dela, os dentes que às vezes o roçavam, o provocavam, a tensão de seu punho - eles eram insuportáveis, eram tudo o que importava.

Cassian fodeu sua boca, e seus gemidos o fizeram decidir que foder o resto dela também.

Tire as calças dela e enfie nela com tanta força que ela estaria gritando seu nome para o teto. Ele tentou se retirar, mas Nestha se recusou a se mover.

Ele rosnou, seus dedos segurando sua cabeça para pará-la.

“Eu quero estar dentro de você,” ele conseguiu dizer, sua voz como cascalho.

Mas Nestha olhou para ele novamente por baixo de seus cílios, e ele viu seu comprimento desaparecer em sua boca.

A ponta dele bateu no fundo de sua garganta. Oh, deuses.

Ele cerrou os dentes. "Eu quero terminar dentro de você." Nestha apenas bufou uma risada e o sugou tão fundo que ele não conseguiu evitar.

Não foi possível parar o lançamento quando ela deslizou a outra mão em suas calças e segurou suas bolas, apertando suavemente. Cassian gozou com um rugido que sacudiu os

copos sobre a mesa, arqueando-se dentro dela enquanto ele se derramava em sua garganta. Ela resistiu, resistiu a ele, e quando ele parou de tremer, ela suavemente, graciosamente, deslizou sua boca para fora dele.

Nestha sustentou seu olhar enquanto ela engolia.

Engoliu cada grama do que ele derramou em sua boca.

E então seus lábios se curvaram para cima, uma rainha triunfante. Cassian ofegou, não se importando que seu pênis ainda estivesse para fora, escorregadio e vazando, apenas que ela estava a poucos centímetros de distância e ele iria

retribuir este favor particular que ela lhe deu. Nestha se levantou, olhos fixos em seu pênis.

O calor em seu olhar ameaçou queimá-lo, e o cheiro de sua excitação envolveu-se ao redor dele e cravou suas garras profundamente. “Tire suas calças,” ele rosnou. O sorriso de Nestha só cresceu, pura diversão felina. Ele iria transar com ela nesta mesa.

Agora mesmo.

Ele não se importava com mais nada, sobre o espaço comum em que estavam ou Eris ou Briallyn ou Koschei ou o Dread Trove.

Ele precisava estar dentro dela, sentir aquele aperto quente ao redor dele e reivindicá-la como ela o reivindicou. Os dedos de Nestha deslizaram para os botões e cadarços de sua calça, e ele tremia enquanto os observava liberar o botão superior - Passos arrastados pelo corredor.

Um aviso.

De quem sabia calar. Cassian enrijeceu, então enfiou o pau dolorido nas calças.

Nestha ouviu o som e se afastou alguns metros, apertando novamente o botão superior.

Cassian tinha acabado de se recompor quando Azriel entrou. "Boa noite," seu irmão disse com um nível áspero de calma, caminhando em direção à mesa.

"Az." Cassian não foi capaz de evitar a mordida em seu tom.

Ele encontrou o olhar muito consciente de seu irmão e silenciosamente transmitiu cada pedaço de aborrecimento que sentiu no momento certo.

Azriel apenas deu de ombros, examinando a comida que a Casa havia trazido para ele.

Como se soubesse exatamente o que havia interrompido e levado muito a sério suas obrigações de acompanhante. Nestha estava olhando para eles, mas assim que Cassian se virou para ela, ela se lançou em movimento, empurrando a mesa

e apontando para a porta. "Boa noite." Ela não esperou que ele respondesse antes de ir embora. Cassian lançou um olhar furioso para Az. "Obrigado por isso."

"Não sei do que você está falando", disse Az, mesmo enquanto sorria para sua comida. "Idiota." Az riu. "Não mostre sua mão de uma vez, Cass." "O que isso deveria significar?" Az acenou com a cabeça em direção à porta.

"Guarde algo para mais tarde." "Ocupado." Az deu uma mordida.

"Você a deixou chupar seu pau no meio da sala de jantar.

Em uma mesa que estou usando atualmente para comer meu jantar.

Eu diria que isso me dá direito a uma opinião.

” Cassian riu, sua tristeza anterior afastada.

Por ela.

Tudo por ela. "É justo."

CAPÍTULO

27

Nestha não tinha a menor ideia de como seria a cara de Cassian na manhã seguinte, mas Gwyn forneceu uma proteção que ela estava muito ansiosa para usar.

Ela conheceu a sacerdotisa nos degraus do fosso de treinamento e Gwyn ofereceu-lhe um sorriso brilhante. "Manhã." "Bom dia", disse Nestha, acompanhando o passo dela. "Qualquer coisa no tesouro?" Gwyn balançou a cabeça.

Ela ainda usava suas vestes, embora tivesse começado a amarrar o cabelo em uma trança justa.

“Eu até perguntei a Merrill ontem à noite.

Ela rompeu aquele glamour, mas além de algumas menções em textos antigos, ela não conseguiu encontrar nada mais do que o que você já sabe.

Nem uma dica sobre quando ou onde eles foram perdidos, ou quem os perdeu.

Não podemos nem mesmo descobrir quem os possuiu por último, já que são informações que datam de pelo menos dez mil anos.

” Sempre era um choque lembrar a idade dos Feérico.

Quantos anos Amren deve ter para se lembrar dos objetos do Dread Trove quando eles ainda estavam livres no mundo.

Mas, aparentemente, mesmo Amren não tinha memória de quem os havia usado pela última vez. Nestha empurrou para longe o pensamento da mulher, e a fria fatia de dor que a acompanhava. "Pode ser uma tarefa impossível", disse Gwyn, torcendo a boca para um lado.

"Não há outra maneira de encontrá-lo?" Houve.

Envolvia ossos e pedras.

O corpo de Nestha trancado.

"Não," ela mentiu. "Não há outra maneira." "Você está indo para Windhaven?"

Nestha se viu perguntando a Cassian enquanto Gwyn se despedia deles no final da aula.

Gwyn havia começado as posições de combate naquela manhã, e tirou o foco de todos eles para que Nestha não tivesse tido um momento para realmente falar com ele sozinho.

Houve um olhar um pouco longo demais quando ela apareceu, e foi isso. Ela não se arrependia do que tinha feito na sala de jantar.

Mesmo que fosse flagrantemente óbvio que Azriel sabia o que estava interrompendo. Mas ficar aqui sozinho com Cassian... O gosto dele permaneceu em sua boca, como se ele tivesse se marcado em sua língua. Ela ficou acordada na cama ontem à noite pensando em cada golpe, cada som que ele fez, ainda sentindo a pressão de seus dedos em sua cabeça quando ele enfiou em sua boca.

A memória por si só a fez deslizar a mão entre as pernas, e ela precisava encontrar alívio duas vezes antes de seu corpo se acalmar o suficiente para dormir. Cassian tirou sua jaqueta de

onde a havia deixado, encolhendo os ombros para o couro preto e as escamas.

“Eu preciso inspecionar as legiões novamente.

Certifique-se de que eles estão se preparando para um possível conflito e que os recrutas estão em boa forma.

” “Ah.” Seus olhos se encontraram, e ela poderia jurar que ele escureceu, como se lembrando de cada momento delicioso da noite anterior.

Mas ela balançou a cabeça, limpando as teias de aranha. “Gwyn está bem”, disse Cassian, apontando para a arcada onde a sacerdotisa havia desaparecido. “Ela é uma garota legal.” Nestha havia aprendido que Gwyn tinha vinte e oito anos - na verdade, apenas uma menina para ele. “Eu gosto dela”, admitiu Nestha. Cassian piscou. “Acho que nunca ouvi você dizer isso sobre ninguém.” Ela revirou os olhos, mas ele acrescentou: “É uma pena que as outras sacerdotisas não venham.” Nestha verificou a folha de inscrição todos os dias, mas ninguém mais havia acrescentado seu nome.

Gwyn disse a Nestha que ela convidou pessoalmente algumas das sacerdotisas, mas elas estavam com muito medo, muito inseguras. “Não sei o que posso fazer para encorajá-los”, disse Nestha. “Continue fazendo o que você está fazendo.”

Ele terminou de fechar sua jaqueta. Uma brisa fresca de outono passou, trazendo consigo os aromas da cidade abaixo: pão, canela e laranjas; carnes assadas e sal.

Nestha inalou, identificando cada um, perguntando-se como eles poderiam de alguma forma se combinar para criar uma sensação singular de outono. Nestha inclinou a cabeça quando uma ideia a atingiu. “Se você for parar em Windhaven, pode me fazer um favor?” Cassian estava na loja de Emerie e fez sua melhor tentativa de um sorriso não ameaçador enquanto colocava o

conteúdo do saco que carregava. Emerie olhou para o que ele colocou em seu balcão intocado."Nestha te deu isso?" Tecnicamente, Nestha o informou, a Casa tinha dado a ela.

Mas ela pediu esses itens à Casa, pretendendo que eles fossem trazidos para cá."Ela disse que é um presente." Emerie pegou uma lata de latão, abriu a tampa e inalou.

O cheiro fumegante e aveludado de folhas de chá flutuou para fora."Oh, isso é bom." Ela ergueu um frasco de vidro com pó finamente moído.

Quando ela abriu a tampa, um aroma de nozes e especiarias encheu a loja."Cominho." Seu suspiro foi como o de um amante.

Ela mudou para outro e outro, seis recipientes de vidro no total.

"Cúrcuma, canela, pimenta da Jamaica, cravo e ..." Ela olhou para o rótulo."Pimenta preta." Cassian colocou o último recipiente sobre a mesa, uma grande caixa de mármore que pesava pelo menos um quilo.

Emerie puxou a tampa e soltou uma risada."Sal." Ela apertou os cristais escamosos entre os dedos."Muito sal." Seus olhos brilharam quando um raro sorriso apareceu em seu rosto.

Isso a fez parecer mais jovem, eliminou o peso e as cicatrizes de todos aqueles anos com seu pai."Por favor, diga a ela que agradeço." Ele limpou a garganta, lembrando-se do discurso que Nestha havia perfurado nele.

"Nestha diz que você pode agradecê-la aparecendo no treino amanhã de manhã."

O sorriso de Emerie vacilou.

"Eu disse a ela outro dia: não tenho como comparecer". "Ela pensou que você diria isso.

Se você quiser vir, mande avisar, e um de nós trará você.

” Teria que ser Rhys, mas ele duvidava que seu irmão faria objeções.

“Se você não pode ficar o tempo todo, tudo bem.

Venha por uma hora, antes que sua loja abra.

” Os dedos de Emerie se afastaram das especiarias e do chá.

“Não é o momento certo.” Cassian sabia melhor do que empurrar.

“Se você mudar de ideia, nos avise.” Ele se virou do balcão, apontando para a porta. Ele sabia que Nestha tinha dado o presente em parte para tentar Emerie a se juntar, mas também pela bondade de seu coração.

Ele perguntou por que ela estava enviando esses itens, e ela disse: "Emerie precisa de especiarias e um bom chá." Ele ficou atordoado, assim como o havia chocado antes, ouvi-la admitir que gostava de Gwyn. Nestha em torno de Gwyn era uma criatura totalmente diferente de quem ela era na corte.

Eles não brincavam nem riam um com o outro, mas havia uma facilidade entre eles que ele nunca havia testemunhado, mesmo quando Nestha estava com Elain.

Ela sempre foi a guardiã de Elain, ou irmã de Feyre, ou feita pelo Caldeirão.

Com Gwyn... ele se perguntou se Nestha gostava da garota porque com ela, ela era simplesmente Nestha.

Talvez ela também se sentisse assim perto de Emerie. Ela fora para Velaris, noite após noite, não apenas para se distrair e entorpecer, mas para estar perto de pessoas que não sabiam o peso de tudo que ela carregava? Cassian alcançou a porta, soltando um suspiro suave.

Ele se recusou a pensar no que ela tinha feito com ele na sala de jantar enquanto eles estavam treinando, especialmente com Gwyn lá, mas ver o sorriso hesitante de Nestha enquanto ela colocava o chá e temperos em um saco o fez suprimir o desejo de empurrá-la contra a parede e beijá-la. Ele não tinha ideia de como as coisas estavam com eles.

Se eles voltassem a um favor por um favor.

Ela não deu a ele nenhuma pista sobre se ela o deixaria em sua cama, ou se ela se ajoelhou para tirá-lo da ninhada em que ele havia caído. Se ela tivesse, implicaria em algum nível de preocupação com o bem-estar dele, não é? E pena.

Porra, se ela o tivesse chupado porque tinha pena dele - Não.

Não tinha sido isso.

Ele viu o desejo em seus olhos, sentiu a suavidade de sua boca em seu pescoço nesses toques iniciais.

Tinha sido um conforto, dado da única maneira que ela conhecia. Cassian abriu a porta e olhou para trás, encontrando Emerie ainda no balcão, a mão apoiada na

variedade de especiarias e chá.

Seus olhos estavam solenes, seus lábios uma linha tensa.

Ela não parecia ciente de sua presença, então ele interpretou isso como sua deixa para sair e saltou para os céus. Nestha subiu os degraus do ringue de treinamento, refletindo sobre o Dread Trove.

Ela presumiu que os outros não tiveram melhor sorte do que ela, e se as coisas eram de fato tão urgentes quanto Azriel alegou, então talvez a pesquisa na biblioteca não fosse o melhor caminho. Mas seu estômago se apertou para pesar a outra

opção, para lembrar o que tinha acontecido na primeira e única vez que ela viu.

Suas mãos tremiam enquanto ela subia o último degrau.

Ela apertou os dedos em punhos, soprando uma respiração constante pelo nariz.

Cassian já estava no centro do ringue.

Ele sorriu quando ela emergiu. Era um sorriso mais largo do que o normal, animado e - satisfeito. Os olhos de Nestha se estreitaram quando ela entrou no brilho do ringue.

Gwyn já estava esperando a alguns metros de Cassian, um sorriso iluminando seu próprio rosto. E diante deles, bebendo um copo na estação de água, estava Emerie.

CAPÍTULO

28

Por mais graciosa que Gwyn tivesse sido, Emerie provou ser igualmente estranha e desequilibrada. "Tem a ver com suas asas", disse Cassian com tanta gentileza que Nestha, equilibrando-se em uma perna e puxando a outra para cima, quase caiu no chão ao lado de Emerie.

"Sem o uso total de suas asas, seu corpo compensa seu equilíbrio desequilibrado de maneiras como essa." Ele acenou com a cabeça em direção ao derramamento devorador de solo que ela havia tomado. Gwyn interrompeu seu próprio equilíbrio."Por que?" "As asas geralmente funcionam como um contrapeso." Ele ofereceu a mão para ajudar Emerie a se levantar.

"Eles estão cheios de músculos delicados que se ajustam e se firmam constantemente sem que pensemos a respeito." Emerie

ignorou sua mão e se levantou.

Cassian explicou cuidadosamente: "Muitos dos músculos principais podem ser afetados quando as asas de alguém são cortadas." Gwyn olhou para Nestha, que ficou tensa, franzindo a testa.

Gwyn e Emerie caíram em uma camaradagem fácil em poucos minutos.

Isso pode ter sido devido ao fato de Gwyn ter enchido Emerie de perguntas sobre sua loja enquanto eles realizavam os exercícios de abertura. Emerie espanou a sujeira das pernas de suas calças de couro, mais soltas do que as que Nestha

usava, como se ela se sentisse desconfortável com a norma colante ao corpo. Os olhos de Cassian se suavizaram. "Qual dos curandeiros cortou você?" O queixo de Emerie se ergueu, a cor roubando seu rosto.

Ela encontrou seus olhos, porém - com um nível de franqueza que Nestha só poderia admirar. "Meu pai fez isso sozinho." Cassian praguejou, baixo e desagradável. Emerie disse, com a voz fria: "Eu lutei com ele, então seu trabalho se tornou ainda mais desleixado." Gwyn e Nestha ficaram quietos enquanto Emerie estendia sua asa direita quase todo o caminho antes que ela se agrupasse e estremecesse.

O rosto de Emerie também.

"Eu não posso estender este aqui." Ela estendeu a asa esquerda - quase metade de seu comprimento. "Isso é tudo que posso conseguir deste lado." Cassian parecia que ia vomitar.

"Ele merecia morrer naquela batalha.

Merecia morrer muito tempo antes disso, Emerie.

” Seus Sifões brilharam em resposta, e algo selvagem e perverso esquentou no sangue de Nestha com a pura raiva em seu rosto, suas palavras rosnando. Emerie dobrou suas asas. “Ele merecia morrer por muito mais do que o que fez com minhas asas.” “Se você vier para Velaris todos os dias, posso trazer Madja aqui.

Ela é a curandeira particular da corte.” Rhys trouxera Emerie, Nestha aprendera.

E a retornaria em uma hora. Emerie ficou ainda mais rígida.

“Agradeço a oferta, mas é desnecessário.” Cassian abriu a boca, mas Nestha interrompeu: - Chega de conversa fiada.

Se pegarmos Emerie por apenas uma hora hoje, então nos guie pelos socos, Cassian.

Deixe-a ver o que ela precisa fazer.

” Emerie lançou-lhe um olhar agradecido e Nestha ofereceu-lhe um leve sorriso em troca. Cassian acenou com a cabeça, e pelo brilho em seus olhos, ela sabia que ele estava bem ciente do motivo de ela ter interrompido. Gwyn perguntou a Emerie: "Você tem bibliotecas na Illyria?" Outra corda de salvamento lançada.

"Não.

Nunca estive em um.

” A rigidez desapareceu da postura de Emerie, palavra por palavra. Gwyn amarrou seu cabelo brilhante na nuca. "Você gosta de ler?" A boca de Emerie se curvou para cima.

“Eu moro sozinho, nas montanhas.

Não tenho nada a ver com meu tempo livre, exceto trabalhar no meu jardim e ler todos os livros que encomendo pelo correio.

E no inverno, eu nem tenho a distração de minha jardinagem.

Então sim.

Eu gosto de ler.

Não posso sobreviver sem ler.

” Nestha grunhiu em concordância. “Que tipo de livros?” Gwyn perguntou.

"Romances", disse Emerie, ajustando seu próprio cabelo, a trança preta grossa cheia de vermelhos e marrons à luz do sol.

Nestha começou.

Os olhos de Emerie se iluminaram."Você também? Quais?" Nestha recitou seus cinco primeiros, e Emerie sorriu, tão amplamente que era como ver outra pessoa."Você leu os romances de Sellyn Drake?" Nestha balançou a cabeça.

Emerie engasgou, tão dramaticamente que Cassian murmurou algo sobre poupá-lo de mulheres obcecadas por pornografia antes de ir mais longe no ringue.

“Você deve ler os livros dela.

Você deve.

Vou trazer o primeiro amanhã.

Você vai ficar acordado a noite toda lendo, eu juro." "Sujeira?" Gwyn perguntou, pegando as palavras murmuradas de Cassian.

Havia hesitação suficiente em sua voz para fazer Nestha se endireitar. Nestha olhou para Emerie, percebendo que a mulher não sabia sobre Gwyn - sua história, ou por que as sacerdotisas viviam na biblioteca.

Mas Emerie perguntou: "O que você lê?" "Aventura, às vezes mistérios.

Mas, principalmente, tenho que ler tudo o que Merrill, a sacerdotisa com quem trabalho, escreveu naquele dia.

Não é tão emocionante quanto o romance, nem de longe.

” Emerie disse casualmente: "Posso trazer um dos livros de Drake para você também - um dos mais suaves dela.

Uma introdução às maravilhas do romance.

” Emerie piscou para Nestha. Nestha esperou que Gwyn recusasse, mas a sacerdotisa sorriu."Gostaria disso." Rhys apareceu no ringue precisamente quando disse que o faria.

Uma hora - nem mais, nem menos. Sujeira vermelha e suor cobriram Emerie, mas seu olhar brilhou enquanto ela fazia uma reverência ao Grão Senhor. Gwyn, no entanto, parou, aqueles grandes olhos azul-petróleo parecendo ainda mais sobrenaturais enquanto se arregalavam.

Nenhum medo tingiu seu cheiro, mas sim algo como surpresa - temor. Rhys deu um sorriso fácil, um que Nestha teria apostado foi feito para deixar as pessoas à vontade em sua presença tão magnífica.

O sorriso casual de um homem acostumado a pessoas fugindo de terror ou caindo de joelhos em adoração.

“Olá, Gwyn,” ele disse calorosamente."Bom te ver de novo." Gwyn corou, sacudindo-se para sair de seu estupor e fez uma reverência."Meu Senhor."

Nestha revirou os olhos e encontrou Rhys olhando para ela.

Esse sorriso casual se acentuou quando ele encontrou seu olhar."Nestha."

"Rhysand." As outras duas mulheres estavam olhando entre elas, o salto de seus olhares quase cômico.

Cassian apenas caminhou para o lado de Nestha e passou um braço em volta dos ombros dela antes de falar lentamente para Rhys: "Essas senhoras vão entregar sua bunda a você em breve." Nestha fez menção de sair de baixo do peso pesado e suado de seu braço, mas Cassian colocou a mão muito amigável em seu ombro, seu sorriso inabalável.

O olhar de Rhys deslizou entre eles, pouco calor foi encontrado em seus olhos.

Mas muita cautela. O pequeno príncipe não gostava dela com seu amigo. Nestha se inclinou para Cassian.

Não muito, mas o suficiente para um guerreiro treinado como Rhysand notar.

Uma mão escura e sedosa roçou em sua mente.

Um pedido. Ela pensou em ignorar, mas se viu abrindo uma pequena porta através da barreira de aço com cravos que mantinha ao seu redor dia e noite.

A porta era essencialmente um olho mágico, e ela permitiu que o que supôs ser o equivalente a seu rosto mental espiasse através dela para o plano escuro e cintilante além.

O que? Você deve tratar Gwyn com gentileza e respeito. A coisa que estava além da fortaleza de sua mente era uma criatura de garras, escamas e dentes.

Estava oculto sob sombras se contorcendo e uma estrela ocasional que passava brilhando na escuridão, mas de vez em quando, um vislumbre de uma asa ou uma garra brilhava. Não é da tua conta.

Nestha fechou aquele pequeno orifício de visualização. Ela piscou, registrando lentamente Emerie perguntando a Cassian sobre a aula de amanhã de manhã e o que ela perderia hoje por

sair uma hora mais cedo. Os olhos de Rhysand brilharam. O braço de Cassian permaneceu em torno de Nestha, e seu polegar se moveu sobre seu ombro em uma carícia ociosa e reconfortante.

Quer ele soubesse ou sentisse sua conversa silenciosa com seu Grão Senhor, ele não deixou transparecer. "Preparar?" Rhys perguntou a Emerie, aquele sorriso amável e adorável aparecendo novamente.

Emerie pode ter corado.

Rhysand tinha esse efeito nas pessoas. Nestha frequentemente se perguntava como Feyre conseguia suportar - todas as pessoas desejando seu companheiro.

Nestha empurrou para fora do braço de Cassian novamente, e desta vez ele a deixou.

Ela seguiu Emerie até onde ela estava recolhendo sua capa pesada. "Então você vai voltar amanhã?" Nestha perguntou.

Um olhar por cima do ombro revelou Gwyn caminhando para a estação de água, ou para dar privacidade aos dois machos ou por desconforto por ter sido deixada com eles. A culpa picou Nestha por aquele abandono, e ela fez uma nota mental para não permitir que isso acontecesse novamente.

Gwyn tinha estado bem com Cassian nos últimos dias: ela não o tocou, e ele não a tocou, mas ela não tinha se esquivado dele como fazia agora.

Nestha não queria pensar sobre o motivo disso, que cicatrizes haviam sido gravadas tão profundamente em Gwyn que dois dos homens mais confiáveis em toda esta terra não conseguiam colocá-la à vontade. Rhysand pode ser um bastardo arrogante e vaidoso, mas era honrado.

Ele lutou como o inferno para proteger inocentes.

A antipatia dela por ele não tinha nada a ver com o que ele provou tantas vezes:

ele era um governante justo, que colocava seu povo antes de si mesmo.

Não, ela apenas encontrou sua personalidade - aquela presunção escorregadia -

irritante. Emerie respondeu: "Voltarei amanhã." Nestha inclinou a cabeça.

"Não fazia ideia de que chá e especiarias eram tão convincentes." Emerie sorriu ligeiramente.

"Não foi apenas o presente, mas a lembrança do que eles significam." "O que é isso?" Emerie olhou para o céu, fechando os olhos enquanto uma brisa de outono passava.

"Que existe um mundo além de Windhaven.

Que sou muito covarde para perceber.

" "Você não é covarde." "Você disse que eu estava outro dia." Nestha estremeceu."Eu falei com raiva." "Você falou a verdade.

Fiquei acordado naquela noite pensando nisso.

E então você pediu a Cassian para entregar os temperos e o chá e eu percebi que existe um mundo lá fora.

Um mundo vasto e vibrante.

Talvez essas aulas me deixem com um pouco menos de medo.

" Nestha ofereceu um sorriso hesitante."Parece uma razão boa o suficiente para mim." Cassian observou o rosto de Rhys

cuidadosamente enquanto Nestha e Emerie falavam, e Gwyn se aproximou para se juntar a eles.

Promessas de livros a serem trocados encheram o ar. Rhys disse a ele: Este é um desenvolvimento interessante. Sujeira vermelha e suor cobriram Emerie, mas seu olhar brilhou enquanto ela fazia uma reverência ao Grão Senhor. Gwyn, no entanto, parou, aqueles grandes olhos azul-petróleo parecendo ainda mais sobrenaturais enquanto se arregalavam.

Nenhum medo tingiu seu cheiro, mas sim algo como surpresa - temor. Rhys deu um sorriso fácil, um que Nestha teria apostado foi feito para deixar as pessoas à vontade em sua presença tão magnífica.

O sorriso casual de um homem acostumado a pessoas fugindo de terror ou caindo de joelhos em adoração.

"Olá, Gwyn," ele disse calorosamente. "Bom te ver de novo." Gwyn corou, sacudindo-se para sair de seu estupor e fez uma reverência. "Meu Senhor."

Nestha revirou os olhos e encontrou Rhys olhando para ela.

Esse sorriso casual se acentuou quando ele encontrou seu olhar. "Nestha."

"Rhysand." As outras duas mulheres estavam olhando entre elas, o salto de seus olhares quase cômico.

Cassian apenas caminhou para o lado de Nestha e passou um braço em volta dos ombros dela antes de falar lentamente para Rhys: "Essas senhoras vão entregar sua bunda a você em combate em breve." Nestha fez menção de sair de baixo do peso pesado e suado de seu braço, mas Cassian colocou a mão muito amigável em seu ombro, seu sorriso inabalável.

O olhar de Rhys deslizou entre eles, pouco calor foi encontrado em seus olhos.

Mas muita cautela. O pequeno príncipe não gostava dela com seu amigo. Nestha se inclinou para Cassian.

Não muito, mas o suficiente para um guerreiro treinado como Rhysand notar.

Uma mão escura e sedosa roçou em sua mente.

Um pedido. Ela pensou em ignorar, mas se viu abrindo uma pequena porta através da barreira de aço com cravos que mantinha ao seu redor dia e noite.

A porta era essencialmente um olho mágico, e ela permitiu que o que supôs ser o equivalente a seu rosto mental espiasse através dela para o plano escuro e cintilante além.

O que? Você deve tratar Gwyn com gentileza e respeito. A coisa que estava além da fortaleza de sua mente era uma criatura de garras, escamas e dentes.

Estava oculto sob sombras se contorcendo e uma estrela ocasional que passava brilhando na escuridão, mas de vez em quando, um vislumbre de uma asa ou uma garra brilhava. Não é da tua conta.

Nestha fechou aquele pequeno orifício de visualização. Ela piscou, registrando lentamente Emerie perguntando a Cassian sobre a aula de amanhã de manhã e o que ela perderia hoje por sair uma hora mais cedo. Os olhos de Rhysand brilharam. O braço de Cassian permaneceu em torno de Nestha, e seu polegar se moveu sobre seu ombro em uma carícia ociosa e reconfortante.

Quer ele soubesse ou sentisse sua conversa silenciosa com seu Grão Senhor, ele não deixou transparecer. "Preparar?" Rhys

perguntou a Emerie, aquele sorriso amável e adorável aparecendo novamente.

Emerie pode ter corado.

Rhysand tinha esse efeito nas pessoas. Nesta frequentemente se perguntava como Feyre conseguia suportar - todas as pessoas desejando seu companheiro.

Nesta empurrou para fora do braço de Cassian novamente, e desta vez ele a deixou.

Ela seguiu Emerie até onde ela estava recolhendo sua capa pesada. "Então você vai voltar amanhã?" Nesta perguntou.

Um olhar por cima do ombro revelou Gwyn caminhando para a estação de água, ou para dar privacidade aos dois machos ou por desconforto por ter sido deixada com eles. A culpa picou Nesta por aquele abandono, e ela fez uma nota mental para não permitir que isso acontecesse novamente.

Gwyn tinha estado bem com Cassian nos últimos dias: ela não o tocou, e ele não a tocou, mas ela não tinha se esquivado dele como fazia agora.

Nesta não queria pensar sobre o motivo disso, que cicatrizes haviam sido gravadas tão profundamente em Gwyn que dois dos homens mais confiáveis em toda esta terra não conseguiam colocá-la à vontade. Rhysand pode ser um bastardo arrogante e vaidoso, mas era honrado.

Ele lutou como o inferno para proteger inocentes.

A antipatia dela por ele não tinha nada a ver com o que ele provou tantas vezes: ele era um governante justo, que colocava seu povo antes de si mesmo.

Não, ela apenas encontrou sua personalidade - aquela presunção escorregadia -

irritante. Emerie respondeu: "Voltarei amanhã." Nestha inclinou a cabeça.

"Não fazia ideia de que chá e especiarias eram tão convincentes." Emerie sorriu ligeiramente.

"Não foi apenas o presente, mas a lembrança do que eles significam." "O que é isso?" Emerie olhou para o céu, fechando os olhos enquanto uma brisa de outono passava.

"Que existe um mundo além de Windhaven.

Que sou muito covarde para perceber.

" "Você não é covarde." "Você disse que eu estava outro dia." Nestha estremeceu."Eu falei com raiva." "Você falou a verdade.

Fiquei acordado naquela noite pensando nisso.

E então você pediu a Cassian para entregar os temperos e o chá e eu percebi que existe um mundo lá fora.

Um mundo vasto e vibrante.

Talvez essas aulas me deixem com um pouco menos de medo.

" Nestha ofereceu um sorriso hesitante."Parece uma razão boa o suficiente para mim."Cassian observou o rosto de Rhys cuidadosamente enquanto Nestha e Emerie falavam, e Gwyn se aproximou para se juntar a eles.

Promessas de livros a serem trocados encheram o ar. Rhys disse a ele: Este é um desenvolvimento interessante. Cassian não se preocupou em fazer seu rosto

parecer agradável.

Eu poderia ter feito sem você dar um aviso mental para Nestha. As sobrancelhas de Rhys se estreitaram.

Como você sabia que eu fiz isso? O bastardo nem mesmo tentou negar. Eu percebi como ela ficou tensa.

E eu te conheço bem, irmão.

Você viu Gwyn e pensou o pior de Nestha.

Ela a tratou - e a Emerie - com gentileza. Foi isso que te irritou? Estou chateado porque você não consegue acreditar em nada de bom sobre ela.

Que você se recusa a acreditar em uma coisa boa sobre ela.

Era necessário provocá-la assim? O arrependimento brilhou nos olhos de Rhys.

Cassian continuou, Você não está facilitando.

Deixe-a construir esses laços e fique fora disso. Rhys piscou.

Eu sinto Muito.

Eu irei. Cassian soltou um suspiro.

Rhys acrescentou: Você realmente sentiu que precisava colocar o braço em volta dos ombros dela para contê-la? Eu não quero vocês dois a menos de um metro um do outro.

Você tem uma companheira grávida, Rhys.

Você vai matar qualquer um que represente uma ameaça para Feyre.

Você é um perigo para todos nós agora. Eu nunca machucaria alguém que Feyre ama.

Você sabe disso. Havia tensão suficiente nas palavras que Cassian deu um tapinha no ombro do irmão, apertando o músculo duro por baixo.

Talvez deixe Emerie do outro lado da casa amanhã.

Dê a Nestha algum tempo para resolver sua merda. Tudo bem. As três mulheres se aproximaram deles.

Rhys abriu as asas e disse a Emerie: "Vamos?" Emerie pegou a mão que Rhys estendeu. "Sim." Ela olhou para Cassian, depois para Nestha, e disse: "Obrigada."

Maldição, se não o atingiu no coração, aquela gratidão e esperança nos olhos de Emerie. Rhys a puxou para si, tomando cuidado com a pressão íntima de suas asas contra seu corpo, e disparou para o céu. Enquanto Rhys voava acima das proteções da Casa, pouco antes de transportar para Windhaven, ele disse a Cassian: Não sei o que diabos vocês dois têm feito nesta Casa, mas cheira a sexo. Cassian bufou.

Um homem educado nunca conta. A risada de Rhys retumbou em sua mente.

Não acho que você saiba o que a palavra educado significa. Graças aos deuses por isso. Seu irmão riu novamente.

Eu disse a Az que brincar de acompanhante seria inútil.

CAPÍTULO

29

As pernas de Nestha cederam no passo três mil. Ofegante, o suor escorrendo pelas costas e pelo estômago, ela apoiou as mãos nas coxas trêmulas e fechou os olhos. O sonho foi o mesmo.

O rosto de seu pai, cheio de amor e medo, depois sem nada enquanto ele morria.

O estalo de seu pescoço.

O sorriso malicioso e cruel de Hybern. Cassian e Azriel não haviam jantado, e ela não recebeu nenhuma explicação para isso.

Eles provavelmente estavam na casa do rio ou fora da cidade, e ela ficou surpresa ao se descobrir desejando a companhia.

Surpresa ao descobrir que o silêncio da sala de jantar a pressionava. Claro que ela não seria convidada para sair.

Ela fez questão de ser o mais desagradável possível por mais de um ano.

E mais do que isso, eles não tinham obrigação de incluí-la em tudo. Ninguém tinha qualquer obrigação de incluí-la.

Ou o desejo, aparentemente. Sua respiração ofegante ecoou na pedra vermelha.

Ela acordou do pesadelo suando frio e já estava na metade do caminho antes de

perceber para onde estava indo.

Se ela conseguisse chegar ao fundo, para onde iria? Especialmente em sua camisola. Ela ainda podia ver seu pai por trás dos olhos fechados.

Sentiu cada lampejo de horror, dor e medo que ela suportou durante aqueles meses em torno da guerra. Ela tinha que encontrar o Dread Trove - de alguma forma. Ela falhou em todas as tarefas que eles lhe deram.

Não conseguira impedir que a parede fosse destruída, falhou em salvar a legião da Ilíria do golpe incinerador do Caldeirão - Nestha fechou essa linha de pensamento. Algo bateu no degrau ao lado dela e ela piscou para encontrar um copo d'água. "Obrigada," ela disse, bebendo profundamente, deixando sua frieza acalmá-la ainda mais.

Ela perguntou na penumbra: "Você leu algum livro de Sellyn Drake?" A Casa não respondeu, o que ela presumiu ser um não.

"Uma amiga vai me trazer um de seus romances amanhã.

Vou compartilhar com você quando terminar." Nenhuma coisa.

Em seguida, uma brisa fresca desceu as escadas, acalmando sua testa suada.

"Obrigada," ela disse novamente, inclinando-se na brisa. Outra coisa tilintou ao lado dela no degrau, e ela encontrou duas pedras ovais achatadas e três pedaços de osso bronzeado pela idade - ossos do tornozelo de algum animal ovino.

Sua boca secou.

Ossos e pedras - para vidência."Eu não posso", ela murmurou. A brisa bateu os ossos juntos, clicando como uma pergunta lançada na escada.

Porque? "Coisas ruins aconteceram da última vez.

O Caldeirão olhou para mim.

E levou Elain.

"Ela não conseguia impedir seu corpo de travar.

"Eu não agüento, arrisco.

Nem por isso.

” Os ossos e pedras desapareceram, junto com aquela brisa refrescante. Nestha começou a subida, gemendo baixinho.

A cada passo, ela poderia jurar que sentiu o gosto da decepção no ar. "Nestha tem que começar a procurar pelo tesouro", disse Amren, girando o vinho na taça enquanto se sentava em frente a Cassian na enorme mesa de jantar da casa do rio.

O jantar mensal da corte, como de costume, havia se transformado em horas de conversa ao redor da mesa, e várias garrafas de vinho depois, conforme o relógio marcava para uma da manhã, nenhuma delas mostrava qualquer sinal de movimento. Apenas Feyre foi para a cama.

Estar grávida a deixou insuportavelmente sonolenta, ela reclamou.

Tão cansada que precisava de cochilos ao longo do dia e dormia quase todas as noites por volta das nove. Cassian encontrou o olhar cinza de Amren.

“Nestha está olhando.

Não a empurre." Rhys disse de onde estava sentado à cabeceira da mesa: "Ela teve as sacerdotisas pesquisando para ela.

Eu dificilmente chamaria isso de olhar." Varian, sentado ao lado de Amren, com o braço apoiado no encosto do assento dela, perguntou: "Você ainda não pediu a Helion para pesquisar o tesouro em suas bibliotecas?" Varian era a única pessoa fora da Corte Noturna - e Eris - que Rhys permitiu saber de sua busca.

Mas havia um risco: Varian servia a Tarquin, Grão Senhor da Corte Summer.

Embora ele tivesse prometido a Rhys não dizer nada sobre isso a Tarquin sem avisar, se Tarquin perguntasse a Varian sobre isso, ele descobriria que sua

lealdade estava em um equilíbrio precário. O relacionamento de Tarquin e Rhys havia sarado desde a guerra, mas não o suficiente para Rhys confiar ao homem o conhecimento do tesouro.

E Cassian, que se envolveu em uma pequena briga que poderia ter resultado na destruição de um pequeno edifício na última vez em que esteve na Corte Summer, estava inclinado a concordar.

Não sobre Tarquin.

Não, ele gostava do homem.

E gostava muito de Varian.

Mas havia pessoas perversas na Corte Summer - em todas as cortes - e ele não confiava que fossem tão gentis quanto seu governante. "Helion é o último recurso", disse Rhys, bebendo seu vinho. "Ao que podemos chegar em questão de dias se Nestha não tentar pelo menos uma vidência." As últimas palavras foram dirigidas a Cassian. "Eu faria Elain tentar a sorte antes de abordá-lo, no entanto." Elain já havia partido com Feyre, alegando que precisava acordar ao amanhecer para cuidar do jardim de uma fada idosa.

Cassian não sabia exatamente por que suspeitava que isso não era verdade.

Houve alguma tensão no rosto de Elain quando ela disse isso.

Normalmente, quando ela apresentava tais desculpas, Lucien estava por perto, mas o homem permaneceu nas terras humanas com Jurian e Vassa. Cassian rebateu: - Nestha o fará, nem que seja para evitar que Elain se coloque em risco.

Mas você tem que entender que Nestha foi profundamente afetada pelo que aconteceu durante a guerra - Elain foi levada pelo Caldeirão depois de fazer uma vidência.

Você não pode culpá-la por hesitar." Amren disse: "Não temos tempo para esperar Nestha para decidir.

Eu digo que devemos abordar Elain amanhã.

Melhor ter os dois trabalhando nisso.

"Azriel enrijeceu, um sinal de mau gênio da parte dele enquanto dizia baixinho:

"Há uma escuridão inata no tesouro do medo que Elain não deve ser exposto."

"Mas Nestha deveria?" Cassian rosnou. Todo mundo olhou para ele. Ele engoliu em seco, oferecendo um olhar de desculpas para Az, que encolheu os ombros.

Amren esvaziou seu vinho e disse a Cassian: "Nestha tem uma semana.

Mais uma semana para encontrar o tesouro com seus próprios métodos.

Então procuramos outras rotas.

"Ela acenou com a cabeça na direção de Azriel.

"Incluindo Elain, que é mais do que capaz de se defender da escuridão do Tesouro, se ela quiser.

Não a subestime." Cassian e Azriel olharam para Rhys, que apenas deu um gole em seu próprio vinho.

A ordem de Amren foi mantida.

Como a segunda de Rhys nesta corte, a menos que Rhys a rejeitasse, sua palavra era lei. Cassian olhou carrancudo para Amren."Não é certo usar Elain como uma ameaça para manipular Nestha para que faça vidência." "Existem maneiras

mais duras de convencer Nestha, garoto." Cassian recostou-se na cadeira."Você é um tolo se acha que as ameaças farão com que ela lhe obedeça." Todos ficaram tensos novamente.

Até Varian. Os lábios de Amren se espalharam em um sorriso afiado.

"Estamos à beira de outra guerra.

Deixamos o Caldeirão escapar de nossas mãos no último e isso quase nos custou tudo".

A nova forma Feérico de Amren era prova disso - ela entregou seu eu imortal e sobrenatural para permanecer neste corpo.

Nenhum fogo cinza brilhou em seus olhos.

Ela era mortal, da mesma maneira que os Grão-Feéricos eram mortais.

Os dedos de Varian se enredaram nas pontas rombas de seu cabelo, como se para se assegurar de que ela estava aqui, ela permaneceu com ele.

"Devemos evitar esse desastre potencial antes de perdermos a vantagem.

Se precisarmos manipular Nestha para que faça vidência, mesmo usando Elain contra ela, então faremos o que for necessário." Seu estômago se contraiu."Eu não gosto disso." "Você não precisa gostar", disse Amren.

"Você apenas tem que calar a boca e fazer o que mandam." - Amren - disse Rhys, a palavra acompanhada de reprimenda e advertência. Amren nem mesmo piscou de remorso, mas Varian franziu a testa para ela."O que?" ela retrucou. O

Príncipe de Adriata deu-lhe um sorriso exasperado.

“Ainda não conversamos sobre isso? Sobre... ser legal? ” Amren revirou os olhos.

Mas seu rosto suavizou - ligeiramente - quando ela encontrou o olhar de Cassian novamente."Uma semana.

Nestha tem uma semana.

” Três dias se passaram.

Emerie compareceu a cada lição e, embora Gwyn quase tenha acompanhado o progresso de Nestha, Emerie precisaria de mais trabalho.

Então, Nestha e Gwyn formaram uma parceria entre si, passando pelas séries de exercícios que Cassian lhes mostrou antes de trabalhar um a um com Emerie em seu equilíbrio e mobilidade. Nenhum deles se importou, não quando Emerie estava certa sobre os livros de Sellyn Drake.

Nestha ficou acordada duas noites seguidas lendo o primeiro romance do autor, que era tão erótico quanto ela poderia ter desejado.

E, como prometido, Emerie trouxe uma cópia de um dos romances domesticados de Drake para Gwyn, que chegou corando na manhã seguinte e disse a Emerie que se o livro fosse considerado inofensivo, então ela só poderia imaginar o conteúdo dos outros. Depois daquele primeiro dia, Emerie permaneceu durante todo o período de suas aulas, que agora tinham se estendido oficialmente por três horas inteiras, decidindo que seu tráfego de negócios matinal estava lento o suficiente para arriscar.

Então eles treinaram e, entre os exercícios, falaram sobre livros, e Nestha acordou na quarta manhã e se sentiu... animada para vê-los novamente. Ela estava guardando um livro na biblioteca naquela tarde quando Gwyn a encontrou.

Graças à lição de Gwyn todas as manhãs, ela ficava mais ocupada à tarde, o que significava que Nestha raramente a via na biblioteca, exceto quando Gwyn estava correndo pelas pilhas, procurando um ou outro livro para Merrill.

Ocasionalmente, Nestha ouvia um trecho adorável e crescente de uma música de algum canto distante da biblioteca - o único indicador de que Gwyn estava por perto. Mas naquela tarde, foi a respiração ofegante de Gwyn que anunciou sua presença segundos antes de ela aparecer, seus olhos arregalados o suficiente para que Nestha ficasse em alerta, examinando a escuridão atrás da sacerdotisa."O

que?" A escuridão abaixo a perseguiu?Gwyn se controlou o suficiente para dizer:

"Não sei como, mas Merrill descobriu que você trocou o livro." Ela ofegou por ar quando apontou para um nível bem acima."Você deveria ir." Nestha franziu a testa."Quem se importa? Não vou deixá-la me assustar como uma criança errante." Gwyn empalideceu."Quando ela está furiosa, é-" "É o quê, Gwyneth Berdara?" sussurrou uma voz feminina das pilhas."Quando estou furioso, é o quê?" Gwyn estremeceu, virando-se lentamente quando a bela de cabelos brancos apareceu na escuridão.

Suas vestes claras flutuaram atrás dela como se em um vento fantasma, e a pedra azul em cima de seu capuz cintilou com a luz.

Gwyn baixou a cabeça, o rosto empalidecendo."Não quis dizer nada com isso, Merrill." Nestha cerrou os dentes no arco, o medo no rosto de Gwyn, em suas palavras suaves. As sacerdotisas pararam ao longo das grades acima deles.

Merrill voltou seus olhos notáveis para Nestha.

“Eu não aprecio ladrões e mentirosos.” - Nem eu - disse Nestha friamente, erguendo o queixo. Merrill sibilou. “Você tentou me fazer passar por idiota em meu próprio escritório.” Ela nem olhou para Gwyn, que se encolheu. “Não sei do que você está falando.” “Oh? Você quer dizer que quando fui ver o livro que minha assistente idiota havia me dado incorretamente - ah, sim, eu sabia disso desde o início - e encontrei o volume adequado, com seu cheiro nele, não foi você quem o fez ? ” Merrill olhou entre Gwyn e Nestha.

“É imperdoável pedir aos outros que compensem a sua própria estupidez e descuido.” O medo de Gwyn irritou seus sentidos.

Nestha disse, a voz baixando: - Gwyn não fez tal coisa.

E quem se importa? Você está tão entediado aqui que tem que inventar esses dramas para se divertir? ” Ela acenou com a mão para a passagem aberta atrás de Merrill.

“Nós dois estamos ocupados.

Saia e vamos trabalhar em paz.

” Alguém engasgou em um nível acima. Merrill riu, aquele vento fantasma em torno dela sussurrando. “Você não sabe quem eu sou, garota?” “Eu sei que você está nos impedindo de trabalhar”, disse Nestha com aquela calma plana que ela sabia que deixava as pessoas iradas.

“E eu sei que esta é uma biblioteca, mas você acumula livros como se fossem sua própria coleção pessoal.” Merrill mostrou os dentes.

“Você acha que eu não te conheço? A garota humana que foi jogada no Caldeirão e saiu Grão-Feérico.

A mulher que matou o Rei de Hybern e ergueu sua cabeça como um troféu enquanto seu sangue chovia sobre ela. A surpresa

iluminou o rosto de Gwyn com a descrição gráfica. Nestha não se permitiu sequer engolir. “O vento sussurra para mim mesmo aqui, sob tantas pedras”, disse Merrill.

“Ele encontra seu caminho através das rachaduras e murmura o que está acontecendo no mundo em meu ouvido.” Merrill bufou. “Você acha que tem o direito de fazer o que quiser agora?” O poder de Nestha retumbou em suas veias.

Ela pisou nele, empurrou-o para baixo e estrangulou-o. “Acho que você gosta de se ouvir falando muito.” “Eu sou descendente de Rabath, Senhor do Vento Ocidental,” Merrill fedia.

“Ao contrário de Gwyneth Berdara, não sou laçao para ser despedido.” Para o inferno com essa bruxa.

Para o inferno com contenção e ocultação. Nestha deixou o suficiente de seu poder ferver à superfície para que soubesse que seus próprios olhos brilhavam.

Deixe-o crepitar, mesmo enquanto ela ignorava seus berros selvagens e profanos.

Gwyn deu um passo para trás.

Até Merrill piscou quando Nestha disse: “Com um título chique como esse, com certeza um rancor tão mesquinho deveria estar abaixo de você.” Nestha sorriu, selvagem e cruel.

Merrill apenas olhou entre ela e Gwyn antes de dizer: “Volte ao seu trabalho, ninfa.” O vento batendo em seus calcanhares, Merrill espreitou na escuridão.

Nestha largou o fio de seu poder, sufocando sua música e rugindo com uma mão de ferro. Mas foi só quando o vento forte de Merrill diminuiu que Gwyn se encostou em uma pilha, esfregando as mãos no rosto.

As sacerdotisas que estavam assistindo se lançaram em movimento novamente, seus sussurros enchendo a biblioteca. Nestha perguntou no silêncio farfalhante,

"Ninfa?" Gwyn baixou as mãos, notou a falta de poder brilhante nos olhos de Nestha e suspirou de alívio.

Mas sua voz permaneceu casual.

"Minha avó era uma ninfa do rio que seduziu um homem Grão-Feérico da Corte do Outonal.

Então, sou um quarto de ninfa, mas é o suficiente para isso." Gwyn gesticulou para seus olhos grandes - azuis tão claros que poderiam ser o mar raso - e seu corpo ágil. "Meus ossos são um pouco mais flexíveis do que os Grão-Feéricos comuns, mas quem se importa com isso?" Talvez seja por isso que Gwyn era tão bom no equilíbrio e no movimento. Gwyn continuou: "Minha mãe não era desejada por nenhum de seus parentes.

Ela não podia morar nos rios da Corte da Primavera, mas era muito indomável para suportar o confinamento da casa da floresta do outono.

Então ela foi dada em sua infância ao templo de Sangravah, onde foi criada.

Ela participou do Grande Rito quando tinha idade, e eu, nós - minha irmã e eu, quero dizer - éramos o resultado daquela sagrada união com um homem estranho.

Ela nunca descobriu quem ele era, pois a magia o escolheu naquela noite, e ninguém apareceu para perguntar sobre as gêmeas.

Fomos criados no templo também.

Eu nunca deixei seu terreno até... até vir aqui.

” Essa dor encheu os olhos de Gwyn então.

Uma dor tão terrível que Nestha sabia que não devia perguntar por sua mãe ou pela irmã gêmea. Gwyn balançou a cabeça, como se dissipasse a memória.

Ela abriu os dedos. "Meu irmão gêmeo tinha os dedos palmados das ninfas - eu não." Tive. Novamente, Gwyn suspirou. "Merrill tornará sua vida um inferno, você sabe." "Ela pode tentar", disse Nestha suavemente.

“Seria difícil piorar ainda mais.” “Bem, agora temos um inimigo comum.

Merrill nunca vai esquecer isso.

” Ela acenou com a cabeça em direção à grade onde as sacerdotisas estiveram.

“Embora eu suponha que eles também não.

Não é todo dia que alguém a enfrenta.

Apenas Clotho pode realmente fazê-la cair na linha, mas Clotho permite que ela faça o que quer, principalmente porque Merrill dá aqueles acessos de raiva que podem espalhar os manuscritos de todos.

” "Sempre que você precisar de alguém para derrubar Merrill alguns pinos, me avise." Gwyn sorriu ligeiramente. "Da próxima vez, talvez eu tenha a coragem de fazer isso sozinho." Parecia que as sacerdotisas não esqueceram o que Nestha havia feito. Nestha, Gwyn e Emerie estavam passando por seus trechos iniciais, Cassian com o rosto impassível e olhos de águia para detectar qualquer erro, quando passos arranharam o arco além do fosso. Todos eles pararam nas três figuras encapuzadas que emergiram, as mãos tão apertadas que os nós dos dedos

estavam brancos. Mas as sacerdotisas saíram para a luz do sol, o ar livre.

Pestanejou para ele, como se lembrando do que eram essas coisas. Gwyn agilmente pôs-se de pé, sorrindo tão abertamente que Nestha ficou momentaneamente surpresa.

A sacerdotisa fora bonita na biblioteca, mas com aquela alegria, aquela confiança ao mirar nas três sacerdotisas, ela emergiu em uma beleza que rivalizava com Merrill ou Mor. Ou talvez nada tenha mudado além daquela confiança, a maneira como os ombros de Gwyn foram empurrados para trás, sua cabeça erguida, seu sorriso livre quando disse: "Roslin.

Deirdre.

Ananke.

Eu esperava que você viesse." Nestha não havia verificado a folha de inscrição naquela manhã.

Tinha parado de acreditar que qualquer um, exceto Gwyn, viria para o treinamento. Mas os três se amontoaram enquanto Cassian oferecia um sorriso casual que era quase uma réplica do de Rhys.

Projetado para deixar as pessoas à vontade e diminuir a ameaça de seu poder, seu corpo."Senhoras", disse ele, apontando para o anel."Receber." Roslin e Ananke não disseram nada, mas a do meio, Deirdre, puxou o capuz para trás. Nestha reprimiu cada instinto que a teria deixado ofegante.

Emerie, no tapete ao lado dela, parecia estar tentando fazer o mesmo. Uma cicatriz longa e cruel cortou o rosto de Deirdre, quase perdendo seu olho esquerdo.

Estava levantado, totalmente branco contra sua pele morena, e fluía de seu cabelo preto e encaracolado até sua mandíbula

delgada e adorável.

Seus olhos escuros redondos, emoldurados por uma vasta gama de cílios que os faziam parecer ainda mais redondos, estavam arregalados, mas determinados quando ela disse: "Esperamos não chegar tarde demais." Todos eles olharam para Nestha.

Mas ela não era a líder aqui. Ela lançou um olhar para Cassian, e ele deu de ombros como se dissesse, eu sou apenas o instrutor. Outra cicatriz desceu pelo pescoço de Deirdre, desaparecendo sob seu manto.

O fato de tais cicatrizes existirem em um Grão-Feérico sugeria um evento de tal violência, tal horror, que o estômago de Nestha se apertou.

Mas ela deu um passo em direção à sacerdotisa.

"Estávamos apenas começando." "Dê-me essas pedras e ossos, por favor", disse Nestha calmamente para a Casa enquanto se sentava na biblioteca privada, um mapa de todas as sete cortes diante dela, Cassian um passo atrás dela. Uma pequena tigela de barro apareceu ao lado do mapa, cheia deles. Nestha engoliu em seco contra a secura de sua boca. Cassian assobiou. "Ele realmente ouviu você." Ela olhou por cima do ombro.

Ela o convidou para vir aqui depois de voltar do trabalho na biblioteca por pura cautela, ela disse a si mesma.

Se ela perdesse o controle, se não fosse capaz de testemunhar onde seu dedo

pousou no mapa, alguém tinha que estar aqui.

Essa pessoa simplesmente era ele. Não importa que uma vez ele tenha ficado ao lado dela, com a mão nas costas dela como estava agora, e a deixado se apoiar em seu calor e força. Cassian olhou entre a tigela de instrumentos de vidência e o mapa. "Por

que você mudou de ideia?" Nestha não se deu tempo para hesitar antes de deslizar os dedos na tigela e pegar um punhado de pedras e ossos.

Eles tilintaram um contra o outro, vazios e antigos. "Eu não conseguia parar de pensar nessas sacerdotisas que vieram praticar hoje.

Roslin disse que não punha os pés lá fora há sessenta anos.

E Deirdre, com aquelas cicatrizes... "Ela respirou fundo.

"Estou pedindo a eles que sejam corajosos, trabalhem duro, enfrentem seus medos.

Mesmo assim, não estou fazendo o mesmo.

" "Ninguém te acusou disso." "Eu não preciso que ninguém diga isso.

Eu sei isso.

E posso ter medo dessa vidência, mas temo ainda mais ser um hipócrita covarde.

" As sacerdotisas eram noviças em todos os sentidos da palavra: Ananke tinha um equilíbrio tão terrível que caiu tentando fincar os pés na terra.

Roslin tinha sido apenas uma fração melhor.

Nenhum dos dois havia removido os capuzes, não como Deirdre havia feito, mas Nestha teve um vislumbre de cabelo vermelho vinho em Roslin e cabelo dourado em Ananke, sua pele pálida como creme. Cassian disse: "Tem certeza de que não quer fazer isso com Rhys e Amren por perto?" Nestha apertou os ossos e pedras em seu punho."Eu não preciso deles." Ele ficou em silêncio, deixando-a se concentrar. Demorou alguns minutos na primeira e única vez que ela fez isso.

Para deixar sua mente ficar vazia, para esperar por aquele puxão através de seu corpo que a puxou para uma força invisível.

Ela foi chicoteada através da terra e, quando abriu os olhos, estava em uma tenda de guerra, o Rei de Hybern à sua frente, o Caldeirão uma massa escura e acocorada além. Nestha fechou os olhos, desejando que sua mente se acalmasse enquanto levantava o punho apertado sobre o mapa.

Ela se concentrou em sua respiração, no ritmo da respiração de Cassian. Seu engolir foi alto para seus ouvidos. Ela falhou em tudo.

Mas ela poderia fazer isso. Ela falhou com seu pai, falhou com Feyre por anos antes disso.

Fracassou com a mãe, ela supôs.

E com Elain, ela também falhou: primeiro, ao deixá-la ser levada por Hybern naquela noite em que foram roubados de suas camas; então, deixando-a entrar naquele Caldeirão.

Então, quando o Caldeirão a levou para o centro do acampamento de Hybern.

Ela falhou e falhou e falhou, e não havia fim para isso, não havia fim - "Nada?"

"Não fale." Cassian grunhiu, mas se aproximou, seu calor agora solidamente ao lado dela. Nestha desejou que sua mente se esvaziasse.

Mas não poderia.

Era como estar naquela maldita escada - ela apenas circulava, girava, girava, descia e descia. The Dread Trove.

Ela tinha que encontrar o Dread Trove. A Máscara, a Harpa, a Coroa. Mas os outros pensamentos surgiram.

Muitos. A máscara, ela se esforçou para pensar.

Onde está a máscara do tesouro do terror? Sua palma estava escorregadia de suor, as pedras e os ossos se mexendo em seu punho.

Se a Máscara estivesse ciente como o Caldeirão... Ela não podia deixar que isso a visse.

Encontre o que ela mais amava. Não podia deixar isso vê-la, encontrá-la, machucá-la. A máscara, ela desejou as pedras e os ossos.

Encontre a máscara. Nada respondeu.

Sem puxão, sem sussurro de poder.

Ela exalou pelas narinas.

A máscara, ela desejou. Não havia nada. Seu coração trovejou, mas ela tentou novamente.

Uma rota diferente.

Pensei em sua origem comum - aquela que ela e o Trove compartilhavam.

O Caldeirão. Um vazio bocejante respondeu. Nestha franziu a testa, apertando os itens com mais força.

Imaginei o Caldeirão: a vasta tigela de ferro mais escuro, tão grande que várias pessoas poderiam usá-la como banheira.

Tinha uma forma física, mas quando a água gelada a engoliu, não havia fundo.

Apenas um abismo de água gelada que logo se tornou uma escuridão total.

A coisa que existia antes da luz; o berço de onde veio toda a vida. O suor gotejava em sua testa, como se seu próprio corpo se rebelasse contra a memória, mas ela se obrigou a se lembrar de como ele estava sentado na tenda de guerra do rei de Hybern, agachado sobre os juncos e tapetes, uma besta primordial que estava meio adormecida.

quando ela entrou. E então ele abriu um olho.

Não um que ela pudesse ver, mas um que ela pudesse sentir fixo nela.

Ele se alargou quando percebeu quem estava lá: a mulher que tinha levado muito, muito.

Tinha estreitado todo o seu poder profundo, sua raiva, sobre ela, um gato prendendo um rato com a pata. Sua mão tremia. "Nestha?" Ela não conseguia respirar. "Nestha." Ela não podia suportar a memória daquele antigo horror e fúria - Ela abriu os olhos. "Eu não posso", ela murmurou.

"Eu não posso.

O poder - acho que não tenho mais.

"Está lá.

Eu vi em seus olhos, senti em meus ossos.

Tente novamente." Ela não conseguia invocá-lo.

Não consegui enfrentar."Eu não posso." Ela jogou as pedras e os ossos no prato.

Ela também não conseguiu suportar a decepção na voz de Cassian, quando ele disse: "Tudo bem". Ela não jantou com ele.

Não fez nada, exceto rastejar para a cama e olhar para a escuridão, e cair em queda livre. Estava procurando por ela.

Percorrendo os corredores da Casa, avançando como uma cobra negra, ele a procurou, farejou e perseguiu. Ela não conseguia se mover da cama.

Não conseguia abrir os olhos para soar o alarme, para fugir. Ela o sentiu se aproximar, subindo as escadas.

No corredor dela. Ela não conseguia mover o corpo.

Não conseguia abrir os olhos. A escuridão deslizou pela fresta entre sua porta e o chão de pedra. Não, não poderia tê-la encontrado.

Isso iria pegá-la desta vez, segurá-la nesta cama e arrancar dela tudo que ela tinha tirado dela. A escuridão deslizou para sua cama, e ela forçou os olhos a se abrirem para vê-la se acumular sobre ela, uma nuvem sem forma, sem forma,

mas com uma presença tão perversa que ela soube o nome antes de saltar. Ela gritou quando a escuridão do Caldeirão a prendeu na cama, e então não havia nada além do peso horrível disso enchendo seu corpo, rasgando-a de dentro para fora - E então nada. Cassian acordou de repente e pegou a faca na mesa de cabeceira. Ele não sabia por quê.

Ele não teve pesadelos, não ouviu nenhum som. No entanto, o terror e o pavor percorreram seu corpo, acelerando seus batimentos cardíacos.

O Sifão solitário em sua mão brilhava como sangue fresco, como se também procurasse um inimigo para atacar. Nenhuma coisa. Mas o ar estava frio como gelo.

Tão frio que sua respiração ficou turva e então as lâmpadas ganharam vida.

Chamejou e cintilou, piscando, como se sinalizando desesperadamente para ele.

Como se a Casa implorasse para que ele fugisse. Ele saltou da cama e a porta se abriu antes que ele pudesse cair.

Lançando-se para o corredor, faca na mão, ele não se importou se estava de cueca ou se tinha apenas um Sifão.

A porta de Az se abriu um segundo depois, e os passos de seu irmão se fecharam atrás dele quando Cassian atingiu as escadas e desceu correndo. Ele alcançou o nível de Nestha quando ela gritou. Não um grito de raiva, mas de puro terror.

Seu corpo destilou com aquele grito, como se não fosse mais do que uma faca em sua mão, uma arma a ser usada para eliminar e destruir qualquer ameaça a ela, para matar e matar e não parar até que o último inimigo estivesse morto ou sangrando. Sua porta estava aberta e uma luz brilhou de dentro.

Luz fria e prateada. "Cassian", Az avisou, mas Cassian se empurrou mais rápido, correndo tão rápido quanto ele sempre fez em sua vida.

Ele bateu no arco da porta dela, ricocheteando e entrando no quarto, e ficou surpreso com o que viu. Nestha estava deitada em sua cama, o corpo arqueado.

Banhado em fogo prateado. Ela estava gritando, mãos rasgando os lençóis, e

aquele fogo queimava e queimava sem destruir os cobertores, o quarto.

Queimava e se contorcia, como se a devorasse. "Santos deuses", Azriel respirou.

O fogo irradiava frio.

Cassian nunca tinha ouvido falar de tal poder entre os Grão-Feérico.

Fogo, sim - mas fogo com calor.

Não este gêmeo gelado e terrível. Nestha arqueou novamente, soluçando por entre os dentes. Cassian se lançou sobre ela, mas Azriel o agarrou pelo meio.

Ele rosnou, debatendo se poderia arrancar dos braços de Azriel, mas o controle que Az tinha sobre ele era muito inteligente. Nestha gritou novamente, e uma palavra apareceu nele.

Não. Ela começou a gritar, implorando: Não, não, não. Nestha arqueou mais uma vez, e aquele fogo sugou, como se uma grande inspiração tivesse sido feita, e estivesse prestes a ser expirada, rompendo o mundo— As janelas da sala explodiram. A noite explodiu, cheia de sombras, vento e estrelas. E quando Nestha irrompeu, fogo prateado explodindo para fora, Rhys atacou. Ele sufocou o fogo dela com sua escuridão, como se tivesse jogado um cobertor sobre ele.

Nestha gritou, e desta vez foi um som de dor. A noite clareou o suficiente para que Cassian pudesse ver Rhys na cama, rugindo algo que o vento, o fogo e as estrelas abafaram.

Mas por seus lábios, Cassian sabia que era o nome dela."Nestha!" Rhys gritou.

O vento clareou o suficiente para que Cassian ouvisse desta vez.

“Nestha! Isto é um sonho! ” O fogo de Nestha aumentou novamente, e Rhys empurrou uma onda de escuridão sobre ela.

A casa inteira tremeu. Cassian se debateu contra Azriel, gritando para Rhys parar, parar de machucá-la ... A escuridão de Rhys empurrou para baixo, e a chama de Nestha lutou para cima, como se seus dois poderes fossem espadas se chocando em batalha, lutando pela vantagem. Dominance trovejou nas palavras

de Rhys desta vez."Acordar.

É um sonho.

Acorde.

" Nestha ainda lutava e Rhys cerrou os dentes, o poder se reunindo novamente.

"Deixe-me ir", disse Cassian a Azriel."Az, deixe-me ir agora." Azriel, para sua surpresa, sim. Cassian sabia que as chances estavam contra ele.

Ele tinha uma faca e um Sifão.

Ser pego na magia entre Nestha e Rhys seria o mesmo que entrar na cova de um leão desarmado. Mas ele caminhou para onde o fogo prateado e a noite mais escura lutavam. E ele disse com uma calma constante: "Nestha". O fogo prateado cintilou. "Nestha." Ele poderia ter jurado que a consciência dela, aquele poder, mudou em direção a ele.

Apenas o suficiente.A onda de poder de Rhys que a atingiu não foi o ataque bruto de antes, mas uma onda suave que atingiu a chama.

Reservei. Rhys ficou imóvel de uma maneira que disse a Cassian que seu irmão não estava mais totalmente presente, mas sim na mente da mulher que permanecia imóvel na cama.

Ele raramente pensava duas vezes sobre os presentes de Rhys como daemati - o presente de Feyre também - mas ele nunca foi mais grato por isso. Cassian mal se atreveu a respirar.

Azriel pairou atrás dele enquanto Rhys estava diante da cama. Lentamente, a chama diminuiu.

Desapareceu como fumaça. Lentamente, o corpo de Nestha relaxou. E então sua respiração se equilibrou, seu corpo ficou

mole.

Felizmente inconsciente. Cassian engoliu em seco, com o coração batendo tão forte que sabia que Azriel podia ouvir quando seu irmão apareceu ao lado dele.

Então Rhys respirou fundo, seu corpo cheio de movimento novamente.

Azriel perguntou, suas próprias sombras se reunindo em seus ombros, "O que aconteceu?" Mas Rhys apenas caminhou até a pequena área de estar e afundou em uma cadeira.

As mãos do Grão Senhor tremiam - tremendo tanto que Cassian não tinha ideia do que fazer.

Pela preocupação gravada no rosto de Azriel, nem seu irmão. Cassian perguntou:

"Devemos mandar chamar Feyre?" "Não." A palavra foi um rosnado.

Os olhos de Rhys brilharam como estrelas violetas. "Ela não chega perto daqui."

- Aquilo foi... Azriel olhou para a cama e para a mulher inconsciente em cima dela.

"Esse era o verdadeiro poder de Nestha? Esse fogo de prata? " - Apenas a superfície - sussurrou Rhys, as mãos ainda tremendo enquanto as corria pelo rosto. "Porra." Cassian preparou os pés, como se pudesse interceptar fisicamente tudo o que Rhys estava prestes a dizer. "Eu entrei no pesadelo dela." Rhys olhou para Cassian. "Por que você não me disse que tentou uma vidência hoje?" "Não funcionou." E o medo e a culpa de Nestha eram tão pesados na sala que seu peito doía.

Ele a deixou sozinha depois, sabendo que ela queria privacidade. Rhys soltou um suspiro trêmulo.

“A adivinhação era um arame.

Para as memórias.

Eu percebi quando entrei.

” Sua garganta funcionou, como se ele tivesse vomitado, mas ele a segurou.

“Ela estava sonhando com o Caldeirão.

De... de quando ela entrou." Cassian nunca vira Rhys tão sem palavras. - Eu vi -

sussurrou Rhys.

“Senti.

Tudo o que aconteceu dentro do Caldeirão.

Viu ela tomar seu poder com seus dentes e garras e raiva.

E eu vi... senti... o que isso tirou dela." Rhys esfregou o rosto e se endireitou lentamente.

Ele encontrou o olhar de Cassian com firmeza, seus olhos cheios de remorso e agonia."O trauma dela é ..." A garganta de Rhys balançou. "Eu sei", sussurrou Cassian. "Eu adivinhei", Rhys respirou, "mas foi diferente sentir isso." "Qual é o poder dela?" Perguntou Azriel. - Morte - sussurrou Rhys, as mãos tremendo de novo enquanto se levantava e apontava para a janela, que agora se consertava fragmento por fragmento, como se uma mão cuidadosa e paciente a trabalhasse.

Ele olhou para a mulher dormindo na cama, e o medo nublou o rosto do Grão Senhor da Corte Noturna."Pura morte."

CAPÍTULO

30

O sonho tinha sido real e não real, e não havia fim para ele, nenhuma escapatória. Até que uma voz masculina familiar disse seu nome. E o terror parou, como se o eixo do mundo tivesse mudado para aquela voz.

Essa voz, que se tornou uma porta, cheia de luz e força. Nestha estendeu a mão em direção a ele. E então havia outra voz masculina em sua mente, e esta também era familiar e cheia de poder.

Mas tinha sido gentil, de uma forma que ela nunca tinha ouvido a voz ser com ela, e a tirou do buraco negro do sonho, levando-a com uma mão salpicada de estrelas de volta a uma terra de nuvens flutuantes e colinas ondulantes sob uma lua brilhante. Ela tinha se enrolado em uma dessas colinas, segura e protegida ao luar, e dormiu. Nestha cochilou, pesada e sem sonhos, e não abriu os olhos até que o sol, e não o luar, beijou seu rosto. Ela estava em seu quarto, os lençóis tortos e meio derramados no chão, mas ... Cassian estava dormindo em uma cadeira ao lado da cama. Sua cabeça estava em um ângulo estranho e suas asas caíram sobre a pedra - e ele estava vestindo apenas a cueca e um cobertor que parecia que alguém o tinha jogado em seu colo. Tinha sido um pesadelo, ela percebeu com um toque frio de consciência.

Ela tinha sonhado com o Caldeirão; ela estava perdida nisso, gritando e gritando.

E foi a voz dele que ela ouviu.

Sua voz e ... Não havia sinal de Rhysand.

Apenas Cassian. Ela o encarou por longos minutos, a palidez incomum de seu rosto, as sobrancelhas ainda franzidas de

preocupação, como se ele se preocupasse por ela mesmo durante o sono.

O sol dourou seu cabelo escuro e brilhou através de suas asas, trazendo tons de vermelho e dourado em ambos. Como um cavaleiro guardando sua senhora.

Ela não conseguia parar a imagem, surgida das páginas de seus livros de infância.

Como um príncipe guerreiro, com aquelas tatuagens e aquele peito musculoso.

Sua garganta se apertou insuportavelmente, seus olhos ardiam. Ela não se permitiria chorar, nem por si mesma ou por vê-lo vigiando ao lado de sua cama a noite toda. Mas foi como se o piscar furioso dela o acordasse, como se ele pudesse ouvir a vibração de seus cílios. Seus olhos castanhos dispararam para os dela, como se ele sempre soubesse precisamente onde ela estava.

E eles estavam tão preocupados, daquela bondade implacável, que ela teve que lutar como o inferno para evitar que as lágrimas caíssem. Cassian disse gentilmente: "Ei". Ela se controlou. "Olá." "Você está bem?" "Sim." Não.

Embora não pela razão pela qual ele acreditava. "Bom." Ele gemeu, esticando-se, primeiro os braços e depois as asas.

Músculos ondularam. "Você quer falar sobre isso?" "Não." "Isso é bom." E foi isso. Mas Cassian deu um meio sorriso para ela, e era tão normal, tão normal, de uma forma que ninguém mais era ou seria, que sua garganta apertou novamente. "Você quer café da manhã?" Nestha conseguiu responder ao meio sorriso dele com o dela. "Eu gosto de suas prioridades, General." "O que aconteceu com você?" Emerie perguntou enquanto ofegavam com seus exercícios abdominais. "Você parece branco como a morte." - Sonhos ruins -

disse Nestha, obrigando-se a não olhar para onde Cassian estava, instruindo Roslin de uma distância respeitosa sobre como fazer um agachamento adequado.

Eles tomaram um café da manhã tranquilo, mas não foi estranho.

Foi confortável - fácil.

Prazeroso. Gwyn perguntou, do outro lado de Nestha: "Você os come com frequência?" "Sim." Nestha terminou um sit-up, grunhindo pela fraqueza em seu meio. "Eu também," Gwyn disse calmamente. "Algumas noites, eu preciso de uma poção para dormir do nosso curandeiro para me nocautear." Emerie lançou um olhar avaliador a Gwyn.

Emerie nunca perguntou sobre o passado de Gwyn, ou as histórias das outras sacerdotisas, mas ela era uma mulher astuta.

Certamente ela viu a maneira como eles mantinham uma distância saudável de Cassian, farejou sua hesitação e medo e juntou algumas coisas.

Emerie perguntou a Nestha: "Com o que você sonhou?" O corpo de Nestha travou, mas ela voltou a se mover, recusando-se a deixar as memórias dominá-la.

"Eu sonhei com o Caldeirão.

O que isso fez comigo.

" Gwyn disse, brincando com seu cabelo: "Eu sonho com meu passado também."

Mas a admissão de Gwyn, a própria de Nestha, não os pesou.

A cabeça de Nestha havia clareado um pouco.

E de alguma forma, ela descobriu que poderia se esforçar mais. Talvez ao expressar essas verdades, eles tenham lhes dado

asas.

E os enviou voando para o céu aberto acima. "Como você está indo?" Cassian se sentou em frente à mesa de Rhys na casa do rio, um tornozelo apoiado em um joelho, e perguntou: "Eu? E quanto a você? Você está horrível.

" "Ontem foi um dia difícil, seguido por uma noite difícil." Rhys apoiou a cabeça em um punho apoiado na mesa. Cassian inclinou a cabeça. "O que aconteceu antes do desastre que foi ontem à noite?" Deuses, ele quase chorou esta manhã ao abrir os olhos e encontrar Nestha olhando para ele, com o rosto claro e sem dor.

As sombras ainda permaneciam, sim, mas ele tomaria qualquer coisa sobre os gritos dela.

Por causa dessa magia, Rhys só poderia explicar como morte pura. Quando Rhys não respondeu, Cassian disse: "Rhys". Rhys não olhou para ele enquanto sussurrava: "O bebê tem asas." A alegria despertou em Cassian - mesmo quando o sussurro quebrado e o significado dessas palavras fizeram seu sangue gelar. "Você tem certeza?" "Tínhamos um compromisso com Madja ontem de manhã." "Mas ele é apenas um quarto da Ilíria." Era possível, é claro, que o bebê tivesse herdado asas, mas improvável, visto que o próprio Rhys havia nascido sem elas e apenas as conjurou por meio de qualquer magia estranha e sobrenatural que possuía. "Ele é.

Mas Feyre estava em uma forma illyriana quando foi concebido.

" "Isso pode fazer diferença? Eu pensei que ela só fez as asas - nada mais." "Ela muda de forma.

Ela se transforma inteiramente na forma que assume.

Quando ela concede asas a si mesma, ela essencialmente altera seu corpo em seu nível mais intrínseco.

Então ela era totalmente illyriana naquela noite." "Ela não tem as asas agora."

"Não, ela mudou de volta antes de sabermos." "Então, deixe-a voltar a ser uma illyriana para ter o bebê." O rosto de Rhys estava severo.

"Madja proibiu qualquer mudança de forma.

Ela diz que alterar o corpo de Feyre de qualquer forma agora pode colocar o bebê em risco.

Na possibilidade de ser ruim para o bebê, Feyre está proibida de mudar a cor do cabelo até depois do nascimento. Cassian passou a mão pelo cabelo."Entendo.

Mas, Rhys, vai ficar tudo bem.

Não é tão ruim." Rhys rosnou."Isso é ruim.

Por tantos motivos malditos, é ruim pra caralho.

" Rhys estava tão perto de ficar fora de si quanto Cassian o vira desde que ele retornou da corte de Amarantha."Respire", disse Cassian calmamente. Os olhos de Rhys fervilharam; as estrelas dentro deles desapareceram."Foda-se."

"Respire, Rhysand." Cassian gesticulou para a janela atrás dele, o gramado descendo até o rio."Você quer lutar, eu tenho energia para queimar." As portas do escritório se abriram e Azriel entrou.

Pela expressão sombria gravada em seu rosto, ele já sabia. Azriel se sentou ao lado de Cassian."Diga-nos do que você precisa, Rhys." "Nenhuma coisa.

Eu preciso não desmoronar para que minha companheira não sinta o cheiro disso quando chegar em casa para o almoço." Rhys estreitou os olhos e o poder retumbou na sala.

“Ninguém diz uma palavra sobre isso para Feyre.

Ninguém.” “Madja não a avisou?” Perguntou Azriel. “Não fortemente.

Ela apenas mencionou um risco elevado durante o parto.

” Rhys soltou uma risada áspera.

“Um risco elevado.” O estômago de Cassian se revirou. Azriel disse: “Eu sei que este é um momento ruim, mas há outra coisa a se considerar, Rhys”. Rhys ergueu a cabeça novamente. O rosto de Azriel parecia uma pedra.” Feyre não aparecerá por mais algumas semanas, mas alguém vai notar em breve.

As pessoas ficarão sabendo de sua gravidez.

” “Eu sei.” “Eris vai aprender.” “Ele é nosso aliado.

Eu suspeito que ele estará mais focado em lidar com seu pai e encontrar seus soldados desaparecidos do que nisso.” Então Az foi para a garganta.” E Tamlin vai aprender.” O rosnado de Rhys fez as luzes se apagarem.” E?” Cassian lançou a Azriel um olhar de advertência, mas Az disse, sem medo e sem se curvar:

“Precisamos estar preparados para qualquer precipitação.”
“Como se eu me

importasse com Tamlin agora.” O fato de Rhys não conseguir entender o que Az quis dizer disse a Cassian o quão perturbado e apavorado ele estava. Cassian tentou imitar o tom calmo de Az.” Ele pode reagir mal.” “Ele põe os pés nesta fronteira e morre.” “Não tenho dúvidas disso”, disse Cassian.

“Mas Tamlin já está por um fio.

Você e Lucien deixaram claro que ele mal melhorou no ano passado.

Saber da gravidez de Feyre pode fazê-lo desmoronar novamente.

Com uma nova guerra possível e Briallyn até suas besteiras com Koschei, precisamos de um aliado forte.

Precisamos das forças do Corte Primavera.

"Então, devemos esconder a gravidez dela?" "Não.

Mas precisamos invocar Lucien", disse Azriel, com um pouco de força, como se não gostasse nem um pouco."Precisamos contar a ele as novidades e colocá-lo permanentemente no Corte Primavera para conter qualquer dano e ser nossos olhos e ouvidos." Silêncio.

Eles deixaram as palavras afundar para Rhys. - A ideia de mimar Tamlin me dá vontade de quebrar aquela janela - disse Rhys, mas foi com resmungo suficiente que Cassian quase caiu de alívio.

Pelo menos aquela ponta aguda de violência foi entorpecida.

Apenas uma fração. "Vou entrar em contato com Lucien", Azriel ofereceu. O

medo ainda pairava nos olhos de Rhys, então Cassian contornou a mesa e colocou seu Grão Senhor de pé.

Rhys o deixou. Cassian passou o braço pelos ombros de Rhys."Vamos sangrar."

CAPÍTULO

31

Nestha estava se acomodando à mesa de jantar, o estômago roncando de fome, quando Cassian entrou. Limped in era mais provável. Ela não conseguiu evitar que um suspiro quase

silencioso escapasse dela quando viu o olho roxo, o lábio partido, a mandíbula machucada. "O que aconteceu?" ela exigiu. Cassian pulou arrastando os pés até sua cadeira e depois se jogou nela. "Eu treinei com Rhys."

"Você parece um pedaço de carne amaciado." "Você deveria vê-lo." Ele riu com voz rouca. "Por que você lutou assim?" Se tivesse algo a ver com seu pesadelo -

"Rhys precisava tirar isso de seu sistema." Cassian suspirou com a tigela de frango assado e sopa de arroz que apareceu diante dele.

"Apesar da aparência lisa que meu irmão apresenta ao mundo, ele precisa se soltar de vez em quando." "Sua ideia de se soltar e a minha parecem ser muito diferentes." Ele bufou, tomando uma colher de sopa.

"Não foi para me divertir.

Apenas para liberar um pouco de tensão.

"Sobre o que?" Ela sabia que não devia perguntar. Mas Cassian largou a colher, o rosto ficando sério.

"O bebê tem asas." Ela precisava piscar algumas vezes para processar isso.

"Como eles podem já saber?" "A magia de Madja permite que ela obtenha uma

forma geral de um bebê dentro do útero, para verificar se está tudo bem.

Ele é grande o suficiente agora para ela detectar que todos os membros estão em ordem... e que ele tem asas." Totalmente incrível, a maneira como sua magia funcionava.

Para realmente ser capaz de ver dentro do próprio útero. Nestha não conseguia parar a vozinha em sua mente de se perguntar o que seu próprio poder poderia fazer, se ela soltasse a coleira dele.

E não conseguiu parar o raio de pânico que respondeu.

Como se pensar nisso fosse permitir que ele vagasse livremente. Nestha se obrigou a perguntar: "Então Rhysand não queria que o bebê tivesse asas?"

Cassian continuou comendo. "Não é isso.

Será uma alegria para ele, para mim e para Az e Feyre, também, suponho, ensinar o bebê a voar, a amar o vento e o céu como nós.

O problema é o nascimento.

"Não entendo." "Quantos meio-illyrianos você conheceu?" "Apenas Rhys, suponho." "Isso porque eles são extremamente incomuns.

Mas a mãe de Rhys era illyriana.

E as mulheres da Ilíria dificilmente se casam e se reproduzem fora de suas comunidades.

Os machos illyrianos fazem isso com muito mais frequência, ou pelo menos brincam, mas você raramente vê a prole. "Por que?" "As fêmeas da Ilíria têm uma pélvis moldada especificamente para permitir a passagem de crianças com asas.

As mulheres Forte Feérico não.

E quando uma criança tem asas, elas podem ficar presas durante o trabalho de parto.

" Seu rosto estava pálido sob os hematomas.

“A maioria das mulheres morre, os bebês com elas.

Não há como a magia ajudar, exceto fraturar a pélvis de uma mulher para alargá-la para o parto.

O que pode matar o bebê de qualquer maneira.” “Feyre vai morrer?” Suas palavras foram um sussurro.

Por um segundo, todo rancor, raiva e amargura se dissipou.

O pânico puro e claro o substituiu. “Alguns sobrevivem.” Cassian fez menção de esfregar o rosto, mas parou antes que pudesse apertar os hematomas.

“Mas o trabalho é tão brutal que muitos deles ou chegam perto da morte ou são tão alterados por ela que não podem ter outro filho.” “Mesmo com um curandeiro para repará-los?” Seu coração batia forte, tão rápido que ela teve que pousar os talheres. “Honestamente, eu não sei.

E qualquer tentativa no passado de tirar a criança do ventre da mãe foi... ”Ele estremeceu.” “Nenhuma mãe sobreviveu.” O sangue de Nestha se transformou em ácido.

Cassian revirou os ombros.

“Então, nem tentaremos esse caminho.

Madja estará lá a cada passo do caminho, porém, fazendo o que pode.

E ainda não sabemos como a própria magia de Feyre afetará o nascimento.

” “Feyre está perturbado?” “Ela não conhece todo o escopo disso.

Mas todos nós que crescemos aqui sabemos o que significa para uma mulher Grã-Feérica ter um bebê com asas. Nestha desejou

acalmar o medo que a dominava."E Rhys precisava lutar contra seu medo." "Sim.

Junto com sua culpa e dor.

" "Talvez outra corte tenha um curandeiro que sabe mais do que Madja.

Talvez um com um povo alado.

A Corte do Amanhecer tem os Peregryns - o povo de Drakon é Serafim.

Miryam não tem asas e, no entanto, deu à luz os filhos de Drakon." "Rhys está indo para a ilha deles amanhã.

E Mor está fazendo investigações discretas nas cortes Feérico no continente.

" Ele passou a mão pelo cabelo, Siphon refletindo a luz.

"Se houver uma maneira de salvar Feyre de uma sentença de morte, Rhys a encontrará.

Ele não vai parar por nada até descobrir uma maneira de poupá-la." O silêncio caiu, e o peso em seu peito era quase insuportável.

Rhys faria isso, ela sabia, sem dúvida.

O Grão Senhor iria até os confins do mundo em busca de uma maneira de salvar Feyre. Ela disse baixinho: "Vou tentar adivinhar novamente." O olho roxo de Cassian estava totalmente sob a luz quando ele baixou as sobrancelhas em advertência.

"Depois da noite passada—"Ela ergueu o queixo.

Se aquele bebê sobrevivesse... Nestha não permitiria que ele nascesse em um mundo mais uma vez mergulhado na guerra.

Mas ela não disse isso, não conseguia se abrir assim.

“Preciso recuperar minhas forças depois da tentativa de ontem.

Faremos isso amanhã à noite.” “Eu quero Rhys e Amren lá.

E Az.

” “Multar.” Cassian recostou-se na cadeira.

Era quase cômico, seu olhar pesado combinado com seu lábio partido e olho roxo.

Ele disse depois de um momento: "Por que você não me procurou?" Nestha sabia o que ele queria dizer apenas pela maneira como sua voz havia caído uma oitava. Ela poderia jogar este jogo de distração.

Ele não tinha ideia de como ela aprendera a tocá-lo bem.

Então ela deixou sua própria voz cair também."Por que você não me procurou?"

"Estou seguindo minhas dicas de você.

Você parecia não ter interesse em mim depois... "Ele acenou com a cabeça para a mesa entre eles, o chão onde ela se ajoelhou entre suas pernas."Eu não machuquei você, machuquei?" Nestha soltou uma risada áspera."Não, você não me machucou." Ela estendeu a mão sobre a mesa, traçando um dedo pelo braço dele antes de encontrar seus olhos."Eu adorei quando você fodeu minha boca, Cassian." Seus olhos escureceram.

Ela se levantou e ele ficou totalmente imóvel quando ela contornou a mesa e parou ao lado de sua cadeira."Você quer me foder nesta mesa?" ela perguntou suavemente, passando a mão sobre a superfície lisa.

Ele estremeceu, como se imaginasse aquele toque em sua pele. "Sim", disse ele, a voz gutural.

"Nestha mesa, nesta cadeira, em todas as superfícies da Casa."
"Não acho que a Casa apreciaria um comportamento tão sujo.

Mesmo que seja um leitor de romance também.

"Eu o quê?" Sua respiração ficou irregular. Ela se inclinou para dar um beijo em sua boca dilacerada.

Não foi um gesto de amor.

Não era nem doce.

Foi um desafio e uma provocação perversa esquecer seu medo e dor e se enredar com ela. "Não tenho interesse em dormir com um homem que parece ter estado em uma briga de taverna", disse ela em seus lábios. "Podemos diminuir as luzes." Nestha riu.

O desejo embaçou seus olhos, e ela sabia que se olhasse para baixo, veria a evidência de como ele estava afetado.

Mas ela não se entregaria a essa tentação. Ele seria sua recompensa, mas apenas depois que ela tivesse realizado a vidência. Seus lábios se curvaram. "Quando você estiver curado e ficar bonito de novo", disse ela, afastando-se, "então vou deixar você me foder onde quiser nesta Casa." As mãos de Cassian cravaram-se nos braços de sua cadeira, como se se contendo para não pular sobre ela.

Mas sua boca se abriu em um sorriso selvagem. "Combinado." Ninguém perguntou sobre a mudança de atitude de Nestha quando ela e Cassian entraram no escritório na casa do rio no final da tarde seguinte e encontraram Rhys, Feyre, Azriel e Amren esperando diante de um mapa gigante dos reinos das fadas.

Uma tigela de pedras e ossos estava ao lado dela. Todos eles a olharam, avaliaram e julgaram.

Mas seus olhos foram para Feyre, que estava do outro lado da sala, uma mão descansando preguiçosamente no leve inchaço de sua barriga. Nestha se recusou a deixar qualquer coisa aparecer em seu rosto enquanto oferecia a sua irmã um pequeno aceno de saudação.

Ela se odiou quando os olhos de Feyre se suavizaram - odiava a emoção crua enquanto Feyre acenava de volta, sorrindo hesitantemente. Ela não conseguia suportar o alívio e a felicidade nos olhos de Feyre.

Isso meramente reconhecer sua irmã educadamente tinha causado isso.

Incapaz de agüentar, Nestha olhou para onde Rhysand estava ao lado de Feyre.

Um olhar em seus olhos e Nestha permitiu que sua mente se abrisse - apenas uma fresta. Não direi uma palavra a Feyre, ela jurou. Ela não o fez por qualquer gentileza em particular, mas para limpar aquele olhar cauteloso dos olhos de Rhys antes que ficasse ainda mais irritante.

Ele sem dúvida ouviu ou adivinhou que Cassian havia contado a ela sobre as asas do bebê. Rhys apenas disse, sua voz cautelosa, obrigado. Nestha não perguntou sobre sua visita a Miryam e Drakon - se é que ele aprendeu alguma coisa.

Ela alcançou a mesa, Cassian se mantendo perto.

Mas ela se esqueceu dele enquanto enfrentava Amren, que a observava com um desgosto frio. As palavras de meses atrás que Nestha havia tentado tanto esquecer enxamearam do buraco mais escuro de sua memória, cada uma ardendo.

Você se tornou um desperdício de vida patético. Nestha largou o olhar de Amren, focando no mapa.

“Vamos ser rápidos sobre isso.” Azriel perguntou ao lado de Amren: "Quando você tentou fazer isso dois dias atrás, não sentiu nada?" "Nenhuma coisa." Os dedos de Nestha pairaram sobre a tigela de ferramentas."Minha mente deu voltas." "O que você achou?" Perguntou Amren. O quanto ela se odiava.

O pai dela.

Quanto ela temia o Caldeirão. Nestha disse: “O tesouro.

E o que aconteceu da última vez que assisti.

” Feyre disse: “Não permitiremos que nenhum mal aconteça a Elain.

Rhys a protegeu esta manhã, e estamos de olho nela o tempo todo. "Os olhos podem ficar cegos", disse Nestha. "Não os que estão sob meu comando", disse Azriel com uma ameaça suave.

Nestha encontrou seu olhar, sabendo que ele era o único, além de Feyre, que poderia realmente entender sua hesitação.

Ele foi com Feyre até o coração do acampamento de Hybern para salvar Elain -

ele conhecia o risco.

“Não vamos cometer o mesmo erro duas vezes.”Ela acreditou nele."Tudo bem."

Ela recolheu as pedras e os ossos.

Eles estavam gelados contra seus dedos. Apertando-os com força, Nestha fechou os olhos e segurou o braço sobre o mapa espalhado pela mesa.

Ninguém falou, embora o peso de seus olhares pressionassem sobre ela. O calor de Cassian escoou para o lado dela, suas asas farfalhando perto de suas costas.

Ela deixou aquele calor, o sussurro ancorá-la. Ele tinha vindo para salvá-la de seu pesadelo, tinha ficado com ela enquanto ela dormia.

Tinha guardado e lutado por ela.

Ele não iria deixar nenhum mal acontecer a ela agora. Nenhum dano Nenhum dano Nenhum dano O que havia sido uma espiral interminável de pensamentos desapareceu.

Um buraco enorme se abriu em sua mente. Nenhum dano Nenhum dano Nenhum dano Nestha mergulhou na escuridão, como se lentamente submergisse em uma piscina. O braço de Cassian roçou o dela, e ela deixou que isso a ancorasse também.

Uma corda de salvamento.

Ela pegou a mão dele com a mão livre e entrelaçou os dedos.

Deixou o toque aterrá-la enquanto ela permitia que o resto de sua mente deslizasse sob a superfície negra. E então nada. Caindo lentamente.

À deriva, como uma pequena pedra esvoaçando para o fundo de um lago. A máscara, ela sussurrou, lançando sua mente na eternidade.

Onde está a máscara do tesouro do terror? Ainda assim, ela flutuou na noite líquida. No início e no final, havia Trevas e nada mais.

Ela ouvira essa verdade pela primeira vez, compreendeu-a, durante sua batalha com o Caldeirão.

E entendeu novamente agora, enquanto flutuava naquele mesmo lugar estranho, cheio e vazio, para sempre frio. Onde está a máscara? ela perguntou ao vazio. À

distância, como uma vela em uma janela, ela sentiu a mão de Cassian apertar a dela.

Esse foi o caminho de volta.

Nada poderia prendê-la, segurá-la, se ela tivesse esse caminho para casa. Onde está a máscara? Por longos minutos, apenas o tique-taque do relógio de pêndulo no canto preencheu o escritório. Nestha ficou ao lado de Cassian, os dedos agora soltos em sua mão, a outra mão estendida sobre o mapa, ossos e pedras salientes dentro. Cassian trocou olhares com Feyre.

Ele mal foi capaz de olhar para ela quando entrou, para ver o leve inchaço em sua barriga.

Mas ele se obrigou a sorrir, o retrato de uma facilidade casual e arrogante.

Agora, uma brisa fria e fantasmagórica passou por ele.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Amren soltou um silvo suave. "Para onde ela está vagando?" A mão de Nestha permaneceu sobre o mapa.

Mas os dedos dela estavam frios como gelo. Cassian apertou a mão dela, desejando calor nela. Do outro lado da mesa, a respiração de Azriel ficou turva.

Rhys se aproximou de Feyre, posicionando-se para interceptar quaisquer ameaças inesperadas. "Isso não aconteceu naquela época durante a guerra com Hybern", murmurou Azriel. Antes que qualquer um deles pudesse responder, as pálpebras de Nestha se moveram - como se ela estivesse vendo algo.

Suas sobrancelhas franziram, apenas um tremor em direção ao outro.

Seus dedos se apertaram nas pedras e ossos, os nós dos dedos ficando brancos.

Ainda assim, o ar ficou mais frio. "Se você vir a Máscara, garota, então agora é a hora de deixá-la ir," Amren ordenou, sua voz cautelosa. A mão de Nestha permaneceu fechada.

Mas seus olhos ainda se moviam rapidamente por trás das pálpebras, procurando, procurando. "Nestha," Feyre comandou. "Abra sua mão." Feyre havia entrado na mente de Nestha da última vez - a puxado para fora, graças ao poder daemati que ela herdou de Rhys.

Feyre praguejou baixinho.

"Ela nunca baixou os escudos.

Seus escudos são... " "Uma fortaleza de ferro sólido," Rhys murmurou, os olhos em Nestha. "Eu não consigo entrar", Feyre respirou. "Você pode?" "A mente dela está protegida com algo que nenhuma magia das fadas pode quebrar," Amren disse.

A essência do próprio Caldeirão. Mas Nestha não mostrou nenhum sinal de medo, nenhum cheiro dele. "Dê um tempo a ela", murmurou Cassian.

Deuses, estava frio.

As pálpebras de Nestha vibraram novamente. "Eu não gosto disso", disse Feyre. "Onde quer que ela esteja, parece mortal." O frio continuava caindo.

A mão de Nestha apertou a sua - um aperto forte. Um aviso. "Tire-a daqui, Rhys", Cassian exigiu. "Tire ela agora." "Eu não

posso", disse ele suavemente, seu poder um manto de estrelas e noite ao seu redor.

"Eu... As portas para a mente dela estavam abertas na outra noite.

Eles estão fechados agora." "Ela não quer vê-la.

Ou nós, "Feyre disse, seu rosto tenso." "Ela está trancada do lado de fora, mas também trancou-se lá dentro." O estômago de Cassian se revirou." "Nestha", disse

ele em seu ouvido." "Nestha, abra sua mão e volte." Sua respiração ficou mais aguda.

O frio aumentou. "Nestha," ele rosnou - E o frio parou.

Não desapareceu, mas sim... parou.

Os olhos de Nestha se abriram. O fogo prateado queimava por dentro.

Nada Feérico olhou através deles. Rhys empurrou Feyre para trás.

Ela empurrou seu caminho de volta para o lado dele.

Mas a mão de Nestha continuou a apertar a de Cassian.

Ele apertou de volta, deixando seus Sifões enviarem uma mordida de poder em sua pele. Ela virou a cabeça tão lentamente que era como assistir a um movimento de boneca.

Seus olhos encontraram os dele. A morte o observou. Mas a morte tinha caminhado ao lado dele todos os dias de sua vida.

Então Cassian acariciou a palma da mão dela com o polegar e disse: "Olá, Nes."

Nestha piscou e ele deixou seus Sifões mordê-la com seu poder novamente.

O fogo tremeluziu. Ele acenou com a cabeça para o mapa. "Solte as pedras e os ossos." Ele não a deixou cheirar seu medo.

Aqui estava o ser sobre o qual o Entalhador de Ossos havia sussurrado, exaltado e temido. Seus olhos flamejaram.

Ninguém ousou respirar. "Solte as pedras e os ossos, e então você e eu podemos jogar", disse Cassian, deixando-a sentir seu calor e necessidade, forçando-se a lembrar aquele beijo provocador no jantar e sua promessa de deixá-lo foder onde ele quisesse.

a casa; o que isso fez com ele, o quanto ele doeu.

Ele deixou tudo brilhar em seus olhos, deixou o cheiro de sua excitação envolvê-la. Todos ficaram tensos quando ele se inclinou, abaixando a cabeça, e a beijou.

Os lábios de Nestha eram pedaços de gelo. Mas ele deixou a frieza deles ferir a sua e roçou a boca na dela.

Beliscou seu lábio inferior até que ele caiu uma fração.

Ele deslizou a língua por essa abertura e encontrou o interior de sua boca, geralmente tão macio e quente, com crosta de gelo. Nestha não o beijou de volta, mas não o empurrou.

Então Cassian enviou seu calor para ele, fundindo suas bocas, sua mão livre apoiando seu quadril enquanto seus Sifões beliscavam sua mão mais uma vez. A boca dela se abriu mais, e ele deslizou a língua sobre cada centímetro - sobre os dentes congelados, sobre o céu da boca.

Aquecendo, suavizando, libertando. Sua língua se ergueu para encontrar a dele em um único golpe que quebrou o gelo em sua

boca. Ele inclinou sua boca sobre a dela, puxando-a contra seu peito, e a saboreou como ele queria saboreá-la na outra noite, profundo, completo e exigente.

A língua dela roçou a dele novamente, e então seu corpo estava aquecendo, e Cassian se afastou o suficiente para dizer contra seus lábios: "Solte, Nestha." Ele enfiou a boca na dela novamente, desafiando-a a liberar aquele fogo frio sobre ele. Algo baqueou e tilintou ao lado deles. E quando a outra mão de Nestha agarrou seu ombro, os dedos agora livres de pedras e ossos, quando ela arqueou o pescoço, concedendo-lhe um acesso melhor e mais profundo, ele quase estremeceu de alívio. Ela interrompeu o beijo primeiro, como se deslizesse para dentro de seu corpo e se lembrasse de quem a beijou, de onde estavam, de quem assistia. Cassian abriu os olhos para encontrá-la tão perto que compartilharam a respiração.

Respiração normal, sem nuvens.

Seus olhos haviam voltado para o azul acinzentado que ele conhecia tão bem.

Surpresa atordoada e um pouco de medo iluminou seu rosto.

Como se ela nunca o tivesse visto antes. "Interessante", Amren observou, e encontrou a mulher estudando o mapa. Feyre ficou boquiaberto, porém, a mão de Rhys agarrada com força na dela.

A cautela brilhou no rosto de Rhys.

No de Azriel também. O que diabos você fez para tirá-la disso? Rhys perguntou.

Cassian realmente não sabia.

A única coisa em que consegui pensar. Você aqueceu a sala inteira. Eu não tive a intenção. Nestha se afastou - não com força, mas com intenção suficiente para que Cassian espiasse

onde ela e Amren estavam focadas no mapa. “O Pântano de Oorid?” Feyre franziu a testa ao ver o ponto no meio.

“A máscara está em um pântano?” “Oorid já foi um lugar sagrado”, disse Amren.

“Guerreiros foram enterrados em suas águas negras como a noite.

Mas Oorid mudou para um lugar escuro - não me olhe assim, Rhysand, você sabe o que quero dizer - há muito tempo.

Cheio de tanta maldade que ninguém se aventurará lá, e apenas o pior das fadas é atraído por ele.

Dizem que a água lá flui para Sob a Montanha, e as criaturas que vivem no pântano há muito usam seus cursos d'água subterrâneos para viajar pelo Meio, até mesmo nas montanhas das cortes circundantes.

” Feyre franziu a testa.

“Mas não pode ser mais específico?” Ela perguntou a Rhys: “Temos um mapa detalhado do Meio?” Rhys balançou a cabeça.

“É proibido mapear o Meio além de pontos de referência vagos.” Ele apontou para a montanha sagrada em seu centro, onde esteve preso por quase cinquenta anos.

“A montanha, o bosque, o brejo... Tudo pode ser visto da terra e do ar.

Mas seus segredos, aqueles descobertos a pé - esses são proibidos.

” A carranca de Feyre não clareou. “Por quem?” “Um antigo conselho dos Grão-Senhores.

O Meio é um lugar onde a magia selvagem ainda habita, prospera e se alimenta.

Nós o respeitamos como uma entidade própria e não desejamos provocar sua ira revelando seus mistérios.

” Feyre encarou Nestha, que estava olhando fixamente para onde as pedras e os ossos haviam caído em uma pequena pilha organizada no topo do pântano.

“O Meio é onde o Tecelão da Floresta morava,” Feyre disse, a voz firme.

“Se você for ao pântano, precisará estar armado.” “Nós dois estaremos armados”, declarou Cassian.“Até os dentes.” Quando Nestha não respondeu, todos olharam para ela.

Nenhum deles ousou perguntar sobre esse poder, o ser que olhou para ele.

Aquele que ele derreteu com seu beijo.

Ele ainda podia sentir o gosto do gelo em sua língua, cheirar o cheiro semelhante ao dela, mas totalmente diferente. Nestha disse: “Vamos amanhã.” Feyre começou, “Você precisa de tempo para se preparar” “Vamos amanhã”, repetiu Nestha.

Cassian reuniu tudo que ela não disse.

Ela queria ir amanhã, então não teve a chance de pensar melhor nisso.

Para saber mais sobre o perigo que ela enfrentaria. Seus dedos roçaram suas costas, saboreando seu calor depois de todo aquele frio. “Vamos sair depois do café da manhã.”

CAPÍTULO

"Eu deveria ir com você", disse Rhys a Cassian enquanto eles se reuniam no saguão da casa do rio na manhã seguinte. "Eu deveria ir com você", Feyre rebateu, encostando-se no corrimão da escada, franzindo a testa para seu companheiro e Cassian. Nestha os observou em silêncio, o peso das armas que carregava como mãos fantasmas empurrando suas costas, coxas, quadris.

Você ainda tem tanta probabilidade de se machucar quanto é um oponente, Cassian disse enquanto colocava suas armas na mesa de jantar esta manhã, mas é melhor do que ir para Oorid desarmado.

Ela selecionou uma adaga e ele sorriu .

A ponta pontuda vai para o seu inimigo. Ela deu a ele um olhar fulminante, mas permitiu que ele a ajudasse com as tiras e fivelas das várias bainhas, concentrando-se em suas mãos fortes sussurrando sobre sua pele e não na tarefa em mãos. "Nós dois devemos ir com você," Rhys corrigiu."Mas pelo menos Azriel estará lá." "Obrigado por sua confiança", disse Cassian ironicamente, e beijou a bochecha de Feyre.

Rhys deve ter baixado o escudo - por enquanto."Vocês dois nem são pais ainda e sua mãe-galinha atingiu um nível insuportável." "Mãe-galinha?" Feyre engasgou com uma risada. "É uma palavra", disse Cassian, tão casualmente que Nestha se perguntou se ele compreendia o perigo para o qual estavam caminhando. Nestha deslizou seu olhar para Azriel, que deu de ombros sutilmente em confirmação.

Sim, eles estavam prestes a se aventurar em um antigo pântano letal.

Não, Cassian não parecia tão perturbado quanto os dois. Nestha fez uma careta e Az ofereceu a ela um leve sorriso.

Eles poderiam ser aliados, aquele sorriso parecia dizer.

Contra a completa insanidade de Cassian.

Ela se viu respondendo a Azriel com um leve sorriso. Rhys suspirou para o teto."Devemos?" Nestha olhou escada acima, passando por Feyre.

Elain novamente optou por permanecer em seu quarto quando Nestha estava presente, o que estava muito bem.

Absolutamente, totalmente bem.

Elain poderia fazer suas próprias escolhas.

E tinha escolhido fechar completamente a porta para Nestha.

Mesmo quando ela abraçou totalmente Feyre e seu mundo.

O peito de Nestha se apertou, mas ela se recusou a pensar nisso, reconhecer isso.

Elain era como um cachorro, leal a qualquer dono que a mantivesse alimentada e com conforto. Nestha desviou sua atenção da escada, amaldiçoando-se por ser uma tola por até mesmo olhar. "Eu não gosto disso", Feyre deixou escapar, dando um passo em sua direção.

"Você não teve treinamento suficiente." Cassian sorriu.

"Ela tem dois guerreiros illyrianos a protegendo.

O que poderia dar errado?" "Não responda a isso", disse Rhys secamente para sua companheira.

Ele encontrou o olhar de Nestha.

Estrelas nasceram e morreram em seus olhos.

"Se você não quiser ir—" "Você precisa de mim", disse Nestha, levantando o queixo."O pântano é grande o suficiente para que

“você não consiga encontrar a Máscara sem meus... presentes.” Ela não tinha ideia de como ela encontrou a máscara em Oorid, mas eles poderiam pelo menos começar a explorar a área hoje.

Ou pelo menos foi o que Cassian disse esta manhã. Feyre parecia prestes a objetar, mas Azriel estendeu as mãos com cicatrizes para Cassian e Nestha.

Feyre deu um passo à frente novamente.

“O Meio é diferente de tudo que você já experimentou, Nestha.

Não baixe a guarda por um momento.” Nestha assentiu, sem se preocupar em dizer que havia operado por esse princípio por muito tempo. Azriel não deu a eles a chance de trocarem outra palavra antes que sombras murmurantes varressem ao redor deles.

Nestha não pôde deixar de se agarrar a Azriel, percebendo em algum nível inato que, se ela o soltasse, cairia neste espaço entre os lugares e se perderia para sempre. Mas então uma luz cinza e aquosa a atingiu.

E o ar - o ar estava pesado, cheio de água lenta, mofo e terra argilosa.

Nenhum vento se moveu ao redor deles; nem mesmo uma brisa. Cassian assobiou. “Olhe para este inferno.” Soltando a mão de Azriel, Nestha fez exatamente isso. Oorid se espreguiçou diante deles.

Ela nunca tinha visto um lugar tão morto.

Um lugar que fez a parte ainda humana de seu recuo, sussurrando que era errado, errado, errado estar aqui. Azriel estremeceu.

O encantador das sombras da Corte Noturna estremeceu quando todo o impacto do ar opressor de Oorid, seu cheiro e sua quietude o atingiram. Os três examinaram o terreno baldio. Mesmo a água do Caldeirão não era tão negra

quanto a água daqui, como se fosse feita de tinta.

Na parte rasa, a poucos metros de distância, onde a água encontrava a grama, nenhuma lâmina era visível onde a superfície a tocava. Árvores mortas, cinzentas com o tempo e o tempo, se projetavam como lanças quebradas de mil soldados, algumas cobertas com cortinas de musgo.

Nenhuma folha se agarrou a seus galhos.

A maioria dos galhos havia sido quebrada, deixando lanças denteadas saindo dos troncos. "Nenhum inseto", observou Azriel. "Nem um pássaro." Nestha se esforçou para ouvir.

Apenas o silêncio respondeu.

Sem nem mesmo um assobio de brisa. "Quem enterraria seus mortos aqui?" "Eles não os colocaram na terra", disse Cassian, com a voz estranhamente abafada, como se o ar denso engolisse qualquer eco.

"Estes eram túmulos de água." Nestha disse: "Prefiro ser queimado até as cinzas e lançado ao vento do que ser deixado aqui." "Anotado", disse Cassian. "Este é um lugar mau", sussurrou Azriel.

O medo verdadeiro brilhou nos olhos castanhos do encantador. Os pelos dos braços de Nestha se arrepiaram. "Que tipo de criatura mora aqui?" "Você está perguntando isso agora?" Disse Cassian, com as sobrancelhas erguidas.

Ele e Azriel usaram suas armaduras mais grossas, convocadas batendo os Sifões nas costas das mãos. "Eu estava com medo

de perguntar antes", admitiu Nestha. "Eu não queria perder a coragem." Cassian abriu a boca, mas Azriel disse: "Coisas que caçam na água e se deliciam com a carne". "Faz muito tempo que ninguém vê um kelpie", rebateu Cassian. "Isso não significa que eles se foram." "O que é um kelpie?" Nestha perguntou, o coração batendo forte com a tensão gravada em seus rostos. "Uma criatura antiga - um dos primeiros verdadeiros monstros das fadas", disse Cassian.

"Os humanos os chamavam por outros nomes: cavalos de água, nixies.

Eles eram metamorfos que viviam nos lagos e rios e atraíam pessoas involuntárias para seus braços.

E depois que eles os afogaram, eles festejaram.

Apenas as entranhas conseguiriam voltar para a costa." Nestha olhou para a superfície preta do pântano. "E eles moram lá?" "Eles desapareceram centenas de anos antes de nascermos", disse Cassian com firmeza.

"Eles são um mito sussurrado em torno das fogueiras e um aviso para as crianças não brincarem perto da água.

Mas ninguém sabe para onde foram.

A maioria foi caçada, mas os sobreviventes... "Ele concedeu com um aceno de cabeça para Azriel," É possível que eles tenham fugido para o Meio.

O único lugar que poderia protegê-los.

" Nestha fez uma careta.

Cassian deu um sorriso que não encontrou seus olhos. "Só não saia correndo atrás de um lindo cavalo branco ou de um jovem de rosto bonito e você ficará bem."

"E fique fora da água", acrescentou Azriel solenemente. "E se a máscara estiver na água?" Ela gesticulou para o vasto pântano.

Eles voariam sobre ele, eles decidiram, e a deixariam sentir o que quer que estivesse aqui. "Então Az e eu tiraremos a sorte dos guerreiros duros que somos e o perdedor vai entrar." Azriel revirou os olhos, mas riu.

O sorriso de Cassian finalmente brilhou em seu olhar quando ele abriu os braços. "A beleza de Oorid o aguarda, minha senhora." Cassian esteve em alguns lugares horríveis em seus cinco séculos de existência. O Pântano de Oorid era de longe o pior.

Sua própria essência falava de morte e decadência. O ar opressor abafava até mesmo o som de suas asas, como se Oorid não tolerasse nenhum som que perturbasse seu antigo sono. Nestha se agarrou a ele enquanto ele voava, Az ao

seu lado, e Cassian olhou para a floresta morta que se espalhava abaixo, a água negra que a inundou como um espelho de obsidiana.

Estava tão parado que ele podia ver seus reflexos perfeitamente. Com o vento batendo em seu cabelo trançado, Nestha disse: "Não tenho certeza do que estou procurando." "Basta manter todos os seus sentidos abertos e ver se alguma coisa acende." Cassian iniciou um amplo círculo para o oeste.

O ar parecia pressionar suas asas, como se fosse jogá-las no chão. Mas entrar naquela água negra seria o último recurso. Ilhas de grama pontilhavam a expansão, algumas tão cheias de amoreiras que ele não conseguia encontrar um lugar seguro para pousar.

Os emaranhados de espinhos eram uma zombaria do que poderia ter sido - como se Oorid já tivesse produzido rosas.

Nem uma única flor floresceu. “É insuportável.” Nestha estremeceu. “Vamos ficar apenas enquanto tivermos estômago para isso”, disse Cassian, “e se não encontrarmos nada, voltaremos amanhã e continuaremos de onde paramos”. Ele tinha duas espadas, quatro facas, um arco illyriano e uma aljava de flechas, além de todos os sete Sifões.

No entanto, ele não conseguia se livrar da sensação de voar nu. “O que mais mora aqui além de kelpies?” “Alguns dizem que bruxas,” ele murmurou.

“Não é do tipo humano,” ele adicionou quando ela levantou uma sobancelha. “O

tipo que costumava ser outra coisa e então sua sede por magia e poder os transformou em criaturas miseráveis, banidas aqui por vários Grão-Senhores.”

“Eles não parecem tão ruins.” “Eles bebem sangue jovem para preencher a frieza que a magia deixou neles.” Nestha estremeceu.

Cassian continuou enquanto examinava o pântano: “Existem luzes: seres adoráveis e etéreos que irão te atrair, parecendo rostos amigáveis quando você estiver perdido.

Só quando você estiver nos braços deles você verá suas verdadeiras faces, e eles não são nada justos.

O horror disso é a última coisa que você vê antes que eles o afoguem no pântano.

Mas eles matam por esporte, não por comida”. “E todas essas criaturas horríveis simplesmente foram deixadas aqui, sem cuidados?” “O meio não está sob a jurisdição do Grão Senhor.

Há muito tempo é a lixeira para qualquer lixo indesejado.” “Não é a prisão?”

“Seus crimes são de natureza.

Um kelpie é projetado para atrair e matar, assim como um lobo é projetado para caçar sua presa.

O Meio os mantém separados de nós, sem puni-los pelo que foram feitos para ser.

” “Mas ninguém virá livrar o mundo deles?” “O meio está cheio de magia primitiva.

Ele tem suas próprias regras e leis.

Cace os kelpies ou lightingers sem provocação e você pode acabar preso aqui.

”Ela estremeceu.“Como a Máscara teria ido parar no pântano?”
“Não sei.” Ele acenou com a cabeça em direção ao chão.“Você sente alguma coisa?” “Não.

Nenhuma coisa.” Cassian olhou por cima do ombro para Az antes de entrarem em uma nuvem de névoa pairando sobre a seção norte do pântano.

Era tão espesso que Cassian subiu mais alto, não querendo empalá-los em uma árvore alta.

A névoa estava fria o suficiente para deslizar dedos gelados por suas asas, seu rosto. Nestha sacudiu, então respirou, “Cassian”. Ele limpou a névoa, inclinando-se para a esquerda.“Você sentiu algo?” “Não sei o que senti.” Ela engoliu em seco.“Algo está aqui.” Ele olhou por cima do ombro novamente para sinalizar para Azriel. Mas Az não estava lá.

CAPÍTULO

33

“Azriel!”

O grito de Cassian nem mesmo ecoou. Agarrando-se ao pescoço, Nestha examinou a névoa.

Cassian ficou para trás, as asas batendo no lugar enquanto procurava por seu irmão.

“Espere,” ele sibilou antes de se lançar em uma queda, usando o impulso para mergulhar na névoa. A luz azul brilhou abaixo - à frente.

Sifões de Azriel. "Foda-se", Cassian cuspiu e disparou mais baixo. As árvores se lançaram para cima, afiadas como espadas, e ele desviou-se delas, as asas a uma polegada de rasgar naquelas pontas.

O coração de Nestha trovejou, mas ela não fechava os olhos contra a morte ao redor, não quando Cassian caiu sob a cortina de névoa e eles viram o que Azriel enfrentava. Cassian se virou tão rapidamente que Nestha mal teve tempo de se preparar, e então estava voando de volta pelo caminho por onde veio, através da névoa. "Onde você está indo?" ela exigiu.

“Há duas dúzias de soldados lá!” "Soldados da Corte Outonal," Cassian esclareceu, as asas batendo com tanta força que o vento batia em seus olhos. "Eu não sei o que diabos eles estão fazendo aqui, ou se Eris nos fodeu regiamente, mas um deles atirou uma flecha de freixo pela asa de Az." "Então por que

estamos voando para longe?" "Porque não vou aterrissar com você no meio disso." "Ponha-me no chão!" ela gritou.

“Coloque-me onde quer que seja e volte para ele!” Ele não fez isso, examinando o pântano abaixo em busca do lugar certo.

Ela bateu a mão em seu peito musculoso. "Cassian!" "Eu sei o que cada segundo me custa, Nestha," ele disse calmamente. "Coloque-me na porra de uma árvore, então!" Ela apontou para um que eles evitavam por pouco. Ele avistou uma área que

considerou segura: um trecho sólido de terreno gramado, os restos de uma árvore erguendo-se de seu meio.

Ele a colocou na árvore, como ela sugeriu, empoleirando-a no galho mais alto e resistente.

Ele gemia e balançava sob seu peso. "Fique aqui", ele ordenou, esperando até que ela colocasse as mãos em volta do galho e se agarrasse como uma criança que subiu muito alto. "Eu volto em breve.

Não desça.

Não importa o que você possa ver ou ouvir.

"Vai." Ela era totalmente inútil em uma luta, ela sabia.

Ela iria apenas distraí-lo. "Tenha cuidado", ele avisou, como se não fosse ele quem estava prestes a entrar em perigo, e então ele se foi.

Nestha se agarrou ao galho da árvore com tanta força que seu corpo inteiro tremia, o silêncio do pântano envolvendo-a como um cobertor de chumbo. Oorid devorou as rápidas batidas de asas de Cassian em segundos, então ela nem conseguiu ouvi-lo enquanto ele desaparecia na névoa. Cassian apontou para onde seus sentidos lhe diziam que Az ainda lutava.

Sua visão com certeza não o ajudava - a névoa parecia mais densa agora. A Corte do Outonal estava aqui.

Eram esses soldados desaparecidos de Eris ou ele os tinha feito de tolos? Beron

de alguma forma soube de seus planos? Ele voou, o mais rápido que pôde, rezando para que Az os tivesse segurados, mesmo com aquele raio de freixo em sua asa.

A restrição do raio de cinzas no poder de Az era a única razão pela qual os soldados ainda não estavam mortos - por que os Sifões de Azriel tinham sido uma luz bruxuleante e não uma parede incineradora contra soldados que eram muito menos qualificados. Cassian caiu em uma calma fria, desejando que cada um de seus Sifões despertasse.

Ele alimentou seu poder neles e eles o refrataram de volta, confirmando que estavam prontos, ele estava pronto para o derramamento de sangue começar. Os Sifões azuis de Azriel brilharam à frente, uma mancha de cobalto na névoa, e Cassian disparou mais alto no céu, até que o azul tremulou abaixo dele. Ele parou de bater as asas completamente para que os guerreiros não ouvissem as batidas de asas. Então ele abriu as asas silenciosamente e caiu em queda livre.

A névoa o atingiu, o ar pesado bateu em seu rosto, mas ele apontou uma lâmina e a faca para sua coxa em silêncio. A névoa se dissipou um metro e meio acima da escaramuça. Os soldados não tiveram tempo de olhar para cima antes que Cassian estivesse sobre eles. O sangue espirrou e os machos gritaram, o poder ricocheteando no vermelho dos Sifões de Cassian.

Az lutou contra seis soldados ao mesmo tempo, a asa esquerda mole e sangrando, seus próprios Sifões em chamas.

O parafuso de freixo havia tornado o poder de Az quase inútil.

Mas os Sifões estavam brilhando como um sinal - para Cassian. A visão da asa ferida de Az fez sua cabeça começar a rugir. Cassian matou e matou e não parou.

Demasiado longo. Cassian e Azriel já haviam partido há muito tempo. Os membros de Nestha estavam começando a travar com o esforço de se agarrar como um filhote de urso à árvore.

Ela sabia que tinha poucos minutos até que seu corpo se rebelasse e se soltasse.

Não houve nenhum som, nenhum flash de luz.

Apenas o pântano silencioso, a névoa e a árvore morta. Cada respiração ecoou seus pensamentos.

Cada respiração foi engolida pela opressão de Oorid. Ela tinha visto Cassian enfrentar soldados Hybern.

Duas dúzias da Corte Outonal não deveriam ser nada.

Mas por que eles estavam aqui? Suas pernas tremiam tanto que ela quase perdeu o controle do galho.

Ela sabia que apresentava uma imagem absolutamente patética, disposta ao longo do galho exatamente como Cassian a deixara, as pernas em volta dele, os tornozelos cruzados, os dedos cavando na madeira seca e prateada. Com cuidado, ela se empurrou para cima, seus braços formigando com a dormência de apertar com força por tanto tempo.

Suas pernas se dobraram de alívio também, enquanto ela os soltava, deixando-os pairar no ar.

Ela examinou a direção geral que Cassian tinha seguido.

Nenhuma coisa. Ele já havia caído em batalha antes - ela o tinha visto gravemente ferido.

A primeira vez em Hybern, quando ele tentou rastejar em sua direção enquanto ela entrava no Caldeirão.

Na segunda vez, contra as forças de Hybern, quando ele foi destripado e Azriel segurou suas entranhas com as próprias mãos.

E a terceira vez contra o próprio Rei de Hybern, quando ela o pediu, ordenou-lhe que a usasse como isca, a distração enquanto ela afastava o rei de Feyre e do Caldeirão. Depois de

tantos embates com a morte, era apenas uma questão de tempo até que ela pegasse. Sua boca secou.

Azriel foi atingido por uma flecha de cinza.

E se os soldados tivessem ferido Cassian da mesma forma? E se os dois precisassem de ajuda? Ela não podia fazer nada contra duas dúzias de soldados -

contra um único soldado, para ser honesta - mas não suportava ficar sentada em uma árvore como uma covarde.

Sem saber se ele vivia.

E ela tinha magia.

Não tinha ideia de como usá-lo, mas... ela tinha isso, pelo menos.

Talvez ajudasse. Ela disse a si mesma que também estava preocupada com Azriel.

Disse a si mesma que se importava com o destino do encantador das sombras tanto quanto com o de Cassian.

Mas era o rosto morto de Cassian que ela não suportava imaginar. Nesta não se permitiu reconsiderar enquanto se deitava novamente no galho, envolvendo os braços ao redor dele enquanto abaixava cegamente a perna, procurando o galho logo abaixo - Lá.

Seu pé encontrou apoio, mas ela não o deixou suportar todo o seu peso.

Ainda agarrada ao galho, as unhas cravando-se na madeira morta com força suficiente para que lascas cortassem sob eles, ela se abaixou sobre o que estava abaixo.

Ofegante, ela ajoelhou-se novamente e mais uma vez abaixou o pé, encontrando outro galho.

Mas foi longe demais.

Grunhindo, ela trouxe a perna de volta e cuidadosamente colocou as mãos em cada lado dos joelhos, concentrando-se no equilíbrio, assim como Cassian a ensinara, pensando em cada movimento de seu corpo, seus pés, sua respiração.

Com as pontas dos dedos gritando nas lascas que perfuravam a carne sensível sob suas unhas, ela deixou cair as pernas até atingirem o galho abaixo.

O galho embaixo dele estava mais perto, mas mais fino - mais instável.

Ela teve que se deitar sobre ele para não cambalear. Galho por galho, Nestha desceu até que suas botas afundaram no solo musgoso, e a árvore apareceu como um gigante acima dela. O pântano se estendia ao redor, quilômetros de água negra e árvores mortas e grama. Ela teria que atravessar a água para alcançá-lo.

Nestha se concentrou em sua respiração - ou tentou.

Cada inspiração permaneceu superficial, afiada. Cassian pode estar ferido e morrendo.

Ficar ocioso não era uma opção. Ela examinou a costa um metro e meio à frente em busca de qualquer indício de água mais rasa para vadear até a ilha musgosa mais próxima, coberta de espinhos retalhadores de carne, mas a água era tão negra que era impossível determinar se era rasa ou se caiu para um poço sem fundo. Nestha se concentrou em sua respiração novamente.

Ela sabia nadar.

Sua mãe se certificou disso, graças a um primo que se afogou na infância.

Assassinado por fadas, sua mãe afirmou.

Eu a vi arrastada para o rio. Tinha sido um kelpie? Ou os próprios medos de sua mãe se transformaram em algo monstruoso? Nestha se aproximou da beira da água negra. Corra, uma vizinha sussurrou.

Corra e corra, e não olhe para trás. A voz era feminina, gentil.

Sábio e sereno. Corre. Ela não conseguiu.

Se ela corresse, seria em direção a ele, não para longe. Nestha caminhou até a beira da água, onde a grama desapareceu na escuridão. Seu rosto a encarou de volta do silêncio.

Pálido e com os olhos arregalados de terror. Corre.

Aquela voz era apenas tudo o que restava de seus instintos humanos ou algo mais? Ela olhou para seu reflexo como se isso fosse dizer a ela. Algo farfalhou nos espinhos da ilha, e ela ergueu a cabeça, o coração trovejando enquanto procurava aquele rosto masculino familiar e asas.

Mas não havia sinal de Cassian.

E o que quer que estivesse naquela amoreira... Ela deveria encontrar outra ilha para ir. Nestha examinou seu reflexo novamente. E encontrou um par de olhos escuros como a noite olhando através dele.

CAPÍTULO

34

Nestha tropeçou tão rápido que caiu de costas, o solo musgoso amortecendo o impacto.

Um rosto rompeu a água negra onde antes estava seu reflexo. Era mais branco do que osso e humanóide.

Masculino.

Pouco a pouco, centímetro a centímetro, a cabeça se ergueu acima da água negra, o cabelo de obsidiana flutuando na água ao redor da criatura, tão sedoso que poderia muito bem ser a superfície. Seus olhos negros eram enormes -

nenhum branco à vista - suas maçãs do rosto tão afiadas que poderiam cortar o ar.

Seu nariz era estreito e longo, como uma lâmina, e a água pingava de sua ponta sobre uma boca... uma boca ... Era muito grande, aquela boca.

Lábios sensuais, mas muito largos. Então seus braços deslizaram para fora da água. Em movimentos rígidos e sacudidos, eles se sacudiram no musgo, brancos e magros, terminando em dedos tão longos quanto seu antebraço.

Dedos que cravaram na grama, revelando quatro juntas e unhas afiadas como adagas.

Eles racharam e estouraram quando ele os esticou e cravou na grama, lutando para se apoiar. A respiração de Nestha saiu dela, o terror rugindo em sua mente enquanto ela rastejava para trás. Ele se lançou para fora da água, revelando um torso ossudo, seu cabelo preto arrastando atrás dele como uma rede. Ela cambaleou para trás novamente quando ele levantou lentamente a cabeça. Essa boca muito larga se abriu.

Fileiras gêmeas de dentes podres, denteados como cacos de vidro, encheram sua boca enquanto ele sorria. Sua bexiga afrouxou, seu colo ficou úmido e quente.

Ele cheirou, viu, e aquela boca se alargou ainda mais, os dedos se contraindo enquanto o puxavam cada vez mais para fora da água.

Seus estreitos quadris nus Ele se apoiou nos braços enquanto deslizava uma perna longa e branca da escuridão.

Outro.

E então ele se ajoelhou de quatro, sorrindo para ela. Ela não conseguia se mover.

Não pude fazer nada além de olhar para aquele rosto branco, os olhos negros tão escuros como o pântano, a contração, dedos longos demais e aquela boca, aqueles dentes de enguia - Ele falou então, e não era um idioma que ela reconhecesse.

Sua voz rouca, profunda e rouca, cheia de fome terrível e diversão cruel. A gentil voz feminina em sua cabeça implorou: Corra, corra, corra. Sua cabeça inclinada, o cabelo preto encharcado balançando com o movimento, cheio do que parecia ser ervas daninhas do pântano.

Como se ele tivesse ouvido aquela voz feminina também.

Ele falou de novo, e foi como pedra raspando em pedra - seu tom mais exigente.

Kelpie.

Este era um kelpie e ele iria matá-la. Corra, gritou a voz.

Corre! As pernas de Nestha ficaram distantes, entorpecidas.

Ela não conseguia se lembrar de como usá-los. A cabeça do kelpie se contraiu, os dedos convulsionando na grama.

Seu sorriso cresceu novamente.

Tão ampla que ela viu a língua longa e negra se contorcendo em sua boca, como se ele já pudesse saborear sua carne. Nestha não conseguia se lembrar de como gritar enquanto se lançava sobre ela. Não foi possível fazer nada enquanto aqueles longos

dedos enrolados em suas pernas, garras rasgando sua pele, e a puxaram em direção a ele. A dor arrancou Nestha de seu estupor e ela lutou, os dedos agarrando a grama.

Ele se soltou em grupos, como se não tivesse raízes.

Como se o pântano não fizesse nada para ajudá-la. O kelpie a rebocou enquanto escorregava de volta para a água gelada. E a arrastou para baixo da superfície.

Os dois soldados estavam de joelhos. Sua armadura de couro leve trazia a insígnia de Eris de dois cães latindo no peito.

Não confirmou nada.

Eles podem ter sido encomendados aqui por Eris, ou Beron, ou ambos.

Até que Azriel ou Rhys pudessem obter as respostas deles, Cassian não perderia tempo teorizando.

Não que os soldados tenham dado alguma explicação. Seus rostos estavam vazios.

Nenhum traço de medo neles, ou em seus cheiros. Azriel ofegou, as asas sangrando livremente de onde ele havia arrancado a flecha de freixo.

Cassian, coberto de sangue que não era seu, avaliou os dois soldados sobreviventes, seus companheiros caídos ao redor deles.

Muitos em pedaços. "Amarre-os", disse Cassian a Azriel, que já havia se curado o suficiente para convocar o poder de seus Sifões.

A luz azul saiu de seu irmão, envolvendo os pulsos dos dois machos, seus tornozelos, suas bocas - e então os acorrentou. Cassian havia lidado com assassinos e prisioneiros suficientes

para saber que manter dois prisioneiros vivos permitiria que ele confirmasse as informações, jogasse um contra o outro.

Os soldados lutaram ferozmente com espada e fogo, mas não falaram com seus oponentes ou uns com os outros.

Esses dois pareciam tão desfocados e vazios quanto seus camaradas. "Algo está errado com eles", murmurou Azriel enquanto os dois soldados simplesmente os encaravam com violência nos olhos.

Violência, mas nenhum reconhecimento ou consciência de que eles estavam agora à mercê da Corte Noturna, e logo aprenderiam como aquela corte obtinha respostas de seus inimigos. Cassian fungou. "Eles cheiram como se não tomassem banho há semanas." Az fungou também, fazendo uma careta. "Você acha que estes são os soldados desaparecidos de Eris? Ele disse que eles estavam agindo de forma estranha antes de desaparecerem.

Eu certamente consideraria esse comportamento estranho." "Não sei." Cassian enxugou o sangue do rosto com as costas da mão. "Suponho que descobriremos em breve." Ele examinou seu irmão da cabeça aos pés. "Você está bem?"

"Multar." Mas a voz de Az estava firme o suficiente para indicar que sua asa doía como o inferno.

"Precisamos sair daqui.

Pode haver mais.

" Cassian enrijeceu.

Ele deixou Nestha em uma árvore.

Uma árvore alta, certo, mas— Ele se lançou em direção ao céu, sem esperar para ver se Az poderia segui-lo antes que ele estivesse voando em direção àquela extensão de terra.

Melhor do que uma ilha, ele decidiu.

Em uma ilha, ela teria ficado presa.

Mas a faixa de grama em que ele a deixou parecia ter sido uma campina, e a árvore era tão alta que seria preciso um gigante para alcançá-la.

Ou outra coisa com asas. O ar se partiu e Azriel apareceu em seus calcanhares, instável e balançando, mas voando.

A escuridão se ergueu atrás deles, a confirmação de que Az empunhou suas sombras para esconder seus cativos. Cassian rastreou Nestha pelo cheiro de volta para aquela árvore, a névoa clareando apenas quando seus galhos mais altos apareceram.

Mas Nestha não estava. Ele pairou no lugar enquanto examinava a árvore, o solo."Nestha!" Ela não estava na grama ou na próxima árvore.

Ele caiu no chão, rastreando o cheiro dela por toda a área, mas não foi adiante.

Foi direto para a água e desapareceu. Azriel pousou girando no lugar. "Eu não a vejo." A água permaneceu parada como vidro preto.

Não é uma ondulação.

A ilha a quatro metros e meio da água - será que ela foi para lá? Cassian não conseguia respirar direito, não conseguia pensar direito- "NESTA!" Oorid devorou seu rugido antes que pudesse ecoar na água negra.

CAPÍTULO

35

Não havia luz, nada além de água gelada e mãos em garras puxando-a através dele. Ela já tinha estado aqui antes.

Era como o Caldeirão, sendo lançado na escuridão gelada - Era assim que ela morreria, e não havia nada a fazer a respeito, ninguém para salvá-la.

Ela deu seu último suspiro e nem mesmo o fez um bom, tão focada em seu terror que ela tinha esquecido que tinha armas e magia - Armas.

Cego na escuridão, Nestha agarrou a adaga ao seu lado.

Ela lutou contra o Caldeirão.

Ela faria isso agora. Seus ossos gemeram onde o kelpie a agarrou, seu aperto informando-a onde atacar.

Trabalhando contra o movimento da água enquanto ela corria, Nestha cortou sua adaga, rezando para não cortar sua própria perna. O osso reverberou contra a lâmina.

O aperto em sua perna se espalhou, e ela empurrou a ponta de sua adaga mais longe enquanto o braço se afastava. Ela se

debateu na escuridão giratória.

Para cima e para baixo turva e deformada, e ela estava se afogando - Mãos finas

bateram em seu peito, uma envolvendo sua garganta enquanto suas costas batiam em algo macio e sedoso.

O fundo. Não, ela não terminaria assim, indefesa como estivera naquele dia contra o Caldeirão - Lábios e dentes colidiram com sua boca, e ela gritou quando o kelpie a beijou.

Sua língua negra empurrou em sua boca, com gosto de carne nojenta. Por um segundo, ela não estava sob a água, mas contra uma pilha de lenha nas terras humanas, a boca dura de Tomas esmagando a dela, suas mãos apalpando-a ...

Nestha lutou para afastar a cabeça, para libertar a boca, mas o ar encheu seus pulmões.

Como se o kelpie tivesse soprado dentro dela.

Como se ele a quisesse viva um pouco mais, para prolongar sua dor. O kelpie se retirou, e Nestha teve o bom senso de calar a boca dolorida e brutalizada, para prender o fôlego que ele lhe dera.

Para não questionar como tal coisa era possível. As mãos do kelpie rasgaram seu corpo, arrancando todas as armas com mira infalível, como se ele não precisasse ver nesta escuridão, como se aqueles grandes olhos negros pudessem captar qualquer fio de luz como uma criatura do fundo do mar.

Seu corpo inteiro ficou rígido e imóvel, cada toque brutal com direito e furioso e deleitando-se com seu medo. Quando ele a desarmou, seus pulmões estavam queimando novamente, e ela sentiu aquele corpo masculino magro empurrando-a para o fundo mais uma vez quando ele empurrou sua boca para a dela. Ela

engasgou, mas se abriu para ele, deixando-o encher sua boca com outro sopro de vida que não tinha nada a ver com bondade.

Sua língua se contorceu como um verme contra a dela, e suas mãos finas e grandes demais percorreram seus seios, sua cintura, e quando ela engasgou novamente, lutando contra o soluço, a risada dele saiu de seus lábios. Ele se afastou, fileiras de dentes rasgando sua boca enquanto ele o fazia, e ela se agarrou quando ele se demorou, acariciando seu cabelo.

Seu pequeno prêmio - foi o que o toque disse.

Como ele a faria sofrer e implorar antes do fim.

Ela escapou dos monstros do reino humano apenas para encontrar os mesmos acima da parede.

Tinha escapado de Tomas apenas para terminar aqui, furiosa como então. Essa suplicante voz feminina havia desaparecido.

Como se o que quer que ela fosse, quem quer que fosse, ela sabia que nenhuma esperança existia agora. Nestha se atrapalhou internamente por seu poder enquanto o kelpie começou a nadar novamente, uma mão ao redor de seu pulso, puxando-a atrás dele. Suas pernas se chocaram com objetos metálicos e ossos, de alguma forma preservados dentro do pântano. Alguns dos ossos ainda pareciam carnudos. Por favor, ela implorou por aquele poder dentro dela, adormecido, antigo e terrível.

Por favor.

Nestha lançou-se para ele, buscando-o no abismo dentro de si. Ela podia vê-lo brilhando à frente, dourado e brilhante.

Seus dedos se esforçaram para isso. O kelpie nadou mais rápido na escuridão, vagando entre os objetos na água como se fossem as raízes de uma árvore. A coisa dourada se aproximou, e era

um disco redondo, seu poder crescendo cada vez mais perto e mais perto.

Enquanto Nestha era arrastado, aquele disco dourado avançou em direção a seus dedos abertos.

O kelpie não parecia ver; ele não se desviou quando disparou em direção a sua mão estendida. Não foi seu poder que brilhou à frente. O disco dourado conectou-se com seus dedos, e Nestha soube o que era quando o agarrou com força.

Tipo, chamado para gostar.

Poder em poder. O kelpie a puxou, sem perceber.

A respiração de Nestha novamente ficou curta.

Seus pés e pernas cortados em objetos afiados como adagas, rasgando-se em alguns. O poder estava em suas mãos.

A morte a agarrou pela outra. Ela sabia o que fazer com o tipo de clareza que apenas puro desespero e terror poderiam trazer.

Sabia o que ela tinha que arriscar.

Seus dedos apertaram a coisa em sua mão. O kelpie diminuiu a velocidade, como se sentisse sua mudança.

Mas não rápido o suficiente. Ele não conseguiu impedi-la de jogar a máscara no rosto.

CAPÍTULO

36

Seus pulmões pararam de doer.

Seu corpo parou de doer. Ela não precisava de ar.

Ela não sentia dor. Ela podia ver vagamente através das órbitas da máscara.

O kelpie era uma coisa branca e magra - uma criatura de puro ódio e fome. Ele a largou, como se estivesse em choque e medo.

Como se ele hesitasse ao ver o que ela vestia agora. Era tudo de Nestha precisava. Ela podia senti-los ao seu redor.

O morto. Sinta seus corpos há muito apodrecidos, alguns meros ossos e outros preservados, meio comidos sob sua armadura antiga.

Suas armas estavam por perto, descartadas e ignoradas pelas criaturas do pântano, que estavam mais interessadas em se alimentar de carne em decomposição, mesmo podre há muito tempo. Milhares e milhares de corpos.

Mas ela não ligaria para milhares.

Ainda não. O sangue dela era uma canção fria, a Máscara um eco escorregadio, sussurrando tudo o que ela poderia fazer.

Casa, parecia suspirar.

Casa. Nestha não recusou.

Apenas o abraçou, deixando sua magia - mais fria do que a dela e tão antiga -

fluir em suas veias. O kelpie se controlou e mostrou seus pares de dentes antes de saltar. Uma mão esquelética envolveu seu tornozelo. O kelpie girou, olhando para baixo.

Assim como outra mão ossuda, coberta por uma manopla rachada pelo tempo, envolveu o outro tornozelo. Uma mão com a carne caindo de seus dedos agarrou sua juba de cabelo preto. O kelpie girou em sua direção novamente, os olhos negros

arregalados. À deriva na água, o poder da Máscara uma música gelada através dela, Nestha convocou os mortos.

Para fazer o que seu próprio corpo não podia. Embora ela tivesse lutado contra Tomas, contra o Caldeirão, contra o Rei de Hybern, todos haviam acontecido com ela.

Ela havia sobrevivido, mas estava indefesa e com medo. Hoje não. Hoje, ela aconteceria com ele. O kelpie se debateu, libertando-se de uma mão esquelética enquanto outras dez, nas pontas de seus longos braços ossudos, se estendiam.

Seus corpos se ergueram com eles.

Ele tentou nadar para fora de suas garras, mas um esqueleto imponente, meio vestido com uma armadura enferrujada, apareceu atrás dele.

Envolveu seus braços ao redor dele.

Um rosto que era apenas osso espiou por cima do ombro do kelpie, a mandíbula se abrindo para revelar dentes pontiagudos - não Grão-Feéricos, então - que brilhava antes de se enterrarem na carne branca do kelpie. Ele gritou, mas foi silencioso.

Assim como os mortos estavam silenciosos, surgindo do fundo escuro, alguns em formação marchando e convergindo para ele. Nestha deixou o poder fluir através dela, permitindo que a Máscara fizesse o que quisesse, ressuscitando os mortos de honra que uma vez foram enterrados aqui e sofreram o sacrilégio de

servir como uma refeição sem fim para o kelpie e sua laia. O kelpie resistiu aos mortos, seus olhos implorando agora.

Mas Nestha olhou para ele sem um pinga de misericórdia, ainda sentindo seu gosto sujo em sua boca. Ela sabia que ele podia ver seus dentes brilhando.

Sabia que o kelpie podia ver seu sorriso frio enquanto ela ordenava aos mortos que o rasgassem em pedaços. “NESTA!” Até a cintura na água negra, tão escura que não conseguia ver seus próprios quadris sob ela, Cassian rugiu o nome dela enquanto Az voava acima, examinando, examinando ... Ele pegou o cheiro dela na beira da água - seu cheiro e urina, os deuses o condenem ao inferno.

Ela tinha visto algo, foi atacada por algo tão horrível que se molhou, e agora ela se foi, debaixo desta água - “NESTA!” Ele não sabia por onde começar nesta escuridão.

Se ele continuasse a fazer muito mais barulho, outras coisas viriam procurando, mas ele tinha que encontrá-la, ou então ele desmoronaria e morreria, ele ...

“NESTA!” Azriel caiu na água ao lado dele. “Eu não vejo nada”, ele ofegou, os olhos tão frenéticos quanto Cassian sabia que os seus estavam. “Precisamos de Rhys-” “Ele não está respondendo.” Como se o pântano engolisse suas mensagens da mesma forma que engolia o som. Cassian caminhou até o peito, as mãos lutando cegamente por qualquer tipo de pista, um corpo ... Ele berrou com o pensamento, e mesmo Oorid não conseguiu abafar o som. Ele se lançou para a frente e apenas a mão de Azriel na gola de sua armadura o deteve.

Az rosou: “Olha.” Cassian olhou para onde Azriel apontava para as águas mais profundas.

A superfície estava ondulando.

Uma luz dourada brilhou abaixo.

Cassian saltou em direção a ele, mas Az o deteve novamente, seus Sifões brilhando em azul. Então as lanças surgiram na superfície. Como uma floresta surgindo da água, lança após lança após lança apareceu.

Depois, os capacetes pingando água, alguns enferrujados, outros brilhando como se tivessem sido recentemente forjados.

E sob esses capacetes: caveiras. "Mãe, salve-nos", sussurrou Azriel, e era puro terror, não espanto, silenciando sua voz enquanto os mortos ressuscitavam das profundezas de Oorid. Uma linha deles; uma legião.

Algumas meras coleções de ossos eretos, mandíbulas pendentes e olhos cegos.

Um pouco de carne em decomposição, meio preservada, agitando-se sobre as costelas expostas.

A julgar por sua bela armadura, eles eram guerreiros e reis e príncipes e senhores. Eles se ergueram da água, parando na parte rasa perto da ilha espinhosa.

E quando aquela luz dourada surgiu na superfície diante deles, os mortos se ajoelharam. Cada palavra foi esvaziada da cabeça de Cassian quando Nestha também emergiu da água, como se erguida em um pilar por baixo.

Uma máscara dourada pousou em seu rosto, primitiva, mas em relevo com espirais e padrões tão antigos que perderam todo o significado. A água escorria por suas roupas, seu cabelo tinha sido arrancado da trança e, em sua mão, preso ali ... A cabeça de um kelpie pendurada por sua folha de cabelo preto, o rosto rasgado congelado em um grito.

Exatamente como a cabeça do Rei de Hybern estava pendurada em sua mão.

Apenas fogo prateado queimava por trás dos olhos da Máscara. - Santos deuses -

Azriel suspirou.

Os mortos ficaram imóveis, uma legião pronta para atacar.

A vontade dela era a vontade deles; seu comando sua única razão de ser.

Eles não tinham nenhum eu - apenas ela, apenas Nestha, fluindo através deles.

"Nestha", sussurrou Cassian. Nestha soltou a cabeça do kelpie.

A água negra a seus pés engoliu tudo. O poder frio ondulou em direção a eles e,

ao atingi-los, Cassian deixou que passasse por ele, ao seu redor, rendeu-se a ele.

Porque enfrentar isso seria provocar a ira da Máscara.

Ficar contra isso seria enfrentar a própria Morte. A própria morte. Azriel estremeceu, resistindo a esse poder primordial. Mas os dois eram illyrianos, gostasse Az ou não.

E então eles fizeram o que seu povo sempre fez antes do belo rosto da Morte.

Eles se curvaram. Na água com o peito afundado, eles não podiam se curvar muito, mas baixaram a cabeça até que seus rostos quase tocassem a superfície.

Cassian ergueu os olhos enquanto mantinha a posição e observou o reflexo dourado da Máscara dançar sobre a água.

Então esse ouro mudou. Ele ergueu a cabeça a tempo de ver Nestha tirar a máscara. Os mortos desabaram.

Caiu sob a superfície negra em respingos e ondulações e desapareceu completamente.

Não sobrou uma lança. Nestha afundou como se tivesse caído também.

Cassian se lançou para ela, a água gelada mordendo seu rosto.

Ele a agarrou assim que ela afundou. Ela estava quase sem ossos quando ele a puxou de volta para Az, que tinha sua espada contra qualquer coisa que pudesse sair rastejando daquela água.

Quando eles alcançaram a costa e a grama e a árvore, Cassian examinou seu rosto pálido, rasgou e coçou ao redor de sua boca e mandíbula - Nestha piscou, e seus olhos estavam novamente azul-acinzentados, e então ela estava segurando a máscara contra o peito como uma criança com uma boneca e tremendo, tremendo, tremendo. Tudo o que Cassian pôde fazer foi abraçá-la e abraçá-la, até que o tremor parasse e a inconsciência lhe oferecesse a misericórdia do esquecimento.

CAPÍTULO

37

Havia um lugar na Corte dos Pesadelos onde nem mesmo Keir e seu esquadrão de elite de Darkbringers ousavam pisar. Uma vez que os inimigos da Corte Noturna entraram naquele lugar, eles não saíram.

Não vivo, de qualquer maneira. A maior parte do que restou de seus corpos também não saiu.

Esses passaram pela escotilha no centro da sala circular - e para o fosso de bestas se contorcendo abaixo.

Para suas escamas e garras e fome impiedosa.

As feras não se alimentavam com freqüência; podiam receber um corpo a cada dez anos e fazê-lo durar, entrando em hibernação

entre as refeições. O sangue escorrendo dos dois homens da Corte do Outonal através da grade do chão de pedra negra os acordou. Seus rosnados e assobios, suas caudas estalando e garras rasgantes deveriam ter incentivado os machos acorrentados às cadeiras a falar.

Azriel encostou-se à parede perto da única porta, o Truth-Teller ensanguentado na mão.

Cassian, um passo ao lado dele, e Feyre, do outro lado de Az, observaram enquanto Rhys e Amren se aproximavam dos dois homens. "Você está se sentindo mais inclinado a se explicar?" Rhys disse, as mãos deslizando para os bolsos. Apenas o conhecimento de que Nestha dormia em segurança em um

quarto no palácio de Rhys acima desta montanha, protegido pelo poder de seu Grão Senhor, permitiu que Cassian permanecesse neste quarto.

A máscara, coberta com um pano de veludo preto, estava sobre uma mesa em outra sala do palácio, igualmente protegida e enfeitiçada.

Azriel os havia transportado para longe do pântano momentos depois que Nestha desmaiou e os trouxe para a residência de Rhys no topo da Cidade Hewn.

Cassian sabia, quando Rhys desapareceu um segundo depois, que ele tinha ido para o pântano para os soldados da Corte do Outonal e os traria aqui. Nestha estava inconsciente desde então. Os dois homens eram parecidos, da maneira que as pessoas de cortes individuais tendiam a compartilhar características: a Corte do Outonal voltada para cabelos de vários tons de vermelho, castanho ou dourado, olhos às vezes verdes e principalmente pele pálida.

O homem à esquerda tinha cabelos ruivos mais castanhos; o cabelo do da direita brilhava como cobre brilhante.

Ambos permaneceram com o rosto vazio. “Eles devem estar sob algum tipo de encantamento,” Amren observou, circulando os machos.

“Sua única motivação parece ser prejudicar sem razão, sem contexto.” “Por que você atacou membros da minha corte no Pântano de Oorid?” Rhys perguntou com a mesma calma suave que tantos tinham ouvido antes de serem feitos em pedaços de sangue. Rhys concordou que os soldados que atacaram eram provavelmente os soldados da Corte do Outonal que haviam desaparecido, mas como eles acabaram no Pântano de Oorid... Bem, era isso que pretendiam descobrir.

Rhys tentou entrar em suas cabeças, mas não encontrou nada além de névoa e névoa. Os machos apenas olharam para Cassian, para Azriel, e se eriçaram com violência. Feyre observou da parede: “Eles são como cães raivosos, perdidos para a sanidade.” “Eles lutaram como eles também”, disse Cassian.

“Sem inteligência - apenas desejo de matar.” Rhys estendeu a mão em direção ao de cabelo castanho, o macho sangrando de lugares que Azriel sabia que doeria,

mas não mataria.

Az sabia onde cortar um macho sem deixá-lo sangrar.

Sabia como fazer isso durar dias. “Se eles estão sob um feitiço de Briallyn ou Koschei”, perguntou Feyre, “então é certo prejudicá-los assim?” A pergunta ecoou pela câmara, acima do rosnado das feras famintas. Rhys disse depois de um momento: “Não.

Não é.

” Amren disse a Feyre: “A névoa em torno de suas mentes e o fato de que suportaram os cuidados de Azriel sem mostrar uma

compreensão de nada além da dor básica pelo menos confirma nossas suspeitas". "Se é assim que você deseja justificar", disse Feyre um pouco friamente, "então tudo bem." Todos eles, Feyre incluído, foram torturados em um ponto ou outro. Feyre se voltou para Rhys.

"Precisamos pedir a Helion para visitar.

Não para - você sabe, "ela disse, olhando para os dois soldados, que poderiam muito bem ainda estar cientes de tudo, mesmo presos em suas cabeças," mas para quebrar o feitiço sobre eles.

" - Sim - disse Rhys, os olhos brilhando com algo parecido com culpa e vergonha.

Alguma conversa silenciosa passou entre ele e sua companheira, e Cassian sabia que Rhys estava perguntando sobre a tortura - desculpando-se por fazer Feyre testemunhar mesmo os dez minutos que Azriel havia trabalhado. Mas Feyre, Cassian sabia, estava ciente do que veria antes de entrar.

E bem ciente de que aqueles dez minutos foram apenas os movimentos iniciais de uma sinfonia de dor que Azriel poderia conduzir com eficiência brutal. O

rosto de Feyre se suavizou após um momento, e ela ofereceu a Rhys um leve sorriso que fez seus olhos brilharem.

Rhys declarou: "Eles ficam aqui, sob guarda.

Entrarei em contato com Helion imediatamente.

" Cassian perguntou: "E Eris? Quando lhe contamos que encontramos seus soldados? Ou o que fizemos com a maioria deles? " "Você agiu em legítima defesa", disse Feyre, cruzando os braços."No que me diz respeito, quem quer que estivesse controlando os soldados é o culpado por suas mortes, não

você."Amren acrescentou: "Contaremos a Eris assim que verificarmos tudo.

Ainda existe a possibilidade de que ele esteja de alguma forma por trás disso."

Feyre acenou em aprovação, mas sua boca se apertou.

"Esses dois homens têm famílias que certamente estão preocupadas com eles.

Devemos ser o mais rápido possível.

" Cassian excluiu o pensamento de todos os homens que ele não havia deixado de pé - todos eles tinham famílias preocupadas também.

Cada morte teve um peso, enviou uma onda para o mundo, para o tempo.

Era muito fácil esquecer isso.

Ele olhou para Az, mas o rosto de seu irmão estava frio como uma pedra.

Se Az se arrependeu do que eles fizeram, ele não revelou nenhum indício disso.

Cassian dobrou suas asas.

"Seremos o mais rápido que pudermos." Eles deixaram os machos na sala, o sangue ainda escorrendo para os animais se contorcendo. Eles caminharam para cima, saindo das masmorras da Cidade Hewn, do próprio lugar miserável, até que pararam entre os pilares de pedra da lua do belo palácio acima dele.

Rhys apontou para a sala com a máscara.

Ele abriu a porta e ficou rígido. Nestha se sentou à mesa, olhando para a máscara coberta de pano. "Como você chegou aqui?" Rhys perguntou, a noite girando em

suas mãos.

Cassian sabia que seu irmão havia tornado as proteções da porta impenetráveis.

Ou deveriam ter sido. "A porta estava aberta", disse Nestha entorpecida, e examinou seus rostos como se procurasse alguém.

Cassian entrou na sala e os olhos dela pousaram nele. Ele ofereceu a ela um sorriso severo. "A máscara abriu a porta para você?" Amren exigiu. "Eu me vi acenando para cá", disse Nestha, enquanto olhava para Cassian. Procurando ferimentos, ele percebeu.

Ela estava procurando ver se ele foi ferido.

Como se ele fosse o de boca brutalizada, pescoço marcado por garras, panturrilhas e canelas laceradas.

As feridas dela tinham parado de sangrar, já cicatrizavam, mas - Caldeirão, maldito seja, ele não suportava ver um hematoma nela. "Isso fala com você?"

Feyre perguntou, inclinando a cabeça. Cassian havia contado tudo a eles - pelo que ele pôde perceber.

Nestha foi atacada por um kelpie, arrastado para baixo da água e, de alguma forma, encontrou a máscara.

Convocou os mortos de Oorid até ela para matar o kelpie.

E saiu triunfante. "Só um idiota desesperado colocaria essa máscara", disse Amren, mantendo-se bem longe da mesa.

Se era para colocar distância entre ela e Nestha ou para evitar a máscara, ele não tinha ideia.

“Você tem sorte de conseguir arrancar isso de seu rosto.

A maioria das pessoas que o usaram nunca conseguiria removê-lo.

Para cortá-lo, eles tiveram que ser decapitados.

É o custo do poder: você pode levantar um exército de mortos para conquistar o mundo, mas nunca poderá se livrar da Máscara.

” “Eu queria que ele me soltasse, e assim aconteceu”, disse Nestha, examinando Amren com frio desdém. “Gostar chama para gostar”, disse Rhys.

“Outros não conseguiram se libertar porque a Máscara não reconheceu seu poder.

A Máscara os montou, não o contrário.

Apenas um feito da mesma fonte escura pode usar a máscara e não ser governado por ela.

” “Para que a rainha Briallyn pudesse usá-lo”, disse Azriel. “Talvez seja por isso que os soldados da Corte Outonal estavam em Oorid: ela ainda não pode arriscar pôr os pés aqui, mas encontrou uma unidade para buscá-la.” As palavras ondularam pela sala. Nestha novamente olhou para a Máscara. “Deve ser destruído.” “Isso não é possível”, disse Amren. “Talvez se o Caldeirão tivesse sido realmente destruído, a Máscara poderia ter sido enfraquecida o suficiente para que os Grão-Senhores e Feyre juntassem seu poder e fizessem isso.” “Se o Caldeirão tivesse sido destruído”, disse Feyre com um arrepio, “a vida teria deixado de existir.” “Então a máscara permanece”, Amren disse ironicamente.

“Isso só pode ser tratado.

Não eliminado.

” “Devíamos jogá-lo no mar, então”, disse Nestha. “Não gosta de mortos-vivos, garota?” Perguntou Amren. Nestha deslizou os olhos para Amren de uma forma que Cassian se preparou para o pior.

“Nada de bom pode vir de seu poder.” “Se o despejarmos no mar”, disse Azriel,

“alguma criatura malvada pode encontrá-lo.

É mais seguro mantê-lo trancado conosco.” “Mesmo que possa abrir portas e desfazer feitiços?” Rhys perguntou. “Gostar chama para gostar”, disse Feyre no silêncio intrigado.

“Talvez Nestha pudesse protegê-lo e trancar o quarto.

Contenha-o.

” “Eu não sei fazer aqueles feitiços”, disse Nestha.

“Eu falhei no mais básico deles enquanto treinava com Amren, lembra?” A cabeça de Feyre se inclinou para um lado.

“É isso que você pensa, Nestha? Que você falhou? ” Nestha se endireitou, e o peito de Cassian apertou na parede que se ergueu em seus olhos, tijolo por tijolo.

Na verdade, Nestha havia deixado escapar aquela palavra. “Não importa”, disse ela, seu antigo eu erguendo a cabeça quando seu queixo se ergueu. “Diga-me como fazer os feitiços e eu tentarei.” Ela dirigiu a última parte para Amren, para Rhys. “Quando Helion vier,” Rhys disse gentilmente, como se ele também entendesse o que Nestha havia revelado, “Eu vou mandar ele mostrar a você.

Ele conhece feitiços para proteger que mesmo eu não."O silêncio se tornou tenso o suficiente para que Cassian se obrigasse a sorrir."Considerando que Nestha rejeitou os avanços latentes de Helion durante a guerra, ele pode não estar tão inclinado a ajudá-la." "Ele vai ajudar", disse Rhys, as estrelas brilhando em seu olhar."Se apenas por outra chance com ela." Nestha revirou os olhos, e o gesto foi tão normal que o sorriso de Cassian se tornou mais genuíno, agora com alívio. Você veste seu coração para que todos vejam, irmão, Rhys disse sem se voltar para Cassian. Cassian apenas deu de ombros.

Ele estava além de se importar. Feyre disse a Nestha: "Devíamos pedir a Madja para cuidar de seus ferimentos." "Eles já estão se curando", disse Nestha, e Cassian se perguntou se ela tinha alguma ideia de como estava horrível. Na verdade, Amren disse: "Você parece um gato que tentou comer sua cara." Ela fungou."E você cheira a pântano." "Ser arrastado por um pântano vai fazer isso com você", disse Cassian a Amren, ganhando um olhar surpreso de Nestha.

Ele perguntou a ela: "Como o kelpie te prendeu?" A garganta arranhada de Nestha balançou."Eu fiquei... nervoso quando vocês - vocês dois - não

voltaram." O silêncio na sala era palpável."Eu fui te encontrar." Cassian não se atreveu a dizer que só tinha partido há trinta minutos.

Trinta minutos, e ela estava em pânico assim? "Nós não teríamos te deixado,"

ele disse cuidadosamente. "Eu não tinha medo de ser deixado.

Tive medo de que vocês dois estivessem mortos." O fato de ela continuar enfatizando vocês dois apertou seu peito.

Ele sabia o que ela cuidadosamente evitava dizer.

Ela estava preocupada o suficiente para se aventurar nos perigos de Oorid por ele. Nestha se desviou de seu olhar.

“Eu estava prestes a entrar na água quando o kelpie apareceu.

Ele rastejou até a margem, falou comigo e depois me arrastou para dentro.

” “Ele falou com você?” Rhys perguntou. “Não em um idioma que eu conhecia.”

A boca de Rhys se curvou para o lado. “Você pode me mostrar?” Nestha franziu a testa, como se não quisesse reviver a memória, mas assentiu.

Os olhares de ambos ficaram vagos e então Rhys se afastou. “Aquela coisa ...”

Ele examinou Nestha com choque flagrante por ela ter sobrevivido.

Rhys se virou para Amren. “Ouça.” Seus olhos ficaram vidrados e nenhum deles falou como Rhys mostrou a Amren. Até o rosto de Amren empalideceu com o que quer que Rhys lhe mostrasse, e então ela balançou a cabeça, seu cabelo preto balançando.

“Esse é um dialeto da nossa língua que não é falado há quinze mil anos.” “Eu só conseguia entender todas as outras palavras”, disse Rhys. Feyre arqueou uma sobrancelha. “Você fala a língua dos antigos Feérico?” Rhys encolheu os ombros.

“Minha educação foi completa.” Ele acenou uma mão ociosa e graciosa.

“Exatamente para essas situações.” Azriel perguntou: “O que o kelpie disse?”

Amren lançou um olhar alarmado para Nestha, então respondeu: - Ele disse:

Você é meu sacrifício, doce carne? Como você é jovem e pálido.

Diga-me, eles estão reiniciando os sacrifícios às águas mais uma vez? E quando ela não respondeu, o kelpie disse: Nenhum deus pode te salvar.

Vou levá-la, beleza, e você será minha noiva antes de ser minha ceia." A mão de Nestha foi para as marcas em seu rosto, então recuou. Horror deslizou por Cassian - então raiva derretida. "As pessoas costumavam se sacrificar para kelpies?" Feyre perguntou, enrugando o nariz com nojo e pavor. "Sim", disse Amren, carrancudo.

"Os Feérico e humanos mais antigos acreditavam que os kelpies eram deuses do rio e do lago, embora eu sempre me perguntasse se os sacrifícios começaram como uma forma de evitar que os kelpies os caçassem.

Mantenha-os alimentados e felizes, controle as mortes e eles não sairão da água para pegar as crianças.

" Seus dentes brilharam."Para que este ainda fale aquele dialeto antigo... ele deve ter se retirado para Oorid há muito tempo." "Ou sido criado por pais que falavam esse dialeto", rebateu Azriel. "Não", disse Amren.

"Os kelpies não se reproduzem.

Eles estupram e atormentam, mas não se reproduzem.

Eles foram feitos, diz a lenda, pelas mãos de um deus cruel - e depositados nas águas desta terra.

O kelpie que você matou, garota, foi talvez um dos últimos. Nestha olhou para a Máscara novamente. Rhys disse: "Ele voou até você.

A máscara." Ele deve ter visto em sua cabeça. "Eu estava tentando alcançar meu poder", Nestha murmurou, e todos eles se acalmaram - ela nunca tinha falado sobre seu poder tão explicitamente."Isso respondeu em vez disso." "Gostar chama para gostar", repetiu Feyre.

"Seu poder e o da Máscara são semelhantes o suficiente para que alcançar um

fosse alcançar o outro." "Então você admite que seus poderes permanecem,"

Amren disse secamente. Nestha encontrou seu olhar."Você já sabia disso."

Cassian interveio antes que as coisas piorassem."Tudo bem.

Deixe a Lady Death descansar um pouco." "Isso não é engraçado", sibilou Nestha. Cassian piscou, mesmo enquanto os outros ficavam tensos.

"Eu acho que é cativante." Nestha carranca, mas era uma expressão humana, e ele aceitaria isso a qualquer dia sobre aquele fogo prateado.

Sobre o ser que andou sobre as águas e comandou uma legião de mortos. Ele se perguntou se Nestha concordaria.Nestha hospedou-se no palácio de selenita no topo da cidade Hewn.

Feyre sugeriu que a abertura brilhante seria melhor do que os corredores escuros e vermelhos da Casa do Vento.

Pelo menos por esta noite. Nestha estava muito cansada para discordar, para explicar que a Casa era sua amiga e teria mimado e se agitado como uma velha babá. Ela mal notou o quarto opulento - pendurado na lateral da montanha, picos cobertos de neve brilhando ao sol ao redor, uma cama empilhada com lençóis e travesseiros brancos brilhantes e... Bem, ela notou

a piscina afundada, aberta para o ar além , água derramando sobre a borda projetada acima da gota e escorrendo para a queda infinita abaixo. Fitas de vapor serpenteavam ao longo de sua superfície, convidativas e cheirosas de lavanda, e ela teve presença de espírito suficiente para tirar as roupas e entrar antes de manchar os lençóis novamente.

Eles já haviam sido trocados desde que ela dormiu antes - ela sabia porque havia deixado uma grande marca de lama na cama quando ela se levantou, e agora estava intocada. Nestha mergulhou na banheira, fazendo uma careta quando a água picou suas feridas.

Além dos picos, o sol mudou de ouro branco para amarelo, afundando em direção ao abraço da terra.

Nuvens gordas e fofas passavam, cheias de luz cor de pêssego, lindas contra o

céu púrpura.

Seus dedos subiram para o cabelo, e enquanto ela arrastava as mãos pela confusão emaranhada e ainda encharcada, ela observou o céu se transformar no pôr do sol mais lindo que ela já viu.

Pedaços de erva daninha e lama caíram de seu cabelo, levados pela água até a beira da piscina. Suspirando, Nestha deslizou para baixo, com o rosto ardendo, e esfregou o couro cabeludo.

Ela emergiu, seu cabelo ainda era espesso e arenoso, e examinou a parede ao lado da piscina - ali.

Frascos do que deviam ser misturas para lavar o corpo e o cabelo. Ela derramou uma colherada nas mãos, o nariz se enchendo com o cheiro de menta e alecrim, e esfregou o cabelo.

Ela deixou o cheiro inebriante puxar a tensão dela tanto quanto podia, e ensaboou seus cabelos pesados.

Outro mergulho na água a fez enxaguar as bolhas.

Quando ela saiu, ela pegou a barra de sabão que cheirava a amêndoas doces.

Nestha lavou cada parte de si duas vezes.

E só quando ela terminou ela se permitiu contemplar a vista novamente.

O pôr do sol estava no auge, o céu em chamas com rosa e azul e ouro e roxo, e ela desejou que ele a preenchesse, para limpar qualquer traço remanescente da escuridão de Oorid. Ela nunca experimentou nada parecido com o poder da Máscara.

O kelpie, pelo menos, parecia real - seu terror, raiva e desespero eram todos sentimentos humanos comuns.

Assim que ela vestiu a máscara, esses sentimentos desapareceram.

Ela havia se tornado mais, havia se tornado algo que não precisava de ar para

respirar, algo que não entendia o ódio, o amor, o medo ou a tristeza. Isso a assustou mais do que qualquer outra coisa.

Essa total falta de sentimento.

Como era bom ser tão removido. Nestha engoliu.

Ela não tinha confessado a nenhum deles.

Ela estava contemplando a Máscara quando a encontraram em seu quarto, contemplando aquele vazio.

Imaginando se alguém já vestiu a máscara não para ressuscitar os mortos, mas simplesmente para parar de estar dentro de suas próprias mentes. Ela estava ciente, sim.

Matou o kelpie porque o desejava morto.

Mas todo o peso, os pensamentos que ecoavam, o ódio e a culpa que a cortavam como facas - eles haviam desaparecido. E foi tão sedutor, tão libertador e adorável, que ela soube que a Máscara tinha que ser destruída.

Nem que fosse para se salvar disso. Mas não pode ser destruído.

E ela era a única pessoa que poderia contê-lo. Não importa que, pelo mesmo motivo, ela seria a única pessoa com acesso a ele.

Todos os outros estariam a salvo de sua tentação e poder - exceto ela.

Aquele que mais precisava ser barrado. Uma batida soou em sua porta, e Nestha caiu abaixo da superfície escura da piscina, deixando seus longos cabelos cobrirem seus seios, antes de dizer: "Sim?" Cassian entrou com uma bandeja de comida na mão e parou quando não a viu na cama.

Seus olhos dispararam para a piscina afundada, e ela poderia jurar que ele quase deixou cair a bandeja no tapete branco. "Eu você." Sua perda de palavras foi o suficiente para tirá-la de seus pensamentos, para curvar os cantos de sua boca para cima. "Eu?" Ele balançou a cabeça como um cachorro molhado.

"Eu trouxe um pouco de comida.

Achei que você gostaria de jantar." "Não há sala de jantar?" "Há, mas achei que você poderia precisar relaxar." Ela o examinou, surpresa que ele a conhecesse bem o suficiente para adivinhar que a ideia de falar com todos novamente, de se vestir com roupas adequadas, era desgastante - miserável.

Conhecia-a bem o suficiente para perceber que ela preferia comer em seu quarto e se recompor. Cassian pigarreou. "Vou colocá-lo ali." Ele apontou com o queixo para a mesa ao lado da borda da banheira, onde a água caiu da montanha. Nestha girou enquanto ele caminhava um pouco rigidamente até a mesa e pousou a bandeja. "Direita." Ele pigarreou novamente. "Aproveite seu banho.

E a refeição.

" Ver Cassian tão perturbado afastou as sombras de seu coração.

Os pensamentos da máscara tornaram-se um estrondo distante. "Você quer entrar?" Ele prendeu a respiração, mas algo como a dor tomou conta de suas feições. "Você está ferido." Nestha se levantou, a água escorrendo dela, seu cabelo grudando em seus seios e nada fazendo para esconder seus mamilos pontiagudos. "Eu pareço ferido para você?" Ele acenou com a cabeça em direção aos cortes com crostas por todo o corpo dela, seu rosto. "Sim?" Ela bufou. "Parece pior do que parece agora." Cassian não respondeu, seu peito subindo e descendo em um ritmo acelerado.

A cada levantamento irregular, ela começou a latejar entre as pernas, como se seu corpo respondesse ao dele. Sim, seu corpo parecia dizer.

Este - ele.

Vida para afastar a Máscara; vida para afastar o horror de Oorid.

A necessidade de tocá-lo, sentir seu calor e força, martelou por ela. Se ele não quisesse entrar no banho, ela teria que ir até ele. Nestha caminhou em direção aos degraus da banheira afundada, e Cassian ficou rígido. Ele sussurrou: "Pensei que você estivesse morto hoje." Nestha alcançou as escadas. "Eu também." Ela

deu um passo para cima, expondo sua barriga."Eu pensei que você estava morto também." "Você deve ter ficado feliz." Ela sorriu, observando o olhar dele cair com cada pedaço dela revelado.

Outro passo para cima teve seu sexo descoberto para ele.

"Não me deixou feliz." Ela alcançou o chão da sala. Através do que Nestha sabia que eram quinhentos anos de vontade, Cassian levantou seu foco para o rosto dela enquanto ela caminhava para ele, a água pingando de seu corpo."Você quer fazer isso?" ele respirou. "Sim." Ela parou a um pé de distância, seu cabelo molhado caído ao longo de seu torso, e olhou para o rosto dele.

Seus olhos queimaram como estrelas de avelã.

Nestha lhe deu um sorriso que era puro Feérico."Apenas sexo." As palavras pareceram acender algo, porque Cassian piscou."Direita.

Apenas sexo.

" Ele não disse isso tão levemente quanto ela.

E ainda não a alcancei. Então ela disse: "Não pode haver nada mais do que sexo, Cassian". Sua mandíbula se apertou e ele parecia lutar com alguma batalha interna antes de dizer sombriamente: "Então eu aceito tudo o que você me oferecer." Ele se inclinou, seu corpo ainda não tocando o dela, e disse contra seu ouvido: "E eu vou levá-la como você quiser." Os dedos dos pés enrolaram nas pedras, o cabelo pingando."E se eu quiser levar você?" Ele sorriu contra seu ouvido."Então eu vou implorar para você me montar no esquecimento." Ela se derreteu, e pela forma como as asas dele se dobraram, ela sabia que ele podia sentir o cheiro da umidade crescendo entre suas coxas. Cassian gentilmente puxou o cabelo molhado de seus seios.

Sua respiração veio em ofegos afiados quando ele traçou a ponta de um dedo ao redor de seu mamilo.

Então fiz de novo. As palavras a iludiram.

Ela não conseguia se lembrar de nenhum deles, não conseguia se lembrar de

nada, exceto aquele dedo, circulando seu mamilo, seu corpo inteiro latejando de necessidade. Cassian deu um tapinha em seu mamilo, uma mordida dura e afiada que a fez gemer. Desesperado por mais dele, por tudo dele, Nestha disse: "Faça o que quiser." Ele circulou seu mamilo novamente, um predador brincando com seu jantar.

"Isso não parece muito empolgante, faça o que quiser." Ele segurou seu mamilo entre o polegar e o indicador, a demanda o suficiente para que ela olhasse para o rosto dele.

Ele era o retrato da arrogância masculina, um guerreiro pronto para conquistar, e ela quase atingiu o clímax ao vê-lo.

Seus olhos escureceram. "A maneira como às vezes você olha para mim me faz pensar coisas tão nojentas, Nestha." "Faça-os.

Faça todos eles.

" Ele beliscou seu mamilo quase sem dor, e ela se arqueou com o toque, um pedido silencioso por mais, para que ele se liberasse.

"Não temos tempo em uma noite para todas as coisas que quero fazer com você.

Cada lugar que eu quero tocar e preencher você.

" Ela esfregou as coxas, desesperada por qualquer atrito. "Então faça o seu melhor." Cassian riu sombriamente, mas a outra mão subiu para o seio intocado dela, circulando também.

Ela observou seus dedos castanhos claros brincar contra sua pele pálida, observou-o tocá-la como se quisesse mapear cada centímetro de seu corpo e tivesse todo o tempo do mundo para fazê-lo.

Abaixo de sua cintura, ela podia apenas ver sua dureza. "Você quer me chupar de novo?" ele sussurrou em seu ouvido. "Você me quer na sua garganta de novo?"

Nestha soltou um gemido de confirmação. "Você ainda me provou dias depois?"

Ela não podia responder, não podia revelar a verdade. Seus dedos se fecharam em seus mamilos, atraindo dor apenas o suficiente para que ela ficasse

totalmente molhada. "Você fez?" "Sim.

Eu provei você por dias.

" As palavras saíram, e com elas, clareza e fome aguçaram seu foco.

Arrancou-a daquele torpor necessitado. "Eu tenho pensado em seu pau na minha boca todas as noites desde então, enquanto eu tinha minha mão entre as minhas pernas." Ele rosou, e ela deslizou a mão contra sua dureza, apertando.

Ela ergueu a cabeça e encontrou seu olhar sombrio, mostrando os dentes. "Eu também pensei em sua cabeça entre minhas pernas", disse ela, com o coração disparado, "e como sua língua deslizou para dentro de mim." Ela o apertou novamente. Cassian gemeu, e seus polegares acariciaram seus mamilos muito sensíveis. Nestha colocou a outra mão em seu peito, empurrando-o em direção à cama, e ele foi de boa vontade, deixando-a definir o ritmo, a localização. "Eu prometi que você poderia me foder onde quisesse na casa", disse ela, sua voz um ronronar profundo e ondulante que ela mal reconheceu.

A parte de trás de suas coxas bateu na cama e ele a parou, uma mão caindo em sua cintura para firmá-las."Mas esta não é a casa." Sua respiração áspera ao redor deles enquanto ela sorria para suas feições tensas e tensas."Então, acho que isso significa que vamos foder onde eu quiser." Cassian sorriu, e a mão em sua cintura desceu para segurar sua bunda nua.

Ele apertou uma bochecha."Contanto que eu ainda possa te foder na Casa." Ela encontrou seu sorriso selvagem."Bom." A mão dele vagou mais para o sul, entre as pernas dela, sentindo-a por trás.

Seus dedos roçaram a umidade acumulada ali, e ele praguejou, puxando a mão para trás, segurando-a entre eles.

A umidade dela brilhou em seus dois dedos, e seus olhos brilharam com intenção predatória quando ele os levou à boca e os lambeu, um por um. Seu corpo doía, apertando em torno do vazio, desesperado por algo para preenchê-lo.

Para ele preencher.

Ela acariciou com os dedos o comprimento de seu pênis, ainda preso dentro de suas calças.

E quando ela fez uma segunda passagem, ele inclinou sua boca sobre a dela. Foi um beijo intenso e provocador. Ela mordeu o lábio inferior.

E então ele a estava agarrando, esmagando seus corpos juntos, ambas as mãos agora segurando sua bunda enquanto ele a pressionava contra seu comprimento.

Suas bocas abertas se chocaram e se encontraram, e ela se saboreou em sua língua, seus dedos agarrando seu cabelo sedoso, arrastando-se contra seu couro cabeludo. Cassian se torceu, virando-os, e então ela estava deitada contra o colchão enquanto ele estava diante dela. Ele afastou a boca enquanto

apoiava as pernas dela na cama, dobrando-as na altura dos joelhos.

Enquanto ele a puxava para a beira do colchão, para que seu sexo ficasse à mostra para ele. Ele se ajoelhou, as pernas subindo acima dele, e arrastou sua língua para limpar seu centro. Nestha gemeu no mesmo momento que ele, e ele a deixou se contorcer, como se soubesse que a atormentaria mais se ondular, mas não ter nada para preenchê-la, não até que ele desejasse.

Ele deu-lhe outra lambida saborosa, demorando-se no ápice de suas coxas, sugando o feixe de nervos em sua boca, beliscando com os dentes, antes de começar de novo. De novo.

De novo. Ele a estava devorando, derretendo seu corpo como um pedaço de chocolate na língua. Ela não aguentou e apertou o próprio seio, desesperada por mais toque, mais sensação.

Ele ergueu os olhos por entre as pernas dela e notou sua mão massageando o seio.

Marcou e sorriu, seus dentes brilhando brancos contra o brilho corado dela. "Você gosta de me ver ajoelhar diante de você?" ele perguntou, as palavras retumbando em seu âmago.

Ele mergulhou sua língua nela. "Você tem o gosto de você." Nestha arqueou-se,

empurrando-se ainda mais sobre sua língua, mas Cassian apenas riu contra ela e negou o que ela desejava.

Ele deu-lhe outra lambida lenta, lenta da base ao topo, e quando alcançou aquele feixe de nervos, ele deslizou dois dedos dentro dela. Dois, não um, porque ele parecia saber que ela já estava esperando por ele, que o queria desamarrado, áspero e selvagem.

Ela se curvou para fora da cama, e ele enfiou os dedos novamente, sua respiração irregular quando disse: "Como você quer?" Ele bombeou sua mão nela novamente, torcendo sua resposta.

"Duro," ela engasgou. "Agradeça a Mãe," ele jurou, e ela ouviu metal estalando e couro sussurrando, e então sua língua a acariciou novamente, passando por aquele feixe de nervos, subindo por seu estômago, até seus seios, até que ele estava sobre ela. Cassian a empurrou ainda mais para a cama.

Ela não se importou que suas pernas se abrissem para ele, apenas se importava que ele estivesse agora nu, e todos aqueles músculos ondulantes e pele dourada brilharam acima dela. Ele se abaixou até o berço de suas coxas, e seus olhos estavam tão arregalados que ela podia ver o branco ao redor deles.

Ele abriu a boca, mas ela não queria ouvir as palavras, não queria saber o que ele estava prestes a dizer.

Ela emoldurou o rosto dele com as mãos e o beijou ferozmente, sua língua raspando seus dentes enquanto apertava suas bocas. A ponta larga de seu pênis cutucou em sua entrada, deslizando na maciez lá, e ele se abaixou para se guiar. No primeiro golpe de Cassian em seu corpo, o fogo estourou dentro dela.

Ela ofegou em sua boca, mordiscando seu lábio inferior enquanto ele se acomodava.

Apenas um centímetro. Ele parou.

Ele era grande o suficiente para que o alongamento fosse marcado pela dor mais doce - grande o suficiente para que ela se perguntasse se ela seria capaz de caber

por inteiro nele.

Ele tremeu, segurando-se mal dentro dela, como se agora estivesse se perguntando o mesmo. Sua hesitação, seu cuidado, derreteram alguns fragmentos gelados dentro dela.

E a fez se livrar de qualquer restrição. Nestha agarrou sua bunda, os músculos flexionando sob as pontas dos dedos, e puxou-o para ela. Apenas mais um centímetro.

Apenas mais um centímetro, porque Cassian apoiou os braços contra a cama, os quadris puxando contra ela. "Vou feri-lo." "Eu não me importo." Ela passou a língua por sua mandíbula. "Eu faço", ele grunhiu, o corpo se esticando enquanto ela tentava puxá-lo para dentro dela. "Nestha." Seus dedos cravaram de novo, seu próprio sangue e ossos clamando por mais dele, mas ele se recusou a se mover.

"Nestha.

Olhe para mim." Lutando contra o rugido de seu corpo, ela obedeceu.

O calor brilhou em seus olhos, e algo mais do que isso. "Olhe para mim", sussurrou Cassian. Os deuses a pouparam, mas ela o fez.

Ela não conseguia tirar o olhar dele.

Encontrou-se caindo em seus olhos escuros, seu belo rosto. Seus quadris flexionaram e ele deslizou mais um centímetro - então recuou quase até a borda dela. A respiração deles sincronizou e Nestha se acalmou embaixo dele, uma sensação de calma absoluta, plenitude absoluta se espalhando por ela enquanto seus quadris se moviam novamente, e ele empurrou de volta, um pouco mais longe desta vez. Cassian sustentou seu olhar através de cada pequeno impulso, cada retirada.

Ele a esticou, enchendo-a centímetro a centímetro, e Nestha sabia que ele estava certo em ir devagar para esta primeira

união. Recuando e avançando, Cassian a preencheu.

Eles não disseram nada, apenas compartilharam a respiração, seus olhos

arregalados enquanto se olhavam. Ele puxou para fora novamente, o movimento longo o suficiente desta vez para que ela soubesse que ele estava quase totalmente dentro.

Ele parou, seu pênis mal dentro dela, e estudou seu rosto.

Um deus guerreiro conquistador.

Ele a chamara de Lady Death, e ele era sua espada. Cassian se inclinou para beijá-la.

E quando sua língua deslizou em sua boca, ele empurrou para casa em um poderoso impulso final. Nestha gemeu quando ele bateu ao máximo, e o impacto total dele a atingiu, esticou-a e ela não conseguia respirar rápido o suficiente.

Cassian se retirou novamente e bateu de volta nela, empurrando seus corpos ainda mais para a cama. Ele gemeu desta vez, e o som foi sua ruína.

Ela envolveu as costas dele com as pernas, tomando cuidado com suas asas e ergueu os quadris para encontrar os dele.

Ele afundou ainda mais, e ela cravou as unhas em seus ombros. Deuses - nada nunca foi tão bom, tão cheio, tão queimando de prazer.

Nada nunca foi assim, nada. Cassian definiu o ritmo, suave e profundo e, por um momento, tudo que Nestha pôde fazer foi igualá-lo, golpe por golpe.

Por um momento, ela olhou entre seus corpos para onde seu pênis mergulhou nela, tão grosso e longo e brilhando com ela que ela se apertou ao redor dele, sua liberação já crescendo. Ele

sentiu os músculos internos dela apertando-o com mais força e rosnou: "Porra, Nestha." E ela gostou de vê-lo destruído o suficiente para que ela fizesse isso novamente, agarrando-se a ele assim que ele se sentou completamente.

Ele se arqueou, os dedos cavando na cama."Foda-se", ele repetiu. Não foi o suficiente, no entanto.

Não estava perto do suficiente.

Ela queria Cassian rugindo, queria ele tão perdido que não conseguia se lembrar de seu próprio nome. Nestha o parou com uma mão em seu peito.

Apenas uma mão, e ele parou, totalmente ao seu comando.

Se ela quisesse que acabasse aqui, acabaria. Isso a suavizou o suficiente para que ela não conseguisse evitar o tremor em sua voz quando disse: "Eu quero você mais fundo." Cassian ofegou, os olhos selvagens, enquanto ela rastejava para fora de seus braços.

Quando ela se virou de bruços e ergueu o traseiro para ele, oferecendo-se. Ele fez um som baixo de necessidade.

Ela arqueou os quadris mais para cima, convidando-o a tomar, a festejar. Sua restrição se quebrou.

Ele estava sobre ela em um instante, levantando seus quadris mais alto enquanto se embainhou em um único impulso.

Nestha gritou então, um som de tanto prazer que ela sabia que ecoou pelas montanhas, sentindo-o atingir o ponto mais profundo dela. Cassian bateu nela, uma mão se movendo de seu quadril para seu cabelo, puxando sua cabeça para trás, descobrindo sua garganta.

Ela se entregou a ele, e a falta de controle era inebriante, tão prazerosa que ela mal conseguia suportar.

Ele empurrou com mais força, tão fundo com este ângulo que ela poderia estar gritando novamente, poderia estar soluçando. Sua outra mão vagou entre suas pernas, seu pênis batendo nela, seu cabelo agarrado como rédeas em uma mão, seu prazer na outra.

Ela estava totalmente à sua mercê, e ele sabia - ele estava rosnando de desejo, batendo em casa com tanta força que suas bolas batiam contra ela. O toque sedoso a fez explodir. Seu clímax caiu sobre ela, fora dela, seus músculos internos o apertando com força. Cassian rugiu, o som ecoando pela sala, e ele ficou totalmente selvagem quando a liberação o encontrou e ele derramou dentro

dela com tanta força que sua semente escorreu por suas coxas. E então o peso dele caiu sobre as costas dela, e apenas um braço que ele estendeu para segurá-los os impediu de desabar. Cambaleando, Nestha só podia respirar, respirar, respirar. Cassian estava enterrado nela, e era tão bom, tão certo, que ela o queria sempre tão profundo nela, sua semente derramando por suas pernas, para sempre. "Oh, deuses," ele sussurrou contra sua coluna, sobre a tatuagem pintada ao longo dela. "Aquilo foi ... " "Eu sei", ela ofegou. "Eu sei." Foi tudo o que ela confessou.

Tanto quanto ela se permitiu admitir. Bom demais.

A sensação era boa demais, e nada nem ninguém jamais se compararia a isso.

Ele disse, com a voz trêmula: "Eu fiz uma bagunça com você." Ela enterrou o rosto no cobertor. "Eu gosto disso." Cassian ficou imóvel, mas gentilmente se retirou dela em um longo, longo gole.

Ele arrastou sua semente com ele, e outra onda fez cócegas em suas coxas, pingando no cobertor, enquanto ele puxava completamente.

Ela não se mexeu.

Não conseguia me mover.

Não queria me mover. Ela o sentiu ajoelhado atrás dela, olhando para a bunda que ela ainda segurava para cima, a visão que apresentava. "Eu não deveria gostar tanto de ver isso," ele rosnou. Seus seios se apertaram.

Mas ela perguntou timidamente: "Vendo o quê?" "Vocês.

Coberto em mim.

Esse seu lindo sexo.

" Ela corou e abaixou o corpo no colchão.

"Ninguém nunca chamou isso de lindo." "Isto é.

É o mais lindo que já vi.

" Ela sorriu para o cobertor."Mentiroso." "Eu estou além das mentiras agora, Nestha." Sua voz era tão áspera que ela olhou por cima do ombro.

Cassian ainda estava ajoelhado, e seu rosto... Estava totalmente devastado, como se ela o tivesse desmontado e o deixado em ruínas."O que é isso?" ela perguntou, mas ele saiu da cama e pegou suas roupas caídas. Nestha torceu, suas pernas e núcleo encharcados em sua essência e o dela, mas ele vestiu as calças, juntando a camisa e a jaqueta, e as armas que ela não percebeu que ele carregava.

Quando ele ergueu a cabeça, ele lançou um sorriso malicioso."Apenas sexo, certo?" Era uma armadilha, de alguma forma.

Ela não conseguia discernir de que maneira, mas as palavras eram perigosas.

Ela quis dizer eles, no entanto.

Ou queria, pelo menos.

Então Nestha disse: "Certo." Seus olhos piscaram e ele sorriu novamente, apontando para a porta. "Obrigado pela carona, Nes." Ele piscou e foi embora.

Ela olhou para a porta, intrigada com sua saída, tão rápida que sua semente ainda vazava dela. Foi uma punição? Ele não gostou? Ela tinha a prova de seu prazer entre suas pernas, mas os machos podiam encontrar seu prazer e ainda não considerá-lo bom. Ele estava tentando demonstrar o que ela fez a todos aqueles homens? Deitou com eles e depois os expulsou? Ela disse apenas sexo, mas pensou que poderia pelo menos vir com algum... carinho.

Alguns minutos para desfrutar a sensação de seu corpo contra o dela antes que o orgulho a fizesse ordenar que ele partisse. Nestha se ajoelhou na cama e olhou para a porta, o silêncio sendo sua única resposta.

CAPÍTULO

38

"Você o levou para a sua cama, não foi?" A pergunta sussurrada de Emerie fez Nestha virar a cabeça em sua direção, os músculos do estômago tremendo enquanto ela mantinha o posicionamento de seu cacho para cima.

Emerie, uma imagem refletida à sua esquerda, simplesmente sorriu com o choque no rosto de Nestha.

Gwyn, do outro lado de Emerie, estava apenas com os olhos arregalados. Nestha educou suas feições em neutralidade e desenrolou-se no chão, certificando-se de segurar os músculos abdominais com força até que suas costas estivessem apoiadas

na pedra mais uma vez. "Por que você diria isso?" "Porque você e Cassian estiveram trocando olhares abafados a manhã toda." Nestha fez uma careta para Emerie. "Nós não temos." Foi um esforço não olhar para o outro lado do anel, para onde Cassian estava agora conduzindo o mais novo grupo de sacerdotisas - duas desta vez, Ilana e Lorelei - por meio do posicionamento e equilíbrio dos pés.

Nestha, de fato, o pegou olhando para ela duas vezes desde que a aula tinha começado duas horas atrás, mas ela fez questão de não manter contato visual prolongado. "Sim," Gwyn sussurrou, baixo o suficiente para que a audição Feérico de Cassian não captasse suas palavras.

Nestha revirou os olhos. "Bem, se você não vai falar sobre isso", disse Emerie com a mesma calma, "então, pelo menos, diga-nos o que aconteceu ontem - por

que não houve aula e onde você estava à tarde." "Pediram-me para guardar segredo", disse Nestha.

Suas feridas já haviam cicatrizado e desaparecido, tornando mais fácil fazer isso.

"Tem algo a ver com o Trove," Gwyn disse, aqueles olhos verdes percebendo muito. Nestha não respondeu, e essa foi a resposta suficiente.

Emerie sabia o básico - tanto quanto Gwyn tinha ouvido - e franziu a testa.

Mas ela manteve sua voz suave como um sussurro. "Então você realmente não dormiu com ele?" Nestha fez outra ondulação, o torso subindo até os joelhos. "Eu não disse isso." Emerie soltou um hmmm. As bochechas de Nestha coraram.

Emerie e Gwyn trocaram olhares.

E foi Gwyn quem disse: "Foi bom?" Nestha fez outra ondulação, e Cassian latiu do outro lado do ringue: "Emerie! Gwyn! Se você consegue fazer aqueles cachos tão bem quanto põe a boca, você já teria terminado.

" Emerie e Gwyn sorriram diabolicamente."Desculpe!" eles gritaram e entraram em ação. Nestha ficou imóvel quando o olhar de Cassian encontrou o dela.

O espaço entre eles ficou tenso, os sons das sacerdotisas se exercitando desaparecendo no nada, o céu um borrão azul acima, o vento uma carícia distante em suas bochechas - "Você também, Archeron," ele ordenou, apontando para onde Emerie e Gwyn agora se exercitavam, aparentemente fazendo o possível para não rir."Faça mais quinze." Nestha lançou uma carranca para todos eles e começou seus cachos novamente.

Era por isso que ela estava evitando contato visual com ele. A atenção de Cassian deslizou para outro lugar, mas com cada onda para cima, Nestha se viu controlando a vontade de olhar em sua direção.

Ela perdeu a conta três vezes.

Desgraçado. Entre cachos, Gwyn disse: "Sabe, Nestha, se você está tendo problemas para se concentrar ..." - Oh, por favor - murmurou Nestha. Gwyn soltou uma risada ofegante."Quero dizer.

Eu aprendi sobre uma nova técnica de Valquíria na noite passada.

Chama-se Mind-Stilling.

" Nestha conseguiu perguntar, o corpo gritando com o esforço dos cachos: "O

que é isso?" "Eles usaram para firmar suas mentes e emoções.

Alguns deles faziam isso três ou quatro vezes ao dia.

Mas é basicamente o ato de sentar e deixar sua mente ficar quieta.

Pode ajudar com sua... concentração.

” Emerie riu, mas Nestha fez uma pausa, ignorando a implicação de Gwyn.

“Tal coisa é possível? Para treinar a mente? ” Gwyn interrompeu seus exercícios também.

Seu sorriso provocador se tornou contemplativo."Bem, sim.

Requer prática constante, mas há um capítulo inteiro neste livro que resumi para Merrill sobre como eles fizeram isso.

Envolvia respiração profunda e tomada de consciência do próprio corpo e, em seguida, aprender a se soltar.

Eles o usaram para manter a calma em face de seus medos, para se estabelecer depois de uma batalha difícil e para lutar contra quaisquer demônios internos que possuíam." - Os guerreiros illyrianos não fazem isso - murmurou Emerie.

“Suas cabeças estão cheias de raiva e batalha.

Só piorou desde a última guerra.

Agora que eles estão reconstruindo suas fileiras.

” “As Valquírias encontraram emoções intensas que distraem no rosto de um oponente”, disse Gwyn.

“Eles treinaram suas mentes para serem armas tão afiadas quanto qualquer lâmina.

Ser capaz de manter a compostura, saber como acessar aquele lugar de calma no meio da batalha, os tornou oponentes inabaláveis.

” O coração de Nestha bateu forte com cada palavra.

Acalmando sua mente... "Você pode pedir a um escriba para fazer cópias do capítulo?" Gwyn sorriu. "Eu já fiz." Cassian latiu: "Vocês três querem fofocar ou treinar?" Nestha lançou-lhe um olhar mordaz. "Não diga isso a ele", ela os avisou. "É nosso segredo." E Cassian não ficaria surpreso quando ela se tornasse a imperturbável? Emerie e Gwyn concordaram com a cabeça enquanto Cassian se aproximava.

Cada músculo, cada pedaço de sangue e osso do corpo de Nestha entrou em alerta.

Ela voltou para a Casa esta manhã, peneirada por um Rhys muito neutro.

Cassian não estava à vista. Ela teve trinta minutos inteiros para tomar o café da manhã e colocar suas roupas de couro sobressalentes, já que as que usara no pântano ainda estavam encharcadas.

O par que ela vestiu era maior - não largo, mas apenas um pouco maior.

Ela não tinha notado o quão apertado seu conjunto usual era até que ela deslizou para os muito mais confortáveis.

Não tinha notado a quantidade de músculos que ela tinha colocado em suas coxas e braços este mês até que percebeu que seus movimentos haviam sido restringidos pelo velho par. Cassian parou diante deles, as mãos nos quadris.

“Existe algo mais interessante hoje do que o seu treinamento?” Ele sabia.

O bastardo sabia que eles estavam discutindo sobre ele.

O brilho em seus olhos, o meio sorriso, disse a ela. Os lábios de Emerie

tremeram com o esforço de não sorrir."De jeito nenhum." A atenção de Gwyn saltou entre Nestha e Cassian. Cassian disse à sacerdotisa: "Sim?" Gwyn balançou a cabeça muito rapidamente para ser inocente e começou seus cachos abdominais novamente, o suor brilhando em seu rosto sardento.

Emerie se juntou a ela, as duas trabalhando tão diligentemente que era risível.

Nestha olhou para Cassian."O que?" Seus olhos dançaram com diversão perversa."Você terminou seu set?" "Sim." "E as flexões?" "Sim." Ele se aproximou, e ela não pôde deixar de pensar em como ele se aproximou na noite anterior, a forma como aquelas mãos agarraram seus quadris enquanto ele batia nela por trás.

Algo deve ter aparecido em seu rosto, porque ele disse em voz baixa: "Você certamente foi produtivo, Nes." Ela engoliu em seco e sabia que as duas mulheres ao lado dela estavam comendo cada palavra.

Mas ela ergueu o queixo.

"Quando vamos fazer algo útil? Quando começamos com arco e flecha ou espadas? " "Você acha que está pronto para manusear uma espada?" Emerie deixou escapar um ruído efervescente, mas continuou trabalhando. Nestha se recusou a sorrir, a corar e disse sem quebrar o olhar de Cassian: "Só você pode me dizer isso." Suas narinas dilataram-se."Levantar." Cassian disse a si mesmo duas dúzias de vezes desde que saiu daquele quarto que o sexo tinha sido um erro.

Mas vendo Nestha o desafiar, a insinuação como uma chama ardente, ele não conseguia se lembrar do porquê. Algo a ver com ela só querendo sexo, algo a ver com o sexo ser o melhor sexo que ele já teve, e como isso o deixou em verdadeiros pedaços. Nestha piscou. "O que?" Ele acenou com a cabeça em direção ao centro do poço. "Você me ouviu.

Você acha que está pronto para manusear uma espada, então prove." Seus amigos estavam claramente cientes do que fizeram na noite passada.

Emerie não conseguia nem esconder a risada, e Gwyn ficava olhando

furtivamente para eles. Ele gritou para as duas mulheres: "Terminem seus exercícios agora ou façam o dobro." Eles pararam de ficar boquiabertos. Nestha ainda estava olhando para ele, o suor e o esforço enchendo aquele lindo rosto dela de cor.

Uma gota de suor escorregou por sua têmpora e ele teve que cerrar os punhos para não se inclinar para lambê-la.

Ela perguntou: "Vamos aprender espadas?" Ele apontou para a prateleira através do ringue e ela o seguiu.

"Vamos começar com espadas de madeira para praticar.

Sobre meu cadáver apodrecido, estou colocando aço de verdade nas mãos de novatos.

" Ela deu uma risadinha e ele enrijeceu.

Ele jogou por cima do ombro, "Se você é muito infantil para falar sobre lâminas sem rir, então você não está pronto para esgrima." Ela fez uma careta.

Mas Cassian disse: "Estas são as armas da morte".

Ele deixou sua voz elevar-se para que todas as mulheres pudessem ouvi-lo, embora ele falasse apenas com ela.

“Eles precisam ser tratados com uma dose saudável de respeito.

Eu nem toquei em uma espada de verdade nos primeiros sete anos.” “Sete anos?”

Gwyn exigiu atrás deles. Ele alcançou a prateleira e puxou uma longa lâmina, uma quase réplica da illyriana nas costas. “Você acha que as crianças deveriam balançar uma espada de verdade?” “Não,” Gwyn gaguejou. “Eu só quis dizer -

você planeja praticar com espadas de madeira por sete anos?” “Se vocês três continuarem rindo, então sim.” Nestha disse a Gwyn e Emerie: “Não o deixe intimidar vocês”. Cassian bufou. “Palavras perigosas para uma mulher prestes a ficar cara a cara comigo.” Ela revirou os olhos, mas hesitou quando ele estendeu a espada de treino até o punho dela. “É pesado”, ela observou enquanto pegava todo o peso. “A verdadeira espada pesa mais.” Nestha olhou para seu ombro,

onde o cabo de sua lâmina espiava. “Mesmo?” “Sim.” Ele acenou com a cabeça para as mãos dela.

“Aperto com as duas mãos no punho.

Não sufoque muito perto do eixo.” Emerie começou a tossir e a boca de Nestha se contraiu, mas ela segurou - lutou contra isso.

Até Cassian teve que conter uma risada antes de limpar a garganta. Mas Nestha fez o que ele mandou. “Pés onde eu mostrei a você”, disse ele, bem ciente de todos os olhos sobre eles.

Pela maneira como o rosto de Nestha ficou sério, Cassian sabia que ela também estava ciente.

Que este momento, com essas sacerdotisas assistindo, foi crucial, de alguma forma. Vital. Nestha encontrou o olhar de Cassian.

E cada pensamento de sexo, de como era bom, rodou de sua cabeça quando ela ergueu a lâmina diante dela. Era como uma chave deslizando em uma fechadura finalmente. Era uma espada de madeira, mas não era.

Fazia parte da prática, mas não era. Cassian a conduziu por oito cortes e blocos diferentes.

Cada um era um movimento individual, ele explicou, e como os socos, eles podiam ser combinados.

O mais difícil era se lembrar de liderar com o cabo da espada - e de usar todo o corpo, não apenas os braços. "Bloco um," ele ordenou, e ela ergueu a espada perpendicular ao seu corpo, erguendo-se contra um inimigo invisível.

"Fatia três." Ela girou a lâmina, lembrando-se de liderar com o punho estúpido, e cortou para baixo em um ângulo."Empurre um." Outro pivô e ela se lançou para frente, golpeando a lâmina através da placa peitoral de um inimigo imaginário.

Todos pararam para assistir. "Bloco três", comandou Cassian.

Nestha mudou para um aperto com uma mão, sua mão esquerda subindo até o

peito, onde ele disse a ela para segurá-la.

Essa seria a mão do escudo dela, ele disse, e aprender a mantê-la fechada seria a chave para sua sobrevivência.

"Fatia dois." Ela arrastou a espada em linha reta para cima, dividindo o inimigo da virilha ao esterno."Bloco dois." Ela girou em um pé, arrastando a espada do peito do inimigo para

interceptar outro golpe invisível. Nenhum de seus movimentos possuía qualquer semelhança com sua elegância ou poder.

Eles eram afetados e demorou um segundo para lembrar cada um dos passos, mas disse a si mesma que isso levaria mais de trinta minutos de instrução.

Cassian a lembrava disso com bastante frequência. "Bom." Ele cruzou os braços. "Bloco um, fatia três, impulso dois." Ela fez isso.

Os movimentos fluíram mais rápido, com mais certeza.

Sua respiração sincronizou com seu corpo com cada impulso. "Bom, Nestha.

De novo." Ela podia ver o campo de batalha lamacento e ouvir os gritos de amigos e inimigos.

Cada movimento era uma luta pela sobrevivência, pela vitória. "De novo." Ela podia ver o Rei de Hybern, e o Caldeirão e os Corvos - ver o kelpie e Tomas e todas aquelas pessoas que zombaram da pobreza e desespero dos Archerons, os amigos que partiram com sorrisos nos rostos. Seu braço era uma dor distante, secundária àquela canção crescente em seu sangue. Estava bem.

Era tão, tão bom. Cassian lançou diferentes combinações e ela obedeceu, deixando-as fluir através dela. Cada inimigo odiado, cada momento em que ela esteve impotente contra eles emergiu à superfície.

E com cada movimento da espada, cada respiração, um pensamento se formou.

Ecoou com cada inspiração, cada impulso e bloqueio. Nunca mais. Nunca mais ela seria fraca. Nunca mais ela estaria à mercê

de alguém. Nunca mais ela falharia. Nunca mais, nunca mais, nunca mais. A voz de Cassian parou, e então o

mundo parou, e tudo o que existia era ele, seu sorriso feroz, como se soubesse que música rugia em seu sangue, como se só ele entendesse que a lâmina era um instrumento para canalizar esse fogo violento nela . As outras mulheres estavam totalmente silenciosas.

Sua hesitação e choque brilharam no ar. Lentamente, Nestha desviou o olhar de Cassian e olhou para Emerie e Gwyn, já se movendo pelo ringue.

Cassian estava com as espadas de madeira prontas quando eles chegaram.

Nenhum medo brilhou em seus olhos.

Como se eles também tivessem visto o que Cassian fez.

Como se eles também tivessem ouvido essas palavras na cabeça de Nestha.

Nunca mais.

CAPÍTULO

39

O fogo dentro dela não parou. Nestha mal conseguiu terminar seu trabalho na biblioteca naquela tarde graças àquele fogo, aquela energia saltitante.

Quando o relógio bateu seis horas, ela se despediu de Clotho e foi direto para a escada externa. Para baixo e para baixo, girando e girando e girando. Passo a passo. Ela não parou.

Não conseguia parar. Como se ela tivesse sido libertada de uma gaiola, ela não tinha percebido que estava presa. Cada passo

para baixo, ela ouviu as palavras.

Nunca mais. Ela havia escapado do kelpie por pura sorte.

Mas ela estava apavorada.

Tão apavorada como quando foi arrastada para as profundezas do Caldeirão, tão apavorada como esteve com Tomas.

Pelo menos com Tomas, ela lutou.

Com o kelpie, ela quase não tinha feito nada até que a máscara a poupou. Ela tinha ficado com tanto medo.

Tão manso e trêmulo.

Isso era inaceitável.

Inaceitável que ela tivesse se permitido hesitar, se encolher e se enrolar para dentro. Para baixo e para baixo, girando e girando e girando. Passo a passo.

Nunca mais.

Nunca nunca mais. Nestha alcançou o sexto milésimo degrau e começou a subida. A primeira das chuvas outonais chegou no dia seguinte, e Cassian meio que esperava que as sacerdotisas não aparecessem para o treino, mas elas já estavam esperando no frio e na chuva quando ele entrou no ringue de treinamento.

Nenhum se preocupou em usar magia para se manter seco. Como se eles quisessem a coragem, o esforço extra. No centro do grupo estava Nestha, seus olhos já focados. O sangue de Cassian esquentou, incapaz de conter seu desejo ao ver aquela ferocidade em seu rosto, a ânsia de aprender mais, empurrar com mais força. Ele não a procurou ontem à noite, decidindo dormir na casa do rio ao invés de arriscar a tentação.

O sexo tinha sido tão bom - e ele sabia que se não colocasse alguma barreira, isso o consumiria inteiramente.

Ela o consumiria inteiramente. Nestha, Emerie e Gwyn ficaram juntas, e - havia três novas sacerdotisas hoje. "Senhoras", disse ele como forma de saudação, observando as onze mulheres encharcadas que esperam como tropas para serem comandadas em um campo de batalha.

Roslin havia tirado o capuz, revelando uma cabeça de cabelo vermelho escuro e pele pálida sobre feições delicadas.

Seus olhos eram da cor de caramelo e, se tinha medo de finalmente revelar o rosto, não deixou transparecer.

Cassian examinou o resto da escalação e - bem, isso era novo.

Gwyn usava roupas de couro illyrianas.

Os velhos de Nestha, pelo cheiro deles. Cassian os observou, com olhos claros e ansiosos.

"Acho que precisamos de outro tutor." Na manhã seguinte, embora as fêmeas estivessem hesitantes perto de um recém-chegado, Azriel se manteve tão distante e quieto que elas rapidamente relaxaram perto dele.

Az prontamente concordou em dar aulas antes de sair para ficar de olho em Briallyn. Cassian continuou a treinar Nestha, Emerie e Gwyn.

A chuva não parava e todos estavam encharcados, mas o esforço manteve a mordida do frio longe. "Então isso pode realmente derrubar um homem com um movimento?" Gwyn perguntou a Cassian enquanto estava diante de Nestha.

Eles fizeram uma pausa nas espadas para esticar as mãos, mas em vez de ficarem parados e seus corpos ficarem rígidos com a

inatividade, ele lhes mostrou algumas técnicas para escapar de um aperto. Gwyn estava distraído hoje - um olho do outro lado do ringue.

Cassian só podia presumir que ela estava observando seu irmão, que deu a Gwyn um pequeno sorriso de saudação ao chegar.

Gwyn não o devolveu.

Cassian se amaldiçoou por ser um tolo.

Ele deveria ter perguntado a ela se ela se sentiria confortável com Azriel aqui.

Talvez ele devesse ter perguntado a todas as sacerdotisas sobre a inclusão de outro homem, mas especialmente Gwyn - que Azriel havia encontrado naquele dia em Sangravah. Ela não disse nada sobre isso durante a aula.

Apenas olhava de vez em quando para Az, que permanecia zelosamente focado em seus protegidos.

Cassian não conseguia ler a expressão em seu rosto. Ele se concentrou nas mulheres à sua frente. "Este movimento vai deixar qualquer um inconsciente se você acertar o ponto certo." Cassian pegou a mão de Nestha, colocando-a em seu pescoço.

Seus dedos eram tão pequenos contra os dele, e um frio congelante.

Ele pode ter passado o polegar nas costas da mão dela antes de posicionar os dedos dela.

"Você quer ir para este ponto de pressão.

Se acertar com força suficiente, você os fará cair como uma pedra.

" Os dedos de Nestha se apertaram e ele agarrou a mão dela.

Mas ela sorriu, como se soubesse que o tinha pego.

Ele apertou seus dedos gelados. "Eu sei que você estava pensando nisso." "Eu nunca faria uma coisa dessas", disse ela suavemente, com os olhos dançando.

Cassian piscou e Nestha deslizou a mão de seu pescoço. "Tudo bem", disse ele.

"De volta às espadas.

Quem quer me mostrar os oito pontos de novo? "Apesar de trocar de roupa, Nestha e Gwyn permaneceram gelados até os ossos uma hora após o término da aula.

Aninhada em um recanto quente e confortável em uma parte raramente visitada da biblioteca, Nestha tomou um gole de seu chá de hortelã, deixando seu calor inundar seu corpo enquanto lia o capítulo que Gwyn havia copiado.

Ela deu um a Emerie antes de seu amigo ir embora, recebendo uma promessa do illyriano de que ela praticaria esta noite e eles comparariam as anotações amanhã. "Então, é realmente tão fácil?" Nestha perguntou, colocando os papéis na almofada do sofá gasto. Gwyn, sentada na extremidade oposta do sofá, esticou os pés em direção ao fogo, as vestes farfalhando.

"Certamente parece fácil, mas de acordo com tudo que li, não é." "Isso diz que você apenas se senta em um lugar confortável e silencioso, fecha os olhos, respira muito e deixa sua mente ir." "Estou lhe dizendo: as Valquírias levaram meses para aprender o básico, e dominá-lo exigia fazer esses exercícios várias vezes ao dia.

Mas vamos tentar.

Diz no final deste capítulo que, se estivermos fazendo isso pela primeira vez, podemos ficar com sono - ou até mesmo cair no

sono durante isso - mas aprender a lutar contra a vontade de dormir é para mais adiante.

” "Eu poderia tirar uma soneca depois do treinamento de hoje," Nestha murmurou, e Gwyn riu concordando.

Nestha colocou o chá na mesa baixa diante do sofá."Tudo bem.

Vamos tentar." "Eu memorizei as etapas, então vou nos guiar por elas", Gwyn ofereceu. Nestha bufou."Claro que você fez." Gwyn deu um tapa de brincadeira em seu ombro.

"Aprender que este é o meu trabalho, você sabe." "Você teria memorizado essas informações de qualquer maneira." "É justo." Gwyn riu, terminando seu próprio chá e sentando-se direito.

"Fique em uma posição sentada confortável - alerta, mas à vontade." "Eu nem sei o que isso significa." Gwyn demonstrou, deslizando até sua coluna tocar as almofadas das costas, os pés apoiados no chão, as mãos apoiadas levemente nos joelhos.

Nestha copiou a posição.

Gwyn a observou e então assentiu.

"Agora respire fundo três vezes, inspire pelo nariz e conte até seis, expire pela boca e conte até seis.

Depois de terminar a terceira respiração, feche os olhos e continue respirando.

” Nestha obedeceu.

Inspirar e expirar por tanto tempo exigia mais concentração e esforço do que ela esperava.

Sua respiração estava alta demais para seus ouvidos; cada respiração parecia fora de sincronia com a de Gwyn.

Ela havia respirado duas ou três vezes? Ou quatro? “Eu posso sentir que você está pensando demais nisso,” Gwyn murmurou.

“Feche os olhos e continue respirando.

Respire cinco vezes.

” Nestha fez.

Sem nada para distraí-la visualmente, ela percebeu que sua respiração seria mais fácil de rastrear. Não foi.

De alguma forma, sua mente só queria divagar.

Ela disse a si mesma para se concentrar na contagem, em cronometrar cada respiração e manter um registro de quantas havia tomado, e ainda assim se pegou pensando nas almofadas do sofá, no chá frio, no cabelo ainda úmido - Quantas respirações foram? "Acho que estou enlouquecendo", Nestha murmurou. Gwyn a silenciou.

“Agora deixe sua respiração estável e foque nos sons ao seu redor.

Reconheça-os e deixe-os desaparecer.

” Nestha fez.

À sua esquerda, ela podia ver pés se arrastando e vestes sussurrantes.

Quem estava andando entre as pilhas? Que livro eles eram - Foco.

Deixe os sons irem.

Alguém estava caminhando por perto.

Ela notou e, com uma expiração, enviou o pensamento para longe.

À sua direita, a respiração de Gwyn permaneceu estável. Gwyn provavelmente era bom nisso.

Gwyn era bom em tudo, na verdade.

Não a irritou, no entanto.

Por alguma razão, Nestha queria elogiar sua amiga para quem quisesse ouvir. O

amigo dela.

Isso era o que Gwyn era.

Tinha sido-Foco.

Solte.

Nestha notou a respiração de Gwyn, liberou o pensamento e passou para o próximo som.

Então o próximo. “Agora examine seu corpo,” Gwyn disse suavemente.

“Começando pela cabeça, trabalhando lentamente até os dedos dos pés, avalie como você está se sentindo.

Se houver pontos doloridos— ” “Tudo está dolorido depois daquela lição de espada,” Nestha sibilou. Gwyn engasgou com outra risada. “Quero dizer.

Observe se há pontos doloridos, se há pontos que dão uma sensação boa... ”Os papéis farfalharam. “Ah, e as instruções também dizem que, quando terminar, você deve avaliar como está se sentindo.

Não pense nisso, apenas reconheça isso.

” Nestha particularmente não gostou do som da última parte, mas ela obedeceu.

Cada parte de seu corpo doía, desde a rigidez no pescoço até uma dor no pé esquerdo.

Ela não tinha percebido quantos pequenos pedaços de si mesma existiam, todos

constantemente exibindo suas dores ou status.

Quanto barulho isso produziu em sua cabeça.

Mas ela reconheceu cada uma dessas coisas.

Deixe-os ir embora. Avaliando suas emoções, no entanto... Como ela estava se sentindo? Agora, cansado ainda... contente por estar aqui com Gwyn.

Rindo.

Fazendo isso.

Se ela fosse mais fundo ... “Agora vamos trabalhar na respiração focada.

Inspire pelo nariz, expire pela boca.

Faça dez deles e recomece.

Se um pensamento surgir, reconheça-o e envie-o.

Diga a si mesmo, eu sou a rocha contra a qual as ondas quebram.

Seus pensamentos são o surf.

Deixe que eles colidam com você.

” Bastante fácil. Não foi.

Nas primeiras vezes que Nestha contou dez respirações, nenhum pensamento a atormentou.

Mas quando ela começou a próxima série ... O que Elain pensaria, ao ver Nestha aqui com um amigo? O pensamento borbulhou do nada.

Como se abrindo sua mente, correu em sua direção.

Elain ficaria satisfeita ou sentiria a necessidade de alertar Gwyn sobre o verdadeiro eu de Nestha? Ela estava respirando cinco vezes.

Não, seis.

Espere - talvez fossem apenas três. "Comece de novo se você perder a conta", disse Gwyn, como se tivesse ouvido a parada da respiração estável de Nestha.

Nestha o fez, concentrando-se na respiração e não em Elain.

Reconheço esse pensamento sobre minha irmã e estou deixando isso passar. Ela estava no sétimo suspiro quando sua irmã apareceu novamente.

E, no entanto, de alguma forma, tudo que você pensa é o que mytrauma fez com você. Elain estava certa? Feyre tinha admitido que ela era culpada também, mas

- Feyre não conhecia Elain como Nestha.

Ou não era assim antes.

Antes de Elain escolher Feyre. Antes de Amren escolher Feyre. Antes-Eu reconheço esses pensamentos e estou deixando-os ir.

Nestha inalou uma oitava vez.

Estou me concentrando na minha respiração.

Esses pensamentos existem e estou deixando-os passar por mim. Nestha respirou fundo.

Forçou sua mente a pensar apenas em sua respiração. “Quando você terminar sua próxima série de dez,” Gwyn disse, perto e ainda assim longe, “pare de contar suas respirações e apenas deixe sua mente fazer o que deseja.

Faremos isso por alguns segundos, depois paramos.

O objetivo é trabalhar por períodos cada vez mais longos.

” Nestha o fez, contando cada uma das dez respirações restantes.

Sentindo aquele momento de parada como uma onda crescente.

Ela terminou a décima respiração. Faça o que quiser, lembre-se.

Mergulhe nesses lugares escuros e horríveis. Não foi, no entanto.

Sua mente demorou.

Não vagou.

Ele apenas... ficou lá.

Contente.

Em repouso.

Como um gato enrolado a seus pés. Stilled. Apenas alguns momentos se passaram antes que Gwyn sussurrasse: “Comece a afundar de volta em seu corpo.

Marque os sons ao nosso redor.

Marque a sensação em seus dedos dos pés.

” Estranho - tão estranho encontrar seu corpo de repente... calmo.

Distante.

Como se ela tivesse realmente sido capaz de recuar.

Deixe descansar.

E sua mente ... “Abra seus olhos,” Gwyn respirou. Nestha fez.

E pela primeira vez em sua vida, ela se sentiu totalmente acomodada em sua própria pele.

CAPÍTULO

40

A chuva continuou caindo por dois dias, as temperaturas caindo com ela.

As folhas estavam espalhadas ao redor de Velaris, e o Sidra era agora uma cobra prateada, às vezes escondida pelas brumas flutuantes.

As mulheres apareciam todos os malditos dias sem falhar. Mas apenas Nestha ficou ao seu lado enquanto ele batia na porta da pequena oficina do ferreiro na periferia oeste de Velaris. A loja de pedra cinza e telhado de palha não mudou nos cinco séculos que ele a patrocinou - ele comprou todas as suas armas não illyrianas lá.

Ele a teria levado a um ferreiro illyriano, mas eles eram na maioria homens retrógrados e supersticiosos que queriam mulheres longe de suas lojas.

O homem Alto Feérico de pele avermelhada que abriu a porta para eles era habilidoso e gentil, embora rude. "General", disse o homem, enxugando as mãos sujas de fuligem no avental de couro manchado.

Ele abriu mais a porta, um calor delicioso explodindo para encontrá-los na chuva gelada.

Os olhos escuros do ferreiro percorreram Nestha, notando seu cabelo e couro encharcado, a calma intensidade de suas feições apesar do tempo terrível. Ela tinha aquela mesma expressão em seu rosto, em todas as linhas de seu corpo,

durante o treinamento esta manhã.

E quando Cassian fez o convite para se juntar a ele aqui durante a hora do almoço.

Ele convidou todas as mulheres, mas Emerie teve que voltar para Windhaven, e as sacerdotisas não estavam dispostas a deixar a montanha.

Portanto, apenas Nestha tinha ido com ele para a pequena aldeia, com a cidade aparecendo em seu lado oriental e planícies largas e planas se estendendo em direção ao mar a oeste. "Como posso ajudá-lo?" Cassian cutucou Nestha com a mão na parte inferior de suas costas e sorriu para o homem.

"Eu quero que Lady Nestha aprenda como uma lâmina é feita.

Antes que ela compre um de verdade.

" O ferreiro a examinou novamente.

"Não preciso de um aprendiz, infelizmente." "Apenas uma demonstração rápida", disse Cassian, mantendo o sorriso no lugar enquanto olhava para Nestha, que estava olhando por cima do ombro largo do ferreiro para a oficina atrás dele.

O ferreiro franziu a testa profundamente, então Cassian acrescentou: “Quero que ela aprenda quanto trabalho e habilidade envolvem o processo.

Para mostrar a ela que uma lâmina não é apenas uma ferramenta para matar, mas uma obra de arte também.

” A bajulação sempre ajudou a suavizar o caminho.

Rhys havia lhe ensinado isso. O olhar de Nestha mudou para o rosto do ferreiro e, por um momento, eles se encararam.

Então Nestha disse: "O que quer que você possa me mostrar, em qualquer tempo livre que tiver, seria muito apreciado." Cassian tentou não demonstrar surpresa com suas palavras educadas.

A sugestão de deferência. Pareceu funcionar, quando o ferreiro acenou para que entrassem. Nestha ouvia enquanto o homem de cabelos escuros explicava os vários estágios de forjamento de uma lâmina, desde a qualidade do minério até a prova.

Cassian ficou perto dela, fazendo perguntas, já que ela mesma falava pouco.

Uma das poucas vezes que ela falou foi para pedir para se afastar das lareiras da forja e ir para a escuridão mais fria e silenciosa da oficina propriamente dita.

Mas, quando o ferreiro terminou de repassar o processo de design para lâminas mais ornamentadas, Nestha perguntou: "Posso tentar?" Com a hesitação do ferreiro, Nestha deu um passo à frente, os olhos na porta além deles, preenchidos com o rugido da forja.

“Martelando as lâminas, quero dizer.

Se você tiver algum de sobra.

” Ela olhou para Cassian."Você será recompensado, é claro."
Cassian acenou com a cabeça.

“Pagaremos pelas lâminas se estiverem danificadas.” O ferreiro examinou Nestha novamente, como se testando o minério nela, depois assentiu."Eu tenho alguns que você pode experimentar." Ele os levou de volta para o calor, a chama e a luz, e Cassian poderia jurar que Nestha estava inspirando e expirando em um ritmo perfeito e controlado.

Ela manteve seu olhar apenas no ferreiro, no entanto, enquanto ele carregava uma espada meia-feita e a colocava sobre a bigorna.

Bonito, mas comum.

Uma espada comum, todos os dias, disse o ferreiro.

Depois de uma demonstração rápida e perfeita, ele entregou-lhe o martelo.

“Prenda os pés assim”, disse o ferreiro, e Nestha seguiu suas instruções até que

ela ergueu o martelo acima de um ombro e desceu. Um baque estridente soou, e a espada retiniu.

Um quase acidente desajeitado.

Nestha cerrou os dentes.

“Isso não é tão fácil quanto parece.” O ferreiro apontou para a espada."Tente novamente.

Demora um pouco para se acostumar com isso.

” Cassian nunca tinha ouvido o homem falar tão... suavemente.

Normalmente suas conversas eram rápidas e diretas, livres de formalidades ou detalhes pessoais. Nestha golpeou a espada novamente.

Um golpe melhor desta vez, mas ainda um golpe lamentável.

Carvões estouraram na forja atrás deles e Nestha se encolheu.

Antes que Cassian pudesse perguntar por quê, ela cerrou os dentes novamente e golpeou a espada pela terceira vez.

Quarto.

Quinto. No momento em que o ferreiro tirou uma adaga, ela havia pegado o jeito.

Estava até sorrindo levemente. “As adagas requerem uma técnica diferente”, explicou o ferreiro, demonstrando novamente.

Tanto trabalho, habilidade e dedicação, tudo por uma lâmina comum.

Cassian balançou a cabeça.

Quando ele parou pela última vez para apreciar o artesanato e o trabalho investido em suas armas? O suor gotejou a testa de Nestha enquanto ela martelava a adaga, golpes e corpo mais seguro agora.

O orgulho percorreu seu peito.

Aqui estava ela, aquela mulher que foi forjada durante a guerra com Hybern.

Mas diferente - mais focado.

Mais forte. Cassian estava apenas ouvindo pela metade quando o ferreiro trouxe uma grande espada. Mas ele voltou a prestar atenção quando Nestha caiu sobre ele em um movimento suave,

o martelo golpeando com clareza e precisão. Golpe após golpe, e Cassian poderia jurar que o mundo parou enquanto ela se libertava com a mesma intensidade com que ela treinava. O ferreiro sorriu para ela.

A primeira vez que Cassian viu o homem fazer isso. O braço de Nestha se arqueou acima dela, o martelo agarrado em seus dedos cerrados.

Era uma dança, cada um de seus movimentos sincronizados com o eco do martelo na lâmina.

Ela bateu a espada em uma música que ninguém, mas ela podia ouvir. Cassian deixou que ela continuasse, a chuva e o vento farfalhavam o telhado de palha, um contra-golpe distante acima deles, e começou a se perguntar o que emergiria do calor e das sombras. Aprender a esgrima não era uma tarefa fácil - exigia repetição, memória muscular e paciência - mas Nestha, Emerie e Gwyn estavam prontos. Não, Cassian percebeu enquanto os observava guardar as espadas na chuva gelada que continuou no dia seguinte.

Eles eram mais do que um jogo: eles treinavam com um foco constante e recém-descoberto.

Ninguém mais do que Nestha, que agora guardou a espada e pegou um pedaço de linho.

Ela começou a envolver as mãos, rolando o pescoço enquanto o fazia. Eles não se falaram depois da aula do ferreiro ontem à tarde, embora ela o tenha agradecido baixinho ao voltar para a Casa do Vento.

Ela tinha aquela intensidade em seu rosto novamente, olhos distantes - como se

estivesse focando em algum alvo invisível.

Então ele não a procurou ontem à noite, embora cada parte dele tivesse gritado para isso.

Mas ele daria tempo a ela.

Deixe que ela inicie quando ela estiver pronta.

Se ela o quisesse novamente. Cassian desligou o pensamento.

Permitiu que a chuva gelada esfriasse seu desejo, seu pavor. Em silêncio, Nestha se aproximou do bloco de socos, um tronco de árvore caído que havia sido enrolado em cobertores grossos.

Ela se aproximou como se estivesse enfrentando um oponente. Ela olhou por cima do ombro para Cassian quando parou diante disso, uma pergunta em seus olhos. Ele assentiu. "Você quer usar os últimos quinze minutos para treinar, vá em frente." Isso era tudo que ela precisava, e ele estava muito satisfeito para dizer mais quando Nestha assumiu sua posição de luta e começou a socar. O

primeiro impacto de seus nós dos dedos contra a madeira acolchoada doeu.

Mas ela bateu onde deveria, e seu polegar permaneceu onde ela o fizera aprender a ficar, e quando ela puxou o braço para trás, a dor se tornou uma música.

Ela deu outro soco, arrancando um ruído satisfatório da madeira. Bom - me senti bem.

Para retirá-lo, para canalizá-lo desta forma. Sua respiração era afiada como uma lâmina, mas ela lançou um gancho de esquerda, depois dois golpes de seu punho direito. Ela não sentiu a chuva, não sentiu o frio. Cada soco carregava seu medo, sua raiva, seu ódio para fora de seu corpo e para a madeira. Por três dias, ela teve fogo em seu sangue.

Por três dias, ela sonhou com espadas e escadas e combate.

Ela não conseguia parar.

Caiu na cama tão cansada que nem teve chance de ler antes de ficar inconsciente.

Certamente não houve sexo com Cassian.

Nem mesmo um olhar ardente sobre a mesa de jantar. A presença de Azriel ajudou.

Ele agora treinava os mais novos recrutas, quietos e gentis, mas firmes, e se ela não soubesse melhor, ela juraria que pelo menos duas das sacerdotisas - Roslin e Ilana - suspiravam toda vez que ele passava. Uma pequena e terrível parte dela estava feliz por não suspirar por Cassian.

Ela tirou esse pensamento de si mesma também.

Esse pensamento patético e egoísta. Assim como tudo nela era patético, egoísta e odioso. Um-dois, dois-um-um; ela socou e socou, jogando-se toda na madeira.

"Perto do Caldeirão", disse uma voz masculina familiar ao lado de Cassian, e ele se virou para encontrar Lucien na arcada para a área de treinamento.

O resto das sacerdotisas e Azriel haviam partido dez minutos antes.

Nestha nem havia percebido."Feyre disse que ela estava treinando, mas eu não tinha percebido que ela estava... bem, treinando." Cassian acenou com a cabeça em um alô, mantendo os olhos em Nestha, onde ela socou a madeira acolchoada repetidamente, assim como nos últimos vinte e cinco minutos seguidos.

Ela tinha ido para um lugar que Cassian conhecia muito bem - onde pensamento e corpo se tornaram um, onde o mundo desbotou até nada.

Trabalhando algo dentro de si mesma."Você achou que ela estava lixando as unhas?"O olho mecânico de Lucien clicou.

Seu rosto se contraiu quando Nestha lançou um espetacular gancho de esquerda na viga de madeira.

Ele estremeceu com o impacto.

"Eu me pergunto se há algumas coisas que não deveriam ser acordadas," ele murmurou. Cassian lançou-lhe um olhar feroz."Cuide da sua vida, fogo." Lucien apenas observou Nestha atacar, sua pele dourada um pouco pálida. "Por quê você está aqui?" Cassian perguntou, incapaz de evitar a nitidez.

"Onde está Elain?" "Nem sempre estou nesta cidade para ver meu companheiro." As duas últimas palavras gotejavam com desconforto.

"E eu vim aqui porque Feyre disse que eu deveria.

Preciso matar algumas horas antes de me encontrar com ela e Rhys.

Ela achou que eu gostaria de ver Nestha trabalhando.

"Ela não é uma atração de carnaval", disse Cassian entre os dentes. "Não é para entretenimento." O cabelo ruivo de Lucien brilhava na escuridão do dia chuvoso.

"Acho que Feyre queria uma avaliação do progresso de alguém que não a via há algum tempo." "E?" Cassian mordeu fora. Lucien lançou-lhe um olhar fulminante.

"Eu não sou seu inimigo, você sabe.

Você pode abandonar o ato bruto agressivo.

” Cassian deu a ele um sorriso que não encontrou seus olhos.

“Quem disse que é uma atuação?” Lucien deixou escapar um longo suspiro. “Muito bem, então.” Nestha deu outra série de socos, e Cassian sabia que ela estava se preparando para o nocaute.

Dois golpes de esquerda e um gancho de direita que bateu na madeira com tanta força que se estilhaçou. E então ela parou, seu punho pressionado contra a madeira. Sua respiração ofegante girou de sua boca na chuva gelada.

Lentamente, ela se endireitou, o punho abaixando, o vapor ondulando por seus dentes enquanto ela se virava.

Ele pegou uma centelha de fogo prateado em seus olhos, então desapareceu.

Lucien estava imóvel. Nestha caminhou em direção aos dois machos.

Ela encontrou o olhar de Lucien quando se aproximou da arcada e não disse nada antes de continuar para a casa.

Como se as palavras estivessem além dela. Só quando seus passos desapareceram Lucien disse: “Mãe poupou todos vocês.” Cassian já estava caminhando para a viga de madeira. Um pequeno disco de impacto estava em seu centro, através do forro, até a própria madeira.

Brilhava.

Cassian ergueu dedos trêmulos para ele. Para a marca de queimadura, ainda faiscando como uma brasa. Todo o bloco de madeira ardia por dentro.

Ele tocou a palma da mão nele.

A madeira estava fria como gelo. O bloco se dissolveu em uma pilha de cinzas.

Cassian olhou em um silêncio atordoado, a madeira fumegante sibilando na chuva. Lucien surgiu ao lado dele.

Ele apenas disse novamente, com voz solene: "Mãe, poupe todos vocês."

CAPÍTULO

41

Helion, o Grão Senhor da Corte Diurna, chegou à Cidade Hewn na tarde seguinte em um cavalo voador. Ele queria entrar na cidade escura em uma carruagem dourada conduzida por quatro cavalos brancos como a neve com crinas de fogo dourado, Rhys disse a Cassian, mas Rhys proibiu a carruagem e os cavalos, e deixou Helion saber que ele poderia transportar ou não vem de todo. Daí o pégaso.

A ideia de Helion de um compromisso. Cassian tinha ouvido os rumores dos raros pégasos de Helion.

O mito afirmava que seu ganhão premiado tinha voado tão alto que o sol o havia queimado, mas vendo a besta agora... Bem, Cassian poderia estar com inveja, se ele próprio não tivesse asas. Os cavalos alados eram raros - tão raros que foi dito que os sete pares reprodutores de cavalos voadores de Helion foram os únicos restantes.

Lore afirmava que uma vez houve muito mais deles antes da história registrada, e que a maioria tinha simplesmente desaparecido, como se tivessem sido devorados pelo próprio céu.

Sua população diminuiu ainda mais nos últimos mil anos, por razões que ninguém conseguia explicar. Isso não foi ajudado por

Amarantha, que havia massacrado três dezenas de pégasos de Héllion, além de queimar muitas de suas bibliotecas.

Os sete pares de pégaso que restaram sobreviveram graças a serem libertados antes que os comparsas de Amarantha pudessem alcançar seus currais na torre mais alta do palácio de Helion. O par mais amado de Helion - este garanhão preto, Meallan, e sua companheira - não produziu filhos em trezentos anos, e o último potro não conseguiu sair do desmame antes de sucumbir a uma doença que nenhum curador poderia remediar. De acordo com a lenda, os pégasos vieram da ilha em que a Prisão se assentava - outrora se alimentavam de belos prados que há muito deram lugar a musgo e névoa.

Talvez isso tenha sido parte do declínio: sua terra natal havia desaparecido e o que quer que os sustentasse, não existia mais. Cassian se permitiu admirar a visão de Meallan pousando nas pedras negras do pátio diante dos portões imponentes da montanha, a crina do garanhão soprando no vento de suas asas negras.

Poucas coisas permaneceram nos reinos das fadas que poderiam invocar qualquer tipo de maravilha de Cassian, mas aquele magnífico garanhão, orgulhoso e altivo e apenas meio domesticado, tirou o fôlego de seu peito.

"Incrível", murmurou Rhys, admiração semelhante brilhando em seu rosto.

Feyre sorriu de alegria, e Cassian soube por aquele olhar que ela estaria pintando esta besta - e possivelmente seu impressionante mestre também.

Azriel também piscou maravilhado enquanto o garanhão batia as patas no chão, bufando, e Helion deu um tapinha no pescoço musculoso e espesso do pégaso antes de desmontar. - Muito bem - disse Rhys, avançando. "Não é o desfile que eu queria", disse Helion, apertando a mão de Rhys, "mas Meallan sabe

como fazer uma entrada." Ele soltou um assobio, e o pégaso girou graciosamente apesar de seu tamanho, bateu aquelas asas poderosas e saltou de volta aos céus para esperar por seu mestre em outro lugar. Helion sorriu para Feyre, que viu o garanhão voar para as nuvens com olhos arregalados.

Ele disse: "Vou levá-lo para um passeio, se desejar". Feyre sorriu.

"Eu normalmente aceitaria essa oferta, mas temo que não posso arriscar." As sobrancelhas de Helion levantaram.

Por um segundo, Rhys e Feyre conversaram em silêncio, e então Rhys assentiu.

A voz de Rhys encheu a cabeça de Cassian um segundo depois.

Estamos contando a ele. Cassian manteve o rosto neutro.

Por que arriscar? Rhys disse solenemente: Porque precisamos de suas bibliotecas.

Para encontrar uma maneira de salvar Feyre, Rhys não disse.

Seu Grão-Senhor continuou, E porque você e Azriel estavam certos: é apenas uma questão de tempo até que Feyre apareça.

Ela atendeu ao meu pedido por um escudo, mas terá minhas bolas se eu sugerir encantá-la para esconder a gravidez.

Rhys fez uma careta.

Aqui vamos nos. Cassian acenou com a cabeça.

Eu cuido de você, irmão. Rhys lançou-lhe um olhar agradecido e, em seguida, deve ter levantado o escudo sobre sua companheira porque o cheiro de Feyre -

aquele cheiro maravilhoso e adorável - encheu o ar.

Os olhos de Helion se arregalaram, indo direto para o meio, onde sua mão agora descansava contra o pequeno inchaço.

Ele soltou uma risada."Então é por isso que você precisava aprender sobre escudos impenetráveis, Rhysand." Helion se inclinou para beijar a bochecha de Feyre."Meus parabéns a vocês dois." Feyre sorriu, mas o sorriso de Rhys foi menos aberto.

Se Helion notou, ele não disse nada.

O Grão-Senhor do Dia considerou Cassian e Azriel, então franziu a testa."Onde está meu lindo Mor?" Az disse com firmeza: "Fora". "Pena.

Ela é muito mais agradável de se olhar do que qualquer um de vocês." Cassian

revirou os olhos.Helion sorriu, tirando uma mancha invisível de fiapo de sua túnica branca drapeada, então encarou Rhys.

Sua pele marrom escura brilhava sobre os músculos fortes de suas coxas e pernas nuas, as sandálias douradas que amarravam suas panturrilhas inúteis no terreno coberto de neve ao redor deles.

O Grão Senhor não carregava armas - o único metal com ele era a braçadeira de ouro em torno de um bíceps musculoso, moldado a partir de uma cobra, e a coroa de ouro com pontas no topo de seu cabelo preto na altura dos ombros.

Nunca haveria qualquer confusão de Helion com qualquer coisa além de um Grão Senhor, mas Cassian sempre gostou de seu ar casual e irreverente.

O homem falou lentamente para Rhys, "Bem? Você queria que eu investigasse um feitiço? Ou foi uma desculpa para me levar ao seu palácio de prazer distorcido sob esta montanha? " Rhys

suspirou."Por favor, não me faça lamentar trazê-lo aqui, Helion." Os olhos dourados de Helion se iluminaram.

"Onde estaria a diversão se eu não fizesse isso?" Feyre ligou o braço dela ao dele."Senti sua falta, meu amigo." Helion deu um tapinha na mão dela."Eu vou negar até o túmulo se você contar a alguém, mas eu também senti sua falta, Cursebreaker." "Eu gosto deste palácio muito mais do que o que está embaixo", Helion disse uma hora depois, examinando os pilares de pedra da lua e cortinas transparentes soprando em uma brisa suave que desmentia a cadeia de montanhas com crostas de neve ao redor deles.

Além dos escudos do palácio, Cassian sabia que a brisa se tornou um vento uivante e amargo que poderia arrancar a carne de seus ossos. Helion se jogou em uma cadeira baixa diante de uma das vistas sem fim, suspirando."Tudo bem.

Quer minha avaliação agora que saímos de Hewn City? " Feyre deslizou para o assento ao lado dele, mas Cassian, Rhys e Az permaneceram de pé, o encantador da sombra encostado em um pilar, meio escondido da vista.

Feyre perguntou: "Os soldados estão encantados?" Helion tinha falado e tocado brevemente nas mãos dos dois soldados da Corte do Outonal acorrentados

naquela sala, mantidos vivos e alimentados pela magia de Rhys.

O rosto de Helion ficou tenso quando ele tocou suas mãos - e ele então murmurou que tinha visto o suficiente. Nada na Cidade Hewn parecia perturbá-lo até aquele momento.

Nem os altos pilares negros e seus entalhes, nem as pessoas perversas que os ocupavam, nem a escuridão total do lugar.

Se isso lembrou Helion de seu tempo Sob a Montanha, ele não deixou transparecer.

Marantha modelou sua corte lá depois desta, aparentemente - uma réplica lamentável, Rhys havia dito. "Encantado não é a palavra certa", disse Helion, franzindo a testa.

"Seus corpos e ações não são deles próprios, mas nenhum feitiço cai sobre eles.

Eu posso sentir feitiços - como fios.

Aquelas que podem encantar parecem amarras ao redor de um indivíduo.

Não senti nada disso.

"Então, o que os aflige?" Rhys perguntou. "Eu não sei", admitiu Helion com gravidade incomum.

"Em vez de um fio, era mais como uma névoa.

Uma névoa, exatamente como você descreveu, Rhysand.

Não havia nada em que se agarrar, nada tangível para quebrar, mas estava lá.

"Rhys perguntou: "Parece menos como um feitiço e mais como... uma influência?" Merda.

Merda. Helion esfregou o queixo.

"Não posso explicar como, mas é como se essa névoa em torno de suas mentes

os influenciasse." Ele notou suas expressões. "O que é isso?" A boca de Feyre se apertou.

"A coroa - parte do Dread Trove." E então tudo veio à tona, a rainha Briallyn e sua caça ao tesouro, o envolvimento de Koschei, a máscara que Nestha havia recuperado.

Apenas os segredos de Eris sobre as profundezas da traição de Beron permaneceram não ditos.

Quando Feyre terminou, Helion balançou a cabeça lentamente.

“Achei que íamos pelo menos dar um tempo de tentar evitar desastres como este.” “Apenas a harpa permanece solta, então”, disse Azriel.

Ele permaneceu encostado no pilar, envolto em sombras. “Se Briallyn está com a coroa, é possível que ela a tenha há um tempo - e é por isso que as outras rainhas fugiram para seus próprios territórios.

Talvez eles pensaram que ela o usaria neles e fugiram.

Talvez ela até o tenha encontrado aqui durante a guerra, enquanto estávamos todos distraídos lutando contra Hybern, e o tenha usado para puxar suas forças de volta, para ganhar tempo.

Pode ser o que chamou a atenção de Koschei - que é o que ele quer dela.” “Eu posso comprar isso”, disse Feyre, “mas por que usá-lo nos soldados de Eris para atacar nosso povo em Oorid? Qual é o motivo?” “Talvez fosse para nos informar que ela sabe de seus planos”, sugeriu Rhys. “Mas como ela sabia que estaríamos no pântano?” Perguntou Cassian.

“Esses soldados não tinham o poder de transportar - eles teriam que viajar a pé por semanas antes de chegar lá.” “Eles estão desaparecidos há mais de um mês”, ressaltou Feyre. Helion disse: “Lembre-se de que Briallyn é feito também.

Ela pode não ser capaz de adivinhar o Caldeirão, mas pode adivinhar o Tesouro do Medo tão bem quanto Nestha Archeron.

Ela poderia ter descoberto que a máscara estava em Oorid, mas não ousou se aventurar em sua escuridão.

É possível que ela tenha plantado os soldados para tirar a máscara de você assim que você a encontrar." "Ou nos engane para matá-los, tornando assim um inimigo da Corte Outonal", disse Cassian. "Mas Briallyn tem que ser estúpida", disse Feyre, "se ela acha que aqueles soldados seriam o suficiente para dominar qualquer um de nós." Helion acenou com a cabeça para Feyre.

"Você disse que a máscara está aqui agora? Posso ver?" "Na verdade, precisamos de sua ajuda", disse Feyre. "Rhys protegeu e trancou o quarto onde a Máscara está, mas abriu as fechaduras para deixar minha irmã entrar, provavelmente porque ela foi Feita.

E se ela pode entrar, é possível que Briallyn também possa." Feyre deslizou as mãos tatuadas nos bolsos.

- Você pode mostrar a Nestha como proteger ela mesma? Algo talvez um pouco mais... oomph? " "Oomph?" Rhys perguntou, levantando uma sobrancelha.

"Oomph", disse Feyre, lançando-lhe um olhar feroz. "Nem todos podemos ter a língua de prata como você." Rhys piscou. "Que bom que você se beneficia disso, Feyre, querido." Cassian escolheu ignorar a insinuação e o lampejo de excitação de ambos.

Helion, no entanto, riu. Azriel pigarreou. "Nestha está esperando." "Ela está aqui?" Helion praticamente brilhou com uma luz dourada. "Sim", disse Feyre simplesmente, levantando-se da cadeira.

Cassian não perdeu o olhar sensual que sua Alta Dama deu a Rhys quando ela passou, apontando para os quartos no extremo norte do palácio.

E ele não perdeu a risada profunda que Rhys deu a ela em troca, cheia de promessa sensual. Ele não conseguiu evitar a dor no

peito com a intimidade casual, o afeto e o amor flagrantes.

Muito longe de ser apenas sexo. Helion o seguiu, comentando sobre a beleza do palácio.

Cassian o bloqueou, muito ocupado refletindo sobre como Nestha não se incomodou em protestar quando ele saiu da cama.

E não o havia abordado por mais tempo desde então. Ele se conteve, especialmente porque ela parecia se jogar no chão durante a prática, trabalhando o que ela precisava em seu coração, em sua mente.

Mas ele não tinha sido capaz de parar de se lembrar disso - o sexo, e aquela imagem dela, seu traseiro ainda erguido enquanto ela estava deitada na cama, seu lindo sexo inchado e brilhando, molhado com sua semente. "O que você pensa sobre?" Helion falou lentamente enquanto se aproximavam de uma porta de madeira fechada. Cassian se endireitou.

Ele não tinha percebido que seus pensamentos haviam tirado tal cheiro dele.

Ele sorriu. "Sua mãe." Helion riu. "Eu sempre esqueço o quanto eu gosto de você." "Fico feliz em lembrá-lo." Cassian piscou. Feyre alcançou a porta, bateu e lá estava ela - Nestha. Ela se sentou à mesa onde a Máscara descansava, um livro aberto à sua frente.

Pela velocidade com que ela fechou o volume, Cassian sabia que ela estava lendo um dos romances que ela, Emerie e Gwyn trocaram entre eles. Cassian ficou tenso quando Helion entrou na sala e Nestha se levantou.

Ela estava com um vestido azul escuro hoje - a primeira vez em um mês que ele a viu com um.

Já não pendurava dela.

Ela tinha engordado o suficiente para que o corpete se ajustasse novamente à forma, e aqueles seios exuberantes inchavam graciosamente acima do decote redondo. Helion inclinou a cabeça, a epítome da graça cortês."Lady Nestha."

Nestha fez uma reverência, mas seus olhos cortaram para Feyre."Senhora?"

Feyre encolheu os ombros."Ele está sendo educado." Nestha deslizou seus olhos para Cassian."Agora eu entendo por que você acha o título irritante." Ele sorriu, e Helion piscou - como se estivesse chocado por ela ter esquecido que um Grão Senhor estava diante dela. Mas Nestha havia ultrapassado Helion na primeira

vez que se encontraram, também, totalmente impressionado. Cassian disse a ela:

"Nunca fica mais fácil". Nestha enfrentou Helion novamente, vendo aquela coroa de ouro com pontas e o manto branco drapeado."Aquele era o seu cavalo alado que voou mais cedo?" O sorriso de Helion era uma coisa de beleza cultivada."Ele é meu melhor garanhão." "Ele é adorável." "Assim como você."

Nestha inclinou a cabeça enquanto Cassian se sentia quase sem fôlego, esperando por sua resposta.

Feyre e Rhys pareciam estar tentando não rir, e Azriel era o retrato do tédio frio.

Nestha examinou Helion por tempo suficiente para que ele se mexesse.

Um Grão Senhor se mexeu sob o olhar dela.

Ela disse por fim: "Agradeço o elogio", e foi isso. Aquela pausa enquanto ela examinava Helion tinha sido uma pausa do cortesão.

Avaliando a melhor forma de atacar. Helion franziu a testa ligeiramente. Rhys pigarreou, a diversão brilhando em seus olhos."Bem, aí está." Ele apontou para o monte de veludo preto sobre a mesa."Nestha?" Ela puxou o pano.

O ouro antigo brilhou e Helion sibilou quando um poder frio e estranho encheu a sala, sussurrando como uma brisa fria. Helion girou para Nestha, toda a sensualidade desapareceu."Você realmente vestiu isso e sobreviveu?" Não era uma pergunta que deveria ser respondida.

"Cubra de novo, por favor.

Eu não aguento mais.

" Rhys dobrou suas asas."Isso afeta você tanto assim?" "Isso não afasta suas garras frias em seus sentidos?" Helion perguntou. "Não tanto quanto tudo isso", disse Feyre.

"Podemos sentir seu poder, mas isso não incomodou nenhum de nós tão seriamente."Helion estremeceu e Nestha jogou o pano sobre a máscara.

Como se o pano de alguma forma o cegasse para sua presença."Talvez um ancestral meu o tenha usado uma vez, e o aviso de seu custo está impresso em

meu sangue." Helion soltou um suspiro.

"Tudo bem, não-Lady Nestha.

Permita-me mostrar-lhe alguns truques de proteção que nem mesmo o inteligente Rhysand conhece. No final, Helion criou as proteções e as ligou ao sangue de Nestha.

Uma alfinetada, cortesia de Truth-Teller, fez o trabalho, e Cassian ficou tenso ao ver aquela pequena gota vermelha.

Seu cheiro. Foi um esforço de vontade dizer a seu corpo que não havia ameaça, que o sangue estava disposto, que ela estava bem.

Mas isso não o impediu de ranger os dentes alto o suficiente para que Feyre sussurrasse para ele sob a conversa de Nestha e Helion: "O que há de errado com você?" Cassian murmurou de volta: "Nada.

Pare de ser tão intrometido, Cursebreaker.

" Feyre lançou-lhe um olhar de esguelha."Você está agindo como um animal enjaulado." Seus lábios se curvaram para cima."Você é ciumento?" Cassian manteve a voz neutra."De Helion?" "Não vejo mais ninguém nesta sala que esteja segurando a mão da minha irmã e sorrindo para ela." O bastardo estava realmente fazendo isso, embora Nestha permanecesse com o rosto impassível."Por que eu ficaria com ciúme?" A risada de Feyre foi um farfalhar de ar. Cassian não conseguiu evitar o sorriso de resposta, ganhando um olhar confuso de Azriel.

Cassian balançou a cabeça, assim que Nestha puxou sua mão do aperto de Helion e perguntou: "Então está feito?" "Assim que sairmos desta sala, ninguém poderá entrar.

Mesmo você, se não desbloquear minhas proteções, não pode entrar." Nestha soltou um pequeno suspiro."Bom." "Eu vou te mostrar o feitiço de desbloqueio", disse Helion, mas ela se afastou dele. "Não", disse Nestha abruptamente."Não, eu não quero saber." O silêncio caiu. Nestha declarou a nenhum deles em

particular: "Se Briallyn está caçando a Máscara, se ela me prender, eu não quero ter nenhum conhecimento de como libertá-la." Era sábio, mesmo que o deixasse nauseado pensar, mas ele poderia jurar que era mentira.

Poderia ter jurado que Nestha não queria ter acesso às informações - para si mesma. Como se ela pudesse ser tentada pela máscara. Rhys disse: "Tudo bem.

Helion pode me mostrar, e se precisarmos de conhecimento, eu vou mostrar a você." Rhys estendeu a mão para Helion, indicando como ele preferia ver o feitiço.

Seus dedos se entrelaçaram, seus olhos ficaram vagos, e então Rhys piscou."Obrigado." Azriel disse: "Temos que notificar Eris sobre o reaparecimento de seus soldados.

E o que fizemos com eles.

" Cassian examinou sua família, seus amigos.

"Quanto contamos a Eris? Vamos deixá-lo saber que temos a máscara? " A questão estava pendurada lá.

Então Rhys disse: "Ainda não." Ele acenou com a cabeça para Cassian."Faça uma visita a Eris amanhã." Rhys gesticulou para Nestha."Você vai com ele."

Nestha enrijeceu e Cassian tentou não ficar boquiaberta."Por que?" ela perguntou. "Porque você gosta de jogar", disse Rhys.

Ele sem dúvida notou como ela lidou bem com as tentativas de Helion de flertar antes.

Rhys sabia como manejar uma ferramenta à sua disposição.

"Mas a escolha é sua", acrescentou. Cassian pigarreou."Parece bom para mim."

Nestha, para sua surpresa, não se opôs. "Quero confirmar que Briallyn está com a coroa", disse Azriel."Vou viajar para as terras humanas amanhã." "Não", Feyre e Rhys disseram ao mesmo tempo, ao mesmo tempo. Os olhos de Azriel se fecharam."Eu não estava pedindo permissão." Rhys sorriu."Não importa." Az

abriu a boca para protestar, mas Feyre disse: "Você não vai, Azriel.

Se Briallyn estiver com a coroa e te pegar, mesmo que ela apenas suspeite que você está por perto, quem sabe o que ela poderia fazer com você? " "Dê-me algum crédito, Feyre", disse Az."Eu posso me manter escondido bem o suficiente." "Não corremos riscos", disse Feyre, a voz neutra com o comando."Retire todos os seus espiões." "Como diabos eu vou." Cassian se preparou, mas Feyre não recuou.

"As informações de seus espiões - quaisquer espiões - não podem ser confiáveis com a Coroa em jogo.

Amren disse que precisa de contato próximo para afundar suas garras na mente de alguém.

Ficamos longe de Briallyn.

" Azriel se irritou e se virou para Rhys."E você concorda com ela?" "Ela é sua Grã Senhora", disse Rhys friamente.

"O que ela diz é lei." Az olhou para ele, olhou para Feyre.

Determinado que eles eram uma unidade imóvel, uma parede impenetrável contra a qual sua fúria só iria quebrar novamente e novamente. No silêncio tenso, Helion acenou com a cabeça para o corredor brilhante além da sala."Eu gostaria de me retirar da odiosa presença da Máscara e talvez desfrutar de seu palácio, Rhysand.

Já se passou muito tempo desde que estive em um lugar tão silencioso.

Se você permitir, ficarei aqui por uma ou duas horas.

" "Algo te incomodando em casa?" Rhys perguntou, caminhando ao lado do Grão Senhor. Cassian percebeu o olhar de Nestha

quando ele saiu da sala, e ela agarrou seu livro antes de segui-los.

Feyre saiu com Azriel, murmurando com uma mão tatuada em seu ombro. Cassian perguntou Nestha: "O que você está lendo hoje?" "Uma breve história do Grande Cerco Osian." Ele quase tropeçou um passo. "Não é um

romance?" "Percebi depois que você me deixou A Dança da Batalha que ainda há muito que aprender.

Ontem à noite, pedi à Câmara que me desse algo que você pudesse ler.

"Por que?" Nestha enfiou o livro debaixo do braço.

"De que adianta aprender técnicas de luta se não sei seu verdadeiro propósito e uso? Você me treinaria como uma arma, e eu seria apenas isso: a arma de outra pessoa.

Quero saber como manejá-lo - eu mesmo, quero dizer.

E outros." Cassian ficou atordoado em silêncio enquanto eles subiam as escadas, seguindo Helion e Rhys, que conversavam à frente de seu grupo. "Você planeja liderar um exército, Nes?" "Não é um exército." Ela olhou de soslaio para ele. "Mas talvez uma pequena unidade de mulheres." Ela estava falando sério. "As sacerdotisas?" "Não sei se eles iriam aderir, mas... Há outros por aí, tenho certeza, que podem.

Eu sou imortal agora, ou o mais próximo possível disso.

Não tenho nada além de tempo para planejar um futuro distante.

"Seu peito se apertou.

Planejamento para o futuro.

Foi um ótimo sinal. Cassian bateu na porta do quarto de Nestha na casa depois do jantar.

Ela não se juntou a ele e Azriel, embora talvez tenha sido o melhor. O Grão Senhor e a Alta Dama da Corte Noturna enfrentaram o encantador das sombras esta tarde e emergiram triunfantes. Talvez triunfante não fosse a palavra certa, mas a discussão terminou com Azriel, relutantemente, concordando em não espionar Briallyn por enquanto - e meditando durante todo o jantar. A voz de Nestha ecoou pela madeira."Digitar." Ele a encontrou na cama, um livro apoiado em seus joelhos.

Parecia que ela havia voltado ao romance."Não há mais livros de guerra?" Ele ergueu os três que trouxera - a razão de estar aqui.

Sua desculpa. "Apenas durante o dia." Ela se sentou, juntando os cobertores em volta da cintura."O que são aqueles?" "Mais textos que achei que você poderia estar interessado." Ele os colocou sobre a mesa. Nestha baixou o queixo em um aceno superficial, sua longa trança balançando sobre o peito com o movimento.

Ela usava uma camisola de mangas compridas e, embora não houvesse fogo na lareira, o quarto permanecia aquecido.

Como se a Casa tivesse notado sua antipatia por incêndios e aquecido de outra forma. Ele se forçou a se mover da mesa, para apontar para a porta dela novamente. Ela disse antes que ele chegasse ao arco: "Não foi bom para você?"

Cassian se virou lentamente."O que?" Um rubor manchou suas bochechas quando ela ergueu o queixo."O sexo não foi bom para você?" Ele engoliu em seco."Por que você perguntaria isso?" A garganta de Nestha balançou.

Ela estava... Porra, ela estava realmente insegura dele? "Você saiu rapidamente.

E não me procurou novamente." Saí rapidamente porque precisava manter alguns pedaços de mim intactos.

"Você tem se concentrado no treinamento." Seus olhos brilharam com algo parecido com dor."Tudo bem.

Bem boa noite." "Eu não quis dizer isso.

Foda-se, Nestha." Ele caminhou em direção à cama, e ela se endireitou novamente, olhando para ele enquanto ele se elevava sobre ela.

"Como eu poderia ser tão egoísta - exigir mais sexo de você quando você está tão investido em treinamento?" "Não é uma exigência se ambos os lados querem", disse ela."E eu só estava preocupada com você... não gostava tanto quanto eu." "Você acha que não te procurei porque não me diverti?" Quando ela não disse nada, ele apoiou as mãos em cada lado dela e se inclinou para sussurrar em seu ouvido, respirando seu cheiro, "Eu me diverti muito.

Eu pensei sobre isso por dias e dias.

" Ela estremeceu e ele sorriu contra a suave concha de sua orelha.

Ele amava isso - ver aquele exterior gelado desmoronar, ver como ele a afetava."Você tem se tocado à noite, pensando como eu faço?" O queixo de Nestha mergulhou em um aceno de cabeça, e pelo canto do olho, ele viu um flash de seus dentes enquanto ela mordia o lábio inferior."Esses dedinhos doces são tão bons quanto os meus?" Sua respiração engatou, mas ela não respondeu.

Ele sabia que ela não queria dar a ele essa satisfação.

Ele beliscou o lóbulo da orelha dela, puxando um suspiro dela."Nós vamos?"

"Eu não sei", ela sussurrou."Eu teria que ver de novo." "Hmm." Cassian baixou a boca, pressionando um beijo sob sua orelha.

Seu pênis endureceu, já doendo contra suas calças.

"Vamos fazer uma pequena comparação lado a lado?" Ela choramingou e ele se arrastou para a cama, montando em suas pernas.

Seu sangue batia em cada centímetro dele, no ritmo do pulso em seu pênis, e ele se afastou de seu pescoço para encontrar seus olhos brilhantes de desejo.O

mundo se aquietou, e ela olhou e olhou fixamente para ele enquanto ele lentamente puxava os cobertores até sua cintura.

Sua camisola estava franzida até as coxas, e ele passou a mão sobre uma delas, acariciando os músculos elegantes que cresciam ali com o polegar.

"Por que você não me mostra como você se toca, Nestha? E então vou lembrá-lo de como eu toco em você." Ele mostrou os dentes em um sorriso malicioso."Você pode me dizer o que é melhor." Seu peito arfou, seus seios duros espreitando através da camisola.

Sua boca encheu de água, o corpo tremendo com a contenção necessária para não colocar a boca sobre eles. Ela parecia ler cada linha de seu corpo, seu desejo.

Seus olhos brilharam com fogo derretido."Enquanto eu... me toco, você está

proibido de me tocar." Um sorriso selvagem."E proibido de se tocar." Sua pele se aqueceu, esticando-se muito sobre os ossos."Tudo bem." Cassian esperou que ela se aninhasse nos travesseiros, mas ela agarrou a bainha da camisola para cobri-la, fazendo uma bola antes de jogá-la no chão. Todos os

pensamentos saíram de sua mente enquanto ela meio reclinada ali, totalmente nua, aqueles belos seios pontiagudos e esperando por ele, sua pele sedosa quase brilhando.

E entre suas pernas... Ela ergueu os joelhos ligeiramente, espalhando-os.

Expondo-se. Cassian fez um som baixo de dor.

Seu sexo rosa brilhava - seu perfume inebriante e sedutor acenando.

Ele precisava provar isso, senti-la em sua língua, em seu pênis -
- Sem tocar -

ronronou Nestha, porque sua mão estava à deriva em direção ao seu pênis, desesperada por qualquer tipo de alívio ao vê-la aberta e nua, as luzes da faelight a dourando. Sua respiração raspou em sua garganta - e então desapareceu completamente quando Nestha deslizou dois dedos delicados por seu corpo.

Eles pararam em cima daquele feixe de nervos, circulando lentamente. Sua respiração ficou irregular, mas ela o observou observá-la enquanto ela fazia outro círculo, e então se movia mais para baixo.

Um deslizamento lento e tortuoso para baixo em seu centro antes de seu pulso se curvar e ela mergulhar os dedos em si mesma. Cassian gemeu, os quadris arqueando um pouco onde ele se ajoelhou, e ela lançou-lhe um olhar de repreensão.

Ele se acalmou, incapaz de pensar em qualquer coisa além dos dois dedos dela enquanto ela os deslizava para dentro de si novamente, e gemeu.

Eles emergiram brilhando com a umidade dela, e ele poderia estar ofegante quando ela os mergulhou dentro de si mesma pela terceira vez, profunda e lentamente. "Isso," ela respirou, seus

dedos começando uma bomba lenta e constante, "é o que eu faço quando penso em você todas as noites." Se ela o tocasse, ele viria.

Mas ele rosnou: "Faça mais forte." Ela estremeceu como se as palavras dele fossem um toque físico e obedeceu.

Ambos gemeram desta vez, e ele se viu dizendo: "Por favor". Ele não sabia o que significava, apenas que precisava tocá-la. Nestha sorriu para ele com diversão felina. "Ainda não." Ela enfiou a mão entre as pernas novamente.

"Eu imagino você me levando, uma e outra vez.

Áspero, como fizemos antes.

" Ele não conseguia respirar, não conseguia fazer nada além de olhar para a mão dela, seu rosto nublado de prazer. "Eu imagino você menos paciente do que da primeira vez, apenas empurrando dentro de mim, o tempo todo." Ela repetiu suas palavras com um rápido mergulho de seus dedos. "Eu não quero machucar você", ele disse, orando à Mãe e ao Caldeirão para manter sua sanidade. "Você não vai me machucar." Sua outra mão provocou aquele feixe de nervos. "Eu quero você solto." Cassian fez um ruído baixo de necessidade. Ela bufou uma risada perversa.

"Você quer me ver gozar? Ou você quer provar? " "Gosto." Ele imploraria na brasa por uma lambida dela. Ela abriu mais as pernas. "Então venha para mim, Cassian." Seu nome em seus lábios foi sua ruína.

Ele agarrou suas coxas e as espalhou amplamente, e então sua boca estava sobre ela, lambendo-a da base ao ápice em um longo e luxuoso deslizamento. Ela gemeu, mais alto do que da primeira vez, e ele apenas agarrou as pernas dela novamente, enganchando-as sobre os ombros enquanto enterrava o rosto contra ela. Não havia nada de gentil nisso, nada de provocação.

Ele festejou com a língua e lábios e dentes, e cada gosto dela fez o rugido em seu sangue subir como uma onda poderosa dentro dele.

Nestha se apertou contra ele, os dedos dos pés fazendo cócegas em suas asas tanto que ele teve que parar por um momento para não gozar com aquele simples toque.

Ele ensinaria a ela o jogo de asas mais tarde.

Porque ele queria que ela tocasse suas asas, para aprender onde acariciar enquanto ele a fodia para que ele gozasse forte o suficiente para ver estrelas, para aprender em quais lugares acariciar, mesmo enquanto ele não estava transando com ela, então ele entraria sua mão, sua boca. Ele deslizou a língua em seu núcleo, a liberação já crescendo sob sua pele, em sua espinha.

Muito cedo - ele não queria ir muito cedo. Ele se obrigou a respirar.

Obrigou-se a recuar, recuar.

A visão dela sobre os travesseiros, nua e aberta para ele, quase o fez gozar. Mas ele tirou a camisa.

As calças dele. Só quando ele estava nu, ajoelhado entre as pernas dela, seu pau projetando-se para frente, ele disse: "Você quer meus dedos, minha língua ou meu pau, Nestha?" Ele agarrou o último item para ela, bombeando-se em um aperto lento, quase doloroso.

Ela observou, os olhos se arregalando, como se lembrando do tamanho dele dentro dela. "Que tal uma comparação lado a lado?" ela conseguiu dizer, mas a arrogância não estava em seus olhos, não quando ele se bombeou novamente, saboreando como isso a fez perder o fôlego. "O que você quiser.

O que você precisar de mim.

” Ele sabia que aquelas eram palavras de tolo, sabia que ofereceu muito. Mas ela apenas olhou para seu pênis."Eu quero aquilo.

Agora." Ele murmurou uma prece de agradecimento à Mãe e se deitou sobre ela, apoiando-se em seus braços."Coloque-me dentro de você." Quando a mão de Nestha o envolveu, ele se arqueou, cerrando os dentes.

Ela sorriu com isso, e bombeou nele tão forte quanto ele bombeou em si mesmo, apenas este lado da dor.

Então ela o ajustou à sua entrada encharcada. Ele não esperou dessa vez.

Não foi com ternura, não quando ela disse a ele que queria o contrário. Cassian mergulhou nela, dirigindo direto ao máximo. Nestha soltou um som em algum lugar entre um gemido e um grito, e ele se encontrou ecoando quando todo o seu calor sedoso e ardente o agarrou.

Ela estava tão perfeitamente, derretendo a mente apertada.

Como se ela tivesse sido feita para ele e ele tivesse sido feito para ela. Cassian deslizou para fora em um longo deslizamento e empurrou para trás, acomodando-se totalmente.

As unhas dela cravaram em seus ombros, a dor disso secundária, a dor disso um prazer enquanto ela o marcava. Ele se retirou novamente, abaixando a cabeça para assistir seu pênis deslizar para fora dela, brilhando com sua umidade - e então entrar nela novamente.

Cada centímetro naquele núcleo apertado e ardente dela era o paraíso e o tormento, e ele precisava de mais, precisava ser mais profundo, precisava rastejar tão longe dentro dela que não

haveria como desenredá-los. Suas unhas cortaram sua pele, e o sabor de seu sangue encheu o ar.

Ele apenas se inclinou para beijá-la.

Ela se separou para ele instantaneamente, e ele a deixou provar seu próprio gosto em sua língua, movendo-se no tempo de suas estocadas. Nestha envolveu seus lábios em torno de sua língua e chupou como ela tinha seu pênis, e qualquer pensamento lógico desapareceu.

Juntando-a a ele, Cassian se ajoelhou, as pernas dela travando em torno de sua cintura enquanto ele empurrava para cima e para cima dentro dela.

Ela inclinou a cabeça para trás, expondo a garganta, e ele mordeu o centro dela, com força suficiente para deixar uma marca. Nestha moveu seu pênis, e ele dirigiu mais fundo nela.

Raspou os dentes no pescoço dela. Ela soltou seu ombro para segurar seu seio, e ele quase atingiu o clímax quando a encontrou levantando-o em direção a ele em

um comando silencioso. Cassian lambeu seu mamilo e ela se agarrou a ele, os delicados músculos internos se apertando com força."Foda-se", disse ele em torno de seu seio.

Ela riu sem fôlego e fez de novo. Então havia apenas a língua e os dentes em seu seio, as batidas quase selvagens de seu pênis em seu calor apertado, o ritmo de seus quadris enquanto o encontrava em cada golpe, como se tentando trabalhá-lo ainda mais fundo.

Ele arrastou a boca de seu seio para morder seu pescoço, seu ombro, selando seus corpos juntos, fundindo-os em um ser enquanto empurrava mais fundo ainda, mais forte ainda. E então seus dedos encontraram suas asas.

O toque não era cortante, mas gentil - um golpe tão suave, hesitante e maravilhoso que ele rugiu. A liberação o atingiu, e ele se chocou contra ela com um impulso tão poderoso que ela gritou, chegando ao clímax com ele.

Ela se agarrou a ele, pulsando e ordenhando, e ele resistiu, frenético, reduzido a essa necessidade de estar nela, de derramar dentro dela, de derramar tanto de si mesmo quanto pudesse. Nestha o montou até que ele parasse de jorrar, até que o prazer dela a envolvesse em seu peito, um braço ainda estendido em direção à asa dele. Eles se agarraram um ao outro, e ele tentou se recompor, se lembrar que porra era seu nome e onde eles estavam. Mas havia apenas ela.

Apenas esta mulher em seus braços. E o único nome de que ele conseguia se lembrar era o dela. Nestha não conseguia se mover. Envolvido em torno de Cassian, onde ele se ajoelhou no centro da cama, suas mãos ainda cavando em sua bunda para mantê-la no lugar, seu pênis enterrado profundamente dentro dela, ela não queria se mover. Ela nunca tinha sido assim com ninguém, onde um olhar de seu amante a trouxe um batimento cardíaco de distância do alívio; um olhar dele e ela estava tirando a roupa e se dando prazer na frente dele. Ela não tinha coragem de ficar envergonhada.

Não quando parecia tão bom, tão certo. Ele estava tremendo, suas asas se contraindo enquanto seu pênis finalmente terminava de se consumir. Ela disse a si mesma que não deveria gostar tanto - vê-lo desfeito, sentindo sua semente dentro dela, vazando para fora dela.

E o fato de que ela fez ela finalmente se afastou, gemendo baixinho enquanto ela deslizava para fora de seu pênis. Ela se ajoelhou diante dele, quase joelho com joelho. "Eu ainda preciso de mais." A cabeça de Cassian se ergueu, os olhos brilhando. "Eu sei." Ela não conseguia respirar sob aquele olhar, aquele rosto lindo. "Como posso precisar de você de novo tão cedo?" Não foi

uma pergunta tímida de um cortesão - foi dita por puro desespero.

Porque ela precisava de mais.

Ela precisava dele de volta dentro dela, precisava de seu peso, sua boca e dentes sobre ela.

Ela não tinha explicação para isso, aquela sede crescente e insaciável. Seus olhos piscaram."Eu preciso de você desde o momento em que te conheci.

E agora que tenho você, não quero parar." "Sim", ela respirou, sobre tanta verdade quanto ela admitia."Sim." Eles se encararam por um longo minuto, pela eternidade.

E então, para seu choque e deleite, Cassian endureceu diante de seus olhos."Você vê o que você faz comigo?" ele perguntou."Você vê o que acontece toda vez que eu olho para você, a porra do dia todo?" Ela sorriu.

- Lembro-me vagamente de você se gabar, semanas atrás, de que seria eu a rastejar para a sua cama.

Parece que você rastejou.

" Seus lábios se curvaram para cima."Parece que sim." Seu coração trovejou enquanto ele sustentava seu olhar.

"Fique de joelhos," ele ordenou, sua voz tão baixa que ela mal conseguia entendê-lo.

Mas o sangue dela esquentou, e uma dor que não tinha nada a ver com o quão duro ele acabara de tomá-la começou a crescer entre suas pernas mais uma vez.

Então Nestha fez o que ele pediu, expondo-se, ainda molhada e brilhando com os dois lançamentos. Ele rosnou de satisfação."Bonito." Ela choramingou um

pouco - porque sob o elogio, a luxúria pura fervilhava.

Ele rosnou: "Coloque as mãos na cabeceira da cama." Sua respiração começou a sair dela novamente, mas ela obedeceu, já vibrando com a necessidade. Cassian se levantou atrás dela, segurando seus quadris.

Ele bateu um joelho contra cada um dos seus, abrindo mais as pernas.

As pontas dos dedos calejados roçaram ao longo de sua coluna vertebral, sobre a tatuagem ali, a tinta ligando-os. Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

"Segure firme."

CAPÍTULO

42

Cassian recebeu a convocação para a casa do rio logo após o amanhecer. Ele não tinha dormido no quarto de Nestha - não, depois daquela segunda vez, quando todo o seu corpo se transformou em geleia saciada e contente, ele saiu dela e voltou para sua própria suíte.

Ela não disse nada.

O entendimento estava lá, porém: apenas sexo, mas eles não precisavam esperar tanto tempo novamente. O sono foi evasivo enquanto ele pensava no que eles fizeram, no que ele fez com ela.

A segunda vez foi ainda mais dura do que a primeira, e ela pegou tudo o que ele jogou nela, encontrou seu ritmo e profundidade exigentes e segurou a cabeceira da cama até que seu corpo desabou de prazer.

Deuses, sexo com Nestha era como ... Ele não se deixou levar por comparações enquanto se sentava no escritório de Rhys ao lado de Amren e Azriel, de frente para o Grão Senhor do outro lado da mesa.

Esses pensamentos não lhe fizeram nenhum favor na noite anterior.

Ou esta manhã, quando ele acordou forte e dolorido, e percebeu que o cheiro dela estava por todo o corpo. Ele sabia que seus amigos sentiam o cheiro.

Nem Rhys nem Az comentaram, mas os olhos de Amren se estreitaram.

Mesmo assim, ela não disse nada, e ele se perguntou se Rhys havia lhe dado uma ordem silenciosa.

Cassian arquivou sua curiosidade sobre por que Rhys poderia ter sentido a necessidade de fazer tal coisa. - Tudo bem, Rhysand - disse Amren, colocando um pé sob a coxa."Diga-me por que estou aqui antes do café da manhã, enquanto Varian ainda está dormindo profundamente na minha cama." Rhys puxou uma lona que estava sobre parte de sua mesa.

"Estamos aqui porque recebi a visita de um ferreiro ao amanhecer no extremo oeste da cidade." Cassian ficou imóvel ao ver o que estava lá: uma espada, uma adaga e uma grande espada mais longa, toda revestida de couro preto.

"Que ferreiro?" Rhys recostou-se na cadeira, cruzando os braços."Aquele que você e Nestha visitaram há vários dias." A testa de Cassian franziu.

"Por que ele trouxe essas armas para você? Como um presente?" Azriel se inclinou para a frente, uma mão com cicatrizes alcançando a espada mais próxima. "Eu não faria isso", advertiu Rhys, e Az parou. Rhys disse a Cassian:

“O ferreiro os deixou aqui em pânico absoluto.

Ele disse que as lâminas estavam amaldiçoadas.

” O sangue de Cassian gelou. Amren perguntou: "Amaldiçoado de que maneira?" "Ele apenas disse amaldiçoado", respondeu Rhys, apontando para as armas.

“Disse que não queria nada com eles e que eles eram o nosso problema agora.”

Amren deslizou os olhos para Cassian.

“O que aconteceu na loja?” "Nada", disse ele.

“Ele a deixou martelar o metal por um tempo, para que ela pudesse ter uma noção do trabalho árduo que era necessário para fazer armas.

Mas não houve maldição.

” Rhys se endireitou."Nestha martelou as lâminas?" "Todos os três", disse Cassian."Primeiro a espada, depois a adaga e depois a grande espada." Rhys e Amren trocaram um olhar. Cassian perguntou: "O quê?" Rhys perguntou a Amren: "É possível?" Amren olhou para as lâminas."Já faz... muito tempo, mas... sim." "Alguém, por favor, explique", disse Azriel, olhando para as três lâminas de uma distância segura. Cassian se obrigou a sentar-se perfeitamente imóvel enquanto Rhys passava a mão pelo cabelo preto.

“Antes, os Grão-Feéricos eram mais elementares, mais dados a ler as estrelas e a criar obras-primas de arte, joias e armamentos.

Seus dons eram mais crus, mais conectados à natureza, e eles podiam imbuir objetos com esse poder.

” Cassian soube instantaneamente para onde isso estava levando."Nestha colocou seu poder nessas espadas?" “Ninguém

foi capaz de criar uma espada mágica em mais de dez mil anos”, disse Amren. “O último Feito, a grande lâmina Gwydion, desapareceu na hora em que o último tesouro do tesouro desapareceu.” “Esta espada não é Gwydion”, disse Cassian, bem ciente dos mitos sobre a espada.

Tinha pertencido a um verdadeiro Alto Rei Feérico em Prythian, como existia em Hybern.

Ele havia unido as terras, seu povo - e por um tempo, com aquela espada, a paz reinou.

Até que ele foi traído por sua própria rainha e seu general mais feroz, e perdeu a espada para eles, e as terras caíram na escuridão mais uma vez.

Nunca mais ver outro Grande Rei - apenas Grão-Senhores, que governavam os territórios que antes respondiam ao rei. “Gwydion se foi”, disse Amren, um tanto tristemente, “ou está felizmente desaparecido há milênios.” Ela acenou com a cabeça em direção à grande espada.

“Isso é algo novo.” Azriel disse: “Nestha criou uma nova espada mágica.”

“Sim”, disse Amren.

“Apenas as Grandes Potências podiam fazer isso - Gwydion recebeu seus poderes quando a Alta Sacerdotisa Oleanna o mergulhou no Caldeirão durante sua fabricação.” O sangue de Cassian gelou, ondas ondulando sobre sua pele. “Um toque da magia de Nestha enquanto a lâmina ainda estava quente ...”

“E a lâmina foi infundida com ele.” “Nestha não sabia o que estava fazendo”, disse Cassian. “Ela estava desabafando.” “O que pode ser pior”, disse Amren.

“Quem sabe que emoções ela despejou nas lâminas com seu poder? Pode tê-los moldado em instrumentos de tais sentimentos - ou pode ter sido o catalisador para liberar seu poder.

Não há como saber.

”“Então, usamos a espada”, disse Cassian, “e descobrimos.”
“Não”, Amren respondeu bruscamente.

“Eu não ousaria sacar essas lâminas.

Principalmente a grande espada.

Posso sentir o poder se acumulando ali.

Ela trabalhou nisso por mais tempo? ” “Sim.” “Então ele deve ser tratado como um objeto do Dread Trove.

Um novo Trove.

” “Você não pode estar falando sério.” As sobrancelhas de Amren se achataram.

“O Dread Trove foi forjado pelo Caldeirão.

Nestha possui os poderes do Caldeirão.

Portanto, qualquer coisa que ela crie e imbua com seu poder se torna um novo tesouro.

Neste ponto, eu não comeria nem um pedaço de pão se ela tivesse torrado.”

Todos eles olharam para as três lâminas em cima da mesa. Azriel disse: “As

pessoas vão matar por esse poder.

Mate-a para detê-lo ou nos mate para capturá-la." "Nestha forjou um novo tesouro", disse Cassian, controlando sua raiva com a verdade das palavras de Azriel."Ela poderia criar qualquer coisa." Ele acenou com a cabeça para Rhys.

"Ela poderia encher nossos arsenais com armas que nos ganhariam qualquer guerra." Briallyn, Koschei e Beron não teriam chance. "É por isso que Nestha não deve aprender sobre isso", disse Amren. Cassian perguntou: "O quê?" Os olhos cinzentos de Amren permaneceram firmes."Ela não pode saber." Rhys disse: "Isso parece um risco.

E se, inconsciente, ela criar mais? " "E se, em um de seus humores," Amren desafiou, "Nestha cria o que ela agrada apenas para nos ofender?" "Ela nunca faria isso", disse Cassian com veemência.

Ele apontou para ela."Você sabe disso, porra." "Nestha criaria não um tesouro do medo", disse Amren, imperturbável por seu rosnado, "mas um tesouro de pesadelos." "Eu não posso mentir para ela", disse Cassian, olhando para Rhys."Eu não posso." "Você não precisa mentir", respondeu Amren.

"Simplesmente não forneça as informações". Ele apelou para Rhys: "Você está bem com isso? Porque tenho certeza que não." "A ordem de Amren se mantém", disse Rhys, e por um segundo, Cassian o odiou.

Odiava a desconfiança e cautela que viu no rosto de Rhys. "Eu teria cuidado quando você estiver transando com ela", acrescentou Amren, os lábios se curvando em um sorriso de escárnio."Quem sabe no que ela pode transformar você quando as emoções dela estão altas?" "Isso é o suficiente", disse Azriel, e Cassian voltou os olhos agradecidos para o irmão.

Az continuou: "Estou com Cassian nisso.

Não é certo esconder o conhecimento de Nestha.

” Rhys considerou, então olhou longa e fixamente para Cassian.

Cassian resistiu ao olhar, manteve as costas retas e o rosto sério.

Rhys disse finalmente: “Quando Feyre voltar do estúdio, vou perguntar a ela.

Ela será o voto decisivo.

” Era um acordo, e até Amren poderia concordar com isso.

Cassian assentiu, inquieto, mas disposto a deixar a decisão ficar nas mãos de Feyre. Amren se aninhou de volta em sua cadeira. “Essa espada será conhecida pela história.” Seus olhos escureceram quando ela olhou para a grande espada, suas palavras ecoando.

“Resta saber se será conhecido pelo bem ou pelo mal”. Cassian sacudiu o arrepio que desceu por sua espinha, como se o próprio destino tivesse ouvido suas palavras e estremecido.

Ele sorriu para ela. “Você adora ser dramático, não é?” Amren fez uma careta e se levantou. “Vou voltar para a cama.” Ela apontou para Rhysand.

“Coloque essas armas em algum lugar onde ninguém as encontrará.

E mãe, maldita seja, se você ousar desembainhar um.” Rhys acenou para ela, entediado e cansado. “É claro.” “Estou falando sério, garoto”, disse Amren. “Não desembainhe essas lâminas.” Ela examinou todos os três antes de sair. “Qualquer um de vocês.” Por um momento, apenas o tiquetaque do relógio de pêndulo fez um som. Rhys olhou para ele.

Então ele disse, com os olhos distantes: “Não consigo encontrar nada para ajudar Feyre com o bebê - com o parto.” O peito de Cassian apertou. “Drakon e Miryam?” Rhys balançou a cabeça.

“As asas do Serafim são tão flexíveis e arredondadas quanto as dos Illyrianos são ossudas.

Isso é o que vai matar Feyre.

Os filhos de Miryam foram capazes de passar por seu canal de nascimento porque suas asas se dobraram facilmente - e quase todos os humanos que se

misturaram com Drakon tiveram sucesso semelhante.” A garganta de Rhys balançou.

Suas palavras seguintes quebraram o coração de Cassian.

“Eu não percebi quanta esperança estava segurando até que vi a pena e o medo em seus rostos.

Até que Drakon teve que me abraçar para me impedir de desmoronar.” Cassian foi até o irmão em poucos passos.

Ele apertou o ombro de Rhys, encostando-se na borda da mesa.

“Vamos continuar procurando.

E quanto a Thesan?” Rhys afrouxou os botões superiores de sua jaqueta preta, revelando uma sugestão do peito tatuado por baixo.

“A Corte Dawn não tinha nada de útil.

Os Peregrins são semelhantes aos Serafins - eles são parentes, embora distantes.

Seus curandeiros sabem como fazer um bebê pélvico com asas virar, como tirá-lo da mãe, mas, novamente: suas asas são flexíveis.

” Azriel apareceu do outro lado de Rhys, uma mão em seu ombro também. O

relógio tiquetaqueando, uma lembrança brutal de cada segundo correndo em direção à condenação certa.

O que eles precisavam, Cassian percebeu a cada tique do relógio, era um milagre. Azriel perguntou: "E Feyre ainda não sabe?" "Não.

Ela sabe que o trabalho de parto será difícil, mas ainda não disse a ela que isso pode muito bem ceifar sua vida." Rhys falou em suas mentes, como se ele não pudesse dizer em voz alta, eu não disse a ela que os pesadelos que agora me fazem cambaleiar do sono não são do passado, mas do futuro. Cassian apertou o ombro de Rhys. "Por que você não conta a ela?" A garganta de Rhys funcionou.

"Porque eu não consigo dar a ela esse medo.

Para tirar um pouco da alegria de seus olhos cada vez que ela coloca a mão em sua barriga.

" Sua voz tremeu.

"Está me comendo vivo, esse terror.

Eu me mantenho ocupado, mas... não há ninguém com quem negociar pela vida dela, nenhuma quantidade de riqueza para comprá-la, nada que eu possa fazer para salvá-la.

" "Helion?" Azriel perguntou, olhos doloridos. "Eu disse a ele antes de ele sair ontem.

Puxei-o de lado quando Feyre havia transportado para casa e implorei de joelhos que ele encontrasse algo em suas mil bibliotecas para salvá-la.

Ele disse que todo bibliotecário-chefe e pesquisador que puder ser poupado será contratado.

Em algum lugar da história, alguém deve ter estudado isso.

Encontrou uma maneira de entregar um bebê com asas a uma mãe cujo corpo não estava equipado para isso.

"Vamos manter nossa esperança, então", disse Cassian.

Rhys estremeceu, baixando a cabeça, seu cabelo preto sedoso obscurecendo seus olhos. Cassian ergueu o olhar para Azriel, cujo rosto transmitia tudo: a esperança não manteria Feyre vivo. Cassian engoliu em seco e desviou o olhar para as três lâminas na mesa. Seus punhos eram comuns - como se poderia esperar de um ferreiro em uma pequena aldeia.

Ele fez belas armas, sim, mas não obras-primas artísticas.

O punho da grande espada era uma cruzeta simples, o punho um pedaço

arredondado de metal. Gwydion, a última das espadas mágicas, estava escura como a noite e tão bonita. Quantos jogos Cassian havia jogado quando criança com Rhys e Azriel, onde um longo bastão tinha sido um substituto para Gwydion? Quantas aventuras eles haviam imaginado, compartilhando aquela espada mítica entre eles enquanto matavam wyrms e resgatavam donzelas? Não importa que a donzela particular de Rhys tivesse matado um ancião e o resgatado. Mas se Amren estivesse certo... Cassian não conseguia pensar em outro lugar no mundo que contivesse três lâminas mágicas, muito menos uma.

Esses podem muito bem ser os únicos que existem. Cassian tamborilou com os dedos na mesa, a curiosidade mordendo profundamente. "Vamos dar uma olhada." "Amren disse para não fazer isso", Azriel avisou. "Amren não está aqui", disse Cassian, sorrindo. "E não precisamos tocá-los." Ele deu um tapinha no ombro de Rhys. "Use essa mágica sofisticada para desembainhá-los." Rhys ergueu a cabeça.

"Esta é uma má ideia." Cassian piscou. "Isso deveria estar escrito no brasão do Night Court." Algumas estrelas passaram a existir

nos olhos de Rhys.

Azriel murmurou uma oração. Mas Rhys respirou fundo duas vezes para se acalmar e desenrolou seu poder em direção à enorme espada, deixando-a erguer a lâmina em mãos salpicadas de estrelas. "É pesado", observou Rhys, as sobrancelhas franzidas em concentração.

"De certa forma, não deveria ser.

Como se estivesse lutando contra minha magia." Ele manteve a espada flutuando acima de sua mesa, perpendicular a ela, como se estivesse em um suporte.

Cassian se preparou enquanto Rhys inclinava a cabeça, sua magia sondando o cabo, a bainha.

Rhys pensou: - O ferreiro nunca disse nada sobre o que parecia amaldiçoado e deve ter tocado várias vezes - para sentir o poder e trazê-lo aqui, pelo menos.

Portanto, não pode ser uma espada mortal matar qualquer mão descuidada."

Azriel resmungou."Eu ainda teria cuidado." Com um sorriso malicioso para Az, Rhys usou seu poder para puxar a bainha preta. Não foi fácil, como se a espada não quisesse ser revelada - ou não por Rhysand. Porém, centímetro a centímetro,

a bainha escorregou da lâmina.

E centímetro a centímetro, aço fresco brilhou - realmente brilhou, como a luz da lua estava dentro do metal. Mesmo Az não transformou suas feições em nada além de espanto boquiaberto quando a bainha finalmente caiu. Cassian cambaleou para trás, boquiaberto. Faíscas iridescentes dançaram ao longo da lâmina.

Magia pura e crepitante.

A luz dançou e jorrou como se um martelo invisível ainda a golpeasse. Os pelos do corpo de Cassian se arrepiaram. Rhys inalou, reunindo sua magia, então flutuou e desembainhou a outra espada e a adaga. Eles não brilhavam com força bruta, mas Cassian podia senti-los.

A adaga irradiava frio, sua lâmina cintilando tão forte que parecia um pingente de gelo ao sol.

A segunda espada parecia quente - zangada e obstinada. Mas a grande espada entre as duas outras... As faíscas diminuíram, como se sugadas pela própria lâmina. Nenhum deles ousou tocá-lo.

Algo profundo e primitivo dentro de Cassian o alertou para não fazer isso.

Que ser empalado ou cortado por aquela lâmina não seria um ferimento comum.

Uma risada feminina suave ondulou da porta, e Cassian não precisou se virar para saber que Amren estava ali. "Eu sabia que vocês, idiotas, não seriam capazes de resistir." Rhys murmurou: "Nunca vi nada assim." Sua magia fez as três lâminas girarem, permitindo que observassem cada faceta.

O rosto de Az ainda estava relaxado de admiração. "Amarantha destruiu um", disse Amren. Cassian começou. "Nunca ouvi isso." Amren emendou: "Rumores afirmam que ela jogou um no mar.

Não chegaria às mãos de Amarantha, nem às mãos de nenhum de seus comandantes, e em vez de deixar o Rei de Hybern alcançá-lo, ela se desfez dele." Azriel perguntou: "Qual espada?" "Narben." Os lábios vermelhos de

Amren se curvaram para baixo. "Pelo menos é o que dizem os boatos.

Você estava sob a montanha então, Rhys.

Ela teria mantido isso em segredo.

Eu só ouvi de uma ninfa aquática em fuga que isso tinha sido feito." "Narben era ainda mais velho que Gwydion", disse Rhys."Onde diabos estava?" "Eu não sei, mas ela o encontrou, e quando ele não se dobrou para ela, ela o destruiu.

Como ela fez todas as coisas boas.

" Era tudo o que Amren diria sobre aquela época terrível.

"Talvez estivesse a nosso favor.

Se o rei de Hybern possuísse Narben, temo que teríamos perdido a guerra.

" Os poderes de Narben não eram a luz sagrada do salvador de Gwydion, mas muito mais sombrio."Não consigo acreditar que aquela bruxa o jogou no mar", disse Cassian. "Novamente, foi um boato, ouvido de alguém que ouviu de alguém.

Quem sabe se ela realmente encontrou Narben? Mesmo se não fosse obedecê-la, ela seria uma idiota em jogá-lo fora." "Amarantha pode ser míope", disse Rhys.

Cassian odiava o som de seu nome na língua de seu irmão.

Com a explosão de raiva no rosto de Azriel, o encantador das sombras também.

"Mas você, Rhysand, não é." Amren acenou com a cabeça para as armas ainda girando."Com essas três lâminas, você poderia se tornar o Grande Rei." As palavras ecoaram pela sala.

Cassian piscou lentamente. Rhys disse com firmeza: "Não desejo ser o rei supremo.

Eu só desejo estar aqui, com meu companheiro e meu povo.

” Amren rebateu: “Todas as sete cortes unidas sob um governante nos dariam melhores chances de sobrevivência em qualquer conflito que se aproxima.

Nenhuma briga e politicagem necessária para despachar nossos exércitos.

Insatisfeitos como Beron não teriam capacidade de ameaçar nossos planos aliando-se aos nossos inimigos.

” “Teríamos que lutar uma guerra interna primeiro.

Eu seria considerado um traidor por meus amigos em outras cortes - seria forçado a fazê-los se ajoelhar.” Azriel deu um passo à frente, sombras saindo de seus ombros.

- Kallias, Tarquin e Helion podem estar dispostos a se ajoelhar.

Thesan vai se ajoelhar se os outros o fizerem.” Cassian acenou com a cabeça.

Rhys como Rei Supremo: ele não conseguia pensar em nenhum outro homem em quem confiaria mais.

Nenhum outro homem seria um governante mais justo do que Rhys.

E com Feyre como Alta Rainha... Prythian seria abençoado por ter tais líderes.

Então Cassian disse: “Tamlin provavelmente lutaria e perderia.

Beron seria o único a ficar no seu caminho.” Os dentes de Rhys brilharam.

“Beron já está atrapalhando meu caminho e fazendo um ótimo trabalho.

Não tenho interesse em justificar seu comportamento.

” Ele deu a Cassian um olhar fulminante. "Não temos que sair logo para transportar você e Nestha até a Corte Primavera para se encontrar com Eris?"

"Não mude de assunto", Cassian falou lentamente. O poder de Rhys retumbou na sala.

“Eu não quero ser o Rei Supremo.

Não há necessidade de discutir isso.

” “O seu poder é terrível e lindo, Rhysand”, Amren disse, suspirando.

“Você tem três lâminas mágicas diante de você, cada um fazedor de reis por direito próprio, e ainda assim você prefere compartilhar esse poder.

Mantenha suas fronteiras.

Por que?" Rhys perguntou: "Por que você quer que eu me transforme em um conquistador?" Amren respondeu: "Por que você se intimida com o poder que é seu direito de nascença?" "Não fiz nada para ganhar esse poder", disse Rhys.

“Eu nasci com isso.

É uma ferramenta para defender meu povo, não para atacar os outros.

” Ele os examinou.

“De onde vem essa conversa?” Azriel disse baixinho: - Estamos enfraquecidos -

todos os sete tribunais.

Ainda mais em conflito um com o outro e com o resto do mundo desde a guerra.

Se Montesere e Vallahan marcharem sobre nós, se Rask se juntar a eles, não iremos resistir.

Não com Beron já se voltando contra nós e aliado de Briallyn.

Não se Tamlin não puder controlar sua culpa e tristeza e se tornar o que ele já foi.

” Cassian pegou o fio, prendendo as asas.

“Mas uma terra unida sob um rei e uma rainha, armada com tanto poder e objetos... Nossos inimigos hesitariam.” Rhys rosnou: "Se você pensa por um momento que Feyre estaria remotamente interessado em ser Alta Rainha, você está delirando." Amren disse: - Feyre veria isso como um mal necessário.

Para proteger seu filho de nascer na guerra, ela faria o que fosse necessário.

” "E eu não vou?" Rhys exigiu, de pé.

“Eu não serei o Rei Supremo.

Não vou considerar isso, nem hoje e nem daqui a um século.

” Amren olhou para a grande espada, ainda girando lentamente acima deles.

“Então me explique porque, depois de milhares de anos, os objetos que uma vez coroaram e ajudaram os antigos Feérico voltaram.

A última vez que um rei supremo governou Prythian, foi com uma espada mágica na mão.

Olhe para aquela grande espada à sua frente, Rhysand, e diga-me que não é um sinal do Caldeirão em si. A respiração de Cassian ficou presa na garganta.

“Foi um golpe de sorte, Amren.

Nestha não fez de propósito.” Amren balançou a cabeça, o cabelo balançando.

“Nada é um acaso.

O poder do Caldeirão flui através de Nestha e poderia usá-la como uma marionete sem que ela soubesse.

Ele queria que essas armas fossem Feitas, e assim foram Feitas.

Queria que Rhysand os tivesse e assim o ferreiro os trouxe para você.

Para você, Rhysand, não para Nestha.

E não se esqueça que a própria Nestha - e Elain, com todos os poderes que ela possui - está aqui.

Feyre está aqui.

Todas as três irmãs abençoadas pelo destino e dotadas de poderes iguais aos seus.

Feyre sozinho dobra sua força.

Nestha te torna imparável.

Especialmente se ela marchasse para a batalha usando a máscara.

Nenhum inimigo poderia resistir a ela.

Ela mataria os soldados de Beron, depois os ressuscitaria dos mortos e os voltaria contra ele." O sangue de Cassian gelou.

Sim, Nestha seria imparável.

Mas a que custo para sua alma? Rhys lançou um olhar frio para Amren."Não vou entreter essa ideia ridícula por outro momento." Cassian sabia que eles foram dispensados.

Ele acenou com a cabeça para Az, que o seguiu em direção às portas.

Eles pararam, no entanto, antes da soleira.

Olhou de volta para seu irmão, o Grão Senhor, agora sentado sozinho em sua mesa.

O peso de tantas escolhas pressionando fortemente seus ombros largos, deixando cair suas asas. "Muito bem então, Rhysand." Amren também se afastou da mesa e das lâminas que a magia de Rhys agora embainhou e colocou na superfície."Mas saiba que a benevolência do Caldeirão será estendida a você apenas por algum tempo antes de ser oferecida a outro."

CAPÍTULO

43

Inspirando o aroma doce e inebriante do arbusto lilás roxo que florescia atrás deles, Nestha olhou de lado para Cassian.

Ela podia jurar que ele se coçava sutilmente sempre que ela se virava para admirar a beleza e a paz da floresta Spring Court. Rhys os transportou aqui, silencioso e impassível, então desapareceu.

Cassian não parecia incomodado com isso, então Nestha não perguntou.

Especialmente não enquanto esperavam que Eris aparecesse a qualquer momento. Nestha fingiu olhar em direção a uma amoreira-brava, então virou a cabeça de volta para Cassian para encontrá-lo realmente coçando os braços."O

que há de errado com você?" "Eu odeio este lugar," ele murmurou, corando.

"Alergias." Nestha engoliu uma risada.

"Você não precisa esconder isso de mim.

No reino humano, costumava ficar com tanta coceira que precisava tomar dois banhos por dia para me livrar de todo o pólen.

" Bem, antes que eles fossem para a cabana.

Depois disso, Nestha teve a sorte de tomar banho uma vez por semana, graças ao

incômodo de aquecer e transportar tanta água para a única banheira em um canto de seu quarto.

Às vezes, ela e Elain até compartilhavam a mesma água do banho, tirando palhas para quem entrava em segundo lugar. A garganta de Nestha se contraiu e ela observou as flores de cerejeira balançando acima.

Elain adoraria este lugar.

Tantas flores, todas desabrochando, tanto verde - o verde claro e vibrante da grama nova - tantos pássaros cantando e um sol tão quente e amanteigado.

Nestha se sentiu como uma nuvem de tempestade em meio a tudo.

Mas Elain... O Corte Primavera foi feito para alguém como ela. Pena que sua irmã se recusou a vê-la.

Nestha teria dito a Elain para visitar este lugar. E uma pena que o senhor que governava essas terras era um pedaço de merda. "Eris está atrasado", disse Nestha a Cassian.

Eles estavam esperando há dez minutos. "Você acha que ele está vindo?" "Ele provavelmente está bebendo um pouco de chá, gostando do fato de que estamos aqui, esperando por ele." Cassian considerou. "Bem, ele só sabe que estou chegando.

Mas ele vai gostar da ideia de me fazer esperar." "Ele é um bastardo." Nas poucas vezes que ela conheceu o filho do Grão-Senhor de Autumn, Nestha detestou o homem de rosto frio e afetado.

Exatamente o tipo de pessoa que abandonaria uma Morrigan ferida na floresta.

"Você está falando de mim ou do bruto ao seu lado?" Uma voz profunda e suave disse das sombras de um dogwood em flor. E lá estava ele, como se seus pensamentos o tivessem conjurado.

Eris estava vestido tão imaculadamente quanto Rhysand, nenhum fio de seu longo cabelo ruivo fora do lugar.

Mas embora os traços angulares de Eris fossem bonitos, nenhuma luz brilhou em seus olhos.

Sem alegria. Aqueles olhos pousaram em Nestha, passando de seu cabelo trançado para suas botas de couro. "Olá, Nestha Archeron." Nestha encontrou o olhar do homem.

Ela não disse nada, deixando o frio desprezo congelar em seu olhar. A boca de Eris se curvou para cima.

Mas a expressão desapareceu quando ele se virou para Cassian."Ouvi dizer que você tem algo a me dizer sobre meus soldados." Cassian cruzou os braços.

"Boas e más notícias, Eris.

Faça sua escolha." "Mau.

Sempre o mau primeiro.

" O sorriso de Eris estava cheio de veneno. "A maioria dos seus soldados está morta." Eris apenas piscou."E as boas notícias?" "Dois deles sobreviveram."

Nestha estudou cada mudança de minuto no rosto de Eris: raiva brilhando em seus olhos, desagrado em seus lábios franzidos, aborrecimento na vibração de um músculo em sua mandíbula.

Como se inúmeras perguntas estivessem passando por sua mente.

A voz de Eris permaneceu plana, no entanto."E quem fez isso?" Cassian fez uma careta.

"Tecnicamente, Azriel e eu fizemos.

Seus soldados foram encantados pela Rainha Briallyn e Koschei para serem assassinos estúpidos.

Eles nos atacaram no Pântano de Oorid, e não tivemos escolha a não ser matá-los.

" "E ainda dois sobreviveram.

Quão conveniente.

Presumo que eles receberam o tipo particular de interrogatório de Azriel? " A voz de Eris gotejava desdém. "Nós só conseguimos

conter dois", disse Cassian com firmeza. "Sob a influência de Briallyn, eles eram praticamente raivosos."

"Não vamos mentir para nós mesmos.

Você só se preocupou em conter dois, no momento em que sua sede de sangue bruta diminuiu. Nestha viu o vermelho com as palavras, e Cassian prendeu a respiração.

"Fizemos o que podíamos.

Havia duas dúzias deles.

" Eris bufou.

"Certamente havia mais do que isso, e você poderia facilmente ter poupado mais de dois.

Mas não sei por que esperava que alguém como você tivesse feito melhor.

" "Você quer que eu me desculpe?" Cassian rosnou.

O coração de Nestha começou a bater descontroladamente com a raiva escurecendo sua voz, a dor iluminando seus olhos.

Ele se arrependeu - ele não gostou de matar aqueles soldados. "Você ao menos tentou poupar os outros ou apenas se lançou em um massacre?" Eris fervejava.

Cassian hesitou.

Nestha poderia jurar que viu as palavras acertarem o golpe.

Não, Cassian não hesitou.

Nestha sabia que ele não tinha.

Ele nunca hesitaria em salvar alguém que amava de um inimigo.

Não importa o que isso custou a ele. Nestha deu um passo mais perto de Eris."Seus soldados atiraram uma flecha de freixo por uma das asas de Azriel."Os dentes de Eris brilharam."E você se juntou a este massacre também?"

"Não," ela disse francamente."Mas eu me pergunto: Briallyn armou os soldados com aquelas flechas de cinzas ou elas vieram de seu arsenal particular?" Eris piscou, a única confirmação necessária.

"Essas armas são proibidas, não são?" ela perguntou a Cassian, cujas feições permaneceram tensas.

A conflagração dentro dela queimou mais quente, mais alto.

Ela voltou sua atenção para Eris.

Se ele pudesse brincar com Cassian, ela retribuiria o favor."Para quem você estava armazenando essas flechas?" ela meditou.

"Inimigos no exterior?" Ela sorriu ligeiramente.

"Ou um inimigo em casa?" Eris segurou seu olhar."Não sei do que você está falando." O sorriso de Nestha não vacilou."Uma flecha de cinza no coração mataria um Grão Senhor?" O rosto de Eris empalideceu."Você está perdendo meu tempo." Nestha encolheu os ombros.

"E você está desperdiçando o nosso.

Pelo que sabemos, você convenceu seus soldados a nos matar.

Alegou que seus cães encontraram odores no local de seu desaparecimento que o ligava a Briallyn, e então mentiu sobre a aliança de Beron.

Talvez você até tenha feito o pai de Morrigan atrasar sua visita a Velaris como uma peça em um grande esquema para ganhar nossa confiança.

Tudo parte do seu jogo.

” O olhar de Cassian foi um toque físico em seu rosto, mas ela manteve sua atenção em Eris de dorso rígido."Se você quiser brincar de fomentador da guerra, vá em frente, Eris." Seu sorriso se alargou.

“Eu gosto de um oponente interessante.” "Eu não sou seu inimigo", Eris cuspiu, e Nestha sabia que ela tinha vencido.

Pelo toque dos dedos de Cassian nas costas dela, ele sabia também. Cassian disse: "Lamento não ter conseguido salvar mais seus soldados, Eris.

Eu realmente quero.

Os dois restantes serão devolvidos a você hoje, embora permaneçam sob o domínio da Coroa.

Mas também não sou seu inimigo.

Briallyn e Koschei são nossos inimigos - ambos nossos.

Se as famílias desses soldados precisarem de alguma coisa, terei o maior prazer em dar o que puder para ajudá-los ". Algo como orgulho floresceu nela com as palavras sinceras de Cassian.

Ele daria tudo o que tinha para essas famílias, se isso corrigisse o erro. Eris olhou entre eles.

Notou a mão em suas costas.

O que Cassian deixou exposto. Eris disse a Nestha com um sorriso malicioso:

"Você é um lindo presentinho.

Eu ficaria feliz em jogar qualquer tipo de jogo com você, Nestha Archeron.

” Os dedos de Cassian apertaram suas costas.

Eris parecia sentir isso também.

Cassian tinha alguma ideia das coisas que ele deixou vulneráveis para pessoas

como Eris atacarem? Ele viveu muito honestamente, muito corajosamente, para notar ou se importar.

Ela não pode deixar de admirar. - Quando você se cansar do animal - Eris disse a ela, apontando com o queixo para Cassian -, venha me encontrar.

Vou mostrar a você como um futuro Grão-Senhor joga.” Cassian rosnou, abrindo a boca, mas parou. Eris ficou imóvel também. Nestha sentiu um batimento cardíaco depois.

A presença rastejando em direção a eles em patas macias. Cassian a empurrou para trás dele no momento em que uma besta de pele dourada com chifres ondulados saltou de trás das amoreiras, pousando na clareira da floresta. Ela nunca esqueceria aquela besta.

Como isso quebrou a porta de sua cabana e a aterrorizou até os ossos.

Como tudo que ela conseguiu pensar foi em proteger Elain enquanto Feyre agarrava a faca para enfrentá-la.

Enfrente-o. Tamlin. Olhos verdes os avaliaram.

Eris marcado.

Então Cassian.

Então ela. Tamlin rosnou, baixo e profundo, e os Sifões de Cassian chamejaram."Estávamos saindo", disse Cassian com uma calma constante, estendendo a mão para Nestha.

Ele os lançaria no ar.

Mas ele seria rápido o suficiente para evitar as garras de Tamlin? Ou poder? O

olhar de Tamlin permaneceu nela.

Furiosa e odiosa. Este era o macho, a besta, sua irmã amou uma vez.

Desistiu de tudo, incluindo sua vida mortal, para salvar.

Que então pegou seu amor e o distorceu, quase quebrando Feyre no processo.

Até Rhys.

Até que Cassian e os outros ajudaram a trazê-la de volta.

Ajudou-a a aprender a amar a si mesma mais uma vez. Nestha não se importou se ele veio para ajudar durante a batalha final com Hybern.

Tamlin havia machucado Feyre.

Imperdoavelmente. Isso nunca a preocupou antes.

A irritou, sim, mas... Nestha encontrou seus dedos se curvando.

Seus lábios se separaram de seus dentes enquanto ela rosnava. Sua irmã mais nova foi levada por este homem porque a própria Nestha não foi capaz de enfrentá-lo.

Tamlin até olhou para ela e perguntou se ela iria no lugar de Feyre.

E ela disse não, porque ela era uma covarde odiosa e horrível. Ela não seria uma covarde agora. Nestha deixou uma brasa de seu poder brilhar em seus olhos.

Deixe Tamlin ver como ela disse: “Você não vai nos tocar”. “Tenho todo o direito de matar invasores em minhas terras”.

As palavras eram guturais, quase impossíveis de entender.

Como se Tamlin não falasse há muito tempo. "Estas ainda são suas terras?"

Nestha perguntou friamente, saindo de trás de Cassian. "Pelo que ouvi, você não se preocupa mais em governá-los." Eris permaneceu totalmente imóvel.

Ele foi pego se encontrando com eles, ela percebeu.

Se Tamlin contasse a alguém -Nestha disse: "Eu sugiro que você mantenha sua boca fechada sobre isso." Tamlin eriçou-se, os pêlos aumentando. "Você é exatamente tão desagradável quanto sua irmã disse que você era." Nestha riu. "Eu

odiará decepcionar." Ela sustentou seu olhar esmeralda, sabendo que as chamas prateadas cintilavam nas dela.

“Eu fui para o Caldeirão por sua causa,” ela disse suavemente, e poderia jurar que o trovão rugiu à distância.

Cassian e Eris desapareceram em nada.

Havia apenas Tamlin, apenas esta besta e o que ele tinha feito a ela e sua família.

“Elain foi para o Caldeirão por sua causa”, Nestha continuou.

Suas pontas dos dedos aqueceram, e ela sabia que se olhasse para baixo, ela encontraria brasas prateadas queimando lá.

“Não me importa o quanto você se desculpe ou tente expiar por isso ou diga que não sabia que o Rei de Hybern faria tal coisa ou que você implorou a ele para não fazer isso.

Você conspirou com ele.

Porque você pensou que Feyre era sua propriedade.

” Nestha apontou para Tamlin.

O chão tremeu. Cassian praguejou atrás dela. Tamlin encolheu-se de seu dedo estendido, as garras cravadas na terra. “Abaixe esse dedo, sua bruxa.” Nestha sorriu. “Estou feliz que você se lembre do que aconteceu com a última pessoa para quem apontei.” Ela abaixou o braço. “Estamos indo agora.” Ela recuou para onde Cassian já estava esperando, de braços abertos.

Ele os enrolou na cintura dela.

Nestha olhou para Eris, que deu a ela um aceno superficial de aprovação, então desapareceu. Nestha disse a Tamlin antes de dispararem para o céu: “Diga a qualquer um que você nos viu, Senhor Supremo, e vou arrancar sua cabeça de seu corpo também.” Nestha olhou para o poço de escuridão no fundo da biblioteca. Ela não conseguia dormir, mal conseguia evitar o retorno ao encontro com Tamlin o dia todo.

Cassian voou para a casa do rio e não voltou.

Talvez Rhys tivesse ido garantir o silêncio de Tamlin sobre sua trama com Eris.

Talvez Rhys fizesse um favor a todos e transformasse a mente de Tamlin em geleia. Nestha descansou os braços na grade do Nível Cinco, deixando a cabeça cair.

Tão tarde, ninguém estava acordado e ela não sabia onde ficavam os dormitórios, então ela não poderia procurar Gwyn.

Não que ela quisesse acordar sua amiga.

Ela duvidava que Gwyn quisesse ouvir seus problemas de qualquer maneira. Um copo de leite morno apareceu na grade ao lado dela. Nestha olhou para a biblioteca escura.

“Obrigada”, disse ela à Câmara. A Corte da Primavera parecia estagnada.

Oco.

Vazio, apesar de sua vida crescente.

Mas esta casa estava viva.

Isso a acolheu, queria que ela crescesse e prosperasse.

Era um lugar onde ela poderia descansar ou explorar, onde poderia ser quem e o que quisesse. Era isso que casa era? Ela nunca tinha aprendido.

Mas este lugar... Sim, casa pode ser um bom nome para isso.

Talvez tenha sido isso que Feyre sentiu também, quando ela deixou a Corte da Primavera e veio para essas terras.

Talvez Feyre tivesse se apaixonado por esta corte tanto quanto ela tinha seu governante. Algo se mexeu na escuridão abaixo.

Nestha se endireitou, o leite esquecido. Lá.

No coração do buraco negro, como um fio de fumaça... algo se moveu. Parecia expandir e contrair, pulsando em uma batida selvagem - "Achei que fosse encontrar você aqui.

Bem, aqui ou nas escadas da cidade.

” A voz de Cassian soou atrás dela, e Nestha girou. Ele ficou em alerta, mas Nestha olhou por cima do ombro em direção à

escuridão.

Nenhuma coisa. Ele se foi.

Ou ela tinha imaginado. "Não é nada", disse ela enquanto ele olhava por cima do parapeito. "Apenas sombras." Cassian soltou um suspiro, encostando-se na grade. "Não consegue dormir?" "Eu fico pensando em Tamlin." "Você fez bem com ele.

E você se saiu bem contra Eris também.

Eu não acho que ele vai esquecer isso tão cedo.

" "Ele é uma cobra." "Que bom que concordamos em algo." Nestha bufou uma risada. "Eu não gostei dele falando com você assim." "É assim que muitas pessoas falam comigo." "Isso não significa que seja certo." Ela tinha falado com ele assim.

Ela disse coisas muito piores para Cassian do que Eris.

Sua garganta se apertou. Mas ela disse: "Não posso acreditar que Feyre alguma vez amou Tamlin." "Tamlin nunca a mereceu." Cassian colocou a mão nas costas dela. "Não." Nestha novamente olhou para a escuridão abaixo. "Ele não fez isso."

CAPÍTULO

44

"Alguém me lembra por que isso foi uma boa ideia?" Gwyn ofegava ao lado de Nestha, o suor escorrendo por seu rosto enquanto eles repassavam seu trabalho básico com a espada. - Lembre-me também, - Emerie grunhiu.

Nestha, sem fôlego para falar, simplesmente grunhiu com ela. Cassian riu e o som percorreu seu corpo.

Ele pegou a mão dela na biblioteca na noite passada, levando-a até seu quarto, seus olhos ainda suaves.

Mas isso havia desaparecido quando ele avistou uma cópia dos capítulos de Gwyn sobre as Valquírias na mesa de Nestha.

Ela estava lendo sobre eles, ela explicou quando ele pegou as páginas e as folheou. Sua única resposta foi beijá-la profundamente antes de deitar na cama, posicionando-a acima de seu rosto para que ele pudesse festejar com ela vagarosamente.

Nestha suportou um minuto inteiro até que ela precisasse tocá-lo e girou, deixando-o continuar a devorá-la enquanto ela esticava seu corpo e o levava em sua boca. Ela nunca tinha feito isso - festejou e foi festejada - e ele gozou em sua língua antes que ela gozasse na dele.

Eles esperaram apenas um curto tempo, ofegando em silêncio em sua cama,

antes que ela subisse em cima dele, acariciando-o com a mão, depois com a boca, e quando ele estivesse pronto, ela afundaria em cima dele, absorvendo cada maravilhoso, polegada de espessura.

Com ele se esticando e enchendo tão deliciosamente, ela atingiu o clímax rapidamente.

Ele perseguiu o prazer dela com o seu próprio, agarrando seus quadris e empurrando dentro dela, atingindo aquele ponto perfeito e enviando-a ao clímax novamente. Ela estava um pouco, agradavelmente dolorida esta manhã, e ele piscou para ela do outro lado da mesa do café da manhã, como se estivesse ciente de como certas áreas eram sensíveis ao sentar. Não havia nenhum traço daquela satisfação presunçosa agora quando Cassian disse a eles: "Eu pensei que hoje seria um bom dia para integrar a estrela de oito pontas, mas se você já está reclamando, podemos esperar até a próxima semana." "Não estamos reclamando", disse Gwyn, respirando fundo. "Você está apenas nos deixando malucos." As mais novas sacerdotisas

trabalhando com Az já estavam cambaleando com as pernas exaustos. Cassian percebeu o olhar de Nestha."Alguma unidade Valquíria que você tem." Gwyn girou sobre Nestha."Você disse a ele?" "Não", Nestha e Cassian disseram juntos.

Cassian acrescentou: "Você acha que não percebi as técnicas de respiração que permitem que você tenha aquele olhar calmo e firme, mesmo quando eu e Az estamos irritando você? Eu com certeza não te ensinei isso.

Posso reconhecer Mind-Stilling a um quilômetro de distância.

” Eles apenas ficaram boquiabertos com ele.

Então Gwyn perguntou: "Você conhece a técnica?" "Claro que eu faço.

Eu lutei ao lado das Valquírias na Guerra ”. Silêncio atordoado ondulou.

Nestha tinha esquecido a idade desses Feérico, o quanto Cassian tinha visto e vivido.

Ela pigarreou."Você conheceu as Valquírias pessoalmente?" Gwyn deixou

escapar um ruído estridente que não era nada além de pura emoção.

Azriel, do outro lado do ringue com o resto das sacerdotisas, meio que se virou com o som, sobrancelhas altas. Cassian abriu um sorriso.

“Lutei ao lado das Valquírias por cinco batalhas.

Mas isso parou na Batalha de Meinir Pass.

” Seu sorriso desapareceu.

“Quando a maioria deles morreu para salvá-lo.

As Valquírias sabiam que era uma missão suicida desde o início.

” Azriel voltou para seus protegidos, mas Nestha teve a sensação de que o encantador de sombras monitorava cada palavra, cada gesto de seu irmão. Até Gwyn parou de sorrir.

“Por que eles lutaram, então? Todos lá sabiam que seria um massacre.

Mas nunca consegui encontrar nada sobre a política por trás disso.

” "Não sei.

Eu era um grunhido para uma legião illyriana; Eu não tive acesso a nenhuma das discussões dos líderes.

” Ele olhou para Nestha, que estava boquiaberto."Mas eu tinha... amigos que caíram naquele dia." A maneira como ele hesitava com os amigos a fez se perguntar se algum teria sido mais que isso.

E mesmo que fossem honrados, mortos caídos, algo feio se torceu em seu peito.

“As valquírias lutaram quando mesmo os homens mais bravos não lutaram.

Os illyrianos tentaram esquecer isso.

Lutei contra homens que eram meus superiores, argumentando para ajudar as

Valquírias.

Eles me espancaram até perder os sentidos, me acorrentaram a uma carroça de suprimentos e me deixaram lá.

Quando voltei a mim, a batalha havia acabado, as Valquírias estavam mortas.

” Este era o homem que ela levou para a cama, que saiu novamente na noite anterior sem beijá-la em despedida.

“Por que você não mencionou isso quando viu as páginas sobre eles na minha mesa?” “Você não perguntou.” Ele desembainhou sua lâmina illyriana.

“Chega de história.” Ele desenhou quatro linhas na terra, todas se cruzando para formar uma estrela de oito pontas.

“Este é o seu mapa para golpear com uma espada.

Essas oito manobras.

Você aprendeu seis deles.

Você aprenderá as outras duas hoje e começaremos com as combinações.

” Gwyn perguntou: “Por que não usamos as técnicas de Valquíria, se você as admirava tanto?” “Porque eu não os conheço.” Nestha sorriu.

“Se quisermos ser Valquírias renascidas”, disse ela, “talvez devêssemos combinar as técnicas Illyriana e Valquíria”. Ela quis dizer isso de brincadeira, mas as palavras retumbaram através do espaço, como se ela tivesse falado alguma grande verdade, algo que fez o destino sentar-se.

Azriel se virou totalmente para eles desta vez, os olhos semicerrados.

Como se aquelas sombras tivessem sussurrado algo para ele. Um arrepio percorreu a espinha de Nestha. Cassian olhou em seus rostos.

Como se ele visse algo que não tinha visto antes. Por fim, ele disse fortemente:

"Hoje, aprendemos as técnicas illyrianas." Ele acenou com a cabeça para Gwyn."Amanhã, você me trará todas as informações que tiver sobre o estilo das Valquírias." "É uma quantidade enorme", disse Gwyn.

"Merrill está escrevendo um livro sobre isso.

Eu poderia conseguir uma cópia do manuscrito atual, já que ele contém a maior parte das informações em um só lugar.

" Cassian pareceu ganhar o controle de qualquer emoção que o dominasse, pois esfregou o queixo.

O sangue de Nestha vibrou em resposta.

"Algo novo", disse mais para si mesmo do que para eles.

"Algo antigo se tornando algo novo." Ele sorriu novamente, e Nestha encontrou sua boca se contorcendo para responder com um sorriso. Especialmente quando os olhos de Cassian brilharam.

"Tudo bem, senhoras.

Primeira lição sobre valquírias: elas não reclamam por estarem suadas.

" "Valquírias?" Feyre perguntou do outro lado da mesa de jantar na casa do rio, o garfo meio levantado sobre os lábios."Verdadeiramente?" "Verdade", disse Cassian, tomando um gole de seu vinho no jantar daquela noite.

Ele havia descido até a mansão para discutir o que fazer com as armas que Nestha havia feito - para saber qual seria o voto de Feyre.

Ela não hesitou antes de dizer que Nestha deveria ser informada.

Mas quando ela se ofereceu para contar a ela, Cassian interveio.

Ele contaria a Nestha, quando fosse o momento certo. O único que não votou foi Mor, que permaneceu em Vallahan para continuar persuadindo seus governantes a assinarem o novo tratado, sua ausência marcada por um lugar de honra

estabelecido para ela à mesa. “Nunca ouvimos falar deles em terras humanas”, disse Elain.

Ela havia ficado tão fascinada quanto Feyre ao ouvir Cassian contar sobre isso: primeiro sobre o interesse de Nestha e dos outros, depois sobre a breve história das lutadoras. “Eles devem ter sido criaturas temíveis.” - Alguns eram tão adoráveis quanto você, Elain - disse Rhys ao lado de Feyre - do lado de fora.

Mas assim que eles colocaram os pés na arena de batalha, eles se tornaram tão sanguinários quanto Amren.

” Amren ergueu o copo em saudação.

“Eu gostava dessas mulheres.

Nunca deixe um homem mandar neles - embora eu pudesse ter passado sem seu rei tolo.

Ele é tão culpado por suas mortes quanto os illyrianos que fugiram durante a batalha.

” "Não posso argumentar contra isso", disse Cassian.

Levou muito, muito tempo para superar aquela batalha.

Ele nunca tinha voltado para aquela passagem nas Montanhas Gollian, mas rumores afirmavam que suas rochas permaneciam estéreis, como se a terra ainda chorasse pelas mulheres que deram suas vidas sem hesitação, que riram da morte e abraçaram a vida tão plenamente .

Seu primeiro amante além das fronteiras da Corte Noturna tinha sido das fileiras das Valquírias - uma mulher corajosa chamada Tanwyn com um sorriso como uma tempestade.

Ela cavalgou para a batalha à frente das Valquírias e nunca saiu da passagem.

Cassian acrescentou depois de um momento: "Nestha se daria bem com eles".

“Sempre pensei que ela nasceu do lado errado da parede”, admitiu Elain.

“Ela transformou salões de baile em campos de batalha e conspirou como qualquer general.

Como vocês dois - disse ela, acenando com a cabeça para Cassian e, em seguida, um pouco mais tímida, para Azriel. Azriel ofereceu a ela um pequeno sorriso que Elain rapidamente desviou o olhar.

Cassian escondeu sua perplexidade.

Lucien certamente não estava aqui para rosnar para qualquer homem que olhasse para ela por muito tempo. Feyre finalmente deu uma boa mordida na comida."Nestha é um lobo que foi trancado em uma gaiola durante toda a sua vida." "Eu sei", disse Cassian.

Ela era uma loba que nunca tinha aprendido a ser lobo, graças àquela gaiola que os humanos chamavam de propriedade e sociedade.

E como qualquer animal maltratado, ela mordeu qualquer um que se aproximasse.

Ainda bem que gostou de ser mordido.

Ainda bem que ele saboreava os hematomas e arranhões que ela deixava em seu corpo todas as noites, e que ela desencadeando quando ele estava enterrado nela o fazia querer responder com os seus próprios. Elain se inclinou para frente."Você só acha que sabe - você não a viu na pista de dança.

É quando Nestha realmente deixa o lobo vagar livre.

Quando há música.

"Mesmo?" Nestha havia dito a ele uma vez, quando ele a arrastou para fora de uma taverna decadente em particular, que ela estava lá para a música.

Ele a ignorou, pensando que era uma desculpa. "Sim", disse Elain.

"Ela se formou em dança desde muito jovem.

Ela adora isso e música.

Não da maneira como gosto de uma valsa ou gavota, mas da maneira como os performers fazem dela uma arte.

Nestha poderia parar um salão de baile inteiro quando dançasse com alguém."Cassian largou seu vinho."Ela mencionou aulas de dança para mim algumas semanas atrás." Ele presumiu que essas lições eram o motivo pelo qual Nestha dominou rapidamente o trabalho dos pés e o equilíbrio, apesar de sua dificuldade inicial.

A memória muscular deve ter permanecido intacta.

Mas se a dança tivesse sido incutida nela tão cruelmente quanto ele aprendeu a lutar - "Ela não teria entrado em muitos detalhes sobre isso", disse Elain.

"Nestha tinha apenas quatorze anos no último baile que fomos antes - bem, antes de sermos pobres ..." Elain balançou a cabeça.

"Outra jovem herdeira estava no baile e ela definitivamente me odiava.

Ela era vários anos mais velha, e eu nunca fiz nada para provocar seu ódio, mas acho... " "Ela tinha ciúme da sua beleza", Amren disse, com um sorriso divertido nos lábios vermelhos. Elain corou."Possivelmente." Definitivamente era isso.

Mesmo que Elain mal tivesse treze anos na época. "Bem, Nestha viu como ela me tratou, suas crueldades e desprezos casuais, e esperou seu tempo.

Esperou até aquele baile, quando um belo duque do continente estava lá para encontrar uma noiva.

Sua família estava sem dinheiro, e foi por isso que ele se dignou a vir - para prender uma noiva rica para reabastecer os cofres de sua propriedade.

Nestha sabia que a herdeira estava de olho nele.

A garota havia se gabado disso para todos nós no banheiro em todos os bailes nas semanas anteriores. “Nestha gastou uma pequena fortuna em seu vestido e

joias para aquela noite.

Nosso pai sempre teve muito medo dela para dizer não, e naquela noite... Bem, ela realmente parecia a filha do Príncipe dos Mercadores.

Um vestido de seda ametista com fios de ouro, diamantes e pérolas no pescoço e nas orelhas... Elain suspirou.

Tanta riqueza.

Cassian nunca percebeu a riqueza que eles possuíam e perderam. “A bola inteira parou quando Nestha entrou”, disse Elain.

“Ela fez uma entrada nisso, perfeitamente fria e indiferente, mesmo aos quatorze anos.

Ela mal olhou na direção do duque.

Porque ela também aprendeu sobre ele.

Sabia que ficava entediado com qualquer um que o perseguisse.

E sabia que a riqueza que ela possuía naquela noite ofuscava qualquer coisa que a herdeira estivesse vestindo. Amren estava sorrindo agora.

“Nestha tentou ganhar um duque por despeito? Aos quatorze anos? ” Elain não sorriu.

“Ela o atraiu a convidá-la para dançar com alguns olhares bem colocados do outro lado do salão.

A mesma valsa que a herdeira queria para si mesma, que se gabava, seria tudo de que ela precisava para garantir sua oferta de casamento.

Nestha tocou aquela dança dela.

E então tirou o duque dela também.

Nestha dançou naquela noite como se fosse uma de vocês." "Se você viu a dança

de Cassian", murmurou Rhys, "isso não quer dizer muito." Cassian ignorou seu Grão Senhor enquanto Feyre e Azriel continuou, a voz abafada com quase reverência: - O duque era vaidoso, e Nestha participou disso.

A sala inteira parou.

A dança deles era tão boa; ela era tão bonita.

E quando acabou... eu sabia que ela era uma artista então.

Da mesma forma que Feyre é.

Mas o que Feyre faz com a tinta, é o que Nestha fazia com música e dança.

Nossa mãe o viu quando éramos crianças e o transformou em uma arma.

Tudo para que Nestha possa um dia se casar com um príncipe. Cassian congelou.

Um príncipe - era isso que Nestha queria? Seu estômago se apertou. "O que aconteceu com o duque?" Perguntou Azriel. Elain fez uma careta. "Ele propôs casamento na manhã seguinte." Rhys engasgou com o vinho. "Ela tinha quatorze anos." "Eu te disse: Nestha é uma dançarina muito boa.

Mas foi o que meu pai disse - ela era muito jovem.

Foi uma saída graciosa, já que meu pai, apesar de seus defeitos, conhecia bem Nestha.

Ele sabia que ela tinha insultado aquele duque para fazer uma oferta de casamento apenas para punir a herdeira por sua crueldade para comigo.

Nestha não tinha interesse nele - sabia que ela era muito jovem.

Mesmo que o duque parecesse mais interessado em apenas... reservá-la até que ela tivesse idade suficiente.

Elain estremeceu de desgosto.

“Mas eu acho que uma parte de Nestha acreditava que ela realmente se casaria

com um príncipe um dia.

Então o duque foi para casa sem noiva, e aquela herdeira... Bem, ela era uma das pessoas que se deleitava em nossos infortúnios. "Eu tinha esquecido", murmurou Feyre. "Sobre isso e sobre a dança dela." "Nestha nunca mais falou sobre isso", disse Elain.

“Acabei de observar.” Nestha estava errada, Cassian percebeu, em pensar que Elain era tão leal e amorosa quanto um cachorro.

Elain viu cada coisa que Nestha havia feito e entendeu por quê. Amren perguntou incisivamente: "Então sua mãe transformou as alegrias criativas de Nestha no arsenal de um alpinista social?" Feyre interrompeu: "Nossa mãe não era o que se chamaria de uma pessoa agradável.

Nestha fez suas próprias escolhas, mas nossa mãe lançou as bases.

” Elain acenou com a cabeça, cruzando as mãos no colo.

“Portanto, estou muito satisfeito em saber desse negócio da Valquíria.

Estou feliz que Nestha encontre o interesse em algo novamente.

E pode canalizar tudo de... isso para isso.

”Isso, Cassian sabia, significava sua raiva, sua feroz e inflexível lealdade para com aqueles que amava, seus instintos de lobo e capacidade de matar. Eles passaram para assuntos muito mais alegres, mas Cassian refletiu sobre isso ao longo da noite.

A luta era apenas uma parte dela.

O treinamento a sustentaria, canalizaria aquela raiva, mas tinha que haver mais.

Tinha que haver alegria. Tinha que haver música.

CAPÍTULO

45

"Acho que as valquírias eram ainda mais sádicas do que os illyrianos", grunhiu Gwyn, e Nestha pôde ver as pernas da sacerdotisa tremendo enquanto ela mantinha a pose que havia sido ilustrada em um de seus muitos volumes de pesquisa.

“Nenhuma quantidade de Mind-Stilling vai me ajudar a fazer esses exercícios.

Qual foi a frase que eles usaram? Eu sou a rocha contra a qual as ondas batem.

Uma pedra nunca teve que segurar uma estocada, no entanto." "Isso é ultrajante", Emerie concordou, os dentes cerrados. Cassian preguiçosamente sacudiu uma longa adaga em sua mão."Eu avisei que eles eram guerreiros frios como pedra." Nestha ofegava por entre os dentes em um ritmo

constante."Minhas pernas podem quebrar." "Vocês três ainda têm... vinte segundos." Cassian olhou para o relógio que Azriel havia arrastado da casa e deixado na mesa da estação de água.

O encantador das sombras estava fora hoje, mas as sacerdotisas que ele normalmente treinava haviam sido deixadas com um plano de aula rígido. As pernas de Nestha vacilaram e queimaram, mas ela enraizou sua força nos dedos dos pés, concentrando-se em sua respiração, sua respiração, sua respiração, como a Mente-Stilling ordenou que ela fizesse.

Ela procurou aquele lugar de calma, onde ela poderia estar além de seus

pensamentos de dor e seu corpo trêmulo, e era tão perto, tão perto, se ela pudesse apenas se concentrar, respirar mais profundamente - "Tempo", declarou Cassian, e os três desabaram no chão.

Ele riu novamente."Patético." "Você tenta," Gwyn ofegou, deitado de bruços no chão."Eu não acho que mesmo você poderia sobreviver a isso." "Graças às passagens que você me enviou ontem à noite, eu estava aqui de madrugada fazendo os exercícios eu mesmo", disse ele.

Nestha ergueu as sobrancelhas.

Ele não estava jantando e não a procurara, mas ela estava cansada o suficiente depois de algumas noites de sono pouco e não se importou."Achei que, se vou torturar vocês três, devo pelo menos ser capaz de fazer backup." Ele piscou."Exatamente pelo momento em que você reclamou que eu deveria sofrer ao seu lado." - Não é à toa que você se parece com isso - murmurou Emerie, virando-se para deitar de costas e olhar para o céu nítido de outono.

Os dias haviam desistido de qualquer tentativa de se aquecer, embora o verdadeiro frio ainda não tivesse se posto.

O sol oferecia um grão de calor contra a brisa fria, um calor amanteigado que esquentava os ossos, que Nestha saboreou enquanto ela também se deitava sobre ela.

voltar. "Eu vou aceitar isso como um elogio." Seu sorriso apertou algo no estômago de Nestha. Ele a pegou olhando e aquele sorriso se tornou um pouco mais conhecedor.

Mas ele apenas disse a ela: "Se você fosse nomear uma espada, como você a chamaria?" Gwyn respondeu, embora ela não tivesse sido questionada, "Silver Majesty." Emerie bufou. "Mesmo?" Gwyn perguntou: "O que você chamaria?"

Emerie considerou.

"Foe Slayer, ou algo assim.

Algo intimidante.

"Isso não é melhor!" A boca de Nestha puxou para cima em sua provocação.

Gwyn olhou para ela, olhos azul-petróleo brilhantes. "Qual é o pior: Foe Slayer ou Silver Majesty?" "Silver Majesty", disse Nestha, e Emerie gritou em triunfo.

Gwyn acenou com a mão, vaiando. "Como você chamaria isso?" Cassian perguntou a Nestha novamente. "Por que você quer saber?" "Me dê humor." Ela ergueu uma sobrancelha.

Mas então disse com toda a sinceridade. "Assassino." Suas sobrancelhas se achataram. Nestha encolheu os ombros. "Não sei.

É necessário nomear uma espada? "Apenas me diga: se você tivesse que nomear uma espada, como você a chamaria?" "Você vai comprar um para ela como presente do Solstício de Inverno?" Emerie perguntou. "Não." Nestha escondeu seu sorriso.

Ela adorou isso - quando os três se uniram contra ele, como leões em torno de uma carcaça muito musculosa e atraente. "Então por que continuar perguntando?" Gwyn disse. Cassian fez uma careta. "Curiosidade." Mas sua mandíbula se apertou.

Não foi isso.

Havia algo mais.

Por que ele iria querer que ela nomeasse uma espada? "De volta ao trabalho", disse ele, batendo palmas. "Apesar de toda essa atrevimento, você está perdendo tempo no golpe de estocada da Valquíria." Emerie e Gwyn gemeram, mas Nestha examinou Cassian por mais um momento antes de seguir seu exemplo. Ela ainda estava refletindo sobre o assunto quando terminaram, duas horas depois, encharcados de suor e as pernas bambas.

Emerie e Gwyn retomaram a conversa anterior e foram para o posto de água.

Nestha observou os dois irem, então se virou para Cassian. "Por que você estava me importunando sobre nomear uma espada?" Seus olhos permaneceram em Gwyn e Emerie. "Eu só queria saber qual é o seu nome." "Isso não é uma

resposta.

Por que você quer saber?" Ele cruzou os braços e os descruzou. "Você se lembra de quando fomos ao ferreiro?" "Sim.

Ele está me dando uma lâmina para o Solstício de Inverno? "

"Ele deu a você três.

Os que você tocou.

" Ela arqueou uma sobrancelha. Ele bateu o pé no chão.

"Quando você martelou aquelas lâminas, você as imbuiu - as duas espadas e a adaga - com seu poder.

O poder do Caldeirão.

Eles agora são lâminas mágicas.

E eu não estou falando bem, linda mágica.

Estou falando de magia grande e antiga que não era vista há muito, muito tempo.

Não há mais armas mágicas.

Nenhum.

Eles foram perdidos ou destruídos ou jogados no mar.

Mas você acabou de fazer três deles.

Você criou um novo Dread Trove.

Você poderia criar ainda mais objetos, se quisesse.

"Suas sobrancelhas se ergueram mais altas com cada palavra absurda." "Eu fiz três armas mágicas?" "Não sabemos ainda que tipo de magia eles têm, mas sim." Ela inclinou a cabeça.

Emerie e Gwyn pararam de conversar na estação de água, como se pudessem ver ou sentir a mudança nela.

E não foi o fato de ela ter feito essas armas que a atingiu como um golpe. "Quem somos nós'?" "O que?" "Você disse 'Não sabemos que tipo de magia eles têm'.

Quem somos 'nós'?" "Rhys e Feyre e os outros." "E há quanto tempo todos vocês sabem sobre isso?" Ele estremeceu ao perceber seu erro.

"Eu... Nestha ..." "Quanto tempo?" Sua voz tornou-se cortante como vidro.

As sacerdotisas estavam assistindo, e ela não se importou. Ele fez, aparentemente.

“Este não é o lugar para falar sobre isso.” “É você que está tentando arrancar um nome de mim no meio do treinamento!” Ela gesticulou para o anel. Seu sangue latejava em seus ouvidos e o rosto de Cassian ficou dolorido.

“Isso não está saindo da maneira que deveria.

Discutimos se devíamos contar a você, mas votamos e foi a seu favor.

Porque confiamos em você.

Eu só... não tive a chance de tocar no assunto ainda.” “Havia a possibilidade de você nem me contar? Todos vocês sentaram e me julgaram, e então vocês votaram? ” Algo profundo em seu peito estalou ao saber que cada coisa horrível sobre ela tinha sido analisada. “É... Foda-se.” Cassian estendeu a mão para ela, mas ela recuou.

Todo mundo estava olhando agora.” “Nestha, isso não é ...” “Quem.

Votado.

Contra mim.” “Rhys e Amren.” Aterrou como um golpe físico.

Rhys não foi uma surpresa.

Mas Amren, que sempre a entendeu mais do que as outras; Amren, que não tinha medo dela; Amren com quem ela brigou tanto... Uma pequena parte dela esperava que Amren não a odiasse para sempre. Sua cabeça ficou quieta.

Seu corpo ficou quieto. Os olhos de Cassian se arregalaram.

“Nestha—” “Estou bem”, disse ela friamente. “Eu não me importo.” Ela o deixou vê-la fortificar aquelas paredes de aço dentro de sua mente.

Usou cada pedaço de Mentalidade que ela praticou com Gwyn para se tornar calma, focada, estável.

Inspirando pelo nariz, expirando pela boca. Ela fez um show ao virar os ombros, ao se aproximar de Emerie e Gwyn, cujos rostos se contraíam de preocupação de uma maneira que Nestha sabia que não merecia, de uma forma que ela sabia que um dia desapareceria, quando eles também percebessem o que desgraçada ela era.

Quando Amren disse a eles como ela era um desperdício de vida patético, ou eles ouviram isso de outra pessoa, e eles deixaram de ser seus amigos.

Ela se perguntou se eles diriam isso na cara dela ou se simplesmente desapareceriam. “Nestha”, disse Cassian novamente.

Mas ela deixou o anel sem olhar para ele. Emerie estava em seus calcanhares instantaneamente, arrastando-a escada abaixo. “O que está errado?” - Nada -

Nestha disse, sua própria voz estranha aos seus ouvidos.

“Assuntos judiciais.” “Você está bem?” Gwyn perguntou, um passo atrás de Emerie. Não.

Ela não conseguia parar o rugido em sua cabeça, o estalar em seu peito. “Sim”, ela mentiu, e não olhou para trás quando atingiu o patamar e desapareceu no corredor. Nestha chegou ao seu quarto, onde preparou o banho.

Ela sabia que Cassian viria.

Então ela ficou perto da banheira, a água jorrando da bica, enquanto ele batia em

sua porta.

Ela esperou até sentir que ele ia embora, desistindo dela como todo mundo tinha feito, e então desligou o fluxo. Ela perguntou à Câmara: "Ele se foi?" A porta se abriu em resposta. "Obrigado." Ela caminhou para o corredor vazio.

Talvez a Casa a tenha escondido de vista, pois ela não viu e não sentiu nenhum vislumbre de Cassian enquanto descia apressada o curto lance de escadas perto de seu quarto.

No final do corredor.

Direto pelo arco para aquela longa escadaria. Então, e só então, ela deixou sua fúria sair.

Então, e só então, ela abandonou aquela frieza e se entregou à fúria de seu coração. Amren a considerava tão indigna de confiança, tão horrível, que saber que ela tinha esse dom de mudar o mundo seria perigoso.

Amren havia falado com os outros sobre isso, e eles votaram a respeito. Para baixo e para baixo e para baixo. Passo a passo. Voltas e voltas e voltas. Ela não contou as escadas.

Não sentia suas pernas se movendo.

Havia apenas o rugido de seu sangue e o rugido em sua cabeça e a rachadura no centro de seu peito.

Nenhuma quantidade de Mind-Stilling poderia acalmá-lo, sufocá-lo. O solo ficou mais próximo. Ela não conseguia pensar em sua fúria, aquela dor.

Não conseguia pensar, apenas me mover. A escada ficou mais quente, mais longe do vento frio acima. Amren havia desistido

totalmente dela.

O debate sobre enviá-la aqui foi diferente - Nestha sabia que o debate tinha sido pelo desejo de ajudá-la.

Ela podia reconhecer isso agora. Este debate tinha sido por ódio e medo dela. Os

telhados de azulejos ficaram claros.

Suas pernas tremiam.

Ela não os sentia. Não sentiu nada além da raiva derretida quando a escada parou de repente e ela se viu diante de uma porta. Ele se abriu antes que seus dedos pudessem tocar a alça.

A luz do sol inundou a escada, revelando paralelepípedos além. Raiva ondulando como uma tempestade ao redor dela, Nestha voltou para Velaris finalmente.

CAPÍTULO

46

Ela não percebeu a cidade ao seu redor, as pessoas que olhavam seu rosto e ficavam bem longe ou simplesmente cuidavam de seus negócios.

Não percebeu as vibrantes laranjas, vermelhos e amarelos das árvores de outono ou o azul cintilante do Sidra ao cruzar uma das inúmeras pontes que cruzam seu corpo sinuoso, em direção à margem oeste. Nestha cedeu à sua fúria.

Mais tarde, ela não teria nenhuma memória de correr escada acima para o loft.

Nenhuma lembrança da caminhada antes de ela bater com a mão na porta de madeira.

Ele se quebrou sob sua palma, as proteções se quebrando como vidro. Amren e Varian estavam na cama, a pequena mulher nua enquanto cavalgava o Príncipe de Adriata.

Os dois pararam, Amren girou em direção à porta, Varian se endireitou, um escudo de água envolvendo-os quando Nestha entrou na sala e rosnou: - Você.

Você pensou que eu nem deveria ouvir o que meu poder pode fazer." Amren se moveu com a rapidez do Grão-Feérico, saltando de Varian, que agarrou um lençol para se cobrir enquanto ela pendurava um manto de seda em volta do corpo.

Essa parede cintilante de água fazia parecer que eles estavam abaixo da superfície do oceano.

Amren lançou um olhar para Varian."Largue." Ele obedeceu, deslizando da cama e enfiando as pernas longas e musculosas nas calças. Nestha rosnou para ele:

"Saia". Mas o príncipe da Corte Summer observou Amren, seu rosto tenso de preocupação.

Ele ficaria, iria descer defendendo-a.

Nestha bufou, a amargura revestindo sua língua.

Uma vez, Amren tinha sido essa pessoa para ela - a pessoa que ela sabia que a defenderia em uma luta, falaria por ela.

Amren acenou com a cabeça para ele, e Varian lançou um olhar de advertência a Nestha antes de sair correndo da sala. Provavelmente para contar aos outros, mas Nestha não se importou. Não como Amren disse: "Suponho que aquele bastardo tagarela lhe disse mais do que o necessário." "Você votou contra mim", disse ela, sua voz fria desmentindo a rachadura em seu peito. "Você não fez nada para provar que é capaz de lidar com um poder tão terrível", Amren disse com igual frieza.

“Naquela barcaça, você me disse isso quando se afastou de qualquer tentativa de dominá-la.

Eu me ofereci para te ensinar mais, e você foi embora.

” “Eu fui embora porque você escolheu minha irmã.” Exatamente como Elain havia feito.

Amren tinha sido sua amiga, sua aliada e, no entanto, no final, não importava nem um pouco.

Ela escolheu Feyre. “Eu não escolhi ninguém, sua garota mimada”, Amren retrucou. “Eu disse a você que Feyre havia pedido que você e eu trabalhássemos juntos novamente, e você de alguma forma torceu isso para que eu ficasse com ela?” Nestha não disse nada.

“Eu disse a eles para deixá-lo sozinho por meses.

Recusei-me a falar sobre você com eles.

E então, no momento em que percebi que meu comportamento não estava ajudando você, que talvez sua irmã estivesse certa, eu de alguma forma te traí? ”

Nestha tremeu. “Você sabe como me sinto sobre Feyre.” “Sim, pobre Nestha, com uma irmã mais nova que a ama tanto, ela está disposta a fazer qualquer coisa para conseguir sua ajuda.” Nestha bloqueou a memória de Tamlin em sua forma de besta, como ela queria rasgá-lo membro por membro.

Ela não era melhor do que ele, no final. “Feyre não me ama.” Ela não merecia o amor de Feyre.

Assim como Tamlin não. Amren soltou uma risada. “O fato de você acreditar que Feyre não só prova que você é indigno de seu poder.

Qualquer pessoa que intencionalmente cegue não é confiável.

Você seria um pesadelo ambulante com essas armas." "É diferente agora." As palavras soaram vazias.

Foi diferente? Estava tímida diferente do que tinha sido neste verão, quando ela e Amren lutaram na barça, e a decepção total de Amren em seu fracasso em fazer tudo apareceu finalmente? Amren sorriu, como se soubesse disso também."Você pode treinar o quanto quiser, foda-se Cassian quantas vezes quiser, mas isso não vai consertar o que está quebrado se você não começar a refletir." "Não pregue para mim.

Você... - Ela apontou para Amren e poderia jurar que a fêmea saiu da linha de fogo.

Exatamente como Tamlin havia feito.

Como se Amren também se lembrasse que a última vez que Nestha apontou para um inimigo, terminou com a cabeça decepada em suas mãos.

Uma risada triste escapou dela."Você acha que eu marcaria você com uma promessa de morte?" "Você quase fez isso com Tamlin outro dia." Então, Cassian havia contado a eles tudo sobre isso também.

"Mas direi a você novamente o que disse naquela barça: acho que você tem poderes que ainda não entende, não respeita ou controla." "Como você ousa presumir que sabe o que é melhor para mim?" Quando Amren não respondeu, Nestha sibilou: "Você era meu amigo." Os dentes de Amren brilharam.

"Eu estava? Não acho que você saiba o que essa palavra significa." Seu peito doeu, como se aquele punho invisível a tivesse socado mais uma vez.

Passos soaram além da porta quebrada, e ela se preparou para Cassian entrar rugindo - Mas era Feyre. A tinta respingou em

suas roupas casuais; uma mancha branca enfeitou sua bochecha sardenta.

Varian deve ter corrido seminu pelas ruas para chegar ao estúdio.

Feyre ofegou, "Pare com isso." Feyre notou ou se importou com as lascas e detritos no chão, ela não deixou transparecer enquanto se aproximava.

Feyre implorou: "Nestha, não deveria ter saído como saiu." "Cassian te disse isso?" Ele foi para Feyre, em vez de aqui? "Não, mas posso adivinhar.

Ele não queria esconder nada de você." "Meu problema não é com Cassian."

Nestha nivelou seu olhar para Amren. "Eu confiei em você para me proteger."

"Eu parei de protegê-lo no momento em que você decidiu usar essa lealdade como um escudo contra todos os outros." Nestha rosnou, mas Feyre se colocou entre eles, com as mãos levantadas.

"Essa conversa acaba agora.

Nestha, volte para a casa.

Amren, você... - ela hesitou, como se considerasse a sensatez de dar ordens a Amren.

Feyre terminou com cuidado, "Você fica aqui." Nestha soltou uma risada baixa.

- Você é a Alta Dama dela.

Você não precisa atendê-la.

Não quando ela agora tem menos poder do que qualquer um de vocês." Os olhos de Feyre brilharam.

"Amren é meu amigo, e é membro desta corte há séculos.

Eu ofereço respeito a ela.

"É respeito o que ela oferece a você?" Nestha cuspiu. "É respeito que seu companheiro oferece a você?" Feyre ficou imóvel. Amren avisou: "Não diga mais uma porra de palavra, Nestha Archeron." Feyre perguntou: "O que você quer dizer?" E Nestha não se importou.

Não conseguia pensar em torno do rugido. "Algum deles disse a você, sua respeitada Grã Senhora, que o bebê em seu útero vai matá-la?" Amren gritou:

"Cale a boca!" Mas seu pedido foi confirmação suficiente.

Com o rosto pálido, Feyre sussurrou novamente: "O que você quer dizer?" "As asas", Nestha fervilhava. "As asas illyrianas do menino ficarão presas em seu corpo Feérico durante o trabalho de parto, e isso vai matar vocês dois." O

silêncio percorreu a sala, o mundo. Feyre respirou: - Madja acabou de dizer que o parto seria arriscado.

Mas o Entalhador de Ossos... O filho que ele me mostrou não tinha asas." Sua voz falhou.

"Ele só me mostrou o que eu queria ver?" "Eu não sei", disse Nestha. "Mas eu sei que sua companheira ordenou que todos não informem você da verdade." Ela se virou para Amren.

"Todos vocês votaram nisso também? Você falou sobre ela, julgou-a e considerou-a indigna da verdade? Qual foi o seu voto, Amren? Para deixar Feyre morrer na ignorância? " Antes que Amren pudesse responder, Nestha se voltou para sua irmã. "Você

não questionou por que seu precioso e perfeito Rhysand tem sido um bastardo temperamental por semanas? Porque ele sabe que você vai

morrer.

Ele sabe, mas ainda não lhe disse." Feyre começou a tremer.

"Se eu morrer ..." Seu olhar desviou para um de seus braços tatuados.

Ela ergueu a cabeça, os olhos brilhantes de lágrimas enquanto perguntava a Amren: "Você... todos vocês sabiam disso?" Amren lançou um olhar fulminante na direção de Nestha, mas disse: "Não queríamos alarmar você.

O medo pode ser tão mortal quanto qualquer ameaça física.

"Rhys sabia?" As lágrimas escorreram pelo rosto de Feyre, manchando a tinta respingada ali.

"Sobre a ameaça às nossas vidas?" Ela olhou para si mesma, para a mão tatuada segurando seu abdômen. E Nestha soube então que nenhuma vez em sua vida foi amada por sua mãe tanto quanto Feyre já amava o menino crescendo dentro dela.

Isso quebrou algo em Nestha - quebrou aquela raiva, aquele rugido - ver aquelas lágrimas começarem a cair, o medo amarrotando o rosto manchado de tinta de Feyre. Ela tinha ido longe demais.

Ela... Oh, deuses. Amren disse: "Acho que é melhor, garota, se você falar com Rhysand sobre isso". Nestha não conseguia suportar - a dor, o medo e o amor no rosto de Feyre enquanto ela acariciava sua barriga. Amren rosnou para Nestha,

"Espero que você esteja contente agora." Nestha não respondeu.

Não sabia o que dizer ou fazer consigo mesma.

Ela simplesmente deu meia-volta e saiu correndo do apartamento. Cassian foi para a casa do rio.

Esse foi seu terceiro erro do dia. O primeiro foi o quão desajeitado ele tinha sido ao perguntar sobre o nome de uma espada, levantando a suspeita de Nestha.

Ele não foi capaz de mentir para ela, então ele contou tudo a ela. O segundo erro foi deixar Nestha se esconder em seu quarto e não se intrometer para falar com ela.

Deixá-la tomar banho, pensando que isso a acalmaria.

Ele fez o mesmo e, quando saiu, seguiu o cheiro dela até o chão com as escadas externas, onde a porta estava aberta. Ele não tinha ideia se ela tinha conseguido sair ou se desmaiou por dentro, então ele deu os passos também.

Todos os dez mil deles, seu cheiro fresco e furioso. Ela havia chegado ao fundo.

A porta foi deixada aberta. Ele se lançou para o céu, sabendo que teria problemas para rastrear o cheiro dela na cidade agitada, na esperança de localizá-la do ar.

Ele presumiu que Amren estava trabalhando na casa do rio, então foi para lá que ele foi. Apenas Amren não estava lá.

E nem foi Nestha. Ele havia chegado ao escritório de Rhys quando a notícia chegou.

Não de um mensageiro, mas de Feyre - mente a mente com seu companheiro.

Rhys estava em sua mesa, o rosto tenso enquanto falava silenciosamente com ela.

Cassian viu aquele olhar, sabia com quem falava e ficou imóvel.

Nenhum deles estava aqui, o que significava que provavelmente estavam no apartamento de Amren, e se Feyre estava fazendo um relatório ... Cassian girou para as portas, sabendo que poderia estar lá em um vôo de dois minutos, rezando para ser rápido o suficiente - "Cassian." A voz de Rhys era uma coisa de pesadelos, da escuridão entre as estrelas. Cassian congelou com aquela voz que ele raramente ouvia, e nenhuma vez dirigida a si mesmo. "O que aconteceu?" O

rosto de Rhys estava totalmente calmo.

Mas a morte - morte negra e violenta - estava em seus olhos.

Nenhuma estrela ou vislumbre de violeta permaneceu. Rhys disse naquela voz que parecia um inferno encarnado: "Nestha achou por bem informar Feyre sobre o risco para ela e para o bebê." O coração de Cassian começou a trovejar, mesmo quando se partiu. Rhys sustentou seu olhar, e Cassian fez tudo o que pôde para resistir quando seu irmão, seu Grão Senhor, disse: - Tire Nestha desta cidade.

Agora mesmo." O poder de Rhys retumbou na sala como uma tempestade crescente. "Antes que eu a mate, porra."

CAPÍTULO

47

Cassian encontrou Nestha correndo por uma rua lateral, como se suspeitasse que Rhysand estivesse prestes a sair em uma caçada que apenas o sangue derramado poderia deter.

Mas ele sabia que ela só fugia do que tinha feito, fugia de si mesma.

Correu para uma das tavernas que ela tanto preferia. Cassian não deu a Nestha a chance de vê-lo quando ele disparou pelo

beco, agarrou-a pela cintura e abaixo dos joelhos e os varreu para o céu. Ela não lutou com ele, não disse uma palavra.

Apenas se deitou em seus braços, o rosto frio contra seu peito. Cassian voou sobre a Casa do Vento para encontrar Azriel lá, pairando no lugar, uma mochila pesada na mão.

Se isso tinha sido um aviso separado de Rhys, ou as próprias sombras de Az sussurrando, ele não sabia. Cassian agarrou a mochila, enrolando-a no pulso e grunhindo contra seu peso enquanto segurava Nestha.

Az não disse nada enquanto Cassian passava vertiginosamente, para os céus de outono. E não se atreveu a olhar para trás, para a cidade atrás dele. Não havia sons em sua cabeça, seu corpo.

Ela sabia que Cassian a segurava, sabia que eles voavam por horas e horas, e ela não se importava. Ela tinha feito uma coisa imperdoável. Ela merecia ser

transformada em névoa sangrenta por Rhysand.

Desejou que Cassian não tivesse vindo para salvá-la. Eles voaram para as montanhas até que o sol se pôs atrás deles.

No momento em que pousaram, seus arredores estavam velados pela escuridão.

Cassian fez uma careta ao se levantar, como se cada parte dele doesse, e jogou a mochila que Azriel havia dado a seus pés. "Vamos acampar aqui esta noite", disse ele calmamente - friamente. Ela não queria falar.

Resolveu não dizer mais nada pelo resto da vida. "Vou fazer uma fogueira", ele continuou, e não havia nada gentil em seu rosto. Ela não aguentou.

Então ela se virou, examinando a pequena área onde ele pousou - um pedaço plano de terra seca logo abaixo da saliência de uma rocha negra. Em silêncio, ela caminhou até a parte mais profunda da saliência.

Em silêncio, ela se deitou na terra dura e empoeirada, usando o braço como travesseiro, e se enrolou em direção à parede de pedra. Ela fechou os olhos e se obrigou a ignorar os estalos e rachaduras da madeira enquanto o fogo a consumia, desejou se fundir na terra, na montanha, e desaparecer para sempre.

Cassian. A voz de Feyre encheu a mente de Cassian, puxando-o de onde ele estava assistindo as estrelas aparecerem na vista panorâmica.

Ele voou Nestha para as Montanhas do Sono, a cordilheira que separava Illyria de Velaris.

Eles eram picos menores, ainda não nas garras do inverno, com muitos rios e animais selvagens para caçar. Cassian. Eu esqueci que você pode falar mentalmente. Sua risada soou.

Não consigo decidir se devo ser insultado ou não.

Talvez eu devesse usar os dons daemati com mais frequência.

Ela fez uma pausa antes de dizer: Você está bem? Eu deveria estar te perguntando isso. Rhysand exagerou.

Ele exagerou completamente e totalmente. Cassian balançou a cabeça, embora Feyre não pudesse ver.

Lamento que você tenha que aprender sobre isso. Eu não sou.

Estou furioso com todos vocês.

Eu entendo porque você não me contou, mas estou furioso. Bem, estamos furiosos com Nestha. Ela teve a coragem de me dizer a verdade. Ela disse a verdade para te machucar. Possivelmente.

Mas ela foi a única que disse alguma coisa. Cassian suspirou pelo nariz.

Ela... Ele pensou sobre isso.

Acho que ela viu paralelos entre as suas situações e, à sua maneira, decidiu vingar vocês dois. Esse é o meu sentimento também.

Rhys discorda. Eu gostaria que você tivesse descoberto uma maneira diferente.

Bem, eu não fiz.

Mas vamos enfrentar isso juntos.

Todos nós. Como você pode estar tão calmo sobre isso? A alternativa é o medo e o pânico.

Não vou deixar meu filho sentir essas coisas.

Vou lutar por ele, por nós, até não poder mais. A garganta de Cassian se apertou.

Vamos lutar por você também. Eu sei.

Feyre parou novamente.

Rhys não tinha o direito de expulsá-lo da cidade ou ameaçar Nestha.

Ele percebeu isso e se desculpou.

Eu quero que você volte para casa.

Vocês dois.

Para onde você foi? O deserto.

Cassian olhou por cima do ombro, para onde Nestha dormia nas últimas horas, enrolada em uma bola apertada contra a parede de rocha.

Acho que vamos ficar aqui alguns dias.

Nós vamos caminhar. Nestha nunca fez uma caminhada em sua vida.

Eu garanto que ela vai odiar. Então diga a Rhys que esta é a punição dela.

Porque Rhys, apesar de pedir desculpas por suas ameaças, ainda estaria furioso.

Diga a ele que Nestha e eu vamos caminhar, e ela vai odiar, mas ela volta para casa quando eu decido que ela está pronta para voltar para casa. Feyre ficou quieto por um longo minuto.

Ele diz que sabe que deve dizer que isso é desnecessário, mas para dizer a você que está secretamente encantado. Bom.

Estou secretamente feliz em ouvir isso. Feyre riu, e o som era a prova de que ela poderia ter se machucado, assustada com a notícia, mas ela estava realmente se adaptando a isso.

Não a deixaria se encolher e chorar.

Ele não sabia por que esperava menos dela. Feyre disse: Por favor, cuide dela, Cassian.

E você mesmo. Cassian olhou para a mulher adormecida quase escondida nas sombras da rocha. Eu irei.

CAPÍTULO

"Levantar." Nestha ficou tensa, abrindo um olho contra o brilho ofuscante do amanhecer.

Cassian estava acima dela, um prato do que parecia ser cogumelos e torradas em uma das mãos.

Seu corpo inteiro doía com a dureza do solo e o frio da noite.

Ela mal tinha dormido, tinha ficado quase todo deitado lá, olhando para a rocha, desejando ignorar os sons do fogo, desejando desaparecer no nada. Ela se sentou e ele empurrou o prato para ela."Comer.

Temos um longo dia pela frente.

" Ela ergueu os olhos, pesados e doloridos, para o rosto dele. Não havia nada quente nele.

Sem desafio ou luz.

Apenas guerreiro sólido e frio como uma pedra. Cassian disse: "Estaremos caminhando do amanhecer ao anoitecer, apenas duas paradas ao longo do dia.

Então coma.

" Não importava.

Se ela comia, dormia ou caminhava.

Qualquer coisa. Mas Nestha se forçou a comer a comida que ele preparou, sem falar enquanto ele apagava o fogo que havia acendido, focando em qualquer coisa, exceto no estalo das toras.

Cassian colocou rapidamente os poucos suprimentos de cozinha, junto com o resto da comida, na sacola de lona. Ele o pegou, os músculos do antebraço mudando com o peso, e caminhou até ela antes de jogá-lo entre seus pés.

“Não consigo colocar uma mochila tão grande nas minhas costas com as asas.

Então você vai carregá-lo.

” Azriel sabia disso? Pelo brilho gelado e divertido nos olhos de Cassian, ela pensou que sim. Nestha terminou sua comida e não tinha nada para lavar o prato, então ela o colocou na mochila. Ele disse: “Você pode lavar a louça quando chegarmos ao Rio Gerthys na hora do almoço.

É uma caminhada de seis horas daqui.

” Ela não se importou.

Que ele a jogue no chão, que ele a faça andar e agir como uma serva.

Não resolveria nada. Não iria consertá-la. Nestha se levantou, as juntas estalando e o corpo rígido.

Ela não se preocupou em refazer a trança. “Você pode ver suas necessidades ao virar da esquina.” Ele acenou com a cabeça em direção à ligeira curva na face do penhasco. “Ninguém está aqui.” Ela fez o que ele disse.

Quando ela voltou, ele apenas acenou com a cabeça em direção ao bando. “Pegar.” Nestha grunhiu enquanto o fazia.

Devia ter pelo menos um terço de seu peso.

Suas costas quase se curvaram quando ela o colocou sobre os ombros, mas ela o vestiu, se contorcendo para ajustá-lo.

Ela brincou com as tiras e fivelas até que estivesse confortável em sua coluna, o peso equilibrado em seu peito e quadris. Aparentemente, Cassian decidiu que ela havia feito um trabalho decente. “Vamos.” Nestha o deixou liderar o caminho e, em dez

minutos, sua respiração tornou-se difícil, suas pernas queimando enquanto Cassian subia a encosta, cortando a face da montanha.

Ele não falou com ela, e ela não falou com ele. O dia estava tão frio quanto se poderia desejar, as montanhas ao redor deles de um verde vibrante, os rios azul-petróleo tão límpidos que mesmo do alto, ela podia ver as pedras brancas revestindo seus leitos. Nestha se entregou a isso, a dor em seu corpo, a respiração ofegante de sua respiração - tão forte que era como vidro - os pensamentos rugindo. O sol formou um arco no céu, torcendo o suor de sua testa, seu pescoço.

Seu cabelo ficou encharcado com isso.

Ainda assim, ela caminhou, seguindo Cassian mais acima no pico.

Ele chegou a um afloramento rochoso, olhou por cima do ombro uma vez para se certificar de que ela estava para trás, então desapareceu - provavelmente descendo. Ela alcançou o afloramento e viu como era descendente. Ele mencionou parar em um rio.

Bem, bem abaixo e à frente havia uma larga faixa de rio, meio envolta em árvores.

Não parecia que demoraria horas para chegar, ainda... Cassian estava caminhando pela montanha, em vez de descer direto.

Ninguém seria capaz de descer diretamente sem cair para a morte. Um conjunto totalmente diferente de músculos logo começou a protestar contra a descida.

Era pior do que subir, ela percebeu - agora parecia que a matilha estava determinada a incliná-la para frente e fazê-la cair no vale e no rio. Cassian não se

preocupou em escolher cuidadosamente seus passos entre a grama e pequenas pedras como ela fazia.

Ele, pelo menos, tinha a garantia de asas.

Tão alto, as nuvens passavam como observadores ociosos, nenhum misericordioso o suficiente para oferecer sombra contra o sol escaldante. As pernas de Nestha tremeram, mas ela continuou se movendo.

Agarrou as alças da mochila onde elas descansavam contra seu peito e usou seus braços para lastrear seu peso.

Ela seguiu Cassian, montanha abaixo, passo a passo, hora a hora. Ela caminhou, um pé após o outro, e não disse nada. Eles pararam para almoçar no rio.

Se o queijo duro e o pão pudessem ser considerados almoço. Nestha só se importou que isso enchesse sua barriga dolorida.

Só se importava que o rio diante deles estivesse claro e limpo, e ela estivesse seca.

Ela desabou na margem gramada, ajoelhando-se para enterrar o rosto nela.

Ela engasgou com o choque do frio, então se levantou, levando água à boca com a palma da mão em concha repetidas vezes, engolindo e engolindo. Ela se afastou do rio para se deitar de lado, a respiração ainda pesada. "Você tem trinta minutos", disse Cassian de onde estava sentado na grama alta e ondulante, bebendo de seu cantil. "Use-o como quiser." Ela não disse nada.

Até balançar a cabeça parecia demais. Ele abriu o pacote e jogou um cantil para ela.

"Preencha isto.

Se você desmaiar, pode cair da montanha e quebrar todos os ossos do seu corpo.

” Ela não olhou para ele.

Não o deixou ver a palavra em seus olhos.

Bom. Ele ficou imóvel, no entanto.

Suas palavras seguintes foram mais gentis - e ela se ressentiu delas também."Descansar." Cassian sabia que Nestha frequentemente se odiava. Mas ele nunca soube que ela se odiava o suficiente para querer... não existir mais. Ele tinha visto sua expressão quando mencionou a ameaça de queda.

E ele sabia que voltar para Velaris não a salvaria daquele olhar.

Ele não poderia salvá-la daquele olhar também. Apenas Nestha poderia se salvar desse sentimento. Ele a deixou descansar durante os trinta minutos que havia prometido, e talvez ainda estivesse um pouco chateado com ela, porque simplesmente disse: "Vamos" antes de começar de novo. Ela seguiu naquele silêncio pesado e transbordante.

Tão quieto quanto um cavalo de carga se arrastando. Ele conhecia essas montanhas bem o suficiente por voar sobre elas por séculos: pastores viviam aqui, geralmente fadas comuns que preferiam a solidão das enormes pedras verdes e marrom-escuras a áreas mais populosas. Os picos não eram tão brutais e agudos como os da Illyria, mas havia uma presença neles que ele não conseguia explicar.

Mor uma vez lhe disse que, há muito tempo, essas terras eram usadas para curas.

Que pessoas feridas no corpo e no espírito haviam se aventurado a essas colinas, o lago que agora levariam dois dias

e meio para chegar, para se recuperar. Talvez tenha sido por isso que ele veio.

Alguns instintos se lembraram da cura, sentiu o coração adormecido desta terra e decidiu trazer Nestha aqui. Milha após milha, seu silêncio como um fantasma assomando atrás dele, Cassian se perguntou se isso seria o suficiente.

CAPÍTULO

49

Eles estavam a meio caminho de uma montanha que parecia uma mera colina à distância, quando Cassian disse à frente: "Acamparemos aqui esta noite." Ele parou em uma vista panorâmica da encosta da montanha, o pico mais próximo tão perto que ela poderia tê-lo atingido com uma pedra, separado apenas por outro rio serpenteando bem abaixo.

O solo era claro e empoeirado e, acima de tudo, plano. Nestha não disse nada enquanto cambaleava até o solo, as pernas finalmente cedendo, e se esparramou na terra. Mordeu sua bochecha, mas ela não se importou, não enquanto ela respirava e respirava, seu corpo tremendo.

Ela não se moveria até o amanhecer.

Nem para usar o banheiro.

Ela prefere se molhar do que mover outro músculo. Cassian disse do outro lado do pequeno local: "Tire a mochila antes de desmaiar para que eu possa pelo menos preparar o jantar". Suas palavras eram frias, distantes.

Ele mal falou com ela o dia todo. Ela mereceu - mereceu pior. O pensamento a fez soltar as alças de onde estavam em seus quadris e peito.

A mochila caiu no chão, e ela se virou para empurrá-la em direção a ele com o pé.

Sua perna tremeu com o movimento.

Mas ela se obrigou a se levantar, até que estava encostada em uma pequena pedra. Ele agarrou a mochila com apenas um grunhido, como se ela não tivesse suado e tremido sob seu peso o dia todo.

Então ele caminhou para o mato próximo, a grama alta e os arbustos farfalhando.

O vento murmurou, vagando entre os picos.

As sombras lentamente se arrastaram sobre as encostas escarpadas das montanhas, o sol persistente projetando seus limites superiores em ouro, o frio se aprofundando a cada centímetro cedendo à escuridão crescente. O rio rugia montanha abaixo, uma correria constante que ela tinha ouvido durante todo o dia enquanto eles caminhavam, suas muitas corredeiras mal visíveis da vista.

Mesmo aqui, com o desbotamento da luz, as cores do rio mudaram de ardósia para jade e pinho enquanto ele vagava entre os picos ao longo do fundo do vale.

Tudo estava tão quieto, mas vigilante, de alguma forma.

Como se ela estivesse cercada por algo antigo e meio acordada.

Como se cada pico tivesse seus próprios humores e preferências, como se as nuvens se agarrassem a eles ou os evitassem, ou se as árvores se alinhassem em seus lados ou os deixassem nus.

Suas formas eram tão estranhas e longas que pareciam como se gigantes uma vez tivessem se deitado ao lado dos rios, puxado

um cobertor amarrotado sobre si e adormecido para sempre. A ideia de dormir deve tê-la atraído para ele, pois a próxima coisa que ela sabia é que o mundo estava escuro, exceto pelas estrelas e pela lua quase cheia, tão brilhante que um fogo não tinha sido necessário.

Embora ela pudesse ter usado seu calor.

Cassian estava deitado a poucos metros de distância, de costas para ela, o luar dourando suas asas. Ele deixou um prato de comida para ela - pão e queijo duro e algum tipo de carne seca.

Ela não tocou, no entanto.

Ignorou o ronco em seu estômago. Ela apenas quebrou o pescoço rígido, enrolou-se em um cobertor e se deitou no chão.

Ela deslizou o braço novamente sob a cabeça e fechou os olhos contra o frio.

Pelos próximos dois dias, ela olhou para a parte de trás da cabeça de Cassian.

Nos dois dias seguintes, ela não falou. Cada seixo e pedra pareciam estar em uma missão para fazer ela tropeçar ou torcer seu tornozelo ou abrir caminho dentro de suas botas. A tarde se aproximava no dia seguinte, as nuvens flutuando logo acima dos picos em um vento forte, quando sua cabeça começou a latejar.

A luz do sol ficou muito forte; seu suor ardia. Apesar dos dias de caminhada, eles haviam ultrapassado apenas alguns dos picos.

As montanhas pelas quais Cassian navegou ao voar eram infinitas a pé.

Como ele escolheu o caminho certo, ela não perguntou.

Para onde eles estavam indo, ela também não perguntou.

Ela apenas o seguiu, os olhos fixos em suas costas. Essa visão turvou sua cabeça, seu corpo inteiro balançou um pouco. Ela tentou engolir e encontrou sua garganta tão seca que sua língua tinha grudado no céu da boca.

Ela o descascou.

Água - quando foi a última vez que ela tomou um gole de água? Seu cantil estava no topo de sua mochila, mas para parar, para puxá-lo... Ela não tinha vontade de desafivelar as alças para deixar cair a bolsa.

Como sinalizar para ele que ela precisava fazer uma pausa. A noite anterior foi igual à anterior: ela havia chegado ao acampamento, desmaiado e mal foi capaz de remover a mochila antes de adormecer.

Ela acordou mais tarde para encontrar um prato de comida fria ao lado dela, coberto com um pano fino contra os elementos.

Ela comeu enquanto ele dormia, então fechou os olhos novamente. Apenas a

exaustão pura poderia convocar o esquecimento que ela ansiava.

Toda vez que eles paravam durante o dia, ela estava tão cansada que caía de joelhos e jogava a mochila.

E durante a pausa em movimento, ela estava tão cansada que não conseguia pensar sobre a ruína que havia feito de si mesma, a ruína que ela sempre foi, no fundo.

Nenhum treinamento, nenhum aprendizado sobre as Valquírias e sua Mente-Stilling ajudaria.

Nada ajudaria. Então ela poderia esperar pela água.

Porque parar era permitir que esses pensamentos entrassem, mesmo que eles se arrastassem atrás dela como sombras de

chumbo, mais pesadas que a matilha.

Seu tornozelo torceu em uma pedra solta e ela cerrou os dentes contra o açoite de dor, mas continuou.

Cassian nem mesmo tropeçou uma vez.

Ela saberia: ela o observou o dia todo.

Mas ele tropeçou agora.

Nestha cambaleou para frente, mas-Não.

Era ela.

Foi ela quem caiu. Cassian estava na metade do caminho até o leito seco do rio quando pedras rangeram e estalaram atrás dele. Ele se virou para encontrar Nestha virado para baixo.

Parado. Ele praguejou, correndo pelo caminho pedregoso e caiu de joelhos diante dela.

As pedras afiadas morderam suas pernas através das calças, mas ele não se importou, não quando a virou, seu coração trovejando. Ela desmaiou.

Seu alívio foi uma coisa primordial nele, estabelecendo-se, mas ... Ele não olhava para ela há horas.

Uma camada branca crosta em seus lábios; sua pele estava vermelha e suada.

Ele agarrou o cantil em seu cinto, desatarraxou a tampa e puxou a cabeça dela em seu colo.

“Beba,” ele ordenou, abrindo sua boca para ela, seu sangue rugindo em seus ouvidos. Nestha se mexeu, mas não lutou quando ele derramou um pouco de água em sua garganta.

Foi o suficiente para que ela abrisse os olhos.

Eles estavam vidrados. Cassian perguntou: "Quando foi a última vez que você bebeu água?" Seus olhos se aguçaram.

A primeira vez que ela realmente olhou para ele em três dias inteiros.

Mas ela apenas pegou o cantil e bebeu profundamente, esvaziando-o. Quando ela terminou, ela gemeu, empurrando-se de seu colo, mas apenas para o lado. Ele retrucou: "Você deveria ter bebido água o dia todo." Ela olhou para as pedras ao redor deles. Ele não suportava aquele olhar - o vazio, a indiferença, como se ela não se importasse mais se vivia ou morria aqui na selva. Seu estômago se revirou.

O instinto gritou para que ele se envolvesse com ela, para confortar e acalmar, mas outra voz, uma voz antiga e sábia, sussurrou para continuar.

Mais uma montanha, disse aquela voz.

Só mais uma montanha. Ele confiava naquela voz. "Vamos acampar aqui esta noite." Nestha não tentou se levantar, e Cassian procurou por uma extensão de terreno mais plana.

Lá - seis metros acima do leito do rio e à esquerda.

Suficientemente plano.

"Vamos," ele persuadiu. "Mais alguns metros e você pode dormir." Ela não se mexeu.

Como se ela não pudesse. Ele disse a si mesmo que era porque ela desmaiou e pode não estar forte, mas ele voltou para ela.

Agachou-se e pegou-a nos braços, com a mochila e tudo. Ela não disse nada.

Absolutamente nada. Mas ele sabia que estava chegando - aquela tempestade.

Sabia que Nestha falaria novamente e, quando o fizesse, era melhor ele estar pronto para enfrentar. Nestha encontrou outro prato esperando quando ela acordou na escuridão.

A lua cheia havia mostrado seu rosto, tão brilhantes as montanhas, os rios, o vale estavam iluminados o suficiente para que até mesmo as folhas das árvores lá embaixo fossem visíveis.

Ela nunca tinha visto tal vista.

Parecia uma terra secreta e adormecida que o tempo havia esquecido. Ela não era nada antes daquela vista, essas montanhas.

Tão insignificante para qualquer coisa quanto uma das pedras que ainda chocalhavam em sua bota.

Foi um alívio abençoado ser nada e ninguém. Ela não se lembrava de ter adormecido, mas amanheceu e eles estavam se movendo novamente.

Rumo ao norte, ele disse - mostrando a ela, em um raro momento de civilidade, que as laterais cobertas de musgo das árvores sempre ficavam voltadas para aquele lado, ajudando-o a se manter no curso. Havia um lago, ele disse a ela durante o almoço.

Eles o alcançariam esta noite e ficariam lá um ou dois dias. Ela mal ouviu.

Um pé após o outro, milha após milha, para cima e para baixo.

As montanhas a observavam, o rio cantava para ela, como se a guiasse até aquele lago. Nenhuma quantidade de dirigir seu corpo para a terra a faria boa.

Ela sabia disso.

Me perguntei se ele também.

Perguntou-se se ele pensava que estava viajando aqui com ela em uma missão tola. Ou talvez fosse como uma das histórias antigas que ela ouvira quando criança: ele é o caçador de uma rainha perversa, conduzindo-a para o mundo selvagem antes de esculpir seu coração. Ela desejou que ele fizesse.

Desejou que alguém cortasse a maldita coisa de seu peito.

Desejou que alguém sufocasse a voz que sussurrava sobre cada coisa horrível que ela já tinha feito, cada pensamento terrível que ela teve, cada pessoa que ela falhou. Ela nasceu errada.

Tinha nascido com garras e presas e nunca foi capaz de deixar de usá-las, nunca foi capaz de reprimir a parte dela que rugia em traição, que podia odiar e amar com mais violência do que qualquer um jamais entendeu.

Elain foi a única que talvez tenha percebido, mas agora sua irmã a detestava. Ela não sabia como consertar.

Como fazer qualquer coisa certa.

Como parar de ser assim. Ela não se lembrava de uma época em que não tivesse ficado com raiva.

Talvez antes de sua mãe morrer, mas mesmo então sua própria mãe tinha sido amarga, desdenhosa de seu pai, e o desdém de sua mãe se tornou seu. Ela não conseguia reprimir aquela raiva implacável e turbulenta.

Não conseguiu evitar o ataque antes que pudesse ser ferida. Ela não era melhor do que um cachorro raivoso.

Ela tinha sido uma cadela raivosa com Amren e Feyre.

Uma besta, exatamente como Tamlin.

Ela nem se importou por ter finalmente conseguido descer as escadas da casa -

isso contava, quando foi conduzido pela fúria? Ela contou - valia a pena ser contada? Foi a pergunta que fez tudo desmoronar dentro dela. Nestha ultrapassou a colina que Cassian havia montado à frente e um lago turquesa cintilante se espalhou diante deles.

Estava ligeiramente afundado entre dois picos, como se um par de mãos verdes tivessem sido colocadas para segurar a água dentro deles.

Pedras cinzentas revestiam sua costa. Nestha não viu o lago, nem as pedras, nem a luz do sol e o verde. Sua visão ficou turva e seus olhos ardiam como se tivessem sido cortados - abertos para permitir que as lágrimas passassem. Ela conseguiu chegar às pedras antes de cair de joelhos, com tanta força que a pedra atingiu seus ossos.

Ela valia a pena ser contada? Ela sabia a resposta.

Sempre soube disso. Cassian girou em sua direção, mas Nestha também não o viu, nem ouviu suas palavras. Não quando ela enterrou o rosto nas mãos e chorou.

CAPÍTULO

50

Uma vez que os sons violentos e ofegantes saíram dela, Nestha sabia que não poderia parar. Ela se ajoelhou na margem do lago da montanha e se soltou completamente. Ela permitiu que cada pensamento horrível a atingisse, lavasse através dela.

Permitiu-se ver o rosto pálido e devastado de Feyre enquanto Nestha revelava a verdade, enquanto ela deixava sua própria raiva e dor cavalgá-la. Ela nunca poderia sobreviver a isso, sua culpa.

Não adiantava tentar.

Ela soluçou na escuridão de suas mãos. E então as pedras estalaram, e uma presença quente e firme apareceu ao lado dela.

Ele não a tocou, mas sua voz estava próxima quando ele disse: "Estou aqui." Ela soluçou mais forte com isso.

Ela não conseguia parar.

Como se uma represa tivesse estourado e apenas deixar a água correr seu curso, furioso por ela, seria o suficiente. "Nestha." Seus dedos roçaram seu ombro. Ela não aguentou aquele toque.

A bondade nisso. "Por favor", disse ela. Sua primeira palavra em cinco dias. Ele

se acalmou. "Por favor, o que?" Ela se inclinou contra ele.

"Não me toque.

Não - não seja gentil comigo." As palavras eram uma confusão soluçante e ondulante. "Por que?" A lista de razões aumentou, lutando para sair, para se expressar, e ela os deixou decidir.

Deixe-os fluir através dela, enquanto ela sussurra: "Eu o deixei morrer." Ele ficou quieto. Através das mãos no rosto, ela continuou a sussurrar.

"Ele veio para me salvar e lutou por mim, e eu o deixei morrer com ódio em meu coração.

Ódio por ele.

Ele morreu porque eu não parei." Sua voz falhou e ela chorou ainda mais.

"E eu fui tão horrível com ele, até o fim.

Eu fui tão, tão horrível com ele por toda a minha vida - e ainda assim ele me amou de alguma forma.

Eu não merecia isso, mas ele mereceu.

E eu o deixei morrer.

" Ela se curvou sobre os joelhos, dizendo nas palmas das mãos: "Eu não posso desfazer isso.

Eu não consigo consertar.

Não posso consertar que ele está morto, não posso consertar o que disse a Feyre, não posso consertar nenhuma das coisas horríveis que fiz.

Eu não posso me consertar." Ela soluçou tanto que pensou que seu corpo iria quebrar com isso.

Queria que seu corpo se desfizesse como um ovo quebrado, queria que o que

restava de sua alma fosse levado pelo vento da montanha. Ela sussurrou: "Eu não aguento." Cassian disse baixinho: "Não é sua culpa." Ela balançou a cabeça, o rosto ainda em suas mãos, como se isso a protegesse dele, mas ele disse: "A morte de seu pai não é sua culpa.

Eu estava lá, Nestha.

Procurei uma maneira de sair disso também.

E não havia nada que pudesse ser feito.

” “Eu poderia ter usado meu poder, eu poderia ter tentado—”
"Nestha." O nome dela foi um suspiro - como se ele estivesse sofrendo.

Então seus braços a envolveram e ela foi puxada para seu colo.

Ela não lutou contra isso, não quando ele a apertou contra seu peito.

Em sua força e calor. “Eu poderia ter encontrado uma maneira.

Eu deveria ter encontrado um jeito.

” Sua mão começou a acariciar seu cabelo. Seu corpo inteiro, até os ossos, tremia."A morte do meu pai, é - é a razão pela qual eu não suporto incêndios."

Sua mão parou, então voltou."Por que?" “As toras ...” Ela estremeceu.

“Eles racham.

Parece como quebrar osso.

” "Como o pescoço do seu pai." “Sim,” ela respirou.

“Isso é o que eu ouvi.

Não sei como nunca vou ouvir seu pescoço estalando quando estou perto de um incêndio.

É... é uma tortura." Ele continuou a acariciar sua cabeça. Uma onda de palavras saiu dela.

“Eu deveria ter encontrado uma maneira de nos salvar antes disso.

Salvar Elain e Feyre quando éramos pobres.

Mas eu estava com tanta raiva e queria que ele tentasse lutar por nós, mas ele não o fez, e eu teria deixado todos nós morrerem de fome para provar que desgraçado ele era.

Isso me consumiu tanto que... que deixei Feyre entrar naquela floresta e disse a mim mesma que não me importava, que ela era meio selvagem, e não importava, e ainda... "Ela soltou um grito angustiante "Fecho os olhos e a vejo naquele dia em que saiu para caçar pela primeira vez.

Vejo Elain entrando no Caldeirão.

Eu a vejo sendo levada por ele durante a guerra.

Eu vejo meu pai morto.

E agora vou ver o rosto de Feyre quando eu disse a ela que o bebê iria matá-la."

Ela sacudiu e sacudiu, suas lágrimas queimando quentes por suas bochechas.

Cassian continuou acariciando seus cabelos, suas costas, enquanto a segurava perto do lago. "Eu odeio isso," ela disse.

"Cada parte de mim que... faz essas coisas.

E ainda não consigo parar.

Não posso deixar cair essa barreira, porque deixar cair, deixar tudo entrar... "Isso era o que aconteceria.

Esta bagunça gritando e chorando em que ela se tornou.

"Eu não suporto estar na minha cabeça.

Não suporto ouvir e ver tudo, indefinidamente.

Isso é tudo que ouço - o estalar de seu pescoço.

Suas últimas palavras para mim.

Que ele me amava.

” Ela sussurrou: "Eu não merecia esse amor.

Eu não mereço nada.

” As mãos de Cassian se apertaram sobre ela, suas próprias mãos caindo enquanto ela enterrava o rosto contra sua jaqueta e chorava em seu peito. Ele disse depois de um momento: “Posso contar mais sobre minha mãe e como a morte dela quase me destruiu.

Posso contar em detalhes o que fiz depois e o que isso me custou. Posso contar a você a década que levei para superar isso.

Posso dizer quantos dias e noites sofri durante os quarenta e nove anos que Amarantha manteve Rhys cativo, a culpa me dilacerando por não estar ali para ajudá-lo, por não poder salvá-lo.

Posso dizer como ainda olho para ele e sei que não sou digno dele, que falhei com ele quando ele precisava de mim - esse fato às vezes me tira do sono.

Posso dizer que matei tantas pessoas que perdi a conta, mas me lembro da maioria dos rostos.

Posso contar como ouço Eris, Devlon e os outros conversando e, no fundo, ainda acredito que sou um bruto bastardo inútil.

Que não importa quantos Sifões eu tenho ou quantas batalhas eu ganhei, porque eu falhei com as duas pessoas mais queridas para mim quando isso importava mais." Ela não conseguia encontrar palavras para dizer a ele que ele estava errado.

Que ele era bom e corajoso e - "Mas eu não vou te contar tudo isso", disse ele, dando um beijo no topo da cabeça dela. O vento pareceu parar, a luz do sol no lago brilhando. Ele disse: "Vou lhe dizer que você vai superar isso.

Que você vai enfrentar tudo isso, e vai superar isso.

Que essas lágrimas são boas, Nestha.

Essas lágrimas significam que você se importa.

Vou te dizer que não é tarde demais, para nada disso.

E eu não posso te dizer quando ou como, mas vai melhorar.

O que você sente, essa culpa, dor e aversão a si mesmo - você vai superar isso.

Mas só se você estiver disposto a lutar.

Somente se você estiver disposto a enfrentá-lo, abraçá-lo e atravessá-lo, para emergir do outro lado dele.

E talvez você ainda sinta aquela pontada de dor, mas há um outro lado.

Um lado melhor.

" Ela se afastou de seu peito então.

Encontrou seu olhar forrado de prata.

"Não sei como chegar lá.

Eu não acho que sou capaz disso.

" Seus olhos brilharam de dor por ela."Tu es.

Eu já vi - eu vi o que você pode fazer quando está disposto a lutar pelas pessoas que ama.

Por que não aplicar essa mesma bravura e lealdade a si mesmo? Não diga que você não merece.

” Ele agarrou seu queixo.

“Todos merecem felicidade.

O caminho até lá não é fácil.

É longo e difícil, e muitas vezes viajado totalmente cego.

Mas você continua.

” Ele acenou com a cabeça para as montanhas, o lago.

“Porque você sabe que o destino valerá a pena.” Ela olhou para ele, este homem que havia caminhado com ela por cinco dias em quase silêncio, esperando, ela sabia, por este momento. Ela deixou escapar: "Todas as coisas que eu fiz antes-"

“Deixe-os no passado.

Peça desculpas a quem você sente necessidade, mas deixe essas coisas para trás.

” “O perdão não é tão fácil.” “O perdão é algo que também concedemos a nós mesmos.

E posso falar com você até que essas montanhas desmoronem ao nosso redor, mas se você não deseja ser perdoado, se não quer parar de se sentir assim... isso não vai acontecer." Ele segurou sua bochecha, calosidades arranhando sua pele superaquecida.

“Você não precisa se tornar um ideal impossível.

Você não precisa se tornar doce e afetuoso.

Você pode dar a todos aquele visual de I Will Slay My Enemies - que é meu visual favorito, aliás.

Você pode manter aquela nitidez que eu tanto gosto, aquela ousadia e destemor.

Eu não quero que você perca essas coisas, se enjoale." "Mas ainda não sei como me consertar." "Não há nada quebrado para consertar", disse ele ferozmente.

"Você está ajudando a si mesmo.

Curar as partes de você que doem demais - e talvez ferir outras também.

" Nestha sabia que ele nunca teria dito isso, mas ela viu em seu olhar - que ela o machucou.

Muitas vezes.

Ela sabia que sim, mas para ver de novo em seu rosto... Ela levou a mão ao rosto dele e colocou-a ali, muito esgotada para se preocupar com a suavidade do toque. Cassian se aninhou em sua mão, fechando os olhos."Estarei com você a cada passo do caminho", ele sussurrou em sua palma.

"Apenas não me bloqueie.

Você quer andar em silêncio por uma semana, estou bem com isso.

Contanto que você fale comigo no final.

" Ela acariciou sua bochecha com o polegar, maravilhando-se com ele - as palavras e sua beleza.

Alguma peça essencial de si mesma se encaixou no lugar.

Alguma peça que sussurrava, Experimente. Cassian abriu os olhos, e eles eram tão adoráveis que quase roubaram o fôlego dela.

Nestha se inclinou para frente até que suas sobrancelhas se tocassem.

E apesar de tudo que transbordava em seu coração, tudo que fluía por seu corpo, certo e verdadeiro, ela apenas sussurrou: "Obrigada." A tempestade havia cessado e não era o que Cassian esperava.

Ele esperava uma raiva capaz de derrubar montanhas.

Não há lágrimas o suficiente para encher este lago. Cada soluço partiu seu coração. Cada tremor de seu corpo enquanto as palavras saíam dela o rasgou em pedaços.

Até que ele não foi capaz de evitar se envolver em torno dela, confortando-a. Ela não tinha ouvido madeira quebrando em um incêndio, mas quebrando osso.

Ele deveria saber. De quantos incêndios Nestha vacilou, ouvindo não a madeira, mas o pescoço estalado de seu pai? Na festa do Solstício de Inverno do ano passado, ela estava pálida e retraída - muito pior do que o normal.

E eles tiveram um fogo enorme e crepitante naquela sala com eles.

Manteve-o queimando quente e alto a noite toda. Cada estalo a teria lembrado de seu pai.

Cada um teria sido brutal.

Insuportável.

E quando ela de repente saiu correndo da casa no final da festa... Teria sido para se afastar deles ou para se livrar do

barulho? Possivelmente os dois, mas... Ele gostaria que ela tivesse dito algo.

Ele gostaria de pelo menos saber. E, porra, quantas fogueiras ele construiu nos últimos dias? Naquela primeira noite, ela se enrolou o mais longe possível da chama.

Tinha dormido com um braço na cabeça.

Bloqueando seus ouvidos, mãe o maldito.

E no ferreiro, quando ela pediu para se mudar para um quarto mais fresco e silencioso - um sem o estalar da forja... Foi preciso mais coragem do que ele imaginara para ela pedir para voltar à oficina, às chamas, para martelar nessas lâminas. Ela estava sofrendo, e ele não tinha ideia do quanto isso consumia cada faceta de sua vida.

Ele tinha visto seu ódio e raiva por si mesmo, mas não percebeu o quanto ela estava ciente disso.

Quanto isso a tinha comido.

Ele não tinha estômago para isso.

Saber que ela machucou tanto, por tanto tempo. Cassian a segurou nas margens do lago até o sol se pôr, até a lua nascer, e eles permaneceram lá, ouvindo um ao outro respirar, como se o mundo tivesse sido inundado por suas lágrimas, como se ambos estivessem esperando para ver o que emergiu assim que as águas das cheias baixaram. O lago brilhava como um espelho prateado ao luar, tão forte que poderia ser o crepúsculo. Seu estômago roncou de fome, mas quando a lua subiu mais alto, ele deu um beijo em sua cabeça."Levantar." Ela se mexeu contra ele, mas obedeceu.

Ele gemeu, com as pernas rígidas de tanto ficar sentado, e se levantou com ela.

Seus braços se envolveram.

Como se ela fosse se esconder atrás daquela parede de aço dentro de sua mente, seu coração. Cassian sacou a lâmina illyriana de suas costas. Ele brilhou com a luz da lua quando ele o estendeu até o punho dela. "Pegue." Piscando, os olhos ainda inchados de lágrimas, ela o fez.

A lâmina mergulhou quando ela envolveu as mãos em torno dela, como se não esperasse seu peso depois de tanto tempo com as espadas de madeira de prática.

Cassian deu um passo para trás.

Então disse: "Mostre-me a estrela de oito pontas". Ela estudou a lâmina, então engoliu.

Suas feições estavam abertas, temerosas, mas tão confiantes que ele quase caiu de joelhos.

Ele acenou com a cabeça em direção à lâmina. "Mostre-me, Nestha." Tudo o que ela procurou em seu rosto, ela encontrou.

Ela ampliou sua postura, apoiando os pés nas pedras.

Cassian prendeu a respiração quando ela assumiu a primeira posição. Nestha ergueu a espada e executou um golpe perfeito em arco.

Seu peso mudou para as pernas assim que ela sacudiu a lâmina, conduzindo com o cabo, e ergueu o braço contra um golpe invisível.

Outra mudança e a espada desceu, um golpe brutal que teria cortado um oponente ao meio. Cada fatia era perfeita.

Como se aquela estrela de oito pontas estivesse estampada em seu coração. A espada era uma extensão de seu braço, uma parte dela tanto quanto seu cabelo ou respiração.

Cada movimento floresceu com propósito e precisão.

À luz da lua, antes do lago prateado, ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Nestha completou a oitava manobra e voltou a espada ao centro. A luz em seus olhos brilhava mais forte do que a lua acima. Tanta luz e clareza que ele só conseguia sussurrar: "De novo". Com um sorriso suave que Cassian nunca tinha visto antes, parado nas margens do lago banhadas pela lua, Nestha começou.

PARTE TRÊS

VALQUÍRIA

CAPÍTULO

51

"Então você quer me dizer", Emerie murmurou com o canto da boca enquanto eles estavam no ringue de treinamento dois dias depois, "que você brigou com sua família, desapareceu por uma semana com Cassian e voltou capaz usar uma espada real, mas devo acreditar quando você diz que nada aconteceu?" Gwyn riu, sua atenção fixada em amarrar um pedaço de fita de seda branca a uma viga de madeira que se projetava da lateral do poço.

Nem a fita nem a viga estavam lá uma semana atrás, e Nestha não tinha ideia de como eles haviam ancorado a madeira na pedra, mas lá estava. O vento frio da manhã bagunçou o cabelo de Nestha. "Isso é exatamente o que estou lhe dizendo." "Diga-me que você teve pelo menos uma semana de sexo", Emerie murmurou. Nestha engasgou com uma risada quando Cassian endureceu através do ringue - mas ele não se virou. "Pode ter havido algum." Depois daquela noite ao lado do lago, ela e Cassian permaneceram lá por dois dias inteiros, seja treinando com sua espada ou fodendo como animais na costa, na água,

curvados sobre uma pedra enquanto ela gemia seu nome tão alto que ecoava no picos ao redor deles.

Ele a tinha tomado repetidas vezes, e ela o agarrou e rasgou sua pele todas as vezes, como se pudesse subir nele e fundir suas almas. Eles voltaram na noite anterior e ela estava cansada demais para se aventurar no quarto dele.

Ela presumiu que ele tinha sido chamado para a casa do rio, porque ele não tinha

estado no jantar, nem a procurou. Ela não estava pronta para ver Feyre, no entanto.

Por tudo que ela confessou a Cassian, aquele passo... Ela iria enfrentá-lo em breve. “Feito,” Gwyn declarou, a fita branca tremulando ao vento onde estava pendurada na viga.

Atrás deles, algumas das sacerdotisas que trabalhavam com Azriel se viraram para ver do que se tratava o negócio das fitas.

O encantador de sombras cruzou os braços, inclinando a cabeça, mas permaneceu em sua metade do ringue. Cassian, no entanto, se aproximou da obra de Gwyn e passou a seda branca entre dois dedos.

Nestha não conseguiu evitar que ela corasse. Ele tinha feito isso no lago: depois que ele a fodeu com os dedos, ele segurou seu olhar enquanto os esfregava, testando o deslizamento de sua umidade contra sua pele da mesma forma que ele estava tocando aquela fita.

Pela maneira como seus olhos castanhos escureceram, ela sabia que ele estava se lembrando do mesmo. Mas Cassian pigarreou.

“Explique,” ele ordenou a Gwyn. Gwyn endireitou os ombros.

“Este é o teste da Valquíria para saber se seu treinamento está completo e se você está pronto para a batalha: corte a fita pela metade.” Emerie bufou. “O

que?” Mas Cassian fez um ruído contemplativo, apontando para a outra metade do ringue. “Az me disse que você também começou o trabalho preliminar com as lâminas de aço enquanto estávamos fora.” Ele acenou para Gwyn e Emerie, o primeiro olhando para Azriel, que assistia em silêncio.

“Então me mostre o que você aprendeu.

Corte a fita em dois.

” “Cortamos a fita em dois”, Emerie perguntou a Gwyn com cautela, “e nosso treinamento está completo?” Gwyn olhou novamente para Azriel, que se aproximou.

Ela disse: “Não tenho certeza”. Cassian soltou a fita.

“O treinamento de um guerreiro nunca está completo, mas se você for capaz de cortar esta fita em duas - com um corte - então eu diria que você pode se defender contra a maioria dos inimigos.

Mesmo que você esteja treinando há pouco tempo.

” Em seu silêncio, ele olhou entre eles.

“Quem é o primeiro?” Novamente, os três trocaram olhares.

Nestha franziu a testa.

Quem quer que fosse primeiro sofreria o impacto da humilhação.

Gwyn balançou a cabeça.

De jeito nenhum. A boca de Emerie se abriu. “Por que eu?” ela exigiu. “O que?”

Cassian perguntou, e Nestha percebeu que eles não estavam falando. "Você é o mais velho", disse Gwyn, empurrando Emerie em direção à fita. Emerie reclamou, mas se aproximou da fita pendurada, pegando de má vontade a espada que Cassian estendeu.

Azriel murmurou por cima do ombro para as sacerdotisas sob seu comando enquanto elas observavam.

Eles imediatamente começaram a se mover novamente.

Mas a atenção de Azriel permaneceu na fita. "Devemos apostar?" Gwyn perguntou Nestha. - Cale a boca, - Emerie assobiou, embora a diversão iluminasse seus olhos. Nestha sorriu. "Vá em frente, Emerie." Amaldiçoando sob sua respiração, as asas dobradas firmemente, Emerie ergueu a lâmina em uma forma quase perfeita e cortou a fita. A seda branca esvoaçou e curvou-se em torno da lâmina.

E absolutamente não se partiu em dois. "Vamos todos admitir que sabíamos que

isso iria acontecer", disse Emerie, os dentes à mostra enquanto ela golpeava a espada novamente.

A fita dançou inofensivamente para longe. Cassian bateu em seu ombro. "Parece que vejo você no treinamento amanhã." "Idiota", Nestha murmurou. Cassian riu e pegou a espada de Emerie e - ao mesmo tempo - girou, golpeando baixo e uniformemente. A metade inferior da fita caiu no chão.

Uma fatia perfeita. Ele sorriu.

"Pelo menos eu posso cortar a fita." Nestha não se esqueceu daquele tiro de despedida.

Não quando eles terminaram o treinamento do dia, e certamente não quando ela arrastou Cassian escada abaixo, direto para seu

quarto, precisando berrar nas veias. Aparentemente, Cassian sentiu o mesmo, já que ele mal tinha falado nos últimos minutos, seus olhos brilhando intensamente.

Eles só chegaram até a mesa dele contra a parede antes que ela o agarrasse -

assim que ele a empurrou para baixo na superfície de madeira e tirou suas calças.

Curvada sobre a mesa, a parte inferior totalmente exposta, Nestha enterrou os mamilos doloridos na superfície da madeira, saboreando o esmagamento brutal.

Sua jaqueta, sua camisa, suas botas - tudo permaneceu.

Na verdade, sua calça foi puxada apenas até os tornozelos, restringindo ainda mais seus movimentos.

Deixando-a totalmente à sua mercê. E quando seu pênis afinal afundou profundamente nela, os dois gemeram.

Ele ficou atrás dela, uma mão apoiada na mesa, a outra apertando seu quadril enquanto ele puxava quase até a ponta, então empurrou de volta lentamente.

Nestha se contorceu. "Eu poderia te foder por dias," ele disse contra seu pescoço suado.

Ela gemeu em uma pilha de papéis. "Estou encharcado de você, porra", ele

rosnou, e a mão em seu quadril deslizou para provocar o ápice de suas coxas. No primeiro golpe de provocação, ela suspirou: "Cassian". Ele bateu nela em um ritmo constante e profundo.

O deslizamento líquido de seu pênis dentro dela soou obscenamente através de seu quarto silencioso.

Suas bolas roçaram contra ela, fazendo cócegas com cada impulso poderoso."Mais difíceis." Ela o queria impresso em seus próprios ossos."Mais difíceis." "Foda-se", ele explodiu em uma respiração, e se afastou de onde ele se preparou.

"Segure-se na mesa," ele ordenou, e Nestha se esticou para agarrar as bordas assim que suas mãos pousaram em seus quadris.

Suas coxas empurraram as dela, espalhando-a ainda mais - tão ampla quanto ela poderia ir - e ele não deu nenhum aviso antes de suas mãos apertarem e ele se soltar. Impulsos requintados e punitivos bateram tão profundamente que ele atingiu sua parede mais interna, e seus olhos reviraram em sua cabeça com a felicidade absoluta disso.

Ele se tornou selvagem, implacável.

Ela poderia estar soluçando de prazer, pelo tamanho dele, tão grande que nunca haveria como se acostumar com isso.

Cada empurrão implacável a fazia se inclinar contra a mesa, a madeira e os papéis brincando com seus seios, e ela quase chorou com isso também. Os dedos de Cassian cravaram em seus quadris com tanta força que Nestha sabia que ela machucaria, adorava que ela machucasse.

Ele mudou sua postura e seu pênis mergulhou ainda mais fundo, esfregando-se contra aquele local, e os sons que vinham dela não eram humanos ou Feérico, mas algo muito mais primitivo. "Porra, sim," ele rosnou em seu abandono."É

isso, Nestha." Ele acentuou cada palavra com um golpe selvagem."Eu me sinto bem para você?" Ela choramingou sua confirmação, então conseguiu dizer, "Eu gosto quando você me monta forte.

Cada vez que me movo e meu corpo está dolorido... "Ela teve que lutar para encontrar as palavras.

Para controle."Eu penso em você.

Do seu pau.

" Bom.

Eu quero que meu pau seja a única coisa em que você pensa." Seu ritmo vacilou enquanto lambia a coluna de seu pescoço.

Ela podia ouvir o sorriso zombeteiro em suas palavras enquanto ele sussurrava:

"Porque sua boceta linda é a única coisa em que penso." Com as palavras, sua linguagem chula, os dedos dos pés dela enrolaram.

Mas ela não o deixou ganhar este, não quando isso de alguma forma se tornou uma competição para quem poderia fazer o outro vir primeiro, então ela sussurrou: "Eu amo estar tão coberta de sua semente que vaza de mim por muito tempo .

Eu amo sentir isso deslizar pelas minhas coxas e saber que você deixou sua marca em mim." "Foda-se," ele explodiu, suas batidas selvagens agora, tão desmarcadas que apenas o controle dela sobre a mesa manteve os pés no chão."Porra!" Cassian gozou com um rugido, e ao primeiro pulso de seu pênis jorrando profundamente dentro dela, ela atingiu o clímax, gritando alto o suficiente para que ele colocasse a mão em sua boca.

Ela mordeu os dedos dele e ele continuou se movendo dentro dela, derramando-se continuamente.

Até que sua semente estava escorrendo de novo por suas coxas, até que ele deslizou os dedos por uma corrente e a trouxe até aquele ponto no ápice de seu sexo.

“Você não tem ideia do que acabou de começar,” ele sussurrou em seu ouvido, espalhando sua umidade ali, esfregando em sua carne sensível com círculos ociosos. Nesta não respondeu quando os dedos dele bateram contra ela, e ela

gozou novamente. Nesta não se aventurou a descer à cidade para ver Feyre.

Ou Amren. Mas ela continuou subindo as escadas.

Ela não tinha conseguido chegar ao fundo novamente.

Parte dela sabia que, se quisesse, poderia conseguir - assim como poderia abrir a boca e pedir a Cassian que a levasse à casa do rio.

Mas ela não fez isso. Então ela continuou tentando subir as escadas por mais uma semana sem parar, sempre descendo mais ou menos na metade antes de voltar, com as pernas totalmente geladas quando voltou para o corredor. Era apropriado, visto que seus braços também eram gelatinosos.

Sim, ela empunhava a espada com todo o corpo, mas seus braços doíam acima de tudo.

E não ajudou que eles tivessem começado nos escudos agora. Ninguém conseguiu cortar a fita de Gwyn em duas. Todos eles tentaram no início e no final de cada lição, e todos falharam.

Nesta tinha começado a se ressentir de ver uma fita em qualquer lugar -

amarrando o cabelo ruivo de Roslin para trás, dobrado na gaveta de acessórios de sua penteadeira, até mesmo preso para manter o lugar no último romance que Emerie lhe emprestou.

Todos eles riram dela.

Provocou ela. Portanto, Nestha correu os degraus, praticou e falhou.

Ela levava Cassian para sua cama todas as noites e às vezes durante o dia, embora eles nunca tivessem dormido nos quartos um do outro.

Nem uma vez.

Eles transaram, eles atacaram um ao outro e então se separaram. Não importava que houvesse algumas noites em que ela queria que ele ficasse.

Queria rolar de cima dele e se aconchegar em seu calor e adormecer ao som de sua respiração.

Mas ele sempre ia embora antes que ela reunisse coragem para perguntar. Nestha estava folheando um tomo de história militar na biblioteca - que tinha um parágrafo sobre estratégias de emboscada das Valquírias - quando Gwyn apareceu."Diga-me que você descobriu o segredo para cortar a fita." - Você e aquela fita - murmurou Nestha, fechando o livro.

De todos eles, Gwyn havia se tornado o mais implacável quanto ao sucesso.

Gwyn cruzou os braços, as vestes claras farfalharam.

Ela estremeceu e esfregou o ombro.

"Você sabia que os escudos pesam tanto? Certamente não.

Não admira que as Valquírias aprenderam a usá-los como armas tão mortais quanto suas espadas." Ela suspirou."Eles teriam sido uma visão e tanto na batalha: quebrando crânios inimigos com golpes de seus escudos, jogando-os para derrubar um oponente antes de espetá-los ..." Ela esfregou o ombro novamente.

“Os músculos dos braços deviam ser duros como aço.” Nestha bufou. “De fato.”

Ela inclinou a cabeça. “Agora que você está aqui, quero pedir um favor.” Gwyn arqueou uma sobrancelha.

“Sobre o tesouro?” “Não.” Nestha sabia que ela tinha que adivinhar - logo - pela Harpa.

Ela havia perdido uma boa semana nas montanhas, e se a Rainha Briallyn já tinha a Coroa... O tempo não estava do lado deles.

Mas ela disse: “Você mencionou há pouco que tem serviços noturnos - com música, certo?” Gwyn sorriu. “Oh sim.

Você quer se juntar a nós? Eu prometo, nem tudo é coisa religiosa.

Quer dizer, é, mas é lindo.

E a caverna em que realizamos o serviço também é linda.

Foi esculpido pelo rio subterrâneo que flui sob a montanha, então as paredes são lisas como vidro.

E é acusticamente perfeito - a forma e o tamanho do espaço amplificam e esclarecem cada voz interna.

” “Parece celestial”, admitiu Nestha. “Isto é.” Gwyn sorriu novamente, os olhos brilhando de orgulho.

“Algumas das canções que você vai ouvir são tão antigas que são anteriores à palavra escrita.

Alguns deles são tão antigos que nem os tínhamos no Sangravah.

Clotho os encontrou em livros armazenados abaixo do Nível Sete.

Hana - ela vai tocar alaúde - descobriu como ler a música." "Eu estarei lá."

Nestha mudou de pé."Acho que preciso de algo assim." Ao olhar interrogativo de Gwyn, Nestha disse: "Eu ... " Ela se atrapalhou com a maneira mais suave de dizer isso."EU ... " Gwyn deslizou as mãos nos bolsos do manto, o rosto aberto -

esperando. Nestha finalmente disse, permitindo-se expressar as palavras:

"Depois da guerra, eu estava em uma situação ruim.

Ainda estou, suponho, mas por mais de um ano após a guerra...
"Ela não conseguia olhar nos olhos de Gwyn.

"Fiz muitas coisas das quais me arrependo.

Machucar pessoas que lamento ter prejudicado.

E eu me machuquei.

Eu bebia dia e noite e eu... "Ela não queria dizer a palavra para Gwyn - fodeu -

então ela disse:" Eu levei estranhos para minha cama.

Para me punir, para me afogar.

" Ela encolheu os ombros.

"É uma longa história, e não vale a pena ser contada, mas apesar de tudo, escolhi tabernas e salas de recreio para frequentar por causa da música.

Sempre adorei música.

” Ela se preparou para o julgamento condenatório.

Mas apenas tristeza encheu o rosto de Gwyn. "Você provavelmente adivinhou que minha residência na Casa, meu treinamento, meu trabalho na biblioteca é a tentativa de minha irmã de me ajudar." A irmã dela, a quem ela ainda não tinha se desculpado, a quem ela ainda não tinha coragem de enfrentar.

- E eu... acho que ficaria feliz por Feyre ter feito isso por mim.

A bebida, os machos - eu não sinto falta de nada.

Mas a música... que eu sinto falta.

” Nestha acenou com a mão, como se pudesse banir a vulnerabilidade que ela havia oferecido.

Mas ela continuou: "E como não sou particularmente bem-vinda na cidade, esperava que você falava sério quando disse que eu poderia ir a um de seus cultos.

Só para poder ouvir música de novo.

”Os olhos de Gwyn brilharam, como a luz do sol em um mar quente.

O coração de Nestha trovejou, esperando por sua resposta.

Mas Gwyn disse: "Vale a pena contar sua história, você sabe." Nestha começou a se opor, mas Gwyn insistiu: "É.

Mas sim - se você quer música, venha ao culto.

Teremos o maior prazer em recebê-lo.

Ficarei feliz em ter você.

” Até Gwyn descobrir o quão horrível ela tinha sido. “Não,” Gwyn disse, aparentemente lendo o pensamento em seu rosto.

Ela agarrou a mão de Nestha. "Você... eu entendo." Nestha ouviu o próprio coração de Gwyn começar a tropejar.

"Eu entendo," Gwyn repetiu, "o que é... falhar com as pessoas que significam mais.

Viver com medo de que as pessoas descubram.

Temo que você e Emerie aprendam minha história.

Eu sei que, uma vez que você fizer isso, você nunca mais vai olhar para mim da mesma forma." Gwyn apertou a mão de Nestha. Sua história viria mais tarde.

Nestha a deixou ver em seu rosto, que quando Gwyn estivesse pronta, nada que ela pudesse revelar a faria ir embora. "Venha para o culto esta noite", disse Gwyn. "Ouvir a música." Ela apertou a mão dela novamente. "Você sempre será bem-vindo para se juntar a mim, Nestha." Nestha não tinha percebido o quanto ela precisava ouvir isso.

Ela apertou a mão de Gwyn de volta.

CAPÍTULO

52

Os bancos de madeira que enchiam a enorme caverna de pedra vermelha estavam apinhados de figuras de capuzes claros, suas joias azuis brilhando à luz das tochas enquanto esperavam o início do serviço do pôr-do-sol.

Nestha reivindicou um lugar em um banco na parte de trás, ganhando alguns olhares curiosos das mulheres encapuzadas que passaram por eles, mas ninguém falou com ela. Um estrado estava na outra extremidade do espaço, embora nenhum altar estivesse sobre ele.

Um pilar de pedra natural ergueu-se do solo, o topo achatado em algo como um pódio.

Nada mais.

Sem efígies ou ídolos, sem móveis dourados. Uma figura de cabelo prateado caminhou pelo corredor, um vento frio em seus calcanhares, e os outros lhe deram um amplo espaço.

Nestha enrijeceu quando os olhos da cor do crepúsculo de Merrill pousaram sobre ela e se estreitaram com reconhecimento - e ódio.

Mas a fêmea continuou se movendo, ocupando seu lugar no topo do estrado, onde Clotho havia aparecido.

Ainda sem Gwyn. A última das sacerdotisas encontrou qualquer assento disponível e o silêncio caiu quando um grupo de sete mulheres subiu no estrado ao lado de Merrill e Clotho.

Alguns estavam encapuzados; outros estavam com a cabeça descoberta.

E uma daquelas sacerdotisas de cabeça descoberta - Gwyn.

Seus olhos brilharam com malícia e prazer quando encontraram os de Nestha, como se dissessem, surpresa. Nestha não pôde deixar de sorrir de volta. Um sino tocou sete vezes em algum lugar próximo, ecoando pelas pedras, através dos pés de Nestha.

Cada repique era uma convocação, um chamado para se concentrar.

Todos se levantaram ao sétimo repique.

Nestha olhou para o mar de vestes claras e pedras azuis enquanto toda a sala parecia respirar fundo. Quando o sétimo sino terminou de tocar, a música explodiu. Não de nenhum instrumento, mas de todos os lados.

Como se fossem uma só voz, as sacerdotisas começaram a cantar, uma onda de som cintilante. Nestha só conseguiu ficar boquiaberta com a adorável melodia, as vozes da frente da caverna liderando-a, elevando-se mais alto que as outras.

Gwyn cantou com o queixo erguido, um brilho fraco parecendo irradiar dela. A música era pura, antiga, sussurrando alternadamente e ousada, um momento como um fio de névoa, o seguinte como um raio de luz dourado.

Terminou, e Merrill falou sobre a Mãe, o Caldeirão, a terra, o sol e a água.

Ela falou de bênçãos, sonhos e esperança.

De misericórdia, amor e crescimento. Nestha meio ouviu, esperando que o som, o som perfeito e lindo, começasse de novo.

Gwyn parecia tremular de orgulho e contentamento. Merrill terminou a oração e o grupo começou outra música. Era como uma trança, a música - uma trança de

sete vozes, entrelaçando-se e saindo, fios individuais que juntos formavam um padrão.

No meio dele, um tambor apareceu na mão do cantor na extrema esquerda.

Uma harpa começou a tocar nas mãos de um da extrema direita.

Um alaúde soou do centro. Ela nunca tinha ouvido essa música.

Como um feitiço, um sonho dado forma.

A sala inteira cantou, cada voz ressoando através da pedra. Mas a voz de Gwyn se elevou acima de todos eles, clara e poderosa e ainda rouca em algumas notas.

Uma mezzo-soprano.

A palavra flutuou das profundezas da memória de Nestha, dublada por um professor de música com olhos lacrimejantes que rapidamente declarou Nestha sem esperança para cantar ou tocar, mas de posse de um ouvido excepcionalmente bom. A música terminou, e mais orações e palavras fluíram de Merrill, Clotho silencioso ao lado dela.

Então outra música começou - esta mais alegre, mais rápida que a outra.

Como se as canções fossem uma progressão.

Este era um canto alegre, as palavras caindo umas sobre as outras como água dançando montanha abaixo, e o pé de Nestha batia no chão no ritmo da batida.

Nestha poderia ter jurado que sob a bainha do manto de Gwyn, o pé da sacerdotisa estava fazendo o mesmo.

As palavras e as contra-melodias dançaram em círculos, até que as paredes zumbiam com a música, até que a pedra parecia estar cantando de volta. Eles terminaram e começaram outra música - conduzida por uma batida contínua de tambores e, em seguida, uma única voz.

Então a harpa se juntou, uma segunda voz com ela.

Depois o alaúde, junto com um terceiro.

Os três cantaram juntos, outra trança de vozes e melodias.

Eles chegaram ao segundo verso, e os outros quatro entraram na sala com eles. A voz de Gwyn disparou como um pássaro pela caverna quando ela começou a terceira música com um solo, e Nestha fechou os olhos, inclinando-se para a música, fechando um sentido para se deleitar com o som de sua amiga.

Algo acenou na música de Gwyn, de uma forma que os outros não fizeram.

Como se Gwyn estivesse chamando apenas por ela, sua voz cheia de sol, alegria e determinação inabalável.

Nestha nunca tinha ouvido uma voz como a de Gwyn - alternadamente treinada e selvagem, como se houvesse tanto som lutando para se libertar de Gwyn que ela não conseguia conter tudo.

Como se o som precisasse ser solto no mundo. Os outros se juntaram a Gwyn para o segundo verso, e as harmonias da harpa aumentaram acima de sua canção, arcadas de notas sem palavras. Com os olhos fechados, apenas a música importava - a canção, as vozes, a harpa.

Envolveu-se em torno dela, como se ela tivesse caído em uma piscina de som sem fundo.

A voz de Gwyn aumentou novamente, mantendo uma nota tão alta que era como um raio de luz pura, penetrante e convocatória.

Duas outras vozes se juntaram, pulsando em torno daquela nota alta repetida, a harpa ainda dedilhando, vozes sussurrando e fluindo, embalando Nestha, para baixo, para baixo, para um lugar puro e antigo onde nenhum mundo exterior existia, nenhum tempo, nada além de música em seus ossos, as pedras em seus pés, seu lado, acima. A música tomou forma por trás dos olhos de Nestha enquanto as sacerdotisas cantavam letras em línguas tão antigas que ninguém mais as expressava.

Ela viu o que a música falava: terra musgosa e sol dourado, rios límpidos e as

sombras profundas de uma floresta antiga.

A harpa tocou e as montanhas rolaram à frente, como se um véu tivesse sido desobstruído com o golpe dessas cordas, e ela estava voando em direção a ele -

em direção a uma enorme montanha velada pela névoa, a terra árida exceto por musgo, pedras e um , mar tempestuoso ao seu redor.

A montanha em si tinha dois picos bem no topo, e as pedras que se projetavam de seus lados eram esculpidas em símbolos antigos e estranhos, tão antigos quanto a própria canção. O corpo de Nestha derreteu, seus ossos e as pedras da caverna uma memória distante enquanto ela fluía para a montanha, viu portões esculpidos e altos e passou por eles em uma escuridão tão completa que era primordial; escuridão que estava cheia de coisas vivas, coisas terríveis. Um caminho conduzia à escuridão, e ela o seguiu, passando por portas sem maçanetas, seladas para sempre.

Ela sentiu horrores se escondendo atrás daquelas portas, um horror maior do que os outros - um ser de névoa e ódio - mas a música a conduziu por todos eles, invisível e sem marcas. Este lugar era totalmente letal.

Um lugar de sofrimento, raiva e morte.

Sua própria alma estremeceu ao vagar por seus corredores.

E mesmo que ela tivesse passado pela porta mantendo-a a salvo daquele ser mais horrível do que todo o resto... ela sabia que a observava.

Ela se recusou a olhar para trás, para reconhecer isso. Então Nestha desceu cada vez mais, a harpa e as vozes pulsando e guiando, até que ela parou diante de uma pedra.

Ela colocou a mão sobre ele para descobrir que era apenas uma ilusão, e ela passou por ele, por outro longo corredor, abaixo da

própria montanha, e então ela estava em uma caverna, quase a gêmea daquela em que as sacerdotisas cantavam, enquanto se eles estivessem ligados na música e no sonho. Mas, em vez de pedra vermelha, era esculpida em rocha negra.

Os símbolos foram gravados no chão liso, nas paredes curvas, subindo em direção a um teto tão alto que desapareceu na escuridão.

Feitiços e proteções pulsavam ao redor da sala, mas ali, no centro do espaço, colocados no chão como se tivessem sido colocados lá por alguém que simplesmente se afastou e o esqueceu ... Lá, no centro da câmara, estava uma pequena harpa dourada. O frio se espalhou por Nestha, esclarecendo seus pensamentos o suficiente para perceber onde ela estava.

Que a música das sacerdotisas a havia embalado em um transe, que seus próprios ossos e a pedra da montanha que a rodeava haviam sido suas ferramentas de vidência, e ela havia vagado para este lugar ... A Harpa brilhava na escuridão, como se possuísse seu próprio sol dentro do metal e das cordas.

Toque-me, parecia sussurrar.

Deixe-me cantar novamente.

Junte sua voz à minha. A mão dela alcançou as cordas.

Sim. A harpa suspirou, um ronronar baixo rolando enquanto a mão de Nestha se aproximava.

Devemos abrir portas e caminhos; devemos nos mover através do espaço e éons juntos.

Nossa música nos libertará das regras e fronteiras terrenas. sim.

Ela tocaria harpa e não haveria nada além de música até que as estrelas morressem. Toque.

Há tanto tempo desejo jogar, dizia, e ela poderia jurar que ouviu um sorriso no meio do som.

O que minha música pode desbloquear aqui? Uma risada fria e sem humor deslizou pelos ossos de Nestha.

Ele cantou novamente, Play, play— A música parou e a visão se desfez. Os

joelhos de Nestha cederam quando a sala entrou, e ela caiu no banco, ganhando um olhar alarmado de Gwyn no meio da multidão.

Seu coração trovejou, sua boca estava seca como areia e ela se obrigou a se levantar novamente.

Para ouvir o fim do serviço enquanto ela juntava tudo, percebeu o que ela havia descoberto em sua visão involuntária. "Você tem certeza disso?" Cassian encostou o quadril na mesa de Rhys. "Nestha disse que a Harpa está abaixo da Prisão." "Ela nunca esteve na prisão", disse Rhys, franzindo a testa. Cassian honestamente pensou que Nestha poderia estar bêbada quando irrompeu na sala de jantar uma hora antes, sem fôlego, e contou a ele sua história selvagem.

Ele dificilmente foi capaz de seguir o que ela disse, exceto pelo fato de que ela acreditava que a Harpa estava na Prisão. Pior, que ela acordou a Harpa na Prisão.

Que destruição pode causar sem controle? O pensamento gelou Cassian até o âmago. Então ele voou até aqui e encontrou Rhys em seu escritório.

Novamente debruçado sobre os volumes dos antigos curandeiros, tentando encontrar uma maneira de salvar sua companheira. Rhys recostou-se no assento.

Considerado. Az tinha transportado até um ponto de encontro na costa leste para obter um relatório de Mor sobre a situação de Vallahan, e Feyre tinha saído para jantar com Amren, então eram apenas os dois esta noite.

Cassian sugeriu que Nestha viesse contar pessoalmente a Rhys, mas ela recusou.

Ela estava abalada - precisava de algum tempo para se recompor.

Ele a verificaria mais tarde.

Certifique-se de que ela não recuou muito em sua cabeça. Rhys tamborilou com os dedos no bíceps.

Ficou olhando para a mesa por um longo momento.

"Quando ouvimos sobre a traição de Beron, pedi a Helion que me mostrasse

como aplicar um escudo como o que eu tinha ao redor de Feyre na própria prisão." "Você adivinhou que isso aconteceria?" "Não." Um músculo pulsou na mandíbula de Rhys.

"Feyre e eu estávamos preocupados que Beron tentasse libertar os presos para usar em um conflito - assim como usamos o Bone Carver na guerra.

Dê-me esta noite e eu vou desemaranhar o escudo e abrir para você amanhã."

"Leva tanto tempo para desfazer um escudo?" Rhys passou a mão pelo cabelo.

As preocupações gravaram linhas profundas em sua testa.

"É uma combinação de magia e feitiço, então sim.

E devo admitir que estou distraído o suficiente hoje em dia que talvez precise de um tempo extra para ter certeza de que foi feito corretamente.

” O estômago de Cassian afundou com a tristeza no rosto de Rhys.

Mas ele apenas disse: "Tudo bem." Uma lâmina apareceu na mesa, convocada de onde quer que Rhys a guardasse.

A grande espada que Nestha havia feito. - Leve com você - disse seu Grão Senhor em voz baixa."Eu quero ver o que acontece se Nestha usar." "Uma visita à prisão não é o momento para um de seus experimentos", rebateu Cassian. As estrelas nos olhos de Rhys piscaram."Então, vamos torcer para que ela não precise desenhá-lo."

CAPÍTULO

53

"Rhysand realmente me deu esta espada por sua própria vontade?" Nestha perguntou a Cassian na manhã seguinte, enquanto caminhavam pelo lado coberto de musgo e pedras da alta montanha conhecida como Prisão.

Foi exatamente como ela imaginou em seu transe - e ainda mais horrível pessoalmente.

A própria terra parecia abandonada.

Como se algo grande tivesse existido aqui e depois desaparecido.

Como se a terra ainda esperasse por ele voltar. "Rhys disse que se formos para a prisão, devemos estar bem armados", disse Cassian, seu cabelo escuro sacudido pelo vento frio e úmido do mar cinza agitado além da planície à direita deles."E

este é o melhor lugar que ele pode pensar para nós experimentarmos a espada que você fez." "Então, se der errado, pelo menos vai me matar, não a mais ninguém?" Nestha não conseguiu evitar a nitidez de seu tom.

Rhys os tinha os transportado aqui, depositando-os na base da montanha, já que nenhuma magia poderia perfurar suas proteções pesadas.

Nestha não foi capaz de olhar nos olhos dele. "Você não vai ser morto.

Ou por aquela lâmina ou qualquer coisa lá." Sua mandíbula se contraiu enquanto

ele examinava os portões altos muito acima.

Ele colocou muitos dos presos atuais dentro, e Nestha tinha ouvido as histórias angustiantes de Feyre sobre visitar a Prisão em várias ocasiões.

Pouco assustou sua irmã - que Feyre descobrisse que era petrificante não ajudou a sensação de torção no estômago de Nestha. "Você se lembra das regras?"

Cassian perguntou enquanto eles se aproximavam dos portões de osso, intrincadamente esculpidos com todos os tipos de criaturas. "Sim." Segure a mão de Cassian o tempo todo, não fale de Amren, não fale de nada a respeito do Tesouro ou da corte ou da gravidez de Feyre, não fale das criaturas que ele colocou aqui, não faça nada exceto andar e fique em alerta máximo.

E tire aquela Harpa antes que ela pudesse desencadear o caos. Os portões de osso se abriram com um rangido.

Cassian ficou tenso, mas continuou subindo.

“Parece que somos esperados.” Eles caminharam na escuridão, no próprio inferno. Nestha agarrou a mão de Cassian, sua corda para a vida neste lugar sem luz.

Um dos Sifões de Cassian brilhou com uma luz vermelha, ensanguentando as paredes pretas, as portas pelas quais às vezes passavam. Cassian se movia com a fluidez de um guerreiro treinado, mas ela notou seu olhar percorrendo o caminho que eles percorriam, que mergulhava na terra.

A entrada para o corredor oculto que ela vira em sua vidência era muito, muito abaixo - entre uma porta de ferro com uma única runa sobre ela e uma pequena alcova na pedra. Ruídos suaves sussurraram através da rocha.

Ela poderia jurar que unhas raspadas atrás de uma porta.

Quando ela olhou para Cassian, seu rosto empalideceu.

Ele notou o olhar dela e deu um tapinha no peitoral esquerdo - logo acima da cicatriz grossa ali.

Indicação de quem estava preso atrás daquela porta.

Quem correu as unhas sobre ele. Seu sangue gelou.

Blue Annis. Pele de cobalto e garras de ferro, ele disse.

Annis saboreou comer sua presa. Nestha engoliu em seco, apertando a mão de Cassian, e eles continuaram descendo. Minutos ou horas se passaram, ela não sabia.

Na escuridão, no ar pesado e sussurrante, o tempo havia deixado de importar. A náusea a invadiu.

Amren estava neste lugar há milhares de anos, jogada por tolos que a temiam em sua verdadeira forma, aquele ser de chamas e luz que destruíra o exército de Hybern. Nestha não conseguia se imaginar passando um dia naquele lugar.

Um ano. Ela não sabia como Amren não tinha enlouquecido.

Como ela encontrou forças para sobreviver. Ela tratou Amren mal.

O pequeno pensamento ficou preso em sua mente.

Ela a tinha usado, exatamente como Amren disse, como um escudo contra todos.

E Amren, que havia sobrevivido milênios neste lugar horrível, ao lado dos piores monstros da terra... Amren a achava horrível. A miséria queimava como ácido.

Algo bateu na rocha à esquerda e Nestha se encolheu.

Cassian apertou a mão dela. "Ignore isso", ele murmurou. Para baixo e para baixo, em um lugar pior que o inferno.

E então ela avistou uma alcova queimada em sua memória, atrás de suas pálpebras.

E - sim, ao lado dela estava aquela porta de ferro com a única runa em sua superfície. "Aqui." Nestha empurrou o queixo em direção à pedra calva.

"Através da rocha." Quando Cassian não respondeu, ela se virou para ele. Seu foco estava fixo na porta de ferro.

Sua pele marrom-dourada estava pálida. Seus lábios pronunciaram o nome do ser por trás disso. Lanthys. "Você tem certeza ..." Cassian engoliu em seco. "Você tem certeza de que este é o lugar?" "Sim." Nestha não lhes deu tempo para reconsiderar quando estendeu a mão livre e se aproximou da pedra. Seus dedos passaram pela rocha.

Como se não existisse. Cassian a puxou de volta, mas ela empurrou para frente, e sua mão, então seu pulso, então seu braço desapareceram.

E então eles terminaram. "Eu não tinha ideia de que havia mais alguma coisa na Prisão", Cassian respirou enquanto eles continuavam por outro corredor.

Não havia portas alinhadas, apenas pedra lisa.

"Achei que houvesse apenas células." "Eu te disse," ela respondeu. "Eu vi uma câmara aqui." A luz do Sifão no topo da mão de Cassian revelou uma arcada e abertura - e lá estava.

Símbolos em relevo esculpido no chão lançam sombras contra a luz carmesim.

A câmara redonda inteira estava cheia deles.

E em seu centro - a harpa dourada, coberta em relevo intrincado, cravejada de cordas de prata. Não cantou, não falou.

Poderia muito bem ser um instrumento comum. E foi exatamente por isso que Nestha parou Cassian sob a arcada, sem ousar pisar no chão esculpido.

"Precisamos ter cuidado." Nestha espiou dentro da câmara vasta e vazia. "Existem proteções e feitiços aqui." Cassian esfregou o queixo com a mão livre.

"Minha magia não se inclina para os feitiços.

Eu posso explodir escudos e proteções mágicas, mas se for uma armadilha como

Feyre e Amren enfrentaram na Corte Summer, eu não posso sentir isso." Nestha bateu o pé em uma batida rápida. "As proteções de Rhysand na Máscara não conseguiram me impedir de entrar.

A máscara queria que eu viesse, então me permitiu passar.

Talvez a Harpa faça o mesmo.

Curtir chamadas para curtir, como todos vocês gostam de dizer.

” "Eu não vou deixar você entrar naquela sala sozinho.

Não se aquela coisa quiser sobrepor.

” “Eu não acho que temos escolha.” Ele apertou a mão dela, esfregando calosidades contra a dela."Você lidera, eu seguirei."

“E se minha presença passasse despercebida, mas a sua desencadeasse uma armadilha? Não podemos arriscar.

” Sua garganta balançou."Eu não posso arriscar você." As palavras bateram em seu coração.

“Eu... você pode.

Voce tem que." Antes que ele pudesse protestar, ela disse: “Você está me treinando para ser uma guerreira.

No entanto, você me manteria longe do perigo? Como isso é melhor do que um animal enjaulado? ” As palavras devem ter atingido algo nele."Tudo bem."

Cassian desafiou a grande espada que carregava para ela.

Ele o enrolou em torno de sua cintura, seu peso considerável.

Ela ajustou o equilíbrio.

“Nós tentamos do seu jeito.

E ao primeiro sinal de algo errado, nós partimos.

” "Multar." Ela engoliu a secura da boca. Seus olhos brilharam, notando sua hesitação."Não é tarde demais para mudar de ideia." Nestha se eriçou.

“Não estou permitindo que ninguém, a não ser nós, coloque as mãos na Harpa.”

Com isso, ela caminhou até a linha de demarcação entre o corredor e a câmara.

Apoiando-se, ela empurrou um pé à frente. Era como pisar na lama. Mas as proteções permitiram que ela passasse.

Nestha deu mais um passo, o braço estendido atrás dela para segurar a mão de Cassian.

A pressão dos feitiços empurrou contra suas panturrilhas, seus quadris, seu corpo, apertando seus pulmões."Estes são como nenhuma proteção que eu já senti antes", ela sussurrou, ficando parada enquanto esperava por qualquer indício de uma armadilha acionada.

"Eles parecem velhos.

Incrivelmente velho.

"Eles provavelmente são anteriores a este lugar ser usado como prisão." "O que era antes?" "Ninguém sabe.

Sempre esteve aqui.

Mas esta câmara... "Ele examinou o espaço além dela.

"Eu não sabia que lugares como este existiam aqui.

Talvez... "Ele franziu a testa.

"Parte de mim se pergunta se a Prisão foi construída ou abastecida com seus internos para esconder a presença da Harpa.

Existem tantos poderes terríveis aqui, e as proteções na própria montanha... Eu me pergunto se alguém escondeu a Harpa sabendo que ela nunca seria notada com tanta magia terrível ao redor dela." Sua boca secou novamente."Mas quem

o colocou aqui?" "Seu palpite é tão bom quanto o meu.

Alguém que existiu antes dos Grão-Lordes governarem.

Rhys me disse uma vez que esta ilha pode ter sido até uma oitava corte.

" "Você não reconhece essas marcas no chão?" "De jeito nenhum." Ela soltou um longo suspiro.

"Acho que nenhuma armadilha foi acionada." Ele assentiu."Seja rápido." Seus olhares se detiveram, e Nestha se afastou da preocupação crua em seus olhos quando ela puxou a mão dele e entrou na câmara. As proteções pesavam sobre a pele de Nestha a cada passo no chão de pedra para a harpa brilhante. "Parece recém-polido", observou ela para Cassian, que observava da arcada."Como isso é possível?" "Ele existe fora das amarras do tempo, assim como o Caldeirão."

Nestha estudou as esculturas no chão.

Todos eles pareciam espiralar em direção a um ponto.

"Eu acho que essas são estrelas," ela respirou.

"Constelações." E como um sol dourado, a Harpa estava no centro do sistema.

"Esta é a Corte Noturna", disse Cassian secamente. Mas parecia... diferente da magia da Corte Noturna de alguma forma.

Nestha fez uma pausa antes da Harpa, as proteções pressionando em sua pele enquanto ela examinava sua moldura dourada e cordas de prata.

A Harpa estava sobre uma grande representação de uma estrela de oito pontas.

Seus pontos cardeais se estendiam mais do que os outros quatro, com a Harpa situada diretamente no coração da estrela. O cabelo de sua nuca se arrepiou.

Ela poderia ter jurado que o sangue em seu corpo mudou de curso. Ela tinha a sensação assustadora de que tinha sido trazida aqui. Não pelo Caldeirão, pela Mãe ou pela Harpa.

Por algo mais vasto.

Algo que se estendeu até as estrelas esculpidas ao redor deles. Suas mãos frias e leves guiaram seus pulsos enquanto ela pegava a harpa. Seus dedos roçaram o metal gelado.

A Harpa zumbia contra sua pele, como se ainda tivesse sua nota final, da última vez que tinha sido usada-Feérico gritou, batendo em uma pedra que não estava lá um momento antes, implorando pelo bem de seus filhos, implorando para ser liberado ... Nestha teve a sensação de cair, cambaleiar pelo ar, pelas estrelas e pelo tempo - Era uma armadilha, e nosso povo estava cego demais para ver -

Eons e estrelas e escuridão mergulharam em torno dela - Os Feérico arranharam a pedra, rasgando as unhas na rocha onde antes havia uma porta.

Mas o caminho de volta agora estava selado para sempre, e eles imploraram enquanto tentavam passar seus filhos pela parede sólida, se ao menos seus filhos pudessem ser poupados - A luz brilhou, cegando.

Quando clareou, ela estava em um palácio de pedras brancas. Um grande salão, onde cinco tronos enfeitavam um estrado.

O sexto trono, no centro, era ocupado por uma velha de orelhas pontudas.

Uma coroa dourada com pontas repousava em sua cabeça, brilhando como o ódio em seus olhos negros. A velha Feérico se enrijeceu, as vestes de veludo azul mudando com o movimento.

Seus olhos, claros apesar do rosto enrugado, ficaram mais nítidos.

Bem na Nestha. "Você tem a Harpa", disse a rainha, a voz como papel amassado.

E Nestha sabia quem ela estava congelada antes, que coroa estava em seu cabelo branco e fino.

Os dedos nodosos de Briallyn enrolaram nos braços de seu trono, e seu olhar se estreitou.

A rainha sorriu, revelando uma boca de dentes meio podres. Nestha deu um passo para trás - ou tentou.

Ela não conseguia se mover. O sorriso horrível de Briallyn se aprofundou e ela disse em tom de conversa: "Meus espiões me disseram quem são seus amigos.

A mestiça e a illyriana quebrada.

Essas garotas adoráveis. O sangue de Nestha se agitou, e ela sabia que seus olhos estavam brilhando com seu poder enquanto ela rosnava: "Chegue perto deles e eu vou rasgar sua garganta.

Vou te caçar e estripar você." Briallyn resmungou.

"Esses laços são tolos.

Tão tolo quanto você ainda segurando a Harpa, que canta respostas para todas as minhas perguntas.

Eu sei onde você está, Nestha Archeron— " A escuridão explodiu. Uma escuridão sólida e imóvel, batendo em Nestha tão forte quanto uma parede.

Gritos ainda ecoavam. Não, não, era um homem gritando seu nome. E ela não bateu na escuridão.

Ela colidiu com a pedra e agora estava caída no chão, a Harpa nas mãos.

“NESTA!” A luz vermelha brilhou, lavando como uma maré sangrenta sobre as pedras, seu rosto, o teto.

Mas os Sifões de Cassian não conseguiram romper as barreiras.

Ele não conseguia alcançá-la. Nestha agarrou a harpa contra o peito, a última de suas reverberações ecoando por ela.

Ela teve que deixar ir.

De alguma forma, ao tocar a Harpa enquanto Briallyn estava usando a Coroa, ela abriu um caminho entre suas mentes, seus olhos.

Ela podia ver Briallyn, e Briallyn podia vê-la, podia sentir onde ela estava.

Ela teve que deixar ir Ela não podia fazer mais do que torcer as pontas dos dedos

enquanto um peso opressor e invisível a atingia, como se a tivesse transformado em pó no chão.

Solte, ela ordenou silenciosamente, cerrando os dentes, os dedos roçando a corda mais próxima.

Liberte-me, sua maldita coisa. Uma bela e altiva voz respondeu, cheia de música tão linda que partiu seu coração ao ouvi-la.

Não aprecio o seu tom. Com isso, a Harpa empurrou com mais força, e Nestha rugiu silenciosamente. Sua unha raspou no cordão novamente.

Me deixar ir! Devo abrir uma porta para você, então? Liberar o que foi pego?

Sim! Maldito seja, sim! Já faz muito tempo, irmã, desde que toquei.

Vou precisar de tempo para lembrar as combinações certas ... Não brinque.

Nestha gelou com a palavra que ela usou.

Irmã.

Como se ela e essa coisa fossem a mesma coisa. As cordas pequenas são para jogos - movimentos leves e saltos - mas as mais longas, as finais... Essas maravilhas e horrores profundos que poderíamos criar.

Uma magia tão grande e monstruosa que fiz com meu último menestrel.

Devo mostrar a você? Não.

Basta abrir essas enfermarias. Como quiser.

Arranque a primeira corda, então. Nestha não hesitou quando a ponta do dedo enrolou sobre a primeira corda, agarrando e depois soltando.

Uma risada musical encheu sua mente, mas o peso diminuiu.

Desaparecido. Nestha respirou fundo, empurrando para cima, e se encontrou livre para se mover como desejasse.

A Harpa ainda estava em suas mãos, adormecida.

O próprio ar parecia mais leve.

Mais solto.

Como se abrir outra porta tivesse fechado aquela para Briallyn.
“NESTA!”

Cassian trovejou do outro lado da câmara. "Estou bem", gritou ela, sacudindo os tremores persistentes. "Mas acho que alguém muito perverso usou isso por último." Ela olhou para a escuridão acima. "Acho que eles usaram para... prender seus inimigos e os filhos de seus inimigos na própria pedra." Era isso que estava acontecendo com ela agora? A Harpa a empurrou contra a rocha, fundindo sua alma com ela? Ela estremeceu. Cassian perguntou: "Você está ferido? O que aconteceu?" Ela gemeu, levantando-se lentamente. "Não.

Eu... eu toquei e guardou uma memória.

Um péssimo.

” Uma que ela nunca esqueceria.

“E nós precisamos partir.

Ele me mostrou Briallyn, usando a coroa.

Ela me viu aqui.

” As palavras saíram à medida que Nestha voltava pela caverna pesada, sentindo aquele ponto central, a estrela em seu coração, como uma presença física em suas costas.

Aquelas mãos vastas e leves pareciam puxá-la, tentando fazê-la retornar, mas ela as ignorou, explicando a Cassian o que ouvira da Harpa e o que vira na visão com Briallyn. A respiração de Cassian permaneceu irregular.

Ele não relaxou um músculo até que ela voltou para o corredor do túnel.

Até que sua mão estava novamente em torno dela.

Ele nem se preocupou em olhar para a Harpa, ou comentar sobre Briallyn.

Ele apenas a examinou em busca de qualquer sinal de dano. Foi tão íntimo quanto qualquer olhar que ele já tinha dado a ela.

Mesmo quando ele estava enterrado profundamente dentro dela, movendo-se nela, seu olhar nunca tinha sido tão abertamente cru. Ela colocou a harpa ao lado do corpo e não conseguiu impedir a mão que levou ao rosto dele. "Estou bem."

Ele deu um beijo no coração de sua palma. "Não sei por que duvidei de você."

Ele se afastou de seu toque. "Vamos dar o fora daqui." A promessa das trevas envolvia as palavras - e ela sabia o que eles fariam assim que largassem a Harpa para se tornar o problema de Rhysand. Suas bochechas aqueceram, algo como prazer passando por ela.

Que ele iria escolhê-la, que ele queria tanto a garantia de seu corpo. Ela entrelaçou os dedos nos dele, apertando com tanta força quanto suas mãos podiam ser pressionadas.

Ele apertou de volta e puxou-a pelo corredor, longe do local da dor e da memória há muito esquecida.

A espada quicou contra sua coxa e ela disse, quebrando o silêncio: "Eu a chamei de Ataraxia." Ele olhou por cima do ombro para ela.

"Essa espada? O que isso significa?" "É do idioma antigo.

Encontrei em um livro outro dia na biblioteca.

Eu gostei do som disso.

"Ataraxia", disse ele como se estivesse experimentando a própria arma. "Eu gosto disso." "Estou tão feliz por você aprovar."

"É melhor do que Killer ou Silver Majesty", ele rebateu.

Seu sorriso era mais brilhante do que o Sifão brilhante em cima de sua mão esquerda.

Seu pulso disparou."Ataraxia", disse ele novamente, e Nestha poderia ter jurado

que a lâmina pendurada em seu cinto zumbiu em resposta.

Como se gostasse do som de sua voz tanto quanto ela. Eles se aproximaram do fim do túnel, mas Nestha o parou com um puxão em sua mão."O que?" ele perguntou, examinando a caverna.

Mas ela ficou na ponta dos pés e o beijou levemente.

Ele piscou com um choque quase cômico quando ela se afastou."Para o que foi aquilo?" Nestha encolheu os ombros, suas bochechas aquecendo."Gwyn e Emerie são meus amigos", disse ela calmamente.

Ela escondeu seu horror por Briallyn ter os olhos neles."Mas ..."
Ela engoliu em seco."Eu acho que você também pode estar, Cassian." O silêncio de Cassian era palpável, e ela se amaldiçoou por revelar esse desejo, essa realização.

Queria poder apagar as palavras, a estupidez ... "Eu sempre fui seu amigo, Nestha", disse ele com voz rouca."Sempre." Ela não suportava ver o que estava nos olhos dele."Eu sei." Cassian roçou a boca em sua têmpora, e eles finalmente saíram do túnel, entrando no caminho principal da Prisão, sua escuridão pesada.

Nestha sussurrou, finalmente ousando dizer: "E eu sempre ..."
Cassian a jogou atrás dele tão rápido que o resto das palavras morreram em sua garganta.

"Corre." Seu batimento cardíaco - seu puro terror - encheu o ar."Nestha, corra."

Ela girou em direção ao que ele enfrentava, sua lâmina illyriana brilhando como um rubi na luz de seu Sifão.

Como se uma lâmina pudesse fazer qualquer coisa. A porta da cela de Lanthys estava aberta.

CAPÍTULO

54

Cassian viu a porta aberta da cela de Lanthys e sabia de duas coisas. O primeiro, e mais óbvio, era que ele estava prestes a morrer. A segunda era que ele faria qualquer coisa no mundo para evitar que Nestha tivesse o mesmo destino. O

segundo esclareceu sua mente, esfriou e afiou seu medo em outra arma.

Quando a voz saiu da escuridão ao redor deles, ele estava pronto. "Eu me perguntei quando você e eu nos encontraríamos novamente, Senhor dos Bastardos." Cassian nunca, nem uma vez, esqueceu o timbre e o gelo daquela voz, como ela fazia seu próprio sangue eriçar com a geada.

Mas Cassian respondeu: "Todos esses séculos aqui e você não inventou um nome mais criativo para mim?" A risada de Lanthys se enroscou em torno deles como uma cobra.

Cassian agarrou a mão de Nestha, embora sua ordem para correr ainda pairasse entre eles.

Era tarde demais para correr.

Pelo menos para ele.

Tudo o que restou foi ganhar tempo suficiente para escapar. "Você se considerou tão inteligente com o espelho de freixo," Lanthys ferveu, a voz ecoando por todos os lados.

A luz do Sifão esquerdo de Cassian revelou apenas uma escuridão enevoadada e avermelhada."Achei que você poderia me superar." Outra risada.

"Eu sou imortal, garoto.

Um verdadeiro imortal, como você nunca pode esperar ser.

Dois séculos aqui não é nada.

Eu sabia que só precisava esperar meu tempo antes de encontrar uma maneira de escapar." "Você encontrou uma maneira?" Cassian falou lentamente para a névoa que era Lanthys."Parece que alguém ajudou você." Ele estalou a língua. Ele apenas tinha que esperar - esperar até que o ataque viesse.

Então Nestha poderia correr.

Ela estava rígida ao lado dele, totalmente congelada.

Ele a cutucou com o pé, tentando tirá-la de seu estupor.

Ele precisava dela preparada para correr, não enraizada no local como um cervo.

"A porta se abriu somente para a minha vontade," Lanthys ronronou.

"Mentiroso.

Alguém abriu para você.

" A névoa de Lanthys engrossou, estrondando de ira. Nestha engoliu em seco, e Cassian sabia.

Quando ela ordenou que a Harpa a soltasse... A Harpa também liberou Lanthys.

Basta abrir essas proteções, ela o instruiu.

Assim foi: as proteções nela, e as proteções próximas - na cela de Lanthys.

Ele disse que queria jogar.

E aqui estava: brincando com suas vidas. E se a Harpa tivesse estendido seu alcance além da porta de Lanthys? Se cada porta de cela aqui estivesse aberta ...

Porra. Mas Cassian disse ao monstro que ele temia acima de todos os outros:

“Então você planeja girar ao meu redor como uma nuvem de chuva? E aquela bela forma que vi no espelho? ” “É isso que seu companheiro prefere?” Lanthys sussurrou de muito perto - muito perto.

Nestha se encolheu.

Lanthys inalou. "O que você está?" "Uma bruxa," ela respirou. "Do coração negro de Oorid." "Há um nome que não ouço há muito tempo." A voz de Lanthys soou a poucos metros de Nestha.

Cassian cerrou os dentes.

Ele precisava do monstro reunido do outro lado dela - então o caminho para cima estava livre.

Tive que atrair Lanthys para ele. "Mas você não sente o cheiro do peso de Oorid, seu desespero." Uma inspiração, ainda atrás deles, bloqueando a saída.

“Seu cheiro ...” Ele suspirou. "Uma pena que você tenha estragado tal cheiro com o fedor de Cassian.

Eu mal posso distinguir nada em você além de sua essência." Só isso, Cassian percebeu, impedia Lanthys de perceber o que ela era.

Estar interessado, como o Entalhador de Ossos.

Mas revelou outra verdade perigosa: onde atacar primeiro. "O que você está escondendo atrás de você?" Lanthys perguntou, e Nestha se virou, como se o rastreasse, mantendo a harpa escondida em suas costas.

Lanthys riu, entretanto.

"Ah.

Eu vejo agora.

Há muito tempo me pergunto quem viria reivindicá-lo.

Eu podia ouvir sua música, você sabe.

Sua nota final, como um eco na pedra.

Fiquei surpreso ao encontrá-lo aqui, escondido sob a Prisão, depois de todo aquele tempo.

" A névoa formou redemoinhos e Lanthys falou lentamente, "Que música requintada que faz.

Que maravilha isso gira.

Tudo presta fidelidade a essa Harpa: estações, reinos, a ordem do tempo e dos mundos.

Isso não tem importância para ele.

E sua última corda... "Ele riu."Até a Morte se curva para essa corda." Nestha engoliu novamente.

Cassian apertou a mão dela com mais força e disse casualmente: "Vocês, verdadeiros imortais, são todos iguais: fanfarrões arrogantes que adoram se ouvir falar." "E vocês fadas são todos cegos para si mesmos." Lanthys sussurrou, circulando

novamente, e Cassian preparou sua lâmina."Com base apenas no cheiro, eu diria que vocês dois são-" Cassian soltou a mão de Nestha e se lançou para frente, cravando sua lâmina na névoa antes que Lanthys pudesse dizer mais uma palavra condenatória. Lanthys gritou de raiva quando os Sifões de Cassian chamejaram, e Cassian rugiu, "CORRA!" antes que ele atacasse novamente.

Lanthys recuou e Cassian usou o fôlego para libertar o Sifão de sua mão esquerda antes de jogá-lo para ela, desejando que se acendesse."Vai!" ele ordenou enquanto jogava a pedra para ela.

O vermelho espirrou em seu rosto tenso de medo quando ela pegou seu Sifão, mas Cassian já estava girando para Lanthys. Os passos esmagadores e desbotados disseram a ele que Nestha obedeceu. Bom.Lanthys se reuniu na escuridão, uma cobra se preparando para atacar. Cassian apenas rezou para que Nestha saísse pelos portões antes de morrer. Nestha fugiu da voz que era ódio e

crueldade e fome entrelaçados.

A voz que roubou sua alegria, de calor, de qualquer coisa, exceto o medo básico e primitivo. Suas coxas protestaram contra a inclinação do caminho, mas ela correu em direção aos portões, obedecendo ao comando de Cassian, o rugido do guerreiro e o monstro ecoando nas pedras.

A luz vermelha brilhou atrás dela.

As portas das celas da Prisão sacudiram.

Bestas gritaram atrás deles, como se percebessem que um deles havia escapado.

Querendo sair. Ela apertou a harpa em uma mão, o sifão de Cassian em chamas na outra.

Ela tinha que alcançar os portões.

Então desça a montanha.

E então grite por Rhysand e reze para que ele tenha algum tipo de feitiço para sentir seu nome no vento.

Então ele teria que correr de volta montanha acima, descer o caminho e ...

Cassian poderia estar morto quando ela alcançasse os portões tão acima.

Ele pode estar morrendo agora. Um raio frio atravessou seu coração. Ela havia fugido dele.

Deixei ele. A Harpa aqueceu em sua mão, zumbindo.

O ouro brilhava como se estivesse derretido. Devemos abrir portas e caminhos; vamos nos mover através do espaço e éons juntos, ele havia cantado durante sua vidência não intencional.

Nossa música nos libertará das regras e fronteiras terrenas. Portas abertas... Ela abriu uma porta com ele - para a cela de Lanthys.

Abriu uma porta com seu próprio poder pressionando-a.

Mas para se mover através do espaço ... As cordas pequenas são para jogos -

movimentos leves e saltos - mas mais longas, as últimas... Essas maravilhas e horrores tão profundos que poderíamos dedilhar. Nestha contou as cordas.

Vinte e seis.

Ela tocou o primeiro, o menor, para se libertar do poder da Harpa, mas o que os outros fizeram? Vinte e seis, vinte e seis, vinte e

seis ... A voz de Gwyn flutuou de longe, relatando a pesquisa anterior de Merrill sobre as dimensões.

A possibilidade de vinte e seis dimensões. Devemos nos mover através do espaço e éons juntos... As pequenas cordas são para jogos - movimentos leves e saltos... Será que a Harpa... A respiração de Nestha ficou presa na garganta.

A Harpa poderia transplantá-la de um lugar para outro? Não apenas abrir uma porta, mas criar uma pela qual ela possa passar? Liberte-nos das regras e fronteiras terrenas ... Ela tinha que tentar.

Para Cassian. O movimento agitou-se na escuridão acima, passos apressados vindo em sua direção.

Alguém havia entrado na Prisão pelos portões.

Nestha inclinou o Sifão de Cassian em direção ao som, preparando-se para qualquer monstro que pudesse descer - Os machos Feérico em armaduras sujas e gastas investiram contra ela.

Pelo menos dez soldados da Corte Outonal. Ela sabia quem os tinha enviado, separando-os do poder de Koschei.

Quem os controlava, mesmo do outro lado do mar. Eu sei onde você está, Nestha Archeron. E já que Rhys havia baixado os escudos ao redor da Prisão... eles entraram direto. Nestha não pensou.

Ela agarrou aquele fogo prateado dentro dela.

Deixe envolver suas mãos. "Leve-me para Cassian", ela sussurrou, e arrancou a primeira corda de prata da Harpa. O mundo e os soldados que se aproximavam desapareceram, e ela teve a sensação de ser lançada, mesmo enquanto ficava parada, orava e orava— O metal brilhou e uma luz vermelha brilhou, e lá

estava Cassian, sangrando no chão, Sifões em chamas, lutando contra a névoa à sua frente. Não havia lugar para desferir um golpe fatal.

A névoa se espalhou a cada golpe da espada de Cassian, e Lanthys gritou com cada um, mas Lanthys não podia ser morto.

Apenas contido, dissera Cassian. E a Harpa poderia abrir portas - mas não matar pessoas.

Ela correu para Cassian, o dedo se preparando na corda da Harpa para puxá-los de lá. Mas os olhos de Cassian brilharam e ele gritou: "PEGUE-" A névoa envolveu sua garganta e o lançou. O grito dela se estilhaçou através do túnel quando ele atingiu a parede de pedra, esmagando as asas e caindo no chão.

Ele não se mexeu. Uma risada como uma faca raspando uma pedra encheu o túnel e, em seguida, Nestha foi jogada também, batendo na parede com tanta força que seus dentes estalaram e sua cabeça girou, a respiração saindo dela quando seus dedos espalharam-se na harpa antes de atingir o chão. Mas ela pousou perto de Cassian e correu para virá-lo, rezando para que seu pescoço não tivesse quebrado, para que ela não o tivesse condenado ao vir aqui ... O peito de Cassian subia e descia, e a coisa poderosa e primitiva dentro de seu corpo deu um suspiro de alívio.

Vida curta, enquanto Lanthys ria novamente. "Você deve desejar que o golpe o mate antes que eu termine com vocês dois", disse a criatura. "Você deve desejar continuar correndo." Mas Nestha se recusou a ouvir outra palavra, não enquanto se ajoelhava sobre Cassian, a única coisa entre ele e Lanthys. Ela já tinha estado aqui antes. Tinha estado exatamente nesta posição, a cabeça dele no colo dela, Death rindo deles. Então, ela se enrolou sobre ele e esperou para morrer.

Então, ela parou de lutar. Ela não iria falhar desta vez.

A névoa pressionou, e ela poderia jurar que sentiu uma mão alcançando-a. Foi o

suficiente para colocá-la em movimento. Sacando sua espada com o mesmo movimento com que ela se levantou, Nestha cortou uma combinação perfeita.

Lanthys gritou, e não era nada parecido com o que ela tinha ouvido antes - era um som ensurdecido de puro choque e fúria. Nestha ergueu Ataraxia, estabelecendo seu peso entre os pés, certificando-se de que sua postura fosse uniforme.

Inabalável.

A lâmina começou a brilhar. A névoa se contorceu, encolhendo e se contorcendo como se lutasse contra um inimigo invisível, e então se tornou sólida, florescendo com cores. Um homem nu de cabelos dourados estava diante dela.

Ele era de altura média, sua pele dourada esculpida com músculos, seu rosto de ossatura afilada fervendo de ódio.

Não é uma criatura repulsiva e horrível, mas bela. Seus olhos negros se estreitaram sobre a lâmina enquanto ele sibilava: "Aquele não é Narben." O

nome não significava nada para ela. Nestha avançou, empurrando Ataraxia para a oitava posição.

Lanthys saltou para trás. Cassian gemeu, voltando à consciência enquanto ela segurava o chão à sua frente. "Qual deus da morte é você?" Lanthys exigiu, olhando entre a lâmina e ela.

O fogo prateado chiando em seus olhos. Nestha balançou Ataraxia novamente e Lanthys se encolheu.

Com medo da lâmina. Aquele que não podia ser morto tinha medo de sua lâmina.

Não ela, mas Ataraxia.

Sua arma feita. "Entre na sua cela." Nestha avançou um passo, Ataraxia apontou para ela.

Lanthys recuou lentamente em direção à sua cela. "O que é essa lâmina?" Seu cabelo dourado balançou até a cintura enquanto ele se afastava novamente. "Seu

nome é Ataraxia", cuspiu Nestha. "E será a última coisa que você verá." Lanthys começou a rir, o som parecia o grasnado de um corvo.

Horrível, em comparação com sua bela forma. "Você chamou uma espada mortal de Ataraxia?" Ele uivou e a própria montanha estremeceu. "Ele o matará, goste do nome ou não." "Oh, eu acho que não," Lanthys ferveu.

"Eu cavalguei na Caçada Selvagem antes mesmo de você ser um fragmento de existência, bruxa de Oorid.

Convoquei os cães e o mundo se encolheu diante de seus latidos.

Galopei na frente da Caçada, e Feérico e a besta se curvaram diante de nós.

Nestha sacudiu a Ataraxia em sua mão, um movimento que ela fazia com as lâminas illyrianas em momentos de inatividade durante o treinamento.

Ela tinha visto Cassian fazer isso com frequência e descobriu que dissipava qualquer energia extra. Ela não tinha percebido que era uma técnica de intimidação tão eficaz.

Lanthys se encolheu. Ela rezou para que os soldados da Corte Outonal descendo o caminho a qualquer momento hesitassem diante da lâmina também.

Sabia que eles não iriam.

Não com Briallyn e a Coroa controlando-os. "Qual deus da morte é você?"

Lanthys perguntou novamente. "Quem é você sob essa carne?" "Eu não sou ninguém," ela retrucou. "De quem o fogo queima prata em seu olhar?" "Você sabe de quem é o fogo," ela protelou. Mas parecia verdade, de alguma forma.

A pele de Lanthys perdeu a cor. "Não é possível." Ele olhou para a Harpa ao lado de um Cassian agitado, e seus olhos se arregalaram novamente.

"Ouvimos falar de você aqui.

Você é aquele de quem o mar, o vento e a terra sussurraram." Ele estremeceu. "Nestha." Ele sorriu, mostrando os dentes um pouco longos demais. "Você tirou do próprio Caldeirão." Lanthys interrompeu sua retirada.

E estendeu uma mão larga e graciosa.

"Você nem sabe o que poderia fazer.

Vir.

Eu vou te mostrar." Ele sorriu de novo com aqueles dentes longos demais, transformando seu rosto da beleza em horror com uma peculiaridade de seus lábios. "Venha comigo, Rainha das Rainhas, e devolveremos o que antes foi perdido." As palavras eram uma canção de ninar, uma promessa doce.

"Devemos reconstruir o que éramos antes que as legiões de ouro dos Feérico se livrassem de suas correntes e nos derrubassem.

Devemos ressuscitar a Caçada Selvagem e cavalgar desenfreados pela noite.

Devemos construir palácios de gelo e fogo, palácios de escuridão e luz das estrelas.

A magia fluirá sem amarras novamente." Nestha podia ver o retrato que Lanthys teceu no ar ao redor deles.

Ela se viu em um trono negro, uma coroa combinando em seu cabelo solto.

Enormes bestas de ônix - escamosas, como aquelas que ela vira nos pilares da Cidade Hewn - jaziam ao pé do estrado.

Ataraxia encostou-se ao trono e do outro lado... Lanthys ficou sentado ali, com a mão entrelaçada na dela.

Seu reino era infinito; seu palácio construído de pura magia que vivia e prosperava ao redor deles.

A Harpa estava sentada atrás deles em um altar, a Máscara também, mas a Coroa dourada não estava lá. Ele descansou sobre a cabeça de Lanthys. E esse foi o fio emaranhado que a puxou para fora - o brilho nu de sua ganância.

Ele tinha visto a harpa, sabia que ela estava atrás do tesouro e revelou o que faria

com ela.

A coroa que ele reivindicaria para si mesmo.

Não teria nenhuma influência sobre ela, mas seu governo seria de coerção.

Escravidão. Um quarto objeto estava sobre o altar, velado pela sombra.

Mas ela não conseguiu ver mais do que um brilho de osso gasto pela idade - A visão mudou, e eles se contorceram em uma

grande cama negra, a pele dourada das costas de Lanthys brilhando enquanto ele se movia dentro dela.

Tanto prazer - ela nunca tinha conhecido tanto prazer com ninguém.

Só ele poderia fodê-la assim, dirigindo tão profundamente, seu corpo quente, flexível e úmido para ele, e logo, logo sua semente criaria raízes em seu ventre e a criança que ela geraria governaria universos inteiros— Outro fio rosnado que conduzia para fora.

Além da ilusão. Seu corpo não era para tocar, para se encher de vida.

E ela conheceu o prazer mais rico do que o que ele mostrou a ela. Nestha piscou e sumiu. Lanthys rosnou.

Ele agora estava tão longe quanto seu alcance.

Alcance da Ataraxia."Eu posso cuidar desse problema", ele rosnou para Cassian."E você vai esquecer esses laços logo." Ela ergueu Ataraxia mais alto."Volte para a sua cela e feche a porta." "Vou simplesmente escapar de novo."

Lanthys riu."E quando o fizer, vou te encontrar, Nestha Archeron, e você será minha rainha." "Não.

Eu não acho que vou." Nestha deixou seu poder ondular pela lâmina.

Ataraxia cantou, resplandecendo como a lua. Lanthys empalideceu."O que você está fazendo?" "Terminando o trabalho." E seus olhos estavam tão fixos na lâmina brilhante que ele não olhou de soslaio para Cassian.

Não vi a adaga desembainhada.

Aquele que Cassian lançou com uma pontaria impecável. Está embutido até o cabo no peito de Lanthys. Lanthys gritou, arqueando-se, e Nestha saltou.

Ela cortou uma combinação dois-três, cortando direto, permitindo que o poder de sua respiração, suas pernas e seu núcleo conduzissem a lâmina. Ataraxia cantou o canto do coração do vento enquanto ele açoitava o ar. A cabeça e o cadáver de Lanthys caíram em direções diferentes, batendo nas pedras. Estranho sangue negro jorrou de sua forma, e então Cassian estava lá, gemendo enquanto envolvia a mão dela novamente.

“A Harpa,” ele ofegou, seu rosto o retrato da dor.

O sangue vazou por sua têmpora.

“Pegue-o e vamos embora.

Temos que sair daqui.

” “Você consegue ficar de pé?” Ele cambaleou.

Ele não daria três passos. “Sim”, ele grunhiu.

Para tirá-la daqui, ela sabia que ele tentaria.

Assim como ela sabia que Lanthys estava morto.

Tinha sido a espada ou seu poder? Desde que ela fez a espada, ela supôs que tecnicamente contava como seu poder, mas... O que não podia ser morto foi morto.

De alguma forma.

Uma pequena parte dela se deliciou com isso, mesmo enquanto o resto dela tremia. Agora, o ruído e o ruído de passos avançaram na direção deles.

“Soldados da Corte Outonal,” ela respirou, apontando para o caminho escuro

para cima.

“Mais deles.

Briallyn os enviou para pegar a Harpa.

” “Mais-” Gritos começaram por toda a montanha.

Petrificado, implorando, gritando, punhos batendo.

Não na rocha ou nas portas que os prendiam, mas nas paredes opostas de suas celas.

Como se eles estivessem implorando à Prisão para poupá-los dela e daquela espada. Lanthys havia caído.

E os ocupantes da Prisão sentiram isso. Até mesmo os passos dos soldados da Corte Outonal pareciam desacelerar com o som. Nestha sorriu sombriamente e pegou a harpa.

“Não vamos sair correndo daqui.

E deixamos os soldados da Corte Outonal intactos.

” Só para provar que Eris estava errado.

Mas as feridas de Cassian... Sim, eles precisavam ir embora.

Rapidamente. “Segure-se em mim”, ela ordenou, e sussurrou: “O gramado da frente da casa de Feyre ao longo do rio Sidra em Velaris.” Cassian latiu em advertência, mas ela dedilhou três cordas desta vez.

Apenas puxar um a tinha levado até aqui, então ela supôs que dois os levariam talvez um pouco mais longe do que isso, e Velaris... Bem, parecia que seriam necessários três fios.

Ela não queria saber aonde todas as vinte e seis cordas poderiam levá-la se dedilhadas.

Ou se alguém fez uma melodia. O mundo desapareceu; novamente ela teve a sensação de cair enquanto estava parada, e então - Sol, grama e uma brisa fresca de outono.

Uma enorme e adorável propriedade atrás deles, o rio antes deles, e nenhum vestígio da Prisão ou Lanthys.

Nestha soltou Cassian quando Rhysand irrompeu pelas portas de vidro da casa.

Ele ficou boquiaberto com o amigo, e quando Nestha viu Cassian à luz do dia...

O sangue escorria de seu cabelo pelo rosto.

Seu lábio estava partido; seu braço pendurado em um ângulo estranho - Isso foi tudo que Nestha viu antes que Cassian desabasse na grama.

CAPÍTULO

55

“É um pequeno corte.

Pare de se preocupar.

” “Seu crânio estava rachado e seu braço estava quebrado.

Você ficará de castigo por alguns dias.

” “Você não pode estar falando sério.” “Oh, certamente estou.” Nestha poderia ter sorrido para o impasse de Cassian e Rhysand se ela não tivesse concordado com o Grão Senhor.

Feyre ficou ao lado de seu companheiro, a preocupação apertando suas feições.

A ataraxia ainda pesava muito na mão de Nestha.

A harpa na outra. Os olhos de sua irmã deslizaram para ela.

Nestha engoliu em seco, segurando o olhar de Feyre.

Ela rezou para que sua irmã pudesse ler as palavras silenciosas em seu rosto.

Sinto muito pelo que disse a você no apartamento de Amren.

Eu realmente sinto muito. Os olhos de Feyre se suavizaram.

E então, para choque de Nestha, Feyre respondeu em sua mente: Não se preocupe com isso. Nestha se preparou, afastando sua surpresa.

Ela havia esquecido que sua irmã era... Qual era a palavra? Daemati.

Capaz de falar mentalmente, como Rhys podia.

Nestha disse com o coração disparado, falei com raiva e sinto muito. A pausa de Feyre foi considerável.

Então ela disse, as palavras como os primeiros raios da madrugada, eu te perdôo.

Nestha tentou não ceder.

Ela pretendia perguntar sobre o bebê, mas Rhys se virou para ela e disse: "Ponha a harpa na mesa, Nestha." Nestha o fez, tomando cuidado para não tocar em nenhuma das vinte e seis cordas de prata. "Isso permitiu que você peneirasse dentro e fora da Prisão", disse Feyre, olhando para a Harpa. "Suponho que

seja porque é feito e existe além das regras da magia comum?" Ela olhou para Rhys, que encolheu os ombros.

A boca de Feyre franziu.

"Se algum de nossos inimigos colocasse as mãos nisso, eles usariam contra nós em um piscar de olhos.

Nenhuma proteção ao redor desta casa, a Casa do Vento, em torno de qualquer um de nossos esconderijos e esconderijos estaria segura.

Sem mencionar que a Harpa parece ter vontade própria - um desejo de causar problemas.

Não podemos plantá-lo de volta na Prisão, não agora que foi despertado.

" Rhys esfregou o queixo."Então, nós o encerramos com a máscara, protegida e soletrada para que não possa atuar novamente." "Eu os manteria separados", aconselhou Feyre.

"Lembra-se do que aconteceu quando as metades do Livro estavam próximas

uma da outra? E por que tornar mais fácil para um inimigo pegar os dois? "

"Bem pensado", disse Cassian, estremeando como se as palavras fizessem seu crânio doer.

Madja curou a fratura do couro cabeludo logo acima de sua têmpora, mas ele sentiria dor por alguns dias.

E seu braço quebrado foi curado, mas ainda delicado o suficiente para exigir cuidados.

A visão de todas as bandagens foi o suficiente para fazer Nestha desejar que ela pudesse matar Lanthys novamente. Rhys

tamborilou os dedos na mesa, examinando a Harpa.

Em seguida, ele perguntou a Nestha: "Além de ver Briallyn, você disse que também viu algo quando tocou a harpa pela primeira vez?" Nestha havia explicado brevemente quando eles chegaram.

"Acho que quem o usou por último fez algo horrível com ele.

Talvez tenha prendido as pessoas que viveram na ilha da Prisão nas paredes, de alguma forma.

Isso é possível?" A dúvida brilhou nos olhos de Rhys. Nestha perguntou: "O que é a Caçada Selvagem?" Ela também contou a ele sobre seu encontro com Lanthys e a presença dos soldados da Corte Outonal.

Cassian convenceu Rhys a não se envolver com eles, pelo menos até que pudessem lidar com Briallyn.

Quando Rhys ergueu o escudo ao redor da Prisão mais uma vez, eles já haviam desaparecido. Rhys soltou um suspiro, recostando-se na cadeira.

"Honestamente, eu pensei que fosse um mito.

Que Lanthys se lembra de uma coisa dessas... Bem, sempre há espaço para mentir, suponho, mas se ele estivesse dizendo a verdade, isso o faria ter mais de quinze mil anos." Feyre perguntou: "Então, o que é?" Rhys ergueu a mão e um

livro de lendas de uma prateleira atrás dele flutuou até seus dedos.

Ele o colocou sobre a mesa.

Ele o abriu em uma página, revelando a imagem de um grupo de seres altos e de aparência estranha com coroas no topo da

cabeça. “Os Feérico não foram os primeiros mestres deste mundo.

De acordo com nossas lendas mais antigas, a maioria agora esquecida, fomos criados por seres que eram quase deuses - e monstros.

O Daglan.

Eles governaram por milênios e nos escravizaram e aos humanos.

Eles eram mesquinhos e cruéis e beberam a magia da terra como vinho.

” Os olhos de Rhys se voltaram para Ataraxia, depois para Cassian.

“Algumas linhagens da mitologia afirmam que um dos heróis Feérico que se levantou para derrotá-los foi Fionn, que recebeu a grande espada Gwydion da Alta Sacerdotisa Oleanna, que a mergulhou no próprio Caldeirão.

Fionn e Gwydion derrubaram o Daglan.

Seguiu-se um milênio de paz, e as terras foram divididas em territórios acidentados que foram os precursores das cortes - mas, ao final desses mil anos, eles estavam brigando uns com os outros, à beira da guerra.

” Seu rosto se contraiu.

“Fionn os unificou e se colocou acima deles como Rei Supremo.

O primeiro e único rei supremo que esta terra já teve.

” Nestha poderia ter jurado que as últimas palavras foram ditas com um olhar penetrante para Cassian.

Mas Cassian apenas piscou para Rhys. "O que aconteceu com o rei supremo?"

Feyre perguntou. Rhys passou a mão por uma página do livro.

"Fionn foi traído por sua rainha, que era líder de seu próprio território, e por seu amigo mais querido, que era seu general.

Eles o mataram, pegando algumas das armas mais poderosas e preciosas de sua linhagem e, em seguida, fora do caos que se seguiu, os sete Grão-Senhores se levantaram, e as cortes estão em vigor desde então." Feyre perguntou: "Amren se lembra disso?" Rhys balançou a cabeça.

"Só vagamente agora.

Pelo que descobri, ela chegou durante aqueles anos antes de Fionn e Gwydion se levantarem, e foi para a prisão durante a Era das Lendas - a época em que esta terra estava cheia de figuras heróicas que estavam ansiosas para caçar os últimos membros de sua raça dos antigos mestres.

Eles temiam Amren, acreditando que ela era uma de suas inimigas, e a jogaram na Prisão.

Quando ela emergiu novamente, ela perdeu a queda de Fionn e a perda de Gwydion, e encontrou os Grão-Senhores governando." Nestha considerou tudo o que Lanthys havia dito. "E o que é Narben?" "Lanthys perguntou sobre isso?"

"Ele disse que minha espada não é Narben.

Ele pareceu surpreso.

" Rhys estudou sua lâmina.

"Narben é uma espada mortal.

Está perdido, possivelmente destruído, mas as histórias dizem que pode matar até monstros como Lanthys.

” "A espada de Nestha também, aparentemente," Feyre disse, estudando a lâmina também. - Decapitá-lo com isso o matou - Rhys meditou. "Um pedaço dele parecia prendê-lo em uma forma física," Nestha corrigiu."A adaga de Cassian acertou em cheio somente depois que Lanthys foi forçado a desistir de sua

névoa." - Interessante - murmurou Rhys. Cassian disse: "Você ainda não explicou a Caçada Selvagem". Rhys folheou algumas páginas do livro, para uma ilustração de uma série de cavaleiros a cavalo e todo tipo de animal.

“O Daglan adorava aterrorizar os Feéricos e os humanos sob seu controle.

A Caçada Selvagem era uma forma de manter todos nós na linha.

Eles reuniam uma hoste de seus guerreiros mais ferozes e impiedosos e lhes dariam rédea solta para matar como quisessem.

Os Daglan possuíam feras poderosas e monstruosas - cães, eles os chamavam, embora não se parecessem com os cães que conhecemos - que costumavam correr para o chão antes de torturá-los e matá-los.

É uma história terrível, e muito dela podem ser mitos elaborados.

” "Os cães pareciam as feras da Cidade Hewn", disse Nestha calmamente. Todos olharam para ela. Ela admitiu: "Lanthys me mostrou uma visão.

De... o que ele e eu podemos ser.

Juntos.

Governamos em um palácio, rei e rainha com o Trove, e aos nossos pés estavam aqueles cães.

Eles pareciam feras escamosas esculpidas nos pilares da Cidade Hewn." Mesmo Rhys não tinha resposta para isso. A mandíbula de Cassian apertou."Então, mesmo enquanto ele tentava te matar, ele estava tentando te seduzir?" O

estômago de Nestha se agitou, mas ela se absteve de mencionar o quão gráfica aquela visão tinha sido.

"Havia um quarto objeto na visão, mas estava na sombra - alguma vez houve uma quarta parte do tesouro? Tudo que consegui distinguir foi um pedaço de osso antigo." Rhys passou a mão pelo cabelo escuro.

"Tanto quanto a história confirmou, existem apenas três objetos no tesouro."

Feyre perguntou: "E se ele for protegido por um feitiço, como aquele que protege todos os pensamentos do Tesouro, para impedir que as pessoas saibam sobre o quarto objeto?" Os olhos de Rhys escureceram."Então a Mãe nos poupa, porque mesmo Amren só se lembra vagamente de um boato sobre isso." As palavras ficaram penduradas lá.

Nestha perguntou: "Então.

Agora vou atrás da Coroa.

" "Não", disse Cassian, seus olhos turvos de dor se aguçaram. Feyre concordou com a cabeça.

"Briallyn sabe que temos os outros dois itens.

Ela enviou aqueles soldados para pegar a Harpa.

" Cassian rosnou."Achei que Eris estava sendo um idiota, mas quando contei a ele sobre as duas dúzias de soldados em Oorid,

ele disse que havia outros desaparecidos na unidade." Ele esfregou o queixo.

"Eu deveria ter escutado.

Deveria ter investigado isso.

Briallyn tinha outra dúzia esperando para atacar." Auto-aversão encheu seu rosto, e Nestha suprimiu o desejo de alcançar sua mão. Feyre rebateu: - Eris vomita besteira suficiente em um bom dia para que qualquer um perca um comentário improvisado como esse, Cass.

Pelo menos agora podemos dizer a Eris onde está o resto de seus soldados.

Nestha poderia ter abraçado a irmã pelo alívio que sentiu os ombros de Cassian ao ouvir suas palavras.

Apesar de toda a sua arrogância, as opiniões de seus amigos, sua família, importavam profundamente.

Nenhum deles jamais o censuraria por seu fracasso, mas ele se puniria por isso.

Nestha roçou os dedos contra os de Cassian em compreensão silenciosa.

O dele enrolado contra o dela, encontrando o olhar dela como se dissesse, vê?

Afinal de contas, somos iguais. Feyre continuou: "Se Briallyn quer a Máscara e a Harpa tanto que agiu tão rapidamente hoje, ela continuará vindo até nós.

E estaremos esperando por ela." Uma luz forte entrou em seus olhos. Rhys franziu a testa.

“Mesmo com apenas a coroa, entretanto, Briallyn pode causar muitos danos.

Pelo que sabemos, Beron está sob seu controle, tão escravo dela quanto os soldados de Eris.

Precisamos acabar com ela e recuperar a Coroa.

Antes que a guerra realmente comece.

” “É muito arriscado”, rebateu Feyre.

“Perseguimos o Caldeirão em Hybern e correu mal.” “Então, aprendemos com nossos erros”, desafiou Rhys. “Ela deve ter armado uma armadilha”, disse Feyre. “Nós não vamos atrás disso.” O silêncio caiu antes de Rhysand dizer:

“Então precisamos garantir alianças de guerra novamente - e rápido.

E fazer algum controle de danos naqueles que já temos que podem estar danificados.

” Cassian arqueou uma sobrancelha, a preocupação brilhando em seus olhos. “Você parece ter uma ideia.” “Eris está vindo para a celebração do Solstício de Inverno na Cidade Hewn”, disse Rhys.

Estava se aproximando rapidamente, Nestha percebeu. “Ele está abalado por Tamlin ver vocês dois se encontrando com ele e se perguntando se vamos recusar a aliança agora que há uma pequena chance de Tamlin revelar isso.

Ou decida vendê-lo primeiro.

Precisamos lembrar Eris de nosso compromisso contínuo, e que ele é...

importante para nós.

Que nós o protegemos.

” Cassian rosnou com desgosto; Feyre repetiu a expressão. "Então compre um presente para ele", disse Feyre, acenando com a mão, "e diga a ele que todos mandamos lembranças." "Ele vai querer mais do que isso", disse Rhys, contraindo a boca e seus olhos pousaram em Nestha. Cassian se endireitou antes que Rhys pudesse falar. "Você não vai usá-la." Feyre olhou entre eles, e depois de um segundo, como se seu companheiro tivesse falado em sua mente, ela perguntou: "Sério, Rhys?" Rhys se recostou e Nestha franziu a testa, o único deles aparentemente sem saber o que isso significava.

Rhys disse a ela: "Você não precisa fazer nada que não queira.

Mas Elain mencionou que você tem uma habilidade especial na pista de dança.

Habilidade que uma vez conquistou a mão de um duque em uma única valsa.

” Ela tinha esquecido naquela noite, o borrão de joias e sedas e o rosto bonito do duque.

Tudo o que ela sentiu então foi um triunfo selvagem e selvagem. "Sobre a porra do meu cadáver", explodiu Cassian. Nestha perguntou: "Você quer que eu dance com Eris?" Seu coração começou a bater forte, não inteiramente de medo. "Eu quero que você o seduza", disse Rhys.

“Não para a cama, mas para fazê-lo perceber o que poderá alcançar quando compreender que não temos planos de quebrar esta aliança.

Para pesar os benefícios mais fortemente do que os riscos.

” Nestha cruzou os braços, ignorando o olhar penetrante de Cassian, exigindo silenciosamente que ela rejeitasse totalmente

essa ideia."Você realmente acha que dançar com Eris solidificará sua lealdade?" "Eu acho que Eris é nossa aliada, e esperarei dançar com uma senhora desta corte no baile, não importa o quê.

Não vou deixar Feyre a menos de um metro e meio dele, Mor pode matá-lo, e Amren tem mais chances de assustá-lo do que conquistá-lo, então você e Elain são as únicas opções. "Elain não chega perto dele", disse Feyre."E você não vai me deixar chegar perto dele?" Rhys deu a ela um sorriso encantador."Você sabe o que eu quero dizer." Feyre revirou os olhos."Você está se tornando insuportável." Ela se virou para Nestha."Eris não é... Ele não é bom.

Ele não é como Beron, mas ele... " "Eu sei o que ele fez com Morrigan," Nestha disse.

Ou melhor, o que ele não fez: ajudá-la, quando sua família a brutalizou e a jogou na fronteira da Corte Outonal como punição por arruinar sua aliança de casamento.

Eris a encontrou e então simplesmente se afastou.

"Eu lidei com ele outro dia.

Eu sei o que estaria metendo com ele." - Mor - continuou Rhys - pode lhe ensinar as danças.

Ela teve que aprender todos eles, e já que ela ainda preside a Corte dos Pesadelos, ela é a melhor para instruí-lo." "Nestha não concordou com nada", disparou Cassian.

"Mesmo uma dança com aquele idiota é demais—" "Eu vou fazer isso", interrompeu Nestha, apenas para irritá-lo por ser tão... territorial.

Ela olhou para a espada ainda em sua mão.

“Acabei de matar um ser imortal.

Eris não é nada.

E se isso o fizer lembrar por que ele quer se aliar a nós, faça-o pensar que ele pode me alcançar se ele se mantiver firme, então tudo bem.

” “Ele já é nosso aliado”, rebateu Cassian. “Uma dança realmente vai garantir sua

cooperação contínua?” “Precisamos mostrar a Eris que o respeitamos e confiamos nele,” Feyre concedeu com um suspiro derrotado.

“Mesmo se não o fizermos.

E deixá-lo dançar com alguém de nossa família é prova disso - pelo menos para alguém da Corte do Outonal.

Se ele acabar comendo na mão de Nestha, ótimo.

Se isso apenas o fizer lembrar que estamos do lado dele, ótimo.

Mas esses laços precisam ser mantidos.

” “Eu não gosto disso”, rosnou Cassian. “Você não precisa gostar”, disse Feyre, erguendo a cabeça, cheio da autoridade da Alta Dama. “Você apenas tem que assistir do lado de fora e não parecer que quer arrancar a cabeça dele.” Nestha interrompeu: “Diga a Morrigan que vou me encontrar com ela para aulas de dança sempre que ela estiver disponível.” Feyre e Cassian, ainda irritados um com o outro, silenciosamente se viraram para ela. Nestha se aproximou da mesa, colocando Ataraxia ali. “Aqui”, disse ela a Rhys. “Você pode pegar de volta.” Rhys não disse nada, mas as sobrancelhas de Feyre se ergueram. “Por que você não fica com ele?” O olhar curioso de Cassian a queimou como uma marca, mas Nestha apenas disse: “Não tenho interesse em

mais mortes." Nestha inalou pelo nariz por uma contagem de seis, prendeu a respiração por alguns segundos e então exalou pela boca por mais seis batidas.

No silêncio de seu quarto naquela noite, acomodada na cadeira, ela se concentrou em sua respiração, nada mais. Quaisquer pensamentos que surgiram, ela reconheceu e deixou passar.

Mesmo que alguns continuassem voltando. Ela não se importava onde eles escondiam a harpa.

Se eles precisassem do sangue dela para protegê-lo como fizeram com a máscara, eles a avisariam.

Mas o pensamento do que veio a seguir - Respirar.

Contar. Nestha inalou novamente, a atenção fixada em suas costelas em expansão, a sensação da respiração em seu corpo.

Mesmo depois de algumas semanas, alguns dias de exercícios de paralisação da mente foram mais difíceis do que outros.

Mas ela continuou, dez minutos pela manhã e dez minutos à noite. Nestha exalou, contando.

Continuei. Era tudo o que ela supunha que podia fazer: apenas continuar.

Um dia, uma respiração de cada vez. Ela deixou esse pensamento ir também.

Respirou e respirou, e então interrompeu a contagem completamente.

Deixe sua mente vagar. Mas sua mente não disparou em todas as direções.

Ele permaneceu calmo.

Em repouso. Conteúdo exatamente onde estava. A guerra deixou a casa intocada.

Mas os invernos rigorosos desde a última vez que Nestha o vira não foram tão amáveis. Azriel tinha transportado ela e Cassian aqui após o treinamento, mas não se demorou.

Aparentemente, Gwyn queria que ele repassasse o manuseio de adagas, então ele os deixou com a promessa de voltar em uma hora. Nestha não tinha ideia se uma hora seria demais ou de menos.

Não tinha ideia de por que ela pediu a Cassian para vir aqui com ela, realmente.

Mas ela enfiou na cabeça que precisava visitar.

Para ver este lugar. O sol de outono do meio-dia tornava o abandono ainda mais gritante: o telhado de palha que havia mofado ou careca em alguns pontos, as ervas daninhas já ficando marrons antes do inverno, subindo até as pequenas janelas nas paredes de pedra.

A garganta de Nestha se apertou, mas ela se forçou a caminhar em direção à entrada. Cassian permaneceu em silêncio atrás dela, passos tão baixos que ele poderia ter sido o vento forte através da grama alta demais.

Sua cabeça e seu braço estavam totalmente curados esta manhã, dois dias depois de Nestha ter concordado em enfeitiçar Eris.

Cassian até havia se exercitado ao lado dela antes, embora em um ritmo mais lento do que o normal.

Como se ele realmente estivesse atendendo ao aviso de Rhys e Madja para ir com calma.

O fato de ele ter feito os exercícios sem fazer careta fez com que uma parte intrínseca dela suspirasse de alívio - e ousasse convidá-lo para se juntar a ela hoje.

Ela nunca o teria convidado se ele ainda estivesse ferido. Não que houvesse aqui muito inimigo para representar uma ameaça.

Nenhum humano vagou pela estrada cheia de folhas além da cabana; apenas alguns pássaros cantaram uma melodia indiferente nas árvores quase estéreis.

Silencioso, monótono e vazio.

Era assim que esta terra parecia, mesmo com o outono sobre ela.

Como se até o sol não pudesse se dar ao trabalho de brilhar adequadamente aqui.

O coração de Nestha tropejou quando ela colocou a mão contra a porta de madeira fria.

Marcas de garras ainda o perfuravam. "Obra de Tamlin, suponho?" Cassian perguntou atrás dela. Nestha encolheu os ombros, incapaz de encontrar as palavras.

Ela e Elain tinham refeito a porta depois que Tamlin a quebrou.

Seu pai, com a perna quebrada além do reparo e incapaz de suportar o peso, os observava, oferecendo conselhos inúteis. Seus dedos se fecharam em um punho

e ela empurrou a porta aberta.

Suas dobradiças enferrujadas se opuseram, rangendo, e um cheiro empoeirado e meio podre invadiu seu nariz. Suas bochechas aqueceram.

Para Cassian estar aqui, para ver isso - "Apenas um bruto, lembra?" Ele deu um passo para o lado dela.

"Eu já morei em lugares muito piores.

Pelo menos você tinha paredes e um telhado.

" Nestha não tinha percebido o quanto ela precisava ouvir essas palavras, e seus ombros relaxaram quando ela entrou na cabana propriamente dita.

Na escuridão fria, interrompida apenas pelos raios de sol, ela franziu a testa para o teto."Esta casa costumava ter um telhado." O dano tinha deixado entrar todos os tipos de criaturas e clima - os primeiros se acomodaram, a julgar pelos ninhos e vários excrementos espalhados. A boca de Nestha ficou seca.

Este lugar horrível, horrível e escuro. Ela não conseguia parar de tremer. Cassian colocou a mão em seu ombro."Explique-me." Ela não conseguiu.

Não foi possível encontrar as palavras. Ele apontou para uma longa mesa de trabalho.

Uma perna caiu, e a coisa toda estava inclinada."Você comeu aqui?" Ela assentiu.

Eles comeram aqui, algumas refeições em silêncio, alguns com ela e Elain tentando preencher o silêncio com sua conversa fiada, alguns com ela e Feyre na garganta um do outro.

Como aquelas últimas refeições que fizeram com ela nesta casa. O olhar de Nestha derivou para a pintura descascando das paredes.

Os pequenos designs intrincados.

Cassian seguiu seu olhar."Feyre pintou isso?"Nestha engoliu em seco e conseguiu sair: "Ela pintou todas as chances que teve.

Qualquer moeda extra que ela conseguiu economizar foi para tintas.

" "Você já viu o que ela fez com a cabana nas montanhas?"
"Não." Ela nunca esteve lá. "Feyre pintou a coisa toda.

Bem assim.

Ela me disse uma vez que há uma cômoda aqui... " Nestha apontou para o quarto."Este?" Cassian a seguiu, e deuses, era tão apertado e escuro e fedorento.

A cama ainda estava coberta com seus lençóis manchados.

Os três dormiram aqui durante anos. Cassian passou a mão pela cômoda pintada, maravilhado.

"Ela realmente pintou estrelas para si mesma antes de saber que Rhys era seu companheiro.

Antes que ela soubesse que ele existia." Seus dedos traçaram as trepadeiras de flores na segunda gaveta."Gaveta de Elain." Eles desceram, enrolando-se sobre uma chama."E o seu." Nestha conseguiu soltar um grunhido de confirmação, seu peito apertou a ponto de doer.

Ali, no canto, estava um par de sapatos gastos e meio apodrecidos.

Os sapatos dela.

Um deles estava explodindo na costura do dedo do pé.

Ela usava aqueles sapatos - em público.

Ainda me lembrava da lama e das pedras se infiltrando. Seu coração trovejou e ela saiu da sala, de volta ao espaço principal. Ela não queria, mas olhou para a lareira escura.

Em direção à lareira. As estatuetas de madeira de seu pai estavam sobre ele, densamente revestidas de poeira e teias de aranha.

Alguns foram derrubados, provavelmente por quaisquer criaturas que agora viviam aqui. Esse rugido familiar encheu seus ouvidos, e os passos de Nestha bateram muito alto nas tábuas empoeiradas do piso enquanto ela se aproximava da lareira. A escultura de um urso empinado - não maior do que seu punho -

estava no centro.

Os dedos de Nestha tremeram quando ela o pegou e soprou a poeira. "Ele tinha alguma habilidade", disse Cassian baixinho. "Não o suficiente", disse Nestha, colocando o urso de volta no suporte de pedra.

Ela ia vomitar. Não.

Ela poderia dominar isso.

Domine a si mesma.

E enfrente o que estava diante dela. Ela inalou pelo nariz.

Exalado pela boca.

Contei as respirações. Cassian ficou ao lado dela durante tudo isso.

Sem falar, sem tocar.

Bem ali, caso ela precisasse dele.

Sua amiga, a quem ela pediu para vir aqui com ela, não porque ele estava compartilhando sua cama, mas porque ela o queria aqui.

Sua firmeza, bondade e compreensão. Ela tirou outra estatueta da lareira: uma rosa esculpida em uma espécie de madeira escura.

Ela o segurou na palma da mão, seu peso sólido surpreendente, e traçou um dedo sobre uma das pétalas.

“Ele fez este para Elain.

Já que era inverno e ela sentia falta das flores.

” “Ele alguma vez fez algum para você?” “Ele sabia que não devia fazer isso.”

Ela inalou uma respiração trêmula, prendeu-a, soltou-a.

Deixe sua mente se acalmar. “Eu acho que ele teria, se eu tivesse dado a ele o menor incentivo, mas... eu nunca dei.

Eu estava com muita raiva.

” “Você teve sua vida revirada.

Você tinha permissão para ficar com raiva." "Não foi isso que você me disse na primeira vez que nos conhecemos." Ela girou para encontrá-lo arqueando uma sobrancelha."Você me disse que eu era um pedaço de merda por deixar minha irmã mais nova ir para a floresta para caçar enquanto eu não fazia nada." "Eu não disse assim." "A mensagem era a mesma." Ela endireitou os ombros, virando-se para a pequena cama quebrada nas sombras além da lareira."E você estava certo." Ele não respondeu enquanto ela caminhava até a cama.

"Meu pai dormiu aqui por anos, nos deixando ficar com o quarto.

Aquela cama ali... eu nasci naquela cama.

Minha mãe morreu naquela cama.

Eu odeio aquela cama.

" Ela passou a mão sobre a madeira rachada da estrutura da cama.

Lascas presas nas pontas dos dedos.

"Mas eu odeio este berço ainda mais.

Ele o arrastava na frente do fogo todas as noites e se enrolava ali, aconchegando-se sob os cobertores.

Sempre achei que ele parecia tão... tão fraco.

Como um animal encolhido.

Isso me enfureceu." "Isso o enfurece agora?" Uma pergunta casual, mas cuidadosa. "É ..." Sua garganta trabalhou.

"Eu pensei que ele dormir aqui era um castigo adequado enquanto nós pegávamos a cama.

Nunca me ocorreu que ele queria que tivéssemos a cama, para nos mantermos aquecidos e tão confortáveis quanto pudéssemos.

Que só pudemos pegar alguns móveis de nossa antiga casa e ele escolheu aquela cama como um deles.

Para nosso conforto.

Então, não tínhamos que dormir em camas ou no chão.

” Ela esfregou o peito.

“Eu nem mesmo o deixei dormir na cama quando os devedores quebraram sua perna.

Eu estava tão perdido em minha dor e raiva e... e tristeza, que queria que ele sentisse uma fração do que eu sentia.

” Seu estômago embrulhou. Ele apertou seu ombro, mas não disse nada. "Ele devia saber disso", disse ela com voz rouca.

“Ele devia saber o quão horrível eu era, e ainda assim... ele nunca gritou.

Isso também me enfureceu.

E então ele deu o meu nome a um navio.

Navegou para a batalha.

Eu só... eu não entendo por quê." "Você era filha dele." "E isso é uma explicação?" Ela examinou seu rosto, a tristeza gravada ali.

Tristeza - por ela.

Pela dor em seu peito e a ardência em seus olhos. "O amor é complicado." Ela baixou o olhar para isso.

Ela era uma covarde por evitar seu olhar.

Mas ela ergueu o queixo.

“Eu nunca considerei como era para ele.

Partir desse homem que fez sua própria fortuna, tornou-se conhecido como o Príncipe dos Mercadores e depois perdeu tudo.

Eu não acho que perder minha mãe o quebrou da mesma forma que perder sua frota.

Ele estava tão certo de que o empreendimento lhe renderia ainda mais riqueza -

uma quantidade obscena de riqueza.

As pessoas disseram que ele estava louco, mas ele se recusou a ouvir.

Quando eles provaram que estavam certos... acho que a humilhação o quebrou tanto quanto a perda financeira.

” Ela estudou os calos que já se formavam em seus dedos e palmas.

“Os devedores pareciam alegres quando vieram para cá - como se tivessem se ressentido com ele todo esse tempo e estivessem mais do que felizes em descontar em sua perna.

Passei o tempo todo mais apavorado com o que eles fariam comigo e com Elain.

Feyre... Ela tentou fazer com que parassem.

Fiquei aqui com ele enquanto nos escondíamos no quarto.

” Ela se obrigou a encontrar o olhar de Cassian novamente."Eu não falhei com Feyre apenas deixando-a ir para a floresta.

Houve muitas outras vezes.

” "Você já disse isso a ela?" Nestha bufou."Não.

Eu não sei como.

” Ele a estudou, e ela resistiu à vontade de se contorcer sob o escrutínio.

“Você aprenderá como.

Quando você estiver pronto." "Quão sábio da sua parte." Cassian fez uma reverência. Apesar desta casa, da história ao seu redor, Nestha sorriu.

Ela embolsou a rosa esculpida."Eu já vi o suficiente." Ele arqueou uma sobrancelha."Mesmo?" Ela apertou a rosa de madeira em seu bolso.

“Eu acho que eu só precisava ver este lugar.

Uma última vez.

Para saber que saímos.

Que não sobrou nada aqui, exceto poeira e más lembranças.

” Ele passou o braço pela cintura dela enquanto caminhavam para a porta, novamente examinando todas as pequenas pinturas que Feyre havia espremido na cabana."Az não vai voltar daqui a pouco.

Vamos voar.

” "E quanto aos humanos?" Eles correram gritando de terror. Cassian deu um sorriso malicioso, abrindo a porta meio quebrada

para ela.

Levando-a para a luz do sol e ar puro.

“Isso vai adicionar um pouco de tempero aos dias deles.”

CAPÍTULO

56

Um mês se passou e o inverno se abateu sobre Velaris como uma geada sobre uma vidraça. O treinamento matinal tornou-se um caso frio, sua respiração nublando o ar gelado enquanto eles trabalhavam com espadas e facas, o metal tão frio que penetrava em suas palmas.

Até mesmo seus escudos às vezes ficavam com uma crosta de gelo.

As valquírias aprenderam a lutar em todos os tipos de clima, Gwyn disse a elas.

Principalmente o frio.

Então, quando a neve caía ocasionalmente, Nestha e os outros treinavam também. Nestha teve que mudar para outro tamanho de couro, e quando ela se olhou no espelho todas as manhãs para trançar o cabelo, o rosto que olhava para trás havia perdido a magreza, as sombras sob os olhos.

Mesmo com Cassian transando com ela em cada superfície da Casa, às vezes até as primeiras horas da manhã, a exaustão, as contusões roxas sob seus olhos, tinham desaparecido. Ela disse a si mesma que não importava que ele nunca ficasse em sua cama para abraçá-la.

Ela se perguntou quando ele se cansaria disso - dela.

Certamente ele ficaria entediado e seguiria em frente.

Mesmo se ele festejasse com ela todas as noites como se estivesse morrendo de fome.

Agarrou suas coxas com suas mãos poderosas e lambeu e sugou até que ela se contorceu.

Às vezes, ela montava em seu rosto, as mãos agarrando a cabeceira da cama, e montava sua língua até gozar.

Às vezes, era a língua dela sobre ele, em torno dele, e ela engolia cada gota que ele derramava em sua boca.

Às vezes, ele derramava em seu peito, estômago, costas, e ela gozava ao primeiro respingo dele em sua pele. Ela não conseguia se imaginar cansando dele.

Tê-lo repetidamente só fez crescer sua necessidade. Ela vinha praticando danças com Morrigan no estudo da Casa duas vezes por semana, as duas mal trocando mais do que algumas palavras enquanto Nestha aprendia valsa após valsa, algumas particulares da Cidade Hewn, outras da Corte Outonal, outras da Feérico em geral. Rhys deu a eles o orbe Veritas para que Morrigan pudesse compartilhar com Nestha suas memórias das danças - e a música que os acompanhava. Nestha observava os passos, os bailes e festas que às vezes eram cheios de luz e outros que tinham escuridão e tristeza nas bordas.

Morrigan não ofereceu nenhuma explicação além de comentários sobre a técnica de uma dançarina. A música, porém... era brilhante.

Tão cheia de vida e movimento que sempre se pegava desejando ter mais uma ou duas horas de aula só para ouvi-la repetidas vezes. Ninguém nunca apareceu para assisti-los, nem mesmo Cassian.

Se Morrigan relatou o progresso deles, ela nunca revelou. Agora, com o Solstício de Inverno a três dias, Morrigan estava

encerrando sua lição enquanto a neve passava pela parede de janelas.

Ela perguntou a Nestha de repente: "O que você vai vestir para o baile, afinal?"

Nestha, encostada na mesa de trabalho para recuperar o fôlego e ouvindo os acordes do violino através da miragem cintilante da orbe Veritas, deu de ombros.

"Um dos meus vestidos." "Ah não." O suor gotejou na testa de Morrigan, e seu cabelo dourado trançado enrolado levemente com a umidade. "Eris ...". Ela procurou pelas palavras.

"Ele é tudo sobre as aparências.

Você tem que usar a coisa certa.

"Nestha considerou o que Morrigan normalmente usava e franziu a testa.

"Eu não posso usar algo tão revelador." Morrigan e Feyre optaram por menos é mais quando se tratava de seus trajes de Hewn City.

Nestha não tinha problemas com nudez antes de seus parceiros de quarto, mas em público... O humano não tinha sido totalmente arrancado dela. "Vou dar uma olhada." Morrigan empurrou o parapeito da janela.

"Veja o que temos." "Obrigado, Morrigan." Foi a primeira conversa normal que eles tiveram.

A primeira vez que Nestha havia até mesmo proferido essas palavras para Morrigan.

Já disse o nome dela. Morrigan piscou, percebendo isso também.

"É apenas Mor, você sabe.

Amren é a única pessoa nesta corte que me chama de Morrigan, e isso porque ela é uma velha desgraçada mal-humorada." Os lábios de Nestha se contraíram para cima."Muito bem, então." Ela acrescentou, experimentando, "Mor". O relógio bateu um, e Nestha começou a sair pela porta, deixando o orbe e sua música crescente onde estavam sobre a mesa."Eu preciso ir para a biblioteca." Ela já ia se atrasar, mas a música era tão cativante que ela não queria parar. "Eu também, na verdade," Morrigan - Mor - disse, e eles caminharam no corredor.

"O trabalho que estou fazendo para Rhys e Feyre em Vallahan requer algumas pesquisas, e Clotho está investigando para mim." "Ah." Silêncio afetado caiu enquanto desciam as escadas, então para outro corredor. As portas altas da biblioteca apareceram antes de Nestha perguntar: "Você se incomoda por eu estar dançando com Eris?" Mor considerou."Não.

Porque eu sei que você vai fazê-lo rastejar antes do fim." Não foi um elogio.

Na verdade. Eles encontraram Clotho em sua mesa de costume.

Ela se levantou, cumprimentando Mor com um abraço que deixou Nestha sem palavras. - Meu velho amigo - disse Mor, o rosto iluminado de calor.

O rosto que ela mostrou a todos nesta corte, exceto Nestha.

E aqueles na cidade Hewn. A vergonha apertou o estômago de Nestha.

Mas ela não disse nada enquanto a caneta e papel encantados de Clotho escreviam: Você está bem, Mor."Eh." Mor ergueu um ombro."Nestha está me deixando maluco com aulas de dança, mas estou bem." Encontrei os livros que você solicitou.

Clotho colocou a mão torta em cima de uma pilha de livros em sua mesa. Nestha interpretou isso como sua deixa para sair e

acenou com a cabeça para as mulheres enquanto elas discutiam sobre o material.

Gwyn estava esperando um nível abaixo, observando-os - com Emerie nas pilhas atrás dela. "O que você está fazendo aqui?" Nestha perguntou a Emerie.

Ela ainda estava no ringue quando Nestha correu para a aula de dança.

Mas isso acontecera horas atrás. "Eu queria ver onde vocês dois trabalham", disse Emerie, os olhos em Clotho e Mor um nível acima.

Ela suspirou, apontando para Mor.

"Sempre me esqueço de como ela é linda." Ela nunca vem a Windhaven atualmente." Nestha poderia ter jurado que o rosa rosa cobriu as bochechas

morenas de Emerie. Na verdade, na escuridão profunda da biblioteca, Mor brilhava como um raio de sol.

Até mesmo a escuridão em seu fundo pareceu se dissipar. "Eu estava mostrando a Emerie as maravilhas do escritório de Merrill enquanto ela estava em uma reunião", disse Gwyn. "Eu tenho que ir trabalhar, mas pensei que você poderia trazê-la enquanto você arquiva." Gwyn lançou-lhe um olhar irônico. "E dance."

Nestha revirou os olhos.

Ela pode ter sido pega praticando suas valsas nas estantes uma ou duas vezes.

Ou dez vezes. Nestha acenou com a cabeça para Emerie, desviando o olhar da mulher dos gestos animados de Mor. "Vamos." Mas Gwyn disse: "Na verdade, antes de vocês irem, eu queria dar uma coisa a vocês.

Uma vez que é provavelmente a última vez que nos veremos até o solstício de inverno terminar." Nestha e Emerie trocaram olhares confusos.

Este último perguntou: "Você nos trouxe presentes?" Gwyn apenas disse:

"Encontro você no seu carrinho".

Com isso, ela correu para a escuridão. Emerie e Nestha apontaram para o Nível Cinco, onde Nestha havia deixado seu carrinho.

Tinha sido reabastecido com livros que precisavam ser arquivados.

Ela explicou o que fez, mas Emerie parecia estar ouvindo pela metade.

Seu rosto estava pálido. "O que?" Nestha perguntou. As sobrancelhas de Emerie franziram. "Eu... eu não devo ter bebido água o suficiente durante o treinamento."

Eles haviam experimentado duas novas técnicas de Valquíria que Gwyn havia descoberto na noite anterior, e ambas foram particularmente brutais, ordenando-lhes que usassem escudos como trampolins para lançar um companheiro Valquíria aos céus, e fazer seus cachos abdominais suportando o peso de esses escudos. Ninguém havia conseguido cortar a fita, embora Emerie tivesse cortado uma das pontas há dois dias. "O que está errado?" Nestha pressionou. Os olhos de Emerie ficaram sombrios. "É... eu juro, posso ouvir meu pai gritando aqui."

Suas mãos tremiam quando ela levantou uma para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

"Eu posso ouvi-lo gritando comigo, posso ouvir os móveis quebrando ..." O

sangue de Nestha gelou.

Ela virou a cabeça para a inclinação descendente à direita.

Nenhuma escuridão espreitou lá, mas eles eram baixos o suficiente... "Este lugar é antigo e estranho", disse ela, enquanto processava o que Emerie admitiu.

Ela nunca tinha falado de seu pai além do corte de asas.

Mas Nestha reuniu-se o suficiente: o homem tinha sido uma fera como o pai de Tomas Mandray. "Vamos subir um nível, onde a escuridão não sussurre tão alto.

Tenho certeza de que Gwyn nos encontrará com bastante facilidade." Ela ligou seu braço ao de Emerie, pressionando seu corpo perto, deixando um pouco de seu calor vazar para sua amiga. Emerie assentiu, embora permanecesse pálida.

Nestha se perguntou se Emerie ouviu seu pai berrando a cada passo do caminho.

Gwyn os encontrou, a sacerdotisa ofegante e corada ao distribuir dois pacotes retangulares, cada um com aproximadamente o tamanho de um livro grande e fino.

"Um para cada um de vocês." Nestha abriu o papel pardo e viu uma pilha de páginas cheias de escrita.

No topo da primeira página, dizia apenas, Capítulo Vinte e Um.

Ela leu as primeiras linhas abaixo e quase deixou cair as páginas."Isso - isso é sobre nós." Gwyn sorriu.

"Convenci Merrill a nos incluir no penúltimo capítulo.

Ela até me deixou escrever - com suas próprias anotações, é claro.

Mas é sobre o renascimento das Valquírias.

Sobre o que estamos fazendo.

” Nestha não tinha palavras.

As mãos de Emerie tremiam mais uma vez enquanto ela folheava as páginas. “Você tinha muito a dizer sobre nós?” Emerie disse, engasgando com uma risada. Gwyn esfregou as mãos.

“Com mais por vir.” Nestha leu uma linha ao acaso na quinta página.

Quer o sol batesse forte em suas sobrancelhas ou a chuva congelante transformasse seus ossos em gelo, Nestha, Emerie e Gwyneth chegavam ao treino todas as manhãs, prontos para ... O fundo de sua garganta doía; seus olhos ardiavam.

“Estamos em um livro.” Os dedos de Gwyn deslizaram nos dela, apertando com força.

Nestha olhou para cima para encontrá-la segurando a mão livre de Emerie também.

Gwyn sorriu novamente, seus olhos brilhantes.

“Vale a pena contar nossas histórias.” Nestha ainda estava se recuperando da generosidade do presente de Gwyn naquela noite, quando encontrou um bilhete de Cassian, dizendo que ele precisava passar a noite em um dos postos avançados da Ilíria para lidar com alguma disputa mesquinha entre bandos de guerra.

Com o Rito de Sangue a poucos meses de distância, ele disse, as tensões sempre foram altas, mas este ano parecia particularmente ruim.

Novas rixas aparecendo a cada poucos dias, velhos rancores ressurgindo...

Nestha, apesar do conteúdo do bilhete, sorriu para si mesma, imaginando a cara de quem não quer se enganar enquanto ele estabelecia a lei. Mas sua diversão logo desapareceu, e embora ela tenha tentado Mind-Stilling duas vezes após o jantar, ela não conseguia se acalmar.

Fiquei pensando no presente de Gwyn, no rosto aterrorizado de Emerie enquanto ela sentia o que quer que estivesse na escuridão. Sentada em sua mesa, olhando para o nada, Nestha segurou a testa com a palma da mão. Uma caneca de chocolate quente apareceu ao lado dela, junto com um punhado de biscoitos amanteigados.

Nestha riu. "Obrigado." Ela tomou um gole de sua bebida, quase suspirando com a riqueza do cacau. "Eu gostaria de experimentar o fogo", disse ela calmamente. "Um pequeno." Instantaneamente, a casa teve uma pequena chama acesa na lareira.

Uma tora estourou e Nestha se endireitou, o estômago revirando. Foi um incêndio.

Não o pescoço de seu pai.

Seu olhar mudou para a rosa de madeira entalhada que ela colocou sobre a lareira, meio escondida nas sombras ao lado de uma estatueta de uma mulher de corpo flexível, seus braços erguidos segurando uma lua cheia entre eles.

Algum tipo de deusa primitiva - talvez até a própria Mãe.

Nestha não se permitiu pensar por que sentiu a necessidade de colocar a rosa ali.

Por que ela não tinha apenas jogado em uma gaveta. Outro tronco rachou e Nestha se encolheu.

Mas ela permaneceu sentada lá.

Olhando para aquela rosa esculpida. Ela viveria o resto de sua vida como Emerie, sempre olhando por cima do ombro para a sombra do passado para assombrá-la? Ela parecia como Emerie esta tarde, apavorada e sofrida? Ela se devia mais do que isso.

Emerie também merecia mais.

A chance de viver uma vida sem medo e pavor. Para que Nestha pudesse tentar.

Agora mesmo.

Ela enfrentaria este incêndio. Outro tronco rachou.

Nestha cerrou os dentes.

Respirar.

Inspire para seis, segure, expire para seis. Ela fez exatamente isso. Isso é um incêndio.

Isso o lembra de seu pai, de algo horrível acontecendo.

Mas este não é ele, e enquanto você estiver se sentindo desconfortável, você pode superar isso. Nestha se concentrou em sua respiração.

Obrigou-se a soltar cada um de seus músculos muito tensos, começando com o rosto e indo até os dedos dos pés. O tempo todo ela dizia a si mesma, sem parar: Isto é um incêndio.

Isso te deixa desconfortável.

É por isso que você reage como você faz.

Você pode respirar com isso.

Trabalhe com isso. Seu corpo não se soltou, mas ela foi capaz de se sentar lá.

Agente o fogo até que se reduza a brasas e depois se apague totalmente. Ela não sabia por que se viu à beira das lágrimas enquanto as cinzas ardiam.

Não sabia por que a onda de orgulho que encheu seu peito a fez querer rir, gritar e dançar pela sala.

Ela não tinha feito nada mais do que sentar perto do fogo, mas... ela se sentou.

Ficou. Ela não falhou.

Ela o enfrentou e sobreviveu. Ela pode não ter salvado o mundo ou liderado

exércitos, mas deu esse pequeno passo inicial. Nestha enxugou os olhos, e quando ela olhou ao redor de seu quarto silencioso, ela se assustou ao encontrar uma trilha de ramos perenes que levavam à sua porta agora aberta. Levantando uma sobrancelha, ela se levantou.

“O que é tudo isso?” ela perguntou à Câmara, seguindo a trilha que ela havia deixado. No final do corredor, ao longo das escadas, até a biblioteca em si. “Onde estamos indo?” Nestha perguntou ao ar quente.

Felizmente, até os noctívagos entre as sacerdotisas haviam adormecido, não deixando ninguém para vê-la correndo atrás do rastro de galhos.

Em torno dos níveis da biblioteca, eles se enredaram, cada vez mais fundo, até atingirem o sétimo nível. Nestha parou quando a trilha parou na beira da parede de escuridão. Uma luz tremeluziu além dele.

Várias luzes. Como se dissesse, venha.

Não tenha medo. Assim, Nestha respirou fundo ao entrar na escuridão. Pequenas luzes de chá se transformaram em uma escuridão familiar.

Ela e Feyre uma vez se aventuraram aqui - enfrentaram horrores aqui.

Nenhuma evidência permaneceu daquele dia.

Apenas a escuridão iluminada pelo fogo, as velas levando-a aos níveis mais baixos da biblioteca. Para o próprio poço. Nestha os seguiu, espiralando até o fundo do poço, onde uma pequena lanterna brilhava, iluminando fracamente as fileiras de livros velados em sombras permanentes ao seu redor. Com o coração acelerado, Nestha ergueu a lanterna com uma das mãos e olhou para a escuridão, intocada pela luz da biblioteca bem no alto.

O coração do mundo, da existência.

De si mesmo. O coração da casa. "Isso ...". Seus dedos apertaram a lanterna. "Esta escuridão é o seu coração." Como se respondesse, a Casa colocou um pequeno ramo de folha perene a seus pés. "Um presente de Solstício de Inverno.

Para mim." Ela poderia jurar que uma mão quente roçou seu pescoço em resposta.

"Mas sua escuridão ...". Wonder suavizou sua voz.

"Você estava tentando me mostrar.

Mostre aos outros.

Quem você é, lá no fundo.

O que te assombra.

Você estava tentando mostrar a eles todos aqueles pedaços escuros e quebrados porque as sacerdotisas, Emerie e eu... Nós

somos iguais a você." Sua garganta se apertou com o que a Casa havia lhe dado.

Esse conhecimento. Ela ergueu a lanterna mais alto e apagou a chama. Deixe a escuridão entrar.

Abraçou-a. "Eu não estou com medo", ela sussurrou.

"Você é meu amigo e minha casa.

Obrigado por compartilhar isso comigo." Novamente, Nestha poderia ter jurado que aquele toque fantasma acariciou seu pescoço, sua bochecha, sua testa. "Feliz Solstício," ela disse na bela escuridão fragmentada.

CAPÍTULO

57

Cassian normalmente ansiava pelo Solstício de Inverno por uma série de razões, começando com os três dias habituais de bebida com sua família e terminando com a diversão desenfreada de sua luta anual de bolas de neve com seus irmãos.

Seguido por um vapor no birchin e mais bebida, geralmente até os três desmaiarem em várias posições estúpidas.

Um ano, ele acordou usando uma peruca loira e nada além de uma guirlanda perene ao redor de sua virilha como uma tanga.

Tinha coçado e arranhado terrivelmente - embora não fosse nada comparado com sua ressaca latejante. Ele supôs, em sua raiz, que amava o Solstício de Inverno porque era um tempo ininterrupto com as pessoas que ele mais estimava. Este ano, assim como no ano anterior, não o encheu de nada além de ácido agitado. A Corte dos Pesadelos foi decorada como de costume, adornada para a celebração que durou três dias inteiros em torno da noite mais longa do ano.

Cada noite havia um baile diferente e, na primeira delas, Nestha dançava com Eris. Esta noite.

Em questão de minutos. Ele teve um mês para se preparar para isso.

Um mês na cama de Nestha - ou pelo menos transando com ela nela.

O Caldeirão sabia que ela nunca tinha pedido a ele para ficar depois que ele saiu dela. Ele ficou ao pé do estrado negro, olhando para a multidão brilhante com um rosto que prometia a morte.

Az estava do outro lado do estrado, com uma expressão semelhante. Cada uma das pessoas aqui poderia queimar no inferno. Começando com Keir, à frente da multidão reunida.

Terminando com Eris, orgulhosa e alta - vestindo preto Night Court - ao lado dele. Mor ficou ao lado dos tronos de Feyre e Rhysand, representando-os até que chegaram. Toda a sala do trono estava enfeitada com velas pretas, coroas e guirlandas perenes e bagas de azevinho.

As mesas gêmeas de banquete dos dois lados do enorme espaço transbordavam de comida, mas era proibido a todos até que Feyre e Rhys permitissem. Ele havia aliviado um pouco de seu comportamento Night Triumphant com o povo da Cidade Hewn recentemente, mas não muito.

Cassian não invejava Rhys por seu ato de malabarismo.

Eles não poderiam isolar Keir, não se precisassem de seus Darkbringers novamente.

Daí o tom mais agradável.

Mas eles não podiam deixá-lo esquecer o chute na bunda que receberia se saísse da linha.

Conseqüentemente, o tom apenas ligeiramente melhor. Eles não tinham ouvido nada sobre a Coroa, nada de Briallyn.

Ela não tinha vindo para o Trove.

Cassian não era estúpido o suficiente para acreditar que tudo estava acabado.

Nenhum deles estava. As portas altas da sala do trono finalmente se abriram. O

poder das trevas retumbou pela montanha, avisando de sua aproximação.

A montanha cantou com isso.

Todos se viraram quando o Grão-Senhor e a Grã Senhora apareceram, coroados e vestidos de preto. Rhys parecia bonito como sempre, mas Feyre ... A sala ofegou. Esta noite também serviu a outro propósito: contar ao mundo sobre a gravidez de Feyre. Ela usava um vestido de painéis pretos cintilantes, muito parecido com o que ela havia usado aqui pela primeira vez - e não fazia nada para esconder sua barriga inchada. Não, mostrava seu útero grávido, brilhando à luz das velas. O rosto de Rhys era um retrato de orgulho masculino presunçoso.

Cassian sabia que destruiria qualquer um que piscasse errado para Feyre em um milhão de fitas sangrentas.

Na verdade, a violência fria ondulou de Rhys enquanto eles caminhavam em direção ao estrado, o perfume rico de bebê de Feyre enchendo o ar.

Ele deixou todos aqui sentirem o cheiro, confirmando ainda mais que ela estava grávida. Feyre poderia muito bem ser uma deusa

antiga, coroada e resplandecente, com a barriga inchada de vida.

Seu rosto sereno era adorável e seus lábios carnudos e vermelhos se separaram em um sorriso para Rhys enquanto eles apontavam para seus tronos.

Keir parecia dividido entre a raiva e o choque; O rosto de Eris estava cuidadosamente neutro. Um movimento no fundo da sala arrancou o olhar de Cassian de seus inimigos, e então - Ambas as irmãs usavam preto.

Ambos caminharam atrás de Rhys e Feyre, um indicador silencioso de que eles eram parte da família real.

Tinham poderosos poderes próprios.

Eles haviam planejado assim, querendo que Eris ver por si mesmo o quão valioso Nestha era.

Cassian se perguntou se Elain e Nestha haviam quebrado o silêncio enquanto esperavam por sua entrada.

Eles não se falavam há meses. Elain de preto era ridículo.

Sim, ela era linda, mas a cor de seu vestido modesto de mangas compridas sugava o brilho de seu rosto.

Isso a cansava, e não o contrário.

E ele sabia que a crueldade da Cidade Hewn a incomodava.

Mas ela não hesitou em vir.

Quando Feyre se ofereceu para deixá-la ficar em casa, Elain endireitou os ombros e declarou que ela fazia parte desta corte - e faria o que fosse necessário.

Então Elain deixou seu cabelo castanho dourado solto esta noite, e prendeu-o para trás com dois pentes de pérola.

Ele nunca uma vez nos dois anos que a conheceu achasse Elain sem graça, mas vestindo preto, não importa o quanto ela alegasse fazer parte desta corte... Isso sugou a vida dela. Nestha em Night Court Black ameaçou colocá-lo de joelhos.

Ela havia trançado o cabelo sobre a cabeça em seu estilo usual, mas sobre ele, uma tiara delicada de pedra negra brilhante repousava, pontas delgadas projetando-se para cima em uma coroa escura.

Cada espigão era coberto com uma minúscula safira, como se os espinhos fossem tão afiados que perfurassem o céu e tirassem sangue de cobalto. E o vestido ... Fios de prata bordavam o corpete de veludo colante ao corpo, as alças tão estreitas que podiam muito bem não ser nada contra sua pele branca como a lua.

O decote ia quase até o umbigo, onde o fio prateado se juntava para segurar uma pequena safira que combinava com as de sua coroa.

As saias rodadas roçaram o chão escuro, farfalhando no silêncio ondulante. O

queixo de Nestha permaneceu alto, acentuando seu pescoço longo e adorável.

Seus lábios pintados de vermelho se curvaram em um sorriso felino enquanto seus olhos delineados com kohl observavam cada respiração sua. Nestha parecia

brilhar com a atenção.

Possuía.

Comandado. Feyre e Rhys assumiram seus tronos, e Nestha e Elain ficaram ao pé do estrado, entre ele e Azriel.

Cassian não se atreveu a dizer uma palavra para Nestha, ou mesmo olhar para ela, para o corpo em exibição - o corpo que ele havia provado tantas vezes agora que era um milagre nenhuma marca de seus lábios estar contra o pescoço dela.

Ele não se atreveu a olhar para Eris, também.

Um olhar e revelaria todo o seu jogo.

Até mesmo o cheiro dela - o cheiro dele, Cassian sabia com grande satisfação -

tinha sido cuidadosamente enfeitado para esconder qualquer vestígio dele.

Feyre declarou à multidão reunida: "Que as bênçãos do Solstício de Inverno estejam com vocês." Keir correu para a frente, curvando-se.

"Permita-me estender os meus parabéns." Cassian sabia que o bastardo não quis dizer uma palavra disso. Eris caminhou para o lado dele, seu convidado de honra. "E me permita estender o meu também, em nome do meu pai e de toda a Corte do Outonal." Ele deu a Feyre um sorriso bonito e cultivado.

"Ele ficará emocionado com a notícia." A boca de Rhys se curvou em um meio sorriso cruel, as estrelas piscando em seus olhos. "Tenho certeza que ele vai."

Não havia como fingir esta noite: Rhys realmente era o Grão Senhor da Corte dos Pesadelos enquanto Feyre e seu bebê estavam aqui.

Ele mataria qualquer um que os ameaçasse.

E divirta-se. Rhys disse para ninguém em particular: "Música". Uma orquestra escondida em um mezanino coberto começou a tocar. Feyre ergueu a voz e disse:

"Vá - coma".

A multidão ondulou enquanto as pessoas se dirigiam às mesas. Apenas Eris e Keir permaneceram diante deles.

Nenhum dos dois deu a Mor sequer um olhar, embora ela sorrisse maliciosamente para eles, seu vestido vermelho como uma chama na escuridão do corredor. Cassian, em sua armadura negra, se sentia mais como as bestas esculpidas nos pilares altos abaixo desta montanha.

Ele escovou o cabelo e o deixou solto, e essa foi a extensão de sua preparação para esta noite.

Ele passou a maior parte do tempo pensando em como gostaria de descascar a pele de Eris em tiras minúsculas, como Rhys e Feyre haviam cruzado a linha perguntando isso a Nestha.

Ele amava os dois, mas eles poderiam ter encontrado outra maneira de garantir a lealdade de Eris.

Não que Cassian tivesse surgido com uma alternativa melhor. Pelo menos Briallyn e Koschei ainda não agiram mais.

Embora ele não tivesse dúvidas de que eles fariam seu próximo movimento em breve. Feyre comandou a multidão, sua voz como um trovão à meia-noite,

"Dance". As pessoas formaram pares e se envolveram perfeitamente com a música.

Keir foi com eles desta vez. "Antes de você se juntar à alegria, Eris," Rhys falou lentamente, uma longa caixa preta aparecendo em suas mãos, "Eu gostaria de apresentar a você o seu presente do Solstício." Cassian manteve o rosto inexpressivo.

Rhys tinha dado um presente para o bastardo? Rhys flutuou a caixa até Eris em um vento noturno.

Deixe o suficiente daquele vento permanecer, envolvendo atrás de Eris, para Cassian saber que o bloqueou de vista.

Do ponto de vista de Keir, especificamente. Eris ergueu as sobrancelhas, abrindo a tampa esculpida.

Ele enrijeceu, a voz baixando. "O que é isto?" "Um presente", disse Rhys, e

Cassian teve um vislumbre de um punho familiar na caixa. A adaga que Nestha fez.

Cassian se absteve de girar sobre Rhys e Feyre, exigindo saber o que diabos eles estavam pensando. Eris prendeu a respiração.

Feyre disse: "Você pode sentir seu poder." "Há chamas nele", disse Eris, sem tocar a adaga.

Como se sua própria magia o alertasse.

Ele fechou a tampa, o rosto ligeiramente pálido. "Por que me dar isso?" "Você é nosso aliado", disse Feyre, uma mão apoiada em sua barriga.

"Você enfrenta inimigos que existem fora das regras usuais da magia.

Parecia justo dar a você uma arma que opera fora dessas regras também.

"Isto é realmente feito, então." Cassian se preparou para a verdade, a maldita e perigosa verdade a ser revelada sobre Nestha.

Mas Rhys disse: "Da minha coleção pessoal.

Uma herança de família.

” “Você possuía um item Made e o manteve escondido todos esses anos?

Durante a guerra?" "Não considere nossa generosidade garantida", Feyre avisou Eris calmamente. Eris se acalmou, mas acenou com a cabeça.

Ele estendeu a caixa de volta para Rhys."Vou deixá-lo com você enquanto danço, então." Ele acrescentou com o que Cassian poderia ter jurado ser sinceridade, "Obrigado." Feyre assentiu enquanto Rhys pegava a caixa e a colocava ao lado de seu trono."Use bem." Ela sorriu suavemente para Eris."Normalmente, eu pediria para você dançar, mas minha condição me deixou doente o suficiente para me preocupar com o que tanto girar faria ao meu estômago." Era verdade.

Feyre havia fugido do jantar três noites atrás para encontrar o banheiro mais

próximo.

Agora ela fingia olhar entre as duas irmãs.

Elain deu uma impressão razoável de parecer interessado.

Nestha apenas parecia entediada.

Como se eles não tivessem simplesmente dado a adaga que ela fez. Talvez seja porque os olhos de Nestha se voltaram para a multidão dançando e cintilante.

Como se ela não pudesse se conter quando a música aumentou.

Ela parecia estar ouvindo pela metade.

Talvez a música significasse mais para ela do que a adaga - mais do que magia e poder. Feyre percebeu a direção do olhar de Nestha."Minha irmã mais velha deve tomar meu lugar." Nestha mal olhou para Eris, que desviou o olhar avaliador de Elain para

encarar a irmã mais velha do Archeron com uma mistura de cautela e intenção que fez a mandíbula de Cassian cerrar.

Ou teria sido difícil, se ele não tivesse se dominado a tempo de manter o rosto em branco quando Nestha começou a caminhar em direção a Eris. Eris ofereceu um braço e Nestha o pegou, com o rosto neutro, o queixo erguido, cada passo deslizando.

Eles pararam na beira da pista de dança, separando-se para ficarem de frente um para o outro. Outros assistiram do lado de fora enquanto a dança terminava e os acordes introdutórios da próxima começaram, uma harpa dedilhando alta e doce.

Eris estendeu a mão, um meio sorriso na boca. Como se as cordas da harpa enrolassem no braço de Nestha, ela o ergueu e colocou a mão na dele precisamente quando o último toque rápido da harpa soou. Percussão e buzinas explodiram; instrumentos de cordas baixas começaram uma batida acelerada de música.

Uma convocação para a dança em uma contagem regressiva para o movimento.

Cassian se lembrou de respirar quando Eris deslizou sua mão larga pela cintura de Nestha, puxando-a para perto.

Ela ergueu o queixo, olhando para o rosto dele quando um tambor de barriga profunda bateu. E quando os violinos começaram sua canção arrebatadora, um acenando para frente e para trás, Nestha se movia como se sua própria respiração estivesse sincronizada com a música.

Eris foi com ela, e estava claro que ele conhecia as nuances e notas exatas da dança, mas Nestha ... Ela recolheu as saias com a outra mão e, quando Eris a conduziu para os movimentos iniciais da valsa, seu corpo ficou solto e tenso em tantos lugares diferentes que Cassian não sabia para onde olhar: ela estava curvada, moldada e dirigida pelo som . Até os olhos de Eris se

arregalaram com isso - a pura habilidade e graça, cada movimento de seu corpo precisamente ajustado a cada nota e vibração da música, desde a ponta dos dedos até a extensão do pescoço enquanto ela se virava, o arco de suas costas em uma nota mantida .

Cassian se atreveu a olhar para Feyre e Rhys e descobriu que até mesmo seus rostos normalmente compostos tinham ficado um pouco fracos. No momento em que Nestha e Eris terminaram sua primeira rotação pela pista de dança, Cassian teve a sensação crescente de que Elain havia superado as habilidades de sua irmã. A música queimou Nestha. Alguma vez existiu um som tão perfeito e meio selvagem no mundo? As memórias de Mor no Veritas não eram nada comparadas a isso, ouvindo ao vivo, dançando através dele.

Fluía e nadava ao redor dela, enchendo seu sangue, e se ela pudesse ter feito isso, ela teria se derretido na melodia, se tornado os tambores que rolavam, os violinos voando, os címbalos batendo com a contra-batida, as trompas e os juncos com sua canção de arco alto. Não havia espaço suficiente dentro dela para o som, por tudo que a fazia sentir - não havia espaço suficiente em sua mente, seu coração, seu corpo; e tudo o que ela podia fazer para honrá-lo, adorá-lo, era dançar. Eris, para seu crédito, acompanhou. Ela segurou seus olhos durante cada passo, deixando-o sentir seu corpo flexível, o quão flexível era enquanto ela arqueava em um agrupamento de notas.

A mão dele se apertou sobre ela, os dedos cavando na ranhura de sua coluna, e

ela deixou um pequeno sorriso surgir em seus lábios pintados de vermelho. Ela nunca tinha usado tal cor na boca.

Parecia o pecado personificado.

Mas Mor tinha feito isso, junto com o golpe de kohl líquido sobre suas pálpebras superiores.

E quando Nestha olhou no espelho finalmente, ela não se viu olhando para trás.

Ela tinha visto uma Rainha da Noite.

Tão impiedosa, fria e bela quanto o deus Lanthys queria torná-la.

Consorte da Morte. A própria morte. Eris soltou sua cintura para girá-la, e não foi nenhum esforço para cronometrar sua rotação para a vibração das notas, seu olhar travando de volta para o dele exatamente quando a música voltou para a melodia.

A chama fervilhava em seus olhos, e ele a girou novamente - não um movimento prescrito na dança, mas ela seguiu, virando a cabeça para encontrar seu olhar mais uma vez, sua saia girando. Seus lábios se curvaram em aprovação, seu teste passou. Nestha sorriu de volta para ele, deixando seus olhos brilharem.

Faça-o rastejar, dissera Mor.

E ela iria. Mas primeiro ela iria dançar. Cassian conhecia a valsa.

Assistiu e dançou durante séculos.

Sabia que seu último meio minuto era um rápido frenesi de notas e som crescente e grandioso.

Sabia que a maioria dos dançarinos continuaria valsando, mas os corajosos, os habilidosos fariam as doze voltas, a fêmea girando às cegas com um braço acima da cabeça, girada repetidas vezes por seu parceiro enquanto se moviam pela pista de dança .

Fiar era arriscar-se a parecer um idiota, na melhor das hipóteses, e na pior, comer

mármore. Nestha foi em frente. E Eris foi com ela, os olhos brilhando com deleite selvagem. A música atingiu seu final estrondoso, bateria tocando, violinos tocando, e toda a sala se endireitou, os olhos em Nestha. Sobre Nestha, esta fêmea

outrora humana que conquistou a morte, que agora brilhava como se tivesse devorado a lua também. Entre uma batida e outra, Eris ergueu o braço de Nestha acima de sua cabeça e a girou com tanta força que seus calcanhares se ergueram do chão.

Ela mal havia terminado a rotação quando ele a girou novamente, sua cabeça girando com tanta precisão que Cassian perdeu o fôlego. E seus pés ... Uma rotação após a outra após a outra, movendo-se pela pista de dança agora vazia como uma tempestade noturna, os pés calçados de chinelo de Nestha dançaram tão rápido que quase pareciam um borrão.

Ele sabia que Eris virou seu braço, mas seus pés a seguraram, impulsionando-os.

Foi ela quem conduziu esta dança.

No sétimo giro, ela girou tão rapidamente que ficou na ponta dos pés. Na nona rodada, Eris soltou seus dedos.

E Nestha, o braço ainda esticado acima da cabeça, girou mais três vezes.

Cada uma das safiras em cima de sua tiara brilhava como se fosse iluminada por um fogo interno.

Alguém ofegou por perto.

Pode ter sido Feyre. E enquanto Nestha girava sozinha - na ponta de um pé perfeito - ela sorriu.

Não o sorriso astuto de um cortesão, não um tímido, mas um de pura alegria selvagem, trazido pela música e a dança e sua entrega total a isso. Foi como ver alguém nascer.

Como ver alguém ganhando vida. No momento em que Nestha terminou a última rotação, aquele desafio absurdo das leis

básicas do movimento e espaço, Eris estava com a mão dela novamente, girando-a mais três vezes, seu cabelo

ruivo brilhando como fogo como se ecoasse a alegria selvagem e sombria que explodia de sua. A mãe de Nestha queria um príncipe para ela.

Cassian agora achava que ela havia subestimado sua filha.

Apenas um rei ou imperador serviria para alguém com esse nível de habilidade.

Ela estava seduzindo Eris dentro de uma polegada de sua vida.

O murmúrio da Cidade Hewn confirmou que Cassian não era o único a notar isso. Os olhos de Eris brilharam com desejo lascivo enquanto ele bebia o sorriso de Nestha, o brilho sobre ela.

Ele sabia o que Nestha poderia se tornar com um pouco de ambição.

A orientação certa. Se ele soubesse que o Dread Trove respondia a ela, que ela havia feito sua nova adaga ... Foi um erro trazê-la aqui.

Para pendurá-la antes de Eris, o mundo. Emergindo de seu casulo de dor e raiva, esta nova Nestha poderia muito bem mandar cortes inteiras de joelhos.

Reinos. A música aumentou e aumentou e aumentou, cada vez mais rápido e mais rápido, e quando suas últimas notas soaram, Eris novamente a soltou.

Nestha girou sozinho mais uma vez, três rotações mais precisas e perfeitas enquanto Eris se ajoelhava diante dela e erguia a mão. A nota final explodiu e se manteve, e Nestha parou com uma facilidade sobrenatural, pegando a mão de Eris no mesmo movimento que suas costas arquearam e ela jogou o outro braço,

o retrato do triunfo. A próxima dança começou, e Nestha não hesitou quando Eris a conduziu.

Era uma dança mais leve e mais fácil do que a primeira, cuja música era uma canção em seu sangue. Seu parceiro pode ser um monstro, mas ele sabia dançar.

Sabia como seu corpo gritava para fazer aquelas voltas extras, sozinhas, e deixá-la ir livre não uma, mas duas vezes, e mesmo assim não tinha sido o suficiente.

Se ela não estivesse usando o vestido pesado, ela poderia ter implorado à orquestra para tocar a música novamente para que ela pudesse executar spin após

spin sozinha, sabendo quando jogar duplas e triplas por instinto e apenas de ouvido. Ela estava bêbada com a música.

Mas a segunda dança não exigia giros selvagens ou excesso de emoção.

Como se o maestro da orquestra escondido nesta sala quisesse que ela respirasse.

Ou pelo menos fale com seu parceiro. Os olhos âmbar de Eris estudaram os dela."Confie em Rhysand para mantê-lo escondido." Direita.

Ela devia bajulá-lo, mantê-lo ao seu lado."Eu acabei de ver você na outra semana."Eris riu."E por mais fascinante que tenha sido ver você mandar Tamlin correndo com o rabo entre as pernas, eu não vi esse lado seu.

O tempo desde a guerra mudou você.

" Ela não sorriu, mas encontrou seu olhar diretamente ao dizer: "Para melhor, espero." "Certamente para os mais interessantes.

Parece que você veio jogar hoje à noite, afinal.

” Eris a girou e, quando ela voltou para ele, ele murmurou em seu ouvido: "Não acredite nas mentiras que eles contam sobre mim." Ela se afastou apenas o suficiente para encontrar seu olhar."Oh?" Eris acenou com a cabeça para onde Mor os observava ao lado de Feyre e Rhys, o rosto neutro e indiferente.

“Ela sabe a verdade, mas nunca a revelou.” "Por que?" "Porque ela tem medo disso." “Você não ganha nenhum favor para si mesmo com seu comportamento.”

“Eu não? Não me alio a esta corte sob constante ameaça de ser descoberto e morto por meu pai? Não ofereço ajuda sempre que Rhysand deseja? ” Ele a girou novamente.

“Eles acreditam numa versão dos acontecimentos mais fácil de engolir.

Sempre achei Rhysand mais sábio do que isso, mas ele tende a ser cego no que diz respeito àqueles que ama.

” A boca de Nestha se torceu para o lado."E você? Quem voce ama?" Seu sorriso

se aguçou."Você está perguntando sobre minha elegibilidade?" “Estou apenas dizendo que é difícil encontrar um bom parceiro de dança hoje em dia.” Eris riu, o som como seda sobre sua pele.

Ela estremeceu.

“De fato é.

Especialmente aquele que pode dançar e arrancar a cabeça do Rei de Hybern de seus ombros." Ela o deixou ver um pouco daquela pessoa - ver a fúria selvagem e o fogo prateado que ele testemunhou antes de Tamlin.

Então ela piscou e sumiu.

O rosto de Eris se contraiu, e não de medo. Ele a girou novamente, a valsa já chegando ao fim.

Ele sussurrou em seu ouvido: "Eles dizem que sua irmã Elain é a bela, mas você a ofuscou esta noite." Sua mão acariciou a pele nua de suas costas, e ela se arqueou ligeiramente com o toque. Nestha fez sua garganta balançar, deixando um toque de cor subir ao seu rosto. A valsa terminou, e eles caíram perfeitamente na próxima dança, um pouco mais exigente desta vez.

Ela se lembrava dessa de suas aulas com Mor - era adorável e arrebatadora e como se estivesse em um sonho, até que seu minuto final se tornou tão grandioso que sempre a deixava sem fôlego.

A expectativa vibrava através dela, iluminando seus olhos. "Você está perdido na Corte Noturna," Eris murmurou enquanto girava, a saia envolvendo os dois.

"Absolutamente perdido." "Não tenho certeza se isso é um elogio." Outra risada.

O movimento espreitou pelo canto do olho, mas ela não desviou o olhar de Eris, não parou seus passos até ... "Jogada." A voz fria de Cassian quebrou o feitiço da música, parando-a.

Ele estava diante deles, em meio ao mar de pessoas girando e girando, e embora a maioria usasse preto, sua armadura e lâminas o faziam parecer... diferente.

Como um verdadeiro pedaço da noite. Eris olhou para baixo em seu nariz reto para Cassian. "Eu não recebo ordens de brutos." Nestha sufocou seu rosnado e disse friamente para Cassian: "Devo entender que você gostaria de dançar comigo?" "Sim." Seus olhos castanhos estavam queimando com violência.

Ele realmente acreditou no que viu nesta pista de dança? Eris mostrou os dentes para Cassian. "Vá se sentar aos pés do seu

mestre, cachorro." Levou toda a sua concentração, cada momento de Mente Stilling, para evitar rasgar a garganta de Eris.

Mas Nestha empurrou sua fúria para baixo, para o lugar onde ela sufocou seu poder."Ninguém gosta de um parceiro egoísta, Eris." Ela nem olhou para Cassian.

Não confiava no que ela faria se visse a dor em seus olhos com o insulto de Eris.

Feyre e Rhysand deram a Eris uma de suas lâminas apenas para garantir sua aliança contínua.

Ela não iria arriscar.

Então, ela acrescentou com um sussurro: "Hora de compartilhar". Eris deu um sorriso zombeteiro."Vamos jogar mais tarde, Nestha Archeron." Ele ignorou Cassian enquanto apontava para o estrado novamente. Sozinho com Cassian, a pista de dança lotada fervilhando ao redor deles, Nestha perguntou: "Você está feliz agora?" Seu rosto parecia uma pedra."Não." Um olhar por cima do ombro mostrou a ela Rhys e Feyre de rosto tenso, que sem dúvida gritavam com ele de mente para mente.

Mas se ela e Cassian permanecessem assim por muito tempo, o feitiço que ela havia tecido em torno de Eris poderia ser interrompido e ... Cassian estendeu a mão.

Engolido uma vez. Ele estava nervoso.

Este homem que enfrentou exércitos inimigos, que lutou à beira da morte mais vezes do que ela gostaria de contar, que lutou contra tantos perigos que era um

milagre que ele viveu... ele estava nervoso. Isso suavizou alguma parte crucial dela, e Nestha deslizou sua mão na dele, seus calosidades raspando um contra o outro.

A mão dele deslizou em volta da cintura dela, tão grande que quase alcançou a metade.

Ela juntou as saias e ergueu o olhar para ele. Nestha deu um passo para trás, levando-o, eles, para a dança, e Cassian foi com ela. Ele não era gracioso como Eris.

Ele não se movia instintivamente a cada batida como ela fazia.

Mas ele continuou, disposto a segui-la na música, no som e no movimento, e seus olhos não abandonaram o rosto dela. Seus passos se aceleraram e Cassian encontrou seu ritmo. Ele a girou, e ela se virou, seus braços esperando para segurá-la. A mão dele na cintura dela apertou, seu único aviso quando ele os lançou mais, mais rápido na música.

Cassian sorriu para ela e o mundo desapareceu. A música não era mais a coisa mais bonita que existia.

Ele era. Nestha não conseguiu parar. O sorriso de resposta que floresceu através dela finalmente, roubando seu rosto, brilhante como o amanhecer. Cassian só cedeu Nestha para Azriel, que a levou a uma valsa tão facilmente quanto respirar. Caminhando até a mesa de vinho para se servir de uma taça, Cassian encontrou os olhos de alguns cortesãos que olhavam boquiabertos para Nestha e os deixou ver o que aconteceria se eles ao menos se aproximassem dela.

Eles rapidamente caíram, e ele se encostou em um pilar, contente em assistir Nestha dançar com seu irmão. Mor estava ao seu lado um momento depois, seus lábios se curvando para cima.

“Parece que nossas aulas valeram a pena.” Cassian beijou sua bochecha. “Eu devo-te uma.” Eles treinaram em segredo nas últimas semanas.

Mor ficou positivamente tonto quando pediu sua ajuda. Mas seus olhos estavam

escuras agora, seu rosto pálido. "Como vai?" ele perguntou de forma neutra, bem ciente das pessoas ao seu redor.

O que Mor havia sido e agora era para eles. Mor ergueu um ombro e depois o deixou cair."Multar." Ela acenou com a cabeça para Nestha.

"Gostei de ver o que ela fez." Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas."Embora eu suponha que você não fez.

Você apenas teve que interromper, não foi? " Ele cruzou os braços."Rhys pode lidar com isso." - Parece que Rhys está - disse Mor, e Cassian seguiu seu olhar em direção ao estrado, onde Eris estava ao lado dos tronos, falando com Rhys e Feyre. Sem Rhys ao menos piscar na direção deles, Cassian descobriu que Rhys o deixara entrar na conversa - ele estava dentro da mente de Rhys, vendo e ouvindo a conversa pelos olhos de Rhys.

Pela súbita imobilidade de Mor, ele sabia que ela havia sido trazida também.

"Tudo bem", Eris estava dizendo para Rhys, deslizando as mãos nos bolsos.

- Você me mostrou o que posso ter, Rhysand.

Estou intrigado o suficiente para perguntar o que você deseja em troca.

" Feyre deixou escapar os pensamentos de Rhys, O quê ?! Cassian queria repetir o mesmo, seu corpo inteiro se contraindo.

Mas Rhys não se moveu de onde estava sentado em seu trono."O que você quer dizer com isso?" A luxúria vidrou os olhos

de Eris.

Luxúria cobiçosa e calculista.

Cassian engoliu seu rosnado."Quero dizer que tudo o que você quiser, vou dar a você em troca dela.

Como minha noiva.

" Ele apontou com o queixo para a caixa com a adaga aos pés de Rhys."Eu prefiro tê-la do que isso." Ele dançou três danças com ela !, gritou Feyre.

Os lábios de Rhys pareciam estar lutando uma batalha perdida para não sorrir.

Cassian só conseguiu olhar para a garganta de Eris, ponderando se estrangulava-o ou cortava a pele.

Deixe-o sangrar no chão. "Essa não é minha decisão", Rhys disse calmamente para Eris."E parece tolice você me oferecer o que eu quiser em troca dela, de qualquer maneira." Sua mandíbula se apertou."Tenho meus motivos."Pelas sombras em seus olhos, Cassian sabia que algo mais estava por trás da oferta precipitada.

Algo que nem mesmo os espiões de Az perceberam na Corte Outonal.

Bastaria um empurrão do poder de Rhys em sua mente e eles saberiam, mas... ia contra tudo o que defendiam, pelo menos entre seus aliados.

Rhys exigia sua confiança; ele tinha que retribuir.

Cassian não poderia culpar seu irmão por isso. Eris acrescentou: "É um bônus, é claro, que, ao fazer isso, eu estaria retribuindo a Cassian por arruinar meu noivado com Morrigan." Idiota.

As mãos de Cassian se fecharam em punhos, mas os dedos de Mor pousaram em seu braço.

Gentil e reconfortante. Não podemos jogá-lo para as feras sob a cela e acabar com ele? Feyre fervia de raiva para Rhys. Mais uma vez, os lábios de Rhys se contraíram.

Tão sanguinário, Cassian ouviu seu Grão-Senhor sussurrar para sua companheira.

Mas Rhys disse: "Qualquer coisa que eu quiser, sejam exércitos da Corte do Outonal ou seu primogênito, você me concederia em troca de Nestha Archeron como sua esposa?" Cassian rosnou baixo em sua garganta.

Seu irmão estava deixando isso ir longe demais. Eris olhou feio.

- Não tanto quanto o primogênito, mas sim, Rhysand.

Você quer exércitos contra Briallyn e meu pai, você os terá." Seus lábios se curvaram para cima. "Eu não poderia deixar a irmã da minha esposa ir para a batalha sem ajuda, não é?" Você pode devolver todos os presentes do Solstício em troca de me deixar destruí-lo, disse Feyre.

Cassian fechou a boca para evitar gritar seu acordo para eles. Mas Rhys, o bastardo, riu silenciosamente.

Seu rosto permaneceu frio quando ele disse: "Vou considerar e falar com Nestha.

Mas fique com a adaga.

Você pode precisar.

" Cassian olhou para Azriel e Nestha, ainda valsando lindamente. Não acendeu uma brasa de seu temperamento. Mas Eris... Ally ou não, ele se certificaria de que o idiota recebesse o que estava vindo para ele.

CAPÍTULO

58

Nestha havia estado aqui uma vez antes.

Um ano antes, na verdade. Uma casa diferente, em uma parte diferente desta cidade, mas ela ficou do lado de fora enquanto os outros celebravam o Solstício de Inverno dentro, e se sentia como um fantasma olhando pela janela. O gelo formava uma crosta no Sidra atrás da casa, o gramado inclinado até ele branco de inverno.

Mas guirlandas e coroas perenes decoravam a casa do rio - a epítome do calor alegre. "Pare de carrancudo", disse Cassian.

"É uma festa, não um funeral." Ela o encarou, mas ele abriu a porta da frente com uma confusão de música e risos. Ela não tinha dormido com ele depois do baile, ou desde então.

Ele parecia inclinado quando eles voltaram para a Casa do Vento, mas ela simplesmente disse que estava cansada e tinha ido para seu próprio quarto.

Porque assim que a música desapareceu e a dança parou, ela percebeu o quão estupidamente ela estava sorrindo para ele, o quão baixo aquelas paredes em sua mente haviam caído.

Eris tinha dançado com ela mais duas vezes depois de Azriel, e ele tinha tal intenção em seus olhos que ela sabia que tinha tecido seu feitiço em volta dele bem.

Ele deu um lance por ela, ela aprendeu com uma quantidade considerável de presunção. Nestha deixou para Rhysand e Feyre decidir como usar aquela oferta.

Em vez disso, ela se concentrou no treinamento.

Entregou-se a ele.

As sessões foram interrompidas durante o feriado, mas ela subiu ao ringue na manhã seguinte para praticar de qualquer maneira, socando a viga de madeira vigorosamente para trabalhar seus pensamentos estrondosos. Agora, ela seguiu Cassian para a casa do rio, onde ele imediatamente apontou para a sala da família, tirando sua capa com crosta de neve e largando-a em um banco no grande foyer no caminho.

Nestha franziu a testa para a neve pingando no material brocado e o pegou, ansiosa por qualquer coisa para fazer consigo mesma para evitar entrar naquele quarto.

Ela desamarrou sua própria capa, examinando o corredor em busca de um armário de casacos ou cabideiro, e encontrou o primeiro escondido sob o arco da escada.

Ela pendurou as duas roupas lá e deu um longo suspiro ao fechar a porta. "Você veio", disse Elain atrás dela, e Nestha começou, não tendo ouvido sua irmã se aproximar.

Ela examinou Elain da cabeça aos pés, se perguntando se ela estava tendo aulas de furtividade com Azriel ou com os dois meio-fantasmas que ela chamava de amigos.

O vestido preto desajeitado do baile se foi, substituído por um vestido de veludo ametista, o cabelo meio para cima e cacheado até a cintura.

Ela brilhava com boa saúde.

Exceto ... Seus olhos castanhos estavam cautelosos.

Normalmente, esse olhar era reservado para Lucien.

O homem estava definitivamente na sala da família, já que Nestha sabia que Feyre e Rhys o tinham convidado, mas para aquele olhar ser dirigido a ela ...

Eles não haviam falado sobre sua discussão nos poucos minutos que passaram juntos antes da procissão do baile, e então ela evitou Elain completamente até o evento terminar.

Ela não sabia o que diria.

Como consertar. Nestha pigarreou."Cassian disse que seria... bom se eu fosse."

Os olhos de Elain piscaram."Feyre te pagou, como no ano passado?" "Não." A vergonha passou por ela. Elain suspirou, olhando por cima do ombro de Nestha para a porta aberta do outro lado da entrada.

A festa interna, apenas para seu pequeno círculo interno.

"Por favor, não perturbe Feyre.

É o aniversário dela, em primeiro lugar.

E em seu estado— " "Oh, foda-se", Nestha retrucou, e então engasgou. Elain piscou.

Nestha piscou de volta, o horror passando por ela. E então Elain começou a rir.

Uivando, risos meio soluços que a enviaram curvando-se na cintura, ofegante.

Nestha apenas olhou, dividida entre perguntas e querendo se jogar na Sidra gelada."Eu-eu sinto muito-" Elain ergueu a mão, enxugando os olhos com a outra."Você nunca disse uma coisa dessas para mim!" Ela riu novamente.

"Acho que é um bom sinal, não é?" Nestha balançou a cabeça lentamente, sem entender.

Elain apenas ligou seu braço ao de Nestha e a conduziu em direção à sala de estar, onde Azriel estava parado na porta,

monitorando-os.

Como se ele tivesse ouvido a risada aguda de Elain e se perguntado o que a causou. "Eu estava apenas verificando a sobremesa", explicou Elain enquanto se aproximavam da porta e de Azriel.

Nestha encontrou o olhar do encantador de sombras e ele acenou com a cabeça.

Então seu olhar mudou para Elain, e embora fosse totalmente neutro, algo carregado passou por ele.

Entre eles.

A respiração de Elain prendeu um pouco, e ela deu a ele um aceno superficial de saudação antes de passar por ele, levando Nestha para a sala. Mor recostou-se em um sofá de veludo verde diante da lareira; Amren sentou no colo de Varian no sofá combinando em frente a ela, Feyre ao lado deles, uma mão em sua barriga.

Rhys se esparramou em uma poltrona, e Cassian ocupou uma segunda poltrona com Lucien encostado nela, discutindo com eles sobre algo que parecia relacionado a um evento esportivo. Nestha tentou convencer Emerie e Gwyn a se juntar a ela, mas ambos recusaram.

Emerie disse que era obrigada a visitar sua horrível família e Gwyn apenas disse que não estava pronta para deixar a biblioteca para ir além do ringue de treinamento.

Então, aqui estava Nestha, sozinha com o mesmo grupo com o qual ela lidou no ano passado. Quando eles a viram sentar-se carrancuda como uma criança na parte de trás da sala de estar da casa da cidade, em seguida, ir embora. Feyre sorriu para ela, brilhando com saúde e vida.

Mas o olhar de Nestha se fixou em Amren. A fêmea nem mesmo olhou em sua direção. Varian o fez, e lançou-lhe um olhar cauteloso que dizia o suficiente: Não, Amren não falaria com ela. Seu peito se apertou.

Mas Cassian acenou para ela.

Ele se levantou, oferecendo-o a ela, embora houvesse mais uma dúzia na sala.

“Sente-se”, disse ele. “Você quer um pouco de chá de hortelã-pimenta?” Ela sabia que todos a observavam, odiava que o fizessem e entendia o porquê também.

Mas ela acenou com a cabeça para Cassian e sentou-se, dizendo a Feyre: “Feliz aniversário.” Feyre sorriu novamente. “Obrigado.” E foi isso.

Nestha ignorou a sensação coletiva de alívio que preencheu a sala e girou, encontrando-se olhando para Lucien, que a cumprimentou com um gesto cauteloso de queixo.

Elain, a desgraçada, sentou-se entre Feyre e Varian, o mais longe possível de Lucien.

Azriel permaneceu na porta.

“How’s the Spring Court?” Nestha perguntou.

O fogo crepitava alegremente à sua direita, e ela deixou o som passar por ela.

Reconheceu o crack e o que ele fez com ela, e o liberou.

Mesmo enquanto ela se concentrava no homem a quem ela se dirigiu. A mandíbula de Lucien apertou. “Como você esperava.” A tensão percorreu a sala, a confirmação de que Tamlin tinha ouvido a notícia da gravidez de Feyre.

Pelo rosto sombrio de Lucien, ela sabia que ele não tinha reagido bem.

Nestha disse: "E Jurian e Vassa?" "Na garganta um do outro, como eles gostam de ser", disse ele, um pouco bruscamente.

Ela se perguntou do que se tratava - e pela vida dela não conseguia ler.

Lucien perguntou, bebendo seu chá, "Como está o treinamento?" Ela deu a ele um sorriso - um sorriso verdadeiro."Bom.

Estamos aprendendo a estripar um homem." Lucien engasgou com a bebida, quase vomitando em sua cabeça.

Cassian apareceu com uma xícara de chá fumegante nas mãos e a passou para ela antes de declarar orgulhosamente a Lucien: "Como você esperava, Nes é excelente nisso." Mor ergueu a taça zombando de um brinde.

"Minha parte favorita do treinamento." Nestha franziu a testa.

"Mas ainda não cortamos a fita." As sobrancelhas de Mor franziram.

"Então você realmente está aprendendo técnicas de Valquíria." Nestha assentiu.

Eles estavam tão ocupados durante as aulas de dança que os detalhes do treinamento não surgiram. Mor sorriu.

"Você se importa se eu começar a me juntar a você assim que este negócio com Vallahan acabar? Eu nunca tive a oportunidade de treinar com as Valquírias antes da primeira Guerra e, depois dela, todas elas se foram.

" "Acho que as sacerdotisas gostariam de ver você", disse Nestha, e olhou para Cassian para ter certeza de que ele não se importava.

Ele acenou com a mão. O sorriso de Mor ficou diabólico."Bom.

Eu também quero ter certeza de que Cassian realmente use seu presente para praticar.

"Deuses me poupem", Cassian gemeu, e o estômago de Nestha se retorceu.

Ela não comprou nada para eles - não comprou nada para eles.

Ela disse isso antes que ele a trouxesse para cá, e ele não se importou, mas... ela se importou. Ela embalou seu chá, e a conversa girou em torno dela.

Mas ela conseguiu esconder esse medo, pelo menos por agora.

Conseguiu participar. Azriel permaneceu perto da porta, silencioso o suficiente para que, quando Feyre e Mor começassem a falar sobre algumas de suas pinturas, Nestha fosse até ele. "Por que você não se senta?" Ela se encostou na porta ao lado do encantador de sombras. "Minhas sombras não gostam muito das chamas." Uma bela mentira.

Ela já tinha visto Azriel antes do incêndio.

Mas ela olhou para quem estava sentado perto dele e sabia a resposta. "Por que você veio se isso te atormenta tanto?" "Porque Rhys me quer aqui.

Ele iria machucá-lo se eu não viesse." "Bem, acho que feriados são estúpidos."

"Eu não." Ela arqueou uma sobrancelha.

Ele explicou: "Eles unem as pessoas.

E traga alegria para eles.

É um momento para fazer uma pausa, refletir e reunir, e isso nunca é ruim.

” As sombras escureceram seus olhos, cheios de dor o suficiente para que ela não pudesse evitar de tocar seu ombro.

Deixando-o ver que ela entendia por que ele estava parado na porta, por que ele não se aproximava do fogo. O segredo dele para contar, nunca o dela. O rosto de Azriel permaneceu neutro. Então Nestha deu-lhe um pequeno aceno de cabeça e voltou para a briga, sentando-se no braço enrolado do sofá mais próximo. Uma hora se passou antes que Mor começasse a reclamar sobre a abertura de presentes.

Rhys estalou os dedos e um monte deles apareceu. Cassian se preparou para qualquer presente horrível que Mor lhe dera - e olhou para Nestha.

Ele manteve o presente dela em seu bolso, guardando-o para dar a ela em particular mais tarde.

Ele fez o mesmo no ano passado, e a maldita coisa acabou no fundo do Sidra.

Provavelmente varrido para o mar. Ele passou meses rastreando o livro, tão pequeno que caberia nas mãos de uma boneca, mas tão precioso que lhe custou uma quantidade indecente de dinheiro.

Um manuscrito em miniatura iluminado, feito pelas mãos habilidosas do menor dos Feérico menores - um dos primeiros livros impressos que existiram.

Não foi feito para ser lido, mas ele imaginou que alguém que adorava livros

tanto quanto Nestha saborearia este pedaço da história.

Mesmo que ela se ressentisse de todas as coisas Feérico.

Ele se arrependeu de jogá-lo no rio no momento em que ele desapareceu sob o gelo, mas... ele foi um tolo naquela noite. Este ano, ele rezou para que fosse diferente.

Parecia diferente. Nestha tinha estado melhor esta noite do que no ano passado.

Outra pessoa inteiramente.

Ela não ria livremente como Mor e Feyre, ou sorria docemente como Elain, mas ela falava e se envolvia, e às vezes sorria.

Ela viu tudo, ouviu tudo.

Até o fogo, que ela parecia ignorar.

Orgulho encheu seu peito com isso - e alívio.

Só aumentou quando ele percebeu que ela se importava o suficiente com a indiferença de Az para ir até ele para conversar. Apenas Amren a ignorou, e Nestha ignorou Amren.

A tensão entre eles era uma faixa viva de relâmpagos.

Mas ninguém disse nada, e eles pareciam contentes em fingir que o outro não existia. Ninguém ofereceu presentes para o bebê, já que era contra a tradição Feérico fazê-lo antes que um bebê nascesse, com medo de chamar de má sorte por contar suas bênçãos muito cedo.

Mas os presentes de aniversário de Feyre foram abundantes - talvez flagrantemente. Os presentes de Cassian eram a mistura estranha de sempre: um antigo manuscrito sobre a guerra de Rhys, um saco de charque de Azriel - eu literalmente não conseguia pensar em nada que você gostasse mais, Az havia dito quando Cassian ria - e um horrível feio suéter verde de Mor que fazia sua pele parecer ictérica.

Amren deu a ele um conjunto de especiarias para viagens - para que você não precise sofrer sempre que estiver na Ilíria - e Elain deu a ele uma caneca de cerâmica especialmente projetada com uma tampa que ele poderia usar para viajar, protegida contra quebrar, para guardar o chá aquecer por horas. Feyre deu a ele um quadro, que ele abriu em particular, e teve que lutar contra as lágrimas antes de escondê-lo atrás da cadeira.

Um retrato dele, Azriel e Rhys, de pé no topo de Ramiel após o Rito de Sangue.

Sangrentos, machucados e imundos, os rostos cheios de triunfo sombrio, as mãos unidas enquanto tocavam o monólito em seu topo.

Ela deve ter olhado na mente de Rhys em busca da imagem. Cassian beijou sua bochecha, seu escudo abaixado no momento, e murmurou seu agradecimento -

como se isso fosse cobri-lo.

Ele apreciaria a pintura pelo resto de sua vida. Ele e Lucien não trocaram presentes, embora o homem tivesse trazido um presente para Feyre e outro para sua companheira, que mal lhe agradeceu após abrir os brincos de pérola.

O coração de Cassian se apertou com a dor profunda no rosto de Lucien enquanto ele tentava esconder sua decepção e desejo.

Elain apenas se encolheu ainda mais em si mesma, nenhum traço daquela ousadia recém-descoberta para ser visto. Cassian podia sentir Nestha o observando, mas quando ele olhou, seu rosto estava ilegível.

Ninguém havia recebido presentes para ela, exceto Feyre e Elain, que juntos deram a ela um ano de crédito de compra de livros em sua livraria favorita na cidade.

Era limitado a cerca de trezentos livros, que eles pareciam pensar que seriam mais do que ela poderia ler em um ano.

O valor de quinhentos livros teria sido uma aposta mais segura, ele sabia. Mas então Azriel se aproximou dela.

Nestha piscou com o presente que o encantador de sombras colocou em seu

colo. "Eu não comprei nada para você", ela murmurou para Az, suas bochechas ficando rosadas. "Eu sei", disse ele, sorrindo. "Eu não me importo." Cassian tentou se concentrar no presente em suas mãos - o pente de prata e o conjunto de pincéis que ele comprou para Mor, com o nome dela gravado -, mas seu olhar se fixou nos dedos de Nestha quando ela abriu a pequena caixa.

Ela espiou o que havia dentro e depois olhou para Azriel confusa. "O que é isso?"

Azriel pegou a pequena varinha de prata dobrada dentro dela e a desenrolou.

Uma das extremidades continha um clipe e a outra uma pequena esfera de vidro.

"Você pode anexar isso a qualquer livro que estiver lendo, e a pequena bola de faelight brilhará.

Então você não precisa apertar os olhos quando estiver lendo à noite.

" Nestha tocou a bola de vidro, não maior que a unha do polegar, e uma faelight cintilou dentro, lançando um brilho fácil e brilhante em seu colo.

Ela bateu novamente e desligou.

E então ela se levantou de um salto e jogou os braços em volta de Azriel. A sala ficou em silêncio por um instante. Mas Azriel riu

e apertou-a suavemente.

Cassian sorriu ao ver - ao vê-los."Obrigado", disse Nestha, afastando-se rapidamente para se maravilhar com o dispositivo."É brilhante." Azriel corou e deu um passo para trás, as sombras girando. Nestha olhou para Cassian, e aquela luz estava mais uma vez em seus olhos.

O suficiente para que ele quase lhe desse seu presente naquele momento. Mas considerando como a tentativa do ano passado tinha sido, considerando que desde o baile ela ficou fora da cama dele... ele se conteve. No caso de ela quebrar seu coração novamente.Por volta da uma da manhã, os olhos de Nestha doíam de exaustão.

Os outros ainda estavam bebendo, mas como ela não tinha recebido nenhum vinho - ou queria, por falar nisso - ela não se juntou a eles em seus cantos e danças.

Embora ela tenha se servido de um terço do bolo de aniversário rosa ridiculamente grande de Feyre. Cassian dissera que eles ficariam aqui esta noite, pois estaria bêbado demais para levá-los de volta à Casa do Vento, e Mor e Azriel estariam bêbados demais para transportá-los, sem mencionar que ele ainda teria que conduza-os até o fim do caminho.

Rhys e Feyre provavelmente estariam se divertindo quando estivessem todos prontos para partir. A porta para a qual Feyre a havia indicado já estava aberta, faelights brilhando dentro do quarto opulento enfeitado com tons de branco, creme e bronzeado.

Velas tremeluziam em potes de vidro sobre a lareira de mármore.

As cortinas já estavam fechadas para a noite, faixas pesadas de veludo azul - o único toque de cor na sala, junto com algumas bugigangas azuis.

Era reconfortante e cheirava a jasmim, exatamente o tipo de quarto que ela teria projetado para si mesma se tivesse a chance. Ela teve a chance, ela percebeu.

Feyre perguntou e ela recusou.

Aparentemente, Feyre tinha feito isso sozinha, de alguma forma sabendo o que ela gostaria. Nestha se sentou na pequena penteadeira, olhando seu reflexo no silêncio. Sua porta se abriu com um rangido, e então Cassian estava lá, encostado na porta, olhando para ela no espelho. "Você não queria dizer boa noite?" Seu coração começou a tropeçar. "Eu estava cansado." "Você está cansado há algumas noites." Ele cruzou os braços. "O que está acontecendo?" "Nenhuma coisa." Ela se retorceu no banco almofadado da penteadeira. "Por que você não está lá embaixo?" "Você nunca perguntou sobre o seu presente." "Eu presumi que não estava recebendo um de você." Ele empurrou a moldura da porta e fechou a porta atrás de si.

Ele pegou todo o ar da sala apenas por estar ali. "Por que?" Ela encolheu os ombros. "Eu apenas fiz." Ele puxou uma pequena caixa de sua jaqueta e a colocou na cama entre eles. "Surpresa." Cassian engoliu em seco quando ela se aproximou, o único sinal de que isso significava algo para ele. As mãos de

Nestha ficaram suadas quando ela pegou a caixa, examinando-a.

Ela não o abriu ainda, no entanto.

"Lamento a forma como me comportei no último Solstício.

Por quão horrível eu era.

" Ele também deu um presente para ela.

E ela não se importou, ficou tão infeliz que queria machucá-lo por isso.

Para cuidar. "Eu sei", disse ele com voz rouca. "Eu te perdoei há muito tempo."

Ela ainda não conseguia olhar para ele, mesmo quando ele disse: "Abra." Suas mãos tremeram um pouco enquanto o fazia, encontrando uma bola de prata aninhada na caixa de veludo preto.

Era do tamanho de um ovo de galinha, redondo, exceto por uma área que havia sido achatada para que pudesse ser colocada sobre uma superfície e não rolar."O

que é isso?" "Toque no topo.

Basta um toque.

" Lançando um olhar perplexo para ele, ela o fez. A música explodiu na sala.

Nestha saltou para trás, uma mão em seu peito enquanto ele ria. Mas - música tocava no orbe prateado.

E não qualquer música, mas as valsas do baile da outra noite, pura e livre de qualquer tagarelice da multidão, como se ela estivesse sentada em um teatro para ouvi-las."Esta não é a orbe Veritas", ela conseguiu dizer enquanto a valsa saía da bola, tão clara e perfeita que seu sangue cantou novamente. "Não, é uma Symphonia, um dispositivo raro da corte de Helion.

Ele pode prender a música dentro de si e reproduzi-la para você.

Foi originalmente inventado para ajudar a compor música, mas nunca pegou, por algum motivo.

" Como você conseguiu fazer o barulho da multidão sair quando prendeu o som na outra noite?" ela se maravilhou. Suas bochechas manchadas de cor.

"Voltei no dia seguinte.

Pedi aos músicos da Hewn City para tocar tudo de novo para mim, além de alguns de seus favoritos.

” Ele acenou para a bola.

“E então eu fui a algumas de suas tavernas favoritas e encontrei aqueles músicos e os fiz tocar ...” Ele parou em sua cabeça baixa.

As lágrimas que ela não conseguia parar.

Ela não tentou lutar contra eles enquanto a música enchia a sala. Ele tinha feito tudo isso por ela.

Tinha encontrado uma maneira de ela ter música - sempre. "Nestha", ele respirou. Ela fechou os olhos contra a compreensão crescendo dentro dela como um maremoto.

Isso varreria tudo em seu caminho, uma vez que ela admitisse.

Consuma-a inteiramente.

O pensamento foi suficiente para ela se endireitar e enxugar as lágrimas. "Eu não posso aceitar isso." "Foi feito para você." Ele sorriu suavemente. Ela não suportou aquele sorriso, sua bondade e alegria, enquanto corrigia: "Não vou aceitar isso." Ela colocou o orbe de volta em sua caixa e entregou a ele. "Devolver." Seus olhos se fecharam. "É um presente, não a porra de uma aliança de casamento." Ela ficou rígida. "Não, vou contar com Eris para isso."

Ele ficou imóvel. "Diga isso de novo." Ela fez seu rosto ficar frio, o único escudo que tinha contra ele.

“Rhys diz que Eris me quer como sua noiva.

Ele fará tudo o que quisermos em troca da minha mão." Os Sifões no topo das

mãos de Cassian piscaram."Você não está pensando em dizer sim."Ela não disse nada.

Deixe-o acreditar no pior. Ele rosnou."Entendo.

Eu chego um pouco perto demais e você me empurra de novo.

Volte para onde é seguro.

Melhor casar com uma víbora como Eris do que estar comigo.

" "Eu não estou com você," ela retrucou."Estou te fodendo." "A única coisa adequada para um bruto bastardo, certo?" "Eu não disse isso." "Você não precisa.

Você já disse isso mil vezes antes." "Então por que você se preocupou em interromper o baile?" "Porque eu estava com ciúme pra caralho!" ele rugiu, asas abertas.

"Você parecia uma rainha, e era dolorosamente óbvio que você deveria estar com um príncipe como Eris e não com um humilde nada como eu! Porque eu não aguentava ver isso, até os meus malditos ossos! Mas vá em frente, Nestha.

Vá em frente e case-se com ele e boa sorte para você! " "Eris é o bruto", ela atirou de volta.

"Ele é um bruto e um pedaço de merda.

E eu me casaria com ele, porque sou igual a ele! " As palavras ecoaram pela sala. Seu rosto dolorido a destruiu."Eu mereço Eris." Sua voz falhou. Cassian ofegou, seus olhos ainda iluminados com fúria - e agora com choque. Nestha disse com voz rouca: - Você é bom, Cassian.

E você é corajoso, brilhante e gentil.

Eu poderia matar qualquer um que já fez você se sentir menos do que isso -

menos do que você é.

E eu sei que faço parte desse grupo e odeio isso.

” Seus olhos queimaram, mas ela lutou contra isso.

“Você é tudo o que eu nunca fui e nunca serei bom o suficiente.

Seus amigos sabem disso, e eu carreguei comigo todo esse tempo - que eu não mereço você.

” A fúria sumiu de seu rosto. Nestha não parou as lágrimas que fluíram, ou as palavras que saíram."Eu não te merecia antes da guerra, ou depois, e certamente não mereço agora." Ela soltou uma risada baixa e quebrada.

“Por que você acha que eu te empurrei? Por que você acha que eu não falaria com você? ” Ela colocou a mão no peito dolorido.

“Depois que meu pai morreu, depois que eu falhei de tantas maneiras - negando-me a você ...” Ela soluçou.

“Foi o meu castigo.

Você não entende isso? ” Ela mal conseguia vê-lo em meio às lágrimas.

“Desde o momento em que te conheci, eu te quis mais do que a razão.

Desde o momento em que te vi em minha casa, você era tudo em que eu conseguia pensar.

E isso me apavorou.

Ninguém jamais teve tanto poder sobre mim.

E ainda estou com medo de que se eu me permitir ter você... ele será levado embora.

Alguém o levará embora, e se você estiver morto... "Ela enterrou o rosto nas mãos." "Não importa", ela sussurrou. "Eu não mereço você e nunca, nunca vou merecer." O silêncio absoluto encheu a sala.

Tanto silêncio que ela se perguntou se ele tinha saído e abaixou as mãos para ver

se ele estava lá. Cassian estava diante dela.

Lágrimas escorrendo por seu rosto lindo e perfeito. Ela não se esquivou disso, deixando que ele a visse assim: seu eu mais cru, mais básico.

Ele sempre a tinha visto inteira, de qualquer maneira. Ele abriu a boca e tentou falar.

Tive que engolir e tentar novamente. Nestha viu todas as palavras em seus olhos, no entanto.

Os mesmos que ela conhecia estavam nos seus. Então ele parou de tentar falar e fechou a distância entre eles.

Deslizou a mão em seu cabelo, a outra passando por sua cintura e puxando-a contra ele.

Ele não disse nada enquanto abaixava a cabeça, a boca escovando as lágrimas escorrendo ao longo de uma de suas bochechas.

Depois o outro. Ela fechou os olhos, deixando-se saborear os lábios dele em sua pele quente demais, a forma como a respiração dele acariciava sua bochecha.

Cada beijo gentil ecoou aquelas palavras que ela viu em seus olhos. Cassian se afastou e permaneceu assim por tempo suficiente para que ela abrisse os olhos novamente para encontrar o rosto dele a centímetros do dela. "Você não vai se

casar com Eris", disse ele asperamente. "Não," ela respirou. Seus olhos brilharam.

"Não haverá mais ninguém.

Para qualquer um de nós.

"Sim", ela sussurrou. "Sempre," ele prometeu. Nestha colocou a mão em seu peito musculoso, deixando as batidas estrondosas do coração ecoarem em sua palma.

Deixe-o descer por seu braço, em seu próprio peito, seu próprio coração.

"Sempre," ela jurou. Era tudo que ele precisava.

Tudo que ela precisava. A boca de Cassian encontrou a dela, e o mundo deixou de existir. O beijo foi punitivo e exaltante, completo e frenético, uma reivindicação e uma submissão.

Ela não tinha palavras para isso.

Ela jogou os braços ao redor dele, pressionando o mais perto que podia, encontrando sua língua com cada golpe. Ele rosnou e a empurrou de volta para a cama, sua boca devorando, saboreando e dizendo tudo que ela ainda não conseguia expressar, mas um dia, talvez em breve, ela poderia.

Por ele, ela lutaria para encontrar a coragem de dizer isso. A parte de trás das pernas dela bateu no colchão, e ele interrompeu o beijo para cuidar de suas roupas. Ela esperava rasgar e rasgar.

Mas ele gentilmente removeu seu vestido, os dedos tremendo enquanto desabotoavam cada botão da parte de trás de seu vestido.

O dela tremeu quando ela tirou a camisa dele. Em seguida, eles ficaram nus e olhando um para o outro novamente com aquelas

palavras não ditas em seus olhos, e ela o deixou deitá-la na cama.

Deixe ele subir em cima dela. Não houve nada áspero ou selvagem no que se seguiu. Ela não queria a cabeça dele entre suas pernas.

Nem queria seus dedos.

Quando ele deslizou um para baixo no centro dela, ela o deixou sentir que estava pronta e então pegou sua mão, entrelaçando seus dedos enquanto o outro se enrolava em seu pênis e o guiava em sua direção. Ele cutucou sua entrada, e então parou.

Seus olhos encontraram os dela. E então Cassian a beijou profundamente enquanto deslizava para casa. Ela engasgou.

Não com a plenitude de tê-lo dentro dela - mas com aquela coisa em seu peito.

A coisa que trovejou e bateu descontroladamente quando ele olhou para ela novamente, deslizou quase até a ponta e empurrou de volta. Na segunda estocada, a coisa em seu peito - seu coração... Na segunda estocada, cedeu inteiramente a ele. No terceiro, ele a beijou novamente. Na quarta, Nestha entrelaçou os braços em volta da cabeça e do pescoço dele e o segurou ali enquanto o beijava, beijava e beijava. No quinto dia, as paredes daquela fortaleza interna de ferro antigo caíram.

Cassian se afastou, como se sentisse isso, e seus olhos brilharam quando encontraram os dela. Mas ele continuou se movendo dentro dela, fazendo amor com ela completamente, sem pressa.

Então Nestha deixou tudo o que estava além daquelas paredes de ferro desenrolar em sua direção.

Fio após fio de pura luz dourada fluiu para dentro dele, e ele a encontrou com a sua própria.

Onde esses fios se entrelaçavam, a vida brilhava como o fogo das estrelas, e ela nunca tinha visto nada mais bonito, sentiu nada mais lindo. Ela estava chorando, e ela não sabia por que - só que ela nunca queria que isso acabasse, essa ligação entre eles, a sensação dele se movendo tão profundamente nela que ela o queria impresso sob sua pele.

Suas lágrimas pingaram em seu rosto, e ela estendeu a mão para limpá-las.

Ele inclinou a cabeça em sua mão, acariciando sua palma. - Diga - sussurrou Cassian contra sua pele. Ela sabia o que ele queria dizer.

De alguma forma, ela sabia o que ele queria dizer. Nestha esperou até que ele empurrasse novamente, entrando tão profundamente nela como nunca antes, e sussurrou: "Você é meu." Ele gemeu, empurrando com força. Ela sussurrou: "E

eu sou sua." Aqueles fios de ouro entre suas próprias almas brilhavam com as palavras, como se formassem uma harpa tocada por uma mão celestial. Pois era música entre suas almas.

Sempre foi.

E sua voz era sua melodia favorita. "Nestha." Ela ouviu o apelo em seu nome.

Ele estava perto e queria que ela fosse com ele.

Queria cair em êxtase juntos.

Era importante para ele, por algum motivo, que para essa união, esse momento, eles fossem como um. Cassian baixou a cabeça para o seio dela, os dentes cerrados em torno de seu mamilo

enquanto sua língua batia contra ele. Era tudo que Nestha precisava para estimulá-la ao clímax.

Ela gemeu, e ele fez isso de novo, sincronizando sua língua com o impulso duro de seu pênis.

De novo de novo. Os fios dourados brilharam e cantaram, e ela não aguentou, a música entre suas almas, a sensação de seu corpo nela e nela, e - A liberação explodiu através dela, obliterando cada pedaço daquela parede interna, arrasando montanhas e florestas, limpando o mundo com luz e prazer, estrelas caindo do céu em uma chuva sem fim. Cassian rugiu ao gozar, e o som foi a convocação de uma caçada, uma sinfonia, uma única trompa tocando quando o amanhecer rompeu no mundo. Houve apenas esse momento, essa coisa compartilhada entre eles, e durou uma eternidade.

O tempo não importava.

O tempo sempre parou ao redor dele, ao redor deles. Ele se derramou e se derramou nela, por mais tempo do que nunca, como se tivesse se contido todas as vezes antes, como se tivesse deixado sua própria parede interna desabar. Para sempre, para sempre, para sempre. A palavra ecoou em cada respiração, cada batida de seus corações, tão em sincronia que pareciam bater como um só. Então o silêncio caiu, requintado e sereno, e Cassian permaneceu enterrado nela, olhando para ela com admiração e alegria em seu rosto. Nestha estendeu a mão para beijá-lo. Um beijo levou a outro e outro, e a fome aumentou como a maré dentro dela, entre eles.

E então Cassian estava se movendo dentro dela novamente, mais rápido e mais forte, e o tempo deixou de existir mais uma vez. Horas depois, dias e semanas e

meses e milênios depois, quando os dois finalmente estavam exaustos, quando suas almas se uniram inteiramente, Cassian saiu dela e desabou contra a cama.

Nestha mal conseguia se lembrar das palavras.

Mas ela os encontrou quando sussurrou na escuridão: "Fique comigo." Um arrepio percorreu seu corpo, mas ele apenas sorriu enquanto a colocava ao seu lado. E quente e segura e finalmente em casa nos braços de Cassian, Nestha dormiu.

CAPÍTULO

59

Nestha abriu os olhos. Ela sabia que estava calorosa e contente, embora demorasse um momento para se lembrar do motivo.

Para perceber que ela ainda estava nos braços de Cassian.

Ela se deleitou com isso.

Saboreou cada respiração que roçava sua têmpora, sentia a pressão de seus dedos ao longo de suas costas.

Uma calma caiu sobre ela, surpreendentemente semelhante ao que ela sentia quando fazia seu Mind-Stilling diário. Cassian acordou logo depois, dando a ela um sorriso sonolento e saciado.

Amoleceu em algo terno, e por longos minutos, eles ficaram ali, olhando um para o outro, Cassian preguiçosamente passando a mão nas costas dela.

As carícias logo se transformaram em toques mais fervorosos, e quando o amanhecer rompeu, eles se enredaram novamente, fazendo amor completa e sem pressa. Quando ela novamente deitou suando e ofegando ao lado dele, correndo um dedo pela ranhura de seu estômago musculoso, Nestha murmurou: "Bom dia." Os dedos de Cassian alisaram ociosamente seu cabelo. "Bom dia para você também." Ele olhou para a lareira - o pequeno relógio de madeira no centro, então se ergueu de repente. "Merda." Nestha franziu a testa. "Você tem um lugar

para estar?" Ele já estava vestindo as calças, vasculhando o chão em busca do resto de suas roupas.

Nestha silenciosamente apontou para o outro lado da cama, onde sua camisa estava sobre o vestido. "Guerra de bolas de neve.

Eu vou me atrasar." Nestha teve que descarregar cada palavra de sua declaração.

Mas ela só podia perguntar: "O quê?" "Tradição anual, com Rhys e Az.

Subimos para a cabana na montanha - lembre-me de levá-lo lá um dia - e... Bem, é uma longa história, mas temos feito isso praticamente todos os anos durante séculos, e não o faço há anos.

Se eu não ganhar este ano, nunca vou ouvir o fim dele.

" Tudo isso foi dito enquanto se enfiava em sua camisa, jaqueta de couro e botas.

Nestha apenas riu."Vocês três - os guerreiros mais temidos de toda a terra - têm uma luta anual de bolas de neve?" Cassian alcançou a porta, lançando-lhe um sorriso malicioso."Eu mencionei que vamos tomar um vapor no birchin anexado à cabana depois?" Por aquele sorriso perverso, ela sabia que ele queria dizer completamente nu.

Nestha se sentou, o cabelo deslizando sobre os seios.

Seus olhos baixaram, um músculo pulsando em seu pescoço.

Por um segundo, ela esperou que ele voltasse a atacá-la.

Na verdade, suas narinas dilataram-se, sentindo o cheiro da necessidade que fervia nela apenas com a visão de seu olhar vagando livremente sobre seu corpo, a forma como cada parte

dele ficou tensa. Mas Cassian engoliu em seco, o sorriso e a maldade sumindo enquanto ele limpava a garganta.

“Depois da luta, preciso fazer uma inspeção abrangente das legiões na Ilíria por alguns dias.

Voltarei depois disso.” Sem nem mesmo um beijo de despedida, ele desapareceu.

Três dias se passaram sem nenhuma palavra de Cassian.

Ele foi substituído no treinamento por Azriel com o rosto impassível, que estava mais indiferente do que o normal e nem mesmo sorria para ela.

Mas ele não se opôs quando ela trouxe seu Symphonia ao ringue todas as manhãs para alguma motivação extra durante o exercício.

As sacerdotisas ficaram maravilhadas com o presente, algumas delas dançando ao som da música, mas Nestha só foi capaz de pensar em quanto tempo e esforço Cassian havia investido nisso.

Como ele sabia o que tal presente significaria para ela. Seu corpo inteiro doía de necessidade, fazendo seus dentes ficarem tensos.

Três dias sem ele poderiam muito bem ser três meses.

Ela ficou desesperada o suficiente por ele que sua mão agora deslizou entre as pernas na banheira, na cama, mesmo durante o almoço em seu quarto.

Mas a liberação a deixou vazia, como se seu corpo soubesse que precisava dele, enchendo-a.

Ela perguntava a Azriel todos os dias quando ele voltaria, e Azriel apenas disse, Logo, antes de dar as aulas. Talvez ela tenha ficado louca.

Talvez fosse isso que aquela parede de ferro ao redor de sua mente tinha sido - a única coisa que mantinha sua sanidade sob controle.

Certamente não era normal pensar tanto em uma pessoa, precisar tanto dela. Era essa preocupação que a perseguia enquanto terminavam as aulas, ofegando e suando apesar da manhã gelada graças aos sprints da Valquíria que estavam praticando: dez segundos em uma corrida completa, trinta segundos em trote, outros dez segundos em corrida... Por quinze minutos direto.

Assim que pudessem passar por isso, eles adicionariam seus escudos.

Então espadas.

Tudo isso projetado para construir sua resistência e se concentrar em controlar sua respiração entre rajadas de ataque e retirada.

Tudo isso era uma completa insanidade que não conseguia entorpecer o limite da preocupação de Nestha quando ela perguntou a Emerie e Gwyn: "Vocês querem ficar na casa comigo esta noite?" Ela apontou para o arco. "Tem uma leitura ou algo assim?" Gwyn piscou, considerando.

Ela não havia colocado os pés fora da biblioteca, exceto para vir às aulas ou para usar o anel de prática para cortar aquela fita.

Mas ela disse: "Vou perguntar a Clotho." Emerie sorriu para Nestha, como se soubesse por que ela precisava de companhia. "Certo." Naquela noite, Nestha e Emerie leram em um silêncio sociável na biblioteca particular, esperando por Gwyn.

Emerie estava esparramada na poltrona, as pernas balançando sobre um braço, as costas contra o outro.

Sem tirar os olhos do livro em seu colo, ela disse: "Cassian deve ser muito bom em sexo, se você está tão amarrado enquanto ele está fora." Nestha pigarreou, dissipando as memórias de sua boca, seu corpo forte, a forma como seu cabelo preto sedoso caía em cada lado de seu rosto enquanto ele se deitava sobre ela, balançando enquanto ele batia nela."Ele está ..." Ela fez um ruído baixo com a garganta. "Eu percebi", disse Emerie, rindo."Ele tem o Walk." "A caminhada?"

Emerie sorriu afetadamente."Você sabe, quando um homem sabe como usar seu pênis bem e se pavoneia com aquela arrogância que basicamente declara isso para todos." Nestha revirou os olhos.

"Espero que ele saiba como usá-lo bem depois de estar vivo por quinhentos anos." Ela bufou.

"Embora eu tenha conhecido muitos que provaram que estavam errados."

Emerie arqueou uma sobrancelha para ela continuar, mas uma batida soou na porta da biblioteca.

A cabeça de Gwyn apareceu e ela examinou a sala antes de entrar.

Ela carregava uma pequena bolsa, provavelmente do que ela precisaria para a noite.

Nestha já havia pedido à Casa que preparasse um quarto para todos os três compartilharem, e ela entrou na biblioteca particular para encontrá-lo transformado: pela janela contra a parede oposta, uma mesa de trabalho e cadeiras foram trocadas por três berços, cada um carregado com cobertores e travesseiros. Gwyn sorriu, embora seu pulso batesse descontroladamente contra a coluna de sua garganta."Desculpe estou atrasado.

Merrill me fez repassar um parágrafo com ela dez vezes.

” Gwyn suspirou.

“Por favor, diga-me que todo o chocolate é para nós.” A Casa havia abastecido a mesa entre as poltronas com pilhas de chocolate: trufas e confeitos e barras.

Junto com biscoitos e bolinhos de dedo.

E uma travessa de queijos e frutas.

E jarras de água e vários sucos. Gwyn examinou a mesa. "Você teve todo esse trabalho?" "Oh, não", disse Emerie, os olhos brilhando. "Nestha está escondendo de nós." Nestha zombou, mas Emerie disse: "A Casa vai te dar o que você quiser.

Basta dizer em voz alta.

” Com as sobrancelhas levantadas de Gwyn, Emerie disse: "Eu gostaria de uma fatia de bolo de pistache, por favor." Um prato cheio de um apareceu diante dela.

Bem como uma tigela de chantilly com cobertura de framboesas. Gwyn piscou. "Você mora em uma casa mágica." "Gosta de ler", admitiu Nestha, dando um tapinha em uma pilha de romances. "Nós nos unimos por causa disso." Gwyn sussurrou para a sala: "Qual é o seu livro favorito?" Um bateu na mesa ao lado do bolo de Emerie e Gwyn gritou de surpresa.

Mas então esfregou as mãos. "Oh, isso é maravilhoso." "Esse sorriso significa problemas", disse Emerie. O sorriso de Gwyn apenas aumentou. Duas horas

depois, Nestha se viu totalmente vestida em uma banheira no meio da biblioteca particular, toda a coisa cheia de bolhas.

Sem água, apenas bolhas.

Em banheiras iguais de cada lado dela, Emerie e Gwyn estavam rindo. "Isso é ridículo", disse Nestha, enquanto sua boca se

curvava para cima. Cada um de seus pedidos tinha se tornado cada vez mais absurdo, e Nestha poderia ter se sentido como se estivessem explorando a Casa se não fosse tão... exuberante em responder aos seus comandos.

Adicionando floreios criativos. Como o fato de que cada bolha continha um pequeno pássaro voando por dentro. Fogos de artifício silenciosos ainda explodiram no canto mais distante da sala, e um pégaso em miniatura - pedido de Nestha, feito apenas quando seus amigos a instigaram a enviar um - se alimentou em um pequeno pedaço de grama perto da prateleira, contente em ignorá-los.

Um bolo mais alto do que Cassian estava no centro da sala, iluminado por mil velas.

Seis sapos dançavam em círculos ao redor de um cogumelo venenoso com manchas vermelhas e brancas, as valsas fornecidas pela Sinfonia de Nestha.

Emerie usava uma coroa de diamante e seis fios de pérolas.

Gwyn usava um chapéu de aba larga adequado para qualquer senhora elegante, empoleirado em um ângulo libertino em sua cabeça.

Uma sombrinha de renda estava apoiada em seu outro ombro, e ela girou distraidamente enquanto examinava as janelas, o mundo além, e disse em voz baixa: "Às vezes me pergunto se algum dia terei coragem de voltar lá.

Eu temo todos os dias que não vou.

" O sorriso de Nestha sumiu.

Ela considerou suas palavras antes de dizer: "Eu sinto o mesmo." Porque essa existência, morar na Casa, treinar, trabalhar na biblioteca... Não era vida real.

Não inteiramente.

Quando ela pudesse voltar para a cidade propriamente dita, ela enfrentaria a vida novamente.

Veja se ela era digna disso.

O pensamento fez seu estômago torcer. Dissipando a escuridão, Gwyn saltou para fora de sua banheira, bolhas espirrando, e acolchoado para sua bolsa. "Agora, vocês dois não se atrevam a rir de mim, mas eu trouxe algo para nós fazermos.

Eu não sabia que teríamos uma casa mágica para nos manter ocupados." Ela puxou um pacote de vários fios coloridos.

"Minha irmã e eu costumávamos trançar pulseiras e colocar esses amuletos nelas cheios de desejos um para o outro." Ela ergueu um saco, jogando algumas moedas de prata na palma da mão.

Eles não eram maiores do que a unha do dedo mínimo e eram finos como uma bolacha.

Sua voz ficou suave.

"Acreditamos que o desejo se tornaria realidade assim que a pulseira caísse."

Emerie perguntou gentilmente: "Qual era o nome dela?" "Catrin." A voz de Gwyn continha tanta dor e saudade.

"Éramos gêmeos fraternos.

Seu cabelo era escuro como ônix, sua pele pálida como a lua.

E ela estava tão temperamental quanto o mar.

" Ela riu baixinho.

“Apesar dos defeitos dela - e dos meus - nós nos amávamos ternamente.

Éramos tudo que o outro tinha enquanto cresciam.

Ela era a única em quem eu realmente podia confiar.

Sinto falta dela todos os dias.” Nestha não conseguia parar de pensar em Feyre.

Gwyn disse: “Eu gostaria de ter apenas mais um momento com ela.

Apenas um, para dizer a ela que a amo e dizer adeus.

” Ela enxugou os olhos, levantando a cabeça.

Olhou bem para Nestha.

“É o que realmente importa no final, você sabe.

Não nossas brigas mesquinhas ou diferenças.

Esqueci tudo isso no momento em que ela...”Gwyn balançou a cabeça.

“É tudo o que importa.” Nestha assentiu lentamente.

Talvez não fossem apenas ela e Feyre, então.

Talvez todas as irmãs tivessem dificuldades, brigas, abismos entre elas.

Ela não era perfeita, mas... nem Feyre.

Ambos cometeram erros.

E ambos tinham uma vida longa, longa pela frente.

O que aconteceu no passado não precisava ditar o futuro. Então Nestha assentiu novamente, permitindo que Gwyn visse seu entendimento. "É tudo o que importa", concordou Nestha. Gwyn sorriu e então se endireitou, limpando a garganta. "Consegui rastrear o fio e os encantos antes do Solstício, pensando que os faria para você como pequenos presentes, mas eles demoraram mais para chegar do que pensei que levariam.

Então, imaginei que poderíamos fazer as pulseiras esta noite.

" Ela cuidadosamente colocou os materiais sobre a mesa mais próxima. Nestha e Emerie levantaram-se para examinar a variedade de fios: todas as cores e matizes, tudo cuidadosamente embrulhado. "Mostre-me como fazer", disse Emerie suavemente.

Nestha se perguntou se as palavras de Gwyn ressoaram com ela também - que dor e esperança Emerie poderia estar segurando dentro dela. Mas Gwyn sorriu, começando sua demonstração selecionando três cores que ela achava que combinavam com o espírito de Emerie, ela afirmou.

Verde, roxo e dourado.

Nestha se absteve de rir e selecionou cores para Gwyn: azul, branco e verde-azulado.

Emerie, por sua vez, selecionou as cores de Nestha: azul marinho, carmesim e prata.

Nestha e Emerie zelosamente tentaram copiar os passos "fáceis" de Gwyn: dobrando o fio, dando um nó, cortando os pedaços de laçada e prendendo a parte superior da pulseira sob um livro pesado enquanto separavam cada comprimento por cor.

E então começou um processo de looping e puxar, para frente e para trás.

Os nós de Emerie eram perfeitos.

Nestha ... "Sua pulseira vai ser uma monstruosidade, Gwyn." Nestha fez uma careta para a bagunça instável e amontoadada que era suas primeiras dez fileiras.

"Continue", disse Gwyn, léguas à frente em sua própria pulseira e começando a adicionar padrões bonitos nas linhas.

“Os nós ficarão mais bonitos com a prática.

Apenas me diga quando você tiver chegado à metade do caminho e então adicionaremos o charme.

” Eles trabalharam em uma companhia repleta de música, conversas inúteis

saltando entre eles, Emerie e Gwyn ocasionalmente rindo do péssimo trabalho de Nestha."Agora", disse Gwyn quando eles estavam na metade, "fazemos desejos um para o outro." Ela pegou uma das minúsculas moedas."Vou apenas segurar isso na minha mão, pensar em algo para Emerie e ..." "Espere", disse Nestha, pegando a mão de Gwyn antes que ela pudesse tocar o amuleto."Deixe-me."

Suas amigas a olharam com curiosidade e Nestha engoliu em seco.

“Deixe-me fazer um desejo para todos nós,” ela explicou, reunindo os três feitiços.

Um pequeno presente - para as amigas que se tornaram irmãs. Uma família escolhida.

Como aquele que Feyre havia encontrado para si mesma. Nestha apertou os amuletos na palma da mão, fechando os olhos, e disse: “Desejo que tenhamos coragem de sair para o

mundo quando estivermos prontos, mas que sempre possamos encontrar o caminho de volta um para o outro.

Não importa o que." Gwyn e Emerie aplaudiram isso.

E quando Nestha abriu os olhos, a palma da mão se desenrolando, ela poderia jurar que as moedas brilhavam fracamente.

CAPÍTULO

60

Cassian tinha partido há cinco dias.

Cinco dias, para inspecionar cada uma das legiões illyrianas e lembrar como se comportar como um macho normal e são, em vez de um cachorrinho apaixonado.

Mas de alguma forma, quando ele voltou, uma mudança ocorreu. Não apenas a mudança que alterou o mundo que aconteceu no Solstício de Inverno entre ele e Nestha.

Mas uma mudança entre Nestha, Emerie e Gwyn. Ele emergiu na fria manhã para encontrar os três já no ringue de treino.

Eles ficaram em volta da viga, a fita flutuando graciosamente no vento gelado.

Gwyn segurou uma lâmina na mão, e Emerie e Nestha ficaram a poucos metros de distância.

Todos os três usavam pulseiras trançadas e coloridas com pingentes de prata pendurados. Cassian permaneceu na porta enquanto Nestha murmurava para Gwyn: "Você consegue." Azriel surgiu ao lado dele, silencioso como as sombras que envolviam suas asas. Gwyn olhou para a fita como um inimigo em um campo de batalha.

Ele ondulou com o vento, dançando para longe, seus movimentos imprevisíveis como qualquer inimigo. "Faça isso pelo pégaso em miniatura", disse Emerie.

Cassian não tinha ideia do que isso significava, mas os lábios de Gwyn se curvaram para cima. Nestha riu. O som poderia muito bem ter sido um golpe de raio em sua cabeça pelo quanto isso o abalou, aquela risada.

Livre e leve e tão diferente de tudo que ele já tinha ouvido falar dela que até Azriel piscou.

Uma verdadeira risada.

"O pégaso em miniatura", disse Nestha, "era uma ilusão.

E agora está de volta em seu campo de faz-de-conta.

"Ele amava Gwyn mais", brincou Emerie. "Apesar de seus esforços para cortear-lo." Eles ficaram em silêncio novamente quando Gwyn mudou seus pés, angulando a lâmina.

O vento balançou a fita novamente, como se a provocasse. Cassian olhou para Az, mas sua atenção estava fixa na jovem sacerdotisa, admiração e encorajamento silencioso brilhando em seu rosto. Gwyn sussurrou: "Eu sou a rocha contra a qual as ondas quebram".

Nestha endireitou-se ao ouvir as palavras, como se fossem uma prece e uma convocação.

Gwyn ergueu a lâmina. "Nada pode me quebrar." A garganta de Cassian se apertou e, mesmo do outro lado do ringue, ele podia ver os olhos de Nestha brilhando de orgulho e dor. Emerie disse: "Nada pode nos quebrar". O mundo pareceu parar com as palavras.

Como se tivesse seguido um caminho e agora se ramificasse em outra direção.

Em cem anos, mil, este momento ainda estaria gravado em sua mente.

Que ele contaria a seus filhos, netos, ali mesmo.

Foi quando tudo mudou. Azriel ficou totalmente imóvel, como se ele também tivesse sentido a mudança.

Como se ele também estivesse ciente de que forças muito maiores perscrutavam aquele anel de treinamento enquanto Gwyn se movia. Liso como a Sidra, rápido como o vento das montanhas da Ilíria, todo o seu corpo trabalhando em harmonia cantante, Gwyn se lançou em direção à fita, girou e, enquanto girava, seu braço se abriu, executando um corte perfeito com as costas da mão que cortou a manhã de inverno em si. Metade da fita caiu na pedra vermelha. Um corte preciso e perfeito.

Nenhum fio desfiado ondulou com o vento quando a fita cortada pendurada na viga balançou. Nestha se abaixou, pegou a metade caída da fita e amarrou-a solenemente ao redor da testa de Gwyn.

Uma versão improvisada do que as sacerdotisas usavam no topo de suas cabeças com suas pedras.

Mas Cassian nunca tinha visto Gwyn exibir sua Pedra de Invocação. Gwyn ergueu dedos trêmulos até a sobrancelha, tocando a fita com a qual Nestha a coroou. A voz de Nestha estava grossa quando ela declarou: "Valquíria." Tornou-se o ritual: cortar aquela fita, ser coroado com sua metade decepada e a Valquíria ungida. Gwyn foi o primeiro.

Emerie o segundo.

Ao final do treinamento daquela manhã, Nestha se tornou o terceiro. Tornou o enfrentamento de Cassian apenas um pouco mais fácil.

Mesmo que a necessidade dentro dela só tivesse piorado, arranhando a parte inferior de sua pele, implorando para sair.

Para chegar até ele. Cada vez que ela encontrava seu olhar, ou ficava a poucos metros dele, rugia para ela tirar a roupa e se oferecer a ele.

Ela se concentrou na fita branca em torno de sua testa, focada no que os três haviam realizado. A aula terminou, e ela poderia ter arrastado Cassian para seu

quarto se ele não tivesse simplesmente subido para o céu e ido embora.

Ele não voltou até a manhã seguinte. Ele a estava evitando. Mas na manhã seguinte, ela entendeu por que - ou pelo menos ele teve uma razão para seu ato de desaparecimento. O anel de treinamento foi transformado novamente. Uma pista de obstáculos estava ao redor, enrolada como uma cobra.

Nestha foi uma das últimas a chegar e se juntou à multidão de mulheres que permanecia perto da porta, murmurando sobre isso enquanto Cassian e Azriel se viravam para todos eles.

Cassian disse: “As valquírias eram guerreiras destemidas e brilhantes por conta própria.

Mas sua verdadeira força veio de ser uma unidade altamente treinada.

” Ele apontou para a pista de obstáculos.

“Sozinhos, nenhum de vocês será capaz de passar por esse curso.

Juntos, vocês podem encontrar uma maneira ". Emerie bufou. Cassian nivelou um sorriso para ela.

"Parece simples, não é?" Emerie teve o bom senso de parecer nervosa. Azriel bateu palmas e todas as mulheres se endireitaram.

"Você trabalhará em grupos de três." Gwyn perguntou a Az, seus olhos azul-petróleo brilhantes: "O que ganhamos se terminarmos o curso?" As sombras de Az dançaram ao redor dele.

"Já que não há nenhuma chance no inferno de qualquer um de vocês terminar o curso, não nos preocupamos em receber um prêmio." Boos soou.

Gwyn ergueu o queixo em desafio.

"Estamos ansiosos para provar que você está errado." Provar que Azriel e Cassian estavam errados demoraria um pouco, parecia. Gwyn, Emerie e Nestha chegaram mais longe em três horas: uma grande, impressionante na metade do

caminho. Roslin, Deirdre e Ananke chegaram ao obstáculo atrás deles antes que o tempo acabasse, e o cabelo dourado de Ananke estava emaranhado com o sangue do golpe que ela levou na cabeça por uma coisa de madeira giratória e com muitos braços. "Monstros sádicos," Gwyn sibilou enquanto os três amigos mancavam em direção à estação de água, a derrota pesada em seus ombros. -

Tentamos de novo amanhã - jurou Emerie, exibindo um olho roxo graças ao tronco balançando que a derrubou antes que Nestha pudesse agarrá-la. "Continuamos tentando até tirar esse olhar presunçoso de seus rostos perfeitos estúpidos." Na verdade, Azriel e Cassian acabaram de se encostar na parede, os braços cruzados, e sorriram para eles o tempo todo. Gwyn lançou a Azriel um olhar fulminante enquanto ela passava por ele.

“Vejo você amanhã, Encantador de Sombras,” ela jogou por cima do ombro. Az ficou olhando para ela, as sobancelhas altas com diversão.

Quando ele se virou, Nestha sorriu.

“Você não tem ideia do que acabou de começar”, disse ela.

Az inclinou a cabeça, os olhos castanhos se estreitando quando Gwyn alcançou o arco. "Lembra como Gwyn estava com a fita?" Nestha piscou e deu um tapinha no ombro do encantador de sombras. "Você é a nova fita, Az." A pista de obstáculos permaneceu impossível. Os bastardos mudavam todas as noites.

Cada nova manhã era um desafio diferente e mais difícil.

Mas um que tinha um padrão geral: geralmente começava com algum tipo de trabalho de pés, seja dando uma corrida rápida de degraus do joelho ao peito através de uma escada no chão ou se equilibrando em uma viga suspensa.

Depois vieram os testes mentais - quebra-cabeças que exigiam que eles pensassem juntos e depois dependessem uns dos outros para superar.

E quando eles estavam completamente exaustos, as façanhas de força vieram. Os três chegaram ao terceiro estágio apenas uma vez nas duas semanas seguintes.

Roslin, Ananke e Deirdre estavam em seus calcanhares, impulsionando Gwyn a empurrar seu grupo com mais força.

Ela queria ser a primeira.

Queria que Nestha, Emerie e ela fossem as responsáveis por limpar os sorrisos dos rostos de Azriel e Cassian.

Especialmente de Azriel. Não importava que, após o primeiro dia, eles tivessem apenas uma hora para terminar o curso.

As outras duas horas foram passadas em grupo, trabalhando no treinamento militar: marchando em formação (mais difícil e mais estúpido do que parecia), lutando lado a lado (mais perigoso do que parecia) e aprendendo a se mover, pensar, respirar como um unidade. Mas eles continuaram assim.

Marcharam em falanges de Valquíria.

Lutaram juntos, com Cassian e Azriel enfrentando seus oponentes.

Aprenderam a manter seus escudos no lugar contra o ataque dos Sifões dos Illyrianos, suas formas masculinas imponentes.

Cada pedaço do treinamento de resistência das Valquírias valeu a pena: cada agachamento ou estocada infernal agora lhes permitia segurar seus escudos com pouco esforço.

Para se manter firme contra um ataque inimigo. Eles se exercitavam como um só, em linhas precisas, enquanto faziam seus cachos abdominais no mesmo ritmo.

Fizemos flexões juntos.

Se um desabasse, todos teriam que começar tudo de novo. Mas eles continuaram.

Através de suor, respiração e sangue, eles se forjaram juntos. E às vezes, quando os serviços noturnos terminavam, os três se reuniam na biblioteca para ler sobre estratégia militar.

Sobre a tradição da Valquíria.

Sobre as técnicas dos antigos. Mais sacerdotisas cortaram a fita - Roslin.

Deirdre.

Ananke.

Ilana.

Lorelei. Tudo que Azriel e Cassian jogaram neles, eles pegaram e jogaram de volta. E todas as noites, Nestha corria as escadas da casa.

Cada vez mais longe e mais longe.

Ela não tinha sido capaz de chegar ao fundo novamente desde aquela luta com Amren, mas ela continuou tentando. As memórias e palavras não a enviam mais depressa.

Agora ela era movida por um propósito puro e implacável. Nestha, Gwyn e Emerie derrotaram a pista de obstáculos dois meses depois de ter sido trazida.

Claro, foi em um dia em que todas as sacerdotisas foram convocadas por Clotho para alguma cerimônia especial, então não havia ninguém para testemunhar isso além de Cassian e Azriel.

Aparentemente, apenas Gwyn foi dispensado da cerimônia. E quando Gwyn alcançou a linha de chegada, ensanguentada, ofegante e sorrindo tão selvagememente que seus olhos azul-petróleo brilhavam como um mar iluminado pelo sol, ela apenas estendeu a mão surrada para Azriel. "Nós vamos?" "Você já tem seu prêmio", disse Azriel simplesmente.

"Você acabou de passar no Qualificador do Rito de Sangue.

Parabéns." Gwyn ficou boquiaberto.

Nestha e Emerie pararam.

Mas Gwyn disse a ele: "Foi por isso que você os convidou?" Nestha não tinha ideia do que a sacerdotisa estava falando, mas seguiu seu olhar para cima, para a

borda do poço, onde um Lorde Devlon com rosto de pedra e outro homem espiaram, carrancudos. Sem dúvida, esse era o motivo pelo qual as outras sacerdotisas estavam ocupadas hoje. Cassian murmurou para Nestha: "Tive a sensação de que hoje poderia ser o dia." Devlon parecia prestes a explodir, seu rosto roxo de raiva, mas ele olhou para Cassian e acenou com a cabeça tensamente. "Você disse às sacerdotisas para não virem?" Nestha perguntou a Cassian e Azriel. "Informamos Clotho que podemos ter alguns observadores hoje", respondeu Azriel, os olhos cheios de gelo e morte enquanto olhava para Devlon.

O homem desviou o olhar do encantador de sombras antes de grunhir para seu companheiro e voar para o leste em direção a Illyria.

Azriel continuou, observando-os desaparecer: "Clotho explicou isso aos outros -

e eles escolheram encontrar outras maneiras de cumprir seu dia". Nestha perguntou a Gwyn: "Mas parecia que você não sabia o que estávamos fazendo."

"Cassian e Azriel me avisaram que seríamos vigiados por homens hoje, mas não especificaram o porquê.

Eu não tinha ideia que era o Qualificador do Rito de Sangue.

" Seus olhos brilharam acima da sujeira manchada em seu rosto. Emerie empalideceu, no entanto.

Ela perguntou a Cassian: "Não estamos entrando no Rito de Sangue, estamos?"

"Só se você quiser", Cassian garantiu a ela.

Só ela, de todas as mulheres aqui, entenderia os verdadeiros horrores do Rito de Sangue, Nestha sabia.

“Mas queríamos que Devlon - e quem quer que ele diga - entendesse que você é tão talentoso quanto qualquer unidade da Ilíria.

Essa era a única maneira de eles conseguirem.

Ser uma Valquíria não significa nada para eles, e você certamente não precisa da aprovação deles, mas... ”Ele olhou para Emerie novamente.

“Eu queria que eles soubessem.

O que você conquistou.

Que embora as valquírias não tenham algo semelhante ao Rito de Sangue, você é tão treinado quanto qualquer guerreiro na Ilíria.” “Os cursos?” Gwyn perguntou.

“Rotas diferentes”, disse Azriel, “de vários Qualificadores ao longo dos séculos.”

Cassian sorriu. “Sem participar do Rito de Sangue, vocês estão agora o mais perto de serem guerreiros illyrianos que podem ser.” O silêncio caiu.

Então Nestha disse, limpando o sangue do canto da boca machucada: “Prefiro ser uma Valquíria.” As mulheres murmuraram seu acordo. Cassian riu. “Deuses nos ajudem.”

CAPÍTULO

61

Um teste permaneceu. Nenhum Cassian deu a ela, ou qualquer decreto de Illyrianos ou Valquírias, mas um que ela estabeleceu para si mesma. Nestha percebeu que hoje era tão bom quanto qualquer outro para se esforçar nas últimas centenas de passos. Ela desceu e desceu. Voltas e voltas e voltas. Eles cortaram a fita das Valquírias e passaram no Qualificatório do Rito de Sangue.

Mas eles continuariam treinando.

Restava tanto a aprender, tanto que ela ansiava por aprender com todos eles.

Com seus amigos. Com Cassian. Eles alternaram quartos, dormindo onde quer que fosse mais próximo de fazer amor.

Ou porra.

Havia uma diferença, ela percebeu.

O amor geralmente acontecia tarde da noite ou na primeira hora da manhã, quando ele era preguiçoso, meticuloso e sorridente.

A trepada geralmente acontecia na hora do almoço ou em horários aleatórios, contra uma parede ou inclinada sobre uma mesa ou escarranchada em seu colo, empalando-se nele repetidas vezes.

Às vezes, começava como foder e se tornava a coisa tenra e intensa que ela chamava de fazer amor.

Às vezes, fazer amor se dissolvia em foda frenética.

Ela nunca poderia dizer o que aconteceria, o que era parte da razão pela qual ela nunca conseguia o suficiente. Ela passou cem degraus.

Duzentos.

Mil. Sua cabeça estava clara.

Queimava com propósito, com direção e foco.

Ela acordava todas as manhãs feliz por estar ali, para se lançar contra o mundo e ver o que ele fazia.

Ela tinha música todas as noites nos cultos noturnos, onde ela havia aprendido a maioria das canções e cantado com as sacerdotisas, deixando sua voz soar ao lado de Gwyn.

Ela tinha música da Sinfonia de Cassian, que tocava sempre que podia. E ela tinha música em seu coração.

Uma música composta pela voz de Cassian, pelas risadas de Gwyn e Emerie, de sua própria respiração enquanto ela descia e descia e descia as escadas. Dois mil.

Três mil. Os pés de Nestha voaram, seus passos firmes, mesmo enquanto seus músculos queimavam. Ela lutou contra isso.

Cerrou os dentes em um sorriso selvagem. Ela se entregou ao ardor, à exaustão e à dor.

Ela não os deixou consumi-la, mas permitiu que a lavassem.

Por meio dela.

Não permitiu que eles a dobrassem ou a detivessem. Ela foi a rocha contra a qual

essas coisas se chocaram.

Com cada passo, cada respiração, ela se rendeu ao Mente-Stilling.

Era a próxima fase no treinamento da mente das Valquírias: passar da calma sentada para o calmante ativo.

Para ser capaz de estabilizar a mente, concentre-se, enquanto está no meio do caos. Quatro mil.

Cinco mil.

Seis mil.

O Mind-Stilling tornou-se tão fácil quanto respirar. Ela não seria dominada por nada novamente.

Ela era dona de si mesma. Sete mil.

Oito mil.

Nove mil. E essa pessoa que ela estava se tornando, emergindo dia a dia ... Ela pode até gostar dela. As escadas desapareceram.

E então havia apenas uma porta diante dela. Nestha balançou, o corpo ainda parecendo pensar que tinha que continuar girando e girando, mas ela segurou a maçaneta.

Abriu a porta para o crepúsculo e a cidade além. Todas as luzes foram apagadas, mas vozes alegres encheram as ruas.

Ninguém a impediria de se aventurar na cidade, em uma taverna, e beber até ficar boba.

Ninguém viria puxá-la de volta.

Ela desceu as escadas.

A vida estava diante dela. Apenas, ela se viu olhando para cima.

Em direção à casa onde uma festa Starfall seria realizada em uma hora.

O homem que estaria lá, que a encorajou a vir. Ela enfrentou a cidade - a cidade adorável e vibrante.

Nada disso parecia tão vibrante quanto o que esperava acima.

A escalada seria brutal e quase sem fim, mas no topo... Cassian estaria esperando.

Como ele esperava por ela há anos. Nestha sorriu.

E começou a subir. Cassian, vestido com suas roupas elegantes, estava parado na porta da escada quando ela voltou. Ele era tão requintado que, se Nestha já não estivesse ofegante por causa da escalada, ela não conseguiria respirar. Cinco passos fizeram Nestha atravessar o corredor.

Os braços dela em volta do pescoço dele.

Sua boca na dele. Ela o beijou, e ele se abriu para ela, deixando aquelas palavras silenciosas passarem entre eles, segurando-a com tanta força que seus batimentos cardíacos ecoaram um no outro. Quando ela se afastou, sem fôlego com o beijo e tudo que encheu seu coração, Cassian apenas sorriu.

“A festa já começou,” ele disse, beijando sua testa e se afastando.

“Mas ainda está chegando ao auge.” Na verdade, música e risos escorriam dos níveis superiores. Cassian estendeu a mão e Nestha silenciosamente a pegou, deixando-o guiá-la pelo corredor.

Quando ela olhou para os degraus e suas pernas dobraram, ele a pegou em seus braços e a carregou.

Ela encostou a cabeça no peito dele, fechando os olhos, saboreando o som de seu coração batendo forte.

Todo o mundo era uma música, e essa pulsação era sua melodia central. O ar

livre e a música fluíram ao seu redor, os óculos tilintando e as roupas farfalhando, e ela abriu os olhos novamente quando Cassian a colocou no chão. Estrelas fluíram acima.

Milhares e milhares de estrelas.

Ela mal se lembrava do ano passado Starfall.

Estava bêbado demais para se importar. Mas isso, tão alto ... Nestha não se importou que ela estivesse coberta de suor, vestindo suas roupas de couro no meio de uma multidão enfeitada com joias.

Não quando ela cambaleou para a varanda no topo da casa e ficou boquiaberta com as estrelas que choviam no céu.

Eles passaram voando, tão perto que alguns faiscaram contra as pedras, deixando poeira brilhante em seu rastro. Ela tinha uma vaga sensação de Cassian, Mor e Azriel por perto, de Feyre, Rhys e Lucien, de Elain, Varian e Helion.

De Kallias e Viviane, também inchada de criança e brilhando de alegria e força.

Nestha sorriu em saudação e os deixou piscando, mas ela os esqueceu em um momento porque as estrelas, as estrelas, as estrelas ... Ela não tinha percebido que tal beleza existia no mundo.

Que ela pudesse se sentir tão cheia de admiração que poderia doer, como se seu corpo não pudesse conter tudo isso.

E ela não sabia por que chorou então, mas as lágrimas começaram a rolar por seu rosto. O mundo era lindo e ela estava muito grata por estar nele.

Estar vivo, estar aqui, ver isso.

Ela estendeu a mão sobre o corrimão, roçando uma estrela enquanto ela passava, e seus dedos voltaram brilhando com poeira azul e verde.

Ela ria, um som de pura alegria, e chorava mais, porque aquela alegria era um milagre. "Esse é um som que nunca pensei ouvir de você, garota", disse Amren

ao lado dela. A delicada mulher era régia em um vestido cinza claro, diamantes em sua garganta e pulsos, seu cabelo preto usual prateado com a luz das estrelas.

Nestha enxugou as lágrimas, espalhando a poeira estelar em suas bochechas e não se importando.

Por um longo momento, sua garganta trabalhou, tentando classificar tudo o que procurava subir de seu peito.

Amren apenas sustentou seu olhar, esperando. Nestha caiu sobre um joelho e abaixou a cabeça."Sinto muito." Amren fez um som de surpresa e Nestha sabia que outros estavam assistindo, mas ela não se importou.

Ela manteve a cabeça baixa e deixou as palavras fluírem de seu coração.

"Você me deu gentileza, respeito e seu tempo, e eu os tratei como lixo.

Você me disse a verdade e eu não queria ouvir.

Eu estava com ciúme, medo e orgulho demais para admitir.

Mas perder sua amizade é uma perda que não posso suportar." Amren não disse nada, e Nestha ergueu a cabeça para encontrar a mulher sorrindo, algo como maravilha em seu rosto.

Os olhos de Amren ficaram forrados de prata, uma dica de como eles eram antes.

"Fui bisbilhotar a casa quando chegamos há uma hora.

Eu vi o que você fez neste lugar.

" A sobrancelha de Nestha franziu.

Ela não mudou nada. Amren agarrou Nestha por baixo do ombro, puxando-a para cima.

“A Casa canta.

Posso ouvir na pedra.

E quando falei com ele, ele atendeu.

Certo, isso me deu uma pilha de romances no final dele, mas... você fez com que esta Casa ganhasse vida, garota.” “Eu não fiz nada.” “Você fez a casa”, disse Amren, sorrindo novamente, uma faixa vermelha e branca na escuridão brilhante.

“Quando você chegou aqui, o que você mais desejou?” Nestha considerou, vendo algumas estrelas passarem zunindo.”Um amigo.

No fundo, eu queria um amigo.

” “Então você fez um.

Seu poder trouxe a Casa à vida com um desejo silencioso nascido da solidão e necessidade desesperada.

” “Mas meu poder só cria coisas terríveis.

A casa é boa ”, respirou Nestha. “É isso?” Nestha considerou.

“A escuridão no poço da biblioteca - é o coração da Casa.” Amren concordou.”E

onde está agora?” “Faz semanas que não aparece.

Mas ainda está lá.

Acho que está apenas... sendo gerenciado.

Talvez o conhecimento da Casa de que estou ciente disso, e não o julguei, torne mais fácil manter o controle.

” Amren colocou a mão acima do coração de Nestha.

“Essa é a chave, não é? Saber que a escuridão sempre permanecerá, mas como você escolhe enfrentá-la, lide com ela... essa é a parte importante.

Para não deixar consumir.

Para se concentrar no que é bom, nas coisas que o deixam maravilhado.

” Ela gesticulou para as estrelas passando zunindo.

“A luta contra essa escuridão vale a pena, só para ver essas coisas.” Mas o olhar de Nestha havia deslizado das estrelas - encontrando um rosto familiar na multidão, dançando com Mor.

Rindo, sua cabeça jogada para trás.

Tão linda que ela não tinha palavras para isso. Amren riu suavemente. “E vale a pena por isso também.” Nestha olhou de volta para sua amiga.

Amren sorriu, e seu rosto tornou-se tão adorável quanto o de Cassian, enquanto as estrelas passavam arqueando. “Bem-vindo de volta à Corte Noturna, Nestha Archeron.”

CAPÍTULO

62

A primavera amanheceu em Velaris.

Nestha saudou o sol em seus ossos, em seu coração, deixando-o aquecê-la. Eles haviam sobrevivido ao inverno sem nenhum movimento de Briallyn ou Beron, sem exércitos liberados.

Mas Cassian avisou que muitos exércitos não atacaram no inverno, e Briallyn pode tê-los reunido em segredo.

Azriel foi proibido de chegar a poucos quilômetros dela, graças à ameaça da Coroa, e todos os relatórios tiveram que ser verificados por várias fontes.

Resumindo: eles não sabiam de nada e só podiam esperar. O clima não foi melhorado por uma rara estrela vermelha explodindo no céu um dia - um mau presságio, Nestha ouviu os murmúrios das sacerdotisas.

Cassian relatou que até Rhys ficou abalado com isso, parecendo extraordinariamente contemplativo depois.

Mas Nestha suspeitou que o presságio não era a única coisa que contribuía para a solenidade de Rhys.

Feyre estava a apenas dois meses de dar à luz, e eles ainda não sabiam nada sobre como salvá-la. Ela canalizou essa preocupação crescente em seu

treinamento com as sacerdotisas.

Azriel e Cassian criaram mais simulações de treinamento e se moveram por meio delas como uma unidade, pensaram e lutaram como uma unidade. Nestha às vezes se perguntava se algum dia veriam uma batalha.

Se essas sacerdotisas estivessem dispostas a sair daqui para lutar, para enfrentar a violência que poderia convocar os demônios devoradores de seu passado.

Ela desejava ir além das simulações para o combate real? O que faria com ela, ver seus amigos matando ou sendo mortos? Era um teste final, ela supôs.

Um que eles podem nunca estar tomando. Talvez o Rito de Sangue, que Cassian dissera que faltavam apenas alguns dias, tivesse começado exatamente assim: uma maneira de apresentar aos jovens guerreiros illyrianos a matança em um ambiente contido, um degrau para a total impiedade da batalha. Mas a primeira incursão de Nestha na batalha impiedosa veio na forma de uma carta.

Uma carta impaciente e exigente que solicitou sua presença imediatamente.

E de Cassian. Eris estava esperando por Nestha e Cassian quando eles chegaram em uma clareira na floresta situada no meio.

Mas Nestha não se preocupou em fazer mais do que olhar para o filho do Grão Senhor - não com a visão se erguendo acima das árvores.

A montanha sagrada - a montanha sob a qual Feyre, Rhys e todos os outros Grão-Senhores foram presos por Amarantha.

Ele se ergueu como uma onda no horizonte, sombrio e árido e de alguma forma vibrando com presença. "Você nunca viu isso?" Eris perguntou como forma de saudação, rastreando seu olhar. "Não." Ela desviou o olhar do pico enervante. "Por que isso é sagrado para você?" Eris encolheu os ombros, e Nestha sabia que Cassian monitorava cada respiração sua.

"Há três deles, você sabe.

Irmã picos.

Este, a montanha chamada Prisão, e aquele que os brutos illyrianos chamam de Ramiel.

Todas montanhas carecas e estéreis em conflito com aqueles ao seu redor.

” "Não viemos para uma aula de história", murmurou Cassian. Nestha olhou para ele. "Perguntei.

Eu quero saber." Cassian bufou e apontou o queixo para Eris em uma ordem silenciosa para continuar. "Não sabemos por que eles existem, mas você não acha estranho que dois dos três tenham palácios subterrâneos esculpidos neles?"

"Eu dificilmente chamaria a prisão de palácio", Cassian interrompeu. "Basta perguntar aos internos." Eris deu-lhe um sorriso zombeteiro, mas continuou: -

Sem surpresa, os illyrianos nunca ficaram curiosos o suficiente para ver que segredos se escondiam por trás de Ramiel.

Se ele também foi esculpido como os outros por mãos antigas." "Eu pensei que Amarantha fizesse a corte sob a montanha sozinha", disse Nestha. "Oh, ela o decorou e nos fez agir como uma imitação lamentável de sua Corte dos Pesadelos, mas os túneis e corredores foram esculpidos muito antes.

Por quem, não sabemos.

” "Essa é toda a história que posso suportar", disse Cassian, recebendo um olhar fulminante de Eris.

Nestha o seguiu.

Cassian apenas deu uma piscadela divertida antes de continuar: - Sua carta parecia sugerir que seu pai estava se mexendo.

Fora com isso." "Meu pai voltou ao continente na semana passada.

Ele voltou parecendo normal, sem a indiferença com os olhos vidrados que meus soldados exibiam.

Ele não me convidou para acompanhá-lo ou explicar o que discutiu com Briallyn.

Só posso presumir que a precipitação está se aproximando, porém, e queria avisá-lo.

Não era algo que eu pudesse me arriscar a escrever.

Mas por agora... por agora, parece que o mundo está prendendo a respiração.

"Para que?" Nestha perguntou. "Para você encontrar a Harpa." Nestha piscou.

E percebeu tarde demais, muito lentamente, que eles não tinham contado a Eris que tinham encontrado.

E seu piscar tinha denunciado. Eris perguntou: "Você está com ele?" "Isso faz diferença?" Cassian disse casualmente. "A Corte Noturna possui dois objetos do Tesouro.

Eu diria que sim." Eris se endireitou.

"É disso que se tratam todos esses atrasos? Aguardando seu tempo para que você possa aprender os segredos do Tesouro e usar o poder para seus próprios ganhos?

"Isso é um absurdo", retrucou Nestha.

"O que temos a ganhar?" Chama vermelha chiou nos olhos de Eris.

"O que o Rei de Hybern tem a ganhar ao alcançar o Caldeirão e invadir nossas terras?" "Não temos interesse em conquista, Eris", disse Cassian, cruzando os braços. "Você sabe disso.

E não vamos usar o Trove.

" Eris soltou uma risada.

Nestha podia ver que ele não acreditava neles - que estava tão acostumado com a política distorcida e as maquinações de sua

corte que mesmo quando a verdade simples e fácil foi oferecida, ele não pôde ver."Não me sinto totalmente confortável com sua corte possuindo dois itens no Tesouro." Seu olhar mudou para Nestha.

"Especialmente quando você tem tantas outras armas em seu arsenal." Nestha enrijeceu, mas Cassian nem ao menos se mexeu.

"Rhys tem seus próprios planos, Eris.

Você não pode ser tolo o suficiente para pensar que diríamos a você todos eles, mas posso garantir que eles não envolvem o uso do Tesouro." Nestha tentou não ficar boquiaberta com a voz fria e divertida que saiu de Cassian.

A voz de um cortesão.

Como se ele a tivesse ouvido e a Rhysand e tivesse reproduzido perfeitamente essa combinação de tédio e crueldade.

Nestha não conseguiu evitar a emoção que desceu por sua espinha.

Ela queria que ele usasse aquela voz no quarto.

Queria que ele sussurrasse assim em seu ouvido enquanto ele ...
"Então você afirma," Eris disse."Suponho que você está indo atrás da coroa agora." Seu cabelo brilhava como brasas na luz manchada. Cassian sorriu.

"Avisaremos quando você precisar saber.

E vamos tentar não esquecer desta vez.

" Eris pegou um fiapo de sua jaqueta.

Ao seu lado estava pendurada a adaga que Rhys e Feyre lhe presentearam, simples e simples em comparação com as roupas

que ele usava.

Herdagger."Você seria realmente estúpido em ir atrás de Briallyn diretamente."

"Deixe o heroísmo para os brutos, Eris", disse Cassian.

"Não gostaria de arriscar cortar aquelas mãos bonitas." Os dedos de Eris se curvaram ligeiramente em seus bíceps.

Nestha refreou o sorriso.

As palavras de Cassian encontraram seu alvo. "E o que você vai fazer quando tiver todos os três objetos no tesouro?" As sobrancelhas de Eris se achataram.

"Você não pode destruí-los; e eu duvido que escondê-los funcione.

Considerando o perigo que se acumula ao nosso redor, não vejo por que você não os usaria." Nestha ficou em silêncio, contente por deixar Cassian assumir a liderança. Cassian soltou uma risada suave, e o sangue de Nestha novamente cantou com o domínio disso.

Ele iria brincar com Eris um pouco mais.

Na verdade, Cassian perguntou friamente: "E o que você vai fazer para nos impedir?" Eris apenas disse: "Se você falhar em recuperar a Coroa, você corre o risco de Briallyn usá-la sobre você.

Ela poderia virar um contra o outro.

Faça você fazer coisas indizíveis.

Até revele a ela onde estão os outros dois objetos.

E você não teria escolha a não ser contar tudo a ela." Ele se preocupava com eles revelando sua aliança - para seu próprio bem.

"Você ameaça nos expor.

Não persiga a Coroa.

"Veremos", disse Cassian, o retrato de uma calma inabalável.

Nestha quase riu quando ele acenou com a cabeça em direção à adaga ao lado de Eris.

"Temos nossos próprios meios de nos proteger contra a Coroa." Nestha escondeu sua surpresa.

As armas que ela fez protegidas contra o tesouro? Ninguém disse isso a ela. Eris

franziu o cenho.

"Esse foi o plano o tempo todo? Para me amarrar, fazer de mim um inimigo de meu pai, então usar o tesouro contra todos nós? " "Você se tornou inimigo de seu pai", disse Cassian, sorrindo fracamente. "Quando ele descobrir, eu me pergunto se ele vai deixar seus cães rasgá-lo em pedaços, ou se ele mesmo vai fazer isso."

Eris empalideceu ligeiramente. "Você não quer dizer se ele descobrir?" Cassian não disse nada.

Manteve o rosto neutro.

Nestha sufocou sua presunção e fez o mesmo. Eris os observou.

Pela primeira vez desde que Nestha conheceu o homem, a incerteza encobriu o fogo em seu olhar. E então ele se voltou para o outro assunto em sua carta, de frente para Nestha antes de perguntar: "E minha oferta para você?" Nem um grama de

afeto ou desejo atou suas palavras. Nestha ergueu o queixo, finalmente sorrindo.

“Suponho que assim que tivermos a Coroa em nossas mãos, a Corte Noturna não precisará de você afinal.

Nem eu.

” Ela poderia jurar que Cassian estava reprimindo uma risada, mas manteve o olhar em Eris, que ficou rígido, ondulando de raiva.

“Eu não gosto de ser brincado com, Nestha Archeron.

Minha oferta foi sincera.

Fique com a Corte Noturna e você arrisca sua ruína.

” Cassian interrompeu suavemente, "Tente nos foder, Eris, e você arrisca a sua."

O lábio superior de Eris se curvou."Faça o que você quiser." Ele se endireitou, como se afastando qualquer emoção, o rosto ficando frio e cruel novamente."É a sua vida que você aposta, não a minha." Ele riu, acenando com a cabeça para Cassian.

“E daí se o mundo perder outro animal para a guerra? Boa viagem.

”Cassian sorriu lentamente."Obrigado por seus votos de boa sorte, Eris." E com isso, Cassian pegou Nestha em seus braços e disparou para o céu, as árvores passando em um borrão verde, a montanha sagrada à espreita em suas costas.

Nestha olhou em seu rosto enquanto voavam para o norte e encontrou Cassian sorrindo. "Você foi bem", disse ela, passando a mão pelo pescoço dele. "Eu fingi que era você," ele admitiu.

“Acho que consegui desprezar I Will Slay My Enemies, não é?” Nestha riu, encostando a cabeça em seu peito. “Você fez.” Eles voaram por horas, satisfeitos por estarem sozinhos, pairando sobre a terra.

Eles voaram e voaram, Cassian incansável e inabalável, e Nestha se permitiu sentir os braços dele.

Em apenas estar com ele.

E embora o frio afundasse em sua pele, quando as luzes de Velaris apareceram no horizonte que escurecia, ela lamentou vê-las. Mas ele os trouxe para a cidade propriamente dita, pousando em uma das pontes que cruzam o Sidra. “Pensei em caminhar um pouco”, disse ele, entrelaçando os dedos com os dela. Depois de tanto tempo no céu vazio, as pessoas ao redor pareciam pressionar.

Mas Nestha assentiu, caminhando ao lado dele, saboreando seus calos contra os dela, o atrito do fio que mantinha seu Sifão no lugar sobre sua mão, o calor que vazou dele. “O que você acha que Eris vai fazer?” Eles não tinham falado sobre isso durante o vôo. “Amuado, então venha com a próxima maneira de me insultar”, disse Cassian, e Nestha riu.

Ele deu a ela um olhar de soslaio. “Você gostou de me ver jogar como cortesão?”

A boca de Nestha se curvou para cima. “Eu não gostaria que você fosse assim para sempre, mas era... atraente.

Isso me deu algumas ideias.

” Seus olhos brilhavam e, embora estivessem dentro da vista de toda a cidade,

ele colocou a mão em seu rosto.

Escovei um beijo em sua boca.

“Também me deu algumas ideias, Nes.” Ele se apertou contra ela, e ela entendeu seu significado inteiramente. Ela riu e se afastou, apontando para o fim da ponte.

“As pessoas estão assistindo.” “Eu não me importo.” Ele caminhou ao lado dela novamente, colocando um braço sobre seu ombro para dar ênfase.

“Não tenho nada a esconder com você.

Eu quero que eles saibam que nós compartilhamos uma cama.

” Ele beijou sua têmpora, aconchegando-a ao seu lado enquanto caminhavam pela movimentada cidade. Uma afirmação tão simples e adorável, e ainda... Ela se pegou perguntando: "Mina minha imagem como guerreira estar com você?"

"Não.

Isso prejudica Feyre quando ela é vista com Rhys? " Seu estômago se apertou.

Seu batimento cardíaco pulsava em seus braços, seu intestino.

“É diferente para eles”, ela se obrigou a dizer quando chegaram ao fim da ponte e se viraram para caminhar ao longo do cais que flanqueia o rio. Cassian perguntou cuidadosamente: "Por quê?" Nestha manteve seu foco no rio cintilante, vibrante com os tons do pôr do sol. "Porque eles são companheiros."

Em seu silêncio absoluto, ela sabia o que ele diria.

Parou novamente, preparando-se para isso. O rosto de Cassian estava vazio.

Completamente vazio quando disse: "E não estamos?" Nestha não disse nada.

Ele bufou uma risada. "Porque eles são companheiros e você não quer que sejamos." - Essa palavra não significa nada para mim, Cassian - disse ela, a voz grossa enquanto tentava impedir que as pessoas que passavam ouvissem.

"Significa algo para todos vocês, mas durante a maior parte da minha vida, marido e mulher foram o melhor que puderam.

Companheirismo é apenas uma palavra." "Isso é treta." Quando ela apenas começou a caminhar ao longo do rio novamente, ele perguntou: "Por que você está com medo?" "Eu não estou com medo." "O que assustou você? Apenas sendo visto publicamente comigo assim?" sim.

Tê-lo beijando-a e percebendo que logo ela teria que retornar a este mundo cantarolando ao redor deles e deixar a Casa, e ela não sabia o que faria então.

O que isso significaria para eles.

Se ela mergulhasse de volta naquele lugar escuro que ela ocupou antes. Arraste-o para baixo com ela. "Nestha.

Fale comigo." Ela encontrou seu olhar, mas não abriu a boca. Os olhos de Cassian brilharam. "Diz." Ela recusou. "Diga, Nestha." "Não sei do que você está falando." "Me pergunte por que eu desapareci por quase uma semana após o Solstício.

Por que de repente tive que fazer uma inspeção logo após um feriado.

" Nestha manteve a boca fechada. "Foi porque eu acordei na manhã seguinte e tudo que eu queria fazer era te foder por uma semana direto.

E eu sabia o que isso significava, o que tinha acontecido, embora você não soubesse, e não queria te assustar.

Você não estava pronto para a verdade - ainda não." Sua boca ficou seca. "Diga", rosnou Cassian.

As pessoas deram-lhes um amplo espaço.

Alguns voltaram completamente para a direção de onde vieram. "Não." Seu rosto se fechou com raiva, mesmo quando sua voz ficou calma. "Diz." Ela não conseguiu.

Não antes de ele ordenar, e certamente não agora.

Ela não o deixaria vencer assim. "Diga o que eu adivinhei desde o momento em

que nos conhecemos", ele respirou.

"O que eu soube da primeira vez que te beijei.

O que se tornou inquebrável entre nós na noite do Solstício.

" Ela não iria." "Eu sou seu companheiro, pelo amor de Deus!" Cassian gritou, alto o suficiente para as pessoas do outro lado do rio ouvirem.

"Você é minha companheira! Por que você ainda está lutando contra isso? " Ela deixou a verdade, finalmente expressa, lavá-la. "Você me prometeu para sempre no Solstício", disse ele, a voz falhando. "Por que uma palavra de alguma forma está te confundindo?" "Porque com aquela palavra, o último pedaço de minha humanidade vai embora!" Ela não se importava com quem os visse, quem ouvisse.

"Com essa palavra estúpida, não sou mais humano de forma alguma.

Eu sou um de vocês! " Ele piscou. "Achei que você queria ser um de nós." "Eu não sei o que eu quero.

Eu não tive escolha.

"Bem, eu também não tive escolha em estar algemado a você." A declaração bateu nela.

Algemada. Ele prendeu a respiração.

"Essa foi uma escolha de palavras incrivelmente ruim." "Mas a verdade, certo?"

"Não.

Eu estava com raiva - não é verdade." "Por que? Seus amigos me viram como eu era.

O que eu sou.

O vínculo de acasalamento o deixou estupidamente cego para ele.

Quantas vezes eles o avisaram para longe de mim, Cassian? " Ela soltou uma risada fria. Acorrentado. Palavras acenavam, afiadas como facas, implorando para que ela agarrasse uma e a mergulhasse em seu peito.

Fazê-lo doer tanto quanto aquela palavra a magoou.

Faça-o sangrar. Mas se ela fizesse isso, se ela o atacasse... Ela não poderia.

Não se permitiria fazer isso. Ele implorou: "Eu não quis dizer como ..." "Estou ligando a meu favor", disse ela. Ele ficou imóvel, sobrancelhas franzidas.

E então seus olhos se arregalaram."O que quer que você seja-" "Eu quero que você vá embora.

Vá até a Casa do Vento para passar a noite.

Não fale comigo até que eu venha falar com você, ou até que uma semana se passe.

O que ocorrer primeiro.

Eu não me importo." Até que ela se dominasse o suficiente para não machucá-lo, para parar de sentir o velho desejo de atacar e mutilar antes que pudesse ser ferida. Cassian cambaleou em direção a ela, mas estremeceu, arqueando as costas.

Como se a tatuagem de barganha em suas costas o tivesse queimado. "Vá embora," ela ordenou. Sua garganta trabalhou, olhos esbugalhados.

Lutando contra o poder da barganha com cada respiração. Mas então ele girou, as batidas das asas crescendo enquanto ele saltava para o céu acima do rio.

Nestha permaneceu no cais enquanto sua espinha latejava e ela sabia que sua tatuagem havia desaparecido. Emerie estava em sua mesa da cozinha quando Nestha apareceu na porta dos fundos.

Mor a tinha transportado aqui sem fazer perguntas, sem sequer um olhar de desaprovação.

Nestha estava além de se importar com isso, no entanto.

Só estava grato pela presença da fêmea - provavelmente enviada por Cassian.

Ela também não se importava com isso. Nestha deu dois passos na loja de Emerie antes de desmaiar e chorar. Ela mal percebeu o que aconteceu.

Como Emerie a ajudou a sentar-se em uma cadeira, como as palavras escaparam, explicando o que ela e Cassian disseram, o que ela fez com ele. Uma batida soou na porta uma hora depois, e Nestha parou de chorar ao ver quem estava ali.

Gwyn jogou os braços em torno de Nestha. "Ouvi dizer que você pode precisar de nós." Nestha ficou tão chocada ao ver a sacerdotisa que retribuiu o abraço.

Mor, um passo atrás, acenou com a cabeça preocupado e depois o separou.

Emerie foi quem disse a Gwyn: "Não acredito que você saiu da biblioteca".

Gwyn acariciou a cabeça de Nestha.

"Algumas coisas são mais importantes do que o medo." Ela pigarreou.

"Mas, por favor, não me lembre muito.

Estou tão nervoso que vou vomitar." Até Nestha sorriu para isso. Suas duas amigas se preocupavam com ela, sentadas à mesa da cozinha e bebendo chocolate quente - um presente atrasado do Solstício para Emerie de Nestha, roubado da despensa da Casa.

Eles jantaram, depois comeram a sobremesa e discutiram suas últimas leituras.

Eles falaram sobre tudo e nada até tarde da noite. Só quando os olhos de Nestha queimaram de exaustão, seu corpo um peso mole, eles subiram as escadas.

Havia três quartos acima da loja, todos imaculados e simples, e Nestha mudou para a camisola que Emerie ofereceu sem pensar duas vezes. Ela falaria com ele amanhã.

Durma agora, segura com seus amigos ao seu redor, e fale com ele amanhã. Ela explicaria tudo - por que ela se recusou, por que isso a assustou, este próximo passo para o desconhecido.

A vida além disso.

Ela se desculparia por usar a barganha para mandá-lo embora e não parava de se desculpar até que ele sorrisse novamente. Talvez o futuro não precisasse ser tão planejado - ela poderia apenas viver um dia de cada vez.

Contanto que ela tivesse Cassian ao seu lado, seus amigos com ela, ela poderia fazer isso.

Encarar.

Eles não a deixariam cair de volta naquele buraco.

Cassian nunca a deixaria cair novamente. Mas se ela caísse... ele estaria esperando por ela no topo novamente.

Mão estendida.

Ela não merecia isso, mas ela se esforçaria para ser digna dele. Nestha adormeceu com esse pensamento soando, um peso tirado de seu peito. Amanhã, ela contaria tudo a Cassian.

Amanhã, sua vida começaria. Um perfume masculino encheu seu quarto.

Não era Cassian.

E não era Rhys ou Azriel. Estava cheio de ódio, e Nestha deu uma guinada para cima no momento em que uma risada áspera soou.

No final do corredor, Gwyn gritou - depois ficou em silêncio. No escuro, ela não conseguiu distinguir nada, e ela se atrapalhou com o poder dentro dela, para a faca ao lado da cama - Algo frio e úmido pressionou seu rosto. Queimou suas narinas, esfolando sua mente. A escuridão entrou e ela se foi.

CAPÍTULO

A barganha de Nestha exigia que ele fosse passar a noite na Casa do Vento. E

que ele poderia falar com ela apenas uma vez que ela falasse com ele, ou depois de uma semana. Regras fáceis de manobrar.

Ele fez uma anotação mental para ensiná-la a redigir suas barganhas com um pouco mais de habilidade. Cassian esperou até que a noite necessária tivesse passado e então encontrou Rhys ao amanhecer, pedindo a seu irmão que o colocasse em Windhaven.

Mor relutantemente o informou que ela trouxera Nestha lá no dia anterior.

Ele terminaria essa luta com Nestha, de uma forma ou de outra.

Isso nunca o assustou.

O vínculo de acasalamento, ou que Nestha era dele.

Ele adivinhou bem antes de o Caldeirão transformá-la. A única coisa que o assustava era que ela pudesse rejeitá-lo.

O ódio por isso.

Chafe contra isso.

Ele tinha visto a verdade em seus olhos no Solstício, quando o vínculo de

acasalamento tinha sido como um fio de ouro entre suas almas, mas ela ainda hesitou.

E ontem seu temperamento levou a melhor sobre ele, e... ele começaria o segundo round fazendo ela dizer apenas uma palavra para ele, então ele estaria livre para falar o resto. O pedido de desculpas, a declaração que ele ainda precisava fazer

- tudo isso. Ele cheirou Nestha e Gwyn na porta dos fundos de Emerie quando bateu.

Aquilo o comoveu além das palavras, que Gwyn enfrentou o mundo além da biblioteca para confortar Nestha.

Mesmo que o envergonhasse por ter sido a causa disso. Mas ao seu lado, o rosto de Rhys estava repentinamente pálido. "Eles não estão aqui." Cassian não esperou antes de entrar na loja, quebrando a fechadura da porta de Emerie.

Se alguém os tivesse machucado, levado - Não havia ninguém na sala aconchegante nos fundos.

Mas, de repente, havia machos nesta sala, como se tivessem entrado imediatamente. Illyrians não tinha magia assim. Exceto em uma noite, quando os illyrianos possuíam um poder antigo e selvagem. "Não." Ele subiu as escadas, os degraus estavam cheios daqueles cheiros masculinos e do medo das mulheres.

Ele encontrou o quarto de Nestha primeiro. Ela lutou.

A cama foi empurrada para o outro lado do quarto, a mesa de cabeceira virada e sangue - sangue masculino, pelo cheiro dele - jazia em uma poça no chão.

Mas o cheiro acre da pomada para dormir, o suficiente para nocautear um cavalo, permaneceu. Sua cabeça ficou quieta.

Os quartos de Emerie e Gwyn eram iguais.

Sinais de luta, mas não das próprias mulheres. O medo floresceu, tão vasto e amplo que ele mal conseguia respirar.

Foi uma mensagem - para as mulheres por se considerarem guerreiras, e para ele

por ensiná-las, por desafiar as hierarquias e regras arcaicas dos illyrianos. Rhys surgiu ao lado dele, seu rosto branco com o

mesmo pavor.

“Devlon acabou de confirmar tudo.

O Rito de Sangue começou à meia-noite.

” E Gwyn, Emerie e Nestha foram arrancados de suas camas.

Para participar.

PARTE QUATRO

ATARAXIA

CHAPTER

64

Alguém colocou areia em sua boca.

E levou um martelo à cabeça. Ainda estava batendo nele, aparentemente. Nestha arrancou a língua de seus dentes, engolindo algumas vezes para trabalhar um pouco de umidade de volta em sua boca.

Sua cabeça doendo - Aromas a atingiram.

Masculino, variado e tantos - O chão duro e frio estava sob suas pernas nuas, agulhas de pinheiro cutucando o tecido fino de sua camisola.

O vento frio e sanguinolento carregava todos aqueles aromas masculinos acima de uma maré de neve, pinheiros e sujeira ... Os olhos de Nestha se abriram.

As costas largas do homem encheram sua visão, a maior parte obscurecida por um par de asas.

Asas amarradas. Imagens da noite passada a atingiram: os homens que a agarraram, como ela lutou até que empurraram algo contra seu rosto que a fez desmaiar, ouvindo Gwyn e Emerie gritando - Nestha sacudiu-se de pé. A vista era pior do que ela esperava.

Muito, muito pior. Lentamente, silenciosamente, ela girou no lugar.

Guerreiros illyrianos inconscientes estavam espalhados ao redor dela.

Em suas costas, em sua cabeça.

A seus pés descalços.

Mais a cercavam, pelo menos duzentos, estendendo-se entre os pinheiros altíssimos. O Rito de Sangue. Ela deve ter acordado antes dos outros porque ela foi Feita.

Diferente. Nestha estendeu a mão para dentro, em direção ao lugar onde o antigo e terrível poder repousava e não encontrou nada.

Como se o poço tivesse sido drenado, como se o mar tivesse baixado. Os feitiços do Rito de Sangue envolvem magia.

Seus poderes se tornaram inúteis. Ela sabia que seu tremor não era inteiramente de frio.

Qualquer tempo que ela tivesse não duraria muito.

Os outros logo se mexeriam. E a encontre de pé entre eles, em nada além de uma camisola.

Sem armas. Ela teve que se mover.

Tive que encontrar Emerie e Gwyn nesta extensão infinita de corpos.

A menos que tenham sido despejados em outro lugar. Cassian, Rhysand e Azriel haviam sido deixados em lugares diferentes, ela se lembrou.

Eles passaram dias matando seu caminho entre os guerreiros e feras sedentos de sangue que vagavam por essas terras.

Mas eles de alguma forma se encontraram e escalaram Ramiel, a montanha sagrada, e ganharam o Rito. Ela teria sorte de limpar esta área geral. Com a respiração presa, Nestha ficou de pé.

Longe do escudo dos corpos dos guerreiros, o frio bateu nela, quase roubando seu fôlego.

Seu tremor se aprofundou. Ela precisava de algo mais quente.

Sapatos necessários.

Necessário para fazer uma arma. Nestha olhou para o sol aquoso, como se isso lhe dissesse em que direção ir para encontrar seus amigos.

Mas a luz queimou seus olhos, piorando o latejar em sua cabeça.

Árvores - ela poderia encontrar o lado coberto de musgo das árvores, Cassian dissera.

O Norte ficaria assim. A árvore mais próxima se erguia a cerca de seis metros e dez corpos de distância.

Pelo que ela podia ver, nenhum musgo cresceu em qualquer lugar nele. Então ela iria encontrar um terreno mais alto e inspecionar a terra.

Veja onde Ramiel apareceu e se ela poderia localizar os outros depósitos de lixo.

Mas ela precisava de roupas e armas e comida para encontrar Gwyn e Emerie, e oh, deuses - Nestha pressionou a mão sobre a

boca para mantê-la exalada trêmula até quase ficar em silêncio.

Jogada.

Ela teve que se mover. Mas alguém já tinha. O farfalhar de suas asas o denunciou.

Nestha girou. A trinta metros de distância, separado dela pelo mar de corpos adormecidos, estava uma besta de um homem. Ela não o conhecia, mas ela reconheceu aquele brilho em seus olhos.

A intenção predatória e a diversão cruel.

Sabia o que significava quando seu olhar se fixou em sua camisola, seus seios se

ergueram contra o frio gélido, suas pernas nuas. O medo queimava como ácido por todo seu corpo. Nenhum dos outros se mexeu.

Pelo menos ela tinha isso.

Mas este homem ... Ele olhou para a esquerda - apenas por um piscar de olhos.

Nestha seguiu seu olhar e sua respiração ficou presa.

Encravada no tronco de uma árvore, brilhando fracamente, estava uma faca.

Impossível.

Ter armas no Rito de Sangue ia contra suas regras.

O homem sabia que estaria lá, ou ele apenas o tinha espiado antes dela? Não importava.

Só importava que a faca existisse.

E era a única arma à vista. Ela poderia correr.

Deixe-o atacar a faca e fugir na direção oposta e rezar para que ele não o tenha seguido. Ou ela poderia ir para a lâmina.

Vencê-lo e então... ela não sabia o que faria então.

Mas ela estava em um campo de guerreiros adormecidos que logo acordariam, e se eles a encontrassem sem armas, indefesa- Nestha correu. Cassian não conseguia respirar. Não conseguia respirar ou falar por longos minutos agora.

Sua família havia chegado e todos eles o cercaram no quarto destruído da casa de Emerie.

Eles estavam falando, Azriel com certa urgência, mas Cassian não o ouviu, não ouviu nada além do rugido em sua cabeça antes de dizer a ninguém em particular: "Vou atrás deles." O silêncio caiu e ele se virou para encontrar todos olhando para ele, pálidos e com os olhos arregalados. Cassian bateu nos Sifões nas costas das mãos e os Sifões restantes apareceram em seus ombros, joelhos e

peito.

Ele acenou com a cabeça para Rhys.

"Me traga para ela.

Az, você encontra Emerie e Gwyn.

"Rhys não se moveu um centímetro." "Você conhece as leis, Cass." "Foda-se as leis." "Que leis?" Feyre exigiu. - Diga a ela - Rhys ordenou, a noite girando em torno de suas asas.

Cassian se irritou. "Diga a ela, Cassian." O idiota tinha usado esse domínio inerente sobre ele.

Cassian rangeu para fora, "Qualquer um que puxar um guerreiro do Rito de Sangue será caçado e executado.

Junto com o guerreiro que é desonrosamente removido do Rito.

"Feyre esfregou o rosto dela." "Então, Nestha, Emerie e Gwyn têm que permanecer no Rito." "Nem eu mesmo posso quebrar essas regras", disse Rhys, um pouco mais suave. "Não importa o quanto eu queira", acrescentou ele, segurando o ombro de Cassian. O estômago de Cassian revirou.

Nestha e seus amigos - seus amigos - estavam no Rito.

E ele não podia fazer nada para interferir, não sem condenar a todos.

Suas mãos tremeram. "Então, o quê - nós apenas sentamos em nossas bundas por uma semana e esperamos?" A ideia era horrível. Feyre agarrou seus dedos trêmulos, apertando com força. "Você... Cassian, você não estava ouvindo nada quando chegamos aqui?" Não.

Ele mal tinha ouvido nada. Azriel disse com firmeza: - Meus espiões ficaram sabendo que Eris foi capturada por Briallyn.

Ela enviou seus soldados restantes atrás dele enquanto ele estava caçando com

seus cães.

Eles o agarraram e de alguma forma, todos foram transportados de volta ao palácio dela.

Estou supondo que use o poder de Koschei." "Eu não me importo." Cassian apontou para a porta.

Mesmo se... Foda-se.

Não fora ele quem disse a Rhys para não ir atrás daqueles soldados? Para deixá-los em paz? Ele era um idiota.

Ele havia deixado um inimigo armado em seu ponto cego e se esquecido disso.

Mas Eris poderia apodrecer por tudo o que importava. Az disse: "Temos que tirá-lo de lá." Cassian parou abruptamente. "Nós?" Rhys se aproximou de Azriel, Feyre ao lado dele.

Uma parede formidável. "Não podemos ir", disse Feyre, acenando para Rhys.

Não precisava de explicação: com o bebê a menos de dois meses de distância, Feyre não estava arriscando nada.

Mas Rhys ... Cassian desafiou seu Grão-Senhor: "Você pode entrar e sair em uma hora." "Eu não posso ir." Tempestades da meia-noite rodopiaram nos olhos de Rhys. "Sim, você pode, porra", disse Cassian, a raiva crescendo como uma onda que varreria tudo em seu caminho. "Vocês-" "Eu não posso." Foi uma agonia - uma agonia pura e não diluída que encheu o rosto de Rhys.

E medo.

Feyre deslizou seus dedos tatuados pelos de Rhys. Amren perguntou bruscamente: "Por quê?" Rhys olhou para a tatuagem nos dedos de Feyre, entrelaçada com os dele.

Sua garganta balançou.

Feyre respondeu por ele.

"Fizemos uma barganha.

Depois da guerra.

Para... apenas deixar este mundo juntos.

” Amren começou a massagear as têmporas, murmurando uma oração por sanidade. Azriel perguntou: "Você fez uma barganha para morrer juntos?"

"Tolos", Amren sibilou.

“Tolos românticos e idealistas.” Rhys voltou os olhos sombrios para ela. Cassian não conseguia parar de respirar.

Az ficou parado como uma estátua. "Se Rhys morrer", disse Feyre com voz rouca, o medo brilhando em seus próprios olhos, "eu morro." Seus dedos roçaram sua barriga inchada.

O bebê também morreria. - E se você morrer, Feyre - disse Azriel baixinho -, então Rhys morre. As palavras soaram vazias e frias como um toque de morte.

Se Feyre não sobreviveu ao trabalho ... Os joelhos de Cassian ameaçaram ceder.

O rosto de Rhy estava tenso de súplica e dor."Nunca pensei que fosse acabar assim",

disse

Rhys

calmamente.

Amren

massageou

as

têmporas

novamente."Podemos discutir a idiotice dessa barganha mais tarde." Feyre olhou para ela, e Amren olhou de volta antes de

dizer a Cassian: "Você e Azriel precisam recuperar Eris." "Porque não você?" Feyre beliscou a ponte do nariz.

"Porque Amren é ..." "Impotente", Amren rosnou. "Você pode dizer isso, garota."

Feyre estremeceu. "Mor partiu para Vallahan esta manhã e está fora do alcance da nossa magia daemati.

Az não pode entrar sozinho.

Precisamos de você, Cassian.

" Cassian ficou imóvel.

Eles apenas esperaram. Para Nestha participar do Rito de Sangue, para arriscar todo horror e miséria enquanto ele ia salvar a porra da Eris... "Deixe-o morrer."

"Por mais tentador que seja", disse Feyre, "ele representa um grande perigo para nós nas mãos de Briallyn.

Se ele estiver sob a influência da Coroa, ele revelará tudo o que sabe.

" Ela perguntou a Cassian: "O que ele sabe sobre nós, exatamente?" "Demais."

Cassian pigarreou.

Através de suas próprias brigas, através de sua necessidade de incitar Eris, ele revelou muito.

"Ele estava preocupado com o que faríamos com Nestha como um poder da Corte Noturna, e com todos os três objetos do Dread Trove à nossa disposição.

Ele pensou que a Corte Noturna poderia se virar e tentar algum tipo de tomada de poder." Feyre disse esperançoso: "Talvez a

adaga Feita que demos a ele conceda a ele imunidade da Coroa.

Se ele estiver carregando a adaga, se eles não o desarmaram, isso pode protegê-lo contra outro objeto feito." "Mas não sabemos disso", rebateu Rhys."E ele ainda estará nas garras de Briallyn.

Ela pode ser capaz de sentir a adaga sozinha - e ela pode responder a ela."Az acrescentou sombriamente: "E existem muitos outros métodos para fazê-lo falar." Amren interrompeu: "Você precisa ir agora." Ela se virou para Feyre e Rhys.

"Voltaremos a Velaris e teremos uma longa e agradável conversa sobre esse seu negócio." Cassian não se preocupou em ler as expressões de Feyre e Rhys enquanto olhava para a pequena janela, o deserto além.

Como se pudesse ver Nestha ali. Ele convocou sua armadura, as escamas e placas intrincadas prendendo-se com familiaridade reconfortante sobre seu corpo.

"Treinei bem Nestha.

Treinei todos eles bem, "ele disse, sua garganta trabalhando.

Ele acrescentou ao silêncio enquanto Az batia em seus Sifões e sua própria armadura aparecia: "Se alguém pode sobreviver ao Rito de Sangue, são eles." Se eles pudessem se encontrar. Nestha disparou em uma corrida em direção à árvore com a faca, o macho entrando em movimento apenas um batimento cardíaco depois. Ele tropeçou nos corpos espalhados, mas Nestha manteve os joelhos erguidos.

Um espelho de cada exercício de footwork que eles fizeram com a escada no chão, como se esses corpos fossem degraus de corda a evitar.

A memória muscular entrou em ação; ela mal olhou para o emaranhado de galhos enquanto mirava na árvore.

Mas o macho encontrou seu equilíbrio e se aproximou rapidamente. Alguém deve ter plantado a arma, sob a cobertura da escuridão na noite passada ou semanas atrás.

O Rito de Sangue foi selvagem o suficiente sem armas verdadeiras - apenas as armas que eles fizeram - mas com aço real jogado ... O homem tinha uns bons quinze centímetros e cem quilos sobre ela.

No combate físico, ele possui todas as vantagens.

Mas se ela pudesse conseguir aquela faca - Nestha se livrou dos corpos, as pernas voando enquanto corria os últimos metros até o tronco da árvore com a mão estendida.

Ela escovou o cabo da faca - O macho se lançou contra ela com toda a força de um guerreiro illyriano adulto. Ela perdeu o fôlego com o impacto enquanto eles caíam - e na borda da colina do outro lado da árvore. Eles caíram em direção ao leito do riacho trinta metros abaixo, cambaleando enquanto desciam a encosta da colina.

Pedras e folhas racharam e arranharam contra ela, asas estalaram acima e abaixo dela, seu cabelo chicoteou seu rosto enquanto suas mãos lutavam - Nestha bateu no leito do rio com tanta força que sua espinha gemeu, o macho pousando em cima dela, enviando cada fragmento restante de ar explodindo de seus pulmões.

Suas asas estremeceram.

Mas ele não se mexeu. Nestha abriu os olhos para se encontrar olhando em seu olhar cego.

Para encontrar a mão dela apertando a adaga que ela enterrou em sua garganta, encharcada de sangue quente. Grunhindo, Nestha rolou para fora.

Deixou a adaga saindo de sua garganta, o sangue ainda vazando do ferimento.

A faca perfurou todo o caminho até a nuca. Nestha cuspiu um bocado de sangue nas pedras secas.

Sua camisola estava coberta de sangue e sujeira, sua pele em carne viva e ardendo.

Mas ela estava viva.

E o homem não era. Nestha se permitiu inspirar lentamente pelo nariz, contando até seis.

Ela prendeu a respiração, então lentamente a soltou.

Fiz o exercício de respiração mais duas vezes.

Avaliei o estado de seu corpo, desde a cabeça latejante até os pés dilacerados.

Respirou novamente. Quando sua mente se acalmou, Nestha puxou a faca da garganta do homem.

Em seguida, tirou as roupas, item por item, incluindo as botas.

Ela se vestiu com eficiência fria, tirando a camisola ensanguentada e jogando-a no rosto do homem em uma zombaria de uma mortalha funerária, então enfiou a

faca no cinto que ela apertou o mais forte que pôde.

As roupas caíam dela, e as botas muito grandes podiam ser um risco, mas era melhor do que a camisola. E então ela foi encontrar seus amigos.

CAPÍTULO

65

Nestha escalou o outro lado do vale para encontrar a terra vazia de guerreiros.

Atrás dela, através da pequena ravina, os outros ainda dormiam.

Nenhum sinal de Emerie ou Gwyn entre eles.

Nenhum sinal de onde eles podem estar, também. Cassian disse a ela enquanto estava deitado na cama uma noite, suado e exausto, que havia três depósitos de lixo para o Rito - um no norte, um no oeste e um no sul.

Seus amigos tinham que estar nos outros, juntos ou um em cada.

Eles ficariam apavorados quando acordassem. Gwyn-Nestha se recusou a considerá-lo enquanto corria pelos pinheiros, colocando distância entre ela e os guerreiros adormecidos antes de encontrar uma árvore alta.

Ela escalou, a seiva rapidamente cobrindo seus dedos, e quando ela passou pela copa ... Ramiel poderia muito bem estar do outro lado do oceano.

Ele assomava bem à frente, com duas montanhas e um mar de floresta e os deuses sabiam o que mais entre ela e suas encostas

áridas.

Parecia idêntico à pintura de Feyre.

Ela olhou para o sol, depois para o tronco abaixo dela, em busca de musgo.

Lá - logo abaixo de seu pé esquerdo. Ramiel estava a leste.

Então ela foi jogada no oeste, e os outros ... Ela tinha que escolher o norte ou o sul.

Ou ela estaria melhor indo para a montanha e torcendo para encontrá-los ao longo do caminho? Ela vasculhou sua memória em busca de qualquer conselho que Cassian pudesse ter dado a ela sem cerimônia.

Cassian... Talvez ele já estivesse a caminho para salvá-la. A bolha de esperança em seu peito se rompeu.

Ele não poderia resgatá-la.

Ele próprio a informou sobre as leis que proíbem tal coisa.

Ele seria executado, e ela também.

Mesmo Rhysand ou Feyre não puderam pará-lo. Cassian não estava vindo para salvá-la.

Ninguém estava vindo para salvá-la, ou Emerie, ou Gwyn. Nestha flexionou os dedos, trabalhando algum movimento de volta para eles depois de ficar parada por tanto tempo.

Ela praguejou baixinho com o sangue que escorria dos pequenos cortes em suas mãos. Eles deveriam estar curados agora.

Mas a magia que vinculava o Rito também suprimia qualquer magia de cura dentro do sangue de uma fada, aparentemente.

Incluindo o dela. Qualquer ferimento pode ser fatal.

Se curaria em um ritmo humano e mortal.

Nestha se permitiu tomar mais algumas respirações lentas e firmes.

Ela poderia fazer isso.

Faria isso. Ela salvaria seus amigos.

E ela mesma. Gritos ecoaram atrás dela.

Os outros estavam acordando.

Amaldiçoando, Nestha desceu correndo a árvore, com a casca e as agulhas de pinheiro grudando em suas mãos incrustadas de seiva.

Ela tinha que escolher uma direção e estar correndo quando chegasse ao fundo.

A gritaria atrás dela tornou-se acentuada por gritos. Ela olhou para trás, certificando-se de que ninguém estava avançando sobre ela.

E ao fazer isso, ela pegou um flash de luz na pulseira de tecido em seu pulso esquerdo.

Do pequeno amuleto de prata no meio, brilhando na luz. Não - estava brilhando.

Nestha passou a ponta do dedo sobre o amuleto.

Ele zumbiu contra sua pele.

O pavor percorreu seu corpo - uma pontada em sua nuca, como se uma voz suave sussurrasse: Depressa. Nestha torceu para ver melhor contra o sol, mas a luz dentro do feitiço sumiu.

Nestha girou para o norte.

O encanto brilhou novamente. Com as sobrancelhas erguidas, ela inclinou o braço para o leste: nada.

Sul: apenas um brilho fraco.

Nenhum senso de urgência, de puro pânico.

Mas ao norte... O encanto brilhou, e novamente aquele pavor a encheu. Nestha respirou fundo, lembrando-se daquela noite na Casa quando eles fizeram as pulseiras.

Lembrando o desejo dela para eles: a coragem de sair para o mundo quando estivermos prontos, mas sempre poderemos encontrar o caminho de volta um para o outro.

Não importa o que. Ela fez os encantos.

Em balizas.

E qualquer uma de suas amigas que ficasse ao sul não corria tanto perigo quanto aquela ao norte. O terreno dessa forma era uma colina.

Uma pequena bênção.

Os outros guerreiros provavelmente escolheriam o caminho mais rápido e fácil para Ramiel e evitariam uma rota que envolvesse escalada. Mas como os feitiços poderiam funcionar aqui? O Rito banuiu a magia, tanto de um portador quanto de qualquer objeto.

A menos que o poder em torno do Rito não sufoque os itens Feitos.

Os feitiços Feérico tinham que ser redigidos com cuidado - talvez quem quer que tenha feito esse feitiço para os illyrianos nunca tenha considerado a possibilidade de um item Feito terminar no Rito. Seu próprio poder estava adormecido, no entanto.

Ela se esticou para dentro, tentando alcançá-lo, mas apenas o vazio a encontrou.

Sua garganta se apertou.

Ela mesma era uma coisa Feita - e ainda assim era uma pessoa também.

A magia a reconheceu como uma pessoa e não como uma coisa. Ela não tinha percebido o quanto precisava ver essa distinção.

Ela inalou o pinheiro e a promessa distante de neve.

Vivo.

Mesmo nesta paisagem infernal, ela estava viva. E ela se certificaria de que seus

amigos também estivessem. Exalando lentamente, controlando sua respiração, Nestha baixou o braço e começou a se mover. Suas botas muito grandes atingiram o chão, os dedos dos pés movendo-se dentro delas. No momento em que Nestha se endireitou, verificando a faca ao seu lado, ela já estava indo para o norte. Ocorreu a Nestha depois de dez minutos correndo colina acima, o feitiço cintilante ainda a impulsionando, seus pés naquelas botas infernais escorregando para um lado e para outro, que ela precisava de água.

E comida.

E precisaria de abrigo antes do pôr do sol.

E teria que decidir se arriscaria um incêndio ou possivelmente morreria de frio apenas para evitar ser encontrado. As roupas que ela roubou do homem não eram grossas o suficiente para ajudá-la a sobreviver à noite.

E se o céu cinza fosse qualquer indicação, neve ou chuva poderiam ser iminentes. Mas nenhum guerreiro estava em seu encalço.

Pelo menos ela tinha isso.

A menos que eles fossem tão furtivos quanto Cassian e Azriel. O pensamento a fez checar seu ritmo frenético, silenciando seus passos.

Colocando a pulseira e o talismã brilhante em sua manga para esconder seu brilho na penumbra.

Tentando deixar escassas evidências de sua passagem ao escalar uma colina particularmente íngreme e inspecionar o terreno além. Mais árvores e pedras e—

Nestha caiu no chão quando uma flecha passou zunindo.

A porra de uma flecha-A faca não foi por acaso.

Alguém jogou armas no Rito de Sangue.

Nestha esquadrinhou o terreno atrás dela em busca da flecha.

Ali - preso na base de uma árvore. Ela deslizou colina abaixo até chegar lá,

arrancou-o e enfiou-o no cinto.

Em seguida, subiu a colina novamente, mantendo-se abaixado, enquanto espiava por cima da crista mais uma vez. E ficou cara a cara com uma ponta de flecha afiada. “Levante-se,” o guerreiro rosnou. A cada légua que Cassian voava ao redor do castelo compartilhado pelas rainhas, Cassian amaldiçoou Eris por ser estúpido o suficiente para ser capturado.

Agora esta era a fortaleza de Briallyn, ele supôs.

Manchas de neve ainda criam crostas na terra aberta e montanhosa, embora os primeiros botões e brotos da primavera tenham aparecido.

Ele se mantinha alto o suficiente para dificultar a respiração, tão alto que não pareceria mais do que um pássaro muito grande para qualquer humano no chão.

Mas com sua visão Feérico, ele podia ver claramente o que cruzava a terra. Ele não viu nada de Eris, no entanto.

Sem cabelo ruivo, sem lamber de fogo, sem indícios de seus soldados.

Azriel, circulando na direção oposta, sinalizou que também não tinha visto nada.

Foi um esforço manter o foco.

Para continuar voando, circulando como abutres, quando sua mente vagasse para o noroeste.

Às montanhas da Ilíria e ao Rito de Sangue e Nestha. Ela havia sobrevivido à onda inicial? Os guerreiros estariam acordando agora. Fodida Eris.

Como ele poderia ter sido imprudente o suficiente para deixar aqueles soldados se aproximarem? Cassian novamente examinou o terreno abaixo, lutando para manter a respiração estável no ar.

Ele encontraria Eris rapidamente.

Chute sua bunda, se ele tiver tempo. E então? Ele não podia fazer nada para ajudar Nestha.

Mas pelo menos ele poderia estar mais perto do Rito.

Se o pior acontecer ... Ele fechou o pensamento.

Nestha sobreviveria.

Gwyn e Emerie sobreviveriam. Ele não permitiria outra alternativa.

CAPÍTULO

66

O guerreiro illyriano era menor do que o que Nestha matou, mas este homem colocou as mãos em um arco e flecha. “Dê-me suas armas,” ele ordenou, os olhos lançando-se sobre ela, notando o

sangue cobrindo seu rosto, formando crostas em seu queixo e pescoço. Nestha não se moveu.

Nem mesmo abaixou o queixo. "Dê-me a porra das suas armas," o homem avisou, a voz mais aguda. "De onde você veio?" ela perguntou, como se ele não tivesse uma flecha apontada para seu rosto.

E então, antes que ele tivesse tempo de responder, "Havia outra mulher lá?" O

macho piscou - e foi a única confirmação de que Nestha precisava antes de entregar a flecha.

Lentamente, lentamente, estendeu a mão para a faca. "Você a matou também?"

Sua voz caiu para gelo puro. "A cadela aleijada? Eu a deixei com os outros.

" Ele sorriu. "Você é uma presa melhor de qualquer maneira." Emerie.

Ela não poderia estar longe, se este homem já a tivesse visto.

Nestha puxou a faca. O macho manteve a flecha apontada. "Solte-o e recue dez passos." Emerie estava viva.

E nas proximidades.

E em perigo. E esse filho da puta não iria impedir Nestha de salvá-la. Nestha curvou a cabeça, os ombros caídos no que ela esperava que o homem acreditasse ser uma demonstração de resignação.

Na verdade, ele sorriu. Ele não teve chance. Nestha baixou a faca.

E sacudiu seu pulso, espalhando os dedos enquanto ela o deixava voar em direção ao homem. Bem em sua virilha. Ele gritou, e ela avançou quando a mão dele soltou o arco.

Ela se chocou contra ele e a arma, o barbante bateu em seu rosto com força suficiente para arrancar lágrimas, mas elas caíram, e ele estava gritando -

Ninguém ficaria entre ela e seus amigos. Sua mente deslizou para um lugar frio e calmo.

Ela agarrou o arco e jogou-o longe.

Quando o homem se contorceu no chão, tentando arrancar a faca que perfurava suas bolas, ela saltou sobre ela, empurrando-a com mais força.

Seu grito fez os pássaros se espalharem pelos pinheiros. Nestha torceu a lâmina, deixando-o deitado ali.

Ela agarrou as duas flechas, mas não se incomodou em liberar a aljava presa sob suas costas.

Ela recuperou o arco illyriano, agarrou sua faca e correu na direção de onde ele tinha vindo. Seus uivos a seguiram por quilômetros. Um rio anunciou sua presença bem antes de Nestha alcançá-lo.

O mesmo fizeram os guerreiros em sua margem próxima, timidamente falando uns com os outros - sentindo um ao outro, ela adivinhou - enquanto enchiam o que pareciam ser cantis.

Como se alguém tivesse deixado isso também. Nenhum sinal de Emerie. Ela se manteve atrás de uma árvore, a favor do vento, e ouviu. Nem um sussurro sobre Emerie ou outra mulher.

Apenas tensas regras sobre as alianças que estavam formando, como chegar até Ramiel, que havia deixado as armas e cantis para eles ... Ela estava prestes a caçar um local fácil para cruzar o rio, longe dos machos, quando ouviu: "Pena que aquela vadia escapou.

Ela teria sido um bom entretenimento nas noites frias." Tudo no corpo de Nestha ficou imóvel.

Emerie tinha chegado a este rio.

Vivo. Outro disse, bebendo da água corrente: "Ela provavelmente foi levada pela água na metade da montanha.

Se ela não morreu das corredeiras, os animais vão pegá-la antes do amanhecer."

Emerie deve ter pulado no rio para fugir desses homens. Nestha correu os dedos pelo arco pendurado no ombro.

As flechas em seu cinto pendiam como pesos.

Ela deveria matá-los por isso.

Dispare essas duas flechas em dois deles e mate-os por ferir sua amiga - Mas se Emerie tivesse sobrevivido ... Ela se afastou da árvore.

Escorregou para o próximo.

E o próximo.

Seguiu o rio, seus passos pouco mais do que o sussurro da água sobre a pedra.

Através dos pinheiros, descendo as colinas.

As corredeiras aumentaram, as rochas subindo como lanças negras.

Uma cachoeira rugiu à frente.

Se Emerie tivesse superado ... As corredeiras caíram sobre a borda, chegando ao fundo trinta metros abaixo.

Sem sobreviver a isso. A garganta de Nestha secou. E secou ainda mais ao ver o que havia do outro lado do rio, preso em uma árvore caída que se projetava da margem rochosa diretamente antes do mergulho nas cachoeiras. Emerie. Nestha correu para a beira da água, mas arrancou o pé de seus dedos gelados.

Emerie parecia inconsciente, mas Nestha não ousou se arriscar a gritar seu nome.

Um olhar para o céu revelou que o sol estava no meio da tarde, mas não ofereceu calor nem salvação. Há quanto tempo Emerie estava na água gelada? "Pense", Nestha murmurou. "Pense pense." Cada minuto na água corria o risco de matar Emerie.

Ela estava muito longe para discernir qualquer ferimento, mas não se mexeu contra o galho.

Apenas suas asas se mexendo mostravam algum sinal de vida. Nestha tirou suas roupas.

Gostaria de ter pego a camisola para amarrar a faca e duas flechas em volta da perna, em vez de deixá-las na costa, mas não tinha escolha.

Ela pegou o arco illyriano, porém, prendendo-o no peito, a corda cravando-se em sua pele nua. Nua, ela olhou a distância entre as quedas, as corredeiras, as rochas e Emerie. "Rock com rock," ela disse a si mesma.

Preparado para o frio. E saltou na água. Nestha engasgou e cuspiu com o choque gelado, as mãos tremendo tanto que ela temeu perder o controle sobre as pedras escorregadias e ser arremessada sobre as quedas.

Mas ela continuou.

Visando Emerie.

Cada vez mais perto, até que finalmente ela nadou freneticamente entre a última pedra e a margem do rio - e Emerie se esticou sobre a árvore semi-submersa além dela. Tremendo, batendo os dentes, Nestha arrastou Emerie para longe dos galhos e mais acima na margem, então se agachou sobre ela. O rosto de Emerie estava machucado, seu braço sangrando de um corte em seu bíceps.

Mas ela respirou. Nestha freou o soluço de alívio e sacudiu suavemente a amiga."Emerie, acorde." A fêmea nem mesmo gemeu de dor.

Nestha procurou pelos cabelos escuros de Emerie e seus dedos ficaram ensanguentados. Ela tinha que atravessar o rio.

Encontrar abrigo.

Faça uma fogueira e aqueça-os.

O arco que ela carregava não era suficiente para protegê-los.

Quase não. "Tudo bem, Emerie." Os dentes de Nestha batiam tão forte que seu rosto doeu."Desculpe por isto." Ela agarrou a camisola de sua amiga e rasgou-a ao meio, expondo o corpo magro e tonificado de Emerie aos elementos.

Nestha tirou a camisola e a torceu em uma longa corda, em seguida, tirou o arco do ombro. "Você não vai gostar desta parte", disse Nestha por entre os dentes, puxando Emerie de volta para a água.

"Nem eu," ela murmurou, a água gelada mordendo seus pés entorpecidos. Frio como o Caldeirão.

Frio como - Nestha deixou o pensamento passar, desejando que passasse como uma nuvem.

Focado. Ela conseguiu colocar Emerie na água até a cintura, segurando-a com tanta força quanto seus dedos trêmulos permitiam.

Em seguida, ela içou a amiga nas costas e prendeu o arco illyriano em torno de ambos, deixando a corda quase inquebrável cavar em seu próprio peito para que a madeira descansasse contra a coluna de Emerie, amarrando-os juntos. "Melhor que nada." Ela enrolou os braços flácidos de Emerie em volta dos ombros, em seguida, pegou a camisola de Emerie e envolveu-a nos pulsos, amarrando-os no

lugar."Espere", ela avisou, embora Emerie permanecesse um peso imóvel em suas costas. Rock com rock.

Assim como ela havia feito antes.

Rocha a rocha e depois de volta à costa. Rock com rock.

Passo a passo. Ela deu dez mil passos na Casa do Vento.

Tinha feito mais do que isso nesses meses.

Ela poderia fazer isso. Nestha se moveu mais fundo na água, reprimindo o grito por causa do frio. Emerie balançou e bateu nela, e a corda do arco illyriano cravou no peito de Nestha com força suficiente para cortar a pele.

Mas aguentou. Passo a passo. Quando Nestha voltou para a outra margem, tremendo, quase soluçando, a corda do arco havia sangrado.

Mas eles estavam em terra firme, e suas roupas e armas estavam lá, e - e agora para encontrar calor e abrigo. Nestha colocou Emerie nas agulhas de pinheiro, cobrindo a amiga com as roupas secas que ela havia deixado para trás, e juntou a lenha que pôde carregar.

Nua, tremendo, ela mal conseguia segurar as varas em seus braços enquanto as empilhava perto de Emerie.

Seus dedos trêmulos lutaram para torcer as varetas por tempo suficiente para acender uma faísca, para fazer com que os gravetos se tornassem uma chama, mas... pronto.

Fogo.

Ela vasculhou a área em busca de troncos caídos, rezando para que eles não estivessem muito molhados da névoa das corredeiras para pegar fogo. Quando o fogo estava crepitando constantemente, Nestha deslizou sob sua pilha de roupas ao lado de Emerie e

colocou os braços ao redor de sua amiga, pressionando a pele deles.

Ambos estavam congelando, mas o fogo estava quente, e por baixo das roupas grandes do homem o frio da água começou a desaparecer. Mas eles foram totalmente expostos ao mundo.

Se alguém aparecesse, estaria morto. Nestha segurou Emerie, sentindo seu corpo aquecer gradualmente.

Observando sua respiração mais fácil.

Sentindo seus próprios dentes batendo se acalmarem. Logo seria noite.

E o que surgiria no escuro ... Nestha lembrou-se dos contos de Cassian sobre os monstros que rondavam a floresta.

Ela engoliu em seco, envolvendo os braços com mais força em torno de Emerie.

Ela olhou para o braço, o feitiço ainda brilhando fracamente, apenas apontando para o sul agora.

Um único lampejo de esperança, de direção.

O que aconteceu com Gwyn? Ela estava suportando seus piores pesadelos novamente? Ela estava-Nestha se concentrou em sua respiração.

Acalmou sua mente. Ela sobreviveria à noite.

Ajude Emerie.

Em seguida, encontre Gwyn. Ao redor de um rio, ela aprendera em sua caminhada com Cassian, os sistemas de cavernas costumavam ser esculpidos pela água.

Mas para encontrar um, ela teria que deixar Emerie ... Nestha olhou para o sol desaparecendo, então saiu de debaixo da pilha de

roupas.

Ela cobriu Emerie com folhas e galhos, acrescentou outra lenha ao fogo e arriscou tirar a jaqueta do homem para se enrolar. Nestha calçou as botas, embora seus pés com bolhas se opusessem, e fez um círculo cuidadoso ao redor do acampamento, ouvindo qualquer coisa.

Qualquer um.

Examinando cada rocha e rocha fendida. Nenhuma coisa. O céu escureceu.

Devia haver cavernas em algum lugar por aqui.

Onde diabos eles estavam? Onde- "A entrada é aqui." Nestha girou, tirou a adaga, para encontrar um homem illyriano parado a três metros de distância.

Como ele se arrastou para cima, como ele sobreviveu ao corte que descia pelo lado do rosto - Ele notou suas próprias feridas, sua nudez sob o casaco, as pernas nuas e as botas.

A faca. No entanto, nenhuma luxúria ou ódio nublou seus olhos castanhos. O

homem apontou cuidadosamente para o que ela confundiu com uma pedra coberta de folhas."Isso é uma caverna.

Grande o suficiente para caber dentro.

" Nestha se ergueu em toda a sua altura.

Deixe-o ver a violência fria em seus olhos. "Você não vai sobreviver uma hora no chão depois que a noite cair", disse o homem, seu rosto charmoso de menino neutro."E se você ainda não está escalando uma árvore, então vou supor que alguém se machucou com você." Ela não revelou nada. Ele ergueu as mãos.

Sem armas, sem sangue nele, exceto o corte escorrendo pelo rosto.

“Eu vim do local de pouso para o oeste.” De onde ela veio. “Eu vi o corpo na ravina - você fez isso com Novius, não foi? Ele estava nu.

Você está com roupas de homem.

E essa deve ser a faca que perfurou sua garganta.

Você sabe quem diabos despejou armas aqui? ” Nestha manteve o silêncio.

A noite se aprofundou em torno deles. O homem encolheu os ombros quando ela não respondeu.

“Decidi seguir para o norte, na esperança de chegar a Ramiel por um caminho menos percorrido, evitando totalmente o conflito com os outros, se puder.

Eu não tenho nenhuma disputa com você.

Mas estou entrando naquela caverna agora, e se você for inteligente, você vai trazer quem estiver com você e entrar também.” “E você pegou minhas armas e me matou enquanto durmo?” Os olhos castanhos do homem piscaram. “Eu sei quem você é.

Não sou estúpido o suficiente para ir atrás de você.” “É o Rito de Sangue.

Você seria perdoado.” “Feyre Cursebreaker não me perdoaria por matar a irmã dela.” “Então você faz isso para ganhar o favor dela?” “Isso importa? Juro pelo próprio Enalius não matar você ou quem quer que esteja com você.

É pegar ou largar.” “Não para nos matar ou nos prejudicar de qualquer forma.

Ou peça a alguém que você conheça para fazer isso." Um leve sorriso.

"Você se adaptou às regras do Feérico rapidamente.

Mas sim.

Eu também juro.

" A garganta de Nestha balançou enquanto ela avaliava a expressão do homem.

Olhou para a entrada da caverna escondida atrás dele. "Eu preciso de ajuda para carregá-la." Eles não correram o risco de um incêndio na caverna, mas o homem, cujo nome era Balthazar, ofereceu sua capa de lã grossa para cobrir Emerie.

Nestha deslizou Emerie nas roupas do homem morto, deixando-se vestindo apenas a jaqueta de couro, e embora fosse contra todos os instintos, ela permitiu que Balthazar se sentasse do outro lado dela, seu calor vazando para seu corpo frio. "Quando o amanhecer vier, vá embora", disse Nestha na escuridão da caverna cheia de folhas e mofo enquanto a noite caía. "Se sobrevivermos à noite, ficarei feliz em ir", disse Balthazar. "As feras da floresta podem sentir o cheiro do

sangue do seu amigo e nos rastrear direto para esta caverna." Nestha deslizou seu olhar para o jovem guerreiro. "Por que você não está matando todo mundo?"

"Porque eu quero chegar à montanha e me tornar um oristiano.

Mas se eu encontrar alguém que gostaria de matar, não hesitarei.

" O silêncio caiu e permaneceu. Dentro de instantes, galhos quebraram. O corpo de Balthazar se contraiu, sua respiração ficando incrivelmente quieta.

Na escuridão da caverna, os únicos sons eram o farfalhar de suas roupas e as folhas embaixo delas. Um uivo rasgou a noite e Nestha

estremeceu, agarrando Emerie mais perto de seu lado. Mas os galhos quebrando e uivando se afastaram, e o corpo de Balthazar relaxou. "É apenas o primeiro", ele sussurrou na escuridão. "Eles vão rondar até o amanhecer." Ela não queria saber o que havia lá fora.

Não quando gritos começaram à distância.

- Alguns podem subir em árvores - Balthazar murmurou. "Os guerreiros idiotas esquecem disso." Nestha ficou em silêncio. "Farei o primeiro turno", disse o guerreiro. "Resto." "Multar." Mas ela não se atreveu a fechar os olhos. Nestha permaneceu acordado a noite inteira.

Se Balthazar sabia que ela não tinha dormido durante sua vigília, ele não disse.

Ela usava o tempo para fazer seus exercícios de paralisação da mente, o que mantinha o nervosismo afastado, mas não totalmente. O estalar de arbustos sob as patas e garras de bestas espreitando e os gritos dos illyrianos continuaram por horas. Quando Balthazar a cutucou com um joelho e ela fingiu estar acordada, ele apenas murmurou que ia dormir e se aconchegou contra ela.

Nestha se deixou absorver seu calor contra o ar gelado da caverna.

Se suas respirações profundas eram verdadeiras sono ou falsas, como a dela tinha sido, ela não se importou. Nestha manteve os olhos abertos, mesmo quando eles ficaram insuportavelmente doloridos e pesados.

Mesmo quando o calor de seus dois companheiros ameaçou fazê-la adormecer.

Ela não iria dormir.

Não baixou a guarda por um momento. O amanhecer finalmente vazou pela treliça de galhos, e os gritos e uivos diminuíram e então desapareceram.

Uma rápida inspeção na penumbra revelou que, embora sua amiga permanecesse inconsciente, o ferimento na cabeça de Emerie havia parado de sangrar.

Mas-"Você vai encontrar muitas roupas hoje," Balthazar disse, parecendo ler sua mente.

Ele saiu para a luz do dia e olhou ao redor, então amaldiçoou sob sua respiração."Muitas roupas." As palavras enviaram Nestha lutando para fora da caverna. Corpos alados jaziam por toda parte, muitos meio comidos. Um vento forte bagunçou o cabelo escuro de Balthazar enquanto ele se afastava."Boa sorte, Archeron." Eris estava longe de ser encontrada nas terras ao redor do castelo das rainhas.

Mas Azriel encontrou um comerciante humano que passava na estrada do palácio, que não hesitou quando lhe perguntaram se um homem Feérico havia chegado recentemente.

Ele prontamente informou que um homem Feérico ruivo foi arrastado para o castelo anteontem à noite.

Ele tinha ouvido na taverna que o homem seria levado logo para outro local.

"Vamos esperar aqui até eles saírem do castelo.

Em seguida, siga-os desde a cobertura de nuvens - disse Azriel, o rosto sombrio.

Cassian resmungou concordando e passou a mão pelo cabelo.

Ele mal dormiu, pensando em Nestha e em Feyre e Rhys. Cassian e Azriel não haviam discutido a barganha de seu irmão, que condenaria Rhys caso Feyre não sobrevivesse ao trabalho.

Perdê-la seria insuportável, mas também perder Rhys... Cassian não conseguia pensar nisso sem se sentir enjoado.

Talvez Amren estivesse trabalhando em alguma maneira de desfazer o acordo -

se alguém pudesse pensar em uma maneira, seria ela.

Ou Helion, ele supôs. Cassian e Azriel estavam além do alcance daemati de Rhys e Feyre, no entanto.

Eles não teriam notícias de nada. Mas ele saberia se Nestha estivesse morto.

Em seu coração, em sua alma, ele sentiria.

Iria sentir isso. Um companheiro sempre o fazia. Mesmo se ela tivesse rejeitado esse vínculo. Nestha tinha sobrevivido à noite, graças à pura sorte e a um illyriano mais interessado em política do que em matar. A exaustão desacelerou cada movimento enquanto Nestha abria caminho através dos corpos desmembrados, tirando qualquer roupa que estivesse intacta e não manchada de sangue ou fluidos corporais.

Muitos dos guerreiros urinaram ou cagaram quando as feras da floresta os encontraram.

Encontrar uma calça limpa era uma tarefa difícil. Mas Nestha juntou o suficiente, incluindo um par menor de botas para ela e um conjunto para Emerie, e pegou outra adaga, dois cantis de água e o que parecia ser um jantar de coelho comido pela metade. Quando ela voltou para a caverna - vestida, regada e com meia perna de coelho na mão - Emerie estava acordada.

Fraco, mas acordado.

Ela não disse nada enquanto Nestha lhe entregava a carne e a água e a ajudou a se vestir. Somente quando Nestha a tirou da caverna e Emerie avaliou a carnificina, ela grunhiu, "Gwyn?" Nestha, com o braço em volta da cintura de Emerie, levantou a mão livre - aquela com a pulseira em seu pulso.

Ela lentamente apontou o braço em cada direção.

“Sul,” ela disse quando o amuleto brilhou.

A localização geral de Gwyn não mudou desde ontem. Emerie prendeu a

respiração.

Levantou sua própria pulseira para o sul.

O feitiço brilhava quase freneticamente agora, emitindo uma sensação urgente de necessidade de se mover, de agir, de ser rápido. Maravilha brilhou nos olhos de Emerie antes de se tornar um foco sombrio. “Vamos, depressa.”

CAPÍTULO

67

Emerie confirmou que foi atacada e perseguida pelos homens que Nestha espionou no rio.

Ela saltou como um tiro final para a sobrevivência, bateu a cabeça em uma pedra e não se lembrou de nada até a caverna. Nestha deu a ela um resumo rápido e brutal de seus próprios encontros enquanto eles seguiam para o sul, mantendo-se em silêncio para ouvir qualquer Illyriano que passasse.

Alguns guerreiros solitários os ignoraram enquanto eles passavam com dificuldade, cobertos de sangue, todos indo para o leste; algumas matilhas lutaram entre si; e muitos mais corpos jaziam na terra fria. Eles procuraram por algum brilho de cabelo cobre.

Mas eles não viram nem ouviram nenhum sinal de Gwyn.

Eles não falaram se seus encantos poderiam estar conduzindo-os em direção a um corpo. O dia passou e eles encontraram outra caverna ao cair da noite, aconchegando-se para se aquecer.

Emerie insistiu em fazer a primeira vigília e Nestha finalmente dormiu.

Quando sua amiga a acordou, Nestha teve a sensação de que Emerie a deixara cochilar por mais tempo do que deveria. De manhã, eles emergiram para encontrar sangue misturado com a neve no chão.

As pegadas de animais ao redor da boca da caverna eram grandes o suficiente para revolver o estômago de Nestha. Logo, a neve começou a cair para valer.

O suficiente para velar o mundo à frente e atrás, e quaisquer inimigos com ele.

Eles estremeciam a cada passo para o sul, embora tivessem empilhado jaquetas extras de guerreiros caídos e, à medida que a manhã se aproximava do meio-dia, Nestha flexionou os dedos para evitar que as mãos congelassem. Se ela sobrevivesse, nunca mais reclamaria do calor do verão; nunca mais dê por garantidos o casaco, o chapéu, as luvas e aquele lenço idiota que Cassian a fizera usar em seu apartamento meses antes. - Sinto cheiro de fogo - murmurou Emerie.

Eles se falaram pela última vez horas atrás, concentrando-se em evitar o frio que era tão profundo que fazia seus dentes doerem. Eles pararam atrás de dois pinheiros, examinando o terreno, o céu carregado de neve.

Nestha consultou seu charme. "Por ali", disse ela, inclinando a cabeça para a esquerda.

"O fogo também está nessa direção - o vento está carregando a fumaça daquela crista." "Pode ser o incêndio de Gwyn", sugeriu Emerie, esperançosa. Nestha assentiu, acalmando seu coração acelerado.

Eles avançaram lentamente, disparando de árvore em árvore, ouvindo qualquer perigo ao seu redor, qualquer indício de Gwyn à frente.

Eles já estavam se movendo há vários minutos quando as risadas os alcançaram.

Riso masculino. O rosto de Emerie empalideceu enquanto ela segurava sua pulseira em direção à fonte das risadas.

Seu charme brilhava, cintilando mesmo na fraca luz de inverno do sol.

"Mantenha-se a favor do vento", disse Nestha severamente. "Vamos tomar o cume do lado sul." Uma camisola pendurada em um galho perto da borda do acampamento. O estômago de Nestha subiu, seu magro café da manhã queimando sua garganta.

Uma respiração suave de Emerie foi o único sinal de pavor e dor de sua amiga enquanto escalavam o último cume em direção aos guerreiros acampados em cima dela.

Eles estavam se gabando dos homens que mataram, a jornada restante em direção a Ramiel.

Nestha se esforçou para ouvir qualquer indício de uma mulher entre eles.

Se a camisola de Gwyn estava pendurada em uma árvore, então Gwyn-Para o inferno chegar a Ramiel.

Ela passaria o resto da semana aqui, matando todos eles lentamente. A crista do cume ficava três metros acima. Nestha controlou sua respiração, mantendo-a silenciosa e superficial, como as Valquírias haviam feito.

Um olhar para Emerie disse a ela que a mulher estava fazendo o mesmo, mesmo com a raiva acendendo em seus olhos escuros. Eles decidiram antes de subir a encosta que, como as asas de Emerie arqueavam muito alto acima de sua cabeça, Nestha iria avaliar o que estava além do cume.

Emerie segurava duas facas; Nestha tinha uma adaga, o arco illyriano e duas flechas.

Nestha teria que usar sua espiada para reunir informações sobre quais armas os homens tinham também. Eles trocaram um olhar final, assim que os machos explodiram em gargalhadas e Nestha se levantou.

Apenas alto o suficiente para sua visão limpar a borda da crista. Dez homens estavam sentados ao redor de uma fogueira, comendo.

Alguns tinham machados, alguns tinham espadas, alguns tinham facas.

Nestha escolheu o homem do meio, rindo e falando mais alto, como o líder.

Seu rosto - ela já tinha visto seu rosto antes.

Em algum lugar. Nenhum sinal de Gwyn.

Nestha abaixou-se de volta, girando em direção a Emerie. Mas Emerie se foi.

Arrastado até a metade da encosta e mantido entre dois machos sorridentes.

Ninguém entrou ou saiu do castelo imponente de pedra cinza.

Azriel e Cassian se revezaram circulando lá do alto, esperando por qualquer sinal de um grupo saindo, mas os portões não se abriram.

Ninguém chegou ou saiu da cidade murada que a cercava.

Como se os portões estivessem trancados, seu povo permaneceu lá dentro.

Nenhuma aldeia pontilhava as colinas ao seu redor. O castelo parecia ter surgido da terra e se estabelecido ali, agachado como uma enorme besta sobre a terra.

"Briallyn tem que saber que estamos aqui", disse Cassian enquanto se levantava, sua última pesquisa aérea concluída. "Você acha que ela está esperando que façamos um movimento?" - Acho que a melhor pergunta é se Eris ainda está viva

- Azriel murmurou, as sombras sussurrando em seu ouvido.

"Não consigo ler." "Esperar é inútil.

Devíamos entrar.

Mantenha-se fora de vista, para que ela nem saiba que estamos lá e fique tentada a usar a coroa conosco." "Eu te disse: o lugar é guardado com tantas proteções quanto a Casa do Vento.

Se Briallyn está movendo Eris, será melhor pegá-lo então." "Talvez o comerciante estivesse errado." "Pode ser.

Continuaremos a vigilância até amanhã.

" Azriel cruzou os braços.

"Eu sei que você quer ajudar Nestha.

Talvez Amren possa encontrar alguma brecha nas leis... " Cassian engoliu em seco.

"Não há brecha.

Se eu interferir, ambos estaremos mortos.

E mesmo se eu fizesse, Nestha me mataria se eu pulasse para salvá-la.

Ela nunca me perdoaria por isso." Ele não tinha mais nada a fazer exceto contemplar nos últimos dias.

O destino de Nestha era seu.

Ela era forte o suficiente para abrir seu próprio caminho, mesmo através dos horrores do Rito de Sangue.

Ele ensinou a ela as habilidades para fazer isso sozinho. E mesmo que as leis o permitissem, ele nunca tiraria isso dela: a chance de se salvar. "Não achei que você fosse estúpido o suficiente para se apaixonar pela camisola, mas suponho que essa seja a diferença entre uma mulher pensar que é uma guerreira e a verdadeira", disse o líder de rosto frio enquanto Nestha e Emerie eram lançadas seus pés calçados.

Ele riu, os olhos vidrados o suficiente para que Nestha se perguntasse se alguém contrabandeara uma caixa de vinho junto com as armas.

"Olá Emerie." Nestha então reconheceu o homem.

Bellius, o primo odioso de Emerie. Emerie apenas cuspiu: "Onde diabos ela está?" Bellius encolheu os ombros.

"Encontrei a camisola alguns quilômetros atrás.

Talvez algum outro guerreiro a tenha fodido e matado." Seu sorriso continha apenas maldade."Você não deveria ter vindo aqui, prima." Emerie retrucou: "Fui trazida aqui contra a minha vontade, prima.

Mas agora vou gostar de provar que você e seu pai estão errados. Seus dentes brilharam na luz fraca e nevada através da copa da floresta.

"Você desgraçou seu pai.

Desonrou nossa família.

" Nestha olhou suas armas aos pés do homem, todas cedidas após a captura de Emerie. "Foi você quem sabotou o Rito com essas armas?" Nestha fervilhava.

Bellius riu de novo, embora seus olhos permanecessem turvos.

Flocos de neve se acumularam em seu cabelo escuro.

“Eu não chamaria de sabotagem.

E ela também não.

” Nestha congelou.

Ela tinha visto aquele olhar vidrado antes - nos rostos dos soldados de Eris. E

essa palavra - ela.

Briallyn tinha de alguma forma enredado Bellius com a Coroa? Ele parecia com os olhos vidrados quando ela o viu na loja de Emerie meses atrás.

Quando ele voltou recentemente de uma viagem de reconhecimento ao continente.

Briallyn deve tê-lo interceptado então.

Talvez tenha usado a Coroa para influenciar os illyrianos a quebrar suas regras sagradas do Rito, para plantar as armas aqui.

Mas por que? Bellius disse a Emerie enquanto a fêmea tremia de raiva: "Você sabe que não posso deixar você sair daqui vivo.

Nossa família nunca se recuperaria da vergonha.

” "Foda-se", Emerie rosnou."Foda-se sua família." Bellius apenas olhou para Nestha, sorrindo fracamente.

Ele limpou a neve dos ombros de sua jaqueta.

“Eu tenho a primeira chance com a cadela Alta Feérico,” ele disse a seus guerreiros. O intestino de Nestha se agitou, ácido queimando por ela.

Ela tinha que encontrar alguma maneira de sair disso, mesmo em menor número, desarmada, sem magia - O puro pânico e raiva no rosto de Emerie disseram a ela que sua amiga também estava sem solução. Bellius deu um passo na direção deles. E então o sangue respingou na lateral de seu rosto quando as entranhas de um de seus comparsas espirraram na neve diante dele. A coisa que rastejou sobre a crista foi criada com pesadelos.

Parte gato, parte serpente, todo pelo preto e garras afiadas e dentes em forma de gancho.

Ele parou na borda do acampamento.

Não olhou para o cadáver destripado do guerreiro cujo abdômen ele havia aberto com um único golpe.

O sangue manchava a neve ao redor dele em um amplo círculo. Os guerreiros, Bellius com eles, se prepararam.

Bellius desembainhou a espada. A criatura saltou.

Guerreiros gritaram, armas brilhando na batalha ensanguentada e estridente. -

Corra - Nestha ordenou a Emerie, pondo-se de pé.

Ela agarrou suas armas, e Emerie se lançou para agarrar uma espada que voou da mão de um guerreiro para a neve. Uma voz feminina soou do outro lado do cume. "Aqui!" Nestha quase soluçou com a voz, com a cabeça de cabelo acobreado que apareceu, a mão acenando enquanto Bellius e seus homens se enfrentavam contra a coisa que os rasgava.

Nestha e Emerie alcançaram o topo da colina e escorregaram, espalhando neve.

Gwyn esperava do outro lado, ensanguentado e com roupas de guerreiro, o rosto sujo e rasgado, mas os olhos claros. "Siga-me," Gwyn respirou, e eles não perderam nenhum esforço em discutir enquanto caíam pela encosta e correram

por entre as árvores, visando o sudeste. Eles correram até que os gritos dos guerreiros, os rugidos da besta, estivessem distantes.

Até que eles desapareceram completamente. Eles pararam perto de um filete de um riacho na neve, ofegando tanto que Nestha teve que se encostar em uma árvore. "Quão?" Emerie engasgou. "Eu acordei antes dos outros," Gwyn disse entre respirações, uma mão em seu peito. "Eu também", disse Nestha. "Eu pensei que era porque eu fui feito, mas talvez seja porque você e eu não somos illyrianos." Gwyn assentiu.

"Comecei a correr e encontrei um esconderijo de armas quase imediatamente."

Ela gesticulou para o sangue em seus couros illyrianos.

"Troquei de camisola por roupas de outra pessoa.

De um corpo, quero dizer.

" Ela ergueu o pulso.

"Você sabia que essa coisa brilha? Lembrei-me do seu desejo para nós: que sempre possamos encontrar o caminho de volta um para o outro.

Não importa o que.

Achei que isso me levaria a você.

Deve ser de alguma forma imune à proibição de magia no Rito.

" Ela sorriu torto para Nestha.

"Fiquei nas árvores nas duas primeiras noites, observando os animais, e vi aquele macho horrível e seus companheiros esta manhã.

Vi que eles encontraram minha camisola e a exibiram, e eu sabia que eles estavam caçando você.

Pensei em tirá-los antes que pudessem encontrar você." "Você conduziu a besta direto para eles." "Aprendi onde os animais dormem durante o dia", disse

Gwyn."E que eles ficam muito bravos quando acordados." Ela apontou para os cortes em seu rosto, suas mãos.

"Eu mal ultrapassei aquele enquanto o conduzia em direção ao acampamento.

Meu timing foi apenas de boa sorte, no entanto.

"Emerie estremeceu."A Mãe cuidou de nós." Nestha poderia ter jurado que os amuletos em suas pulseiras soltaram um zumbido suave e cantante. Mas Gwyn estremeceu."Ele é realmente seu primo?" "Espero poder me referir a esse triste fato no passado depois disso", disse Emerie friamente. Nestha ofereceu-lhe um sorriso selvagem.

"Precisamos seguir em frente.

Se Bellius ou qualquer um de seus amigos sobreviverem, eles vão querer nos matar ainda mais agora." Mais quatro dias.

Eles tiveram que durar mais quatro dias. Gwyn disse roucamente enquanto eles se moviam para o deserto, a neve misericordiosamente clareando, "Vocês dois vieram me procurar." "Claro que sim", disse Emerie, entrelaçando sua mão com a de Gwyn, depois com a de Nestha, e apertando com força."É o que as irmãs fazem."

CAPÍTULO

68

Nestha de longe preferia cavernas às árvores.

Mas quando a noite caiu e nenhuma caverna se revelou, ela se viu sem outra opção a não ser escalar uma atrás de Emerie e Gwyn, a

última revelando como ela conseguiu descansar enquanto subia uma: um longo trecho de corda.

Deve ter sido um dos itens que a Rainha Briallyn mandou os illyrianos saírem, presumivelmente para amarrar cativos ou amarrá-los ou estrangulá-los, e Gwyn o usava para se amarrar ao tronco de uma árvore toda noite.

Foi longo o suficiente para que os três, sentados lado a lado em um galho enorme, pudessem se amarrar juntos e à própria árvore. "Como você evitou que as criaturas subissem para comê-lo?" Emerie perguntou a Gwyn, que estava entre ela e Nestha. "Eles estavam puxando os illyrianos dos galhos como maçãs."

"Talvez porque eu não cheire como uma illyriana", disse Gwyn, franzindo a testa para suas roupas. "Apesar disso." Ela acenou com a cabeça para Nestha.

"Você também não.

Se tivermos sorte, nossos cheiros vão mascarar os de Emerie.

" - Talvez - Nestha disse, a voz se acalmando conforme a noite se aprofundava.

A neve finalmente parou horas atrás, e até mesmo o vento forte havia diminuído.

Um pequeno milagre. Gwyn olhou para frente para olhar para Emerie. "Quanto você sabe sobre o Rito?" Emerie colocou as mãos sob as axilas para se aquecer.

"Uma boa quantia.

Meu pai e meu irmão - e meus primos horríveis - falavam sobre isso sem parar.

Qualquer reunião de família, todos os homens contavam e recontavam suas histórias tão gloriosas de seus próprios ritos.

Quantos eles mataram, os animais dos quais escaparam.

Nenhum deles jamais chegou a Ramiel, no entanto." Emerie acenou com a cabeça para Nestha.

"Eles sempre odiaram isso em Cassian.

E Rhysand e Azriel.

Eles odiaram que os três chegaram ao topo e ganharam a coisa toda.

" "A montanha é tão difícil de escalar?" Gwyn perguntou, a voz baixa. Emerie grunhiu."Difícil de alcançar; mais difícil de escalar.

É coberto por uma rocha irregular que corta você como um ralador de queijo."

Nestha estremeceu. "E com nossa cura desacelerada para um ritmo humano graças às regras do Rito", Emerie continuou, "teremos sorte se chegarmos inteiros ao Passo de Enalius." "O que é isso?" Nestha perguntou. Os olhos de Emerie brilharam."Há muito tempo - há muito tempo eles nem mesmo têm uma data precisa para isso - uma grande guerra foi travada entre os Feérico e os seres antigos que os oprimiam.

Uma de suas principais batalhas foi aqui, nestas montanhas.

Nossas forças estavam derrotadas e em menor número e, por algum motivo, o inimigo estava desesperado para alcançar a pedra no topo de Ramiel.

Nunca nos ensinaram o motivo; Acho que foi esquecido.

Mas um jovem guerreiro illyriano chamado Enalius manteve a linha contra os soldados inimigos por dias.

Ele encontrou um arco natural de pedra entre o emaranhado de pedras e fez dele seu gargalo.

Ele morreu no final, mas resistiu ao inimigo por tempo suficiente para que nossos aliados nos alcançassem.

Este rito é tudo para honrá-lo.

Muito da história se perdeu, mas a memória de sua bravura permanece.

” Como o nome de Cassian duraria ao longo da história, Nestha pensou.

Teria ela? Uma pequena parte dela desejava isso. “Existem alguns caminhos diferentes para o topo de Ramiel,” Emerie continuou.

“Mas o mais difícil, o mais infame, é aquele que te leva através do Passo de Enalius.

Através do arco de pedra.

Eles chamam esse caminho de Ruptura.

” “Por que não estou surpreso que seja o que Cassian e seus irmãos levaram?”

Nestha resmungou. Emerie e Gwyn riram, mas quando uma besta rugiu ao longe, eles imediatamente ficaram quietos. Nestha murmurou: “Devíamos fazer vigias.” Eles os dividiram, Nestha assumindo a primeira vigília, Emerie em segundo e Gwyn em terceiro, e quando isso foi decidido, eles se sentaram em silêncio por um longo momento.

Eles comeram uma refeição escassa de um esquilo assado que Gwyn conseguiu roubar de um illyriano desavisado, mas a fome permaneceu um nó vocal em suas barrigas. Nestha se inclinou para o calor de Gwyn, deixou que ele se infiltrasse em seus ossos.

E orou a qualquer deus que pudesse estar ouvindo para que o ronco de seus

estômagos não os revelasse às feras abaixo. O quarto dia trouxe o sol, forte o suficiente para tornar a neve cegante, mesmo nas sombras dos pinheiros.

Gwyn havia escalado sua árvore até o topo, então estimou que Ramiel estava a dias de distância, a nordeste.

Deixando-os, caso sobrevivessem, um dia para escalar sua face árida. "Não consegui ver se havia mais alguém à frente", anunciou Gwyn, "mas há uma ravina enorme próxima com uma pequena ponte de madeira.

Devemos ser os primeiros a descobri-lo - se alguém mais o tivesse feito, eles teriam destruído a ponte para impedir seu uso.

Precisamos alcançá-lo antes que os outros o façam.

"Quão longe à frente?" Nestha perguntou, verificando a faca ao seu lado, a corda que ela enrolou sobre um ombro e o arco illyriano ali.

Emerie estava com a espada que ela roubou do acampamento de Bellius, e Gwyn carregava um escudo e uma faca. "Várias horas, se pudermos executá-lo", disse Gwyn. "Correr riscos de atenção", alertou Emerie. "Andar corre o risco de perder a ponte", retrucou Nestha. Os três se entreolharam.

"Corra, então," Gwyn disse, e eles concordaram. Eles estabeleceram um ritmo leve, destinado a manter seus passos silenciosos e fáceis mesmo com a neve sob os pés, mas correr após dias de exaustão, membros rígidos de frio e barriga quase vazia, fez a cabeça de Nestha latejar. "Temos companhia", disse Emerie ofegante, e os três pararam.

A menos de quinhentos metros de distância, havia seis homens. "Você acha que eles sabem sobre a ponte?" Gwyn respirou. Assim que ela disse isso, os machos começaram a correr.

Não em direção a eles, mas em direção à ravina. Amaldiçoando, Nestha se lançou em movimento com Gwyn e Emerie logo atrás, a neve voando a seus pés. "Pressa!" ela gritou. Através das árvores à frente, o mundo se iluminou -

como se a floresta tivesse parado.

Sim, ela percebeu.

Na beira da ravina, agora equidistante entre eles e os machos.

Quem quer que o fizesse primeiro cortaria a ponte atrás deles. E se os dois alcançassem a ponte ao mesmo tempo ... "Temos que interceptá-los", Nestha ofegou. "Bem antes de chegarem à ponte." Ela alterou sua trajetória abruptamente, e Emerie e Gwyn moveram-se com ela como um só.

Os machos que apontavam para a ponte pareceram perceber que seu inimigo estava vindo direto para eles.

Eles diminuíram a velocidade, alcançando suas armas. Nestha encontrou seu alvo, um homem com um pé bom nela, e golpeou com sua adaga enquanto ela se chocava contra ele.

Ele estava correndo rápido o suficiente para perder o equilíbrio e cair enquanto se esquivava do golpe.

Precisamente onde ela o queria: bem na frente de Emerie.

Nestha girou para o próximo homem enquanto sua amiga enfiava sua espada no peito do primeiro homem. O próximo macho Nestha atacou estava pronto, golpeando com uma espada curta.

Ela se abaixou, girando para longe, permitindo que ele acertasse o escudo de Gwyn.

Assim que Gwyn se abaixou, cortando suas canelas com uma adaga. Os outros quatro - Nestha ondulou e balançou contra outro homem, punhal a punhal.

Cada movimento cantou em perfeita harmonia com sua respiração; cada eixo de seu corpo, seus membros, era parte de uma sinfonia. O homem balançou amplamente em Nestha, e ela vislumbrou sua abertura.

Ela deixou seu golpe ir largo antes de bater o cotovelo em seu nariz.

Bone encontrou osso com um estalo que ecoou por ela. Ele caiu com um

grunhido e a lâmina de Nestha cortou prata e vermelho em sua garganta.

Ela não se permitiu sentir a maciez quente de seu sangue. Outro homem já avançou para ela, e Gwyn gritou o nome de Nestha - chamando sua atenção antes que a sacerdotisa jogasse um escudo para ela. Nestha o pegou, girando na neve sobre um joelho enquanto absorvia o impacto de seu peso.

Expulsando seu fôlego em uma exalação poderosa, ela ergueu o escudo bem alto enquanto o homem abaixava uma espada destinada a sua cabeça.

Nestha recebeu o golpe, empurrando o escudo para cima e desequilibrando o homem.

Ela bateu a faca na bota dele. Ele gritou, caindo para trás, e Nestha saltou de pé, balançando o escudo com tanta força que amassou quando bateu em sua cabeça.

As reverberações atingiram sua mão e antebraço, mas ela continuou segurando o escudo. Nestha girou para o próximo oponente, mas seus amigos pararam.

Os machos ao redor deles estavam caídos. O silêncio absoluto encheu a floresta nevada.

Até mesmo os pássaros nos pinheiros haviam parado de chilrear. "Valquírias", disse Emerie, os olhos brilhando intensamente. Nestha

sorriu através do sangue que ela sabia que estava espalhado em seu rosto. "Claro que sim." - Quatro malditos dias - Cassian sibilou de onde ele e Azriel monitoravam o castelo. "Estamos sentados em nossas bundas há quatro malditos dias." Azriel afiou o Truth-Teller.

A lâmina negra absorveu a fraca luz do sol que gotejava pela copa da floresta acima.

"Parece que você se esqueceu de quanto da espionagem espera o momento certo.

As pessoas não se envolvem em suas más ações quando é conveniente para você.

" Cassian revirou os olhos.

"Eu parei de espionar porque me entediava até a morte.

Não sei como você aguenta isso o tempo todo." "Me serve." Azriel não parou a nitidez, embora sombras se acumulassem em torno de seus pés. Cassian soltou um suspiro.

"Eu sei que estou sendo impaciente.

Eu sei que.

Mas você realmente acha que não devemos ir até aquele castelo maldito e espiar dentro? " "Eu te disse: o castelo deles é fortemente protegido e cheio de armadilhas mágicas que tropeçariam até mesmo em Helion.

Além disso, Briallyn tem a coroa.

Não tenho interesse em explicar a Rhys e Feyre por que vocês morreram sob minha guarda.

E ainda menos interesse em explicar para Nestha.

" Cassian olhou em direção ao castelo. "Você acha que ela está viva?" A pergunta o assombrou a cada respiração nos últimos dias.

"Você saberia se ela tivesse morrido", disse Azriel, pausando seu trabalho e olhando para Cassian.

Ele bateu no peito de seu irmão com uma mão cheia de cicatrizes."Bem aqui -

você sabe, Cass." "Há muitas outras coisas indescritíveis que poderiam estar acontecendo com ela", disse Cassian, a voz engrossando.

"Para Emerie e Gwyn." As sombras se aprofundaram ao redor de Azriel, seus Sifões brilhando como fogo de cobalto.

- Você - nós - os treinamos bem, Cassian.

Confie nisso.

É tudo o que podemos fazer.

"A garganta de Cassian se apertou, mas um movimento desviou o olhar de Azriel.

Cassian ficou de pé."Alguém está saindo do castelo." Os dois lançaram-se silenciosamente aos céus, entrando na cobertura de nuvens em instantes.

No ar frio e rarefeito, Cassian vislumbrou apenas o que as lacunas nas nuvens ofereciam. Mas foi o suficiente. Uma pequena caravana havia deixado os portões orientais da cidade, partindo pela estrada nua que passava pelas colinas. "Não vejo uma carroça de prisão", disse Cassian por cima do vento. O olhar de Azriel permaneceu na terra abaixo."Eles não precisam de um", disse ele com um veneno silencioso. Cassian teve que esperar até a próxima lacuna nas nuvens para ver. Não, eles não precisavam de uma carroça de prisão.

Porque cavalgando em um cavalo branco na frente do grupo, lado a lado com uma figura pequena e curvada, estava Eris. "Idiota estúpido", Cassian rosnou."Ela o prendeu com a Coroa." "Não," Az disse calmamente.

“Olhe para a esquerda dele.

Ele ainda está com a adaga ao seu lado.

Se ele estivesse sob seu domínio, ele já o teria entregado." "Portanto, possuir outro objeto Made protege-o contra a Coroa." O que significava... "Traidor".

Cassian cuspiu.

“Não sei por que estou surpreso.” Suas mãos se fecharam em punhos. "Vamos pegá-lo, arrastá-lo para casa e despedaçá-lo." Ele foi afastado de Nestha por causa disso? Para os jogos de Eris? A voz de Azriel cortou o vento uivante.

“Nós os seguimos.

Capture Eris agora e talvez não consigamos nada dele.

Pelo menos não rapidamente.

Nós os rastreamos e descobrimos até onde essa traição vai.

Veja com quem eles estão se reunindo.

Tem que ser importante, para eles saírem da segurança do castelo.

” Não havia como discutir com a lógica disso, mesmo que o coração de Cassian gritasse com ele a cada bater de asas para voar de volta para casa. Nestha, Emerie e Gwyn nem haviam chegado à ponte quando um novo grupo de homens se aproximou, armados com arcos e flechas. "Nós podemos fazer isso," Emerie ofegou, correndo na frente de sua matilha em direção à ponte, agora visível através das árvores com crostas de neve.

“Podemos fugir deles.” Setas passaram zunindo. Emerie atingiu a ponte primeiro, a engenhoca frágil quicando com seu peso enquanto ela praticamente voava através dela.

As flechas acertaram as árvores, o solo, os postes da ponte, e Nestha não hesitou enquanto corria sobre as ripas, não ousando olhar para o mergulho abaixo em um leito de rio estéril, apenas para Emerie quando ela passou pela ponte-Um grito de dor explodiu atrás deles, e Nestha girou no final da ponte para encontrar Gwyn ainda do outro lado com uma flecha em sua coxa.

Abaixo.

Muito perto dos machos se aproximando - "CORTE ISSO!" Gwyn rugiu.

"Levante-se," Nestha gritou."Levantar." A sacerdotisa tentou.

Ela ficou de pé, mas nunca cruzaria a ponte a tempo. Então Nestha tirou o arco illyriano de seu ombro.

Tirou o rolo de corda também e entregou-o às cegas a Emerie."Amarre uma ponta a essa árvore, e depois em volta de você." Nestha não esperou para ver se ela era obedecida antes de amarrar a outra ponta da flecha.

Encaixou a flecha no arco. "Nós não aprendemos arco e flecha," Emerie respirou. Mas Nestha encaixou a flecha no lugar.

Mirou.

Bem em Gwyn, que olhou para a corda amarrada à flecha, a outra ponta em volta da árvore e Emerie, e entendeu. "Minha irmã me ensinou." Os braços de Nestha tremeram quando ela puxou a corda."A muito tempo atrás." Dentes cerrados, grunhindo, Nestha se esforçou para cada centímetro.

Visando Gwyn enquanto sua amiga corria em direção à ponte, mancando, o rosto pálido de dor, deixando um rastro de sangue na neve atrás dela. Nestha deixou a flecha voar quando o primeiro dos machos rompeu as árvores. Ele voou verdadeiro.

Aterrou na neve aos pés de Gwyn. A sacerdotisa agarrou a flecha e enrolou a corda na cintura, uma e outra vez enquanto corria para a

ponte - Nestha largou o arco.

Gwyn havia alcançado o outro lado da ponte e gritava: "CORTA, CORTA!" Os machos limpavam as árvores.

Eles correram em direção à ponte e Gwyn mancando, avançando rapidamente.

Nestha só precisou estender a mão antes que Emerie jogasse a espada para ela.

Gwyn, mancando no meio da ponte, não parou de se mover.

Os machos estavam apenas alguns metros atrás, aglomerando-se na estrutura frágil. Nestha desceu a lâmina sobre as cordas da ponte.

Mesmo quando a madeira caiu debaixo dela, Gwyn ainda parecia estar correndo, então saltando para o ar livre, apenas aquela corda em torno de sua cintura para impedi-la de morrer quando ela começou a mergulhar-Mas Nestha agarrou a corda, caindo antes do poste da ponte e envolvendo as pernas ao redor dela, segurando firmemente enquanto centímetro após centímetro de fibra áspera rasgava suas mãos.

Atrás dela, apoiado no pinheiro, Emerie se segurou com a mesma força. Gwyn caiu em direção ao chão da ravina, os machos illyrianos gritando enquanto caíam, sem amarras, com ela. Nestha gritou, com as palmas das mãos em chamas.

O vermelho revestiu a corda, mas ela apertou as mãos dilaceradas com mais força e respirou pela sensação de rasgar. Até Gwyn interromper seu mergulho e parar.

O mundo inteiro parecia prender a respiração enquanto Nestha esperava o estalar da corda.Mas Gwyn apenas se inclinou em direção à face da rocha, grunhindo de dor ao bater. Os illyrianos que haviam caído carregavam os únicos arcos, felizmente, e os machos do outro lado praguejaram e cuspiram. Mas Nestha e

Emerie não prestaram atenção enquanto puxavam Gwyn para cima, as mãos ensanguentadas tornando a corda ainda mais vermelha.

Cada puxão fazia Nestha ofegar de dor até Gwyn passar pela borda do penhasco, fazendo uma careta quando a flecha em sua coxa tocou o chão.

Foi um tiro certo, mas o sangue encharcou sua perna.

Seu rosto já estava pálido. "Vadias desgraçadas!" um dos machos rugiu. "Oh, cale a boca!" Emerie berrou através da ravina, ajudando Nestha a conduzir Gwyn para as árvores nevadas, suas respirações soprando diante deles.

"Encontre algo novo para nos ligar!" Eles conseguiram deslizar a flecha da perna de Gwyn e amarrá-la usando uma camisa extra que haviam tirado de um guerreiro morto, mas a sacerdotisa ainda mancava.

Seu rosto tinha ficado pálido e, mesmo apoiada entre Nestha e Emerie, ela manteve o ritmo glacial. No entanto, eles continuaram em direção a Ramiel, agora visível à frente deles. Eles não encontraram mais ninguém.

Começou a nevar novamente por volta do meio-dia, e os passos de Gwyn ficaram cambaleantes.

Sua respiração estava muito difícil.

Logo Nestha e Emerie a estavam meio carregando entre eles. Quando a noite caiu, apenas colocar Gwyn no alto de uma árvore consumiu todas as forças restantes.

Eles se prenderam ao tronco com a corda ensanguentada, e Nestha e Emerie

preguiçosamente arrancaram minúsculas fibras de suas mãos rasgadas.

Eles não tinham mais comida, apenas água. O dia seguinte foi o mesmo: caminhada lenta, rajadas de neve, ouvidos atentos para qualquer indício de outros guerreiros, muitas pausas, apenas água para encher suas barrigas e, quando a noite caiu, uma nova árvore. Mas esta árvore foi a última antes que uma encosta árida se erguesse acima deles como uma fera negra. Eles chegaram ao pé de Ramiel. Nestha acordou antes do amanhecer, verificou se Gwyn respirava, se sua perna não havia infeccionado, e olhou para a encosta preta e cinza à frente. Bem no alto, longe demais, ficava seu pico com a pedra negra sagrada.

Três estrelas brilharam acima da montanha: Arktos e Oristes à esquerda e à direita; Carynth os coroando.

Sua luz brilhou e diminuiu, como se fosse um convite e um desafio. - Cassian me disse que apenas doze chegaram até aqui - Nestha murmurou para suas amigas.

"Já conquistamos o título de oristianos só por estarmos aqui." Emerie se mexeu.

"Podemos ficar aqui hoje, esperar durante a noite e terminar ao amanhecer.

Para o inferno com quaisquer títulos.

" Foi a coisa certa a fazer.

A coisa segura a fazer. "Esse caminho", disse Nestha, apontando para um pequeno ao longo da base de Ramiel, "também pode nos levar para o sul.

Ninguém iria por ali, porque isso leva você para longe da montanha.

" Então, viemos até aqui e apenas nos escondemos?" Gwyn disse, a voz rouca.

"Você está ferido," Nestha rebateu.

“E essa é uma montanha à nossa frente.” “Então, ao invés de tentar e falhar,”

Gwyn exigiu, “você tomaria o caminho seguro?” “Nós viveríamos,” Emerie disse cuidadosamente. “Eu adoraria nada mais do que limpar os sorrisos dos

homens da minha aldeia, mas não a esse custo.

Não se isso nos custar você, Gwyn.

Precisamos de você para viver.

” Gwyn estudou a encosta íngreme e implacável de Ramiel.

Não havia muita neve nas laterais.

Como se o vento tivesse varrido tudo.

Ou as tempestades evitaram totalmente seu pico.

“É a vida, entretanto? Para pegar o caminho seguro? ” “Você é aquele que está em uma biblioteca há dois anos”, disse Emerie. Gwyn não vacilou. “Eu tenho.

E estou cansado disso.

” Ela examinou o couro encharcado de sangue ao longo de sua coxa.

“Não quero seguir o caminho seguro.” Ela apontou para a montanha, para o caminho estreito para cima.

“Eu quero seguir por esse caminho.” Sua voz engrossou.

“Eu quero pegar a estrada que ninguém ousa viajar, e eu quero viajar com vocês dois.

Não importa o que aconteça conosco.

Não como illyrianos, não por seus títulos, mas como algo novo.

Para provar a eles, a todos, que algo novo e diferente pode triunfar sobre suas regras e restrições.

” Um vento frio soprou nas laterais de Ramiel.

Sussurrando, murmurando. "Eles chamam isso de escalada de quebra por uma

razão", rebateu Emerie gravemente. Nestha acrescentou: "Faz dias que não comemos.

Estamos chegando ao fim de nossa água.

Para escalar aquela montanha— ” “Eu já estive quebrada antes,” Gwyn disse, sua voz clara.

“Eu sobrevivi.

E eu não serei quebrado novamente - nem mesmo por esta montanha.

” Nestha e Emerie mantiveram-se em silêncio enquanto Gwyn soltou um suspiro afiado.

“Um comandante de Hybern me estuprou há dois anos.

Ele fez seus soldados me segurarem em uma mesa.

Ele ria o tempo todo.

” Lágrimas brilharam nos olhos de Gwyn.

“Hybern atacou na calada da noite.

Estávamos todos dormindo quando eles invadiram o templo e começaram a matança.

Eu compartilhei um quarto com meu irmão gêmeo, Catrin.

Acordamos com os primeiros gritos nas paredes.

Ela era... Catrin sempre foi a forte.

O inteligente e charmoso.

Depois que nossa mãe morreu, ela cuidou de mim.

Cuidou de mim.

E naquela noite, ela ordenou que eu fosse proteger os filhos de Sangravah enquanto ela corria direto para as paredes do templo."A voz de Gwyn tremeu.

"Quando cheguei ao dormitório das crianças, o massacre estava a apenas alguns corredores de distância.

Juntei as crianças e corremos para um dos túneis da catacumba.

Eles eram acessíveis por um alçapão na cozinha, e eu consegui colocar a última criança quando ouvi os soldados chegando.

Eu... eu sabia que eles nos encontrariam se eu fosse e deixasse a porta descoberta, então joguei um tapete sobre ela e, em seguida, movi a mesa da cozinha para cima dela.

Eu tinha acabado de mover a mesa quando os soldados me encontraram." Nestha não conseguia respirar.

Gwyn olhou para a montanha que se erguia no alto.

Até o vento pareceu acalmar ao ouvir suas palavras. "A gritaria havia parado e eles tinham outras sacerdotisas com eles.

Incluindo Catrin.

Mas o comandante deles entrou e perguntou-me onde estávamos os outros.

Eles queriam os filhos também.

As raparigas." Nestha podia ouvir o coração trovejante de Emerie, sua batida frenética ecoando na dela. Gwyn engoliu em seco.

"Eu disse a ele que as crianças haviam percorrido a estrada da montanha para obter ajuda.

Ele não acreditou em mim.

Então ele agarrou Catrin, porque nossos cheiros eram quase idênticos, você vê, e

me disse que se eu não revelasse onde as crianças estavam, ele a mataria.

E quando eu não desisti das crianças... "Sua boca tremeu.

"Ele decapitou Catrin ali mesmo, junto com duas outras sacerdotisas.

E então ele disse a seus soldados para trabalharem em nós.

Ele me reivindicou.

Eu cuspi na cara dele.

" As lágrimas deslizaram por suas bochechas."E então ele... foi trabalhar." O

coração de Nestha quebrou. "Eu ainda não tinha participado do Grande Rito e estávamos tão distantes lá que nunca tive a chance de deitar com um homem, e ele tirou isso de mim também.

E então ele chamou três de seus soldados e disselhes para continuarem até que eu revelasse para onde as crianças tinham ido.

" A náusea agitou o intestino de Nestha.

Ela não poderia ter se movido se quisesse. "O primeiro tinha acabado de desafivelar o cinto quando Azriel chegou." Lágrimas

silenciosas e intermináveis escorreram pelo rosto de Gwyn. “Azriel massacrou todos eles em poucos instantes.

Ele não hesitou.

Mas eu mal conseguia me mover, e quando tentei me levantar... Ele me deu sua capa e me envolveu nela.

Morrigan chegou poucos minutos depois, e então Rhysand apareceu, e ficou claro que alguns dos soldados haviam escapado com o pedaço do Caldeirão, então Azriel foi atrás deles.

Mor me curou da melhor maneira que pôde e depois me levou à biblioteca.

Eu não conseguia... não suportava estar no templo, com os outros.

Ver o túmulo de Catrin e saber que falhei com ela, ver aquela cozinha todos os dias pelo resto da minha vida. “Nos primeiros cinco meses que estive na biblioteca, quase não falei.

Eu não cantei.

Fui até a sacerdotisa que aconselha todas nós, e às vezes simplesmente ficava sentada e chorava, ou gritava, ou não dizia nada.

E então comecei a trabalhar com Merrill, a pedido de Clotho, e o trabalho me focou.

Me motivou a sair da cama todas as manhãs.

Comecei a cantar durante o culto noturno.

E então você apareceu, Nestha.

” Os olhos de Gwyn deslizaram para os dela, cheios de lágrimas e dor e -

esperança.

Preciosa e linda esperança.

“E eu poderia dizer que algo ruim aconteceu com você, também.

Você estava lutando contra isso, no entanto.

Não deixando isso dominar você.

Eu sabia que Catrin seria o primeiro a se inscrever para o treinamento, então...

Eu também.

Mas mesmo o treinamento nestes meses não apagou o fato de que deixei minha irmã morrer.

Você me perguntou uma vez por que eu não uso o capuz ou a Pedra de Invocação.

Essa pedra é um sinal de santidade.

Como alguém como eu pode usar? ” Gwyn parou finalmente, como se esperasse que eles a amaldiçoassem. Mas as lágrimas escorriam pelo rosto de Emerie.

Eles não pararam quando Emerie pegou a mão de Gwyn e disse: "Você não está sozinho, Gwyn.

Você me ouve? Você não está sozinho." Nestha pegou a outra mão de Emerie enquanto sua amiga continuava: "Nós sofreremos de forma diferente, mas... Certa vez, meu pai me bateu tanto que quebrou minhas costas.

Ele me manteve na cama por semanas enquanto eu me curava, dizendo às pessoas que eu estava doente, mas não estava.

Foi... Foi um dos menores de seus males." Ela fez uma pausa.

“Ele bateu na minha mãe antes disso.

E ela... eu acho que ela me protegeu dele, porque ele nunca colocou a mão em mim até que ela se foi.

Até que ele bateu nela tanto que ela não conseguiu se recuperar.

Ele me fez cavar sua sepultura em uma noite de lua nova e disse às pessoas que ela abortou um bebê e morreu de perda de sangue." Ela com raiva enxugou uma lágrima.

"Todos acreditaram nele.

Eles sempre acreditaram nele - ele era tão charmoso com eles, tão inteligente.

Sempre que as pessoas me diziam como eu era sortudo por ter um pai tão bom, me perguntava se tinha imaginado todas as partes ruins.

Apenas minhas cicatrizes, minhas asas me lembravam da verdade.

E quando ele morreu, fiquei tão feliz, mas eles esperavam que eu chorasse por

ele.

Eu deveria ter contado a todos que monstro ele era, mas não contei.

Eles fizeram vista grossa para meu corte de asas enquanto ele estava vivo; por que eles deveriam se preocupar em acreditar na verdade agora que ele estava entre os mortos honrados? "O nariz de Emerie enrugou.

"Eu ainda sinto seus punhos em mim.

Ainda sinto o impacto dele batendo minha cabeça na parede, ou esmagando meus dedos em uma porta, ou apenas me batendo até eu desmaiar." Ela estava tremendo e Nestha apertou sua mão com mais força.

“Ele nunca me deu dinheiro ou permitiu que eu ganhasse o meu, nunca me deixou comer mais do que ele julgava apropriado e meteu-se tão profundamente em minha mente que ainda o ouço quando me olho no espelho ou cometo um erro.

” Ela engoliu em seco.

“Vim treinar porque sabia que ele teria proibido.

Vim para o treinamento para tirar sua voz da minha cabeça.

E saber como impedir um homem se alguém colocar a outra mão em mim novamente.

Mas nada disso trará minha mãe de volta, ou o fato de que eu me escondi enquanto meu pai descarregava sua raiva sobre ela.

Nada vai consertar isso.

Mas esta montanha... Emerie apontou para o pequeno caminho de terra na base do pico."Eu vou escalar para minha mãe.

Por ela, vou enfrentar a Ruptura e ir o mais longe que puder." Os dois olharam para Nestha.

Mas seu olhar permaneceu na montanha.

Seu pico.

Esse caminho que leva a ele.

O mais difícil de todos os caminhos. Por fim, Nestha disse: “Fui enviado para a Casa do Vento porque me tornei um desgraçado, bebendo e fodendo tudo que estava à vista.

Minha... família não aguentou.

Por mais de um ano, abusei de sua bondade e generosidade, e fiz isso porque...

"Ela exalou um suspiro trêmulo.

"Meu pai morreu durante a guerra.

Diante dos meus olhos, mas não fiz nada para impedi-lo.

" E então tudo saiu.

Ela contou aos dois todas as coisas horríveis que tinha feito, pensado e saboreado.

Contei-lhes sobre o Caldeirão e seu terror, dor e poder.

Disse a eles o pior dela, de modo que se decidissem se arriscar a escalar aquela montanha com ela, eles iriam para ela com os olhos abertos.

Para que eles pudessem escolher recuar agora. E quando Nestha terminou, ela se preparou para a decepção em seus rostos, o nojo. A mão de Gwyn deslizou para a dela, no entanto.

Emerie apertou ainda mais a outra mão de Nestha também. - Nenhum de vocês é culpado pelo que aconteceu - sussurrou Nestha. "Nenhum de vocês falhou com ninguém." - Nem você - disse Emerie suavemente. Nestha olhou para suas amigas.

E viu dor e tristeza em seus rostos marcados por lágrimas, mas também a abertura de deixar um ao outro ver os lugares quebrados bem no fundo.

O entendimento de que eles não se afastariam. Os olhos de Nestha ardiam quando Gwyn disse: "Então, escalamos Ramiel.

Tomamos a quebra.

Vencemos para provar a todos que algo novo pode ser tão poderoso e inquebrável quanto as regras antigas.

Aquilo que ninguém nunca viu antes, nem inteiramente Valquíria nem inteiramente Illyriano, pode ganhar o Rito de Sangue.

” "Não", disse Nestha por fim.

“Vencemos para provar a nós mesmos que isso pode ser feito.” Ela mostrou os dentes em um sorriso selvagem para a montanha. "Ganhamos tudo."

CAPÍTULO

69

Eris e a pequena caravana cavalgaram para o leste por três dias, parando apenas para comer e dormir.

O ritmo deles era vagaroso, e pelos vislumbres de Cassian e Azriel através das nuvens, parecia que Eris estava desencadeada.

A figura pequena e curvada de Briallyn cavalgava ao seu lado todos os dias.

Mas eles não viram nenhum sinal da Coroa nela - nenhum brilho de ouro ao sol.

O Rito de Sangue terminaria no dia seguinte.

Cassian não tinha ouvido nada sobre Nestha, não sentia nada.

Mas ele mal dormiu.

Mal conseguira manter o foco no grupo à frente quando eles entraram em uma floresta baixa além das colinas, antiga, cheia de nós e de musgo pendurado. "Eu nunca estive aqui antes", murmurou Azriel contra o vento.

“Parece um lugar antigo.

Isso me lembra do Meio.

” Cassian manteve o silêncio.

Não falaram enquanto arrastavam sua presa mais para dentro da floresta até um pequeno lago em seu centro.

Somente quando a festa parou em sua costa escura, Azriel e Cassian pousaram nas proximidades.

Comece seu rastreamento silencioso a pé. O grupo não deve ter se preocupado em ser ouvido, porque Cassian podia ouvir suas palavras muito além de seu acampamento ao longo da costa.

Vinte deles se reuniram, uma mistura do que parecia ser nobreza humana e soldados.

O garanhão branco de Eris foi amarrado a um galho.

Mas o macho - "Aqui, Cassian," Eris sussurrou. Cassian se virou e encontrou o filho do Grão Senhor segurando uma faca em suas costelas. Por volta do meio-dia, Nestha mal conseguia respirar.

Gwyn estava se arrastando, Emerie estava ofegante e eles começaram a racionar a água.

Não importa o quão alto eles escalaram, quantas pedras eles limpavam ao longo do caminho estreito, o pico não ficava mais perto. Eles não viram mais ninguém.

Não ouvi mais ninguém. Uma pequena misericórdia. A respiração de Nestha chamoscou seus pulmões.

Suas pernas tremeram.

Havia apenas a dor em seu corpo e o círculo implacável de seus pensamentos, como se fossem abutres se reunindo para festejar. Ela só queria desligar sua mente - Seria possível que a quebra não fosse meramente física, mas também mental? Que esta montanha de alguma forma trouxe à tona cada pedaço de seu medo e sugou sua mente para dentro dele? Eles pararam para almoçar, se é que água pode ser chamada de almoço.

A perna de Gwyn estava sangrando novamente, seu rosto estava branco como

um fantasma.

Nenhum deles falou. Mas Nestha notou seus olhos assombrados - sabia que eles ouviam seus próprios horrores. Eles descansaram o quanto ousaram, então se moveram novamente. Continue subindo.

Essa foi a única maneira.

Passo a passo. "Parece que estamos a dois terços do caminho", disse Emerie com voz rouca. A noite havia caído, a lua brilhante o suficiente para manter o caminho da quebra iluminado.

Para mostrar essas três estrelas acima do pico de Ramiel.

Acenando.

Espera. Se eles chegassem ao amanhecer, seria um milagre. "Eu preciso descansar," Gwyn disse fracamente. "Só - só mais um minuto." Seu rosto estava cinza, seu cabelo mole.

O couro ao longo de sua perna ficou vermelho. Emerie havia caído em uma pedra solta duas horas antes e torcido o tornozelo - ela também estava mancando. Eles estavam se movendo muito devagar. "O Passo de Enalius não está muito à frente", insistiu Emerie.

"Se conseguirmos passar pelo arco, é um tiro certo até o topo." Gwyn respirou: "Não tenho certeza se posso." "Deixe-a descansar, Emerie", disse Nestha, sentando-se em uma pequena pedra ao lado de Gwyn.

O amanhecer tinha que faltar quatro horas.

E então tudo estaria acabado.

Importaria se eles tivessem alcançado o pico até então? Se eles tivessem vencido? Eles chegaram até aqui.

Eles - "Como eles chegaram aqui?" Gwyn perguntou, xingando. Nestha ficou imóvel.

De seu ponto de vista, ela podia ver diretamente para baixo.

Para onde um feixe de luar iluminou um homem de aparência familiar e seis outros escalando a montanha atrás deles.

Um bom caminho de volta, mas chegando perto. "Bellius," Emerie sussurrou.

"Precisamos ir", disse Nestha, levantando-se cambaleando.

Gwyn o seguiu, estremecendo. Nestha avaliou os machos.

Emerie e Gwyn estavam feridos demais para lutar, exaustos demais e ...

"Coloque seus braços em volta do meu pescoço", disse Nestha, oferecendo-se de costas para Gwyn. "O que?" Nestha fez isso por ela.

Ela havia subido os dez mil degraus da Casa do Vento, para cima e para baixo, repetidamente.

Talvez por isso.

Neste exato momento. "Estamos ganhando essa merda", disse Nestha, curvando-se para agarrar as pernas de Gwyn.

Com os dentes cerrados, Nestha içou Gwyn de costas. Os músculos de suas coxas se contraíram, mas se seguraram.

Seus joelhos não dobraram. Seu olhar estava no terreno à frente.

Ela não olharia para trás. Então Nestha começou a subir, Emerie mancando ao lado dela. Com o vento como música, Nestha e Emerie encontraram seu ritmo.

Eles escalaram, apertando, escorregando e carregando seu peso.

E os machos ficaram para trás, como se a montanha estivesse sussurrando silenciosamente: Vá, vá, vá. "Eu sabia que você era um bastardo mentiroso", disse Cassian por entre os dentes.

Azriel, a um passo de distância, nada pôde fazer.

Não com Eris enfiando aquela faca - a adaga de Nestha - nas costelas de Cassian.

Ele poderia ter jurado que a chama queimou nele onde a faca encontrou seu couro. "Mas isso é baixo, mesmo para você." "Honestamente, estou desapontado com Rhysand", disse Eris, cavando a ponta da faca no couro de Cassian o suficiente para ele sentir sua mordida e aquela onda de chama ardente.

Se era o poder de Eris através da lâmina ou o que quer que seja que Nestha fez, ele não se importou.

Ele só precisava encontrar uma maneira de evitar que perfurasse sua pele.

"Ele se tornou tão brando hoje em dia.

Ele nem mesmo tentou olhar em minha mente." "Você não pode ganhar isso", Azriel avisou com uma ameaça silenciosa. "Você é um homem morto andando, Eris.

Há muito tempo.

"Sim, sim, todo aquele negócio antigo com a Morrigan.

Que chato da sua parte se agarrar a isso." Cassian piscou.

A Morrigan. Eris nunca se referiu a ela assim. - Deixe-o ir, Briallyn, - Cassian rosnou.

"Em vez disso, venha brincar conosco." A adaga Made deslizou para longe de suas costelas e uma voz seca e esganiçada disse de perto: "Já estou brincando com você, Senhor dos Bastardos." As pernas de Nestha tremeram.

Seus braços tremeram.

Gwyn era um peso meio morto em suas costas.

A perda de sangue a deixou tão fraca que parecia que ela mal conseguia se segurar. A Quebra fluiu através de um arco de pedra preta onde o caminho se tornou mais amplo e fácil.

O Passe de Enalius.

Emerie havia parado apenas o tempo suficiente para correr a mão ensanguentada sobre a pedra, seu rosto sujo cheio de admiração e orgulho.

“Eu estou parada onde nenhum dos meus ancestrais esteve antes,” ela sussurrou, a voz embargada. Nestha desejou poder fazer uma pausa ao lado de sua amiga.

Poderia se maravilhar com ela.

Mas parar, mesmo que por um fôlego... Nestha sabia que, uma vez que parasse, não seria capaz de se mover novamente. O achatamento do caminho ao redor do arco foi apenas um alívio temporário.

Eles logo alcançaram um aglomerado de pedras - a última escalada impossível antes que parecesse se tornar um caminho direto para o topo.

O amanhecer ainda estava por umas boas duas horas.

A luz da lua cheia estava começando a desaparecer enquanto afundava em direção ao oeste. O grupo de machos os pegaria antes do cume. Os dedos de Nestha se contraíram quando ela alcançou a mão estendida de Emerie, onde sua amiga estava ajoelhada sobre uma das pedras afiadas.

Se eles pudessem passar por esta seção - Seus joelhos se dobraram, e Nestha caiu, o rosto colidindo com uma rocha tão forte que estrelas estouraram em sua visão, mas tudo o que ela pôde

fazer foi se segurar em Gwyn enquanto eles caíam e batiam em pedras e cascalho e rolavam e rolavam para baixo, os gritos de Emerie ecoando em seus ouvidos, e então - Nestha colidiu com alguém forte.

Não - não alguém, embora ela pudesse jurar que sentia calor e respiração.

Ela atingiu o arco de pedra.

Eles haviam caído de volta ao Passo de Enalius, perigosamente perto dos homens que os perseguiram. "Gwyn—" "Viva," sua amiga gemeu. Emerie caiu de joelhos no caminho. "Você está machucado?" Nestha não conseguiu se mover enquanto Gwyn se desembaraçava.

Os dois estavam cobertos de sujeira, escombros e sangue. "Eu não posso ..."

Nestha ofegou. "Eu não posso mais carregar você." O silêncio caiu. "Então, nós descansamos", Gwyn conseguiu dizer, "então continuamos". "Nunca chegaremos a tempo", disse Nestha. "Ou pelo menos antes que os machos os alcancem." Emerie engoliu em seco. "Tentamos de qualquer maneira." Gwyn assentiu.

"Descanse um minuto primeiro.

Talvez o amanhecer chegue até nós antes deles.

"Não." Nestha espiou o caminho.

"Eles estão subindo rápido demais." Mais uma vez, silêncio. "O que você está dizendo?" Emerie perguntou com cuidado. Nestha se maravilhou com a esperança e bravura em seus rostos. "Eu posso segurá-los." "Não," Gwyn disse, a voz afiada. Nestha educou suas feições em frieza absoluta.

"Vocês dois estão feridos.

Você não vai sobreviver à luta.

Mas você pode controlar a escalada.

Emerie pode ajudar— ” "Não." "Posso usar o gargalo do caminho bem ali", Nestha avançou, apontando para o espaço além do arco, "para mantê-los afastados por tempo suficiente para vocês dois chegarem ao topo.

Ou amanhecer por vir.

O que acontecer primeiro.

" Gwyn mostrou os dentes."Eu me recuso a deixar você aqui." O rosto dolorido de Emerie disse a Nestha o suficiente: ela entendeu.

Viu a lógica. Nestha disse a Gwyn: "É a única maneira". Gwyn gritou: "NÃO É

O ÚNICO CAMINHO!" E então ela começou a soluçar.

"Eu não vou abandonar você para eles.

Eles vão te matar.

" "Você precisa ir", disse Nestha, mesmo quando suas mãos começaram a tremer."Agora." "Não," Gwyn chorou.

"Não, não vou.

Eu vou enfrentar isso com você." Algo no fundo do peito de Nestha estalou.

Rachou-se completamente, e o que estava dentro floresceu, cheio, brilhante e puro. Ela colocou os braços em volta de Gwyn.

Deixe sua amiga soluçar em seu peito."Eu vou enfrentar isso com você", Gwyn sussurrou, uma e outra vez.

"Prometa-me que enfrentaremos isso juntos." Nestha não conseguiu conter as lágrimas então.

O vento frio os congelou em suas bochechas."Eu prometo", ela respirou, acariciando o cabelo emaranhado de Gwyn."Eu prometo." Gwyn soluçou e Nestha se permitiu soluçar com ela, apertando-a com força.

Deixando sua mão acariciante descansar no pescoço de Gwyn. Uma beliscada no lugar certo, exatamente naquele ponto de pressão que Cassian havia mostrado a ela, e estava feito.Gwyn caiu.

Inconsciente. Nestha grunhiu, abaixando Gwyn cuidadosamente no chão enquanto olhava para Emerie.

O rosto de sua amiga estava sério, mas sem surpresa. Nestha apenas disse: "Você pode carregá-la o resto do caminho?" Seria uma façanha por si só."Ou pelo menos continuar até o amanhecer?" "Eu irei." Nestha sabia que Emerie encontraria essa força.

Ela tinha uma alma de aço.

Emerie colocou sua espada diante de Nestha.

Sua adaga.

O escudo. - Fique com os cantis - disse Nestha, dando tapinhas nos dela."Eu tenho o suficiente." Outra mentira. "Ela nunca vai te perdoar por isso", disse Emerie. "Eu sei." Os machos subiram mais alto.

Ela não esperou que Emerie falasse antes de ajudar a colocar Gwyn nas costas de Emerie, a última sibilando com o peso sobre suas asas, espalhando-as em ângulos estranhos.

Nestha amarrou a corda ensanguentada ao redor deles, unindo-os.

Emerie fez uma careta, mas conseguiu dar alguns passos. - Venha conosco, -

Emerie ofereceu, os olhos forrados de prata. Nestha balançou a cabeça.

“Considere isso como o pagamento de uma dívida.” Uma lágrima escorregou pela bochecha de Emerie. “Para que?” “Por serem meus amigos.

Mesmo quando eu não merecia.” O rosto de Emerie se contraiu.

“Não há dívida, Nestha.” Mas Nestha sorriu suavemente. “Há.

Deixe-me pagar.

” Engolindo as lágrimas, Emerie assentiu.

Levantou Gwyn mais alto e estremeceu, mas conseguiu mancar através do arco.

Em direção às rochas e ao último trecho do Breaking, subindo até o pico. Nestha não se despediu.

Ela apenas inalou pelo nariz, prendeu a respiração e exalou.

Repetiu seu Mental-Stillng uma e outra vez, até que sua respiração se tornou o bater constante das ondas e seu coração se tornou uma pedra sólida, e cada centímetro de seu corpo estava sob seu controle. Ela foi a rocha contra a qual as

ondas quebraram.

Esses machos se quebrariam contra ela também. Eles não tinham escolha.

Com Eris nas garras de Briallyn, Cassian e Azriel só puderam seguir a figura encapuzada e curvada até o lago.

Cassian não se atreveu a considerar se a Coroa estava sendo usada nele.

Se fosse usado em Azriel. A festa em que Eris e Briallyn viajaram se dispersou, nenhum lugar para ser visto ao longo do lago.

Eles tinham sido reais? Ou apenas uma ilusão? Um olhar para Az revelou seu irmão com rosto impassível, fúria fria em seus olhos. A figura curvada e encapuzada parou diante das pedras do lago.

Eris parou ao lado dela. "Fale logo, então", disse Cassian. Briallyn puxou o capuz de sua capa. Não havia nada ali.

O material caiu e acumulou nas pedras.

O rosto de Eris permaneceu em branco.

Vazio. "Apenas um núcleo animado de magia," uma voz escorregadia falou lentamente do lago. A dez metros da costa, no topo da superfície, flutuava uma sombra.

Ele mudou e se deformou, suas bordas tremulando, mas tinha a forma vaga de um homem alto. "Quem é Você?" Azriel exigiu. Mas Cassian sabia. "Koschei", ele sussurrou. Nestha permaneceu sob o Passe de Enalius por um longo minuto.

Ela tirou seu cantil.

Bebeu o resto da água.

Jogou para o lado. Ela enfiou a adaga em seu cinto.

Pegou a espada.

E desenhou uma linha na terra em frente ao arco. Sua posição final.

Sua última linha de defesa. Nestha juntou o escudo.

Espiou por cima do ombro para onde Emerie havia passado pelo último aglomerado de pedras e agora lutava para subir o caminho longo e reto até o pico. Um pequeno e silencioso sorriso passou pelo rosto de Nestha. Então ela ergueu seu escudo.

Inclinou sua espada. E deu um passo além da linha que ela traçou para encontrar seu inimigo.

CAPÍTULO

70

Bellius enviou seus guerreiros primeiro pelo gargalo.

Um movimento sábio, projetado para cansar Nestha. Ela não teve escolha a não ser conhecê-los. Não havia vozes odiosas em sua cabeça.

Apenas o conhecimento de que seus amigos estavam atrás dela, além da linha que ela traçou na terra, e ela não cederia essa linha para esses homens. Ela não falharia com seus amigos.

Ela não tinha espaço para medo em seu coração. Apenas calma.

Determinação. E amor. Os lábios de Nestha se curvaram em um sorriso quando o primeiro dos guerreiros correu para ela, a espada erguida.

Ela ainda estava sorrindo quando ergueu o escudo para receber todo o impacto do golpe. Nestha bateu com o escudo no primeiro homem, cortou as canelas do segundo e despachou o terceiro com uma defesa que o mandou cambaleando para o quarto e os dois caindo no chão.

Um para cada respiração, um movimento para cada inspiração e expiração.

Ela acalmou sua mente novamente, deixou-a enraizar. Por um segundo, ela se perguntou o que poderia ter feito com Ataraxia em sua mão.

O que ela poderia fazer com este corpo, essas habilidades treinadas em seus ossos.

Se ela finalmente merecesse a espada. Ela optou por um nome no idioma antigo, uma língua que ninguém falava em quinze mil anos.

Um nome que Lanthys riu de ouvir. Nestha enfrentou quatro illyrianos de uma vez, depois cinco, depois seis, e os machos começaram a cair, um após o outro.

Nestha manteve a linha em uma tempestade de fogo inabalável e morte, protegendo os amigos em suas costas. Ataraxia, ela havia batizado aquela espada mágica. Paz interior.

CAPÍTULO

71

O ser que estava no topo do lago era uma sombra.

Deve ser um reflexo, pensou Cassian.

Fumaça e espelhos. "Onde está Briallyn?" Azriel exigiu, Sifões queimando como chamas de cobalto. "Passei tantos meses me preparando para você", cantarolou Koschei, "e você nem mesmo deseja falar comigo?" Cassian cruzou os braços. "Deixe Eris ir, e então nós conversaremos." Ele rezou para que Koschei não soubesse da adaga Feita que Eris tinha novamente embainhado ao seu lado, que a aura de poder da Coroa tivesse cegado até Briallyn para sua presença.

Mas se o senhor da morte colocou as mãos nele... Foda-se.

Cassian não se permitiu sequer olhar para a lâmina. "Você caiu nessa com bastante facilidade", continuou Koschei, "embora demore muito para fazer contato.

Eu pensei que você iria correr para matar, bruto que você é." Eles não conseguiam distingui-lo além das sombras de sua forma.

Até as próprias sombras de Azriel se mantinham escondidas atrás de suas asas.

Koschei riu e Azriel enrijeceu.

Como se suas sombras tivessem murmurado um aviso. Seus Sifões queimaram novamente. "Corra," Az respirou, e o puro terror no rosto de seu irmão fez Cassian abrir as asas, se preparando para o lançamento-Mas suas asas pararam.

Seu corpo inteiro parou. Azriel agarrou Eris e disparou para os céus, a adaga Feita com eles.

Eles tinham que ir para longe de Koschei.

No entanto, Cassian não conseguia se mover. Os Sifões de Cassian brilharam como sangue fresco e então explodiram.

Azriel gritou seu nome lá de cima.

Koschei se aproximou da costa.

- Você pode pegá-lo agora, Briallyn.

Você tem muito tempo antes do amanhecer.

” Uma figura pequena e curvada surgiu de trás das árvores.

Uma velha.

Uma coroa de ouro pousada em sua cabeça, logo acima de suas orelhas arqueadas.

Ódio queimou em seus olhos. Koschei disse: “Diga a minha Vassa que estou esperando”.

Suas sombras giraram. Azriel voou de volta para o solo, seus Sifões criando uma esfera azul de poder que o cercou, mas Briallyn já havia alcançado Cassian. “Eu preciso de você, Senhor dos Bastardos,” a rainha de aparência ancestral fervia.

Cassian não conseguiu dizer nada.

Não conseguia me mover.

A coroa brilhava como ferro fundido.

Briallyn ordenou a Koschei, "Nos passe um tempo". O senhor da morte apontou a mão de dedos longos para Briallyn e Cassian.

Sacudiu os dedos uma vez. E o mundo desapareceu, girando em escuridão e vento. O escudo de Nestha se tornou uma pedra de moinho.

Sua espada, escorregadia de sangue, pendia de sua mão, um peso de chumbo e escorregadio. Cada centímetro de seu corpo queimava.

Com exaustão, com seus ferimentos, com o conhecimento de que atrás daquela linha ela havia traçado na terra, através da arcada em suas costas, Gwyn e Emerie ainda estavam respirando, ainda escalando a parte final da Ruptura até o cume. Então ela matou os machos illyrianos que se espremeram por entre aquelas rochas denteadas.

Que acreditava que encontraria uma mulher destreinada e indefesa e encontraria a morte esperando por eles diante do arco. Apenas um permaneceu. Uma parte interna dela estremeceu com os rostos espancados e cegos.

O sangue escorrendo dos cadáveres. Valquíria, ela sussurrou para si mesma.

Você é uma Valquíria e, mais uma vez, está segurando o passe.

Se você cair, será para salvar os amigos que o salvaram, mesmo quando eles não sabiam que estavam fazendo isso. Um olhar por cima do ombro mostrou Emerie ainda escalando o último cume, tão lento, mas tão perto.

O amanhecer se aproximava, mas... eles poderiam fazer isso.

Ganhe essa coisa. Nestha novamente enfrentou o arco.

Sabia quem ela iria encontrar. Bellius encostou-se a uma pedra, espada na mão e escudo pendurado na outra.

“Trabalho impressionante para uma prostituta Forte Feérico.” O homem empurrou a rocha do arco, sem poupar um olhar para os guerreiros que ele deixou morrer por ele. “Você sabe, nosso deus - o primeiro dos illyrianos -

manteve-se firme contra as hordas de inimigos exatamente onde você está.” Não havia um arranhão nele.

Nenhum sinal de exaustão, apesar da subida. Bellius deu um sorriso malicioso. “Ele traçou uma linha na terra também.” Ele acenou com a cabeça em direção a ele. “Belo toque.” Nestha não conhecia aquele pedaço de sua história.

Mas ela não revelou nada.

Ela se tornou sangue e sujeira e pura determinação. “Não terminou bem para Enalius”, continuou Bellius.

“Ele morreu após defender este local por três dias.

Escalou com as tripas penduradas para a pedra sagrada no topo e morreu lá.

É por isso que fazemos essa coisa estúpida.

Para honrá-lo.

” Ela ainda não falou.

Mas os olhos de Bellius desviaram-se para o pico acima.

O desprazer os estreitou. “Meu primo cuzão aleijado e aquele mestiço desgraçam este lugar sagrado.” Uma vibração de luz do cume lavou as feições de Bellius.

Os lábios de Nestha se curvaram.

Ampliou-se em um sorriso ao rosar de Bellius. Gwyn e Emerie tocaram a pedra sagrada e foram separados por sua magia. "Parece que você não ganhou", disse Nestha a Bellius por fim. O ódio escureceu os olhos vidrados de Bellius.

Como que em resposta, a neve começou a cair, grandes nuvens se enroscando na montanha.

Rumbling.

A neve grudou nas rochas desta vez. "Eu nunca quis ganhar." A boca de Bellius

se contraiu para cima. "Eu só queria isso." Ele se lançou para ela.

CAPÍTULO

72

Emerie e Gwyn haviam vencido.

Eles conseguiram passar pela Quebra.

Foi o suficiente. Nestha só teve que segurar este idiota por mais alguns minutos -

até o amanhecer.

Então estaria acabado.

Seu poder voltaria, e ela poderia... Nestha não sabia o que faria.

Mas pelo menos ela teria essa arma. Bellius avançou com mais rapidez e segurança do que os outros. Nestha mal teve tempo de levantar o escudo.

O impacto a sacudiu até os ossos, mas ele já estava girando, seu próprio escudo balançando para seu rosto ... Ela girou fora de alcance.

Deuses, ela estava cansada.

Tão, tão cansado, e-Ele não parou.

Não deu a ela um momento de alívio enquanto ele atacava, aparando e empurrando, levando-a de volta para a linha, o arco.

Ódio queimando em seu rosto. Um ódio tão cego e impetuoso.

Sem razão.

Sem fim. A neve ficou mais espessa, o vento uivava e o céu trovejava.

Bellius atacou novamente e Nestha ergueu o escudo, enfrentando o golpe. O

relâmpago brilhou, o trovão crescendo em sua esteira. Uma tempestade varreu a montanha, velando a lua, as estrelas.

Apenas o relâmpago cruzando o céu forneceu iluminação para o ataque de Bellius. Ela estava na defensiva, e se ela queria sobreviver a isso, ela tinha que encontrar uma maneira de mudar isso - Mas a neve alisou as pedras, a sujeira, e quando um raio atingiu o céu novamente, cegando os dois, ele pensou mais rápido.

Agiu mais rápido. Usou seu piscar para acertar seu escudo contra o dela, tirando-o de suas mãos. Ele bateu em uma pedra próxima.

O olhar tolo dela em direção a ele o fez bater a espada de sua mão também.

Desarmado como um novato. O trovão estalou novamente e Bellius riu.

“Decepcionante.” Ele fez uma pausa, examinando-a.

E sorriu antes de atacar mais uma vez. Nestha se esquivou de ataque após ataque, mas não rápido o suficiente para evitar os cortes precisos que Bellius deu em seus braços, pernas e rosto.

Ela diminuiu a velocidade, seus pés deslizando na encosta escorregadia da montanha enquanto a tempestade de neve crescia. Outro golpe e seus pés deixaram o chão.

Ela perdeu o fôlego quando sua espinha bateu em algo inflexível.

Uma pedra. O corpo de Nestha se recusou a se mover enquanto ela ofegava.

O sangue quente escorreu de seu nariz. Bellius se aproximou, jogando as armas de lado.

“Fazer isso com minhas próprias mãos será muito mais satisfatório.” Jogada. A

palavra ecoou por Nestha.

Ela tinha que continuar se movendo. Com as mãos trêmulas, enquanto um raio estalava e a neve rodopiava, Nestha se levantou da rocha.

Suas pernas tremiam, implorando para que ela se sentasse, parasse, simplesmente morresse já. Bellius avançou, seu corpo poderoso afundando em uma posição de combate.

O ódio selvagem em seu olhar a queimou. Seus amigos conseguiram... mas ela não queria morrer. Ela queria viver e viver bem e viver feliz. Queria fazer com -

Nestha separou os pés.

Resolveu seu corpo dolorido e machucado. Bellius bufou. "Você realmente acha que pode me vencer no combate corpo a corpo?" O sangue fluiu de sua boca, seu nariz.

Mas Nestha sorriu de qualquer maneira, seu sabor penetrante revestindo sua língua. "Eu faço." Bellius deu seu primeiro soco, colocando toda a força de seu corpo poderoso nele.

Nestha bloqueou, dirigindo o punho em seu nariz.

Osso esmagado.

Bellius uivou, dando um passo para trás. E Nestha sibilou: "Porque meu companheiro me ensinou bem."

CAPÍTULO

73

Amigo.

A palavra era uma estrela cadente através de Nestha enquanto ela e Bellius se lançavam um contra o outro, socando, chutando, esquivando-se.

Como se dar voz à palavra tivesse dado a ela essa onda final de força - Bellius bateu com o punho na mandíbula de Nestha, com tanta força que ela recuou alguns passos. Ela se esquivou de seu próximo movimento, acertando um golpe em suas costelas.

Mas ele continuou conduzindo-a em direção ao arco, a linha. Desgastando-a.

Sobrevivendo a ela. Ela iria continuar.

Até o fim, ela lutaria com ele. O punho de Bellius atingiu sua bochecha esquerda.

A dor a atravessou.

Os pés de Nestha saíram de debaixo dela.

Ela voou para trás e o tempo desacelerou. Ela pousou do outro lado da linha na terra e poderia jurar que a montanha estremeceu. Nestha rastejou.

Ela não se importava com o quão patética isso a fazia parecer.

Ela rastejou para longe de Bellius, através do arco, destruindo a linha que ela havia traçado. Ele avançou, ensanguentado e

zombeteiro."Vou aproveitar isso."

Ela alegou que seria bom morrer por seus amigos, que estava bem porque eles conseguiram, eles ganharam, mas ser morta por esse ninguém-Nestha rosou.

Ela não tinha mais nada.

Seu corpo havia desistido dela.

Como tantos outros fizeram. Bellius tirou uma faca da bota."Acho que prefiro cortar sua garganta." Ela estava sozinha. Ela tinha nascido sozinha e morreria sozinha, e este homem horrível seria o único a matá-la- O trovão estalou e a montanha inteira estremeceu com o impacto.

Bellius deu um passo em sua direção, levantando a faca. Sangue borrifado. A princípio, ela pensou que fosse um relâmpago que cruzou sua garganta, abrindo-a tanto que seu sangue jorrou no ar nevado. Mas então ela viu as asas.

O outro conjunto de asas. E quando Bellius desabou no chão, sufocando com seu sangue vital, revelando Cassian ali parado, dentes arreganhados, lâmina na mão, ela se perguntou se o trovão balançando a montanha teria sido sua raiva. Cassian passou por cima do corpo moribundo de Bellius e ofereceu-lhe a mão.

Não para tomá-la em seus braços, mas para ajudá-la a se levantar.

Como sempre fizera. Nestha agarrou sua mão e se levantou, seu corpo balindo em protesto. Mas ela esqueceu sua dor, a morte ao redor deles, quando ele a dobrou em seu peito e a segurou com força, sussurrando ternamente em seu cabelo ensanguentado: "E agora eu vou cortar sua linda garganta." As palavras de Cassian não eram dele.

Suas mãos não eram suas enquanto Nestha - como sua companheira - tentou se afastar e ele a abraçou.

Forte o suficiente para que seus ossos se movessem contra as mãos dele. Ele estava gritando.

Silenciosamente, infinitamente.

Gritando com ela para lutar com ele, para correr.

Gritando consigo mesmo para pará-lo. Mas ele não conseguiu.

Não importava o que ele fizesse, ele não conseguia parar. "Cassian", disse Nestha, lutando. Me mate, ele silenciosamente implorou.

Mate-me antes que eu tenha que fazer isso. "Cassian." Nestha empurrou contra seu peito.

Mas seus braços permaneceram firmes.

Apertou-a com mais força. "Ele não pode obedecer a você, Nestha Archeron", disse uma voz velha e murcha atrás de Nestha. "Ele é meu agora." Cassian não conseguiu nem arregalar os olhos em advertência.

Seus braços se afrouxaram ao comando silencioso da rainha, permitindo que Nestha se virasse em seu abraço. Apresentando-a a Briallyn, que usava a coroa em cima de seu cabelo branco e fino.

CHAPTER

74

A satisfação brilhou nos olhos escuros de Briallyn, e as três pontas simples da coroa dourada brilharam quando ela levantou a mão. A tempestade parou.

Limpos para revelar o céu cinza pálido antes do amanhecer, a última das estrelas piscando para fora. Até a natureza pode ser influenciada pela Coroa. O horror envolveu Nestha quando os braços de Cassian afrouxaram.

Ela se lançou alguns passos para longe, girando, mas sabia o que iria encontrar.

Cassian ficou parado como uma estátua.

Como se ele tivesse sido transformado em pedra.

Seus olhos, normalmente tão brilhantes e vivos, tornaram-se vidrados.

Vazio. Briallyn o desejou assim.

Tinha movido as pessoas como peças de xadrez para garantir que Nestha chegasse aqui."Por que?" Nestha disse. A grossa capa de pele de Briallyn balançou com o vento da montanha."Seu poder é muito forte - jogar você neste espetáculo primitivo desgastou você." "Você pediu aos illyrianos que me trouxessem aqui?" "Minha intenção era agarrar o mutilado." O sangue de Nestha ferveu com a menção de Emerie.

- Bellius me deu informações sobre sua amizade e vi o quanto ela significava para você quando estávamos ligados pela Harpa e pela Coroa.

Eu sabia que se eu a capturasse, a trouxesse aqui, você seguiria, com ou sem lei.

Você é imprudente e convencido o suficiente para pensar que poderia salvá-la.

Mas você facilitou para mim: você foi direto para a casa dela em Windhaven.

Poupei-me do trabalho de te atrair.

Eu deixei aqueles illyrianos estúpidos levarem ela e o mestiço como um bônus divertido." Nestha não ousou olhar para Cassian."Tudo para me cansar?" "Sim.

E sem a sua magia— ” Nestha interrompeu, exigindo: “Eu estava exausto dias atrás.

Por que esperar até agora? ” Briallyn franziu o cenho com a interrupção.“Eu estava esperando por ele.” Ela acenou com a cabeça em direção a Cassian, que estava eriçado de raiva - algo como ódio e medo agora passando pela nebulosidade em seus olhos.

“Dias e dias, eu esperei ele chegar perto o suficiente para eu usar a Coroa para pegá-lo.

Tive que usar aquele príncipe impetuoso do Eris para atraí-lo.” Uma risada suave.

“Eris tentou ajudar seus soldados quando eles o cercaram durante sua caça.

Ajude esses desgraçados.

Ele cavalgou direto para eles, em vez de galopar como qualquer pessoa sábia faria.

Eles o agarraram com o mínimo de barulho.

Mesmo aqueles seus cães infernais nada puderam fazer enquanto Koschei o

separava. Eris estava morto? Ou agora sua escrava? O rosto de Cassian não revelou nada. Mas Briallyn sorriu para ele.

“Eu estava ficando preocupado que você nunca se aproximasse.

A pobre Eris teria tido um fim lamentável se fosse esse o caso.

Seu fogo não teria resistido ao lago de Koschei, eu não acho.” Ela olhou para o cadáver de Bellius.“Ele é um bruto odioso - assim como você, Cassian.

Arrogante e impetuoso.

Ele se afastou de sua unidade de reconhecimento para procurar diversão em minhas terras.

Então, mostrei a ele minha ideia de diversão.

” Seus lábios finos se torceram em uma zombaria de um sorriso. Briallyn riu. "Eu disse a ele para te caçar, não matar você, mas parece que não fui preciso o suficiente em minhas palavras.

E é bastante satisfatório assistir alguém matar, especialmente com as ferramentas que você forneceu para eles.

Eu sabia que o Rito seria muito mais divertido com armas.

Suponho que poderia ter ordenado que Bellius se retirasse, mas estava gostando bastante da vista. Nestha exigiu: “Por que você está fazendo isso? Por que você não quer paz? ” "Paz?" Briallyn riu.

“Que paz posso ter agora?” Ela acenou com a mão para si mesma.

“O que eu quero é retribuição.

O que eu quero é poder.

O que eu quero é o Trove.

Então, certifiquei-me de que você também soubesse disso.

Certifiquei-me de que você se tornou meu parceiro involuntário na coleta de itens de poder deste território esquecido por Deus.

E eu sei que há apenas uma maneira de você entregá-los a mim.

Uma pessoa por quem você faria isso.

” Um sorriso para Cassian. "Seu companheiro." "Eu não tenho o tesouro aqui."

“Você pode invocá-lo.

Os objetos responderão a você, não importando as proteções deles.

E você vai entregá-los para mim.

"E então você vai matar nós dois?" "E então eu me tornarei jovem novamente.

Vou deixar vocês dois intactos." Nestha farejou a mentira. Cassian resmungou:

"Não." Briallyn lançou-lhe um olhar surpreso e fechou a boca.

Ele tremeu, mas permaneceu parado.

No entanto, o vidro em seu olhar havia desaparecido. "Então", disse Briallyn,

"você vai me trocar o tesouro pela vida do seu companheiro.

Você é completamente Feérico agora, Nestha Archeron.

Você permitiria que o mundo se transformasse em cinzas e ruína antes de deixar seu companheiro morrer." Ela franziu a testa com desgosto para os corpos ao redor deles, o sangue.

"Invoque o tesouro e deixe-nos acabar com esse negócio complicado." Nestha não conseguia parar de tremer.

Para dar a Briallyn o tesouro, se ela pudesse invocá-lo... "Não." "Então terei que tentar convencê-lo." Briallyn estalou os dedos para Cassian, e Nestha teve meio segundo para se virar antes que ele estivesse sobre ela. Pânico e raiva brilhavam em seus olhos, mas Nestha não podia fazer nada, absolutamente nada, enquanto

ele se lançava contra ela, derrubando-a no chão.

Fixando-a ali, um braço em sua garganta, o peso dele, uma vez tão íntimo e amoroso, agora a coisa que a seguraria aqui, a

machucaria-Suplicando encheu seu rosto, angústia absoluta, enquanto ele lutava contra a Coroa.

Lutou e perdeu. "Isso vai destruí-lo, é claro, matar sua própria companheira", disse Briallyn. "Você vai morrer, e vai morrer sabendo que o condenará a uma vida de miséria." O braço livre de Cassian tremeu quando ele puxou a faca com que matou Bellius do cinto.

Trouxe para ela. "Você me mata", Nestha engasgou, "e você não consegue o tesouro.

Você nunca vai encontrar.

"Existem outros em sua corte tão delirantes quanto você.

Eles vão conseguir isso para mim de uma forma ou de outra, com o incentivo certo.

Certo, vou precisar do seu sangue para desbloquear as proteções do tesouro.

Eu vi isso também, você sabe.

Quando você tão tolamente segurou a Harpa na Prisão.

Mas suponho que matar você fornecerá bastante sangue necessário." Briallyn acenou com a cabeça para Cassian. "Levante-a." Nestha não lutou enquanto ele a colocava de pé.

Segurou a faca contra sua garganta.

Suplicar brilhou em seus olhos.

Suplicando e temor e - e amor. Amor que ela não merecia, nunca merecera, mas ali estava.

Exatamente como estava lá desde o momento em que se conheceram. Qual era o valor do mundo, comparado a ele? Para isso? "Isso está ficando cansativo", disse Briallyn. Nestha deixou seu companheiro ver o amor brilhando em seu rosto. O

céu se encheu de uma luz suave e gentil. "Mate", Briallyn ordenou a Cassian.

Nestha amava Cassian desde a primeira vez que colocou os olhos nele.

Tinha-o amado mesmo quando ela não queria, mesmo quando foi engolida pelo desespero, medo e ódio.

Tinha-o amado e destruído a si mesma porque não acreditava que o merecia, porque ele era tudo o que era bom, corajoso e gentil, e ela o amava, ela o amava, ela o amava - O braço de Cassian tremia, e Nestha se preparou para o golpe, mostrando-lhe seu perdão, seu amor infinito e inquebrável por ele-Mas Cassian rugiu. E então a faca girou em sua mão, apontando não para ela, mas para seu próprio coração. Por sua própria vontade. Contra o domínio da Coroa, contra um Briallyn ofegante, ele escolheu cravar a faca em seu próprio coração.

Mate, ela disse.

Mas não especificou quem. E quando o sol apareceu no horizonte, quando a faca de Cassian mergulhou em seu peito, Nestha irrompeu com a força do Caldeirão.

Não havia nada na cabeça de Nestha além de gritos.

Nada em seu coração, exceto amor, ódio e fúria enquanto ela deixava tudo dentro dela e o mundo inteiro explodia. O uivo de sua magia era uma besta sem nome.

Avalanches caíam dos penhascos em mares de um branco cintilante.

As árvores se dobraram e se romperam na esteira do poder que se despedaçou dela.

Mares distantes recuaram de suas costas, então correram em ondas em direção a eles novamente.

Copos balançaram e se espatifaram em Velaris, livros caíram das prateleiras nas milhares de bibliotecas de Helion e os restos de uma cabana em ruínas nas terras

humanas se desintegraram em uma pilha de escombros. Mas tudo o que Nestha viu foi Briallyn.

Tudo o que ela viu foi a velha de queixo caído quando Nestha saltou sobre ela, jogando seu corpo frágil no chão rochoso.

Tudo o que ela sabia era gritar enquanto agarrava o rosto de Briallyn, a coroa brilhando de um branco ofuscante, e rugia sua fúria para as montanhas, para as estrelas, para os lugares escuros entre elas. Mãos nodosas tornaram-se jovens.

Um rosto enrugado tornou-se belo e adorável.

Cabelo branco escurecido para o preto corvo. Mas Nestha gritou e berrou, deixando sua raiva mágica, desencadeando cada brasa.

Apagando da existência a rainha abaixo dela. As mãos jovens viraram cinzas.

O rosto bonito se dissolveu em nada.

O cabelo escuro se transformou em pó. Até que tudo o que restou da rainha foi a coroa no chão.

CAPÍTULO

75

Cassian estava deitado de bruços no chão. Nestha correu em direção a ele, orando, soluçando, sua magia ainda ecoando pelo mundo. Ela o virou, procurando a faca, o ferimento, mas ... A faca estava embaixo dele.

Sem sangue. Ele gemeu, abrindo os olhos. "Eu pensei," ele murmurou, "que deveria ficar quieto enquanto você fazia isso." Nestha ficou boquiaberta.

Em seguida, explodiu em lágrimas. Cassian se sentou, sons suaves em sua língua, e segurou o rosto dela nas mãos."Você a desfez." Nestha olhou para a coroa na terra - a mancha negra onde Briallyn estivera."Ela mereceu." Ele riu, encostando a testa na dela.

Nestha fechou os olhos, respirando seu perfume."Você é meu companheiro, Cassian", disse ela contra seus lábios, e beijou-o suavemente. "E você é minha", disse ele, beijando-a por sua vez. E então as mãos dele deslizaram em seu cabelo.

E o beijo ... Não importava, o mundo ao redor deles, ou a Coroa aos pés dela, enquanto ele a beijava.

O beijo de um companheiro.

Um que fez suas almas girarem, brilhando. Ela se afastou, deixando-o ver a alegria em seus olhos, seu sorriso.

Sua admiração, sua própria alegria, fez sua garganta apertar. "Cassian, eu-" Mas duas figuras pousaram ao lado deles, fazendo a montanha estremecer, e eles se viraram para encontrar Mor e Azriel ali, com o rosto sério. "Eris?" Cassian exigiu. - A salvo, e a Adaga Feita está em nossa posse novamente, - Azriel disse,

- embora Eris esteja chateado e confuso.

Ele está na cidade Hewn.

Mas-" "É Feyre", disse Mor.

CAPÍTULO

76

A casa do rio estava tão silenciosa.

Como uma tumba. - Ela começou a sangrar algumas horas atrás - disse Mor enquanto os conduzia pela casa. "Mas ela está a meses de dar à luz", protestou Nestha, seguindo de perto em seus calcanhares. O cheiro de sangue encheu a sala em que entraram.

Tanto sangue, por toda a cama, manchando as coxas abertas de Feyre.

Não, baby - e o rosto de Feyre... Estava branco como a morte.

Seus olhos estavam fechados, sua respiração muito superficial. Rhys se agachou ao lado dela, segurando sua mão.

Pânico, terror e dor guerreavam em seu rosto. Madja, ajoelhada na cama entre as pernas de Feyre, com sangue até os cotovelos, disse sem olhar para eles: "Virei o bebê, mas ele não está descendo.

Ele está preso no canal do parto." Um pequeno suspiro no canto da sala revelou Amren sentada lá, seu rosto pálido sem cor. "Ela está perdendo muito sangue, e posso sentir o coração do bebê angustiado", anunciou Madja. "O que nós fazemos?" Mor perguntou enquanto Cassian e Azriel se postavam atrás de Rhys, com as mãos em seus ombros. "Não há nada que possamos fazer", disse Madja. "Cortar o bebê dela vai matá-la." "Cortando isso?" Nestha exigiu,

ganhando um olhar penetrante de Rhys. Madja ignorou seu tom.

"Uma incisão ao longo do abdômen, mesmo que feita com cuidado, é um risco enorme.

Nunca teve sucesso.

E mesmo com as habilidades de cura de Feyre, a perda de sangue a enfraqueceu-

"Faça isso", Feyre conseguiu dizer, as palavras cheias de dor. "Feyre", Rhys objetou. "O bebê provavelmente não sobreviverá", disse Madja, a voz gentil, mas objetiva.

"Ainda é muito pequeno.

Arriscamos vocês dois.

” - Todos vocês - sussurrou Cassian, os olhos em Rhys. - Faça isso - disse Feyre, e sua voz era a da Alta Dama.

Sem medo.

Apenas determinação pela vida do bebê dentro dela.

Feyre olhou para Rhys. "Temos que." O Grão Senhor assentiu lentamente, os olhos forrados de prata. Uma mão deslizou para a de Nestha, e ela encontrou Elain lá, tremendo e com os olhos arregalados.

Nestha apertou os dedos de sua irmã.

Juntos, eles se aproximaram do outro lado da cama. E quando Elain começou a orar aos deuses estrangeiros Feérico, à sua mãe, Nestha baixou a cabeça também. Feyre estava morrendo.

O bebê estava morrendo. E Rhys morreria com eles. Mas Cassian sabia que não era o medo de sua própria morte que fazia seu irmão tremer.

A mão de Cassian apertou o ombro de Rhys.

O poder manchado pela noite vazou de seu Grão Senhor, tentando curar Feyre, assim como o de Madja, mas o sangue continuava jorrando, mais rápido do que qualquer poder poderia sufocar. Como chegou a isso? Uma barganha feita por amor entre dois companheiros agora terminaria em três vidas perdidas. O corpo de Cassian flutuou para algum lugar distante quando Madja saiu da cama e voltou com um conjunto de facas e ferramentas, cobertores e toalhas. - Vá para a mente dela para tirar a dor - disse Madja a Rhys, que piscou em confirmação e praguejou, como se repreendendo a si mesmo por não ter pensado nisso antes.

Cassian olhou através da cama, para onde Elain estava segurando a outra mão de Feyre, e Nestha segurava a de Elain. Rhys disse a sua companheira: "Feyre, querida ..." "Sem despedidas", Feyre

ofegou."Sem despedidas, Rhys." O que quer que Rhys tenha feito para aliviar a dor, seus olhos se fecharam.

E a mente de Cassian ficou totalmente silenciosa e vazia quando Madja puxou a camisola de Feyre, suas facas piscando. Não houve nenhum som quando o pequenino bebê alado emergiu.

Quando Mor ficou lá, cobertores nas mãos, e tirou o menino imóvel das mãos ensanguentadas de Madja. Mas Rhys estava chorando e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Mor enquanto ela olhava para o bebê silencioso em seus braços. E então Madja jurou, e Rhys-Rhys começou a gritar. Cassian sabia, quando Rhys se lançou sobre Feyre na cama, o que estava para acontecer. No entanto, nenhuma força no mundo poderia detê-lo. O mundo ficou mais lento.

Ficou frio. Lá estava o bebê silencioso e muito pequeno nos braços de Mor. Lá estava Feyre, aberto e sangrando na cama. Rhysand estava gritando, como se sua alma estivesse sendo despedaçada, mas Cassian e Azriel estavam lá, puxando-o para longe da cama enquanto Madja tentava salvar Feyre ...Mas a morte pairou por perto.

Nestha sentiu, viu, uma sombra mais densa e permanente do que qualquer uma de Azriel.

Elain soluçou, apertando a mão de Feyre, implorando para que ela segurasse, e Nestha ficou no meio disso, a morte girando em torno dela, e não havia nada, nada, nada a ser feito enquanto a respiração de Feyre diminuía, enquanto Madja

começava a gritar com ela para lutar contra - Feyre. Feyre, que foi para a floresta por eles.

Quem os salvou tantas vezes. Feyre.

Sua irmã. A morte se escondia perto de Feyre e seu companheiro, uma besta esperando para atacar, para devorar os dois.

Nestha puxou sua mão da de Elain.

Recuou. Ela fechou os olhos e abriu aquele lugar em sua alma que se libertou de Ramiel. Cassian mal conseguia conter Rhys, mesmo com todos os sete Sifões berrando junto com os de Azriel. Ele deveria deixar Rhys ir até ela.

Se ambos estivessem prestes a morrer, ele deveria deixar Rhys ir para sua companheira.

Esteja com ela nestes últimos segundos, últimas respirações - Uma luz dourada cintilou do outro lado da sala e Amren engasgou.

O coração de Cassian congelou de horror. Nestha não pairava mais ao lado da cama.

Ela agora estava a poucos metros de distância. Ela usava a máscara.

Ela colocou a coroa no topo da cabeça.

E ela embalou a harpa em seus braços. Ninguém jamais empunhou os três e sobreviveu.

Ninguém poderia conter seu poder, controlá-los - Os olhos de Nestha brilharam com fogo prateado por trás da máscara.

E Cassian sabia que o ser que olhava para fora não era nem Feérico, nem humano, nem nada que caminhasse pelas terras deste mundo. Ela começou a se mover em direção à cama e Rhys avançou para ela. Nestha ergueu a mão e Rhys ficou imóvel.

Tão imóvel quanto Cassian havia ficado sob o controle da Coroa. O peito de Feyre se ergueu, um estertor mortal sussurrou de seus lábios brancos, e Cassian não pôde fazer nada além de observar enquanto os dedos de Nestha, ainda ensanguentados e imundos do Rito, derivavam para a corda final da Harpa.

A vigésima sexta corda. E o arrancou.

CAPÍTULO

77

Já era tempo. A vigésima sexta corda da harpa era o próprio Tempo, e Nestha a interrompeu quando Feyre deu seu último suspiro. Lanthys havia dito isso.

Que até a morte se curvou para a corda final.

Esse tempo não teve importância para a Harpa. A corda não fez nenhum som quando Nestha a puxou.

Apenas roubou o mundo disso. E a morte que Nestha sentiu em torno de sua irmã, em torno de Rhysand, em torno do bebê nos braços de Mor - ela ordenou que a Máscara parasse com isso também.

Mantenha-o sob controle. No início E no final Havia escuridão E nada mais Uma voz suave e familiar sussurrou as palavras.

Como haviam sido sussurrados para ela há muito tempo.

Como a advertiu na escuridão de Oorid.

Uma adorável e gentil voz feminina, sábia e calorosa, que a esperava todo esse tempo. A sala era um quadro de movimento congelado, de rostos chocados e horrorizados virados para ela, para Feyre e todo aquele sangue.

Nestha caminhou por ele.

Passando pelos gritos e tensos do corpo de Rhys, seu rosto era o retrato do desespero, do terror e da dor; passado por Azriel com o rosto sério; passou por Cassian, cerrando os dentes enquanto segurava Rhys.

Passou por Amren, cujos olhos cinzentos estavam fixos onde Nestha estivera, puro pavor e algo como espanto em seu rosto.

Passou por Mor e aquele pacote muito pequeno em seus braços, Elain ao seu lado, congelada em seu choro.

Nestha caminhou por tudo isso, através do Tempo.

Para sua irmã. Você vê como pode ser? aquela suave voz feminina sussurrou, olhando através de seus olhos.

O que você pode fazer? Não sinto nada, Nestha disse silenciosamente.

Apenas a visão de Feyre no limiar da Morte a impedia de esquecer por que ela estava aqui, o que ela precisava fazer. Não é isso que você queria? Para não sentir nada? Achei que era isso que eu queria.

Nestha pesquisou as pessoas ao seu redor.

Suas irmãs.

Cassian, que estava disposto a cravar uma adaga em seu coração ao invés de machucá-la.

Mas não mais.

Quando a voz feminina não a pressionou, Nestha continuou, eu quero sentir tudo.

Eu quero abraçar isso com todo o meu coração. Mesmo as coisas que machucam e perseguem você? Apenas a curiosidade atava à questão. Nestha se permitiu um fôlego para refletir sobre isso, acalmando sua mente mais uma vez.

Precisamos dessas coisas para apreciar o que é bom.

Alguns dias podem ser mais difíceis do que outros, mas... Eu quero experimentar tudo isso, viver tudo isso.

Com eles. Aquela voz sábia e suave sussurrou: Então viva, Nestha Archeron.

Nestha não precisou de mais nada quando pegou a mão mole de sua irmã e se ajoelhou no chão.

Largue a Harpa ao lado dela, sua nota silenciosa ainda reverberando, segurando o Tempo firmemente em suas mãos. Ela não sabia o que poderia oferecer, além disso. Acariciando a mão fria de Feyre, Nestha falou na sala atemporal e congelada: "Você me amou quando ninguém mais o faria.

Você nunca parou.

Mesmo quando eu não merecia, você me amou e lutou por mim, e... Nestha olhou para o rosto de Feyre, Morte a um fôlego de reivindicá-lo.

Ela não parou as lágrimas que correram por suas bochechas enquanto apertava a mão esguia de Feyre com mais força. "Eu te amo, Feyre." Ela nunca disse as palavras em voz alta.

Para ninguém. "Eu te amo", Nestha sussurrou novamente. "Eu amo Você." E

quando a corda final da Harpa oscilou, como um sussurro de trovão no ar, Nestha cobriu o corpo de Feyre com o dela.

O tempo seria retomado em breve.

Ela não teve muito mais tempo. Ela alcançou o interior, em direção ao poder que tinha feito monstros imortais tremerem e reis perversos caírem de joelhos, mas...

ela não sabia como usá-lo.

A morte correu por suas veias, mas ela não tinha o conhecimento para dominá-la. Um movimento errado, um erro e Feyre estaria perdido. Então Nestha segurou sua irmã com força, com o tempo parado ao redor deles, e ela sussurrou:

"Se você me mostrar como salvá-la, você pode ter de volta." O mundo parou.

Mundos além de seus próprios pararam. Nestha enterrou o rosto no suor frio do pescoço de Feyre.

Ela abriu aquele lugar dentro de si mesma e disse à Mãe, ao Caldeirão: "Vou devolver o que tirei de você.

Apenas me mostre como salvá-los - ela, Rhysand e o bebê.

" Rhysand - seu irmão.

Isso é o que ele era, não era? Seu irmão, que lhe ofereceu gentileza, mesmo quando ela sabia que queria estrangulá-la.

E ela a ele.

E o bebê... seu sobrinho.

Sangue de seu sangue.

Ela iria salvá-lo, salvá-los, mesmo que isso levasse tudo.

"Mostre-me," ela implorou. Ninguém respondeu.

A Harpa parou de ecoar. Conforme o Tempo recomeçava, barulho e movimento rugindo na sala, Nestha sussurrou para o Caldeirão, sua promessa aumentando acima do barulho: "Eu vou devolver tudo." E uma mão suave e invisível acariciou sua bochecha em resposta. Cassian piscou e Nestha foi de um lado do quarto para a cama.

Pegou a harpa e agora estava meio sobre Feyre, sussurrando.

Nenhum fogo prateado queimava em seus olhos.

Não é uma brasa fria.

Nenhum sinal do ser que espiou através de seu olhar também. Rhys se lançou contra seu aperto, mas Amren deu um passo para o lado deles e sibilou: "Ouça".

Nestha sussurrou: "Eu devolvo tudo." Seus ombros se ergueram enquanto ela chorava. Rhys começou a sacudir a cabeça, seu poder era uma onda palpável e crescente que poderia destruir todos eles, destruir o mundo se isso significasse que Feyre não estava mais nele, mesmo se ele tivesse apenas alguns segundos para viver além dela, mas Amren agarrou sua nuca pescoço.

Suas unhas vermelhas cravaram em sua pele dourada."Olhe para a luz." Uma luz iridescente começou a fluir do corpo de Nestha.

Em Feyre. Nestha continuou segurando sua irmã.

"Eu devolvo.

Eu devolvo.

Eu devolvo.

" Até Rhys parou de lutar.

Ninguém se moveu. A luz brilhou nos braços de Feyre.

As pernas dela.

Isso impregnou seu rosto pálido.

Começou a encher a sala. Os Sifões de Cassian gotejaram, como se sentissem um poder muito além do seu, além de qualquer um deles. Gavinhas de luz flutuaram entre as irmãs.

E um, delicado e amoroso, flutuou em direção a Mor.

Para o pacote em seus braços, colocando o bebê silencioso dentro dele, brilhando tão forte quanto o sol. E Nestha continuou sussurrando: "Eu devolvo.

Eu devolvo tudo.

" A iridescência a encheu, encheu Feyre, encheu o pacote nos braços de Mor, iluminando o rosto de seu amigo de modo que o

choque nele ficou gravado em alívio absoluto. "Eu devolvo", disse Nestha, mais uma vez, e Máscara e Coroa caíram de sua cabeça.

A luz explodiu, cegando e quente, um vento varrendo por eles, como se recolhendo cada fragmento de si mesmo para fora da sala. E à medida que desbotava, tinta escura espirrou nas costas de Nestha, visível através de sua

camisa meio rasgada, como se fosse uma onda quebrando na costa. Uma barganha.

Com o próprio Caldeirão. No entanto, Cassian poderia ter jurado que uma mão luminescente e gentil evitou que a luz deixasse seu corpo completamente.

Cassian não lutou com Rhys desta vez enquanto ele corria para a cama.

Para onde Feyre estava deitado, corante.

Não há mais sangue derramando entre suas pernas.

Feyre abriu os olhos. Ela piscou para Rhys e então se virou para Nestha. "Eu também te amo", Feyre sussurrou para a irmã e sorriu.

Nestha não parou de soluçar quando se lançou sobre Feyre e a abraçou. Mas o gesto foi de curta duração, dificilmente a duração de um piscar de olhos antes que um lamento saudável subisse do outro lado da sala, e - Mor gaguejou, chorando, e o bebê que ela trouxe para a cama não era a coisa pequena e imóvel que ela estivera segurando, mas um menino alado a termo.

Seu espesso cabelo escuro estava grudado em sua cabeça enquanto ele chorava por sua mãe. Feyre também começou a soluçar, tirando o filho de Mor, mal notando que Madja de repente se inclinou entre suas pernas, inspecionando o que estava ali - a cura. "Se eu não soubesse melhor, diria que você desenvolveu uma anatomia illyriana", murmurou a curandeira, mas ninguém estava ouvindo.

Não quando Rhys colocou o braço em volta de Feyre e juntos olharam para o menino - o filho deles.

Juntos, eles choraram e riram, e quando Madja disse: "Deixe-o se alimentar", Feyre obedeceu, maravilhada em seus olhos quando ela o levou ao seio, agora inchado de leite. Mas Rhys observou com admiração por um momento antes de se virar para Nestha, que havia deslizado para fora da cama e agora estava ao lado da Máscara.

Atrás dela, a Coroa e a Harpa estavam espalhadas no chão.

Cassian prendeu a respiração enquanto os dois se examinavam. Então Rhys caiu

de joelhos e pegou as mãos de Nestha, pressionando sua boca nos dedos dela.

"Obrigado," ele chorou, cabeça baixa.

Cassian sabia que não era em gratidão pela própria vida de Rhys que ele se ajoelhou sobre as tatuagens sagradas pintadas em seus joelhos. Nestha se jogou no tapete.

O rosto de Rhys erguido em suas mãos, estudou o que havia nele.

Então ela jogou os braços ao redor do Grão Senhor da Corte Noturna e o segurou com força.

CAPÍTULO

78

Gwyn e Emerie estavam esperando em uma das salas com vista para o rio, curados, mas ainda com suas roupas rasgadas e ensanguentadas.

O vapor saiu das xícaras colocadas na mesa baixa diante deles. Emerie disse em voz baixa enquanto Nestha parava diante do sofá: "Dois fantasmas nos trouxeram um pouco de chá ..." Mas Gwyn a

interrompeu, o rosto em chamas enquanto ela sibilava para Nestha, "Eu nunca deveria te perdoar." Nestha apenas saltou no sofá, abraçando Gwyn com força.

Ela estendeu o braço para Emerie, que se juntou a eles. "Podemos falar de perdão outro dia", disse Nestha em meio às lágrimas, estabelecendo-se entre eles. "Você ganhou a maldita coisa toda." "Graças a você", disse Emerie. "Eu tenho uma coroa própria, não se preocupe", disse Nestha, mesmo sabendo que Mor estava agora levando todos os três objetos do tesouro de volta para o lugar de onde Nestha os havia tirado.

Ela os convocou, trabalhando em torno dos feitiços de Helion.

Nenhum feitiço poderia mantê-los longe dela - Briallyn tinha falado a verdade sobre isso. "Quem te curou?" Nestha se afastou para examiná-los. "Como você está aqui?" "A pedra", explicou Emerie, apresenta suavidade de admiração.

"Ele curou todas as nossas feridas no momento em que nos tirou do Rito.

Chegamos aqui, de todos os lugares.

"Acho que ele sabia onde éramos mais necessários", disse Gwyn em voz baixa, e Nestha sorriu. Seu sorriso desapareceu, no entanto, quando ela perguntou a Emerie: "Sua família vai punir você pelo que aconteceu com Bellius?" Se eles ao menos pensassem em fazer isso, Nestha faria uma visitinha.

Com a Máscara, a Harpa e a Coroa. Razão pela qual o Trove deveria ser mantido longe dela. Emerie encolheu os ombros.

"Mortes acontecem no Rito.

Ele caiu em combate quando um de seus companheiros guerreiros se voltou contra ele durante a caminhada pelas encostas de Ramiel.

Isso é tudo que eles precisam saber.

” Seus olhos brilharam. Nestha teve a sensação de que a verdade sobre o que havia ocorrido naquela montanha permaneceria apenas com eles - e com o círculo mais interno da corte de Feyre.

Cassian tinha claramente sido trazido para o Rito contra sua vontade.

Esperançosamente, ninguém questionaria esse fato. Gwyn riu roucamente.

“Os illyrianos vão ficar furiosos com a nossa vitória, você sabe.

Principalmente porque não tenho intenção de ser chamado de Carynthian.

Estou contente em ser uma Valquíria.

” "Oh, eles ficarão histéricos por décadas", Emerie concordou, sorrindo. Nestha sorriu de volta, jogando os braços ao redor de seus amigos novamente e afundando nas almofadas profundas do sofá."Mal posso esperar para ver." E pela primeira vez, com esses dois amigos ao lado dela, com seu companheiro esperando por ela... era verdade. Nestha mal podia esperar para ver o futuro que se desenrolaria.

Tudo isso. O bebê, a quem Rhys e Feyre chamavam de Nyx, era tão bonito quanto alguém poderia sonhar que um bebê fosse.

Cabelo escuro, com olhos azuis que já brilhavam com a luz das estrelas de seu pai e mãe, compensando o bronzeado claro de sua pele. E então havia as pequenas asas, que Cassian nunca tinha percebido que eram tão delicadas, tão perfeitas, até que ele tocou sua maciez aveludada.

As garras sobre eles cresceriam muito mais tarde, junto com a capacidade de usar as próprias asas, mas... Ele olhou para o pacote em seus braços, com o coração cheio a ponto de explodir, e disse para onde Feyre e Rhys estavam sentados na cama, ordenadamente refeito com lençóis limpos, "Você não tem idéia de

quantos problemas esse aqui vai se meter." Feyre deu uma risadinha. "Esses lindos olhos serão os culpados, tenho certeza." Rhys, ainda agitado e pálido, apenas sorriu. A porta se abriu, e então Nestha estava lá, ainda com suas roupas rasgadas, ensanguentadas e roubadas.

Ela já havia segurado o bebê, e o peito de Cassian inchou, doendo, ao vê-la sorrindo para Nyx. Mas agora os olhos de Nestha se voltaram para Cassian, e ele viu o pedido silencioso neles. Ele silenciosamente entregou Nyx para Azriel, que estremeceu com a transferência da criaturinha mais delicada para suas mãos com cicatrizes, e seguiu Nestha para fora da porta, para o corredor e descendo as escadas.

Eles não falaram até que estavam no gramado dos fundos da casa, olhando para o rio mais uma vez, despertando no sol de primavera. O que ela fez, tanto durante o Rito quanto depois dele... Ela contou a todos eles brevemente.

Ele sabia que havia mais.

Mas talvez algumas coisas sempre permaneceriam um segredo entre ela e seus amigos.

Suas irmãs de armas. Então Cassian perguntou: "A sua magia... O poder realmente se foi?" O vento forte da primavera chicoteava seu cabelo castanho-dourado em seu rosto.

"Devolvi ao Caldeirão em troca do conhecimento de como salvá-los." Ela engoliu em seco.

"Mas resta um pouco.

Acho que outra coisa - outra pessoa - impediu o Caldeirão de levar tudo isso.

E eu mesmo fiz algumas alterações.

" A mãe.

O único ser que veria o sacrifício de Nestha feito e retribuiria um pouco.

Talvez tenha sido ela quem os espiou através da máscara."O que você mudou?"Nestha pousou a mão em seu abdômen.

"Eu me mudei um pouco também.

Portanto, nenhum de nós terá que passar por isso novamente.

" Por um segundo, Cassian não teve palavras."Você... você está pronto para um bebê?" Nestha soltou uma risada."Não.

Deuses não.

Ainda tomarei meu chá anticoncepcional por um tempo." Ela riu novamente.

"Mas eu me ajustei para corresponder ao que o Caldeirão fez por Feyre.

Para quando chegar a hora certa.

" Ele não conseguia se livrar da alegria silenciosa que iluminava seu rosto.

Então ele ofereceu a ela um sorriso suave.

Sim - quando chegasse a hora certa, eles começariam essa jornada juntos. Mas o que Nestha fez hoje, o que ela deu ... "Você poderia ter governado o mundo com seu poder," ele disse cuidadosamente. "Eu não quero dominar o mundo." Seus olhos estavam desprotegidos de uma maneira que ele nunca tinha visto.

Companheiro, ela o havia chamado. "O que você quer?" Cassian conseguiu perguntar, a voz rouca. Ela sorriu e, caramba, não foi a coisa mais linda que ele já tinha visto."Vocês." "Você me teve desde o momento em que me conheceu."

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás de uma orelha arqueada."Eu sei." Ele deu um beijo em sua boca.

Mas Nestha disse: "Eu quero uma cerimônia de acasalamento repugnantemente ornamentada". Ele riu, se afastando."Mesmo?" "Por que não?" "Porque nunca vou ouvir o fim disso de Azriel e Mor." Ou os illyrianos. Nestha considerou.

Em seguida, puxou algo do bolso.

Um biscoito pequeno, roubado de uma bandeja na sala de parto.

“Então aqui.

Comida.

De mim para você, meu companheiro.

Esse é o ritual oficial, não é? A partilha de comida de um companheiro para o outro? " Ele engasgou.

“Estas são as minhas duas opções? Uma cerimônia de acasalamento com babados ou um biscoito velho? " Seu rosto se encheu de luz tão verdadeira que quase roubou o fôlego dele."Sim." Então Cassian riu de novo e cruzou os dedos em torno do biscoito patético, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido:

"Faremos uma coroação disso, Nes." “Já tenho uma coroa”, disse ela."Eu só quero você." Sua mandíbula se apertou.

Sim, eles teriam que descobrir o que fazer com todo o Dread Trove agora que possuíam todos os três objetos.

Como Nestha o convocou, apesar dos feitiços que Helion colocou nos outros dois... Ele pensaria nisso outro dia.

Junto com o fato de que ela interrompeu o Tempo com a Harpa.

E que ela parecia ter algum tipo de conexão - ou compreensão - com a mãe.

A mãe. Mas Nestha alisou sua testa franzida, como se pudesse ver essas preocupações ali.

“Mais tarde,” ela prometeu.

“Vamos lidar com tudo isso mais tarde.” Incluindo as rainhas restantes, Koschei, e uma guerra ainda iminente. “Mais tarde”, ele concordou, e ela deslizou os braços em volta do pescoço. Não houve mais palavras depois disso.

Apenas os dois, parados na margem do rio sob o sol, deixando o calor penetrar em seus ossos. Nestha se afastou, sussurrando: “Eu te amo”, e foi tudo o que Cassian precisava antes de beijá-la novamente, a força disso mais poderosa e duradoura do que o próprio Caldeirão.

CAPÍTULO

79

Conhecer Eris era a última coisa que Cassian queria fazer, mas alguém tinha que verificar com o homem.

Dois dias após o nascimento de Nyx, Cassian partiu para fazer exatamente isso.

Eris foi levado para uma suíte na Cidade Hewn, e pela expressão tempestuosa de Keir após a chegada de Cassian, ele teve a sensação de que Eris havia contado muito pouco ao mordomo. Eris estava lendo um livro perto da lareira, um tornozelo cruzado sobre o joelho, como se sua presença aqui não fosse nada incomum.

Como se ele não tivesse sido sequestrado, encantado e manipulado por uma rainha vingativa e um senhor da morte. Eris ergueu os olhos âmbar enquanto Cassian fechava a porta. “Não posso ficar muito tempo.” “Bom.” Eris fechou o livro, observando Cassian cair na cadeira em frente a ele. “Suponho que você queira saber o que eu disse a Briallyn.” “Rhys já olhou em sua mente.

Acontece que você não sabia muito." Ele deu ao homem um sorriso cortante.

Eris revirou os olhos."Então, por que estou aqui?" Cassian examinou o homem.

As roupas de Eris permaneceram imaculadas, mas um músculo pulsou em sua mandíbula.

"Queríamos saber o que você disse a Beron.

Já que você está sentado aqui, inteiro, presumo que ele não saiba sobre nosso envolvimento em seu resgate." "Oh, ele sabe que você... me ajudou." Cassian se endireitou, as asas mudando. Eris continuou: "Sempre misture verdade e mentira, general.

Aqueles guerreiros brutos não lhe ensinaram como resistir à tortura de um inimigo? " Cassian sabia.

Ele foi torturado e interrogado e nunca quebrado."Beron torturou você?" Eris se levantou, colocando seu livro debaixo do braço.

"Quem se importa com o que meu pai faz comigo? Ele acreditou na minha história sobre os espiões do encantador das sombras, informando-o de que um bem valioso foi sequestrado por Briallyn, e que vocês estavam enojados em chegar e descobrir que era eu, ao invés de alguém das Cortes de Verão ou Inverno ou quem quer que se incline para se associar a você .

" Cassian desempacotou cada palavra.

Beron torturou seu próprio filho para obter informações, em vez de agradecer à Mãe por tê-lo devolvido.

Mas Eris resistiu.

Fed Beron outra mentira. E havia a maneira como Eris falara sobre os outras cortes.

Algo estava errado em suas palavras, sua expressão tensa.

O homem estava com ciúmes? Cassian abriu a boca, mais do que pronto para lançar aquela pergunta nele e dar um golpe forte. Mesmo assim, ele hesitou.

Olhou nos olhos de Eris. O homem foi criado com todos os luxos e privilégios -

no papel.

Mas quem sabia que terrores Beron infligira a ele? Cassian sabia que Beron havia assassinado o amante de Lucien.

Se o Grão-Senhor do Outono estivesse disposto a fazer isso, o que ele não faria?

“Tire esse olhar de pena do seu rosto,” Eris rosnou baixinho.

“Eu sei que tipo de criatura é meu pai.

Eu não preciso da sua simpatia.” Cassian novamente o estudou. “Por que você deixou Mor na floresta naquele dia?” Era a pergunta que sempre permaneceria. “Foi só para impressionar seu pai?” Eris latiu uma risada, áspera e vazia. “Por que isso ainda importa tanto para todos vocês?” “Porque ela é minha irmã e eu a amo.” “Não sabia que os illyrianos tinham o hábito de trepar com as irmãs.” Cassian rosnou.

“Ainda importa,” ele rosnou, “porque não faz sentido.

Você sabe o monstro que seu pai é e quer usurpar ele; você age contra ele no melhor interesse não apenas da Corte do Outonal, mas também de todas as terras das fadas; você arrisca sua vida para se aliar a nós... e ainda assim você a deixou na floresta.

É a culpa que motiva tudo isso? Porque você a deixou para sofrer e morrer? ”

Chama dourada fervilhava no olhar de Eris. “Não sabia que enfrentaria outro interrogatório tão cedo.” “Dê-me uma resposta maldita.” Eris cruzou os braços e fez uma careta.

Como se os ferimentos sob suas roupas imaculadas doessem."Você não é a pessoa para quem eu quero me explicar."
"Duvido que Mor queira ouvir."

"Talvez não." Eris mudou de pé e fez uma careta novamente.

"Mas você e os seus têm coisas mais importantes em que pensar do que história antiga.

Meu pai está furioso porque seu aliado está morto, mas ele não se intimida.

Koschei continua em jogo, e Beron pode muito bem ser estúpido o suficiente para estabelecer uma aliança com ele também.

Espero que tudo o que Morrigan está fazendo em Vallahan neutralize o dano que meu pai irá desencadear.

" Cassian tinha ouvido o suficiente.

Ele queria voltar para casa - para a Casa, para Nestha.

Sua feroz e bela companheira, que salvou seu Grão-Senhor e Senhora e seu filho.

Ele nunca deixaria de ter medo dela e de tudo que ela tinha feito.

Quão longe ela veio. E um dia, quando chegasse a hora certa... Eles dariam os próximos passos.

Eles caminhariam por qualquer estrada que estivesse à frente deles juntos.

Assim, Cassian foi até a porta, pela vida que o esperava em Velaris. Eris ainda era seu aliado.

Estava disposto a ser torturado para guardar seus segredos.

E Cassian não precisava ser um cortesão para saber que suas próximas palavras cortariam fundo, mas seria uma ferida

necessária.

Talvez fosse o suficiente para empurrar as coisas na direção certa. "Você sabe, Eris", disse ele, uma mão envolvendo a maçaneta. "Eu acho que você pode ser um homem decente, no fundo, preso em uma situação terrível." Ele olhou por cima do ombro e encontrou o olhar de Eris brilhando novamente.

Mas apenas pena mexeu em seu peito, pena de um homem que nasceu rico, mas foi destituído de todas as formas que realmente importavam.

De todas as maneiras que Cassian foi abençoado - bênçãos que agora transbordavam. Então Cassian disse: "Eu cresci cercado por monstros.

Eu passei minha existência lutando contra eles.

E eu vejo você, Eris.

Você não é um deles.

Nem mesmo perto.

Eu acho que você pode até ser um bom homem." Cassian abriu a porta, afastando-se dos lábios curvados de Eris. "Você é covarde demais para agir como tal."

CAPÍTULO

80

A primavera floresceu completamente em torno de Velaris, e Feyre e Nyx finalmente estavam bem o suficiente para sair de casa todos os dias, fazendo caminhadas que geralmente duravam horas graças aos simpatizantes que ansiavam por ver a criança.

Alguém sempre os acompanhava, geralmente Rhys ou Mor, que eram tão protetores quanto os pais do bebê.

Cassian e Azriel não eram melhores. Mas nenhum dos outros estava presente em um dia quente algumas semanas depois, quando Nestha se juntou a Feyre e Elain para um passeio fora da cidade.

Mesmo um olhar para o céu não revelou nenhum sinal de Cassian, que tinha mantido Nestha acordado até o amanhecer fazendo amor e se tornou totalmente desagradável por chamá-la de companheiro em qualquer chance que tinha, exceto em seu treinamento matinal contínuo com as sacerdotisas. Ter sucesso no Rito de Sangue não significa que o treinamento foi interrompido.

Não, depois que ela e seus amigos contaram a Cassian e Azriel a maioria dos detalhes de sua provação, os dois comandantes compilaram uma longa lista de erros que os três cometeram que precisavam ser corrigidos, e os outros queriam aprender com eles , também.

Então, eles continuariam treinando, até que todos fossem valquírias de verdade.

Gwyn, apesar do Rito, voltou a morar na biblioteca. Gwyn disse que ela poderia partir para a cerimônia de acasalamento de Nestha e Cassian em três dias, que aconteceria no pequeno templo no terreno da casa do rio.

Apesar dos desejos de Nestha para uma cerimônia ornamentada, ela não queria uma multidão gigante.

O templo já estava enfeitado com flores de todos os tipos, encantadas contra o murchamento, bem como sedas e rendas e velas e guirlandas - tudo pago por Rhys, que não parava de comprar seus presentes.

Vestidos e joias e almofadas e todo tipo de bobagem choveram sobre ela até que Nestha teve que ordenar que ele parasse, dizendo que uma cerimônia extravagante de acasalamento iria deixá-los quites. Portanto, Rhys garantiu que a cerimônia seria o mais ultrajante possível.

Nestha não tinha dúvidas de que o templo seria coberto com tantas riquezas que seria ridículo. Mas tudo o que importava, ela percebeu, era o homem que estaria com ela, primeiro enquanto eles juravam seus votos, então quando eles ofereciam comida um ao outro, e então quando seus amigos e familiares amarraram suas mãos com um pedaço de fita preta, para permanecer até que o acasalamento fosse consumado. Mesmo que a consumação já ocorresse duas ou três vezes por dia durante semanas. Mas não importa.

Nestha mal podia esperar por isso - a cerimônia, o... tudo o que a esperava além disso.

Nada disso a assustou.

Nada disso a deixou com aquele poço de desespero.

Não com Cassian ao seu lado, seus amigos atrás dela, a Casa do Vento ... Esse tinha sido o último presente de Rhys antes da cerimônia: era deles.

Dela. Como a Casa decidira que gostava de Nestha mais do que qualquer outra pessoa, Rhys o dera a ela e a Cassian, com a ressalva de que a biblioteca pertencia às sacerdotisas e que a corte ainda podia usar a Casa para ocasiões

formais.

Foi bom o suficiente para Nestha - melhor do que bom. Ela se juntou a eles na casa do rio uma noite para encontrar um presente de acasalamento de Feyre esperando por ela.

Pendurado na parede da grande entrada. Um retrato de Nestha, segurando a linha no Passo de Enalius.

Ela deixou Rhys ver algumas partes do Rito, mas não tinha ideia de que ele perguntou, não por curiosidade, mas para dar a seu companheiro ideias para isso.

Nestha ficou olhando fixamente para seu retrato, pendurado entre um de Feyre e outro de Elain, e não percebeu que estava chorando até que Feyre a segurou com força. Um lar.

A Casa do Vento, Velaris, esta corte... eles eram a casa dela.

O pensamento acendeu um núcleo de luz em seu peito que não havia se apagado, mesmo nos dias após o Rito. Esse kernel ainda estava piscando quando Nestha enfrentou a tarefa daquele dia.

A tarefa que estava tão atrasada. Feyre deixou a carruagem preta ornamentada na base da colina gramada, carregando Nyx enquanto os três escalavam sua encosta suave.

A cidade se espalhou diante deles, brilhando ao sol da primavera, mas os olhos de Nestha permaneceram na pedra solitária no topo da colina. Seu coração trovejou, e ela deu um passo para trás enquanto Feyre se ajoelhava diante da lápide, mostrando a pedra para Nyx.

“Seu neto, pai,” ela sussurrou, a voz grossa.

E então Feyre baixou a cabeça, falando baixo demais para que Nestha ou Elain, ao lado de Nestha, pudesse ouvir. Depois de alguns minutos, Feyre se levantou, deixando suas lágrimas correrem, enquanto segurava o bebê mantinha suas mãos ocupadas.

Elain foi em frente, sussurrou algumas coisas no túmulo de seu pai, e então as

duas irmãs olharam para Nestha, sorrindo timidamente. Feyre havia perguntado esta manhã se Nestha queria vir.

Para mostrar o bebê ao pai. E não houve resposta no coração de Nestha, exceto uma. Então ela acenou com a cabeça para suas irmãs seguirem em frente, e elas obedeceram, descendo a colina gramada enquanto Nestha permanecia perto da lápide. Ela procurou pelas palavras, por qualquer explicação ou pedido de

desculpas, mas nenhum veio. O sol era uma mão quente em seu ombro, como aquela que havia impedido seu último poder de desaparecer, como se dizendo a ela que o pedido de desculpas, o pedido de perdão... não era mais necessário.

Seu pai morreria por ela, com amor em seu coração, e embora ela pudesse não ter merecido isso então... Ela faria tudo que pudesse agora para merecê-lo.

Para merecer não apenas o seu amor, mas o daqueles ao seu redor.

De Cassian. Alguns dias podem realmente ser difíceis, mas ela faria isso.

Lute por isso. Seu pai morreria por ela, com amor em seu coração, e Nestha guardava amor em seu próprio coração enquanto tirava a pequena rosa entalhada de seu bolso e a colocava sobre a lápide.

Um marcador permanente da beleza e do bem que ele tentou trazer ao mundo.

Nestha levou os dedos aos lábios, deu um beijo neles e colocou a mão sobre a lápide. "Obrigada," ela disse, piscando para conter a ardência em seus olhos. "Obrigado." Uma sombra rápida passou por cima, seguida por um sussurro de asas, e Nestha não precisou olhar para saber quem navegou alto, certificando-se de que tudo estava seguro.

Que ela estava segura. Busybody.

Mas ela mandou um beijo suave para Cassian também. Seu companheiro.

O amor dela.

O amigo dela.

A luz dentro de seu peito brilhou em um sol radiante. Ela encontrou Feyre e Elain esperando no meio da colina, Nyx agora cochilando

pacificamente nos

braços de Elain.

Suas irmãs sorriram, acenando para que ela se juntasse. E Nestha sorriu de volta, seus passos leves enquanto ela descia a colina para encontrá-los.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final deste livro foi uma jornada em muitos anos de jornada, desde as páginas iniciais que anotei enquanto trabalhava em A Corte de Asas e Ruína até os anos que passei desde então redigindo, revisando e refinando.

Mas talvez o mais importante, este livro foi um companheiro durante minha própria jornada pelos vales e montanhas da saúde mental, viajando ao meu lado enquanto eu enfrentava todos os pedaços denteados dentro de mim.

Embora a história de Nestha não seja de forma alguma um reflexo direto de minhas próprias experiências, houve momentos neste livro que eu precisava muito escrever - não apenas por causa desses personagens, mas para mim mesmo.

Espero que alguns desses momentos ressoem e o façam lembrar, caro leitor, que você é amado e digno de amor, aconteça o que acontecer. Sou imensamente grato por estar cercado por pessoas em minha vida profissional e pessoal que caminharam sem vacilar ao longo dessas colinas e vales comigo, especialmente durante um período tão tumultuado para todo o nosso mundo. Ao meu filho Taran: você me traz alegria, força e amor que meu coração transborda todos os dias.

Sua risada é a música mais linda do mundo.

(Estou escrevendo isso, embora você apenas tenha tentado comer amendoins embalados enquanto eu não estava olhando.) Estou tão honrada em ser sua mãe e

estou muito orgulhosa de você.

Eu te amo, coelhinho. Para meu marido, Josh: há tantos pedaços de nossa história espalhados por todos os meus livros, mas este parece ter ficado com a parte do leão.

Desde o momento em que coloquei os olhos em você na sala comum do nosso dormitório, dezesseis anos atrás, eu sabia que você seria o Único.

Não me pergunte como, mas você entrou e eu simplesmente sabia.

Mas eu ainda não tinha ideia do caminho notável e maravilhoso que caminharíamos juntos - os lugares que veríamos, a vida que construiríamos e a família que criaríamos.

Obrigado por me amar durante tudo isso. Para Annie, meu bebê de peles e companheira mais leal: você é a melhor irmã imaginável para Taran, o melhor copiloto enquanto escrevia esses livros e o melhor carinho depois de um longo dia de trabalho.

Adoro sua cauda encaracolada, suas orelhas de morcego, sua atrevimento infalível - e sua doce e amorosa alma. Para minha amiga e irmã Jenn Kelly: Acho que quando você finalmente ler este livro, entenderá o impacto que sua amizade teve em mim e o quanto você trouxe de bom para minha vida.

Você continuou estendendo a mão para mim e serei eternamente grato. Para minha editora e colega fanática por palavras cruzadas do New York Times, Noa Wheeler: você é um gênio.

Um verdadeiro gênio e um salva-vidas, e o melhor editor com quem já tive o prazer de trabalhar.

Obrigado, obrigado, obrigado por seu incrível trabalho árduo, suas ideias inteligentes e atenciosas e por me empurrar para ser um escritor melhor.

Eu acordo todas as manhãs realmente animado para trabalhar com você e aprender com você, e não posso nem começar a dizer o

quão grato sou por isso.

Para minha agente, Robin Rue: obrigado, não parece adequado por tudo que

você fez por mim, e como adoro trabalhar com você.

Você chegou no momento preciso da minha vida em que mais precisei de você e de sua experiência, e agradeço ao universo todos os dias por ter a honra de chamá-lo de meu agente.

Embora já tenhamos recebido um milhão de chamadas do Zoom até agora, mal posso esperar para abrir uma lata de champanhe (risos) pessoalmente com você um dia! Para Jill Gillett: você é minha fada madrinha que não leva merda nenhuma.

Obrigado por trabalhar tão incansavelmente para realizar tantos dos meus sonhos

- e por ser um ser humano brilhante e adorável. Para Victoria Cook: você é o epítome de uma foda e estou muito grato por tê-la ao meu lado. A Maura Wogan: obrigada, obrigada, obrigada por sua sabedoria, trabalho árduo e generosidade. A Cecilia de la Campa: você é uma das pessoas mais legais e trabalhadoras do setor.

Obrigado por defender a mim e meus livros! Para Beth Miller: você é um verdadeiro raio de sol e a pessoa mais organizada que já conheci.

Eu me curvo diante de suas habilidades para tomar notas! Eu sou muito grato por tudo o que você faz. Para a equipe da Writers House: embora não trabalhemos juntos há muito tempo, você já superou minhas expectativas mais selvagens.

Não consigo imaginar meus livros em melhores mãos - ou com pessoas melhores! Estou muito orgulhoso de fazer parte da sua família! Para Laura Keefe: obrigada pelo empenho e pelas dicas de brinquedos para ocupar o Taran!

É tão divertido trabalhar com você - obrigado por tudo! Para toda a equipe global da Bloomsbury - Nigel Newton, Emma Hopkin, Kathleen Farrar, Rebecca McNally, Cindy Loh, Valentina Rice, Nicola Hill, Amanda Shipp, Marie Coolman, Lucy Mackay-Sim, Nicole Jarvis, Emily Fisher, Emilie Chambeyron, Patti Ratchford, Emma Ewbank, John Candell, Donna Gauthier, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Nick Sweeney, Claire Henry, Nicholas Church, Fabia Ma, Daniel O'Connor, Brigid Nelson, Sarah McLean, Sarah Knight, Liz Bray, Genevieve Nelsson, Adam Kirkman, Jennifer Gonzalez, Laura Pennock, Elizabeth Tzetzto e Valerie Esposito: Obrigado por seu incrível trabalho árduo. A

Kaitlin Severini: muito obrigada pela meticulosa edição! Para Christine Ma: obrigado por sua revisão com olhos de águia. Aos meus editores em todo o mundo: Sou profundamente grato por todo o seu apoio e todo o esforço que você fez para colocar esses livros nas mãos de leitores em todo o mundo. Para Jillian Stein: você é muito divertido de se trabalhar e uma das pessoas mais incríveis que conheço.

Obrigado por todo o trabalho árduo - e por ser você! A Tamar Rydzinski: muito obrigada pela dedicação e gentileza. Para Nick Odorisio, verdadeiro mestre Jedi.

Obrigado por me orientar em tudo, desde o equilíbrio até a importância dos pés e os princípios básicos do mestre Jedi.

Muito da sua sabedoria foi parar neste livro (junto com minhas reclamações sobre flexões e pranchas e minha falta de equilíbrio)! A Jason Chen: obrigado por seu artigo sobre como dar um soco - e a Aiman Farooq, Keith Horan, Chris Waguespack e Pete Carvill pelas informações e dicas valiosas fornecidas nele.

Se eu alguma vez entrar em uma briga de bar, espero poder me lembrar de pelo menos alguns de seus conselhos! Se eu entendi alguma informação errada neste livro, a culpa é inteiramente minha. Obrigado a Anna Victoria, cujo aplicativo de treino (Fit Body) me ajudou a vivenciar muito da transformação física de Nestha em primeira mão.

Eu nunca percebi o quanto significaria para mim ser capaz de fazer uma única flexão (embora eu pudesse fazer sem aqueles agachamentos búlgaros!).

E obrigado ao Headspace, pela calma e descanso que encontrei através da meditação. Para o Dr.

C: há muito que gostaria de dizer a você, e sei que tudo será insuficiente para transmitir minha gratidão.

Mas vou me contentar com um agradecimento pelo quanto você me ajudou.

Gostaria de estender meus mais profundos agradecimentos a Mahu Whenua na Nova Zelândia.

Andar pelas trilhas da montanha, ouvir o rugido do rio, assistir o sol se mover pela terra - tudo inspirou a caminhada de Nestha e Cassian.

(Embora eu quase quebrei meu tornozelo algumas vezes enquanto tentava fazer anotações e continuar andando!) Sua propriedade é meu lugar favorito no mundo, onde experimentei um nível de paz e clareza que ainda não consigo explicar.

Obrigado a você e ao povo Maori pela cura que essas terras trouxeram à minha alma cansada. A Lynette Noni: obrigada pela amizade que ilumina meus dias, e por ser a parceira crítica mais inteligente do planeta.

Eu não sei o que faria sem você! Para minha amiga Steph Brown: Eu te amo.

Isso é tudo.

(Ok, não é tudo, mas você sabe o que eu sinto por você neste ponto!) Para Louise Ang e Laura Ashforth: Eu já disse isso cerca de mil vezes, mas quero que vocês saibam o quanto os adoro e como tenho sorte de conhecer vocês dois.

Meus pais e família maravilhosos: já faz muito tempo que não podemos nos ver pessoalmente, mas senti seu amor mesmo a centenas de quilômetros de distância.

Eu não sei o que faria sem você.

E aos meus sogros, Linda e Dennis: obrigada pelo chocolate (mesmo quando eu disse que não queria!), Por serem avós tão amorosos e pelo amor incondicional.

E, por último, a todos os meus leitores: sua gentileza, generosidade e apoio significam o mundo para mim.

Obrigado por colocar esses personagens em seus corações e por me permitir fazer o que eu mais amo para viver.

Sou eternamente grato.

BOUND BY BLOOD.
TEMPTED BY DESIRE.
UNLEASHED BY DESTINY.

*'Think Game of Thrones meets Buffy the Vampire Slayer
with a drizzle of E.L. James' Telegraph*

SARAH J.
MAAS



*'Devour
with relish'
Daily Mail*

HOUSE of EARTH
and BLOOD

A CRESCENT CITY NOVEL
BLOOMSBURY

THE FIRST NOVEL
IN THE EPIC SERIES

PUBLICAÇÃO DE BLOOMSBURY

Bloomsbury Publishing Plc

50 Bedford Square, Londres, WC1B 3DP, Reino Unido

29 Earlsfort Terrace, Dublin 2, Irlanda BLOOMSBURY, BLOOMSBURY PUBLISHING e o logotipo Diana são marcas comerciais da Bloomsbury Publishing Plc

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2021

Copyright © Sarah J. Maas, 2021

Mapa de Virginia Allyn, 2019

Sarah J. Maas reivindicou seu direito, de acordo com a Lei de Direitos Autorais, Projetos e Patentes de 1988, de ser identificada como Autora deste trabalho Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão prévia por escrito dos editores Um registro de catálogo para este livro está disponível na Biblioteca Britânica

ISBN: HB: 978-1-5266-0231-2; TPB: 978-1-5266-2064-4; eBook: 978-1-5266-0230-5; ePDF: 978-1-5266-3469-6; Exclusivo para o Reino Unido: 978-1-5266-3475-7; Assinado exclusivamente no Reino Unido: 978-1-5266-3468-9; Padrão do Reino Unido assinado: 978-1-5266-3390-3; Tour pelo Reino Unido: 978-1-5266-3476-4

Para saber mais sobre nossos autores e livros, visite www.bloomsbury.com e inscreva-se em nossos boletins informativos, [newsletters](#), incluindo notícias sobre Sarah J. Maas.

Document Outline

- [CONTEÚDO](#)
- [SINÓPSE](#)
- [PRÓLOGO](#)
- [Parte Um: Novata](#)
- [Capítulo Um](#)
- [Capítulo Dois](#)
- [Capítulo Três](#)
- [Capítulo Quatro](#)
- [Capítulo Cinco](#)
- [Capítulo Seis](#)
- [Capítulo Sete](#)
- [Capítulo Oito](#)
- [Capítulo Nove](#)
- [Capítulo Dez](#)
- [Capítulo Onze](#)
- [Capítulo Doze](#)
- [Capítulo Treze](#)
- [Capítulo Quatorze](#)
- [Capítulo Quinze](#)
- [Capítulo Dezesseis](#)
- [Capítulo Dezessete](#)
- [Capítulo Dezoito](#)
- [Capítulo Dezenove](#)
- [Capítulo Vinte](#)
- [Capítulo Vinte e Um](#)
- [Capítulo Vinte e Dois](#)
- [Capítulo Vinte e Três](#)
- [Capítulo Vinte e Quatro](#)
- [PARTE DOIS LÂMINA](#)
- [Capítulo Vinte e Cinco](#)
- [Capítulo Vinte e Seis](#)
- [Capítulo Vinte e Sete](#)
- [Capítulo Vinte e Oito](#)

- [Capítulo Vinte e Nove](#)
- [Capítulo Trinta](#)
- [Capítulo Trinta e Um](#)
- [Capítulo Trinta e Dois](#)
- [Capítulo Trinta e Três](#)
- [Capítulo Trinta e Quatro](#)
- [Capítulo Trinta e Cinco](#)
- [Capítulo Trinta e Seis](#)
- [Capítulo Trinta e Sete](#)
- [Capítulo Trinta e Oito](#)
- [Capítulo Trinta e Nove](#)
- [Capítulo Quarenta](#)
- [Capítulo Quarenta e Um](#)
- [Capítulo Quarenta e Dois](#)
- [Capítulo Quarenta e Três](#)
- [Capítulo Quarenta e Quatro](#)
- [Capítulo Quarenta e Cinco](#)
- [Capítulo Quarenta e Seis](#)
- [Capítulo Quarenta e Sete](#)
- [Capítulo Quarenta e Oito](#)
- [Capítulo Quarenta e Nove](#)
- [Capítulo Cinquenta](#)
- [Parte Três: Valquíria](#)
- [Capítulo Cinquenta e Um](#)
- [Capítulo Cinquenta e Dois](#)
- [Capítulo Cinquenta e Três](#)
- [Capítulo Cinquenta e Quatro](#)
- [Capítulo Cinquenta e Cinco](#)
- [Capítulo Cinquenta e Seis](#)
- [Capítulo Cinquenta e Sete](#)
- [Capítulo Cinquenta e Oito](#)
- [Capítulo Cinquenta e Nove](#)
- [Capítulo Sessenta](#)
- [Capítulo Sessenta e Um](#)
- [Capítulo Sessenta e Dois](#)
- [Capítulo Sessenta e Três](#)
- [Parte Quatro: Ataraxia](#)

- [Capítulo Sessenta e Quatro](#)
- [Capítulo Sessenta e Cinco](#)
- [Capítulo Sessenta e Seis](#)
- [Capítulo Sessenta e Sete](#)
- [Capítulo Sessenta e Oito](#)
- [Capítulo Sessenta e Nove](#)
- [Capítulo Setenta](#)
- [Capítulo Setenta e Um](#)
- [Capítulo Setenta e Dois](#)
- [Capítulo Setenta e Três](#)
- [Capítulo Setenta e Quatro](#)
- [Capítulo Setenta e Cinco](#)
- [Capítulo Setenta e Seis](#)
- [Capítulo Setenta e Sete](#)
- [Capítulo Setenta e Oito](#)
- [Capítulo Setenta e Nove](#)
- [Capítulo Oitenta](#)
- [Agradecimentos](#)

Table of Contents

[CONTEÚDO](#)

[SINÓPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[Parte Um: Novata](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[PARTE DOIS LÂMINA](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)
[Capítulo Quarenta e Três](#)
[Capítulo Quarenta e Quatro](#)
[Capítulo Quarenta e Cinco](#)
[Capítulo Quarenta e Seis](#)
[Capítulo Quarenta e Sete](#)
[Capítulo Quarenta e Oito](#)
[Capítulo Quarenta e Nove](#)
[Capítulo Cinqüenta](#)
[Parte Três: Valquíria](#)
[Capítulo Cinquenta e Um](#)
[Capítulo Cinquenta e Dois](#)
[Capítulo Cinquenta e Três](#)
[Capítulo Cinqüenta e Quatro](#)
[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)
[Capítulo Cinqüenta e Seis](#)
[Capítulo Cinqüenta e Sete](#)
[Capítulo Cinquenta e Oito](#)
[Capítulo Cinqüenta e Nove](#)
[Capítulo Sessenta](#)
[Capítulo Sessenta e Um](#)
[Capítulo Sessenta e Dois](#)
[Capítulo Sessenta e Três](#)
[Parte Quatro: Ataraxia](#)
[Capítulo Sessenta e Quatro](#)

[Capítulo Sessenta e Cinco](#)
[Capítulo Sessenta e Seis](#)
[Capítulo Sessenta e Sete](#)
[Capítulo Sessenta e Oito](#)
[Capítulo Sessenta e Nove](#)
[Capítulo Setenta](#)
[Capítulo Setenta e Um](#)
[Capítulo Setenta e Dois](#)
[Capítulo Setenta e Três](#)
[Capítulo Setenta e Quatro](#)
[Capítulo Setenta e Cinco](#)
[Capítulo Setenta e Seis](#)
[Capítulo Setenta e Sete](#)
[Capítulo Setenta e Oito](#)
[Capítulo Setenta e Nove](#)
[Capítulo Oitenta](#)
[Agradecimentos](#)